



**Ana Margarida de
Almeida Borges**

Pedro José da Fonseca e a sua obra lexicográfica

Tese apresentada à Universidade de Aveiro para cumprimento dos requisitos necessários à obtenção do grau de Doutor em Linguística, realizada sob a orientação científica do Doutor Telmo dos Santos Verdelho, Professor Catedrático do Departamento de Línguas e Culturas da Universidade de Aveiro

Apoio financeiro da FCT e do FSE no âmbito do III Quadro Comunitário de Apoio.

o júri

presidente

Doutor **Ivo José de Castro**

Professor Catedrático da Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa

Doutor **Telmo dos Santos Verdelho**

Professor Catedrático Aposentado da Universidade de Aveiro

Doutor **João Manuel Nunes Torrão**

Professor Catedrático da Universidade de Aveiro

Doutor **Álvaro Iriarte Sanromán**

Professor Associado do Instituto de Letras e Ciências Humanas da Universidade do Minho

Doutor **João Paulo Martins Silvestre**

Investigador Auxiliar da Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa

Doutor **Rolf Kemmler**

Investigador Auxiliar da Universidade de Trás-Os-Montes e Alto Douro

"A hundred times every day I remind myself that my inner and outer life are based on the labors of other men, living and dead, and that I must exert myself in order to give in the same measure as I have received and am still receiving."

Albert Einstein

Ao meu orientador, o Prof. Doutor Telmo Verdelho, que me iniciou na arte de ler o texto dicionarístico e, com o seu entusiasmo contagiante, me sensibilizou para a importância do estudo do nosso património textual. A escrita desta dissertação só foi possível graças à sua disponibilidade, ao seu incentivo e ao seu parecer científico.

Ao Doutor João Paulo Silvestre, pela leitura sempre atenta e crítica, e pela proficuidade das suas sugestões.

Aos funcionários do empréstimo interbibliotecário dos Serviços de Documentação da Universidade de Aveiro e, em particular, à Susana Dias, pela sua diligência e admirável profissionalismo, que tornaram mais fácil o acesso a todas as fontes bibliográficas.

Agradecimentos

Aos meus pais, que me ensinaram que do suor se colhe o bom fruto e que sem ele a vida não seria luta.

À Isabel e ao Victor, sempre presentes com o incondicional apoio e conselhos de vida experiente.

A todos os meus amigos que me acompanharam neste percurso e, em especial, à Liana, à Helena, ao Jorge, ao André, à Inês e à Márcia, pelo nosso círculo de cooperação, entreaajuda, estímulo e partilha sem reservas de sucessos e fracassos.

À memória do avô Marcos, que durante este desafio sempre me lembrava que "O Homem é grande quando cresce à frente das dificuldades".

Ao Rui, o meu equilíbrio e o meu refúgio.

Palavras-chave

Lexicografia histórica, dicionários, técnica lexicográfica, história da língua, historiografia linguística

Resumo

Este trabalho tem por objecto de estudo a obra de Pedro José da Fonseca, precipuamente a obra lexicográfica – *Parvum Lexicon* (1762), *Diccionario Portuguez, e Latino* (1771), *Diccionario abbreviado da fabula* (1779) e o *Diccionario da Lingoa Portuguesa* (1793).

Necessidade premente num contexto de remodelação de todo o panorama do ensino em Portugal e de modificação das estruturas e hábitos da sociedade portuguesa, a composição destas obras iria corresponder ao consumo escolar e às solicitações da prática pedagógica almejada pela reforma pombalina. No plano geral da descrição crítica destes dicionários, atribui-se especial relevância, no cotejamento com as fontes, ao aperfeiçoamento da técnica lexicográfica.

Propõe-se: o esboço da biografia do autor e um breve enquadramento histórico-cultural da 2ª metade do século XVIII; o estudo da obra literária de Pedro da Fonseca, examinando o seu pensamento linguístico; análise da técnica de composição dicionarística a nível macro e microestrutural e, por fim, uma reflexão em torno do “corpus” lexical português nos dicionários de Fonseca.

Keywords

Historical lexicography, dictionaries, lexicographic technique, linguistic historiography

Abstract

This study is focused on Pedro José da Fonseca's work, particularly on his lexicographic work – *Parvum Lexicon* (1762), *Diccionario Portuguez, e Latino* (1771), *Diccionario abbreviado da fabula* (1779) and the *Diccionario da Lingoa Portugueza* (1793).

In the context of educational reforms and changing of the structure and customs of the Portuguese society, the need to compose urgently new works that might answer the needs of Pombal's aims in relation to education and that could at the same time fulfil the capacities of school usage, emerges. In the general and critical description of these dictionaries, it is stressed, through the collation with sources, the improvement of the techniques used in the making of dictionaries.

It is proposed: the outline of author's biography and the description of historical and cultural context in the second half of eighteenth century; the study of the Fonseca's literary work, analysing his linguistic ideas; analysis of lexicographic technique in terms of macrostructure and microstructure, and, at last, a reflection around the Portuguese lexical corpus in Fonseca's dictionaries.

ÍNDICE

ÍNDICE.....	1
INTRODUÇÃO	7
Normas de transcrição	13
CAPÍTULO I - PEDRO JOSÉ DA FONSECA E O CONTEXTO HISTÓRICO- CULTURAL.....	15
I - A época em Portugal antes da “reformação” pombalina (1736-1759).....	15
1. Panorama cultural nos primeiros anos de vida de Fonseca	15
2. A evolução do ensino na linha das ideias modernas	19
2.1. A formação de Pedro da Fonseca	21
3. Na senda do triunfo do regalismo e da reforma social	24
4. Pedagogos iluministas na base da reforma pombalina.....	26
II - O papel de Fonseca na reforma dos estudos secundários.....	29
1. A implantação da reforma: actuação da Directoria Geral (1759-1771)	29
1.1. <i>Instrucçoens</i> e Alvará de 28 de Junho de 1759	29
1.1.1. A urgência de novos compêndios escolares	31
1.1.1.1. O contributo de Pedro da Fonseca	32
1.1.2. Nomeação de professores régios	35
1.1.2.1. Pedro da Fonseca, professor régio de retórica.....	38
2. Entrega dos estudos à Real Mesa Censória (1771)	42
2.1. Panorama depois da reforma	42
2.2. Funções de Pedro da Fonseca.....	45

2.2.1. Real Colégio dos Nobres	45
2.2.2. Academia das Ciências de Lisboa e colaboração no <i>Diccionario</i>	49
3. Últimos anos de Pedro da Fonseca	55
CAPÍTULO II - PENSAMENTO LINGUÍSTICO	59
1. Defesa e elogio da língua	59
1.1. Estrangeirismos	61
1.2. Definição do estatuto social dos diversos usos da língua	63
1.3. A autoridade legitimadora do “bom uso”	66
2. Ortografia	68
CAPÍTULO III - O FILÓLOGO	75
I - Contextualização bibliográfica	75
1. Obras em prosa	76
1.1. <i>Oratio</i>	76
1.2. <i>Elementos da Poetica</i>	78
1.3. <i>Vida do doutor Antonio Ferreira</i>	80
1.4. <i>Institutionum Rhetoricarum Libri Tres</i>	82
1.5. <i>Tratado dos affectos e costumes oratorios</i>	84
1.6. <i>Tratado da versificação portugueza</i>	87
1.7. <i>Os Tres Livros das Instituicoens Rhetoricas</i>	89
1.8. <i>Arte poetica de Q. Horacio Flacco</i>	92
1.9. <i>M. Tullii Ciceronis Orationes Selectae</i>	94
1.10. <i>Rudimentos da Grammatica portugueza</i>	95
1.11. <i>Rudimentos da Orthographia portugueza</i>	96
2. Composições em verso	97
3. Catálogo dos manuscritos vendidos à Academia Real das Ciências de Lisboa	99
CAPÍTULO IV – O LEXICÓGRAFO	105
I - <i>Parvum Lexicon Latinum</i> (1762)	105
1. Apresentação geral do dicionário	105
1.1. Reedições do <i>Parvum Lexicon</i>	108
2. Fontes	114

2.1. <i>Vocabula Latini, Italique</i> de Giuseppe Pasini e Antonio Badia (1758)	116
2.2. <i>Prosodia</i> revista por José Caeiro	120
3. Técnica Lexicográfica	122
3.1. Macroestrutura	122
3.1.1. Selecção da nomenclatura	122
3.1.2. Organização da nomenclatura	130
3.1.3. Registo das formas lema	132
3.2. Microestrutura	133
3.2.1. Estrutura e Organização das glosas	133
3.2.2. Técnica de definição	136
3.2.3. Notações metalinguísticas	141
4. Cotejo com o <i>Magnum Lexicon</i> de Frei Manuel de Pina Cabral	148
II - <i>Diccionario Portuguez, e Latino</i> (1771)	155
1. Apresentação geral do dicionário	155
1.1. Reedições do <i>Diccionario Portuguez, e Latino</i>	157
2. Técnica Lexicográfica	161
2.1. Macroestrutura	161
2.1.1. Número de entradas	161
2.1.2. Selecção da nomenclatura	163
2.1.3. Organização da nomenclatura	167
2.1.4. Registo das formas lema	171
2.1.4.1. Masculino/feminino	172
2.1.4.2. Plural/singular	173
2.1.4.3. Normal/diminutivo	174
2.2. Microestrutura	176
2.2.1. Técnica de definição	176
2.2.1.1. Definição Hiperonímica	179
2.2.1.2. Definição Metonímica	184
2.2.1.3. Definição Sinonímica	184
2.2.1.4. Definição Antonímica	186

2.2.1.5. A equivalência morfológica e sintáctica da definição	186
2.2.1.6. Definição de substantivos.....	187
2.2.1.7. Definição de adjectivos	188
2.2.1.8. Definição de verbos	189
2.2.1.9. Traduções do <i>Grand Dictionnaire François-Latin</i> de Danet	191
2.2.2. Informação bilingue.....	193
2.2.2.1. <i>Grand Dictionnaire François-Latin</i> de Danet.....	197
2.2.3. Notações metalinguísticas	201
2.2.3.1. Informação gramatical	201
2.2.3.2. Marcadores de uso	204
2.2.4. Estrutura e organização das glosas	208
2.2.4.1. Ordenação das acepções e modernização tipográfica do artigo	209
III - Dinâmica lexical no século XVIII e alvares do século XIX: o testemunho dos dicionários de Fonseca.....	215
1. <i>Parvum Lexicon</i>	216
1.1. A tradução do <i>Vocabula Latini italique</i>	216
2. <i>Diccionario Portuguez, e Latino</i>	220
2.1. Actualização da nomenclatura ao longo das várias edições	221
IV - <i>Diccionario Abbreviado da Fabula</i> (1779).....	231
1. Percurso da lexicografia onomástica.....	231
1.1. Dicionários onomásticos quinhentistas	231
1.2. Índices de nomes próprios	234
1.2.1. Índice da onomástica horaciana.....	234
1.2.2. Índice da onomástica virgiliana.....	235
1.2.3. Índice da onomástica camoniana.....	238
1.3. <i>Micrologia Camoniana</i>	243
1.4. <i>Noticia da Mythologia</i>	245
2. <i>Dictionnaire Abrégé de la Fable</i>	248
3. <i>Diccionario Abbreviado da Fabula</i>	250
3.1. “Advertencia do Traductor”	250

3.2. Reedições do <i>Diccionario Abbreviado da Fabula</i>	252
3.3. Colação entre o original francês e a tradução	256
3.3.1. Fidelidade ao original	256
3.3.2. Soluções de aportuguesamento	259
3.4. Modernização da obra	263
V - Planta do <i>Diccionario</i> da Academia Real das Ciências (1780)	267
CONCLUSÃO	283
FONTES MANUSCRITAS	291
FONTES IMPRESSAS	295
BIBLIOGRAFIA	311
ANEXOS	325
1. Anexo 1 – Enquadramento cronológico da vida e obra de Fonseca	326
2. Anexo 2 - <i>Conta do Director-Geral ao Conde de Oeiras, sobre o Dicionario de Latim (29-5-1760)</i>	339
3. Anexo 3 – Fragmento do dicionário latim-português de António Félix Mendes, em borrão, com a letra A	342
4. Anexo 4 – <i>1ª Conta (1759-1760), que S. Mag.^e ordena se lhe dê, do progresso dos Estudos no fim de cada anno (6-8-1760)</i>	368
5. Anexo 5 - Carta de Fonseca remetida a Alexandre António das Neves, secretário da Academia, na fase derradeira da elaboração do <i>Diccionario da Lingoa Portuguesa</i>	372
6. Anexo 6 – Memória autobiográfica de Fonseca	375
7. Anexo 7 – Lista dos nomes citados no Índice Cronológico dos Autores Latinos do <i>Parvum Lexicon</i>	377
8. Anexo 8 – Ocorrências da expressão “fallando de” no <i>Parvum Lexicon</i>	378
9. Anexo 9 - Formas do <i>Português Fundamental</i> sem entrada no <i>Diccionario Portuguez, e Latino</i> (1771)	380
10. Anexo 10 - Vocábulo acrescentados à edição de 1839 do <i>Diccionario Portuguez, e Latino</i> , nas letras A-, D- e I-	382
11. Anexo 11 - Vocábulo acrescentados à edição de 1839 do <i>Diccionario Portuguez, e Latino</i> de Fonseca que não constam no <i>Vocabulario</i>	387

12. Anexo 12 - Vocábulos acrescentados ao <i>Diccionario Portuguez, e Latino</i> (1839) que não figuram nas nomenclaturas dos dicionários precedentes.....	390
ÍNDICE REMISSIVO ONOMÁSTICO.....	391

INTRODUÇÃO

A obra de Pedro José da Fonseca, na sua componente filológica e sobretudo lexicográfica, constitui o objecto principal deste trabalho de dissertação. Acrescentam-se alguns elementos indagados sobre o seu percurso biográfico e sobre as circunstâncias da história, da cultura e da língua que se repercutiram na sua obra.

Pedro José da Fonseca (1736-1816) foi um filólogo e um pedagogo operoso e produtivo, implicado na remodelação de todo o panorama do ensino em Portugal e de modificação das estruturas e hábitos da sociedade portuguesa. A sua obra correspondeu às necessidades prementes de uma renovada e crescente frequência escolar e às solicitações da política docente, regulamentada pela reforma pombalina. Compôs um conjunto de dicionários — *Parvum Lexicon Latinum* (1762), *Diccionario Portuguez, e Latino* (1771) e *Diccionario abbreviado da fabula* (1779) — que ficaram como textos de referência, na história da língua, da lexicografia e da cultura portuguesa.

Estes dicionários vieram substituir os anteriores manuais escolares elaborados e distribuídos pelos jesuítas (nomeadamente, a *Prosodia* - 1634, o *Thesouro da lingua portuguesa* - 1647, o *Florilegio dos modos de falar e adágios* - 1655, compostos por Bento Pereira (1605-1681) e sucessivamente reeditados até 1750), que foram entretanto censurados (de modo um tanto hiperbólico) pelos pedagogos iluministas, e proibidos pelo Marquês de Pombal. Luís António Verney (1713-1792) e António Pereira de Figueiredo (1725-1797) observaram a obsolescência e o desfasamento desses manuais em relação à renovada

lexicografia europeia. Notaram as debilidades e inexactidões filológicas, a falta de critério no acolhimento dos barbarismos e o pouco rigor em seleccionar o vocabulário e as expressões latinas autorizadas segundo o cânone da pura latinidade.

Por outro lado, o processo de dicionarização da língua portuguesa, particularmente valorizado pelo *Vocabulario* (1712-1728) de Bluteau, quase não se repercutia no estudo e aprendizagem da língua. Era um texto pouco acessível, com um vocabulário padrão escassamente rastreado, e disseminado num discurso de digressão enciclopédica. Era necessário, à semelhança do que já se verificara em relação a outras línguas modernas, retomar e intensificar o questionamento metalinguístico, e promover um deliberado esforço em torno da fixação da norma ortográfica e da legitimação dos usos.

Os dicionários de Fonseca surgem justamente como resposta à desactualização da lexicografia anterior, e como instrumentos normalizadores que reduzem a instabilidade gráfica e instituem um “corpus lexical” de referência, geralmente aceite na progrediente escolarização da língua portuguesa.

A obra de Pedro José da Fonseca procurou o modelo e as fontes de referência na lexicografia europeia que oferecia já, desde os finais do século XVII, excelentes edições escolares e bons modelos de dicionários, ao serviço da aprendizagem da língua latina e dos vernáculos. Em França eram utilizados os dicionários de Pomey, Delbrun, Tachard e Danet, revistos e actualizados assiduamente. Em Itália, a obra de Pasini, publicada em 1731 por ocasião da reforma dos estudos em Piemonte, era divulgada em numerosas reedições e reimpressões em diversas cidades italianas. A escrupulosa selecção da nomenclatura e das citações dos autores exemplares da eloquência latina, os abundantes espaços dedicados à descrição do vernáculo e a aplicação de princípios lexicográficos bem definidos na estruturação dos artigos haviam passado a ser os principais critérios de apreciação de uma obra lexicográfica.

As leis decretadas no âmbito da reforma pombalina do ensino, conjuntamente com a abertura cultural de Portugal ao estrangeiro concorreram para que toda a produção literária e lexicográfica de Fonseca pudesse receber a influência dos mais notáveis filólogos, pedagogos, linguistas, lexicógrafos e filósofos europeus.

Tinha-se agravado o desfasamento entre a lexicografia bilingue portuguesa e a europeia por força de uma certa estagnação, em contraste com o trabalho continuado de revisão e aperfeiçoamento destas obras que se vinha acentuando na Europa, ao longo do século XVIII. A dicionarística europeia, crescentemente motivada pela solicitação escolar, fora renovando os manuais de estudo e nomeadamente os dicionários destinados ao ensino do latim. A obra do dicionarista português tornara-se necessária e urgente e podia contar com um espaço propício de recepção.

Neste quadro, Pedro da Fonseca desempenhou-se com muito mérito, produziu uma obra apreciável, preencheu e ilustrou um momento interessante da lexicografia e da história da cultura portuguesa. Merece boa lembrança e oferece motivo de proveitoso estudo. Aqui revisitamos alguns testemunhos da sua existência e propomos uma leitura e análise da sua obra.

No primeiro capítulo apresentaremos os dados biográficos do autor, demarcando dois períodos relevantes: o tempo anterior à “reformação” pombalina, preenchido pela fermentação das ideias iluministas em Portugal (durante o qual ocorreu a escolarização e instrução do jovem Pedro da Fonseca); e o período intenso da execução da reforma dos estudos, promovida pelo governo pombalino. Este segundo momento do percurso do dicionarista será tratado um pouco mais detidamente, devido à influência que a legislação decretada no âmbito da modificação das estruturas do ensino exerceu no delineamento do contexto de produção de toda a sua obra.

As ideias linguísticas de Fonseca são objecto do segundo capítulo. Faz-se uma apreciação da sua gramática, do compêndio ortográfico e, sobretudo, dos paratextos introdutórios dos dicionários, pois neles se repercutem algumas das questões metalinguísticas mais insistentemente tratadas em finais do século XVIII: a vernaculidade, a propriedade do vocabulário, a memória clássica e latina da língua, a regulação ortográfica e, de um modo geral, a avaliação normativa do comportamento linguístico.

No capítulo terceiro considera-se de modo amplo a produção bibliográfica de Fonseca com a apresentação e contextualização da sua actividade filológica. Valorizam-se alguns

aspectos característicos dos textos principais, em prosa e em verso, realçando a sua repercussão na formação e difusão da estética neoclássica em Portugal.

A obra lexicográfica ocupa, no seu conjunto, os capítulos seguintes. Primeiro o *Parvum Lexicon* que iniciou o tirocínio dicionarístico de Pedro da Fonseca. É uma obra inaugural da lexicografia moderna portuguesa — A sua digitalização no DICIweb permitirá a leitura, a pesquisa de palavras e concordâncias no corpus textual de referência (séculos XVI a XIX), proporcionando análises e observações bem fundamentadas. Segue-se o *Diccionario Portuguez, e Latino*, publicado nove anos depois. Toma-se boa nota da informação exarada pelo próprio autor, no que se refere ao aproveitamento da lição proporcionada por Bluteau, nomeadamente no que diz respeito ao trabalho de selecção, organização da nomenclatura e redacção das definições. A apreciação destes aspectos lexicográficos pôde beneficiar da análise pormenorizada e instruída elaborada por João Paulo Silvestre no estudo do *Vocabulario* de Bluteau.

Dá-se notícia do percurso ecdótico de cada uma das obras; descrevem-se as circunstâncias de publicação das respectivas edições e os aspectos que as distinguem. Identificam-se as fontes nacionais e estrangeiras. Percorreram-se, por um lado, os dicionários do património lexicográfico português, anteriormente publicados, e os importantes testemunhos manuscritos, entre os quais merecem especial lembrança os apontamentos já muito elaborados, produzidos pelos jesuítas, para uma programada reedição da *Prosodia*. Por outro lado, pesquisaram-se, com diligente análise, as principais obras europeias tipologicamente escolares e bilingues; foi possível recuperar a referência dos modelos mais compulsados por Fonseca e avaliar a sua influência. Considera-se uma análise da técnica de composição dicionarística a nível macro e microestrutural, procurando revelar, através do cotejo com as fontes, cada uma das fases do processo de elaboração de cada um dos dicionários.

A dinâmica lexical testemunhada pelos dicionários de Fonseca constitui informação que nos parece relevante neste trabalho. Optou-se por seguir linhas de análise distintas, tendo em consideração as fontes de elaboração de cada uma das obras. Nesse sentido, no *Parvum Lexicon* estudaremos a inovação e variação lexical tanto através do decalque da entrada latina como da exploração de novos mosaicos semânticos no interior da glosa. Relativamente ao

Diccionario Portuguez, e Latino, coligem-se os lemas das edições que registaram um aumento de entradas mais significativo e avaliam-se, entre outros aspectos, a representação da produtividade de cada processo de formação de palavras, a percentagem de termos novos por categorias gramaticais, a base etimológica e o resultado da interacção do português com as outras línguas praticada nos dicionários bilingues.

Entre a obra lexicográfica de Fonseca não pode esquecer-se o *Diccionario Abbreviado da Fabula*. Apresentam-se algumas considerações sobre a sua especificidade no percurso da tradição dicionarística portuguesa; a importação do original francês; o sucesso editorial e a sua integração na escola e no espaço cultural português.

Por último, o dicionário da Academia será objecto de uma análise sumária porque tem apenas a letra A e porque, apesar de tudo, é uma obra de equipa. Assim, concederemos particular destaque à análise da “Planta”, texto da sua exclusiva autoria e de inestimável valor para o conhecimento da modernização da técnica lexicográfica em Portugal. Indicaremos as fontes de redacção, cotejando os princípios lexicográficos aí formulados com as respectivas fontes.

A investigação em torno da figura de Pedro José da Fonseca, até agora insuficientemente estudada, exigiu uma diligente procura de informações no fundo antigo das bibliotecas. A construção da sua biobibliografia é o resultado de uma pesquisa conscienciosa e exaustiva centrada na documentação relativa ao Colégio de Santo Antão, à reforma pombalina e, em especial, ao Real Colégio dos Nobres e à Academia das Ciências de Lisboa, disponível nos fundos bibliográficos da Torre do Tombo, da Biblioteca Nacional, da Academia das Ciências de Lisboa, das bibliotecas de Coimbra e de Évora. A leitura desse património textual, que na sua maioria ainda não constava nos catálogos informatizados para pesquisa online, também permitiu redigir com detalhe todo o contexto de produção dos dicionários de Fonseca e sondar pacientemente as respectivas fontes.

O programa inicial do nosso trabalho compreendia o estudo dos dicionários bilingues, com participação da língua portuguesa, até ao fim do século XVIII. Porém, perante o universo de informação compulsada, pareceu conveniente reajustar o âmbito da investigação. Sem prejuízo do objecto central do trabalho, estudo da “Lexicografia bilingue portuguesa do século

XVIII”, considerou-se que a obra de Pedro da Fonseca, pela sua extensão e importância, preencheria de modo coerente e bem dimensionado a presente dissertação.

A obra de Pedro José da Fonseca não foi ainda objecto de um estudo sistemático com o levantamento bibliográfico e o reconhecimento crítico da sua importância para a história da língua e das relações interlinguísticas e culturais do português. O presente projecto de investigação enquadra-se numa sequência de trabalhos cujo objectivo é recuperar a memória do património lexicográfico português. Os dicionários antigos da língua portuguesa (séculos XVI-XVIII) encontram-se já quase integralmente referenciados através de um conjunto de estudos histórico-bibliográficos¹. Deste conjunto merecem particular destaque as investigações em torno das origens da lexicografia latino-portuguesa até Jerónimo Cardoso² e em torno das fontes, técnica lexicográfica e recepção da monumental obra de Bluteau³ que proporcionaram informações importantes para dar seguimento à investigação que agora se apresenta.

Com o estudo da obra e da figura de Pedro José da Fonseca esperamos poder contribuir para um conhecimento mais esclarecido da lexicografia bilingue de finais do século XVIII.

¹ (Almeida, 1988; Almeida, 1959/1972; Messner, 1994; Teyssier, 1980; Verdelho, 1994, 2000, 2002).

² Verdelho, 1995.

³ Silvestre, 2008.

Normas de transcrição

A transcrição de excertos dos dicionários de Fonseca é preferencialmente diplomática, com o objectivo de reproduzir um conjunto de traços que documentam a técnica lexicográfica e a variação da ortografia:

- Mantêm-se recursos tipográficos como o itálico e a maiusculação de palavras ou expressões.
- Não se desdobram as abreviaturas.
- Mantém-se o emprego dos caracteres originais, não se normalizando o uso de <i, j, u, v>, à excepção do *s* longo, transcrito sempre por *s* redondo.
- Corrigem-se as palavras que apresentam perturbações devidas à disposição dos tipos: caracteres separados por espaços em branco, junção de palavras ou inversão dos tipos.

Quando pertinente, nas transcrições introduzem-se sublinhados a negrito, destacando excertos mais relevantes para análise dos textos.

CAPÍTULO I - PEDRO JOSÉ DA FONSECA E O CONTEXTO HISTÓRICO-CULTURAL

I - A época em Portugal antes da “reformação” pombalina (1736-1759)

1. Panorama cultural nos primeiros anos de vida de Fonseca

Segundo Inocêncio⁴ os únicos dados biográficos conhecidos e publicados acerca de Pedro José da Fonseca⁵ constavam de um folheto que se publicou pouco tempo depois da sua morte, intitulado *Agradecimento de hum homem á memoria de outro homem virtuoso, sabio e filosofo*⁶. Pelas informações contidas neste folheto deduziu Inocêncio que Fonseca nascera em

⁴ Inocêncio F. da Silva, *Diccionario Bibliographico Portuguez* (Lisboa 1858-1923) tomo II, 210 e tomo VI, 419-424.

⁵ Não devemos confundir este nome com o nome de José da Fonseca. Embora com algumas semelhanças curriculares, pois ambos se distinguiram como abalizados filólogos e lexicógrafos, Pedro José da Fonseca nasceu no século XVIII e viveu toda a sua vida em Portugal. José da Fonseca nasceu no século XIX e viveu grande parte da sua vida em Paris. A produção de Pedro José da Fonseca é na sua maioria latino-portuguesa, enquanto a de José da Fonseca é luso-francesa (cf. Silva, 1858-1923 tomo IV, 334-335 e tomo V, 265).

⁶ Este folheto foi escrito por Francisco Coelho de Figueiredo, que foi condiscípulo de Fonseca no Colégio de Santo Antão.

1734, apontando, todavia, como ano mais certo o de 1737, pois o próprio Fonseca numa das suas obras dizia contar 22 anos no ano de 1759⁷.

O registo de baptismo que a seguir apresentamos com a respectiva transcrição vem esclarecer esse equívoco originado pela falta de dados e certificar a data exacta do seu nascimento:

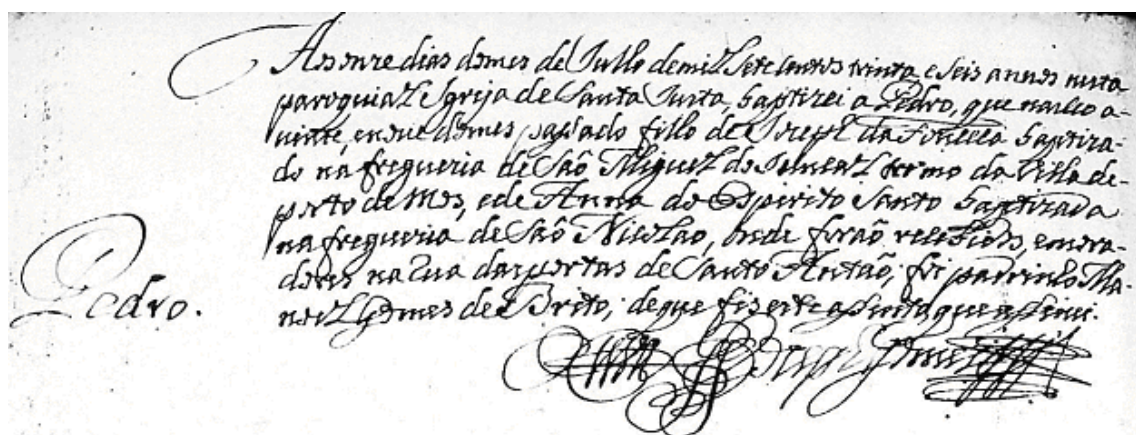


Figura 1

Registo de baptismo de Pedro José da Fonseca. Instituto dos Arquivos Nacionais – Torre do Tombo, fundo da Paróquia de Santa Justa, Lisboa, Cota LV B4-Cx. 2, fl. 97 v.

Aos onze dias do mes de Julho de mil setecentos trinta e seis annos nesta paroquial Igreja de Santa Justa, baptizei a Pedro, que nasceo a vinte e nove do mes passado filho de Jozeph da Fonseca baptizado na freguesia de Saõ Miguel de Joncal termo da Villa de porto de Mos, e de Anna do Espirito Santo baptizada na freguesia de Saõ Nicolao, onde foraõ recebidos, e moradores na Rua das portas de Santo Antaõ; foi padrinho Manoel Gomes de Brito, de que fiz este assento, que assignei.

⁷ *Oratio de praestantia ac necessitate Rhetorices habita a Pedro Josepho da Fonseca, professore Regio Rhetorices cum ad munus docendi accederat, VII Idus Novembris MDCCLVIII. Olisipone, apud Frasciscum Ludovicum. Anno 1760.* Foi nesta obra que Pedro José da Fonseca disse ter então (1759) vinte e dois anos de idade. O *qui pro quo* resultou do facto de Fonseca indicar a sua idade num momento de escrita da obra em que ainda não tinha completado os 23 anos de idade, isto é, Pedro da Fonseca escreveu esta oração antes do dia 29 de Junho de 1759.

Fonseca nasceu no dia 29 de Junho de 1736, em pleno século XVIII, quando brotaram os numerosos bulícios culturais, marcados pelo fervor das questões em torno da nova ciência, pelo convívio intenso com o movimento intelectual europeu e pelas polémicas religiosas, literárias e científicas.

As publicações periódicas, com larga difusão neste período, pintavam o quadro político e cultural dentro e fora de Portugal, noticiando as actividades literárias, filosóficas e científicas das academias que se multiplicavam. Entre elas, notabilizou-se a *Gazeta de Lisboa* (1715-1833) meio privilegiado de divulgação dos inventos emergentes da nova ciência nascente.

Portugal intensificava as ligações com as demais nações europeias. Mencione-se, a título de exemplo, as correspondências científicas entre a Academia Real de História Portuguesa e a Academia de São Petersburgo, bem como os contactos de D. Francisco Xavier de Meneses (1673-1743), 4º Conde da Ericeira, com membros da Academia das Ciências de Paris.

As viagens ao estrangeiro e a aprendizagem de línguas europeias, especialmente o espanhol, o francês, o italiano e o inglês, favoreciam incontestavelmente a ânsia de renovação cultural dos espíritos mais modernos, facultando o acesso a toda a casta de livros de várias línguas. O conhecimento das línguas estrangeiras mais célebres passara a ser requisito fundamental do homem culto⁸ e havia quem o mostrasse por meio de traduções. Efectivamente, o livro estrangeiro expandia-se com celeridade, exigindo o aparecimento de casas comerciais onde se encontrassem à venda livros de todas as faculdades da Europa. Vinham livreiros de Espanha e os de outros países estabeleciam representantes que vendiam sobretudo obras de História.

Ao mesmo tempo proliferavam as bibliotecas particulares, como a de D. Francisco Xavier de Meneses ou a de Diogo Barbosa Machado (1682-1772), num total de 4301 obras em 5764 tomos, que mais tarde viria a formar o fundo inicial da Biblioteca Nacional do Rio de Janeiro.

A abertura de Portugal à cultura europeia não se cumpria unicamente pela recepção de livros estrangeiros e respectivas traduções para português. A presença de portugueses lá fora

⁸ O estudo de línguas europeias constituiu, por um lado, um sinal de ponderada abertura à modernidade e, por outro, uma inovação precursora da reforma pombalina, que viria a consagrar em 1761 o estudo de línguas europeias (francês, italiano e inglês) como matéria curricular dos programas do Colégio dos Nobres.

(como é o caso de D. Luís da Cunha (1662-1749), diplomata em várias cortes da Europa) e as diligências de certos espíritos iluminados lusitanos no sentido de reformar o ensino da medicina – com especial destaque para António Nunes Ribeiro Sanches (1699-1783), Jacob de Castro Sarmiento (1691-1762) e D. Francisco Xavier de Meneses – colocavam Portugal na senda do acolhimento dos princípios newtonianos. O ano de 1737 assinala, com a publicação da *Cronologia Newtoniana epitomizada*, a viragem da ciência para um sistema cimentado no racionalismo experimental, numa atitude de implementar o estudo positivo e rejeitar a física cartesiana. Nesta linha de ideias enquadravam-se as obras do médico e químico holandês Boerhaave (1668-1738) e, na sua esteira, as do português Jacob de Castro Sarmiento, que radicava na minerologia e na botânica o estudo da medicina, para o qual era indispensável a prática da dissecação.

Para além da medicina, também a física via as suas concepções evoluírem sob o influxo das ciências naturais. Avultam, entre outros, os nomes de Manuel Azevedo Fortes (1660-1749), Bento de Moura Portugal (1706-1776) e Manuel Ângelo Vila. Bem conhecedores dos filósofos modernos, notabilizaram-se com inventos e opiniões científicas de valor⁹.

A publicação, em 1746, do *Verdadeiro Método de Estudar* de Luís António Verney estimulou o anseio de renovação cultural, com o propósito firme de abjurar os métodos didáticos dos escolásticos. Redigida em dezasseis cartas, que abordavam todas as ciências ministradas nas escolas, a obra de Verney tinha como alvo a prática pedagógica nas escolas e, em simultâneo, a cultura em geral. Foi precisamente a partir do aparecimento desta obra que se verificou uma renovada inquietação com reflexos escritos que dominaram toda a segunda metade do século. O ensino e o ambiente extra-escolar sentiram-se revolidos, sobretudo depois da promulgação dos *Estatutos Novíssimos da Universidade de Coimbra*.

⁹ Manuel Azevedo Fortes denuncia, na sua obra *Lógica Racional Geométrica e Analítica* (Lisboa, 1744) nítida influência de Descartes, Antoine Arnaud e Nicolas Malebranche (1638-1715), Bernard Lamy, Locke e Newton. Bento de Moura Portugal fez algumas adições e correcções às bombas de fogo, que foram aprovadas pela Academia Real das Ciências de Paris. Manuel Ângelo Vila, simples professor operário, prontificou-se a fabricar com precisão bombas pneumáticas, balanças hidrostáticas, prismas, espelhos, telescópios (gregorianos e newtonianos) e microscópios (Cf. Andrade, 1966: 135 e ss.).

2. A evolução do ensino na linha das ideias modernas

Regulamentado pela *Ratio Studiorum* (1599), que prescrevia a lição de Aristóteles sempre em função do estudo da Teologia¹⁰, o ensino nos estabelecimentos da Companhia de Jesus deveria ser, nos alvares do séc. XVIII, inexoravelmente hermético a qualquer novidade. Ainda que anos mais tarde (década de 30) se verifique uma certa permeabilização aos conceitos da nova ciência nascente, o reitor do Colégio das Artes (modelo dos demais colégios) estabelecia o seguinte:

Nos exames ou lições, conclusões públicas ou particulares se não ensine defesa ou opiniões novas pouco recebidas ou inúteis para o estudo das ciências maiores, como são as de Renato Descartes, Gassendi, Neptono e outros, nomeadamente qualquer ciência que defenda os actos de Epicuro ou negue as realidades dos acidentes eucarísticos ou outras quaisquer conclusões opostas ao sistema de Aristóteles, o qual, nestas Escolas, se deve seguir, como repetidas vezes se recomenda nos Estatutos deste Colégio das Artes¹¹.

Todavia, não tardaria a inevitável adaptação às ideias dos tempos modernos. A partir da segunda metade do século, os professores inicianos ministravam cursos e imprimiam as respectivas teses com o intuito de abordar as principais questões das ciências em termos actuais.

O primeiro curso (1750-1754), centrado na renovação da Filosofia, realizou-se em Évora pelos discípulos do Pe. Sebastião de Abreu. Seguiu-se o segundo curso (1754-1758) concretizado pelos alunos do Pe. João Leitão. Divididas em física geral e particular, estas lições focalizaram-se nos pontos cardeais da Física elementar. Ambos os professores se apoiavam nos autores modernos (Wolf, Descartes, Malebranche, Locke, Newton, Nollet, Boerhaave, entre outros), mas sem abandonar as teses aristotélicas.

¹⁰ Cf. Margarida Miranda, 2009. *Código Pedagógico dos jesuítas. Ratio Studiorum da Companhia de Jesus (1599)*.

¹¹ In Braga, 1899: 47.

Do Colégio das Artes de Coimbra, é digno de referência o Pe. Inácio Monteiro (1724-1812), o mestre mais esclarecido entre os inacianos do movimento científico deste período. A sua obra intitulada *Compendio dos Elementos de Mathematica necessários para o estudo das Sciencias naturaes, e bellas letras* (o 1º volume traz a data de 1754 e o segundo a de 1756) revela um pedagogo que constituiu um figurino cabal da mudança dos tempos¹². Com pensamento de veio iluminista, nos litígios constantes entre antigos e modernos, este professor colocava-se resolutamente ao lado dos vanguardistas¹³. Entre os nomes do ensino jesuíta coimbrão também merece menção o de José da Fonseca que, com o propósito de adaptar o método moderno ao tradicional, inculcou na filosofia princípios inovadores.

No Colégio de Santo Antão é de assinalar a publicação, em 1758, de um *Planetário Lusitano* do Pe. Eusébio da Veiga (1718-1798). Elaborada com o auxílio das tábuas de Jacques Cassini (1677-1756) e das efemérides vindas de Paris intituladas *Conhecimento dos Tempos*, esta obra aportou conhecimentos de suma utilidade para a astronomia e para a náutica em Portugal¹⁴.

A necessidade de sistematizar todas as teses que deviam ensinar nas aulas levou os inacianos a reunirem todos os seus escritos sob o título de *Elenchus Quaestionum, quae a Nostris Philosophiae Magistris tractari debent, in hac Provincia Lusitana Societatis Jesu* (1754). A análise deste *Elenchus* revela que a atitude dos jesuítas portugueses em vésperas da espoliação das aulas resume-se à seguinte ideia: “eclectismo equilibrado, traduzido numa permeabilização às novas correntes, mas sem ódio ao Peripato que, se nuns pontos estava antiquado, noutros mantinha perene actualidade”¹⁵.

Efectivamente, as letras e as ciências continuavam a ser necessárias como base preparatória aos estudos superiores, como a filosofia e a teologia. Mas as ciências experimentais estavam em franco desenvolvimento e o discurso da *Ratio*, feito numa época de grande fervor espiritual e de inquietação religiosa, foi ficando desadaptado face às exigências da própria revolução intelectual. E, no entanto, a Companhia de Jesus, apesar de ter

¹² Silva, 1973: 242-243.

¹³ A respeito de Inácio Monteiro, escreve Banha de Andrade: “Com este professor, se outros não houvesse, o ensino entre os inacianos mudaria certamente de rumo, e com a mesma inclinação que Vernei pretendia imprimir-lhe, se bem que com maior equilíbrio” (Andrade, 1966: 251).

¹⁴ Cf. Pécheux *et al.*, 1977.

¹⁵ Andrade, 1981: 268.

permanecido fiel ao saber escolástico desde a sua fundação, não desconhecia, como vimos, os novos sistemas filosóficos que se divulgaram nos séculos XVII e XVIII. As novas correntes provocaram diferentes reacções nos mestres jesuítas e, na segunda metade do século XVIII, era mais intensa a sua contestação ao sistema aristotélico manifestando muitos deles tendência para o eclectismo.

É de opinião Veríssimo Serrão que os inicianos compreenderam que as exigências e as tradições vão variando conforme a época e, portanto, seria necessária uma adaptação a esses desafios, e que “teria sido uma falta de senso comum não querer ter em consideração os métodos que no século XVIII reclamavam as famílias. A desconformidade seria uma utopia e uma loucura. Não faltou aos jesuítas o sentido de oportunidade”¹⁶.

A defesa da tese de que os jesuítas estavam ao corrente das novidades intelectuais que ocorriam na Europa encontrou em diversos autores, como Domingos Maurício Gomes dos Santos¹⁷, João Pereira Gomes¹⁸ e António Alberto Banha de Andrade¹⁹, provas documentais justificadas. Argumentam principalmente que os novos sistemas filosóficos se ensinavam nas aulas e que a escolástica continuava a ser seguida porque os filhos de Loiola não encontravam superioridade de argumentos nas correntes modernas.

2.1. A formação de Pedro da Fonseca

Esclarece o tributo biográfico *Agradecimento de hum homem á memoria de outro homem virtuoso, sabio e filosofo* que Pedro José da Fonseca iniciou os seus estudos instruindo-se na gramática latina, não com os jesuítas, mas sim com um preceptor particular, António Félix Mendes (1706-1790).

¹⁶ Serrão, 1944: 249.

¹⁷ Cf. “Os jesuítas e o ensino das Matemáticas em Portugal”, *Brotéria*, 3, 1935, pp. 193.

¹⁸ Cf. *Os Professores de Filosofia da Universidade de Évora*, 1960, pp. 574-580.

¹⁹ Cf. *A Reforma Pombalina dos Estudos Secundários (1759-1771)*, 1981.

Com o intuito de corrigir o método didático dos mestres de gramática latina, António Félix Mendes publicou, em 1741, uma obra²⁰ que se celebrizou pelo seu “Methodo” e pelo seu “Prologo”, ao preceder, em 5 anos, o *Verdadeiro Método* de Luís António Verney.

A metodologia didáctica explanada por António Félix Mendes no *Methodo que deve seguir o Mestre que ensinar por ella* dá uma percepção do modo como se terá processado a aprendizagem de gramática latina do seu discípulo Pedro José da Fonseca. Tendo por mestre um reformador que iria revelar-se marcante na reestruturação do ensino, Pedro da Fonseca terá seguramente iniciado os seus estudos sob as directrizes do novo método, num momento em que ainda se praticava o método tradicional nas escolas dos jesuítas.

Primeiramente, o aluno deveria aprender muito bem a gramática portuguesa pelas *Regras da língua Portuguesa, espelho da lingua latina, ou disposição para facilitar o ensino da lingua latina, pelas regras da Portuguesa* (Lisboa, 1721, 2ª ed. 1725), do Pe. Jerónimo Contador de Argote (1676-1749). Antes de entrar no estudo da latinidade, era importante que o discípulo lesse e pronunciasse expeditamente o português. O estudo da língua latina principiaria pela aprendizagem das cinco declinações e das conjugações e posteriormente seriam feitos os exercícios de retroversão. A próxima fase “imitando os ingleses e os belgas” consistiria na aquisição de vocabulário por meio da exposição, cada dia, de uma fábula de Esopo ou de Fedro. Apenas após a passagem por cada uma destas etapas o aluno poderia começar a traduzir Cícero, Virgílio, Ovídio, Suetónio, Horácio, entre muitos outros²¹.

Pedro da Fonseca terá começado os seus estudos sob a doutrina de António Félix Mendes por volta de 1743²², ou seja, com cerca de seis anos de idade. Ignoramos o tempo de duração dos ensinamentos de gramática latina com este mestre, pois rareiam as notícias deste período da sua vida. Apenas sabemos que quando o seu condiscípulo Francisco Figueiredo, irmão do dramaturgo Manuel Figueiredo, foi para o Colégio de Santo Antão, em 1751,

²⁰ *Grammatica Portuguesa da Língua Latina, para uso dos Cavalheiros e Nobres, que tem Mestre em suas casas, com hum Methodo para o governo do Mestre que ensinar por ella, e hum Prologo Apologético, Critico e noticioso aos Leitores* (Lisboa, 1741).

²¹ Mendes, 1741. Também Verney condenou afincadamente diversos aspectos do método tradicional, entre os quais salientam-se: o ensinar latim por latim, a tradução de obras como as *Filípicas* e *Eneida* por principiantes e a tradução do *Breviário* ou do *Concílio de Trento*, obras com frases bárbaras e confusas bem como a aplicação do castigo corporal como motor central da aprendizagem (Verney, 1949 (1746): 176 e ss.).

²² Francisco Figueiredo informa que Fonseca começou os seus estudos com António Félix Mendes “muito antes dos respeitáveis Neris sobre o novo methodo, em que houve tão grandes debates e libellos” (Figueiredo, 1816: 4).

Fonseca já frequentava a aula de retórica, que ocupava os últimos dois anos do curso de letras²³. Nada mais acrescenta Francisco Figueiredo, limitando-se a registar empoladamente a celebridade do aluno, devida ao seu grande talento.

Os colégios dos jesuítas eram recintos de vida, movimento e actividade, com uma multiplicidade de exercícios escolares de composições, declamações, representações teatrais e sessões solenes. As composições dos alunos iam a concursos e eram premiadas anualmente em assembleias organizadas com muito aparato e numerosos convidados²⁴. No esboço biográfico do nosso autor, o seu condiscípulo descreve detalhadamente uma das sessões em que Fonseca assumia o protagonismo pelo mérito dos seus primeiros prémios:

Logo que se accusava a Aula, que frequentava aquelle Génio, o seu nome era o primeiro, que se ouvia elogiar, e a quem se tinha julgado o primeiro premio: a chusma dos Estudantes não tirava a applicação da vista, e ouvido daquelle objecto, o mesmo succedia a todos os primeiros premios: acompanhando-o sempre com a vista todas as vezes que subia e descia [...] ²⁵.

Escassas como são as notícias que temos a respeito dos seus estudos no Colégio de Santo Antão, apontámos estas poucas, para se fazer uma ideia do ambiente. Completaremos o quadro, na medida do possível, com outros pormenores relativos às próprias aulas, como a orientação seguida e os livros usados. Assim, a classe de retórica punha a mira em formar perfeitos oradores e adestrar os alunos na arte da poesia. Para tal, o mestre empenhava-se em expor os preceitos de Cícero e Aristóteles e a explicar as orações de Cícero e os melhores historiadores e poetas latinos. Os compêndios adoptados eram os do Pe. Cipriano Soares (1524?-1580?), *De Arte Rhetorica libri tres ex Aristotele Cicerone et Quintiliano praecipue deprompti*, ou *Candidus Rethoricae seu Aphothonii Progymnasta*, do Pe. François Pomey, traduzido do francês para latim, em 1736, pelo Pe. Manuel Azevedo.

A partir de 1751 não temos mais notícias do seu percurso enquanto aluno.

²³ A carreira dos estudos nos colégios dos jesuítas dividia-se em três cursos distintos, mas dependentes uns dos outros, na medida em que o inferior era o degrau e preparação para os superiores: o curso de letras, o de filosofia e o de teologia. O curso de letras começava pela gramática latina (cinco anos); dela passava à classe de humanidades (dois anos) e terminava com a retórica (dois anos) (cf. Rodrigues, 1917: 41-45).

²⁴ Rodrigues, 1917: 67-85.

²⁵ Figueiredo, 1816: 5-6.

3. Na senda do triunfo do regalismo e da reforma social

As tensões entre a Igreja e o Estado, consubstanciadas no confronto entre o poder papal e o poder régio, vinham-se acentuando em Portugal desde o período da Restauração, originando doutrinas e práticas regalistas. Neste sentido, foi marcante a controvérsia sobre a idoneidade de D. João IV e dos seus sucessores para nomearem bispos para as sés vacantes, que motivou a obra de Manuel Rodrigues Leitão intitulada *Tratado analytico e apologetico* (1715) sobre os provimentos das Igrejas de Portugal. Mas o principal tratado teórico do regalismo português foi elaborado pela mão de Gabriel Pereira de Castro, *De manu regia*, publicado em dois volumes entre 1622 e 1623. Não obstante a sua proibição em 1640 por Roma, esta obra, reabilitada no período de D. João V e, por conseguinte, impressa em 1743, viria a ser o principal esteio dos ideólogos do absolutismo pombalista²⁶.

No processo evolutivo de elaboração conceptual do regalismo e consequente alteração da prática jurisdicional rumo à supremacia do poder civil sobre o poder eclesiástico, foi relevante o estabelecimento do beneplácito régio em 1728 por D. João V. Subtraindo prerrogativas à Igreja, como a de ler, possuir ou divulgar bulas, breves, graças ou qualquer outro despacho sem autorização especial da coroa, o beneplácito régio transformou-se num dos instrumentos de imposição e concretização do sistema que se foi empreendendo desde meados do século XVII. Esse sistema, que tinha por detrás ideias políticas concretas e definidas, possibilitou a deliberação de questões como as da coordenação dos poderes do papa, do rei e dos bispos²⁷.

As coordenadas ideológicas de acção política regalista deste período, bem como a transformação da cultura do poder enformam, naturalmente, um projecto de renascimento social e cívico da sociedade, tendo sempre como bitola de comparação os países mais avançados da Europa. Efectivamente, as ordens religiosas foram apontadas por alguns ideólogos como um dos pólos da religião a ser repensado numa perspectiva reformista,

²⁶ Castro, 2001: 323.

²⁷ Hespanha, 1990: 207.

concretamente no que diz respeito ao direito de propriedade, a sua função na sociedade e a sua extensão numérica.

A ambição por um país economicamente mais desenvolvido exigia reformas no sentido de incrementar os níveis de produtividade nacional, abandonando a insistência numa reforma do clero sob o aspecto moral. Os reformistas condenavam o número descomunal de membros da Igreja e a sua inutilidade para o Estado, considerando a relação entre o trabalho que desenvolviam e os bens em geral que possuíam.

A este propósito são elucidativas as orientações reformistas de D. Luís da Cunha (1662-1749) contidas não só na sua epistolografia, mas também numas instruções redigidas entre 1736/37, que ficaram conhecidas pelo título de *Instruções Inéditas* ou *Instruções políticas*²⁸. Foram publicadas apenas em 1929 pela Academia das Ciências de Lisboa com um prefácio da autoria de António Baião. D. Luís da Cunha analisa as debilidades económicas e sociais de Portugal, apontando o excesso de conventos no reino como a causa primeira do atraso da nação:

A primeira e mais copiosa sangria por ser sucessiva, que sofre Portugal e malogra aquele benefício é a do grande número de conventos que cada uma das ordens de frades e freiras que se têm estabelecido em todas as províncias do reino, aumentando desta sorte as bocas que comem, sem braços que trabalhem e vivendo à custa dos que, para se sustentarem e pagarem os tributos que se lhe impõem, cavam, semeiam e colhem o que Deus lhes dá com o suor do seu rosto²⁹.

Também Verney, terminada a campanha da reforma pedagógica, viria a delinear os princípios de uma profunda remodelação das instituições civis e da própria estrutura social. O convívio com a nova revolução social, que se verificava além fronteiras, concedera-lhe formação para ingerir-se no governo de Portugal. Em 1765 envia a Pombal um plano minucioso da transformação das macroestruturas da sociedade, explanado na *Carta Dedicatória* a D. José da obra intitulada *De Re Physica*.

Na mesma linha de pensamento de D. Luís da Cunha, a riqueza do país dependia da mão de obra disponível para trabalhar na agricultura e nas artes mecânicas. Por isso, Verney

²⁸ *Instruções Inéditas de D. Luis da Cunha a Marco António de Azevedo Coutinho*. Prefácio de António Baião.

²⁹ Academia das Ciências de Lisboa, 1929: 40 e ss.

insiste na necessidade de aumentar a população com a abolição dos conventos de monjas, a proibição de aumento de profissões de freiras e a concessão de prémios aos pais com mais de seis filhos e aos que casassem as suas filhas.

Com vista à remodelação de toda a política subjacente à existência das instituições religiosas, o arcediogo eborense propunha: a proibição de heranças ou aquisições por parte dos conventos; não autorizar despesas pomposas; não conceder ao Frades a faculdade de confessores perpétuos das monjas, de modo a evitar sacrilégios; a fundação de seminários para instrução dos párocos; a existência, em cada catedral, de dois cónegos doutorais e dois magistrais; não sepultar os mortos nas igrejas; acabar com os autos-de-fé³⁰.

A nível cívico, o Barbadinho sugeria: a redacção de um novo código de leis nacionais, adequado ao tempo; a reforma de todos os tribunais; a prescrição de leis para abreviar os litígios eclesiásticos e civis; a reforma dos hospitais de acordo com as indicações de Sanches; a vinda, para Portugal, de dentistas franceses para instruírem os portugueses. Defendia, ainda, que todas as povoações deveriam ter um médico, um cirurgião e um mestre que ensinasse as crianças gratuitamente. Vincava, de igual modo, a urgência de promover a agricultura, a indústria e o comércio.

4. Pedagogos iluministas na base da reforma pombalina

Na base do processo da reforma, além da ideologia política de Pombal (Regalismo e Despotismo iluminado), estiveram duas realidades antinómicas que esclarecem a determinação resoluta e intransigente do primeiro ministro: as propostas dos iluminados e o alvo atingido por essas propostas, a Companhia de Jesus.

A expurgação de todos os métodos e princípios pedagógicos dos jesuítas foi determinada como requisito preliminar para concretizar a política de reforma pombalina do ensino, orientada, na sua maior parte, pelas ideias de pedagogos que haviam desempenhado um papel dominante nas contendas pedagógicas desencadeadas na década anterior à subida de

³⁰ Andrade, 1966: 313.

Pombal ao governo. Entre os conteúdos das controvérsias, onde o estadista iria fundamentar a sua acção e munir-se de instrumentos pedagógico-didácticos já elaborados, assomam questões como o ensino do latim, a ortografia e o lugar da língua materna.

Segue-se um breve conspecto das propostas dos intelectuais e professores antijesuítas mais marcantes.

Já no final da década de 30, Manuel Monteiro (1667-1758) iria revelar-se o primeiro pedagogo a afrontar criticamente a pedagogia inaciana, ao traduzir e publicar, sob o pseudónimo de Francisco Xavier Freire de Andrade, uma obra de Voltaire. Mais tarde, tendo por finalidade substituir a gramática de Manuel Álvares, dá ao prelo o seu *Novo Método para aprender a gramática latina ordenado para uso das escolas da Congregação do Oratório na casa de Nossa Senhora das Necessidades* (1746). Todavia, esta obra não teve o sucesso esperado, tendo-lhe sido apontados diversos defeitos e lacunas que suscitaram uma acesa polémica dentro e fora da congregação do Oratório de que era membro. Mais êxito lograria a gramática de um outro membro da mesma congregação, António Pereira de Figueiredo. Elaborada sob a autoridade de notáveis autores nacionais e estrangeiros, o *Novo Método e Gramática para uso dos escolares da Congregação do Oratório na real Casa da Necessidades, ordenado e composto pela mesma Congregação* figurou como manual obrigatório na primeira grande lei de reforma dos estudos³¹. Para além de uma nova gramática, este compêndio constituiu um veículo denunciador das incorrecções, lacunas e desactualizações do manual de Manuel Álvares, descritas num extenso intróito de 107 páginas, que apenas seria retirado na 7ª edição.

Numa perspectiva crítica mais global à política de ensino da Companhia de Jesus situa-se aquele que, por ter sido o motor de viragem do universo pedagógico português, se tornaria tão célebre na história da educação em Portugal – Luís António Verney. A sua controversa obra *Verdadeiro Método de Estudar* (escrita, como já dissemos, em dezasseis epístolas, dirigidas a um reverendo doutor de Coimbra, certamente jesuíta, com remetente identificado pela alcunha de Barbadinho da Congregação de Itália) enforma uma abjuração aos princípios educativos inacianos e advoga uma drástica transformação das estruturas mais profundas do

³¹ Costa, 1979: 293.

ensino por meio da revolução das concepções e métodos pedagógicos, da substituição dos compêndios, da revisão dos programas e da reorientação e preparação dos mestres.

O seu conhecimento dos escritos pioneiros dos pedagogos e filósofos iluministas europeus proporcionaram a Verney uma visão avançada da didáctica.

O processo de ensino-aprendizagem deveria ser feito por etapas, consoante a idade do aluno e com recurso a métodos lúdicos atractivos, de modo a estimular o gosto pela aprendizagem. Urgia, portanto, abolir os castigos corporais mais severos e ultrapassar o método escolástico doloroso, inflexível e punitivo. A assimilação eficaz dos conteúdos dependia acima de tudo da transmissão dos conhecimentos em língua vernácula. À semelhança das restantes nações europeias, concede especial valor à língua nacional, preconizando o estudo da gramática latina em simultâneo com o da portuguesa.

O *Verdadeiro Método de Estudar* semeou os pressupostos para edificar um novo sistema pedagógico. A ilação decorrente do estudo comparativo entre o *Verdadeiro Método de Estudar* e as *Instrucções*³² levado a cabo por Maria Helena Costa é concludente:

Os princípios e métodos preconizados nas *Instrucções* coincidem, ponto por ponto, com os que Verney inculca no *Verdadeiro Método*. Não seria impossível demonstrar, com uma análise pormenorizada, que há coincidências, não só nos princípios, mas até na crítica a determinadas obras portuguesas³³.

Na mesma esteira das concepções destes preceptores e do regalismo de D. Luís da Cunha viriam a inserir-se as ideias de António Nunes Ribeiro Sanches expressas nas *Cartas sobre a Educação da Mocidade* (1760). Defensor acérrimo da secularização do ensino, este ideólogo propunha a entrega ao estado de toda a tutela da educação de crianças e jovens. Entre as medidas que propõe, salienta-se, pela sua modernidade, a separação do ensino das ciências sagradas das ciências humanas, com a entrega da leccionação destas últimas a docentes não eclesiásticos.

³² *Instrucções para os professores de Grammatica Latina, Grega, Hebraica, e de Rhetorica, ordenadas e mandadas publicar por el Rey Nosso Senhor, para o uso das Escolas novamente fundadas nestes Reinos, e seus Dominios*. Lisboa, Na Offic. De Miguel Rodrigues, Impressor de Eminentissimo Senhor Cardial Patriarca. MDCCLIX.

³³ Costa, 1979: 291.

Busquets de Aguiar tomou Ribeiro Sanches como o verdadeiro inspirador de Pombal na criação do Colégio Real dos Nobres, sustentando a opinião de que a sua obra foi a que mais influência teve na génese deste estabelecimento de ensino³⁴.

II - O papel de Fonseca na reforma dos estudos secundários

Entre as providências de Pombal no domínio da instrução pública, contava-se a criação de uma aula de Comércio, do Colégio Real dos Nobres, a reforma da Universidade de Coimbra (1772) e a reforma do ensino secundário, que então se designava como estudos menores. Esta processou-se em dois períodos distintos: o primeiro sob a alçada da Directoria Geral (1759-1771) e o segundo a cargo da Real Mesa Censória (de 1771 em diante). É precisamente da reforma pombalina do ensino secundário no período inicial que nos ocuparemos no primeiro ponto deste capítulo, por nele se inscreverem o material pedagógico elaborado por Fonseca e o início da sua actividade como professor de retórica.

1. A implantação da reforma: actuação da Directoria Geral (1759-1771)

1.1. *Instrucções* e Alvará de 28 de Junho de 1759

As *Instrucções*, texto oficial onde é instituído o novo programa de estudos oficiais e a metodologia a aplicar a cada disciplina a partir de novos manuais escolares, iriam, juntamente com o Alvará³⁵ Régio de 28 de Junho de 1759, regulamentar o estabelecimento da nova ordem pedagógica.

³⁴ Galvão Telles, 2006: 57.

³⁵ Um alvará sobre assuntos do ensino é um diploma régio equivalente ao que hoje em dia será um decreto-lei emanado do Ministério da Educação.

Inspiradas em preceptistas europeus³⁶, tais *Instrucções* prescreviam as seguintes inovações pedagógicas: a aprendizagem dos preceitos da gramática deveria processar-se por livros escritos em português, “pois não há maior absurdo que intentar aprender huma língua, no mesmo idioma que se ignora” (§IV *G. Latina*, p. 2); o método “deve ser breve, claro e fácil” (*ibidem*); o estudo da gramática latina deveria ser feito em conjunto com a da portuguesa, “advertindo-lhes tudo aquillo em que tem alguma analogia” (§VI *G. Latina*, p.3); proscvem-se as edições completas dos autores e determina-se o uso das selectas com fragmentos escolhidos de forma a respeitar o grau de dificuldade correspondente a cada uma das etapas de aprendizagem (§§ VIII-IX *G. Latina*, pp. 3 e 4); a composição em latim deveria ser reservada para os alunos adiantados; recomenda-se a substituição de versos confusos por alguns lugares em prosa ou em verso delectáveis para cultivar a memória; o motor do ensino deveria assentar em métodos e objectos de estudo atractivos, acabando com o medo e a punição física; proíbe-se o hábito de se falar em latim nas aulas e decreta-se a adopção de novos compêndios escolares, proscvendo-se o uso da *Arte* de Manuel Álvares e da *Prosodia* de Bento Pereira:

Tambem assentão que o methodo deve ser breve, claro e facil para não atormentar aos Estudantes com huma multidão de preceitos, que ainda em idades maiores causão confusão. Por esta razão somente devem usar os professores do Methodo abbreviado feito para uso das Escolas da Congregação do Oratorio, ou da Arte de Gramática Latina reformada por António Felix Mendes, que tem as referidas circumstancias³⁷.

³⁶ Nas margens das *Instrucções* há notas e citações reveladoras das fontes deste diploma: Rollin – *Traité des Études. De la manière d’enseigner et étudier les Belles Lettres par raport à l’esprit et au coeur*, 2 vols., 1726-28, 1733 ; Bernard Lamy – *Entretiens sur les Sciences, Lettre sur les Études des Humanités* ; Fénelon – *Dialogue sur Éloquence* ; Claude Fleury – *Traité du Choix et de la Méthode des Études*. Citam, ainda, o italiano Lama – *Instruções para as Escolas de Turim* e o filólogo alemão Heinecke (aportuguesado em Heinécio) – *Fundamenta Styli Cultioris*. Desta obra indica-se haver edições de Lípsia, de Genebra e de Veneza (§XVI, *I. G. Latina* e §VI das *I. De Retorica*). Outro alemão é Johann Georg Walch (aportuguesado em Válquio) – *Historia Critica Latinae Linguae*, Lípsia, in Officinis Gleditschii, 1761. Os dois autores alemães são frequentemente citados por todos aqueles que na Europa se ocupavam de filologia clássica. Para além destes, citados nas notas marginais, as *Instrucções* aludem, no próprio texto, a um pedagogo português, Luís António Verney (§XI *I. Gram. Latina*, p.5), mas apenas para indicar uma das suas obras. Porém, como já tivemos oportunidade de verificar no ponto 1 do presente capítulo, é inegável a influência de Verney no preceituado das normas regulamentares deste documento.

³⁷ Cf. §IV *G. Latina*, p. 2.

Para uso dos Estudantes se tem escolhido hum Diccionario proporcionado aos seus principios; no qual, sem amonthoar authorities, breve, e summariamente se lhes declarem as significações naturaes, e figuradas, que são mais frequentes nos Authores, que lerem [...] Não consentirão que os estudantes uzem da Prosodia de Bento Pereira, pelo perigo, que ha de se lhes imprimir logo nos primeiros annos a multidão de palavras barbaras, de que está cheia³⁸.

Já Luís António Verney havia recomendado a substituição da *Arte* e da *Prosodia* como uma das primeiras medidas a tomar, apontando-lhe algumas imperfeições:

Ponha-me V. P. nas escolas [...] um bom Calepino dos modernos, reduzidos à grandeza do Dicionário do P. Pereira - que tudo se remedeia. Estas duas coisas são sumamente necessárias. A *Arte* comum ensina muita coisa má; e a *Prosódia* tem muito erro. Não distingue as idades dos vocábulos; mas com uma simples estrelinha quer que nós suspeitemos mal de tudo o que desagradou ao corrector, o qual às vezes erra, como ouvi queixar os mesmos Jesuítas. Além disso, desterra da Latinidade muitos nomes que são latinos, e introduz outros puramente bárbaros. Não explica a força das vozes; nem mostra com exemplos os significados próprios e figurados de cada palavra; além de muitas outras coisas que se pode notar³⁹.

1.1.1. A urgência de novos compêndios escolares

A execução dos planos de substituir os compêndios escolares foi severa⁴⁰. Não houve qualquer tipo de contemplação nas orientações expedidas de Lisboa, mesmo em casos de declarada falta dos novos. Mais demorada que a repressão parece ter sido a tarefa das

³⁸ Cf. §XII *G. Latina*, p. 5.

³⁹ Verney, 1949 (1746): 187.

⁴⁰ Num estudo intitulado “Historiografia Linguística e Reforma do Ensino – A propósito de três centenários: Manuel Álvares, Bento Pereira e Marquês de Pombal” in *Brigantia, Revista de Cultura*, da autoria de Telmo Verdelho, são apresentados dois documentos que testemunham a fereza e a violência que toldou todo o processo de fiscalização do material didáctico. Trata-se da resposta do juiz de Fora de Moncorvo a uma carta do Director Geral dos Estudos, D. Tomás de Almeida, que dava ordem ao juiz de Fora desta vila para fiscalizar e proibir nos livreiros e nos mestres, a venda e a utilização dos livros proscritos nas *Instrucções*. O Juiz de Fora responde ao Director Geral dos Estudos dando notícia de ter cumprido as suas ordens – inspeccionou e mandou queimar os livros encontrados e fez acompanhar a sua resposta de um termo de responsabilidade do professor, que se compromete a não utilizar mais esses livros e todos os cartapácios proibidos (Verdelho, 1982: 4 e ss.).

reedições e, sobretudo, a da elaboração de novos livros, como foi o caso do dicionário de latim, que abordaremos com mais minudência no ponto que se segue.

1.1.1.1. O contributo de Pedro da Fonseca

Os dicionários, que desempenham um papel relevante na aprendizagem consolidada de qualquer língua, são imprescindíveis no caso das línguas da natureza das clássicas, sobretudo quando uma reforma determina a substituição de todo o material didáctico. Considerando que no século XVIII o dicionário era um dos principais instrumentos usados em ambiente escolar, indispensáveis para a prática da escrita e para a aquisição de vocabulário, privar os estudantes destes livros durante cerca de três anos terá constituído um dos mais cruéis e prejudiciais actos da reforma pombalina. A necessidade de dicionários acentuava-se pelo facto de as novas gramáticas não incluírem um vocabulário final, como sucedia com a gramática dos jesuítas⁴¹.

A correspondência trocada entre os vários agentes da reforma, nomeadamente, Marquês de Pombal, o Director Geral dos Estudos, D. Tomás de Almeida, o Secretário da Directoria Geral, os informadores e os comissários, documenta a angústia de quem não conseguia solucionar o problema da falta do dicionário de latim e consequências daí advenientes. O primeiro a manifestar a sua decepção foi D. Tomás de Almeida, a quem Marquês de Pombal, aquando da nomeação⁴² para o cargo, tinha prometido que o dicionário, já encomendado, estaria pronto no início das aulas. Vale a pena ler a carta de D. Tomás a Marquês de Pombal, sobre o dicionário de latim, datada de 29-05-1760⁴³, onde são detalhadamente expostas todas as dificuldades e contratempos decorrentes da urgência de uma obra que deveria estar concluída em Outubro de 1759. A composição do dicionário de latim

⁴¹Cf. *Emmanuelis Alvari e Societate Jesu De Institutione Grammatica Libri tres, Antonii Velesii Amiensis ex eiusdem Societate Jesu Eborensis Academiae Praefecti Studiorum opera aucti, & illustrati*, Évora, 1755.

⁴² Uma das primeiras medidas do Marquês consistiu na criação de uma espécie de ministro da educação, que então se chamou Director Geral dos Estudos. Foi provido neste lugar, logo a 6 de Julho de 1759, o Principal D. Tomás de Almeida (Verdelho, 1982: 4). Este deveria fazer cumprir a nova lei promulgada nas *Instrucções* e no Alvará. Competia-lhe resolver conflitos entre professores de modo a garantir a harmonia entre eles e, por conseguinte, uma constante uniformidade de doutrina e entregar ao Marquês Pombal, no final de cada ano, uma relação fidedigna sobre o progresso dos estudos.

⁴³ Cf. anexo 2 - *Conta do Director Geral ao Conde de Oeiras, sobre o dicionário de latim (29-5-1760)*.

havia sido incumbida ao professor régio António Félix Mendes antes da nomeação do Director Geral dos Estudos, em 6 de Julho de 1759. Todavia, examinadas as primeiras letras, consideraram que “nao prestava para nada o que tinha feyto Antonio Felix”⁴⁴ e a tarefa ficou a cargo de Manuel Francisco da Silva, acabando a composição nas mãos de Pedro José da Fonseca⁴⁵, pois Manuel Francisco, desculpando-se com a dificuldade de tal empresa, apenas tinha composto até ao Ae-.

Cerca de dois meses depois, aquando da primeira carta de D. Tomás de Almeida sobre o progresso dos estudos, datada de 06-08-1760⁴⁶, a falta de livros é umas das questões mais persistentemente tratadas. D. Tomás de Almeida revela todas as consequências nefastas derivadas do facto de não haver dicionários e sugere, como solução provisória, a impressão de “hum dos Diccionarios antigos de Cardozo ou Barboza”:

Serão muyto mayores os progressos dos Estudos deste anno, se os Professores e descipulos tivessem o Diccionario Latino e portuguez do que fálão as *Instrucções* de vinte e oito de Junho do anno passado, em o §12, porque sem Diccionario, nem Mestres nem estudantes podem dar paço. Os Professores que sabem Francês tem com que se remedeem, porque uzão de Faciolati e de Fabro e de Danet; porem, os que o não sabem, estão inteiramente dezarmados. Porem, assim os que sabem a dita lingua como os que a não sabem, perdem muyto tempo que podião aproveitar em utilidade dos vassalos de V. Mag.^e, porque attendendo aos descipulos, que não tem por onde vejão os significados das vozes latinas, hé percizo passarem-lhes a lição, duas e três vezes e, por consequencia, vem a reduzir-se o tempo da lição a huma terça parte. Eu me vejo summamente aflito por este respeito, porque dezejando dezempenhar a minha obrigação por honra e consciencia, e applicar toda a minha actividade, a fim de dar bons vassalos a V. Mag.^e, bem instruhidos e em muyto menos tempo que antigamente se costumavão pôr habeis, vejo que, por falta deste socorro, se mal logrão, ao menos em huma consideravel parte, as mesmas diligencias e o meu dezejo; e não posso remediá-lo, porque nem devo tirar a quem estava encarregado para o fazer, antes do eu ser nomeado Director, nem tenho pessoas a quem dê huma incumbencia tão importante como esta, porque os Professores que podião fazê-lo, tem justa impossibilidade para o executarem, com seis horas de classe afectiva (sic) todos os dias, alem das que necessitão de estudar para a regencia da sua cadeira. E, como a necessidade pede remedio muyto prompto, me parecia que por

⁴⁴ Cf. anexo 3 - Fragmento do dicionário latim-português de António Félix Mendes, em borrão, com a letra A.

⁴⁵ Ainda que Pedro José da Fonseca tivesse iniciado o seu labor em meados do mês de Maio, a sua nomeação oficial para compor o dicionário só ocorreu em Novembro.

⁴⁶ Cf. anexo 4 - 1ª Conta (1759-1760), que S. Mag.^e ordena se lhe dê, do progresso dos Estudos no fim de cada anno (6-8-1760).

hora se podia acudir a ella, impremindo hum dos Diccionarios antigos de Cardozo ou Barboza e depois se cuidará no modo possivel de se fazer hum novo mais completo e exacto, em lugar da *Prozodia* abolida e justamente reprovada⁴⁷.

Pedro José da Fonseca era, claramente, a pessoa pretendida por D. Tomás de Almeida para empreender a composição do tão almejado dicionário. A carta para o Comissário da Madeira, Cónego Pedro Pereira da Silva, datada de 19-02-1761, em que D. Tomás de Almeida se justifica do facto de não satisfazer o pedido do envio de dicionários⁴⁸, comprova a sua fé na idoneidade do lexicógrafo:

Não vão Dicionários porque ainda os não há, porque havendo S. Mag.^e encarregado a alguma pessoa que o fizesse, antes de eu ser nomeado Director Geral dos Estudos, mostrou a experiência que a obra com que sahio, não tinha as circunstancias que herão precisas para o cazo e, passando para outra pessoa esta incumbência, depois de mezes de trabalho e já impressas folhas, foy S. Mag.^e servido encarregar a pessoa de outros negocios com que nao pode acabar a obra principiada. Neste tempo, achando-me eu já no emprego que occupo e devendo promover esta importante materia, mas não podendo decidilla só por mim, sem o consultar a S. Mag.^e, os importantissimos negocios do Governo me impossibilitarão até há muyto pouco tempo, poder alcançar rezolução do mesmo Senhor, a qual já consegui, e **encarreguei o emprego a pessoa que julgo dezempenhará muyto bem a sua obrigação**, mas não pode deichar ainda de levar tempo, para que esteja corrente para se publicar e ser remetido para essa Ilha, e não hã mais remédio que hirem remediando como puder ser, e como cá se tem feyto⁴⁹.

Duas cartas datadas de Novembro de 1760 com intervalo de oito dias, remetidas por Pedro José da Fonseca a Luís Francisco de Sousa – secretário da Directoria Geral – indicam que, por fim, a obra está a ser preparada. Na primeira, o dicionarista enumera as obras de que

⁴⁷ In Andrade, 1981: 362-365.

⁴⁸ Foram várias as vezes em que D. Tomás de Almeida se viu obrigado a informar que não havia dicionários: “Não vay *Diccionario* algum, porque ainda se não acabarão de imprimir. Bem sei a sua necessidade e grandissima falta que fazem e, pella conhecer, tenho aplicado todos os meynos necessarios em a sua composição e impressão, mas houve taes circunstancias nesta materia que deixarão inuteis, athé gora, as mais efficazes dilligencias que lhe appliquei; porem, na monção futura remeterei huma abundante copia delles”. *Carta para o Dezembargador Chanceler da Rellação de Goa (7-4-1761)* in Andrade, 1981: 417. “Ao Thezoureiro da Directoria ordenei remetese livros em abundancia para esse Estado, só não poderá ir *Diccionario*, porque ainda não há; porem se fica trabalhando nelle e logo que for acabado, na primeira monção que houver, será remetido”. *Carta para o Dezembargador Feliciano Ramos Nobre Morão, Ouvidor Geral do Pará (19-04-1761)* in Andrade, 1981: 421.

⁴⁹ In Lemos, 1998: 196.

precisa; na segunda, pede que seja desfeito um equívoco, visto que lhe haviam enviado a *Prosodia* antiga e não aquela em que trabalhava o Padre Caeiro⁵⁰.

A 17 de Abril de 1762 temos notícia, por meio de uma carta de D. Tomás endereçada ao Desembargador Chanceler da Relação de Goa, de que o dicionário “não está ainda acabado de imprimir, sem embargo de estar muito adiantado”⁵¹. A obra, que estava a ser impressa em duas tipografias devido à grande falta que fazia, apenas estaria disponível a partir de Agosto de 1762 por “outocentos reis cada volume em papel”.

1.1.2. Nomeação de professores régios

Entre as primeiras diligências de D. Tomás de Almeida situa-se o provimento de professores régios de gramática latina, retórica e grego. No dia 28 de Julho de 1759 publica um edital de convite aos interessados no magistério, que deveriam meter requerimento dentro de 6 dias ou 15, conforme os casos. O edital estabelecia como requisito fundamental que os candidatos fossem “ao mesmo tempo em vida, e costumes exemplares, e de sciencia, e erudição conhecida” e indica os dados que devem constar no requerimento:

[...] fação o seu requerimento declarando o que pertendem ensinar, a sua assistencia, e se tem já exercitado o Magisterio publico, ou particularmente, e o Bairro ou Ruas, em que o praticarão, para que, tirando-se as informações necessarias da vida e costumes de cada hum, e aproveitamento de seus discipulos, se os tiverem tido, se possa passar aos exames de capacidade e leitura, conforme a cadeira, que pertendem [...]⁵².

Com este edital, D. Tomás pretendia o provimento das cadeiras que se iriam estabelecer em Lisboa e no resto do país. Nos dois meses de Julho e Agosto de 1759, a sua

⁵⁰ Cf. 2. da parte I do Capítulo IV.

⁵¹ *Carta de D. Tomás endereçada ao Desembargador Chanceler da Relação de Goa* in Andrade, 1981: 447.

⁵² In Andrade, 1981: 98.

atenção centrou-se na abertura das escolas em Lisboa⁵³, que dotou com os primeiros professores régios⁵⁴.

O primeiro movimento de nomeação de professores régios foi iniciado com a primeira consulta, datada de 8-8-1759, onde afirma que, antes de avançar com o provimento dos professores, havia que recrutar examinadores que seleccionassem os mais aptos. Para tal, propunha que primeiramente fossem nomeados alguns Professores “de conhecida erudição e procedimento tão exemplar, que a prova incontestável destas qualidades que elles têm, supra bem a falta do exame”⁵⁵. Assim, estes examinariam todos os candidatos ao cargo de professor régio e, concluído este primeiro passo, não mais se repetiria a excepção, pois de acordo com o que está prescrito no Alvará e nas *Instruções* “qualquer dos que forem Professores Régios, ficão habilitados por V. Mag.^e para examinadores”.

Pedro José da Fonseca figurava, sem dúvida, na lista dos sete primeiros a serem nomeados professores régios com dispensa do exame de admissão em virtude da sua conhecida erudição. Não obstante a estreia na docência e a falta de publicações até àquele momento, recomendava-o a fama de douto.

Parese-me, pelas exactas informações que tenho tirado, assim do procedimento como da literatura, que são muito capazes de ensinar Rethorica, *Jozé Caetano de Mesquita*, egregio em virtudes e letras, e com hum geral opinião de todos os sabios, e *Pedro Jozé de Affonseca*, tambem de grande merecimento [...] Como parece e nomeyo para primeiros Professores Regios a Antonio Fellix Mendez; Manoel Pereira da Costa; Nicolao Scribot; Manoel Estevens Telles; Faustino de Abreu, pelo que pertence á Gramatica, com tresentos mil reis de ordenado cada hum delles, e mais cem mil reis para cazas. Pelo que toca às classes de Retorica, nomeyo a Jozeph

⁵³ No final de Agosto e seguintes, até ao fim do ano, só as três cidades de Coimbra, Porto e Évora foram providas de professores que se apresentavam e eram aproveitados (cf. Andrade, 1981: 129).

⁵⁴ O próprio Fonseca, num escrito autobiográfico, faz alusão a este privilégio: “Pedro José da Fonseca, Professor de Rhetorica em Lisboa, serve há vinte annos completos a Sua Magestade no exercicio da sua cadeira, tomando d’ella posse em Outubro de mil septecentos e cincoenta e nove. Foi promovido ao dito exercicio por especial graça de Sua Magestade sem preceder exame, e com esta circumstancia não existe em actual serviço outro algum professor da sua faculdade” (in Figueiredo, 1816: 32).

⁵⁵ Cf. *1ª Consulta de 1759, sobre os primeiros Professores para Lisboa: P. José Caetano de Mesquita, Pedro José da Fonseca, António Félix Mendes, Manuel Pereira, Nicolau Scribot, Manuel Estevens Teles (ex-jesuíta), P. Faustino de Abreu e Oratorianos (8-8-1759)* in Andrade, 1981: 100-102.

I. Pedro José da Fonseca e o contexto histórico-cultural

Caetano de Mesquita e a Pedro Jozeph da Fonseca, com os mesmos cem mil reis para cazas e tresentos e sincoenta mil reis de ordenado [...] Rey⁵⁶.

Para além deste despacho, o rei honrou este grupo com a chamada *Carta de Professor Régio*.

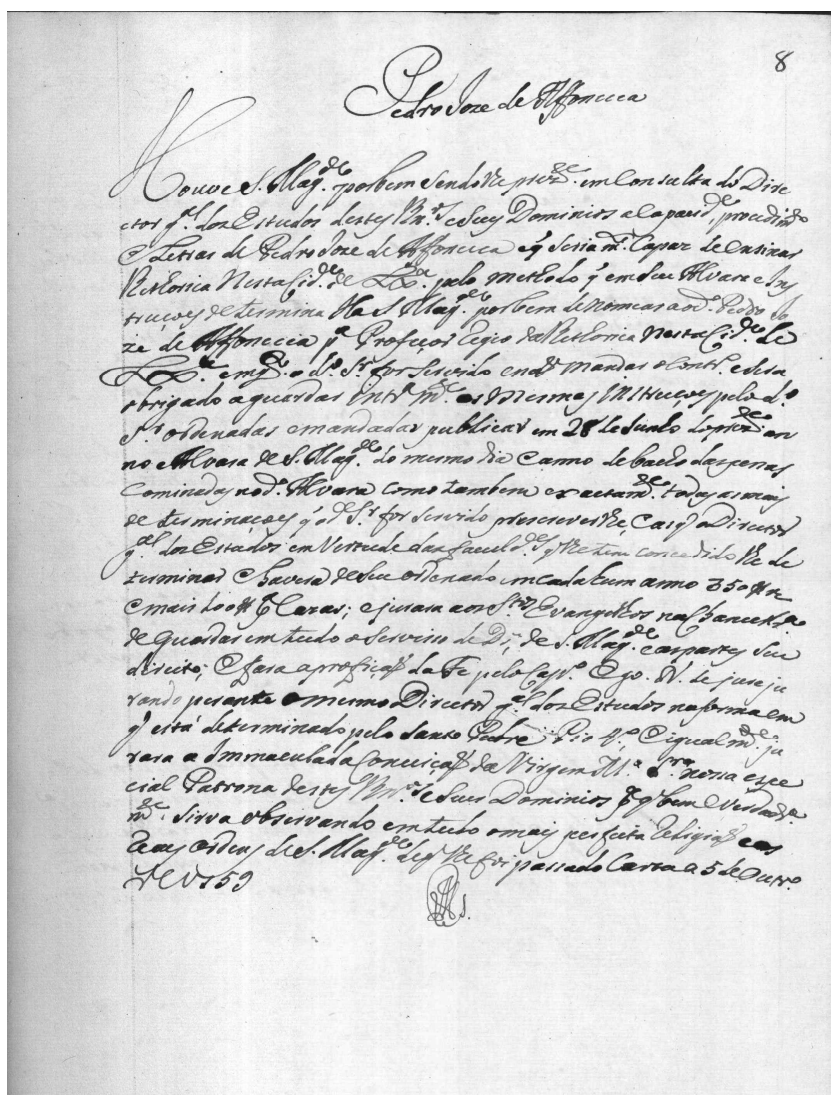


Figura 2

Carta de Professor Régio - Instituto dos Arquivos Nacionais – Torre do Tombo, Registo Geral de Mercês, D. José I, liv. 14, fl. 8.

⁵⁶ *Ibidem*: 101.

Houve S. Mag.^{de} por bem sendome presente em Consulta do Director Geral dos Estudos destes Reynos e seus Dominios, a capacidade, procedimento e letras de Pedro Jozé de Afonceca e que seria muito capaz de ensinar Rethorica nesta cidade de Lisboa pelo methodo que em seu Alvara e Instruções determina, he S. Mag.^{de} por bem de nomear ao dito Pedro Jozé de Afonceca para Profeçor Regio de Rethorica nesta cidade de Lisboa, emquanto S. Mag.^{de} for servido e não mandar o contrario. E sera obrigado a guardar inteiramente as mesmas instruções pelo S.^{or} ordenadas e mandadas publicar em 28 de Junho do presente anno, e Alvara do mesmo dia e anno, debacho das penas cominadas no dito Alvara, como tambem exactamente todas as mais determinações que S. Mag.^{de} for servido prescreverlhe e as que o Director Geral dos Estudos, em virtude das faculdades que lhe tem concedido, lhe determinar. Havera de seu ordenado, em cada hum anno, 350\$00 e 100\$00 para cazas e jurara aos Santos Evangelhos na Chancelaria de guardar em tudo o serviço de Deos, de S. Mag.^{de} e as partes seu direito; e fara a profiçãõ de Fe pelo capítulo *Ego N. de jure jurando*, perante o mesmo Director Geral dos Estudos na forma em que está determinado pelo Santo Padre Pio IV, e igualmente jurara a Immaculada Conceição da Virgem Maria Senhora Nossa especial Patrona destes Reynos e seus Dominios, para que bem e verdadeiramente sirva, observando em tudo a mais perfeita Religião e as reaes ordens de S. Mag.^{de} [...]

1.1.2.1. Pedro da Fonseca, professor régio de retórica

A nova legislação incidiu particularmente no método de ensino em detrimento dos conteúdos, visto que os dois diplomas programáticos da reforma (Alvará e *Instruções*) apenas contemplavam as disciplinas propedêuticas que já constavam dos programas antigos, não incluindo no seu recente articulado regulamentar o ensino do português, nem de qualquer língua viva. Porém, no que diz respeito à retórica, o novo quadro do programa do ensino secundário vai conceder-lhe maior prestígio e autonomia. O motivo da alteração vem expresso nas *Instruções*: “Não ha estudo mais util do que o da Rhetorica e Eloquencia, muito differente do estudo da Grammatica, porque esta só ensina a falar e a ler correctamente. A retórica ensina a falar bem; sistematiza o raciocínio, e, por conseguinte, ensina todos os meios e artificios para persuadir os animos e attrahir as vontades”⁵⁷.

⁵⁷ Cf. *Instruções para os professores de Grammatica Latina, Grega, Hebraica, e de Rhetorica, ordenadas e mandadas publicar por el Rey Nosso Senhor, para o uso das Escolas novamente fundadas nestes Reinos, e seus*

O estudo desta disciplina, considerado até então útil apenas para o “púlpito” e a advocacia, passara a ser entendido como indispensável para o exercício de qualquer profissão “de trato humano”, como é o caso do comércio. Desta feita, era necessário reestruturar o estudo desta “Arte que o mau método tinha reduzido a tropos e a figuras sem gosto e sem discernimento”⁵⁸.

Depois de instruídos na latinidade, os estudantes aprenderiam retórica, sendo-lhes dados os preceitos pelo livro das *Instituições* de Quintiliano. Após este primeiro passo, o professor entraria na explicação dos autores, servindo-se das *Orações* escolhidas de Cícero⁵⁹.

Estes eram alguns dos preceitos a que Pedro José da Fonseca deveria obedecer quando, aos 23 anos de idade, iniciou a sua actividade como docente de retórica no princípio da Calçada de Santana, entrando pelo Rossio. O apontamento biográfico⁶⁰ que se segue, escrito por ele próprio em 1780, fornece algumas informações acerca do seu magistério ao longo de 20 anos:

Pedro José da Fonseca, Professor de Rhetorica em Lisboa, serve há vinte annos completos a Sua Magestade no exercicio da sua Cadeira, tomando d’ella posse em Outubro de mil septecentos e cincoenta e nove. Foi promovido ao dito exercicio por especial graça de Sua Magestade sem preceder exame, e com esta circumstancia não existe em actual serviço outro algum professor da sua faculdade. Recitou na abertura da sua aula uma *Oração latina*, e a imprimiu, e nisto não tem da mesma sorte outro igual nos professores existentes debaixo da subordinação á Real Meza Censoria. O methodo de ensinar Rhetorica era entre nós extranho e desconhecido, de modo que foi elle inteiramente o creador da sua aula, por mais não dizer, visto que o da sua passou a ser quasi geral. E o crear logares de letras sempre mereceu remuneração de Sua Magestade, como se praticou com o doutor Manuel Francisco da Costa, sócio do sobredito professor. Qual haja sido o desempenho das suas obrigações, pode constar averiguando-se. Um anno inteiro por occasião de passar o professor José Caetano de Mesquita para o Collegio dos Nobres, e o professor Francisco de Sales para o Bairro-alto do de Alfama, foi elle quem

Dominios. Lisboa, Na Offic. De Miguel Rodrigues, Impressor de Eminentissimo Senhor Cardial Patriarca. MDCCCLIX.

⁵⁸ Cf. *Ibidem* § I, *Rhetorica*, p. 13.

⁵⁹ Cf. *Ibidem* § III, § IV e V *Rhetorica*.

⁶⁰ Este autógrafo de Pedro José da Fonseca foi encontrado juntamente com outros papéis, aquando da sua morte, por Francisco Coelho de Figueiredo. Figueiredo agregou todos esses papéis ao seu folheto laudatório intitulado *Agradecimento de hum homem á memoria de outro homem virtuoso, sabio e filosofo* e entregou tudo na “Livreria pública de Lisboa”, como comunica nesse louvor. Hoje podemos encontrar o conjunto desses escritos na Biblioteca Nacional, cota H.G. 15049//11 P. (encadernado com outros).

teve o peso do ensino de rhetorica em toda Lisboa. O numero dos seus discípulos sempre excedeu o de cada uma das outras aulas da referida corte, e ás vezes o de todas ellas juntas. E quando Sua Magestade se serviu fazer nomeação de professores de Rhetorica para todo o reino, os seus discípulos approvados se avantajaram igualmente em numero aos de todos os mais professores. Rarissimo tem sido o exame desde a instituição das novas cadeiras, que elle não haja feito. E em todo o largo decurso dos ditos vinte annos nunca teve, nem requereu substituto á custa da real fazenda, senão por espaço dos dous últimos mezes da presidência do Bispo de Beja, que o destinára a outro trabalho do serviço do publico. Nesta particularidade se suppõe elle unico. Foi por conclusão o primeiro, que fez Actos de Rhetorica, em que se permittio a qualquer pessoa poder perguntar. Isto quanto á satisfação da sua Cadeira [...] ⁶¹.

Atendendo à escassez de dados biográficos acerca desta personagem, poderíamos recorrer a este registo para traçar a sua figura enquanto pedagogo e filólogo. No entanto, aquilo que narra nem sempre condiz com a realidade descrita na correspondência que informa sobre o progresso dos estudos no quadro da reforma.

Fonseca qualifica-se como sendo o mestre singular de retórica, o criador absoluto do método de ensinar essa disciplina, quando sabemos que havia colegas seus que ensinavam retórica ao mesmo tempo. Não é certo que o “methodo de ensinar rhetorica era entre nós extranho e desconhecido”, mas podemos aceitar que “foi elle inteiramente o creador do da sua aula”, e não é fácil ter conhecimento até que ponto, “o da sua” terá passado “a ser quasi geral”.

Afirma, ainda, que “quando Sua Magestade se serviu fazer nomeação de professores de Rhetorica para todo o reino, os seus discípulos approvados se avantajaram igualmente em numero aos de todos os mais professores”. A afirmação não pode ser contestada ou confirmada, pois não possuímos dados numéricos, mas o testemunho do Director Geral (2ª Conta sobre o progresso dos estudos, datada de 07-09-1761), enquanto louva os alunos de Caetano de Mesquita, declara a respeito de Fonseca:

Do professor da mesma arte, Pedro Jozé de Affonseca não se pode alcansar o mesmo fim, porque todos os estudantes do primeiro anno, no fim delle se forão do Estudo, huns para as Religiões e outros para Coimbra, e hé certo que em hum só anno se não pode adquirir o que hé precizo para o magisterio, e este Professor tem estado todo este anno occupado, compondo o Dicionario, de forma a que, muito poucas vezes, tem hido à aula e tem esta sido substituhida por alguns dos descipulos de Jozé Caetano, e por

⁶¹ In Figueiredo, 1816: 32-33.

este motivo, os discipulos daquela aula não fizerão este anno os exercicios publicos que V. Mag.^e ordena, e os não obriguey a fazellos, porque havendo posto na real prezença de V. Mag.^e, a necessidade que havia de Dicionario e que o dezejava encarregar a este Professor, pelo achar muito capaz deste emprego, o houve V. Mag.^e assim por bem, e por ser esta utilidade muito mayor, e muito mais perciza para os progressos dos estudos, a perferi aos actos e exercicios publicos [...] ⁶².

Por estas palavras D. Tomás justifica a pouca aplicação de Pedro da Fonseca à docência de retórica e informa sobre a sua falta de assiduidade às aulas por se encontrar a compor o dicionário. No entanto, este havia escrito na nota autobiográfica que “nunca teve, nem requereu substituto á custa da real fazenda, senão por espaço dos dous últimos mezes da presidência do Bispo de Beja”, isto é, no segundo período da reforma.

Sabe-se também que os conhecimentos dos seus discípulos, que se apresentavam ao exame de admissão à Universidade de Coimbra, foram alvo de repreensões. No dia 16 de Outubro de 1769, o Comissário coimbrão Mendes da Costa, ao dar notícias do início do novo ano escolar e do andamento dos estudos, queixa-se da má preparação dos alunos de Pedro José da Fonseca, afirmando que mandava os estudantes com certidão, sem terem os conhecimentos exigidos.

Todavia, outros testemunhos há que levam a crer que estes malogros profissionais foram apenas consequências da urgência do dicionário que Fonseca elaborou enquanto se estreava no magistério. Vale a pena ler estes apontamentos relativos à actividade de Pedro da Fonseca como docente. O primeiro trata-se de um parecer da Real Mesa Censória a propósito de Francisco José dos Santos Marrocos pretender substituir Pedro José da Fonseca nas suas funções de professor de retórica. O segundo é um panegírico redigido por ocasião da homenagem aos sócios da Academia Real das Ciências de Lisboa falecidos no ano de 1816.

Parece á Mesa que o supplicante não está nos termos de obter a graça que pretende; tanto por não ser Professor Régio, que o habilite para reger esta cadeira, a mais acreditada d'esta corte; como porque, ainda devendo-se prover em substituição, vistas as moléstias do proprietario della *Pedro José da Fonseca*, que a tem servido por espaço de mais de trinta annos com tanto credito, não tem o supplicante todo o talento necessario para occupar esta substituição [...] ⁶³.

⁶² Cf. 2ª Conta/61 do Director Geral dos Estudos (7-9-1761) in Andrade, 1981: 426-430.

⁶³ In Ribeiro, 1872: 100.

No tocante a Pedro José da Fonseca, de quem fora discípulo o academico orador, disse este, que toda a longa vida do illustre humanista fôra empregada no ensino da mocidade, e em compor obras para a instrucção d'esta. «Tive a fortuna, acrescentou elle, de ser seu discipulo; e affirmo, que tendo tido depois tantos mestres, nunca encontrei um só, que desempenhasse melhor as obrigações das suas respectivas cadeiras. Era incançavel o seu desvelo para o adiantamento dos seus discipulos; e era, sem se poder exceder, tão admiravel a sua digna urbanidade para com elles, que todos o amavam e respeitavam» [...]»⁶⁴.

2. Entrega dos estudos à Real Mesa Censória (1771)

2.1. Panorama depois da reforma

O alvará de 4 de Junho de 1771 comete à Real Mesa Censória toda a administração e direcção dos estudos, tendo assumido a presidência deste tribunal o Bispo de Beja, D. Manuel do Cenáculo Vilas Boas (1724-1814).

[...] em beneficio da educação e instrucção da mocidade de huma vasta, continua e vigilante applicação, a qual como tem mostrado a experiência de todos os tempos, não podendo caber nas forças de huma só pessoa, necessita precisamente de huma corporação, cujos membros cooperem todos, com zelo e actividade, ao referido fim do progresso e adiantamento dos estudos, sou servido cometer à Real Mesa Censoria, toda a administração e direcção, não só o Real Collegio dos Nobres, mas todos e quaisquer outros collegios e magisterios que eu for servido mandar erigir [...] Escrito no Palacio de N^a S^a da ajuda em 4 de Junho de 1771. Rey. Marquês de Pombal⁶⁵.

A Real Mesa Censória deveria observar, para além dos alvarás até então expedidos, a carta de lei de 6 de Novembro de 1772. Por este documento legislativo criou o soberano todas as escolas públicas e nomeou os respectivos mestres segundo o plano que lhe apresentara a Mesa Censória. O objectivo consistia não só no alargamento da rede escolas de ensino

⁶⁴ In Ribeiro, 1872: 235-236.

⁶⁵ Cf. *Alvará de entrega da direcção dos Estudos, incluindo o Colégio dos Nobres à Real Mesa Censória (4-6-1771)* in Andrade, 1981: 599.

secundário (estudos menores) e primário, mas também no estabelecimento de um novo articulado regulamentar que corrigisse ou, pelo menos, atenuasse as imperfeições do sistema educativo.

Entre outros ditames⁶⁶, ordenava-se que “os estudantes que frequentassem as escolas menores com o fim de irem estudar as sciencias na Universidade, deviam cursar um anno de philosophia racional e moral”⁶⁷. Pelo *Mapa de Professores e Mestres das Escolas Menores e das terras em que se acham estabelecidas as suas Aulas e Escolas neste Reino de Portugal e seus Dominios*, somos informados de que abriam 28 aulas de Filosofia. No entanto, os alunos que ficavam obrigados ao estudo de filosofia eram poucos, uma vez que a maioria das escolas criadas destinavam-se a difundir conhecimentos rudimentares de ler e escrever.

Neste contexto de reorganização dos estudos teve igualmente lugar a reforma da Universidade de Coimbra, previamente architectada por uma obra marcadamente anti-jesuíta, publicada em 1772 e intitulada *Compêndio Histórico do Estado da Universidade de Coimbra no tempo da invasão dos denominados Jesuítas e dos estragos feitos nas ciências e nos professores e directores que a regiam, pelas maquinações e publicações dos novos Estatutos por eles fabricados*. Nesse mesmo ano foram suspensos os antigos Estatutos e publicados os novos, que depois seriam complementados no início do reinado de D. Maria I, em 1779.

Logo após a promulgação dos estatutos da Universidade de Coimbra decorreu a remodelação dos estudos nas ordens religiosas, com especial destaque para a abolição da filosofia escolástica e da teologia. Os primeiros a obedecerem à ordem régia de adaptarem os estatutos universitários aos estudos dos próprios institutos religiosos foram os frades da Ordem Terceira de São Francisco, seguindo-se-lhes os Beneditinos, os Eremitas de S. Paulo, os Carmelitas Calçados, os Trinitários, os Monges de S. Jerónimo e os Bernardos. No essencial todos se modernizaram e a obediência era total, mas, considerando que a reforma fora aplicada mais por desígnios políticos que pedagógicos, numa atitude de submeter o poder eclesiástico ao poder estatal, a reacção iria mudar com o novo governo.

⁶⁶ José Silvestre Ribeiro apresenta a lista das principais regras determinadas na carta de lei de 6 de Novembro de 1772. Cf. *Historia dos estabelecimentos scientificos, literarios e artisticos de Portugal*, Lisboa, 1871, tomo I: pp. 220 e ss.

⁶⁷ In Ribeiro, 1871: 221.

Pouco tempo depois da ascensão de D. Maria I ao poder, já a Mesa Censória propunha que os estudos menores fossem entregues ao cuidado das corporações religiosas. A rainha julgara por bem aproveitar os conventos para o ensino da mocidade, tendo ordenado ao superior de cada convento que apresentasse três pessoas capazes de ensinar, ficando, no entanto, submissos à Real Mesa Censória. Assim, a 12 de Janeiro de 1779 era formada uma lista que apresentava a reorganização dos estudos menores em todo o país⁶⁸. Em Lisboa, o ensino ficou entregue às seguintes instituições religiosas: Convento de Nossa Senhora de Jesus, da Ordem Terceira de S. Francisco; Convento da Nossa Senhora da Graça, dos Eremitas de Santo Agostinho; Convento de S. Pedro de Alcântara, dos Arrábidos e, por fim, Convento de S. Domingos, da Ordem dos Pregadores. Sabemos, pelas notícias de José Silvestre Ribeiro⁶⁹, que neles leccionaram Retórica os professores Pedro José da Fonseca, Francisco de Sales e Nicolau Tolentino de Almeida.

No período após a reforma, para sermos mais precisos, no reinado de D. Maria, merece registo a fundação de diversos estabelecimentos relevantes para o avanço científico e cultural do país, nomeadamente: a Academia Real de Marinha de Lisboa; a Academia Real dos Guardas Marinhas; a Aula de debuxo e de desenho; a Aula de Náutica; a Academia Real das Ciências de Lisboa; as escolas para meninas; a Academia Real de Fortificação, Artilharia e Desenho; e a Aula de Diplomática no Real Arquivo da Torre do Tombo, entre muitos outros. Trataremos aqui, em especial, da criação da Academia Real das Ciências de Lisboa e de um outro estabelecimento, já fundado no reinado de D. José, o Colégio dos Nobres, duas instituições de extrema importância no percurso de vida do nosso ilustre lexicógrafo e pedagogo.

⁶⁸ *Lista das terras, conventos, e pessoas destinadas para professores de philosophia racional, rhetorica, lingua grega, grammatica latina, desenho, mestres de ler, escrever e contar, como tambem dos aposentados nas suas respectivas cadeiras* in Ribeiro, 1872: 3.

⁶⁹ Cf. Ribeiro, 1872: 4.

2.2. Funções de Pedro da Fonseca

2.2.1. Real Colégio dos Nobres

Com a expulsão da Companhia de Jesus de todo o território português, em 1759, foi extinto um dos mais importantes estabelecimentos jesuítas, a Casa do Noviciado da Cotovia, onde Marquês de Pombal instalou, no dia 19 de Março de 1766, o Real Colégio dos Nobres. A sua criação insere-se num período em que se assistiu na Europa a uma reforma do ensino e, em particular, a uma maior preocupação com a educação da nobreza, circunstâncias que decorreram das novas concepções do iluminismo. Quase todos os pedagogos iluministas – entre nós podemos citar Martinho Mendonça (1693-1743), António Verney e Ribeiro Sanches – programavam a educação dos nobres com o intuito de preparar a classe de onde haviam de sair os elementos dirigentes da vida do estado. Entendia-se que a função da nobreza já não era a da guerra, nem a da vida palaciana e que esta deveria conquistar o respeito público e os lugares distintos pela sua instrução e pelas suas qualidades morais. O desígnio de instruir os nobres não era um desvelo solicitado por uma categoria privilegiada de indivíduos; era uma prevenção dos pedagogos contra os perigos que poderia representar socialmente uma mocidade nobre com os seus excessos e caprichos:

Os colégios de Nobres (referimo-nos aos que foram criados no século XVIII sob o influxo do iluminismo) foram organismos destinados a refrear as veleidades, os destemperos, os excessos da nobreza, sujeitando os moços fidalgos a regras de comportamento que, de maneira geral, a educação no seio das suas famílias não estava em condições de poder ministrar⁷⁰.

O Colégio dos Nobres viveu duas fases bem distintas: a primeira⁷¹, de 1761 (ano da publicação dos seus estatutos) até 1772 (em que nele foi abolido o ensino científico), e a segunda, desde esta última data, até 1837, em que foi mandado encerrar. O nosso estudo

⁷⁰ Carvalho, 1959: 12.

⁷¹ “O primeiro período da sua existência (que, realmente só começa em 1766, data da abertura solene do Colégio), foi todo consumido em tentativas frustradas de organização até se ganhar a certeza da sua inutilidade segundo a estrutura que se lhe dera. Consideremos este período, de 1761 a 1772, como um estado provisório de procura de equilíbrio, e, portanto, de certo modo, como fase preparatória, embora o seu legislador a ideasse como definitiva” (Carvalho, 1959: 9).

incidirá na segunda fase de existência do colégio, especificamente a partir de 1779, ano de nomeação de Pedro José da Fonseca para leccionar retórica neste estabelecimento.

Quando abria uma vaga para leccionar alguma cadeira, surgiam imediatamente vários requerentes à Real Mesa Censória, expondo o desejo de serem nomeados. Depois de ouvido o Real Colégio, era dado parecer⁷² que subia ao rei, o qual decidia. Assim sucedeu em 12 de Novembro de 1779. A Real Mesa anunciava que estavam vagas as cadeiras de língua latina e retórica, sendo necessário “darem providências no que dizia respeito ao provimento destas cadeiras”⁷³. Para a cadeira de retórica, devido à doença do professor respectivo, o estrangeiro Lourenço Olivieri, é nomeado Pedro José da Fonseca, “um dos melhores e mais singulares professores que se encontram na corte e que tem desempenhado com manifesta distinção os seus deveres, já no ensino de muitos e excelentes discípulos, já na composição de várias e admiráveis obras, com que tem enriquecido o público, fazendo-se útil á nação”⁷⁴.

Manuel Busquets de Aguilar, o mais bem documentado autor no que diz respeito a notícias de interesse pedagógico desta instituição de ensino, apresenta um quadro sistematizado dos professores que passaram pelo colégio desde 1764 até 1830. Informa, de igual modo, acerca das disciplinas que leccionaram, das datas de nomeação e aposentação e dos respectivos ordenados. A leitura dessa relação indica que as nomeações eram uma espécie de contrato e que os ordenados eram muito irregulares, variando de professor para professor. O ordenado de Pedro da Fonseca era de 450\$000, uma quantia bastante satisfatória, atendendo a que este professor se encontrava entre os três professores portugueses mais bem pagos. Em termos percentuais, 70% dos professores deste colégio tinham um ordenado abaixo do de Fonseca, com uma média de vencimento à volta dos 280\$000. Estes ordenados eram pagos pelo cofre do subsídio literário⁷⁵, devendo requerer esse pagamento à Mesa da comissão geral sobre o exame e a censura de livros⁷⁶.

⁷² Afirma Manuel Aguilar que “esses pareceres da Real Mesa Censória eram notáveis pelo bom senso e estudo minucioso das pretensões” (Aguilar, 1935: 61).

⁷³ Aguilar, 1935: 61.

⁷⁴ In Aguilar, 1935: 62.

⁷⁵ Portaria de 23 de Julho de 1792. Cf. Ribeiro, 1872: 100.

⁷⁶ A denominação da Real Mesa foi modificada pela carta de lei de 21 de Junho de 1787, que passou a Real Mesa da comissão geral sobre o exame e censura de livros.

A resolução régia de 15 de Abril de 1766 determinou que os professores que faltassem às aulas fossem multados no dobro dos seus principais vencimentos. Pela segunda vez no quádruplo dos vencimentos e pela terceira seriam privados dos cargos. Sendo por motivo de doença, podiam apresentar substituto.

Fonseca leccionava retórica, poética e lógica todas as manhãs⁷⁷. À semelhança das aulas de língua grega e de filosofia⁷⁸, as aulas de retórica terminavam a 31 de Julho e iniciavam a 1 de Outubro, ficando o professor livre das suas actividades de docente nos meses de Agosto e Setembro, por ocasião das férias dos colegiais.

O professor deveria regular o seu método de ensino pelo que havia sido estabelecido nas *Instrucçoens* e nos estatutos⁷⁹ do Colégio, incluídos na carta de lei de 7 de Março de 1761 que o criou. Relativamente ao ensino da Retórica, estes estatutos acrescentavam à lei⁸⁰ de 28 de Junho de 1759 o dever do professor de facultar aos seus discípulos uma noção de lógica, explicitando os princípios elementares de uma argumentação sólida. A informação de 30 de Outubro de 1766 da Real Mesa acrescenta a este respeito: “Antes de começar o ensino da retórica, dará o professor uma noção de lógica, ocupando o tempo desde Outubro a Dezembro”⁸¹. As indicações dadas nesta informação da Real Mesa permitem visualizar o plano diário do trabalho de Fonseca no ensino. Assim, Pedro José da Fonseca terá iniciado os anos lectivos a ensinar lógica até Dezembro, servindo-se das seguintes obras de Cícero: *Obrigações Civis*, *De Iuventione* e *De Oratore*. Em Janeiro introduziria o ensino da retórica, fornecendo indicações genéricas a partir dos livros das *Institutiones* de Quintiliano. De seguida, empregaria uma hora, todas as manhãs, para a composição dos temas. Para não terminar o estudo da retórica sem conhecer bem a poesia, destinaria uma hora na manhã de um dia de cada semana para os alunos se exercitarem na composição de versos, sendo Virgílio o autor latino a seguir. As quartas-feiras de manhã seriam empregues unicamente em construir

⁷⁷ No Inverno, as terças-feiras de manhã e as sextas-feiras de tarde eram feriados, para que os colegiais pudessem estudar dança, cavalaria e esgrima. Por resolução de 6 de Março de 1780, determinou-se que a aula de retórica fosse de manhã e a de grego à tarde. Antes desta data, a aula de retórica era todas as tardes, das 14 às 16:30 horas, no Inverno, e das 14:30 às 17 horas, no Verão.

⁷⁸ As aulas de latim, francês, italiano e inglês apenas terminavam a 31 de Agosto.

⁷⁹ *Estatutos do Collegio Real de Nobres da Corte e da Cidade de Lisboa*. Lisboa: Na Officina de Miguel Rodrigues, 1761.

⁸⁰ Cf. o ponto 1.1.2.1. do presente capítulo. Aí são apresentadas, *grosso modo*, as normas prescritas nas *Instrucçoens* para reger o ensino da retórica.

⁸¹ In Aguilar, 1935: 13.

Tito Lívio, de modo a conhecer este autor e a História romana. Aos sábados fazia uma revisão das lições dadas durante a semana e obrigaria os colegas a repetir de cor uma oração de Cícero.

Esta terá sido, certamente, a trajectória de Fonseca enquanto docente no Colégio dos Nobres, pois a sua liberdade para alterar métodos e horários estava bastante condicionada pelas frequentes visitas de surpresa, às aulas, do reitor, do vice-reitor e do prefeito dos estudos.

Esta instituição de ensino onde Pedro da Fonseca leccionou era considerada pelo rei como a mais importante para o progresso do país. Estabelecida num dos mais sumptuosos edifícios da época, os seus professores ganhavam avultados ordenados e os colegas⁸² eram recebidos no paço em todas as solenidades régias. Porém, conclui Galvão Telles, num estudo sobre os alunos que frequentaram este estabelecimento:

[...] o número de alunos ao longo da sua existência foi reduzido, o que sem dúvida evidencia o insucesso desta instituição. Uma média de admissões na ordem dos 6,1 alunos por ano mostra bem a pouca expressão que o Colégio logrou alcançar no panorama do ensino nacional⁸³.

A existência do Colégio terá começado a ser particularmente ameaçada com a revolução de 1820, pois como escola privilegiada não tinha razão de ser perante os princípios liberais. Todavia, apenas em 1836, com a revolução de Setembro que levou ao ministério do reino Passos Manuel, foi nomeada uma comissão encarregada de elaborar um plano de reformas para o Colégio, que, pela lei de 4 de Janeiro de 1837, acabou por decretar a sua extinção⁸⁴.

⁸² Os colegas eram filhos de nobres titulares mais antigos ou recém-nobilitados, de altos magistrados ou de políticos, de importantes comerciantes elevados à categoria de fidalgos, provenientes das diversas regiões do país ou do império.

⁸³ Telles, 2006: 105.

⁸⁴ No ano da extinção do colégio, ficou instalada, no antigo edifício do colégio, a Escola Politécnica, a qual, após um terrível incêndio que deflagrou no dia 22 de Abril de 1843, foi reconstruída e deu origem a um dos melhores laboratórios europeus de investigação e ensino da época, o Laboratório e Anfiteatro de Química. Com a reconstituição da Universidade de Lisboa, em 1911, este espaço foi substituído pela Faculdade de Ciências, que um violento incêndio viria a destruir no dia 18 de Março de 1978. Pelo decreto-lei nº 146/85, de 8 de Maio, foi criado o Museu de Ciência da Universidade de Lisboa que ainda hoje ali se pode observar.

2.2.2. Academia das Ciências de Lisboa e colaboração no *Diccionario*

O maior acontecimento cultural no reinado de D. Maria I, além da fundação da Biblioteca Nacional de Lisboa, foi a criação da Academia das Ciências, a 24 de Dezembro de 1779, por acção concertada do 2º Duque de Lafões, João Carlos de Bragança e Ligne de Sousa Tavares Mascarenhas da Silva (1719-1806), do Abade José Francisco Correia da Serra (1750-1823), do 6º Visconde e 1º Conde de Barbacena, Luís António Furtado de Castro do Rio de Mendonça e Faro (1754-1830) e de Domingos Vandelli (1730-1816). O propósito destes ilustres homens consistia em instituir em Portugal, à semelhança das restantes nações europeias, uma corporação científica e literária que se consagrasse ao desenvolvimento da instrução em todos os ramos dos conhecimentos humanos.

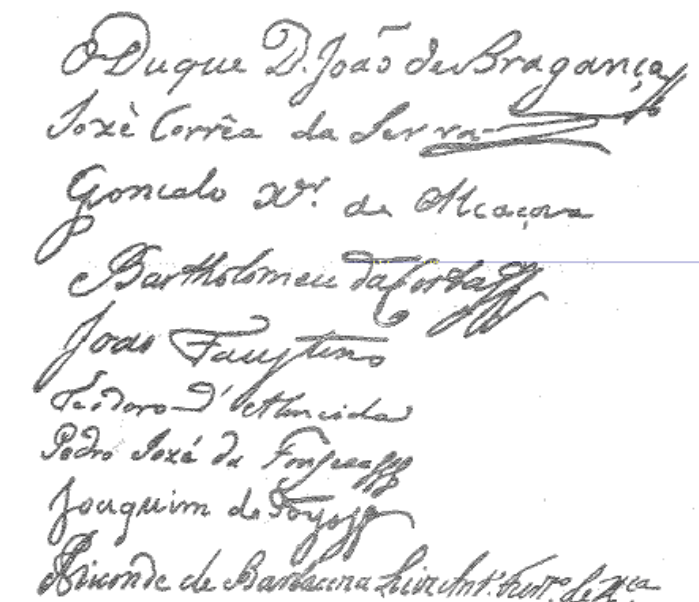
Aprovados os seus estatutos a 24 de Dezembro de 1779, a Academia celebrou a sua primeira sessão particular com os sócios fundadores, entre eles Pedro José da Fonseca, a 16 de Janeiro de 1780, com o objectivo de proceder à eleição dos sócios efectivos que faltavam para completar o número estabelecido no plano dos Estatutos e distribuí-los pelas três classes nele consagradas.

Os Estatutos determinavam a composição da Academia em três classes, Ciências Naturais, Literatura e Belas Letras, com 24 sócios efectivos⁸⁵, 8 em cada uma das classes. Evidentemente, Pedro da Fonseca integraria a terceira classe, a das Belas Letras, juntamente com o Duque de Lafões, Joaquim de Fóios, o Conde de Tarouca, o Principal de Mascarenhas, D. Miguel de Portugal, Gonçalo Xavier de Alcaçova e António Pereira de Figueiredo.

Cumpridos os motivos pelos quais se tinham reunido, “Deu-se a conferencia por acabada, e para que tudo o referido constasse, para se executar como fora rezolvido, se lavrou este Termo assignado por todos. Palácio de N. Sr.^a das Necessidades. 16 de Janeiro de 1780”⁸⁶.

⁸⁵ Para além destes, também integrariam esta corporação os sócios honorários, estrangeiros, livres e correspondentes, sem número determinado.

⁸⁶ Aires, 1927: 19.



Duque D. João de Bragança
José Corrêa da Serra
Gonçalo de Almeida
Bartholomeu da Fortaleza
João Faustino
Theodoro de Almeida
Pedro José da Fonseca
Joaquim de Barros
Visconde de Barbacena

Figura 3

Reproduzido em Aires, 1927: 19.

É interessante notar que a acta desta sessão foi assinada apenas por oito sócios, entre eles, Pedro José da Fonseca. A última assinatura é a do Visconde de Barbacena, o secretário.

Na sessão de 19 de Janeiro foi eleito para o lugar de Presidente o Duque de Lafões, que ocupou este cargo até à morte. Na sessão do dia 30 do mesmo mês e seguintes sessões, prosseguiu-se com novas eleições de sócios. Encontrando-se a Academia totalmente constituída, “pediu ser admittida a beijar a mão da sua Augusta Protectora, o que se verificou no dia 20 de Junho de 1780”⁸⁷.

A 4 de Julho de 1780 teve lugar a sessão pública inaugural que teve início com a Oração de abertura do Pe. Theodoro de Almeida, seguindo-se-lhe a leitura dos Estatutos e da lista dos membros da Academia. Após estes actos protocolares, deu-se voz ao sócio José Joaquim Soares de Barros, que anunciou novas reflexões sobre o movimento progressivo da luz pelos espaços celestes, e ao sócio Pedro José da Fonseca que “participou tão bẽ ao Publico

⁸⁷ Aires, 1927: 20.

a composição do Diccionario da Lingoa Portuguesa, lendo a introdução ao Plano, que para este fim tinha formado”⁸⁸:

Desejando cooperar, quanto deixa permittilo a minha tenue possibilidade, para os gloriosos intentos, em que se firma o novo estabelecimento da Academia das Sciencias de Lisboa, nada tão conforme ao espirito de patriotismo, que singularmente a anima, me occorreo lhe poderia apresentar no fautissimo dia da sua Abertura, como a Planta sobre que houvesse de se formar o Diccionario da Lingoa Portuguesa, que a mesma Academia determina fazer. A parte, que me cabe de honra, sendo hum dos nomeados para esta ardua composição, he tambem outro motivo, que a isso me conduz. Espero pois que a Academia nesta consideração me conceda favoravel aquella indulgencia, de que ao certo muito necessittará offerta de preço, póde ser, extremamente baixo; por quanto proprio he de hum tão sabio, e por todos os titulos esclarecido Congresso estimala, não já pelo valor, mas sim pela tenção, com que se lhe dirige⁸⁹.

A composição de um dicionário da língua portuguesa que “firmasse em geral no idioma patrio, pela auctoridade dos nossos melhores escriptores, a differença dos significados em seus vocabulos, a variedade de seus usos, as suas syntaxes, phrases, anomalias e elegancias”⁹⁰ foi um dos primeiros trabalhos de que a Academia se ocupou. No dia 24 de Novembro de 1780 foi feita a primeira junta sobre a composição do dicionário com os membros da dita comissão, para a qual havia sido eleito director, a 28 de Junho de 1780, Pedro José da Fonseca. Nela foram aprovados todos os artigos que constavam do plano oferecido pelo lexicógrafo no dia da sessão inaugural da Academia.

No conjunto das notícias sobre a Academia das Ciências, mencione-se, ainda, a fundação, em 1780, da tipografia desta corporação científica. Destinada exclusivamente às publicações da corporação ou às apresentadas pelos seus sócios, esta tipografia teve como director Pedro da Fonseca, que, por motivos de doença, abdicou do cargo em 1791, ano em que passou a ser administrada pelo guarda-mor Alexandre António das Neves⁹¹.

⁸⁸ *Ibidem*: 21.

⁸⁹ “Planta para se formar o Diccionario da Lingoa Portuguesa, offerecida á Academia Real das Sciencias de Lisboa, na sessão pública de 4 de Julho de 1780, e approvada pela mesma academia em conferencia particular de 24 de Novenbro do ditto anno” (*Diccionario da Lingoa Portuguesa*, 1993 (1793): I).

⁹⁰ Ribeiro, 1872: 271.

⁹¹ Cf. *Breve Noticia da Typographia da Academia Real das Sciencias de Lisboa* (1888: 1).

do VII. e CX. Senhor Visconde de Barbacena beija as mãos seu menor criado Pedro José da Fonseca, e dezoja, como deve, á Sua Ex.^a todas as maiores felicidades, participando igualmente ao mesmo Senhor, que por cauza da sua molestia lhe he necessario, logo que o tempo o permitta, ir para fora da terra, pelo que não pode continuar com o cuidado da Officina Typographica da Real Academia. E assim pede á Sua Ex.^a a merce de o fazer saber á Academia, para que esta nomeie com brevidade quem tome a si o referido cuidado, e receba delle as lembranças pertencentes á dita Officina. O balance do anno passado está pronto, e como visto de Sua Ex.^a será entregue no dia da conferencia, que para isso se determina, ou a qualquer pessoa, que pela Academia for incumbido para tomar estas contas; e em tudo fica segundo sua obrigação gratissima a elle, decto dos tempos precedentes de Sua Ex.^a

Figura 4

Excerto do Processo Académico de Pedro José da Fonseca, Academia das Ciências de Lisboa

Ao Ill^{mo} e Ex^{mo} Senhor Visconde de Barbacena beija as mãos seu menor criado Pedro José da Fonseca, e dezoja, á Sua Ex.^a todas as maiores felicidades, participando igualmente ao mesmo Senhor, que por cauza da sua molestia lhe he necessario, logo que o tempo o permitta, ir para fora da terra, pelo

que não pode continuar com o cuidado da Officina Typografica da Academia. E assim pede a sua Ex.^a a merce de o fazer saber a Academia, para que esta nomeie com brevidade quem tome a si o referido cuidado, e receba delle as lembranças pertencentes á dita Officina. O balanço do anno passado está pronto, e como avizo de Sua Ex.^a será entregue no dia ou conferencia, que para isso se determinar, ou a qualquer pessoa, que pela Academia for incumbida para tomar esta conta; e em tudo fica segundo sua obrigação prontissimo a obedecer aos honrosos preceitos de sua Ex.^a

A 27 de Março de 1790, Pedro da Fonseca é eleito Sócio Veterano, entidade que o plano dos estatutos não consagrava. Porém, o assento de 30 de Janeiro de 1789 tinha determinado que em cada uma das classes houvesse dois lugares de veteranos, que “deviam ser tirados da ordem dos effectivos e ter servido a academia por muito tempo e com decidido prestimo”⁹². Este título concedia-lhe o direito de gozar certas prerrogativas que como sócio efectivo não possuía: desobrigação da assistência às assembleias; usufruto de todas as preeminências e direito de voto; primazia em relação a todos os outros sócios da sua classe; direito a presidir a sua classe, pela sua ancianidade e merecimento.

Em 1793 a Academia Real das Ciências de Lisboa publica o 1º tomo (*A-Azurrar*) do *Diccionario da Lingua Portugueza*, impresso na oficina tipográfica da mesma academia.

Muitos foram os problemas que dificultaram a execução do projecto desta obra. O desânimo apoderou-se de alguns sócios e o peso da árdua tarefa recaiu apenas em três colaboradores, Agostinho José da Costa Macedo, Bartolomeu Inácio Jorge e Pedro José da Fonseca, que prejudicaram gravemente a sua saúde com este empreendimento. O bibliógrafo Inocêncio da Silva destaca, de entre os três, Pedro José da Fonseca, pela sua extraordinária solícitude e erudição:

Entre os tres collaboradores principaes, ou quasi unicos do *Diccionario*, merece mais distincta e especial menção o laboriosissimo Pedro José da Fonseca, a quem se deve, além da parte que lhe tocou na letra A, todas as peças accessorias que a esta precedem no volume; isto é a *Dedicatória*, *Planta*, e *Catalogo dos auctores*, tudo trabalhos de notavel erudição, e exclusivamente seus, como verifiquei em grande parte pelos autographos, que vi da sua propria letra. As vigílias e fadigas que isto lhe custou arruinaram de todo a sua já deteriorada saude, reduzindo-o ao estado valetudinario em que houve de arrastar ainda por bastantes annos os restos de uma vida atribulada. Seus companheiros, Agostinho José da Costa Macedo

⁹² Ribeiro, 1872: 48.

e Bartholomeu Ignacio Gorge perderam um e outro a vista ao fim de alguns annos, para mais não a recuperarem. E o premio de seus trabalhos? Foi um exemplar do *Diccionario*, que cada um delles recebeu, como qualquer dos outros socios!⁹³.

Efectivamente, todas as cartas de Fonseca, remetidas ao secretário da Academia na fase derradeira da elaboração da obra, abrem com a participação da sua “molestia” e dos seus “graves incommodos”⁹⁴. Foi o seu frágil estado de saúde que o impediu de continuar o hercúleo labor de elaborar o dicionário com todas as letras do alfabeto. Em 27 de Novembro de 1797 Fonseca escreve à Academia um folheto no qual desdobra, passo a passo, toda a metodologia a seguir para avançar com os restantes tomos da obra⁹⁵. No último parágrafo desse folheto, o erudito lexicógrafo remata:

No tocante porém á direcção da mesma obra, o estado da minha saúde inteiramente perdida, e sem esperança de ser recobrada, não sofre applicação alguma duravel por breve, que seja; e por conseguinte me priva da felicidade, e prazer, que receberia exercendo tão honorifico emprego⁹⁶.

Porém, a obra não passou da primeira letra do alfabeto (*A-Azurra*), a que dedicou um tomo, retomado em 1976, com actualizada metodologia, mas sem mais progresso na escala alfabética.

⁹³ Silva, 1858-1923, tomo II: 137

⁹⁴ Cf. anexo 5 – *Carta de Fonseca remetida a Alexandre António das Neves, secretário da Academia das Ciências de Lisboa, na fase derradeira da elaboração do Diccionario da Lingoa Portuguesa* in Processo Académico de Pedro José da Fonseca, Academia das Ciências de Lisboa.

⁹⁵ Cf. Figueiredo, 1816: 22.

⁹⁶ In Figueiredo, 1816: 29.

3. Últimos anos de Pedro da Fonseca

Labitur ex oculis nunc quoque gutta meis

*A debil natureza cede, paga o tributo hum génio, que o menor merecimento, que teve foi o saber: acaba o Pelicano... O Grande PEDRO JOSÉ DA FONSECA*⁹⁷.

Com cerca de 45 anos de magistério, Fonseca jubila-se, cansado e doente, por volta de 1804. Foi nesse estado que o seu condiscípulo Francisco Figueiredo o encontrou quando lhe foi pedir que fizesse a revisão dos manuscritos do seu irmão, o dramaturgo Manuel Figueiredo⁹⁸. Fonseca reviu até à letra T do tomo 14, tendo sido necessário, já em inícios de Julho de 1816 “que duas pessoas o segurassem em quanto esteve sentado na cama”⁹⁹.

Solteiro e já sem família, vivia no Rossio acompanhado de duas sobrinhas de Anna Rita, uma menina órfã que os seus pais tinham acolhido em sua casa por caridade.

Gertrudes Maria de Santa Anna e Francisca Eusebia da Assumpção, a quem Fonseca ensinou a ler e a escrever, foram o seu abrigo e o seu amparo até ao último momento da sua existência, vivendo com ele e alimentando-o com os escassos lucros dos seus trabalhos.

Mal remunerado de suas ocupações literárias, passou Pedro da Fonseca a última quadra da sua vida em estado que muito se aproximava da verdadeira miséria, tendo vendido, por isso, à Academia das Ciências, por 330.000 réis, os originais e traduções de várias das suas obras, pagas em prestações, das quais a última foi por ele cobrada em 29 de Dezembro de 1814¹⁰⁰. A partir desta data começou a acumular uma dívida de renda da casa durante dois anos, até que, vendo-se sem esperança de a pagar, vê-se obrigado, no início do ano de 1816, a

⁹⁷ “Ainda agora escorre uma lágrima dos meus olhos”. Ovid. Trist. Eleg. III. Vers. 4, in Figueiredo, 1816, página de rosto do folheto. Tradução nossa.

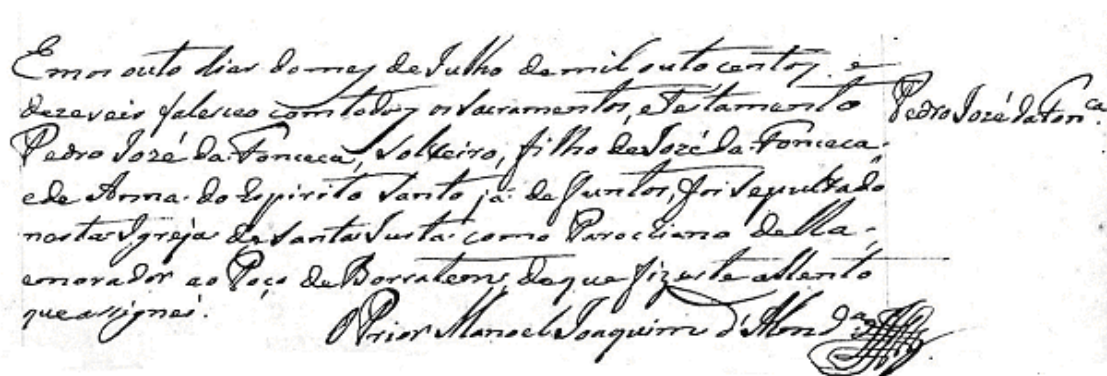
⁹⁸ “Querendo eu continuar a impressão do 4º Tomo do Theatro de meu Irmão, achando-me só com a minha ignorancia, e o meu grande desejo, encontro no Manuscrito do referido Tomo pag. 7., parágrafo 14 no Discurso a primeira comedia *A Mulher que não parece*, luz, que me faz lembrar o Condiscipulo, a quem não via desde 1755, que sahi do pateo das Aulas e desde 1755, e depois da alegria sincera e reciproca, que trazem o córte daquellas ausências, lhe refiro o motivo de o buscar para me orientar onde acharia huma pessoa capaz que visse aquelles Manuscritos antes da impressão, e lhe assistisse com o socorro da Orthografia [...]” (Figueiredo, 1816: 9). Trata-se do *Theatro* (1804-1810) de Manuel Figueiredo, obra com 14 tomos em 11 volumes, digitalizada em <http://purl.pt/11977>.

⁹⁹ Figueiredo, 1816: 10.

¹⁰⁰ Cf. Figueiredo, 1816: 30 e 31.

mudar do Rossio para o Poço de Borratém, ficando a viver numas águas furtadas no terceiro andar.

Os seus últimos seis dias de vida foram amparados por um antigo discípulo, o Doutor Gregorio Thaumaturgo dos Santos, pelo prior da sua freguesia, Manuel Joaquim de Almeida e pelo seu testamenteiro, Bartolomeu Inácio Jorge, que também tinha colaborado com ele na elaboração do dicionário da Academia. A partir do dia 3 de Julho¹⁰¹ de 1816, o seu estado de saúde agravou-se drasticamente e a 8 de Julho de 1816 foi sepultado na freguesia de Santa Justa.



Em o auto das doze de Julho de mil oitocentos e
deza e seis feleues com todos os sacramentos, e testamenteiro Pedro José da Fonseca.
Pedro José da Fonseca, Solteiro, filho de José da Fonseca
e de Anna do Espírito Santo já defuncto, foi sepultado
na Igreja de Santa Justa como Paroquiano della
conrador ao Poço de Borratém da qual fizeste attento
que assignas. Prior Manuel Joaquim de Almeida

Figura 5

Registo de óbito de Pedro José da Fonseca. Instituto dos Arquivos Nacionais – Torre do Tombo, fundo da Paróquia de Santa Justa, Lisboa, Cota LV O6-Cx 27, fl. 256 r.

¹⁰¹ Assim descreve Francisco Coelho de Figueiredo os últimos momentos de vida de Fonseca: “Quando em 3 de Julho se lhe conheceu maior abatimento, e foi preciso chamar o Medico, e mandar á Botica, não havia naquella casa cinco reis [...] vem o Reverendo Prior da sua Freguezia, seu Confessor, e achando-o já com a maior ternura, e contrição fallando ao seu Redemptor naquella tremenda hora: e com que affectos? tendo pouco que lhe advertir nos soliloquios, orações, supplicas, e jaculatorias conhecidas; pois todas repetia com o seu verdadeiro conhecimento, o que continuou em quanto o pôde expressar: he fortificado com o sagrado Viatico, que devotamente recebe, sendo neste acto ajudado pelo seu Discipulo, e depois a pôr-se-lhe hum caustico (já com poucas esperanças), e quando o foi agasalhar, então se volta para elle, e lhe diz: Ora pois, a Deos eu darei as devidas graças, e a V.M. Dominus pro me retribuatur; e depois a Unção quando se julgão os proprios momentos; com estes verdadeiros socorros entra naquella tremenda batalha, em que continúa a patentear as armas, de que sempre cuidou, as Virtudes, Fé, Esperança, e Caridade, Temor de Deos, e Resignação [...]” (Figueiredo, 1816: 11).

I. Pedro José da Fonseca e o contexto histórico-cultural

Em os outo dias do mes de Julho de mil outocentos e dezeseis falesceo com todos os sacramentos, e Testamento Pedro José da Fonseca, solteiro, filho de José da Fonseca e de Anna do Espírito Santo já defuntos, foi sepultado nesta Igreja de Santa Justa como Parochiano della e morador ao Poço de Borratem de que fiz este assento que assignei.

Prior Manoel Joaquim d'Almed.^a

CAPÍTULO II - PENSAMENTO LINGUÍSTICO

1. Defesa e elogio da língua

A questão da defesa e da promoção da língua vernácula traduz-se, ao longo de todo o século XVIII, no aparecimento de grande quantidade de dicionários, gramáticas e compêndios de ortografia. Começa com a gigantesca obra de Bluteau (*Vocabulario Portuguez e Latino* - 1712-1728) a que se seguem os dicionários bilingues de latim-português (1762) e português-latim (1771) de Fonseca, os dicionários bilingues de línguas modernas¹⁰², a gramática de língua materna (1770) de Lobato e os tratados ortográficos de Teodoro de Almeida, Monte Carmelo, Freire da Cunha e Madureira Feijó, culminando na publicação do dicionário monolingue da língua portuguesa (1789) de Morais Silva e na publicação do primeiro e único volume (letra A) do imponente *Diccionario* da Academia das Ciências de Lisboa (1793).

Se no início do século Bluteau já equacionara as preocupações metalinguísticas que viriam depois a enformar os grandes *topoi* da reflexão setecentista (propriedade da linguagem, variação linguística, definição da norma), é sobretudo a partir da segunda metade de Setecentos que se acentuará a valorização do vernáculo e a procura da pureza da língua, tanto

¹⁰² Referimo-nos particularmente aos dicionários de José Marques de português-francês (1764), de António Vieira Transtagano de português-inglês (1773) e de Joaquim José da Costa e Sá de italiano-português (1773).

através do ideário iluminista como através da corrente neoclássica que enaltecia os autores quinhentistas e seiscentistas como paradigmas da língua vernácula.

O ideário iluminista é claramente assumido na documentação oficial decretada no âmbito da reforma do ensino (os *Alvarás* régios e as *Instrucções*) e na introdução da *Arte da Grammatica* (1770) de Lobato para o ensino oficial do português. A subida ao poder (1750) de Sebastião José de Carvalho e Melo tinha significado a intervenção de novos estratos sociais que deveriam ser escolarizados, em especial o da burguesia, fundamental para o desenvolvimento dos sectores industrial e comercial e, conseqüentemente, o pretendido progresso da nação. O latim nem facilitava a escolarização da burguesia, nem favorecia o método de ensino simplificado que Verney já vinha defendendo umas décadas antes no seu tratado pedagógico *Verdadeiro Método de Estudar*.

Expressa com especial fervor nas últimas décadas do século XVIII, tanto na perseguição aos galicismos como na demonstração dos valores da autenticidade da língua, a defesa da língua vernácula origina uma série de discursos apologéticos em torno da ideia de que a língua havia alcançado a perfeição e, por isso, deveria ser preservada não só das influências estrangeiras mas também dos abusos do vulgo.

Nos seus discursos de louvor, defesa e ilustração da língua, Fonseca recupera os textos encomiásticos dos autores de Quinhentos e de Seiscentos. No texto argumentativo que introduz a “Planta” do dicionário da Academia, o autor, valendo-se das defesas laudatórias de Manoel Severim de Faria, de Amador Arraiz, Francisco Rodrigues Lobo e António Ferreira, retoma o tópico seiscentista da ligação sempre mais estreita à herança do latim clássico como critério para um dos parâmetros mais importantes – a perfeição:

[...] segundo observa o douto Manoel Severim de Faria, não ha muitas impressões (assim falla relativamente ao seu tempo) pela pouca applicação, que os Portuguezes tem a estampar suas obras; com tudo (prossegue elle) não faltão autores, em que se vejão exemplos da capacidade e aptidão, que ella tem para todos os estilos, e alguns ditos autores taes, que com a perfeição de seus escritos supprem bem a falta do mór numero delles. Quanto pois á mesma lingua em si, visto ser esta, como tão manifestamente se percebe, e a pouco custo se mostra, quasi latina com pouca corrupção, de nenhuma qualidade, com que se ennobrecem as que mais se prezão de excellentes, fica ella por este modo carecendo; o que já por muitos se acha com superabundancia confirmado. «A sua gravidade, graça laconica, e autorizada

II. Pensamento Linguístico

pronúncia (conforme sente hum dos seus bons cultores nada cede á propria lingua Latina); e sendo (continua a dizer) o principal cabedal das copiosas, o mais delle emprestado, a Portugueza com o seu he tão rica, que lhe achareis alfaías proprias, de que as outras carecem: fora disto he conhecida em partes, em que a Hebrea, Grega, e Latina nunca forão vistas, nem ouvidas.» E sem embargo de ser a Italiana entre as vulgares huma das mais celebres e copiosas, e talvez a mais diligentemente aperfeiçoada [...] ¹⁰³.

A língua digna de superioridade será, portanto, aquela que mais se aproximar do latim, tópico comum e recorrente neste tipo de discursos apologéticos dos principais idiomas nacionais europeus:

[...] o Bispo D. Fr. Amador Arraiz, (*e*) insigne mestre da nossa, forma de ambas o seguinte juízo. «Tenho (são formaes termos) por melhor lingoagem a nossa Portugueza, que a da Italia, porque em menos palavras contém mores conceitos, e com menos rodeios, e mais graves termos descobre o que se pretende; além de conservar manifestos vestígios da antiga lingua Latina, que foi huma das tres do mundo mais esclarecidas.» Mas sem fazer menos preço de nenhuma outra para mais exaltar a nossa, (*f*) assás grande louvor seu he quadrarlhe em verdade o que por cima de varias outras prerogativas lhe assigna Francisco Rodrigues Lobo [...] ¹⁰⁴.

1.1. Estrangeirismos

A abordagem recorrente ao problema dos estrangeirismos, em especial dos francesismos, nos textos da segunda metade do século XVIII, indicia o crescendo dessa importação lexical que constituía um atentado à autenticidade e à pureza da língua portuguesa. Entre muitos outros exemplos, podemos citar Monte Carmelo (1715-1785), que no seu *Compendio Orthografico* (1767) faz menção à moda de introduzir em português expressões e “nomes modernos”, tais como “egotismo (i.e. Amor próprio de quem falla, ou de coisa sua, pela qual he apaixonado), [...] Debóche (i.e. Demazia em Comer e Beber, ou desordem das acções), [...] Passágem (Representaçã ou discurso exhortatorio, e Pathético) [...]” ¹⁰⁵.

¹⁰³ Fonseca, *Diccionario da Lingoa Portuguesa*, 1993 (1793): Planta, II.

¹⁰⁴ *Ibidem*.

¹⁰⁵ Carmelo, 1767: 724.

A este propósito, na “Planta” do dicionário da Academia, Fonseca não dispensa um parágrafo relativo à entrada indiscriminada de estrangeirismos na língua portuguesa:

Quando se fecha o numero dos Escritores, que autorizão as vozes do Diccionario, no fim do seculo XVII, não he porque se entenda, que desde então até ao presente deixára de haver entre nós quantidade de bons escritores em diferentes generos. Porém como, particularmente do meio do passado seculo por diante, os estudos escolasticos, e o espirito commum de subtilizar, começarão a corromper a arte de bem dizer; e a maior parte dos Literatos, empregada em erudições se foi descuidando de praticar os primores da nossa lingoa, vindo esta depois com excesso a estragarse quasi de todo pela leitura de livros estrangeiros, especialmente Francezes, em que muitos só se occuparão, e mais que tudo pelas pessimas traducções dos ditos livros fique por isso para tempo mais remoto do nosso, graduar o merecimento daquellas obras, que souberão preservarse de huma tal infecção¹⁰⁶.

Posteriormente, nos *Rudimentos da Grammatica Portugueza* (1799), avalia negativamente este tipo de empréstimo lexical, por considerá-lo prejudicial à pureza da língua e à inteligibilidade, sobretudo quando adquire proporções exageradas:

A ousadia de innovar vocabulos, trastocar locuções, e destruir em fim a propriedade, força e nativa graça da boa frase e pura lingoagem Portugueza, cada dia mais temeraria, e inconsiderada, procede da falsa opinião, em que alguns se achão de ser a nossa lingoa pobre de palavras. Aos que isto erradamente presumem (visto que ella por tantos homens sabios tem sido engrandecida com louvores, e por muitos outros com summa elegancia se vê cultivada)

O immoderado, e extravagante uso de vocábulos estrangeiros, pela maior parte Francezes, que modernamente se tem introduzido na nossa lingoa, nasce, ou da total ignorancia dos princípios de bem fallar, ou do frivolo amor da novidade, que singulariza ou de ambas estas cousas juntas [...] Se este desenfreado excesso não tiver algum limite, e continuar tão soltamente como atéqui, he de temer que dentro de pouco tempo venhamos os Portuguezes a não nos entendermos huns a outros [...] ¹⁰⁷.

Para Fonseca, a pureza da língua consiste na sua “propriedade, força e nativa graça”. Porém, no momento em que se pronuncia, considera que a língua está a perder estas

¹⁰⁶ Fonseca, *Diccionario da Lingoa Portugueza*, 1993 (1793), “Planta”: IV.

¹⁰⁷ Fonseca, *Rudimentos da Grammatica Portugueza*, 1799: 345.

características por muitos a considerarem “pobre de palavras” e introduzirem muitos vocábulos estrangeiros¹⁰⁸.

Décadas mais tarde o Cardeal Saraiva (pseudónimo de Frei Francisco de São Luís, 1766-1845) combate com veemência os galicismos no *Glossário das Palavras e Frases da Língua Franceza que por descuido, ignorancia ou necessidade se tem introduzido na Locução Portuguesa moderna; com o juízo critico das que são adoptaveis nella* (1812/1837).

Este glossário expõe o já habitual confronto nos escritos desta época da “pura lingoagem Portuguesa” com os fenómenos característicos da língua falada pelo povo que ignora, no dizer de Fonseca, os “princípios de bem fallar”¹⁰⁹. Torna-se constante o paralelo entre um modelo linguístico promovido a norma com os restantes, sociais ou dialectais, considerados inferiores, assim como a estigmatização de erros e abusos da “plebe”¹¹⁰.

1.2. Definição do estatuto social dos diversos usos da língua

A obtenção da “pureza”¹¹¹ passaria forçosamente pela crivagem dos termos pertencentes a níveis diferentes, separando o léxico considerado culto do léxico vulgar. De facto, vendo a tendência que o povo tem para fortemente influenciar a língua, os sábios reagem com desprezo ou com insultos contra o falar do povo: “vulgo ignorante”, “inculto”, “povo idiota”¹¹². A acção do povo como agente de mudanças na língua é vista de modo negativo, como modo de a corromper e retirar-lhe o prestígio. É importante impor o *uso* e a *norma* a seguir e diferenciar o léxico segundo os seus valores intelectuais e estilísticos.

Relativamente a este aspecto é interessante o testemunho de Monte Carmelo que acentua a tomada de consciência de que a língua varia de acordo com o tempo, os lugares onde

¹⁰⁸ Cândido Lusitano (1842: 5) também define pureza como “propriedade no fallar” (*Reflexões sobre a língua portuguesa*, obra editada por Cunha Rivara em 1842). Depois de declarar que a pureza da linguagem é a “principalissima qualidade, que deve ter qualquer Escriptor”, adverte o leitor das perdas que o texto sofre pela falta de pureza: “Sem propriedade no fallar perde muito qualquer obra litteraria daquelle solido merecimento que depende não do juizo do povo ignorante, mas da sentença da critica judiciosa” (1842: 5).

¹⁰⁹ Fonseca, 1799: 345.

¹¹⁰ Saraiva, 1812.

¹¹¹ Carmelo, 1767; Saraiva, 1812; Lusitano, 1842.

¹¹² Lusitano, 1842.

se fala e com as características socioculturais dos falantes¹¹³. No seu *Compendio de Orthografia*, enumera distintos registos de tipo social e cronológico e exemplifica-os caso a caso. Relativamente à variação social, define a “gîra ou gîria” como “Linguágem de marotos, ou bréjeiros” e assinala por meio de abreviaturas, nas listas dos “abusos da plebe”, o registo vulgar, plebeu e cómico. O estabelecimento de registos de tipo cronológico traduz-se em expressões como: “termo antigo” e “termo antiquado”.

A lexicografia reflecte esta necessidade de categorizar os diferentes níveis do léxico como condição *sine qua non* para depurar o estilo e estabelecer uma norma. No *Vocabulario* (1712-1728) Bluteau introduz na lexicografia portuguesa um sistema de classificação lexical que diferencia o léxico a nível diacrónico, diatópico e diastrático¹¹⁴. Décadas mais tarde, Fonseca estabelecerá a nomenclatura do *Diccionario Portuguez, e Latino* (1771) a partir da classificação lexical efectuada por Bluteau, excluindo da lista nomenclatural grande parte dos vocábulos que Bluteau assinalara como sendo desusados, antiquados e do vulgo¹¹⁵. Os poucos que integram a lista de entradas do dicionário de Fonseca recebem as notações que os diferenciam do corpus lexical considerado norma pelos puristas, como exemplificam as entradas que se seguem:

***Diccionario Portuguez, e Latino* (1771)**

ANDANÇA. *T. vulgar* [...]

CENREIRA. *T. baixo* [...]

¹¹³ Na *Grammatica da lingoagem portuguesa*, de Fernão de Oliveira, publicada em 1536, a consciência da variação linguística aparece já formulada com toda a clareza. O gramático revela uma visão perspicaz da diversidade da língua, entendida como organismo histórico: “não e muito de marauilhar [...] q as vozes êuelheção”, “porq també o falar tem seu mouimêto [...] e mudasse quando e como quer o costume” [...] e muy poucas são as cousas q Durão por todas ou muitas idades em hũ estado quanto mais as falas q sempre se conformão cõ conceitos ou entenderes/juyzos e tratos dos homens”. Não se circunscreve, contudo, a esta variante diacrónica, mostrando também uma clara percepção da diferenciação diatópica e social da língua. Quanto à variação diatópica, afirma que “assi como os têpos assi tâbẽ as terras crião diversas cõdições e cõceitos”, afirmando, a esse propósito, que “os da beira tem hũas falas e os Dalentejo outras: e os homens da Estremadura são diferentes dos dantre douro e Minho”. Também indica, ao longo de toda a gramática, as variantes dos usos sociais linguísticos ao referir-se à variação entre profissões (“os homens falam do q fazem: e por tanto os aldeãos não sabẽ as falas da corte: e os çapateiros não são entendidos na arte de marear”) e entre idades (“o velho como tẽ o entender mais firme cõ o q mais sabe també suas falas são de peso e as do mancebo mays leues”).

¹¹⁴ Cf. 2.3.2. da parte II do Capítulo IV.

¹¹⁵ Cf. 2.1.2. da parte II do Capítulo IV.

O valor dos elementos lexicais fica influenciado pelo conceito de clareza defendido nesta época pelos sábios da língua. A clareza e a elegância parece garantida no caso das palavras “alatinadas”, cujos significados, ao serem cotejados com os do latim, afiguram-se adquiridos e inalteráveis e, por isso, claros para a gente culta. Ao contrário, as palavras que têm curso no vulgar são menos estáveis porque os seus significados sofrem as mudanças decorrentes do seu emprego no quotidiano e, ao desviarem-se da base etimológica, têm tendência a um uso polissémico.

Mais tarde, com a sua obra gramatical intitulada *Rudimentos da Grammatica Portugueza*, o autor não dispensa um capítulo referente à avaliação e tratamento dos vários usos linguísticos (antiquados, antigos e modernos), intitulado “Do barbarismo, e Solecismo”.

Começa por explicitar que o *barbarismo* “he contrario á pureza da lingoagem” e, por isso, esta não deve compreender os termos nem “muito antigos” nem “muito novos” que põem em causa a inteligibilidade da língua por apenas poderem “ser entendidos por hum pequeno número de pessoas”.

A propósito das palavras antigas, Fonseca deixa a lição, nas palavras de Heitor Pinto que “As palavras para boas não hão de ser muito antigas [...] a lingoagem há de ser de vocabulos presentes [...]”¹¹⁶. Cita, igualmente, João de Barros e Rodrigues Lobo, para quem “bastou o contrario uso, para nesta parte puderem seguir os que agora escrevem, e fallão bem”¹¹⁷.

Bluteau, Cândido Lusitano e Fonseca orientam-se pela máxima horaciana¹¹⁸ na definição clássica do *uso* das palavras que conhecem.

Bluteau afirma que “o uso [...] he o melhor arbitro”, Cândido Lusitano fala do “arbitro soberano” e, também para Fonseca, o *uso* será o parâmetro de decisão nas questões litigiosas em matéria de linguística. Assim, os termos novos, emprestados de uma língua estrangeira, serão considerados “barbaros”, “em quanto o uso os não houver naturalizado”, tal como

¹¹⁶ Fonseca, 1799: 297.

¹¹⁷ Fonseca, 1799: 296.

¹¹⁸ Multa renascentur quae iam cecidere, cadentque quae nunc sunt in honore vocabula, si volet usus, quem penes arbitrium est et ius et norma loquendi.

“Tambem ha barbarismo quando huma palavra da lingoa se toma em sentido differente daquele, que o uso lhe tinha assignado”¹¹⁹.

Paralelamente a estas reflexões, Fonseca enumera uma série de termos novos, “tomados do Latim, do Italiano, do Francez”, que o uso ainda não tinha introduzido na língua:

[...] Do Latim, por exemplo: *innascível*, *infatuar*, *nado* por nascido, etc. Do Italiano, v.g. *abondança*, *mancar* por faltar, *pregarias* por orações, ou preces, *tinello*. Do Francez, v.g. *afferes* por negocios, *argem* por dinheiro, *reproche* por improperio, ou cousa mal feita com que se dá na cara, a quem a fez [...] de Francezes se converterão em Portuguezes quanto ao significado, v.g. os termos, *carnagem*, significando mortandade, matança, carniçaria de gente; *passagem*, certo lugar de hum Autor, que se allega; *plano*, desenho, ou projecto de huma obra, etc.¹²⁰.

1.3. A autoridade legitimadora do “bom uso”

Do grande princípio assente no axioma “o uso é o melhor árbitro” só se poderia tirar algum proveito depois de definidas as bases para fixar o “bom uso”, o “uso certo”. Para Fonseca e muitos outros eruditos do século XVIII – Monte Carmelo e Cândido Lusitano – a autoridade legitimadora do “bom uso” estaria no estudo dos exemplos dos grandes autores. “Fruto da lição dos nossos melhores escritores”¹²¹, o *Diccionario Portuguez, e Latino* podia contribuir para conferir legitimidade à escrita. Neste sentido, para Fonseca, a legitimidade da escrita portuguesa baseava-se na imitação dos autores que se reconheciam como modelos clássicos. Atribuir a autores portugueses a qualidade de clássicos significava afastar qualquer dúvida relativa ao prestígio da língua e conceder-lhe o papel de língua modelo.

Na “Planta” do dicionário da Academia, Fonseca situa cronologicamente os autores considerados “clássicos”. Trata-se justamente dos autores quinhentistas e seiscentistas que haviam defendido e promovido a língua vernácula dois séculos antes:

¹¹⁹ Fonseca, 1799: 299.

¹²⁰ Fonseca, 1799: 297 e ss.

¹²¹ *Diccionario Portuguez, e Latino*, 1771: Ao Leitor, IV.

II. Pensamento Linguístico

Darseha sempre a preferencia para autorizar os vocabulos áquelles dos nossos Autores, que indisputavelmente se reputão Classicos. E posto que neste numero se devão contar todos quantos decorrem desde o meio do XVI seculo até fim deste mesmo seculo, e ainda alguns primeiros do outro immediato.

Começarseha a leitura dos Autores Portuguezes, que conservamos, pelos primeiros Escritores, que principiárão a formar a nossa lingua. Taes são o Nobiliario do Conde D. Pedro, as Chronicas de Fernão Lopes, Gomes Eannes d’Azurara, a anonyma do Condestavel D. Nuno Alvares Pereira, a Vita Christi, que se diz ser de Fr. Bernardo de Alcobaça, a Regra e Perfeição da conversação dos Monges pela Senhora Infanta D. Catharina, o Cancioneiro geral, publicado por Garcia de Resende, a Menina e Moça e mais obras de Bernardim Ribeiro, as de Gil Vicente, e quaesquer outras, que estiverem impressas, ainda que sejão da mais remota antiguidade [...] Continuarseha a mesma leitura desde Francisco de Sá de Miranda, o primeiro dos nossos polidos e elegantes Classicos, o mais chronologicamente, que fôr possivel por todo o decurso do XVI e XVII seculos, em cujo fim, se lhes fixará o termo¹²².

Ao elaborar a “Planta do Diccionario da Lingoa Portugueza”, Fonseca inaugurava um projecto ambicioso que pretendia promover uma obra de superação em relação a todas as outras obras dicionarísticas, com uma selecção lexical escrupulosa e um corpus de abonações mais extenso que o *Vocabulario* de Bluteau¹²³. Com esta obra, o lexicógrafo ideava estabelecer o português de lei com base na autoridade dos autores quinhentistas e seiscentistas.

Temse por cousa averiguada dever elle principiar pela composição de hum Diccionario, onde se recolha tudo, que melhor póde contribuir para fixar o bem regulado uso de cada huma das lingoas. Todos os cabedaes destas se encorporão aqui, como em thesouro commum, e toda aquella riqueza, que antes com trabalho extremo só se encontrava dispersa pelos escritos dos seus autores classicos, isto he, os mais apurados na elocução e no estilo, junta no Diccionario, fica então sendo de hum uso prontissimo e universal¹²⁴.

Porém, a idade avançada de Fonseca já não lhe permitiu concretizar tão ambicioso projecto. A obra só conheceu um tomo correspondente à letra A, publicado em 1793. Embora sem progressão na escala alfabética, foi deixado um fundo documental importantíssimo

¹²² *Diccionario da Lingoa Portugueza*, 1993 (1793): “Planta”: II.

¹²³ Cf. no capítulo IV, a parte V referente ao dicionário da Academia Real das Ciências de Lisboa.

¹²⁴ *Diccionario da Lingoa Portugueza*, 1993 (1793): “Planta”: IV.

naturalmente para o estudo do pensamento linguístico do seu autor, mas também para a história da linguística e da lexicografia¹²⁵.

2. Ortografia

Ao longo do século XVIII, e logo desde os seus alvares, são publicados uma série de compêndios ortográficos e metaortográficos destinados a fixar a manifestação gráfica da língua, nos quais se evidenciam vários sistemas: o sistema veneiano, o sistema usual e o sistema etimológico.

O sistema de Verney, vindo à luz pela sua polémica obra *Verdadeiro Método de Estudar* (1746), assenta num princípio de simplificação, despojado das superfluidades características do gosto e estilo barrocos. Não obstante as controvérsias que suscitou entre os ortografistas, este sistema não granjeou o crédito que seria de esperar. A sua proposta de ortografia baseia-se claramente no estabelecimento de uma correspondência entre som e grafema: escrever como se fala, excluindo a preocupação etimológica que acarretaria dificuldades por pressupor um conhecimento da tradição escrita. Na análise de Kemmler, “o primeiro facto com que deparamos na leitura das respectivas partes da primeira carta que trata da ortografia é que não estamos perante um tratado de ortografia. Trata-se, antes e mais nada, de anotações sobre o que o autor acha serem feições desejáveis de uma ortografia portuguesa simplificada”¹²⁶.

Na mesma linha simplificadora e esclarecida de Verney insere-se também o Pe. Teodoro de Almeida (1722-1804) que em matéria estritamente ortográfica notabilizou-se por um particular sistema fonetizante perseguindo o mesmo princípio simplificador proposto por Verney. No *Compendio de Orthografia* (1767), Monte Carmelo faz uma referência interessante à escassa adesão ao sistema verneiano e estabelece o paradigma social do bom uso linguístico nos *Cortesãos e Eruditos, doutos e peritos da Corte*.

¹²⁵Cf. no capítulo IV, a parte V referente ao dicionário da Academia Real das Ciências de Lisboa.

¹²⁶ Kemmler, 1996: 87.

II. Pensamento Linguístico

Poucos homens doutos abraçaram a *Orthografia*, que inventou o Sapientissimo Auctor do *Verdadeiro Método de Estudar*: e esta *Materia* depende inteiramente do uso, que poe consentimento do Monarca introduz o seu Real Ministerio, e observam os maiores Tribunaes, os Academicos, e Cortezãos que nella sam bem instruídos [...]¹²⁷.

Em 1770 é publicado o *Breve Tratado da Orthografia para os que não frequentarão os estudos*, de João Pinheiro Freire da Cunha (1738-1811), fundador de uma Academia Ortográfica¹²⁸, que, ao contrário de Verney e de Teodoro de Almeida, defendia o princípio de que a etimologia era a grande força que devia regular os preceitos ortográficos.

Para além dos autores acima referidos, não podemos esquecer aquele que foi o principal instrumento para uma progressiva normalização da ortografia até ao final do século XIX: a *Orthografia, ou Arte de Escrever, e Pronunciar com acerto a Lingua Portuguesa* de Madureira Feijó. Não obstante a proibição pombalina que afectou todos os comentadores ou anotadores da gramática latina de Manuel Álvares, entre os quais se contava Madureira Feijó, a sua *Orthografia* (1734) continuou a ser impressa, com novas edições após a queda de Pombal (1781, 1788, 1797, 1802).

Segundo Feijó, a grafia não poderia ser normativizada de acordo com um *uso exemplar* ancorado nos eruditos ou na autoridade dos autores clássicos da língua portuguesa, já que “os sábios estão cheios de dúvidas na matéria” e os autores portugueses “bem podiaõ servinos de exemplares para a imitação, se nos seus livros não achassemos huma notavel variedade para o desacerto”¹²⁹.

Embora apresente diversas soluções gráficas conformes aos usos consagrados, as regras do compêndio de Feijó reproduzem frequentemente a orientação etimologizante.

Na mesma linha etimológica de Feijó inscreve-se Pedro José da Fonseca com os *Rudimentos da Orthographia Portugueza*, compêndio publicado com o intuito de ser acrescentado aos *Rudimentos da Grammatica Portugueza*, “á qual pertencem como parte sua essencial e inseparavel”, informa o autor no prólogo.

¹²⁷ Carmelo, 1767, Prologo Apologetico: 6.

¹²⁸ Kemmler, 2007.

¹²⁹ Feijó, 1734: 3.

Dada ao prelo não por falta de ortografias portuguesas, mas antes pela variedade de opiniões nelas expressas, com este livro o autor pretendia estabelecer a maneira de escrever as palavras, e fixar a forma de lhes distinguir o sentido, não só recorrendo ao exemplo e à lição dos melhores escritores portugueses, mas também denunciando as inexactidões dos mais irregulares. Assim, partindo do preceito de que escrever correctamente é escrever segundo a origem das palavras, o autor, num total de 49 páginas distribuídas por nove capítulos, prescreve as regras ortográficas de acordo com a etimologia e com o exemplo dos autores que representam o cânone da ortografia moderna.

Capítulo I – *Da Orthografia em geral*; Capítulo II – *Dos Canones orthograficos*; Capítulo III – *Das Figuras orthograficas independentes das letras*; Capítulo IV – *Dos Accentos*; Capítulo V – *Da Pontuação*; Capítulo VI – *Das letras maiusculas, e minusculas*; Capítulo VII – *Do uso de algumas letras em particular*; Capítulo VIII – *Das letras dobradas*; Capítulo IX – *Dos dithongos*.

No início da obra Fonseca faz uma distinção entre ortografia antiga e moderna, apontando variadíssimas vezes o Pe. António Vieira como um exemplo de um autor ainda com ortografia antiga. Defende a ortografia moderna, mais uniforme e inalterável, autorizada pelos autores clássicos da língua portuguesa, isto é, os de meados do século XVI até ao fim do século XVII. No seu parecer, a ortografia antiga é muito inconstante e variável pelo facto de os escritores seguirem a pronunciação do seu tempo e, por isso, além dos arcaísmos de letras iniciais duplicadas, da terminação em *am* por *ão*, de não diferenciar na figura o *U* vogal do *V* ou *Ve* consoante, e de repetir na escrita as vogais de som aberto (*irmã*, *irmãs*, *creer*, *homees*), escreviam também *avangelhos*, *celorgião*, *çurgiam*, *cyrurjão*, *destribuir*, *estoriador*, *oscultura*, *purgaminho*, *vezinho* etc¹³⁰.

Sem coincidir inteiramente com a teoria de Feijó no que diz respeito ao recurso ao *usus scribendi* dos autores modelares, ambos perseguem, à partida, o mesmo princípio etimologizante, concordando integralmente nas normas que prescrevem. A título exemplificativo, transcrevemos da *Orthografia* de Madureira Feijó excertos de algumas regras que atestam alguns dos principais erros identificados por Fonseca nos *Rudimentos da Orthographia*:

¹³⁰ Fonseca, 1809: 3.

II. Pensamento Linguístico

Nenhuma palavra Latina, ou Portugueza principia, nem acaba com letra dobrada, ou seja vogal, ou consoante [...] ¹³¹.

Duvidaõ muitos se as nossas palavras Portuguezas, que acabaõ em am, se haõ de escrever sempre com am, ou com este dithongo aõ [...] Eu porém respondo com distincção, e digo: que todos os nomes, que acabaõ com som forte, ou em que carregamos mais na pronunciação, se escrevaõ com aõ, como Alemaõ, Christaõ, Joaõ, Sebastiaõ & c. E os que forem breves, teraõ accentos na penultima, ou na vogal antecedente: como Christóvaõ, Estévaõ & c. Nas linguagens dos verbos, as que acabarem breves, teraõ os mesmos accentos nas vogaes penultimas ao dithongo, como: Elles amáraõ, Ensináraõ, Lêraõ, Ouvíraõ do preterito. E as que forem longas, não teraõ os taes accentos [...] ¹³².

É sobretudo em finais do século XVIII e já no século seguinte que nas obras de reflexão metaortográfica se destaca a tendência para uma grafia de cariz etimologizante, com a publicação de tratados ortográficos e de dicionários que funcionassem como padrão. No que respeita ao esclarecimento da grafia das palavras, os dicionários publicados ao longo dos séculos XVI, XVII e primeira metade do século XVIII revelavam-se instrumentos pouco eficazes.

Os dicionários de Jerónimo Cardoso (1562) e de Agostinho Barbosa (1611) eram obras antigas com várias reedições, mas sem grandes alterações. A obra de Bento Pereira, publicada desde 1634 até 1750, decalca inúmeras palavras do latim, no sentido de uma relatinização da língua a nível lexical com marcas de uma grafia etimologizante, mas não regista os neologismos de acordo com uma norma ortográfica. O *Vocabulario, Portuguez e Latino* de Bluteau (1712-1728) continua sem aplicar regras de normalização ortográfica ao apresentar uma grande variedade de opções gráficas devidas ao registo dos vários usos das autoridades com que certifica o significado das palavras.

No que respeita a esta matéria, o *Diccionario Portuguez, e Latino* (1771) de Fonseca representa uma tentativa de contornar os problemas de uma grafia demasiado heterogénea, já que o autor estabelece os seus critérios para seleccionar as grafias e, ao contrário de Bluteau, manifesta a sua preferência por uma só forma.

¹³¹ Feijó, 1824: 32.

¹³² Feijó, 1824: 79-80.

Consciente da importância do dicionário como instrumento normalizador e fonte privilegiada para a regulação desejada, Fonseca reflecte sobre as causas das variantes gráficas e analisa soluções para reduzir as diversas formas alternativas.

A irregularidade da nossa Orthografia, e a pouca firmeza dos principios, sobre que se estabelece, he o motivo da indispensavel variedade, de que nenhuma vigilancia por mais efficaz foi bastante a preservar-me. Suppondo porém que o unico meio de atalhar pelo modo possivel tal inconveniente, consiste em recorrer á origem das palavras, examinar-lhes as etimologias, considerando as modificações, que ou á suavidade da pronunciação, ou talvez unicamente o poder do actual uso tem introduzido, poder nesta materia de absoluta, e soberana autoridade, assentei de seguir o referido meio por me desviar de singularidades, á imitação do maior número de Escretores mais classicos antigos, e modernos em todas as linguas¹³³.

Ainda que inclua na série alfabética as formas alternativas, a remissão para a forma escolhida pressupõe a preferência por uma forma, assinalando implicitamente as formas aceitáveis.

Diccionario Portuguez, e Latino (1771)

ACQUIRIR. v. *Adquirir*.

ADHERENCIA, v. *Aderencia*.

ARMARIO, v. *Almario*.

ASSOVIAR, v. *Assobiar*.

O cotejo entre o *Diccionario* de Fonseca e a *Orthografia* de Madureira Feijó indica que as opções de Fonseca resultam de um equilíbrio entre a etimologia e os usos reconhecidos, embora prefira aquelas que o uso consagrou: *adquirir*, *aderencia*, *almario*. Feijó é fiel à matriz latina, preferindo, em vez destas, as formas etimologizantes *acquirir*, *adherencia* e *armário*, catalogando as outras variantes como erros.

¹³³ *Diccionario Portuguez, e Latino*, 1771, Ao Leitor: III.

***Orthographia* de Madureira Feijó (1824)**

Acquirir. escrevem alguns do Latim *Acquirere*: mas como he palavra composta da preposição *Ad*, e de *Quaero*, que na composição muda o *d* em *c*, porque se segue *q*, e faz melhor pronunicação, no Portuguez não ha inconveniente para dizermos Adquirir segundo a preposição Latina *Ad*, e não *Ac*.

Adherencia. Adherente, com *h*, porque no Latim o tem.

Almário, ou Armário, este he mais proprio porque no Latim se diz *Armarium*. O abuso introduzio Almário, e o erro do vulgo Almairo. E se o Italiano diz *Armario*, o Francez *Armoire* e o Castelhana *Armario*, porque não diremos nós também seguindo a pronunciação latina?

Assoviar. he abuso; porque no Latim se diz *Sibilare*: e nós devemos dizer Assobiar, Assobô; porque não ha fundamento para trocar o *b* em *v*.

Fonseca estabeleceu critérios ortográficos que procurou aplicar no seu dicionário de português e latim. Pelo número considerável de entradas que integra, quer do âmbito lexical mais corrente, quer do âmbito científico, este dicionário poderia operar perfeitamente, a par com a *Orthographia* de Feijó, como um instrumento auxiliador para o estabelecimento gradual de uma regulação ortográfica. O seu comprovado trânsito escolar, pelas sucessivas reedições que teve, bem como os créditos e bem conhecida erudição do seu autor entre os linguistas e sábios da língua conferiam a autoridade necessária à obra para que esta pudesse funcionar como um modelo para os escreventes.

CAPÍTULO III - O FILÓLOGO

I - Contextualização bibliográfica

Como já assinalámos com o devido relevo, o anti-jesuitismo de D. José I atribuía a responsabilidade da decadência do bom gosto literário à pedagogia aplicada nas escolas da Companhia. Assim, o diploma legislativo referendado por D. José ordenava a restauração do sistema literário quinhentista que havia florescido em Portugal até ao momento em que os estudos saíram da esfera de domínio de humanistas como André de Gouveia e Diogo de Teive. Preconizava e estabelecia a adopção de um classicismo renascentista renovado e simplificado, pela necessidade de o adaptar aos tempos modernos e de aproveitar, na constituição da sua doutrina, tudo quanto o progresso da crítica adquirira posteriormente ao século XVI.

Os diplomas regulamentares vinham assim consagrar, no vasto campo do ensino, aquela mesma orientação que três anos antes, em 1756, a Arcádia Lusitana elegera para, sob a sua divisa *inutilia trunecat*, empreender uma reforma literária em relação ao adulterado gosto barroco. Fora projecto dos árcades “reformatar a Poesia, purificar a língua portuguesa, restaurar a arte de orar, estabelecer um sistema de bom gosto, pelo meio de uma prudente crítica”¹³⁴.

É neste contexto da reforma pombalina que oficializa o ensino exclusivo e (com o tempo) consolidado com a doutrina estética do neoclassicismo que se enquadram as

¹³⁴ Castro, 1973: 608.

numerosas produções de Pedro José da Fonseca, eleito sócio da Arcádia Lusitana em 1758, com os pseudónimos de *Veríssimo Lusitano* e *Lereno*¹³⁵, e nomeado professor régio no ano seguinte.

Coagido pelas suas funções de docente a suprir a falta dos manuais ordenados pela lei, por um lado, e a honrar o título de árcade, por outro, Fonseca elabora uma série de obras de valor e originalidade muito variáveis, mas da maior importância para a formação e difusão da doutrina neoclássica. Assente, como é sabido, numa sólida base clássica, a produção de Fonseca caminhou ao encontro das fontes consideradas mais puras, de Horácio, na poética, ou de Cícero e Quintiliano (sobretudo o segundo), na retórica. Observemos um pouco mais toda a obra desta figura injustamente esquecida da cultura literária portuguesa.

O apontamento autobiográfico de Fonseca¹³⁶ apresenta a resenha das obras por ele compostas ou publicadas até ao ano de 1780, em que a memória se escrevia.

1. Obras em prosa

1.1. *Oratio*

*Oratio de praestantia ac necessitate Rhetorices habita a Pedro Josepho da Fonseca, professore Regio Rhetorices cum ad munus docendi accederat, VII Idus Novembris MDCCLVIII. Olisipone, apud Frasciscum Ludovicum. Anno 1760*¹³⁷.

¹³⁵ Atribui-se o pseudónimo arcádico de *Lereno* na composição poética intitulada *Ecloga no felicissimo nascimento do Príncipe da Beira*. Lisboa, na Officina de Francisco Luis Ameno. Anno 1761.

¹³⁶ Cf. anexo 6 – Memória autobiográfica de Fonseca.

¹³⁷ Em 22.10.1760 passou o recibo de 13\$600 rs., pagos por ele adiantadamente ao impressor (Biblioteca Geral da Universidade de Coimbra, manuscrito 2535, nº 8).

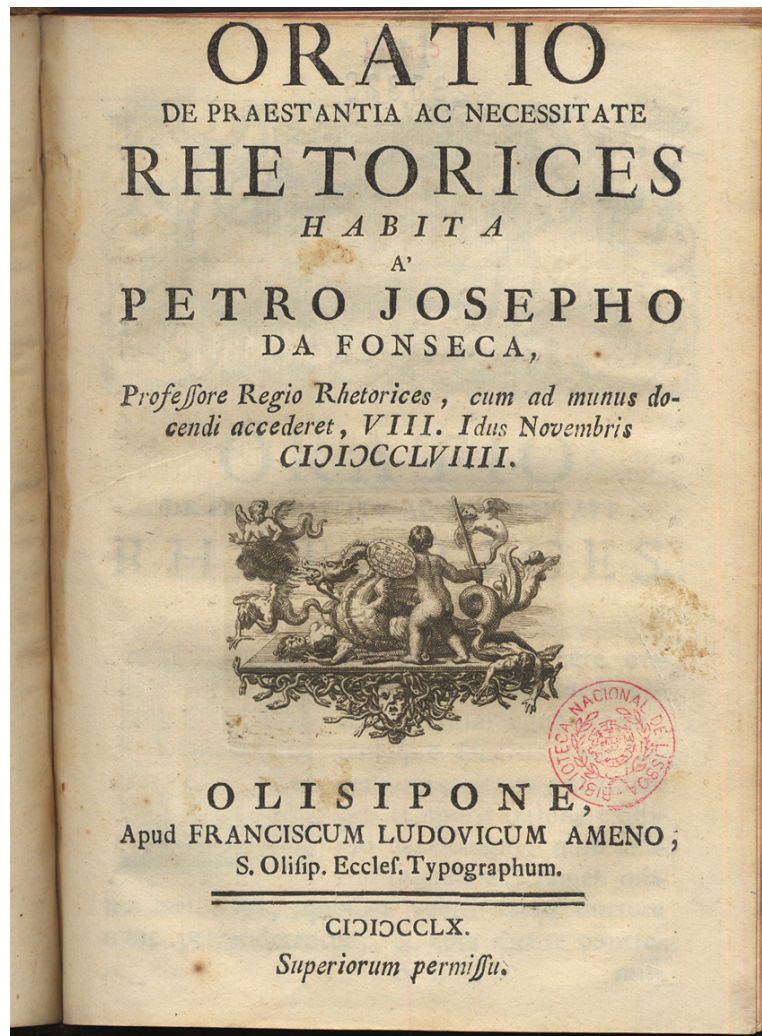


Figura 1

Esta oração foi escrita e recitada em latim na abertura da sua aula de Retórica, em 6 de Novembro de 1759. Num total de 31 páginas, Fonseca compara o estudo da gramática reprovada pelos doutos e o que no seu tempo passou a usar-se nas escolas, no seu juízo, mais apropriado e cómodo. Opondo os antigos métodos e compêndios didácticos aos actuais, úteis para a perfeita eloquência, louva os benfeitores de tal situação, além de Deus, o rei, D. Tomás de Almeida e o Conde de Oeiras, a seu ver, o fortíssimo baluarte do reino. Por fim, refere que

a estes agentes da reforma se deve o facto de haver já óptimos professores de gramática, tanto de latim como de grego, que ensinavam a pura e casta linguagem de ambos os idiomas.

1.2. *Elementos da Poetica*

Elementos da Poetica, tirados de Aristoteles, de Horacio, e dos mais celebres modernos.

1ª edição: 1765, Lisboa: Off. De Miguel Manescal da Costa.

2ª edição: 1781, Lisboa: Typografia Rollandiana.

3ª edição: 1804, Lisboa: Typografia Rollandiana.

Na sequência das disposições legislativas que colocavam o ensino da poética tão intimamente ligado ao da retórica¹³⁸, este breve tratado de teorização poética foi escrito em 1763, com fins estritamente pedagógicos e sem intenções de publicação, para principiantes que deviam obrigatoriamente ser instruídos nesta matéria para poderem ingressar na universidade.

A parte introdutória nas 27 páginas iniciais é composta de uma dedicatória a Carvalho Mendonça (irmão do Marquês de Pombal) e de um prólogo “Aos que lerem” a que se seguem as 338 páginas com a obra propriamente dita. As edições posteriores contêm 304 páginas, sem dedicatória e sem erratas e com o nome do autor no frontispício da obra.

A obra divide-se em 5 partes distintas – o livro primeiro trata a poética em geral, o segundo, a poesia dramática, o terceiro, a tragédia e a comédia, o quarto, o poema épico, e o livro quinto, diversos géneros de poemas particulares – e reflecte as tendências estéticas da época. A criação de uma literatura segundo o gosto moderno reconduziu os mestres à teoria

¹³⁸ Nas *Instrucções para os Professores*, que acompanhavam o alvará, preceituava-se, no § XI, que o mestre de Retórica seria obrigado a “dar as melhores regras de Poesia [...] mostrando os exemplos della em Homero, Virgílio, Horácio e outros”.

fixada na *Epistula ad Pisones* de Horácio e afastou-os do tratado aristotélico¹³⁹ que fora, durante o barroco, a grande matriz da invenção e da expressão poéticas.

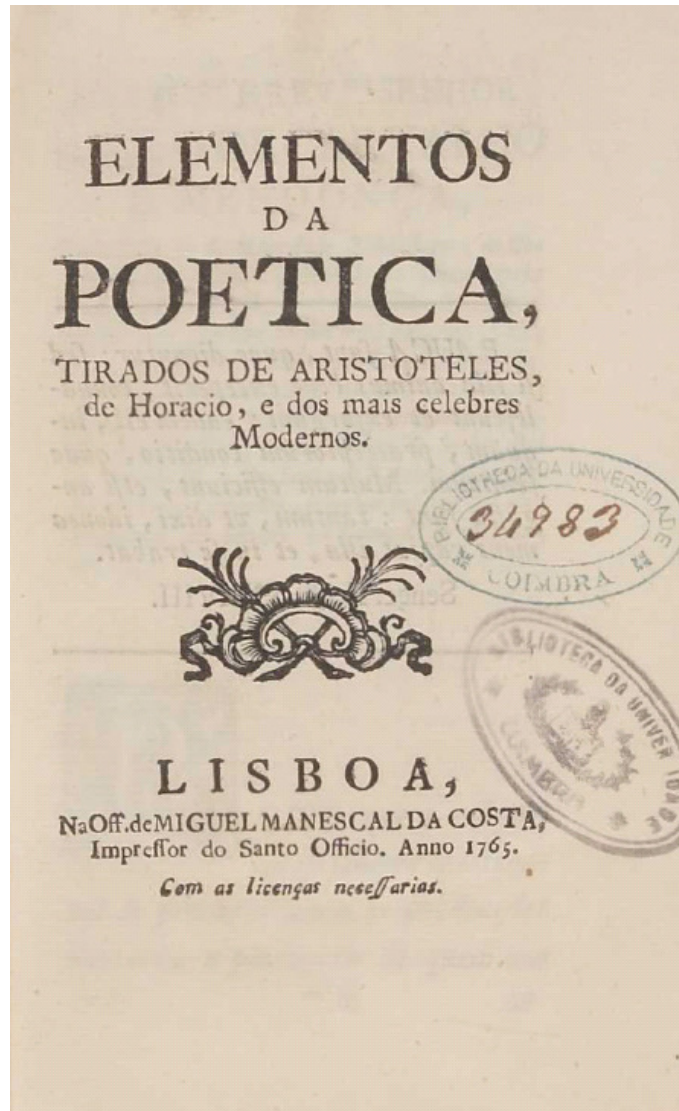


Figura 2

¹³⁹ A este propósito, esclarece Aníbal Castro: “Citava-se, por vezes – é certo – a *Poética* de Aristóteles, mas tais citações eram condicionadas pela necessidade de fundamentar o pensamento do Venusino ou derivavam da necessidade de pôr em relevo a sua superioridade em relação à doutrina do filósofo grego” (Castro, 1974: 12).

Invocado, no início deste tratado, a propósito da definição da poesia como imitação, de imediato Aristóteles se vê preterido por Horácio, cuja doutrina surge reforçada, bem dentro do espírito da legislação pombalina, pela transcrição de passos de Cícero (sobretudo do *De Oratore*) ou das *Institutiones Oratoriae* de Quintiliano. Só quando, no livro segundo, Fonseca teoriza acerca da poesia dramática, é que recorre de novo a Aristóteles, pois Horácio não aprofundara a teoria específica da poesia trágica.

Esta obra representa, entre muitas outras do século XVIII, a actualização da doutrina de Horácio e a consubstanciação dos fundamentos da teoria poética do neoclassicismo. Traduz, relativamente à *Arte Poética* de Cândido Lusitano, um sistema normativo mais rígido, pela maior conformidade com os princípios horacianos e, especialmente, pela relevância concedida à crítica francesa de Setecentos, em detrimento dos teorizadores italianos, sobretudo quinhentistas. Ao lado dos antigos figuram António Ferreira, Diogo Bernardes, Rollin, Voltaire, Fleury, Rapin, Le Bossu, Fénelon e, apenas casualmente, Luzán e Muratori.

1.3. *Vida do doutor Antonio Ferreira*

On en a donné de nouvelles editions, et la nécessité de les enrichir de notices sur les auteurs, ou de commentaires, a produit beaucoup de morceaux curieux sur l'histoire littéraire de la nation. La vie, et l'examen critique des ouvrages de Ferreira, un des plus estimés de ces anciens auteurs, écrits par le Professeur Fonseca en sont un bel exemple¹⁴⁰.

Vida do Doutor Antonio Ferreira

¹⁴⁰ In *Archives littéraires de l' Europe ou Mélanges de littérature, d' histoire et de philosophie. Par une société de gens de lettres suivis d'une Gazette littéraire universelle*, t. I, 1804: 75.

Este escrito biográfico compreende as primeiras 40 páginas da segunda edição¹⁴¹ dos *Poemas* com o seguinte título: *Poemas Lusitanos do Doutor Antonio Ferreira: segunda impressão emendada e acrescentada com a vida, e comedias do mesmo Poeta*, em dois tomos, editada pelos livreiros Du-Beux em 1771, e dirigida por Pedro José da Fonseca, autor da *Vida* do poeta, incluída no início do primeiro tomo.

Na página 43 deste primeiro tomo começa a obra propriamente dita, *Primeira Parte dos versos de Antonio Ferreira*, que se estende até à página 234. O segundo tomo abre com a *Segunda Parte dos versos de Antonio Ferreira* e ocupa um total de 160 páginas, estando as últimas 6 reservadas à *Taboada*, que equivale ao índice, com a particularidade de estar organizada alfabeticamente¹⁴² na parte referente aos sonetos.

A leitura da obra indica que esta segunda edição mantém a estrutura da edição *princeps*, à maneira de “canzoniere” de Petrarca, pois os textos estão integrados de modo a funcionarem como peça integrante do macrotexto constituído pela totalidade dos poemas.

Tal como expressa o título, as alterações consistiram essencialmente em acrescentar as comédias *Bristo* e *Cioso* e o esboço biográfico do poeta estruturado em 35 parágrafos numerados, onde Fonseca nos primeiros vinte parágrafos relata detalhadamente: o percurso formativo em Coimbra; o despertar do interesse em poetar na própria língua e o empenho em incentivar os poetas portugueses a fazê-lo; as circunstâncias e o momento de vida em que foi redigido cada verso; as suas funções depois da Universidade; os amigos de António Ferreira e a influência nos seus escritos; a vida familiar e de cortesão; o sistema normativo da sua poesia; e, por fim, a sua morte. Os restantes quinze são preenchidos com a apresentação sistematizada da obra de Ferreira (publicada após a sua morte pelo seu filho Miguel Leite Ferreira), em que se detém particularmente na descrição das duas comédias do poeta e na tragédia *Castro*, salientando as cenas e os actos mais relevantes.

Após algumas linhas encomiásticas ao génio do poeta, Fonseca remata com os louvores que lhe teceram alguns autores de abalizado merecimento, designadamente Diogo

¹⁴¹ A edição *princeps* foi editada por Miguel Leite Ferreira, filho do poeta, que em 1598, já depois da morte do pai, dedicou a obra a D. Filipe I. Intitulada *Poemas Lusitanos*, a obra contém todos os textos líricos de António Ferreira, bem como a tragédia *Castro*.

¹⁴² Esta organização subverte conceito de “canzoniere” petrarquista, na medida em que altera a ordem sequencial dos poemas presentes na obra.

Bernardes, Pedro de Andrade Caminha, António de Sousa de Macedo, António dos Reis, Diogo Barbosa Machado e Cândido Lusitano.

Este apontamento biográfico confere alguma novidade a esta segunda edição dos *Poemas Lusitanos*, em especial pelo enriquecimento com alguns versos do poeta que não se encontram na edição *princeps*.

1.4. *Institutionum Rhetoricarum Libri Tres*

Institutionum rhetoricarum libri tres ex M. Fab. Quintiliano deprompti, et primis eorum studiis, qui humanioribus literis dant operam, accommodati a Petro Josepho a Fonseca.

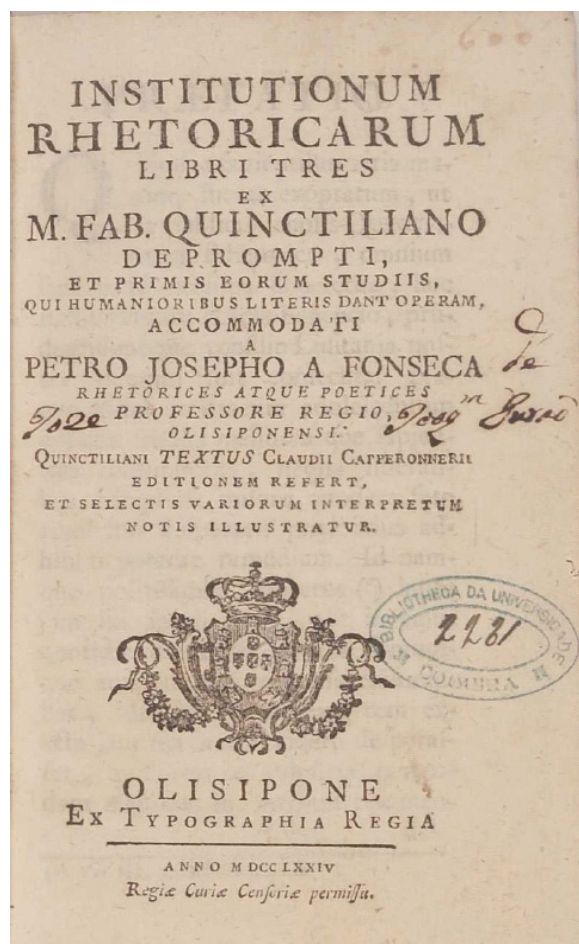


Figura 3

1ª edição: 1774, Olisipone: Ex Typographia Regia.

2ª edição: 1781, Olisipone: Typographia Regia.

3ª edição: 1785, Olisipone: Typographia Regia.

4ª edição: 1793, Olisipone: Ex Typographia Regia.

5ª edição: 1802, Olisipone: Apud Antonium Rodericium Galiardum.

Como comprovam as várias reedições e o testemunho do próprio autor na sua exposição autobiográfica, esta obra “teve n’ellas [nas aulas de Retórica] geral entrada, e o publico aceitou favoralmente”¹⁴³.

Como é sabido, a reforma dos estudos secundários, ordenada em 1759 pelo Marquês de Pombal, concedeu à retórica um lugar preponderante no quadro das disciplinas humanísticas. A instituição de cursos regulares de Retórica em quase todas as cidades e vilas do reino e a concomitante elaboração de obras para apoiar o seu ensino transformaram a obra de Quintiliano num verdadeiro código da teoria da prosa, devido à multiplicidade de traduções, adaptações e reedições¹⁴⁴.

Bastara para isso, como já verificámos, que os já citados diplomas regulamentares (Alvará e *Instrucçoens*) da reforma estabelecessem, em palavras taxativas, a adopção a título de livro único, da adaptação que Rollin fizera da obra. Para suprir a falta de manuais de apoio ao ensino da Retórica, publicava-se, ainda em 1759, uma edição portuguesa dessa adaptação¹⁴⁵.

Diversos argumentos justificavam o recurso a edições abreviadas das *Institutiones Oratoriae*, desde o desânimo e o desinteresse dos alunos, quando as aprendiam pelo original ou mesmo por traduções integrais, à impossibilidade de explicar tudo durante o pouco tempo atribuído ao ensino da retórica, conforme revela Pedro da Fonseca, um dos mais incansáveis divulgadores desta obra de Quintiliano no último quartel do nosso século XVIII.

¹⁴³ In Figueiredo, 1816: 33.

¹⁴⁴ Cf. Castro, 1973: 598.

¹⁴⁵ *Marci Fabii Quintiliani Institutionum Oratoriarum Libri Duodecim, Ad usum scholarum accomodati, recisis, quae minus necessaria visa sunt, & brevibus notis a Rollino illustrati, Nunc denuo Jussu Regis Fidelissimi Josephi I instauratis Bonarum Artium Studiis, ad Lusitanorum adolescentium bonum in lucem editi.* Olyssipone, Apud Michaellem Rodriguezium [...] MDCCLIX, [vol. II, *ib.*, 1760].

Para circunscrever o ensino da arte aos seus elementos fundamentais, Fonseca reduziu os doze livros das *Institutiones Oratoriae* de Quintiliano a três livros compendiados em apenas um, intitulado *Institutionum Rhetoricarum Libri Tres*, e comentou-o à luz da melhor crítica europeia, sobretudo francesa. Desta feita, o “Liber Primus” da obra de Fonseca corresponde, *grosso modo*, aos livros II e III das *Institutiones Oratoriae*, o “Liber Secundus” aos livros IV, V, VI e VII e, por fim, o “Liber Tertius” aos livros VIII, IX e XII.

O total de 591 páginas representa um precioso trabalho de sistematização, que começa com a definição de retórica (Livro I), prossegue com a explicitação das partes do discurso e da disposição (Livro II) e termina com os preceitos sobre o estilo (Livro III). Os livros dividem-se em capítulos e no final de cada capítulo são apostas as notas e os comentários do autor, apoiados na exegese de notáveis filólogos europeus do século XVIII, na sua maioria franceses. Cita, amiúde, Adrien Turnèbe, Claude Capperonier, Rollin, Heineck, Peter Burmann, Johann Matthias Gesner, Gibert e Crevier, com especial destaque para Adrien Turnèbe¹⁴⁶ e Claude Capperonier¹⁴⁷, este último mencionado na página de rosto da obra.

1.5. *Tratado dos affectos e costumes oratorios*

Tratado dos affectos e costumes oratorios, considerados a respeito da eloquencia, dividido em duas partes.

1ª edição: 1776, Lisboa: Na Regia Officina Typografica.

2ª edição: 1786, Lisboa: Na Regia Officina Typografica.

3ª edição: 1793, Lisboa: Na Regia Officina Typografica.

¹⁴⁶ Adrien Turnèbe (1512-1565) editou Ésquilo, Sófocles, Plauto, Cícero e Quintiliano. As suas dissertações e comentários a estes autores clássicos encontram-se reunidos na obra intitulada *Adversaria*.

¹⁴⁷ Claude Capperonier (1671-1774) foi um dos mais conceituados intérpretes de Quintiliano, cuja edição *princeps* foi dada à luz em 1725. Muitos exegetas consideram que esta edição foi uma tentativa de aperfeiçoamento da edição publicada em 1720 por Peter Burmann. Para além destas edições, o século XVIII granjeou, em 1738, a edição de Johann Matthias Gesner.

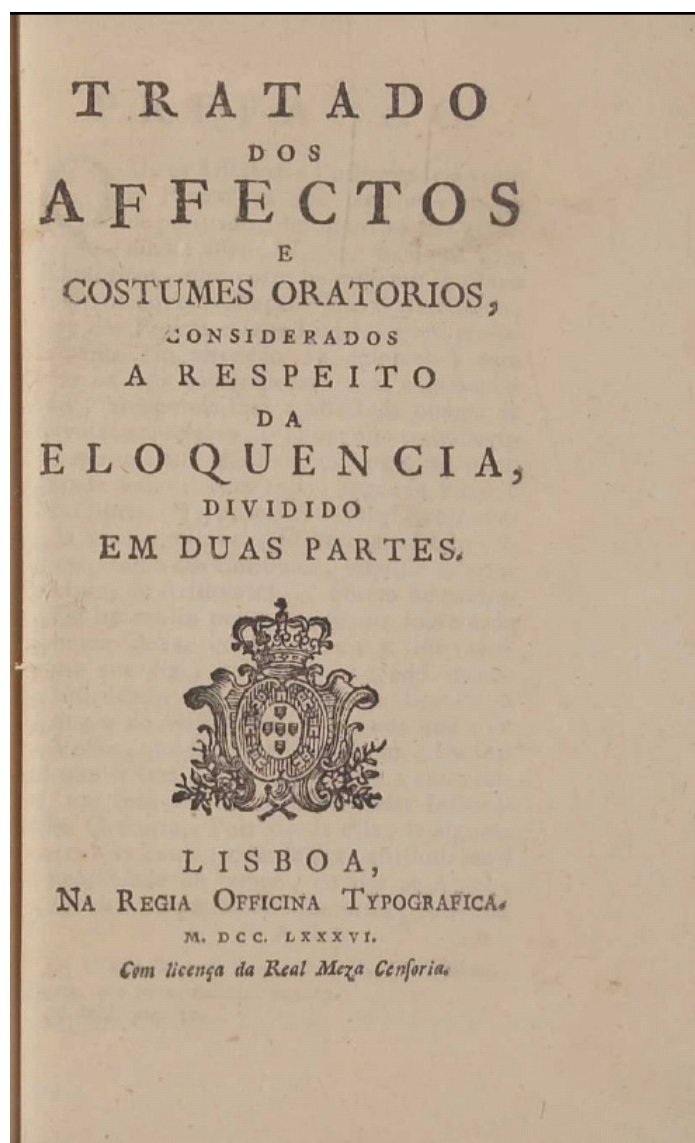


Figura 4

À semelhança das restantes obras de Fonseca, esta obra obedeceu a intentos didácticos, propondo-se remediar a insuficiência do tratamento que é feito dessa matéria no trabalho anterior do mesmo autor intitulado *Institutionum Rhetoricarum*.

A ideia surgira-lhe do preceptista retórico francês Balthasar Gibert¹⁴⁸, que tentou completar a deficiente consideração do papel dos afectos no tratado de Quintiliano, mediante o aproveitamento oportuno da lição de Aristóteles.

Efectivamente, à medida que nos aproximamos dos fins do século XVIII assistimos a uma progressiva revalorização de certos aspectos da teoria literária aristotélica, nomeadamente o lugar dos afectos na argumentação, assunto detalhadamente apresentado no início do segundo livro da *Retórica* de Aristóteles, onde o Estagirita estabelece o fundamento e o quadro de utilização das paixões na construção do discurso, destacando a importância do elemento passional no funcionamento do sistema retórico. As paixões surgem com uma função transformadora que se exerce a dois níveis: ao nível do *pathos* dos destinatários do discurso (agitação das emoções e dos afectos de quem escuta) e ao nível do *ethos* do orador (características morais que devem transparecer no orador para que ele impressione positivamente os ouvintes e assim os convença).

O título da obra de Fonseca, que remete claramente para as duas partes da obra, reflecte a distinção entre o *pathos* e o *ethos*, isto é entre os afectos mobilizadores do auditório e a ética do orador¹⁴⁹.

O tratado reproduz a obra do filósofo grego, a começar pela lista dos afectos e a sua definição, bem como a respectiva caracterização argumentativa. Analisa, por isso, treze¹⁵⁰ das paixões seleccionadas por Aristóteles, apresentando a definição de cada uma delas (em

¹⁴⁸ Na prefácio do tratado, Fonseca cita várias vezes Gibert que, na sua obra intitulada *Jugements des Savants sur les auteurs qui ont traité de la Rhétorique*. Paris, J. Estienne, 1713, t.II, verbera o facto de Quintiliano não ter concedido a devida importância ao tratamento dos afectos e dos costumes na *Retórica* de Aristóteles.

¹⁴⁹ A lógica do título foi retomada pelo alcobacense Frei José Caldeira, autor do *Tratado dos afectos, e costumes oratórios por... Monge de Alcobaça e M. Jubilado na Sagrada Theologia*. Lisboa: Typ. Maigrense, 1825. As primeiras trinta e cinco páginas são um resumo da matéria exposta por Pedro José da Fonseca, que não chega a ser citado. Os exemplos tirados dos clássicos greco-latinos e dos autores portugueses, que figuram na obra deste, foram inteiramente eliminados. A seguir às páginas referidas vem uma “Nota” sobre a eloquência sagrada, que se prolonga até ao fim do livro. Aí se discorda do preceito retórico de usar os afectos maiores nas causas graves e discorre-se longamente sobre a pregação e os sermões de moral. A graça divina deve prevalecer sobre os artificios retóricos (cf. Abreu, 1997: 289- 290).

¹⁵⁰ Afectos analisados por Pedro José da Fonseca: ira (*ira*), p. 4; brandura (*lenitas*), p. 9; amor (*amor*), p. 15; ódio (*odium*), p. 18; medo (*metus*), p. 22; confiança (*confidentia*), p. 26; pejo (*verecundia*), p. 30; descaramento (*invrecundia*), p. 32; graça ou beneficência (*gratia*), p. 33; misericórdia (*miser cordia*), p. 36; indignação (*indignari*), p. 44; inveja (*invidia*), p. 47; e emulação (*aemulatio*), p. 53.

latim)¹⁵¹, indicando os motivos que as podem excitar e fornecendo exemplos ilustrativos de autores gregos e latinos e, sobretudo, de autores nacionais.

A preferência por exemplos tirados de “alguns bons escritores portugueses” é fundamentada pela sua familiaridade para os alunos e pela oportunidade para inculcar neles o seu conhecimento. Predominam nitidamente as referências colhidas n’ *Os Lusíadas*¹⁵² e verifica-se que são quinhentistas ou de começos de Seiscentos os autores invocados, a saber, António Ferreira, Jacinto Freire de Andrade, Diogo Bernardes, Bernardo de Brito, entre outros¹⁵³.

Para além de valorizar o lugar concedido aos afectos na arte retórica do período neoclássico e autonomizar essa parte do saber retórico, a publicação deste trabalho reitera as três finalidades essenciais à eloquência que a retórica neoclássica estabelecera: *docere, delectare e movere*.

1.6. Tratado da versificação portuguesa

Tratado da versificação portuguesa, dividido em duas partes.

1ª edição: 1777, Lisboa: Na Regia Officina Typografica.

2ª edição: 1817, Lisboa: Na Typografia Lacerdina.

¹⁵¹ A sua opção por apresentar as definições em latim é justificada pelo facto de os destinatários da obra entenderem latim e por não querer arriscar novas versões.

¹⁵² Exemplos extraídos d’ *Os Lusíadas*: I, 36-37, p. 82; I, 38, p.64; I, 68, p. 77; I, 74-75, p.6; II, 16, p. 81; II, 30, p. 78; II, 34, p. 11; II, 58, p. 16; II, 104-105, p. 34; III, 35-36, p. 71; III, 38-39, p.10; III, 102-104, p. 22; III, 105, p. 23; III, 126-127, p. 12; IV, 16-17, p. 27; IV, 18, p. 28; IV, 52, p. 41; IV, 14, p. 83; IV, 94, p. 83; V, 35, p.33; V, 46-48, p. 43; V, 92, p. 56; V, 93, p. 67; V, 98, p. 68; Vi, 29, p. 7; VI, 30, p. 4; VI, 32, p. 9; Vi, 35-36, p. 66; VI, 40-41, p. 80; VI, 63, p. 82; VI, 77, p. 37; VI, 80, p. 23; VI, 87, p. 12; Vi, 95, p. 54; VII, 80, p. 41; VII, 81, p. 42; VII, 84-86, p. 49; VIII, 7, p. 14; VIII, 40, 42, p. 74; VIII, 53, p. 8; VIII, 55, p. 50; VIII, 67, 74, p. 21; VIII, 98-99, p. 75; IX, 28, p. 35; IX, 45, p. 16; IX, 46, p. 17 ; IX, 75, p. 80; IX, 92-94, p. 55; IX, 93, p. 51; X, 22-23, p. 38; X, 29, 31, p. 40 ; X, 45-46, p. 13; X, 58, p.77; X, 151, p. 73. (cf. Abreu, 1997: 295).

¹⁵³ Para conhecer a lista dos autores portugueses e as obras de onde foram extraídos os exemplos, cf. Abreu, 1997: 296.

Estamos perante um dos principais trabalhos de Fonseca que, tal como as produções dos demais teorizadores neoclássicos, iria dar origem a um sistema normativo rígido, que manteria a poesia portuguesa vinculada até muito tarde à matriz clássica.

Partidário da ideia de que para a poesia conseguir um dos seus mais importantes fins, o deleite, é necessário o estabelecimento de regras fundadas na razão, já estudadas e fixadas não só pelos antigos poetas gregos, mas também pelos autores modernos, Pedro da Fonseca resolve compendiá-las, pois a “Mocidade portuguesa se acha na maior penuria, quando a este respeito deseja instruirse”.

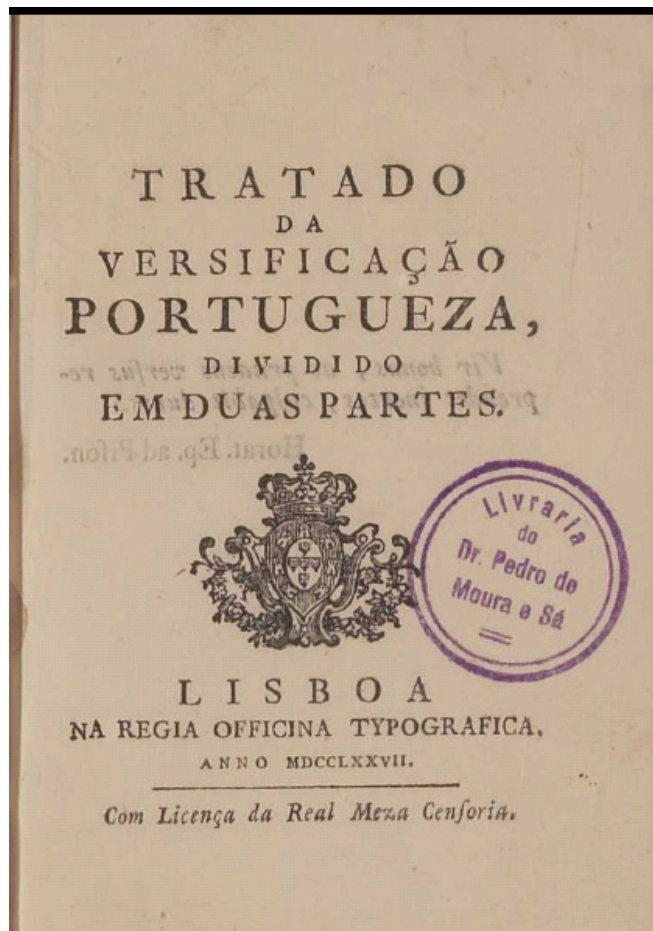


Figura 5

Tal como indica o título, a obra divide-se em duas partes, sendo a primeira “Do verso portuguez em geral, quantas sejam as suas espécies, e que regras se devem nelle observar”, e a segunda “Das composições poeticas em particular, e suas regras quanto á lingua portugueza”.

O autor apresentou as regras essenciais da versificação portuguesa pela frequência dos exemplos tomados de Luís de Camões, António Ferreira, Sá de Miranda, Diogo Bernardes, Faria e Sousa, Manuel Correia, Rodrigues Lobo, Francisco Sá de Menezes, Bernardim Ribeiro, entre outros.

Este tratado, no seu conteúdo exclusivamente regulamentador, é uma das maiores expressões paradigmáticas de uma corrente que sujeitava a criação poética a uma multiplicidade de regras subordinadas ao ideal racionalista de verdade e à parcimoniosa sobriedade, muitas vezes transformada em desataviada indigência estilística.

1.7. *Os Tres Livros das Instituiçoens Rhetoricas*

Os Tres Livros das Instituiçoens Rhetoricas de M. Fab. Quintiliano accommodadas aos que se applicão ao Estudo da Eloquencia por Pedro Jozé da Fonseca.

1ª edição: 1782, Coimbra: Na Real Officina da Universidade

2ª edição: 1794, Coimbra: Na Real Officina da Universidade

Convicto do valioso préstimo da tradução do pensamento de Quintiliano para a instrução da mocidade, João Rosado de Vilalobos e Vasconcelos, professor régio de Retórica e de Poética em Évora, julgou oportuno traduzir esta obra de Fonseca para a língua portuguesa, valendo-se das versões francesas¹⁵⁴ dos abades De Pure¹⁵⁵ e Gédoyne¹⁵⁶.

¹⁵⁴ Na “Prefacção” da obra, o autor informa quanto às principais distinções entre a sua tradução e as fontes francesas onde bebeu: “Não traduzi os exemplos dos versos, como fez Mons. Gedoin, para não estragar a belleza do metro; e traduzi os outros exemplos em proza, como não fez Mons. de Pure, para ser uniforme em tudo: menos naquelles, em que toda a graça consistia nas palavras Latinas” (Vasconcelos, 1782: XII).

¹⁵⁵ *Institution de l’Orateur*, Paris, 1663.

¹⁵⁶ *Institution de l’Orateur*, Paris, 1718.

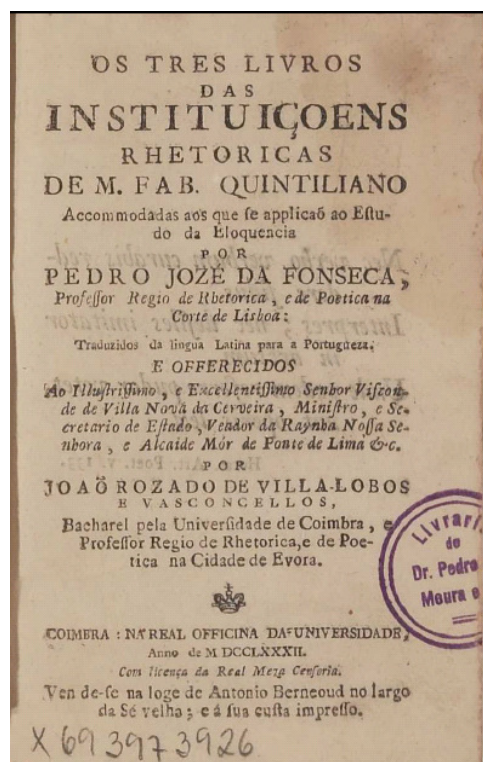


Figura 6

A obra ocupa um total de 245 páginas, dispostas pela seguinte ordem: 1 página de rosto, 1 página com um excerto da *Arte Poetica* de Horácio¹⁵⁷, 5 páginas com a dedicatória ao Illm.º e Exm.º Senhor Visconde de Villa Nova de Cerveira, 14 páginas de “Prefacção”, 219 páginas de tradução propriamente dita, 4 páginas de índice e, por fim, 1 página de errata.

No que diz respeito à estrutura desta tradução, a principal diferença, relativamente ao original, reside na omissão de todas as notas que Fonseca integrara na sua edição, no final de cada capítulo, “tanto por não serem precisas, depois de traduzir o livro em portuguez, como por não marginalar muito hum livro, que por isso parece mais escuro, e enigmatico”¹⁵⁸.

As considerações que tece na “Prefacção” da obra fornecem um sucinto esclarecimento quanto à metodologia adoptada pelo autor para traduzir a obra:

¹⁵⁷ *Nec verbo verbum curabis reddere fidus/ Interpres; nec desilies imitator/ in artum, Unde pedem referre pudor vetet, aut operis lex.* Tradução: Como tradutor fiel, não te empenharás em traduzir palavra por palavra, nem imitador te lançares numa situação embaraçosa, de onde a timidez ou a estrutura da obra não permita sair (tradução nossa).

¹⁵⁸ Vasconcelos, 1782: XII

III. Pedro José da Fonseca, o filólogo

A minha Traducção não he paraphrastica, o que me custaria muito menos; he toda literal: porque assim conserva melhor o estylo Romano, e serve mais utilmente á Mocidade, para se acostumar a conhecer o espirito de Quintiliano, e pensar como elle. Mas com tudo, não traduzi palavra por palavra, o que faria uma linguagem insípida; mas só, pensamento por pensamento, que he o que pode fazer huma Traducção elegante¹⁵⁹.

Todavia, a crítica coeva esclarece que o resultado desse labor não foi o melhor. Referimo-nos ao juízo de um profundo conhecedor do tratado de Quintiliano, Jerónimo Soares Barbosa (1737-1816), nomeado em 1766 professor de retórica no Colégio das Artes de Coimbra¹⁶⁰. Em 1786 publicou a primeira interpretação que compôs das *Institutiones Oratoriae*¹⁶¹ e, em 1788, publicou uma tradução elaborada vinte anos antes¹⁶². A decisão de publicar esta tradução, inicialmente destinada a seu uso particular, foi notoriamente motivada pelo aparecimento das versões de Fr. Vicente Lisbonense¹⁶³ e de João Rosado de Vilalobos, já que a primeira estava incompleta e a segunda “chêa de innumeraveis erros, e muito grosseiros”¹⁶⁴. Depois de coligir e apresentar, no prefácio da sua obra, as traduções de

¹⁵⁹ *Ibidem*: XI.

¹⁶⁰ Nasceu em Ansião no ano de 1737. Em 1762 foi ordenado sacerdote e em 1766 foi nomeado professor de Retórica e Poética no Colégio das Artes, frequentando entretanto a Faculdade de Cânones, onde veio a formar-se. Em 1789 foi eleito sócio da Academia Real das Ciências, tendo-se jubilado um ano depois. A partir de 1792 iria desempenhar um papel importante no contexto da reforma educacional: visitador dos estudos menores na comarca de Coimbra; encarregado de promover e dirigir as edições de autores clássicos destinados às escolas; e deputado da Junta Geral dos Estudos. Faleceu em 1816. A figura de Soares Barbosa surge, a par da de Fonseca, como um dos principais pedagogos da mocidade portuguesa no século XVIII. Além das obras consagradas à Retórica, divulgou a doutrina poética horaciana e elaborou a mais completa gramática da língua portuguesa publicada até então, seguindo os princípios da gramática filosófica dos religiosos de Port-Royal. Sobre a sua vida e obra, vide F. A. Rodrigues de Gusmão, *Comemorações. O Sr. Jeronymo Soares Barbosa. 5 de Janeiro de 1816*, in “Revista Universal Lisbonense”, t. III, 1843-1844, pp. 236-237; *id.*, *Apontamentos para a continuação da Bibliotheca Lusitana. I. Jeronymo Soares Barbosa*, in “O Instituto”, vol. V, 1857, pp. 259-263; José Silvestre Ribeiro, *op.cit.*, t. II, pp. 218-219; e Inocêncio, *Dic. Bibli.*, t. III, pp. 276-278; t. X, pp. 135-137 e t. XI, p. 275.

¹⁶¹ *M. Fabii Quintiliani Institutiones Oratoriae, quas ex eiusdem XII libris selegit digessit, emendavit et illustratas olim vernacula interpretatione, et notis ad usum Scholarum Academiae Conimbricensis accommodavit* [...] Conimbricae, Typis Academicis, MDCCLXXVI. Foi objecto de reedições em 1803, 1814 e 1825.

¹⁶² *Instituições Oratorias de M. Fábio Quintiliano escolhidas dos seus XII Livros, Traduzidas em Linguagem, e illustradas com notas Criticas, Historicas e Rhetoricas, para uso dos que aprendem. Ajuntão-se no fim as Peças originaes de Eloquencia, citadas por Quintiliano no corpo destas Instituições* [...] Tomo I. Em Coimbra, na Real Imprensa da Universidade, MDCCLXXXVIII [t. II, *ib.*, 1790]. Em 1836 publicou-se nova edição, também em Coimbra. Segundo Inocêncio há outra de Paris, desse mesmo ano e uma outra de Baía (Tipografia Imperial e Nacional), de 1829.

¹⁶³ Pseudónimo do oratoriano Pe. Vicente Amado.

¹⁶⁴ Barbosa, 1788: VII.

Vilalobos que considera erradas no primeiro capítulo, remata “Por tanto esta traducção devia ser para mim huma razão, que me determinasse enfim a publicar a minha”¹⁶⁵.

1.8. *Arte poetica de Q. Horacio Flacco*

Arte poetica de Q. Horacio Flacco. Epistola aos Pisões, traduzida em portuguez, e illustrada com escolhidas notas dos antigos e modernos interpretes, e com hum commentario critico sobre os preceitos poeticos, lições varias e intelligencia dos lugares difficultosos por Pedro José da Fonseca. Lisboa, na Officina de Simão Thaddeo Ferreira. Anno 1790.

O século XVIII, cadinho das mais variadas traduções e interpretações dos modelos greco-latinos, distingue-se especialmente pela primazia concedida à *Arte Poética* de Horácio. Assim, Cândido Lusitano (1748), Miguel Couto Guerreiro (1772), João Rosado de Vilalobos e Vasconcelos (1777), D. Rita Clara Freire de Andrade (1781), Pedro José da Fonseca (1790), Jerónimo Soares Barbosa (1791), Tomás José de Aquino (1793) Joaquim José da Costa e Sá (1794) e a Marquesa de Alorna foram alguns dos que decidiram perfilhar não apenas os fundamentos teóricos de Horácio, como, aliás, já o haviam feito os nossos quinhentistas Sá de Miranda e, sobretudo, António Ferreira, mas também traduzir e até mesmo comentar o texto horaciano.

Aliadas ao projecto dos árcades de criar uma poesia de “bom gosto”, através de uma prudente crítica, surgem as novas metodologias de ensino que preconizam uma aprendizagem dos clássicos mais acessível, por meio de adaptações, traduções e interpretações. Neste contexto é publicada, em 1790, a tradução anotada e comentada por Pedro José da Fonseca da *Arte Poética* de Horácio.

Para auxiliar a tradução e bem comentar a obra, Fonseca escolheu o texto considerado por todos os críticos o mais correcto, o de Alexandre Cunningham, impresso em Haya, no ano de 1721, e consultou um grande número de comentadores e tradutores, nomeadamente

¹⁶⁵ *Ibidem*: IX.

III. Pedro José da Fonseca, o filólogo

Christovão Landino, Jasão de Nores, Jano Parrhasio, Vito Amerbachio, Henrique Glareano, Francisco Robortello, Badio Ascensio, Jorge Fabrício, Marco Antonio Mureto, Theodoro Pulmanno, João Thomás Freigio, Jacob Cruquio, João Baptista Pigna, Dionysio Lambino, Pedro Nannio Alcmariano, André Dacier, Mr. Perpetit de Grammont, Ricardo Bentley, Pe. Sanadon, João Du-Hamel, Johann Matthias Gesner, Mr. Abbade Batteux, Luiz Poinsinet de Sivry, D. Thomás de Yriarte e o Abbade Pedro Metastasio.

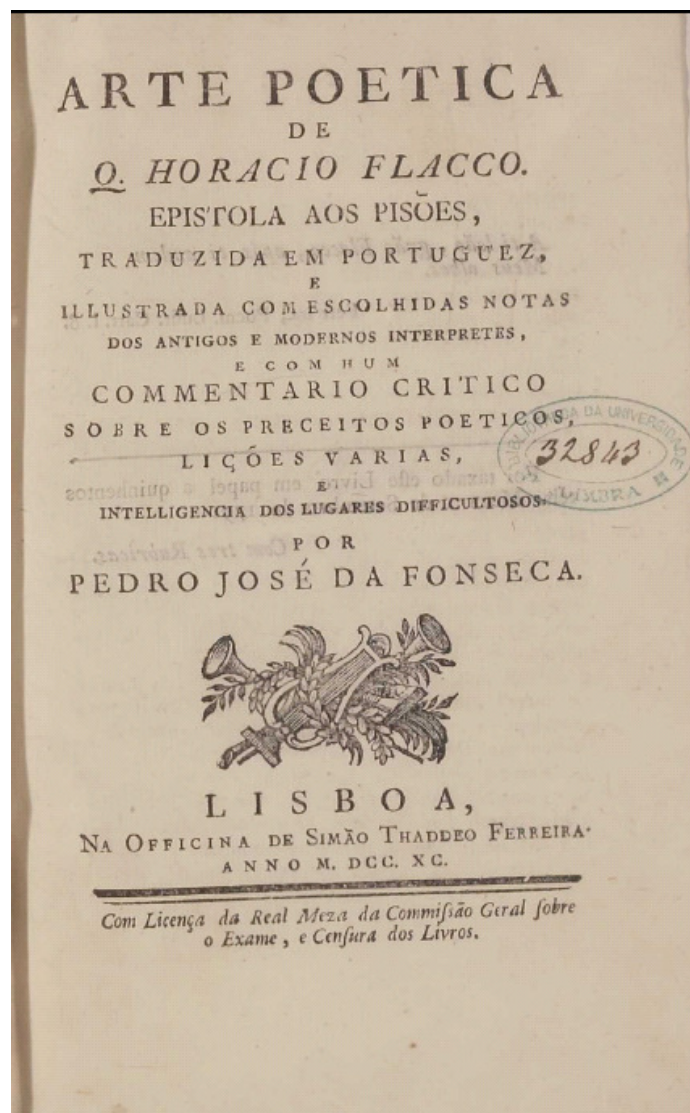


Figura 7

Movido pelos seus intentos pedagógicos, o autor elaborou uma edição bilingue, em que nas primeiras 93 páginas coloca o original latino e à frente a tradução portuguesa, não em verso, mas sim em prosa¹⁶⁶. Seguem-se 180 páginas de *Commentario Critico*, escrito em português com o objectivo de explicar os princípios estético-literários contidos na *Poética* de Horácio.

As notas apresentadas por Fonseca no *Commentario Critico* exprimem e simultaneamente compendiam o *corpus* doutrinário da literatura neoclássica, destacando-se como principais *topoi*: a poesia como imitação da natureza do ser humano, a dialéctica engenho/arte, a imitação dos modelos greco-latinos, *limae labor et mora*, a observância do *decorum*, e a dimensão social da literatura – *utile et dulce*. Para corroborar as suas afirmações, o autor aduz a posição paradigmática dos mais variados autores greco-latinos e portugueses: Cícero, Quintiliano, Virgílio, Vitruvius, António Ferreira, Camões e Sá de Miranda, para citar apenas alguns.

A avaliar pela crítica posterior de um estudioso da *Arte Poética* de Horácio, “esta edição bilingue é uma das mais bem documentadas [...]. O Comentário e as notas são documentos da erudição do autor e testemunhos da ciência filológica dos nossos eruditos do século XVIII”¹⁶⁷.

1.9. *M. Tullii Ciceronis Orationes Selectae*

M. Tullii Ciceronis Orationes Selectae ad usum scholarum lusitanarum jussu Josephi I. Regis fidelissimi editae et secundum Josephi Oliveti editonem emendatae. Olisipone: Ex Typographia Regia. 1793.

Pensamos ser esta a obra que Fonseca emendou. Inocência aponta o seguinte título: *Orações selectas de Cicero, em latim, coordenadas para uso do R. Colégio de Nobres.*, Todavia, o bibliógrafo, por não ter tido acesso a um exemplar destas *Orações* (cf. tomo VI,

¹⁶⁶ No prólogo da obra o autor informa que “para conseguir a clareza e a exacção”, entendeu que a tradução deveria ser feita em prosa e não em verso.

¹⁶⁷ Fernandes, 1992: 41.

421), não indica a data da composição ou publicação, admitindo a possibilidade de o título apontado não ser exactamente este.

1.10. *Rudimentos da Grammatica portugueza*

Rudimentos da Grammatica portugueza, cómodos á instrucção da mocidade, e confirmados com selectos exemplos de bons auctores. Lisboa, na Officina de Simão Thaddeo Ferreira. Anno 1799.

Apesar das posições professadas, a partir do século XVII¹⁶⁸, em favor do método de ensinar a Gramática da própria língua, a escolarização da gramática da língua portuguesa só seria oficialmente decretada pelo Marquês em finais do século XVIII, mais concretamente em 1770. Efectivamente, até à reforma do ensino iniciada pelo Marquês de Pombal, foi nítida a minúcia de textos gramaticais do português, já que, segundo o juízo de Telmo Verdelho, “o processo didáctico e a reflexão teórica e normativa sobre o português passou, até ao fim do século XVIII, quase exclusivamente pela gramaticografia latina”¹⁶⁹.

No prólogo dos *Rudimentos da Grammatica* Fonseca discorre sobre esta questão, advogando a posição do enciclopedista Du Marsais, que verbera os gramáticos que regularam as línguas nacionais pelas fórmulas da gramática da língua latina, complicando o seu estudo com preceitos inúteis.

Ainda na esteira da crítica francesa, mas desta vez apoiado no sensualista Condillac, acentua a importância da antecipação do estudo da gramática da própria língua ao estudo de qualquer outra, já que o conhecimento da língua materna facilitaria muito a percepção das regras dos idiomas estranhos, sobretudo as do latim.

Não obstante estas referências aos princípios da *Grammaire Générale* e aos seus preconizadores, Du Marsais e Condillac, Fonseca tomou por modelo, para a composição da

¹⁶⁸ Luís António Verney reconheceu ter sido “no século passado [isto é, no século XVII], ressuscitou este método de ensinar a gramática da própria língua” (Verney, 1949 (1746): 32).

¹⁶⁹ Verdelho, 1995: 127.

sua obra, a *Gramática de la lengua castellana* elaborada pela Real Academia Espanhola¹⁷⁰, ainda que as alusões à GRAE ou a outros gramáticos espanhóis sejam nulas¹⁷¹.

Jerónimo Soares Barbosa analisa os *Rudimentos da grammatica portugueza* no prólogo da sua *Gramática Filosófica*, destacando positivamente o facto de o seu autor ter emendado grande parte dos erros das gramáticas anteriores, que se cingiam unicamente a fundir sistemas analógicos de regras pelas gramáticas latinas. Repreende não só a indiferença perante os princípios da gramática geral, mas também a multiplicação exagerada das regras, que, na sua opinião, poderiam ser mais abreviadas e reduzidas a ideias mais simples e gerais¹⁷².

A colação da gramática de Fonseca com a castelhana revela que o autor seguiu na descrição gramatical muito de perto o modelo castelhano, ainda que muitas vezes a sua adequação à realidade linguística portuguesa seja duvidosa¹⁷³.

1.11. *Rudimentos da Orthographia portugueza*

Rudimentos da Orthographia Portugueza

1ª edição: 1809, Lisboa: Na Offic. de Antonio Rodrigues Galhardo

2ª edição: 1842, Lisboa: Na Typographia Rollandiana.

¹⁷⁰ Barbosa, 1862: XIII.

¹⁷¹ No que diz respeito às influências da gramaticografia castelhana em Portugal, é bem conhecida e inegável a presença da *Gramática de la lengua castellana* de António de Nebrija de 1492 nas primeiras gramáticas portuguesas. Todavia, em finais do século XVIII, a Academia das Ciências de Lisboa fez esforços para aclimatar a *Grammaire Générale* francesa em Portugal, em detrimento da *Gramática de la lengua castellana* da Real Academia Espanhola. Nas gramáticas que se publicaram a partir do final do século XVIII costuma-se fazer referência aos protagonistas da “gramática filosófica” francesa, ao passo que os gramáticos espanhóis raramente são nomeados (cf. Schäfer-Priess, 2001: 138-139).

¹⁷² Barbosa, 1862: XIII.

¹⁷³ Cf. Barbara Schäfer-Priess, 2005: 134. Num artigo intitulado “Gramaticografia em contacto: as gramáticas portuguesas de Pedro José da Fonseca e Jerónimo Soares Barbosa e a gramática de la lengua castellana da Real Academia Española de 1771”, Barbara Schäfer-Priess analisa como Fonseca, adaptando uma gramática castelhana, trata as diferenças, ao nível do objecto, entre o português e o castelhano. Para este objectivo escolheu três fenómenos gramaticais onde há nítidas divergências entre os dois idiomas, pelo menos na língua actual, mas presumivelmente também na dos séculos XVIII e XIX: o “acusativo preposicional”, as formais verbais em *-ra* e o pretérito perfeito composto (Schäfer-Priess, 2005: 129-136).

O conteúdo desta obra justifica a sua apresentação e análise no estudo sobre ortografia, inserido no capítulo II deste trabalho, que dá conta do pensamento linguístico do autor.

2. Composições em verso

As composições em verso surgiram seguramente do papel de Fonseca enquanto elemento da Arcádia, uma plêiade que ambicionava restaurar a poesia, imitando a Antiguidade greco-latina e combatendo o seiscentismo, tanto pelo conhecimento das regras e leitura dos teorizadores, como pelo exercício, que assumia um papel fundamental na reabilitação da poesia. Ainda que raros, foram alguns os momentos em que Fonseca se rendeu às musas, como podemos inferir das quatro composições em verso contabilizadas por Inocêncio.

1) *Ecloga no felicissimo nascimento do Principe da Beira*. Lereno. Lisboa, na Officina de Francisco Luis Ameno. Anno 1761.

2) *Ode ao ill.mo e ex.mo sr. Thomás Xavier de Lima, visconde de Villanova da Cerveira, ministro e secretario d'estado*, etc., etc. Lisboa, na Regia Officina Typographica. Anno 1777.

Informa Teófilo Braga que os motivos das conferências públicas dos árcades circunscreveram-se a declamações servis, que transformaram a poesia do século XVIII num “meio de pedir esmola em verso, e fizeram dos poetas uma especie de bobos das mezas dos grandes, ou dos festejos publicos”¹⁷⁴. Assim, eram comuns os versos para festejar inaugurações, aniversários e nascimentos de príncipes e graças de títulos, como é o caso destas duas composições de Fonseca.

3) *Invectiva ou satyra contra os maós poetas por Verissimo Lusitano*

¹⁷⁴ Braga, 1875: 427.

Na esteira da imitação da Antiguidade greco-latina, os autores setecentistas e, mais especificamente, os árcades, recuperaram uma série de *topoi* presentes nas obras dos autores clássicos. Exemplo do que acabamos de dizer foi a *Invectiva ou satyra contra os maus poetas por Verissimo Lusitano*¹⁷⁵, onde Fonseca retoma um conjunto de motivos já apresentados e desenvolvidos por Horácio: a alusão aos pretensos poetas; a crítica aos que compõem um elevado número de versos, confundindo assim quantidade com qualidade; a imitação dos modelos; os maus críticos; o “furor” poético; o *labor limae*; e as dicotomias *ars / ingenium*, *res / uerba* e *docere / delectare*¹⁷⁶.

4) *Satyra do Homem, composta em francez por Boileau Despreaux, por elle dirigida a Monsieur M. Doutor de Sorbonna*¹⁷⁷, e agora trasladada em verso solto portuguez¹⁷⁸. Lisboa, na Offic. Patriarc. de João Procopio Correa da Silva. Anno 1800.

A versão da sátira, que compreende 453 versos, acaba na página 17. Depois segue-se um amplo e erudito comentário do tradutor, que acrescenta a alguns conceitos de Despréaux outros dos poetas portugueses mais ilustres.

Informa o comentário do tradutor que “Esta versão foi unicamente feita com o intuito de querer o Traductor em seus primeiros annos experimentar, se lhe seria possivel passar á nossa lingua tão copiosa e flexivel para todo o genero de assumptos, huma Obra poetica de um

¹⁷⁵ *Invectiva ou satyra contra os maus poetas*. Lisboa, na Officina da Viuva de Ignacio Nogueira Xisto. Anno 1767. Esta composição figura entre as obras de Correia Garção, na edição de António José Saraiva (1957), como tratando-se da sátira terceira. Este equívoco adveio do facto de Teófilo Braga indicar, na *Arcádia Lusitana* (1899: 466-7), ter encontrado esta composição num manuscrito que havia sido copiado por António Lourenço Caminha, com a informação de se tratar de uma *Collecção das Obras poeticas de P.A. Corrêa Garção, onde vem muitas que se não imprimiram*. Acontece que este mesmo texto, supostamente publicado pela primeira vez por Teófilo Braga em 1899, havia sido já publicado em 1767, como indica Inocêncio, e em 1785, na Offic. de Simão Thaddeo Ferreira, como sendo da autoria de *Verissimo Lusitano*, pseudónimo arcádico de Pedro José da Fonseca. Sobre este mal-entendido relativo à autoria da composição, cf. Filipe, 2003: 240-241.

¹⁷⁶ Cf. Filipe, 2003: 250.

¹⁷⁷ Publicada pela primeira vez em 1668, a *Satyra do Homem* foi a obra do autor com maior aceitação.

¹⁷⁸ Segundo Inocêncio, este trabalho anónimo é de Pedro José da Fonseca (Silva, 1858-1923), tomo II, p. 210 e tomo VI, p. 423.

dos mais polidos e famosos Escritores da França no seculo mais illustre da sua grande literatura”¹⁷⁹.

3. Catálogo dos manuscritos vendidos à Academia Real das Ciências de Lisboa

*Catalogo dos manuscritos que o Professor Pedro José da Fonseca, socio da Academia Real das Sciencias, vendeu á mesma Academia*¹⁸⁰

3.1. *Entretenimento de varia lição sobre assumptos moraes, históricos e litterarios, com escolha extrahidos e compilados de bons auctores portuguezes e estrangeiros.* – Em 4.º 4 tomos [s.l., s.d.].

Este “Entretenimento” trata-se de uma compilação de comentários de textos extraídos de vários autores. Sem nome do autor, sem local e sem data, são da autoria de Pedro José da Fonseca, conforme revela a sua inconfundível letra e o que declara Inocência¹⁸¹.

3.2. *Passatempo proveitoso.* – Em 4.º 2 tomos.

No segundo tomo o autor aborda temas tais como: riqueza e glória, provérbios, inventos, contos poéticos, fábulas, diálogos morais, entre outros.

3.3. *Os historiadores portuguezes notados de varios erros, enganos, descuidos e omissões, em que incorreram, segundo as observações feitas por críticos judiciosos, a fim de que a sua leitura seja proveitosa e livre de duvidas.* – Em 4.º 2 tomos.

¹⁷⁹ *Satyra do Homem*, 1800: 24.

¹⁸⁰ Copiado do autógrafo escrito por Fonseca que se conserva no arquivo da Academia Real das Ciências de Lisboa.

¹⁸¹ Cf. tomo VI: 423.

3.4. *Diccionario abreviado das antiguidades, para servir á intelligencia da historia antiga, tanto sagrada como profana, e á dos auctores gregos e latinos; traduzido do francez em portuguez.* – Em 4.º 2 tomos.

3.5. *Diccionario das antiguidades de Portugal, para servir á intelligencia da historia antiga d'este reino.* – Em 4.º 2 tomos.

3.6. *Catalogo ecclesiastico e chronologico, no qual summariamente se indica a instituição primitiva das festividades e ceremonias da igreja catholica; as epochas da canonisação de alguns sanctos modernos, e dos concílios gerais; a fundação das principaes ordens militares e religiosas; o principio dos scismas e das heresias, etc.* – Em 4.º 1 tomo.

3.7. *Promptuario de apophtegmas e dictos sentenciosos, Moraes, instructivos e graciosos tanto dos antigos como dos modernos, promiscuamente em centúrias, para fazer a sua leitura mais commoda e delectavel. Primeira e segunda parte.* – Em 4.º 2 tomos. Cada uma das partes consta de cinquenta centurias.

No final de cada volume encontra-se o seguinte despacho: “imprimase, e torne a conferir. Lisboa, 12 de Julho de 1803”. Na folha de rosto lê-se a indicação de ter sido comprado pela Academia a Pedro José da Fonseca por 50\$000 réis.

3.8. *Relação verdadeira dos trabalhos que o governador D. Fernando do Souto, e certos fidalgos portuguezes passaram no descobrimento da província da Florida. Agora novamente feita por um fidalgo d'Elvas.* – Em 4.º 1 tomo.

Cópia do impresso, hoje raríssimo. Nesta obra nada mais há de Fonseca que o trabalho manual da cópia. O livro acha-se hoje reimpresso pela Academia, por um exemplar da edição antiga.

3.9. *Obras do Diabinho da mão-furada, para espelho de seus enganos e desengano de seus arbítrios. Palestra moral e prophana, d'onde o curioso aprende para a doutrina dictames, e para o passatempo recreios.* – Em 4.º 1 tomo.

Segundo Inocêncio¹⁸² esta obra foi atribuída indevidamente a Fonseca, pois o seu autor foi o judeu António José da Silva. Dele é que parece ser a obra a seguir citada, que apareceu sob o nome de Verissimo portuguez: *Romance genethliaco no nascimento do real principe da Beira: Enfim, Deus grande, a vossa piedade/ Os votos attendeu da Lusa gente, etc.*, e no fim tem as iniciais O. S. C. S. R. C. – Coimbra, na real offic. da Universidade, 1762.

3.10. *Conversações de Phocion sobre a relação da moral com a politica: traduzidas do grego de Nicocles por mr. o Abbade de Mably, com varias notas, e agora trasladadas do francez em linguagem portugueza.* – 1 tomo.

3.11. *Considerações sobre os costumes do século passado, ou decimo-oitavo: por mr. Duclos. Agora traduzidas do francez em portuguez.* – 1 tomo.

Obra composta por 16 capítulos, traduzida do francês por Pedro José da Fonseca, conforme revela Inocêncio e a inconfundível letra do distinto e laborioso Professor de Retórica de Real Colégio dos Nobres. Dá a conhecer os usos da sociedade francesa do século XVIII.

3.12. *O commercio e o governo considerados relativamente um ao outro: obra elementar; por o Abbade de Condillac. Traduzida do francez em portuguez.* – 1 tomo.

3.13. *Primeira parte das chronicas dos reis de Portugal, reformadas pelo licenceado Duarte Nunes de Leão, desembargador da casa da Supplicação, e reimpressas agora com o additamento de notas criticas, e o de um resumo no fim de qualquer d'ellas, em que se recompilam os sucessos mais notáveis da historia portugueza alli declarados ou omittidos. A reimpressão deve fazer-se em dous tomos de 4.º, ou de 8.º - 2 tomos.*

¹⁸² Cf. tomo VII, p. 210.

No rosto encontra-se o seguinte despacho: “Não foi julgada digna de impressão. 6 de Março de 1823. Villela. V. S.”

3.14. *Princípios da litteratura, por mr. o Abbade Batteux, compostos na lingua franceza e traduzidos na nossa vulgar, para uso e instrucção da mocidade portugueza, com as mudanças a isso accommodadas.* – Cinco tomos.

No rosto, em letra diferente e posterior, lê-se: “Comprou a Academia este manuscrito por 10\$000 rs. Sem indicação da data da compra.

3.15. *O Luxo: dissertação formada das opiniões de varios auctores a favor e contra este assumpto moral e politico.* – Um volume.

3.16. *Pensamentos de Cicero, traduzidos do latim em linguagem portugueza, para servirem á educação da mocidade.* – Um tomo.

E com isto termina o catálogo escrito por Fonseca, tendo por seu remate os seguintes versos:

“Aprazer sempre a todos é tão duro,
Que parece impossível; os melhores
Contentar e aprazer hé o mais seguro”

(P. A. CAMINHA, EPIST: III)

Ao que se acrescentou a seguinte declaração, por letra diversa:

“Vieram mais, além das que ficam apontadas:

Escolha de poesias allemãs, traduzidas do francez em portuguez.

Nova tragedia intitulada: «Coitado aquelle que deve, pois quem deve sempre paga.»

Alguns apontamentos de palavras para o Diccionario”.

Espírito formado na leitura dos clássicos, que conhecia como ninguém, Fonseca dominou com sereno juízo crítico a abundante bibliografia francesa consagrada à teorização literária e à pedagogia das Humanidades, sem olvidar a parte dedicada à actividade dos enciclopedistas. Constatámos, passo a passo, na análise bibliográfica, o predomínio quase exclusivo do pensamento estético francês nos comentários críticos de Fonseca às obras que traduziu e/ou adaptou. Foi a este compromisso de Antigos e Modernos que o autor acomodou o estudo dos lídimos representantes da prosa e da poesia quinhentistas e seiscentistas lusitanas. A actualização da doutrina dos clássicos subjacente ao seu pensamento linguístico reflecte alguns dos vectores mais evidentes da teoria corrente em França ao longo do século XVIII¹⁸³.

Assim, toda a sua obra, composta em estrita obediência a intuitos didácticos, compila os melhores pensamentos de Quintiliano, Horácio e Aristóteles com a crítica judiciosa de Rollin, Gibert, Dacier e com a exemplificação de Camões, António Ferreira, Diogo Bernardes, Sá de Miranda, entre outros.

A vasta obra de Pedro da Fonseca – em declarada luta contra a estética barroca, objectivo cardeal da *Arcádia Lusitana* da qual fazia parte – foi elaborada, não raras vezes, em subserviência à pedagogia pombalina, tendo contribuindo para que a estética neoclássica perdurasse tanto entre nós, mantendo, até muito tarde, o seu carácter normativo¹⁸⁴.

¹⁸³ A par de Fonseca, muitos outros teorizadores portugueses da segunda metade do século XVIII perfilharam as ideias estéticas francesas. O primeiro autor a dar-lhe ampla aceitação fora Luís António Verney que, ao seguir a lição francesa, opôs-se radicalmente aos princípios e características da estética barroca (Castro, 1973: 606).

¹⁸⁴ Aníbal Castro descreve os factores mais decisivos para a perduração da estética neoclássica em Portugal. Entre eles salienta o seguimento fiel da crítica francesa aliada à reforma pombalina e o cómodo imobilismo dos docentes régios nas escolas espalhadas pelo país (Castro, 1973: 670).

CAPÍTULO IV – O LEXICÓGRAFO

I - *Parvum Lexicon Latinum* (1762)

1. Apresentação geral do dicionário

Como já foi abordado na parte II do primeiro capítulo deste trabalho, a composição do *Parvum Lexicon Latinum Lusitana Interpretatione Adiecta* foi alvo de penosas ansiedades e assíduas pressões por causa da falta de tão indispensável instrumento de trabalho, após a abolição absoluta da *Prosodia* de Bento Pereira¹⁸⁵.

Em 1762, depois de todos os obstáculos e contratempos decorrentes da urgência de uma obra que deveria estar concluída em Outubro de 1759, saiu à luz, finalmente, o *Parvum Lexicon Latinum Lusitana Interpretatione Adiecta ad Vsum Lusitanorum Adolescentium in Lucem Editum Iussu Josephi I.*

¹⁸⁵ A história do dicionário de latim-português, da autoria de Pedro da Fonseca, é reveladora do modo como a reforma condicionou e às vezes prejudicou os interesses pedagógicos para servir uma estratégia de perseguição intransigente aos jesuítas.

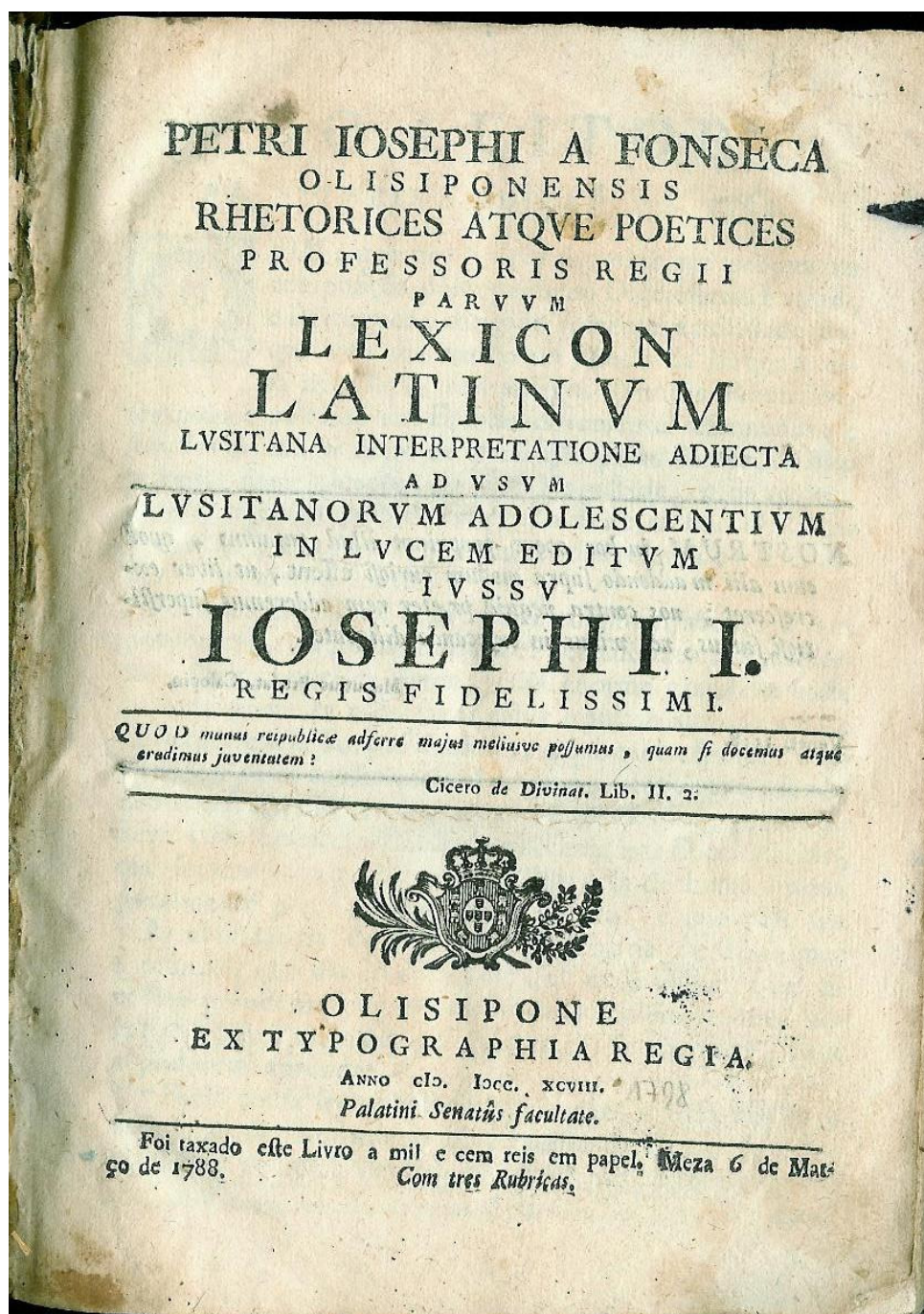


Figura 1

Conforme podemos observar, o dicionário tem uma página de rosto integralmente exarada em latim, onde se inscreve: o nome do autor e a sua actividade (professor régio de

retórica e de poética); o título da obra e a sua finalidade (para uso dos jovens portugueses), bem como a mando de quem esta foi realizada (D. José I); uma interrogação retórica ciceroniana que se pode traduzir por “Qual a melhor e maior função do Estado se não ensinar e tornar a juventude erudita?”¹⁸⁶. Por fim, o registo do ano e local de edição e a tipografia em que a obra foi impressa.

Depois da portada temos a nota “Ao leitor” que se irá repetir *ipsis verbis* nas seis edições. Esta abrange 9 páginas sem numeração, seguindo-se-lhe, igualmente, um “Indiculus Chronologicus Auctorum Latinorum”¹⁸⁷, que apresenta os autores clássicos divididos pelas quatro idades: Ouro, Prata, Bronze e Ferro. À semelhança dos mais abalizados lexicógrafos europeus, entre eles Robert Estienne (1503-1559), Johann Matthias Gesner (1691-1761) e Jacopo Facciolati (1682-1769), Fonseca incluiu no princípio do seu dicionário este índice da autoria de Andrea Stubelio, “pela brevidade, e boa ordem, com que está formado”¹⁸⁸.

Ao “Indiculus” segue-se o dicionário com um total de 804 páginas, resultante da soma de duas partes distintas: de 1 a 356 (letras A a J) e de 1 a 448 (letras L a Z). Esta paginação é justificada pelo facto de a obra ter sido impressa simultaneamente em duas oficinas, por assim o exigir a necessidade do tempo e a considerável falta que já fazia.

O remate da obra é feito com uns versos da *Arte Poética* de Horácio (vv. 351-353 e 360).

Para os elementos auxiliares de consulta é reservado um espaço breve já no final da obra que inclui apenas a explicação dos sinais gráficos e das abreviaturas que constituem novidade na lexicografia latino-portuguesa:

¹⁸⁶ Tradução nossa.

¹⁸⁷ Cf. anexo 7 – Lista dos autores citados no “Indiculus Chronologicus Auctorum Latinorum”.

¹⁸⁸ Fonseca, *Parvum Lexicon*, 1762.

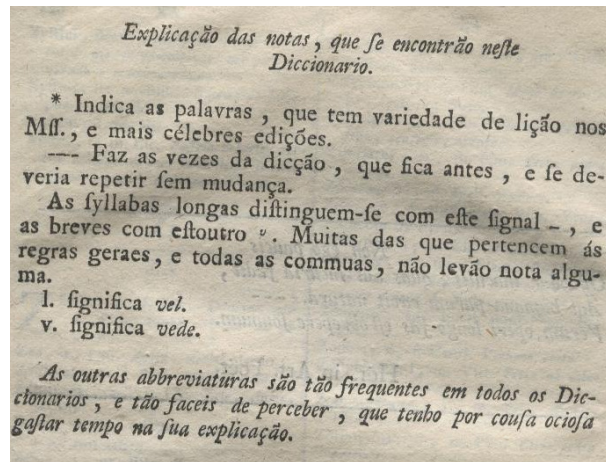


Figura 2

1.1. Reedições do *Parvum Lexicon*

A extrema necessidade de dicionários de latim-português solicitados de modo cada vez mais frequente por uma procura escolar em expansão justifica a retoma editorial do *Parvum Lexicon*¹⁸⁹, que foi objecto de mais seis edições:

2ª edição: 1785, Lisboa, Tipografia Régia

3ª edição: 1788, Lisboa, Tipografia da Real Academia das Ciências

4ª edição: 1798, Lisboa, Tipografia Régia

5ª edição: 1807, Lisboa, Simão Tadeu Ferreira

6ª edição: 1819, Lisboa, Tipografia Rolandiana

7ª edição: 1847, Lisboa, Tipografia António José da Rocha

¹⁸⁹ A expectativa sôfrega por esta obra foi tão marcante que D. Tomás de Almeida revela, em carta para o comissário do Porto, Desembargador Manuel Gomes Ferreira, uma visão distorcida do valor do dicionário: "Incomparavelmente melhor que a Prozodia de Bento Pereira e ainda do que este novo Dicionário que estava fazendo o Pe. Caeyro e se achava quazi completo" (in Andrade, 1981: 510). Todavia, logo se teve percepção dos defeitos e surgiu insatisfação perante os resultados obtidos. O próprio autor, consciente das imperfeições da sua obra, pede a todos os eruditos na matéria e, em particular, aos Professores Régios, para que o advirtam de todos os defeitos que possam encontrar de modo a que estes não se repitam nas próximas edições e que o próprio autor aprenda "de tão benemeritos sujeitos" (*Parvum Lexicon*, 1762).

Dos trabalhos de revisão, sobretudo da diligência de corrigir a 1ª impressão, de a ampliar e tornar mais completa, começou por encarregar-se o próprio autor, que, vinte e três anos depois, promoveu a 2ª edição, datada de 1785. Esta edição oferece alguns vocábulos a mais, não muitos, e uma numeração sequencial de páginas. A 3ª edição, de 1788, é igual à segunda e contém o mesmo número de páginas (826). À 4ª edição, de 1798, também com 826 páginas, Fonseca acrescenta um anexo muito útil para a compreensão dos textos, o *Diccionario Abbreviado da Fabula*¹⁹⁰, obra de Chompré que traduziu e publicou à parte pela primeira vez em 1779. A 5ª, de 1807, reproduz a de 1798, com a diferença da actualização da grafia e de na última página haver erro de numeração (de 826 passa-se, por equívoco, para 830). Todas estas edições não apresentam, portanto, grandes diferenças entre elas, com excepção da vinheta que encima a primeira página do dicionário e da capitular A.

Intervenções mais profundas devem-se a Miguel Le Bourdieu¹⁹¹, que em 1819, três anos após a morte de Pedro da Fonseca, publicou a 6ª edição com 816 páginas, e ao editor António José da Rocha, que fez sair em 1847 a 7ª edição com 899 páginas, com outro título e maior número de vocábulos. Como informa a capa de rosto da edição de 1819 (“Editio auctior atque emendatior studio et opera Michaelis Le Bourdieu”), o trabalho de Bourdieu não se limitou a alargar a nomenclatura. Uma leitura atenta da obra revela que o autor não só acrescentou novas entradas, como também novas informações gramaticais dentro das entradas já registadas. Para além disso, corrigiu a grafia e a ordem alfabética de alguns lemas e substituiu algumas entradas que não correspondiam gramaticalmente com a definição dada. Apresentamos, de seguida, uma recolha de dados exemplificativa das alterações efectuadas, que incidiu num fragmento do dicionário entre as letras Ab- e Ae-.

¹⁹⁰ Analisaremos esta obra com a devida atenção na parte IV do capítulo IV.

¹⁹¹ Informa Inocêncio que Miguel Le Bourdieu, de nacionalidade francesa, estabeleceu um colégio em Lisboa no primeiro quartel do século XIX. Para além da revisão da 6ª edição do *Parvum Lexicon*, Le Bourdieu é autor das seguintes obras: *Elementos de grammatica franceza por Lhomond, professor jubilado na universidade de Paris, traduzida e accrescentada da conjugação por extenso dos verbos irregulares e defeituosos*. Lisboa, 1823; *Grammatica ingleza de Siret, traduzida e posta em nova ordem, por um methodo mais claro e facil dos que tem havido até ao presente*. Lisboa, 1813; *Elementos da Grammatica latina, exposta em nova ordem*. Lisboa, 1816; *Sallustio, litteralmente traduzido em portuguez sobre a edição de Gottlieb Cortions, com notas criticas e historicas, para melhor intelligencia do texto*. Lisboa, 1820; *Jesu Christo, por sua tolerancia modelo dos legisladores; traduzido do francez*. Lisboa, 1821 (Silva, 1858, VI: 227).

(1) Exemplos de registo de novas informações gramaticais nas entradas já incluídas na edição anterior

Parvum Lexicon (1819)

Abnuendus, a, um, de Abnuo [...]
Abominatus, a, um, de Abominor [...]
Abortus, a, um, de Aborior [...]
Absolutus, a, um, de Absolvo [...]
Absterritus, a, um, de Absterreo [...]
Abstinens, entis, de Abstineo [...]
Abusus, a, um, de Abutor [...]
Accensus, a, um, de Accendo [...]
Acceptus, a, um, tior. de Accipio [...]
Acessi, de Accedo.
Accinxi, de Accingo.
Accrevi, de Acresco.
Addidi, de Addo.
Adduxi, de Adduco.

(2) Exemplos de entradas com correcções de grafia

1807

Adiatum
Ajaceo
Amissum

1819

Adiantum
Adjaceo
Admisum

(3) Exemplos de entradas reordenadas alfabeticamente

1807

Abscisio, onis
Abscisus, a, um,
Abcissio, onis
Abcissus, a, um

1819

Abscisio, onis
Abcissio, onis
Abcissus, a, um
Abscisus, a, um

(4) Exemplos de substituição de entradas sem correspondência gramatical com a definição dada

1807

Acosmus, i, m. Lucr.
Desalinhado, desordenado

1819

Acosmus, a, um, Lucr.
Desalinhado, desordenado

(5) Exemplos de entradas acrescentadas à edição de 1819 (de Ab- a Ae-)

abigamenta, abi, abjeci, abietalius, abietilus, abjuges, ablacto, ablegmina, abominabilis, abstersi, abstiti, absumpsi, abyssus, accessa, accessi, accessis, accino, accinxi, accrevi, acisso, acetosa, achores, aciarium, aciaeris, acida, acmon, acra, acre, acrostichia, acumino, acupictile, acupictor, acupingo, acutor, acylon, adaero, adaesia, adamussim, adapertio, adclamo, adcorporo, addicte, addidi, adducte, adductor, adductus, adduxi, ademes, adiamoetus, adinuenio, adjunctim, adjunctiora, admugitus, adoperio, adruo, adrumo, advelitatio, aequipolleo, aequivalleo, aera, aerificium, aerusco.

A contagem das entradas na totalidade da obra indica que a esta edição foram acrescentados aproximadamente 1800 lemas, o que significa um acréscimo de 5%. No entanto, uma boa parcela desses aditamentos, equivale apenas ao registo das formas de perfeito dos verbos enunciados¹⁹²:

***Parvum Lexicon* (1819)**

Abi de abeo.
Abjeci de Abjicio.
Abstersi, de Abstergeo.
Abstiti de Absto.
Accessi, de Accedo.
Accinxi, de Accingo.
Accrevi, de Acresco.
Addidi, de Addo.
Adduxi, de Adduco.

Poderia causar alguma estranheza o facto de esta edição conter menos número de páginas, não obstante o acréscimo de entradas. Todavia, averiguámos que na 6ª edição deste dicionário, ao contrário das edições anteriores, os artigos não são separados por títulos com as letras em versalete à medida que se avança na ordem alfabética (AC, AD, AE, AF, AG, AH, etc.), o que resulta numa economia de espaço gráfico significativa.

Em 1847, 31 anos após a morte de Fonseca, foi publicada em Lisboa a 7ª edição da obra, como já mencionámos, com outro título e com maior número de vocábulos.

¹⁹² Por este pequeno excerto nota-se que o revisor não teve o cuidado de escrever a marca de perfeito (*pret.*), ao contrário de Fonseca, que facultou esta indicação metalinguística ao lematizar um grande número de perfeitos na nomenclatura da obra. Esta diferença de metodologias acentuou, naturalmente, a falta de uniformidade e sistematização no fornecimento das informações metalinguísticas, já patente nas edições anteriores.

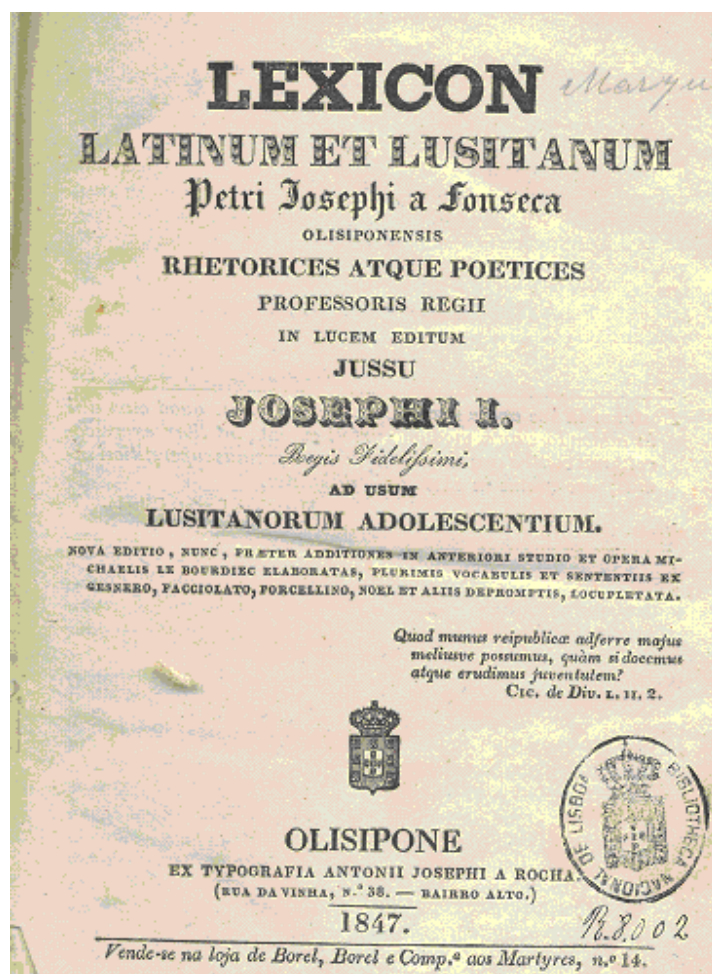


Figura 3

À semelhança das edições anteriores do *Parvum Lexicon*, esta edição contém o aviso do editor ao leitor, o índice cronológico dos autores latinos e a explicação das notas. Não se indica o responsável por esta edição, que tem aproximadamente mais 6000 vocábulos e inclui, igualmente, o *Diccionario Abbreviado da Fabula*.

As reformas educativas da primeira metade do século XIX, que institucionalizaram o ensino normal e, consequentemente, aumentaram o número de alunos com acesso ao ensino, explicam e justificam o aparecimento desta edição.

Passado o período conturbado dos alvares do século XIX, o Liberalismo, reencontrando a herança pombalina, mas já enriquecida pelos debates da Revolução Francesa,

tentou constituir um sistema de ensino gratuito, laico e obrigatório. Apesar de vários planos e projectos, seria preciso esperar pelas reformas de Passos Manuel (1836) e de Costa Cabral (1844) para que se estabelecesse um primeiro corpo doutrinal. Entre as medidas decretadas pela Reforma de 1836 destacaram-se a adopção do método de ensino mútuo¹⁹³, a criação dos liceus e a obrigatoriedade escolar. Com a Reforma de 1844, a obrigatoriedade escolar tornar-se-ia efectiva com a criação de um Conselho Superior de Instrução Pública encarregue da coordenação, direcção e inspecção do ensino¹⁹⁴.

O diploma de criação dos liceus determinava que se instalasse um em cada capital de distrito e dois em Lisboa. Esta instituição escolar, destinada a articular os ensinos elementar e superior, devia substituir o ensino até então ministrado por meio das aulas régias ou aulas avulsas de Gramática Latina, Retórica e Filosofia. A Reforma de Passos Manuel começou a ser implementada nos liceus de Lisboa, Coimbra, Porto, Braga e Évora no ano lectivo de 1840-41¹⁹⁵.

A revisão e publicação da 7ª edição do dicionário de Fonseca, agora intitulado *Lexicon Latinum et Lusitanum*, coincide com a entrada em funcionamento, na segunda parte da década de 40, dos liceus de Bragança, Aveiro, Castelo Branco, Leiria, Viseu, Guarda, Santarém, Faro, Beja e Portalegre com um plano de estudos que englobava disciplinas maioritariamente ligadas às Humanidades. Ainda que o plano de estudos para os liceus pretendesse conciliar duas tendências de diferente filiação (de um lado a força da tradição clássico-humanística do Collegio das Artes e, de outro, a marca de uma concepção liberal radical, que visava a formação do cidadão capaz do exercício político), é inegável o relevo concedido aos estudos humanísticos em detrimento dos estudos científicos e o peso ainda considerável do estudo da língua latina no plano dos estudos, cujos conteúdos, como informa Joaquim Gomes, englobavam Latim, Grego, Retórica e Poética, Aritmética, Geometria e Geografia, Língua Francesa, Gramática Portuguesa e Latina, História Geral Portuguesa, Latinidade, Hebraico e

¹⁹³ Como informa António Nóvoa, no final do século XVIII, o modo de ensino individual já tinha caído em desuso, substituído pelo modo de ensino simultâneo, que, como o seu nome indica, consiste em dar lição a muitos discípulos ao mesmo tempo como se fosse a um só. Com a adopção do método de ensino mútuo pretendia-se responder às necessidades de expansão da instrução pública, propondo-se ensinar o maior número de alunos no menor tempo possível com o objectivo de solucionar a questão do analfabetismo (Nóvoa, 1986: 29).

¹⁹⁴ Nóvoa, 1987: 328-333.

¹⁹⁵ Barroso, 1995: 53.

Língua Inglesa¹⁹⁶. Esta interpretação deve ser feita à luz da conciliação da preocupação económica com a filiação do liceu à Universidade, pois algumas cadeiras das áreas de Ciências não foram criadas nos liceus com o intuito de serem supridas por disciplinas análogas oferecidas na Universidade¹⁹⁷.

Naturalmente, o único dicionário de Latim-Português então disponível, o *Magnum Lexicon Latinum et Lusitanum* de Pina Cabral, não seria suficiente para responder às necessidades resultantes do alargamento da escolarização.

2. Fontes

Na nota “Ao leitor”, o autor do *Parvum Lexicon* enuncia os autores a que recorreu¹⁹⁸ (Robert Estienne, Johann Matthias Gesner, Jacoppo Facciolati), sendo de estranhar que não nomeie um só dos portugueses que o precederam, especialmente os lexicógrafos. Todavia, a sua correspondência acrescenta informações novas relativamente às obras de que se serviu, com menção da *Prosodia* de Bento Pereira:

[...] Porem, hé necessario que a Directoria me mande entregar os Thezouros da Lingoa Latina, de Roberto Estevão, addicionados por Gesnero, o Diccionario do Fabro do mesmo Gesnero, e o seu proprio, o Calepino de Facciolati, a *Prozodia* que os Jezuitas imprimião modernamente, e bom seria ver alguns criticos, e mais que todos o Vossio; porem, a não poder ser, bastarão os sobreditos. O Diccionario da Crusca,

¹⁹⁶ Gomes *apud* Ferreira e Vechia, 2004: 8.

¹⁹⁷ O ensino científico só ganharia força decisiva nos liceus a partir de meados da década de 50, quando as disciplinas que anteriormente apenas podiam ser frequentadas na Universidade foram introduzidas nos liceus: Aritmética, Álgebra Elementar, Geometria Sintética Elementar, Princípios de Trigonometria e Geografia de Matemática. Foram também criadas as de Princípios de Física e Química, e Introdução à História Natural dos Três Reinos. (Ferreira e Vechia, 2004: 13).

¹⁹⁸ “E posto que eu entre estes [os melhores e mais classicos] tomasse sempre por guia os mais bem avaliados, quaes são o Thesouro da lingua Latina de Roberto Estevão da edição de Antonio Birrio [Basel, 1740], o Thesouro da Erudição Escolastica de Basilio Fabro, emendado por João Mathias Gesnero [Frankfurt e Leipzig, 1749], o sobre todos excellente do mesmo Gesnero, e o Calepino de Facciolati [Padova, 1746], não deixei com tudo de consultar frequentemente os indices dos Autores Romanos, feitos *Ad usum Delphini*, como tambem as edições e notas dos Criticos mais bem reputados [...]” (*Parvum Lexicon*, 1762). Todas as fontes que Fonseca cita são incluídas por Gomes de Moura no “*Catalogo dos Diccionarios, que começarão a apparecer depois da restauração das Letras; e particularmente as de Calepino, Roberto Estevão, Basilio Fabro e Forcellini*” (Moura, 1823: 308-310).

IV. O lexicógrafo – *Parvum Lexicon*

por amor da propriedade e força das palavras italianas, tambem me hé indispensavel. Isto hé o menos que se me faz necessario para poder continuar, como devo e dezejo, a tradução do Diccionario de Turin [...] Caza 17 de Novembro de 1760. De V. M.^{cê}, creado o mais venerador. Pedro Jozé da Fonseca¹⁹⁹.

Ill.^{mo} Rev.^{mo} Sr. Luiz Francisco de Sousa. Vi com mais vagar a *Prosodia*, que se me entregou e acho não ser a que eu pedia. Esta hé a mesma antiga impressa modernamente e não a em que trabalhava o Padre Caeyro e ainda não estava de todo accabada. A qual hé que Manoel Francisco tem, e pertendia ver, e com effeito me he preciza. V. M.^{cê} terá a bondade e o trabalho de examinar onde está alguma, para se me entregar. Fico muito à obediencia de V. M. cê que Deos guarde muitos annos. Caza 23 de Novembro, etc. De V. M. ^{cê}, creado e muito venerador, Pedro Jozé da Fonseca²⁰⁰.

De todas as informações dadas, merece particular destaque, para além da sua insistência em ver a *Prosodia* em que trabalhava o Pe. Caeiro, o facto de Fonseca se referir à composição do *Parvum Lexicon* como a “tradução do Diccionario de Turin”. Já Verney cerca de 20 anos antes aconselhara no seu tratado pedagógico intitulado *Verdadeiro Método de Estudar* a tradução desse dicionário:

E assim seria necessário compor um Dicionário pequeno para os rapazes, ou servir-se de algum estrangeiro, v.g. o de Danet, ou ainda melhor, o que últimamente se compôs em Turim por ordem de El-Rei de Sardenha para uso das escolas, que são dois tomos in 4.º - Italiano e Latim, Latim e Italiano – e traduzir as palavras italianas em bom Português²⁰¹.

Uma insistente pesquisa em torno dos dicionários estrangeiros da época, sobretudo italianos, permitiu confirmar as suposições feitas por António Salgado Júnior²⁰² a propósito dos dicionários que recomendava Verney. Encontrámos uma obra da autoria de Giuseppe Pasini (1687-1770) e de Antonio Badia que conheceu uma auspiciosa fortuna editorial, com numerosas reedições e reimpressões durante mais de um século, tendo sido publicada a edição *princeps* no âmbito da reforma dos estudos em Piemonte nos alvares do século XVIII: *Vocabula Latini*,

¹⁹⁹ Biblioteca Geral da Universidade de Coimbra, manuscrito 2536, nº 4, II.

²⁰⁰ Biblioteca Geral da Universidade de Coimbra, manuscrito 2536, nº 4, VI.

²⁰¹ Verney, 1949 (1746): 187.

²⁰² “Quanto ao Dicionário que últimamente se compôs em Turim por ordem de El-Rei de Sardenha, não tivemos ocasião de o identificar. Atendendo, porém, á recomendação que o Apêndice da Gramática Latina faz dos de Danet, Passini, e de Nebrixa, parece que será o mesmo de Passini” (Júnior, 1949: 187).

Italique sermonis ex aureis, et optimis scriptoribus collecta, ac in duos libros distributa, ... ad usum studiosae humaniorum literarum juventutis in Regio Taurinensi Archigymnasio Augustae Taurinorum: typis Petri Joseph Zappatae & filii impressor. illustris civitatis, 1731.

2.1. Vocabula Latini, Italique de Giuseppe Pasini e Antonio Badia (1758)

Com início em 1729, sob o reinado de Carlo Emmanuele III, a reorganização dos estudos em Piemonte teve como trabalhos prioritários o provimento de professores, a redacção de um novo regulamento dos estudos e a composição de um bom dicionário latino. Esta obra deveria reunir o léxico dos melhores escritores da língua latina e declarar, com uma suficiente cópia de exemplos, as várias significações de cada entrada e a regência dos verbos e das preposições latinas²⁰³. Ficou incumbido desta tarefa o professor da Universidade de Turim, Giuseppe Pasini²⁰⁴, que com a ajuda de Giuseppe Antonio Badia²⁰⁵ e Giambatista Quarelli²⁰⁶, cumpriu em apenas dois anos. Aprovado por decreto de 28 de Setembro de 1731, o dicionário foi publicado nesse mesmo ano. Reproduzimos a aprovação incluída nas páginas prefaciais do dicionário escrita por Tommaso Filippini²⁰⁷, secretário do “Magistrato della Riforma degli Studi”:

²⁰³ “che mettendo sott’occhio ai giovani il tesoro delle auree dizione latine, ne desse un’essata interpretazione italiana, e con una sufficiente copia di esempi dichiarasse ad un tempo le varie significazione di ciascuna voce, e il reggimento diverso tanto de verbi, quanto delle proposizione latine” (Vallauri, 1846: 78).

²⁰⁴ Giuseppe Pasini nasceu em Pádua a 8 de Outubro de 1687 e faleceu em 1770. Coursou letras e ciências no Seminário onde mais tarde viria a ser nomeado preceptor de letras humanas e de línguas orientais. Em 1720 Vittorio Amadeo elegeu Pasini para o cargo de professor das cadeiras de Sagrada Escritura e de Língua Hebraica na Universidade de Turim. Em 1740 foi recebido como accionista da Tipografia Real em Turim, aquando da sua fundação. O sucessor de Amadeo, Carlo Emmanuele III, não cessou de conceder-lhe honras, e, pelo decreto de 5 de Julho de 1745 elegeu-o Prefeito da biblioteca da Universidade e Conselheiro do Rei de Sardenha, Carlo Emmanuele III. De toda a sua obra destaca-se o dicionário de latim-italiano/italiano-latim, elaborado com a colaboração de Giuseppe Badia. Segundo Vedova, as numerosas edições que se fizeram deste dicionário por toda a Itália asseguraram ao escritor uma celebridade inabalável (Vedova, 1836: 59-62).

²⁰⁵ Giuseppe Antonio Badia leccionava a cadeira de Medicina na Universidade de Turim, para a qual tinha sido nomeado a 8 de Novembro de 1729.

²⁰⁶ Vallauri descreve Giambatista Quarelli como um “ingegnoso giovane” que estudava na Universidade de Turim (Vallauri, 1846: 80).

²⁰⁷ O papel do secretário do magistrado da reforma dos estudos revestia-se de extrema importância no que dizia respeito à aprovação de todas as reedições do dicionário latino-italiano/italiano-latino: “Filippini doveva essere

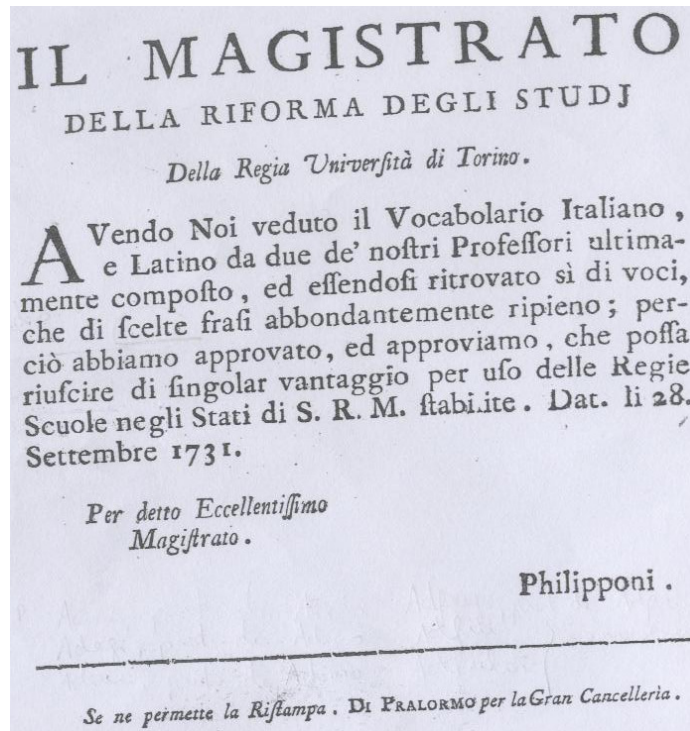


Figura 4

Foram abundantes as edições publicadas em Itália, particularmente em Turim e em Veneza. Desde inícios do século XVIII até meados do século XIX, esta obra foi editada mais de 20 vezes. Na Biblioteca Nacional de Portugal existem as seguintes edições da obra:

Edições de Veneza

Vocabula Latini, Italique Sermonis in duos tomos distributa, quibus insertae sub elegantiores & difficiliores utriusque Linguae phrases, locutiones, proverbia &c. ad usum studiosae humaniorum literarum juventutis in regio taurinensi archigymnasio ceterisque subalpinæ Italiae Scholis.

1759: 7ª edição

1763: 8ª edição

di polso nelle scrivere italiano, se dobbiamo giudicarne dal decreto dell' excell. Magistrato che leggesi in fronte di tutte le edizioni del nostro vocabulario latino ed italiano" (Vallauri, 1846: 123).

Edições de Turim

Vocabula Latini, Italique Sermonis ex aureis, et optimis scriptoribus collecta, ac in duos libros distributa, quibus quibus insertae sunt elegantiores & difficiliores utriusque Linguae phrases, locutiones, proverbia &c. ad usum studiosae humaniorum literarum juventutis in taurinensi gymnasio ceterisque subalpinae Italiae Scholis.

1758: 5ª edição

1764: 6ª edição

1781: 10ª edição

Com um tamanho de 260 X 190 mm, um total de 654 páginas e uma distribuição das entradas por duas colunas, as edições de Turim não apresentam nenhuma discrepância entre elas. Todavia, se as confrontarmos com as edições de Veneza, que também não diferem entre elas, verificamos as seguintes disparidades: um título ligeiramente diferente (“...*ex aureis, et optimis scriptoribus collecta...*” – edição de Turim) e uma distribuição das entradas por três colunas, que resulta num total de 532 páginas na edição de Veneza. Para além destes aspectos formais observa-se, naturalmente, um alargamento da nomenclatura na 7ª edição de Veneza (1759) relativamente à 5ª edição de Turim (1758):

*Taurinensi novissimae non tantum similis, verum etiam permultis additionibus locupletior ab hoc asterisco * signatis, praeque aliis longe emendatior.*

Considerando que nenhum dos vocábulos acrescentados à 7ª edição de Veneza consta da nomenclatura do *Parvum Lexicon*, e supondo a compatibilidade cronológica, decidimos adoptar para cotejo com o dicionário pombalino a 5ª edição de Turim, impressa em 1758, pois como não há dados reveladores das edições consultadas por Fonseca, pressupomos que o lexicógrafo terá utilizado a edição turinense existente em Portugal anterior à composição do dicionário tão almejado pela reforma pombalina.

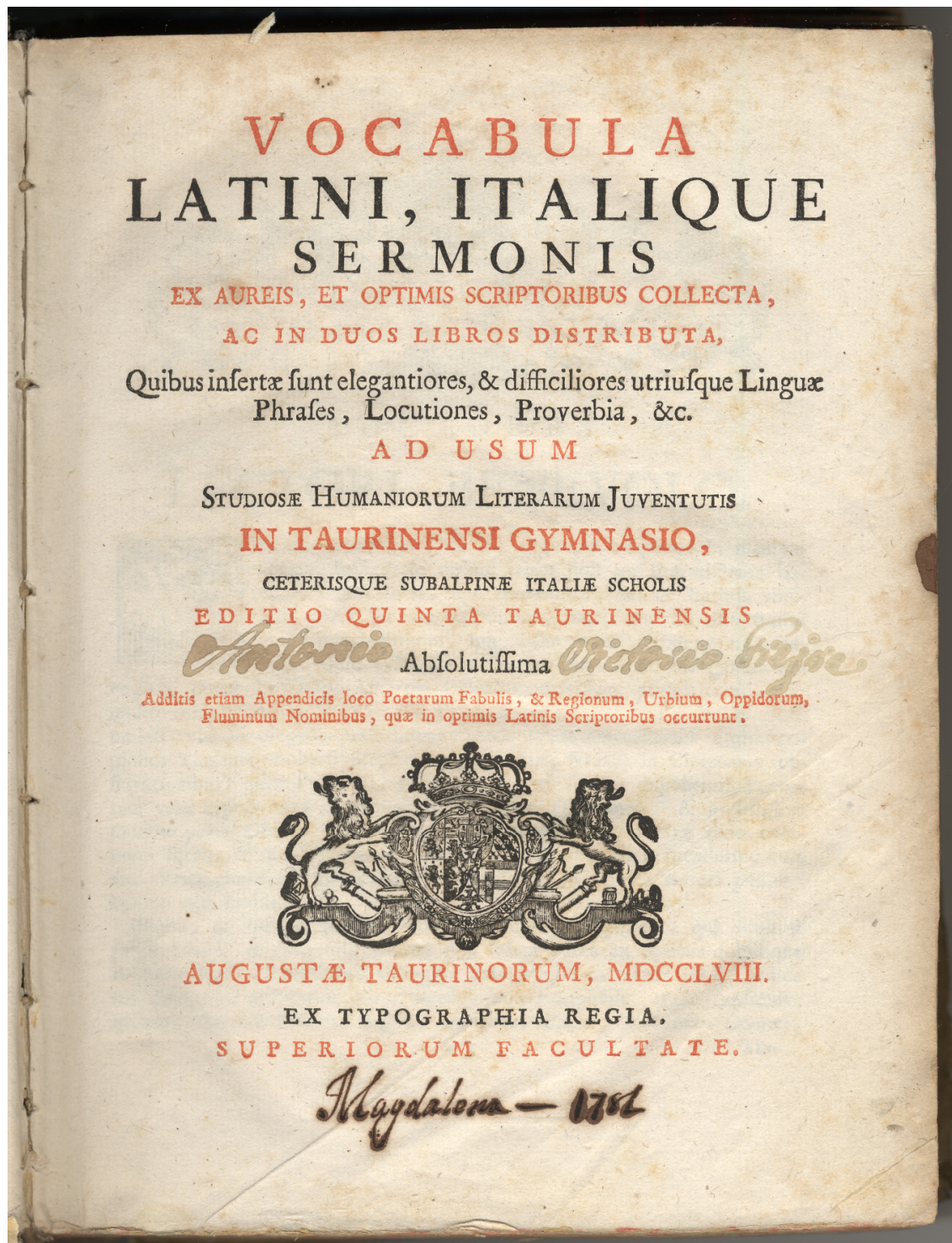


Figura 5

2.2. *Prosodia* revista por José Caeiro

As críticas que vinham sendo apontadas à *Prosodia* pelos pedagogos iluministas, nomeadamente as de Verney²⁰⁸ e as de António Pereira de Figueiredo (1755)²⁰⁹, exigiam uma reelaboração da obra que os próprios jesuítas consideravam imprescindível.

Temos conhecimento de que em 1754 o Pe. Caeiro²¹⁰ estava incumbido de elaborar uma nova *Prosodia* para substituir a edição de 1750²¹¹. Em 1759 esta obra já estava em fase adiantada de impressão (já ia na letra S), mas foi interrompida por Marquês de Pombal aquando da expulsão dos jesuítas dos colégios²¹².

Cunha Rivara julgou ter identificado a *Prosodia* revista pelo Pe. Caeiro nuns manuscritos compilados no códice CXIII-2-26 do espólio da Biblioteca Pública de Évora²¹³.

²⁰⁸ Verney, 1949 (1746): 186-189.

²⁰⁹ *Apparato critico para a correcção do dictionario intitulado Prosodia in vocabularium bilingue digesta*. Lisboa, Officina Patriarcal de Francisco Luiz Ameno.

²¹⁰ Na obra *Historiador desconhecido José Caeiro: grande escritor da época pombalina* o Pe. Júlio de Moraes, sacerdote jesuíta, dá a conhecer “a grande figura de escritor e de historiador que foi José Caeiro”. Nascido no dia 14 de Abril de 1712, ingressou aos 14 anos no noviciado da Companhia de Jesus, em Évora. Concluídos os estudos de filosofia ensinou durante 8 anos Gramática, Humanidades e Retórica. Em 1741, já como sacerdote, proferiu na Universidade de Évora um panegírico latino de saudação ao eborense D. Frei José Maria da Fonseca e Évora, então designado bispo do Porto (existe um exemplar na Biblioteca Pública de Évora, inserido num volume colectivo intitulado *Applausos*). Em Agosto de 1745 fez a profissão solene, incorporando-se definitivamente na Companhia de Jesus. Entre 1749-50 e 1751-52 leccionou um curso trienal de Filosofia no Colégio de Santo Antão. Na Casa Professa de São Roque, onde viveu por algum tempo, José Caeiro assume o cargo de corrector da *Prosodia* de Bento Pereira. Muda-se pouco depois para a Quinta de Campolide onde encontra o sossego necessário para levar a cabo a tarefa de que fora encarregado. A nova *Prosodia* foi apenas impressa até à letra S do primeiro volume porque entretanto foi deportado para Itália, em 1759, na sequência da perseguição e expulsão dos jesuítas. Estabelecido nos arredores de Roma, José Caeiro dedicou-se desde logo a escrever a história da perseguição, expulsão e exílio dos jesuítas portugueses e a refutar as acusações que haviam sido feitas à Companhia de Jesus, valendo-se de informações que lhe chegavam e dos apontamentos que minuciosa e cautelosamente tinha recolhido ainda em Lisboa. Com 65 anos José Caeiro escreve a *Apologia da Companhia de Jesus*, em português, que envia de imediato para a soberana. Esta apologia lia-se avidamente em Lisboa, em 1780. Entre todas as suas obras, tanto impressas como manuscritas, a mais importante é o extenso manuscrito relativo à expulsão da Companhia de Jesus de Portugal e seus domínios. Em duas partes, a primeira intitula-se *De Exilio Provinciae Lusitanae Societatis Iesu Libri Quinque* e a segunda, que refere a expulsão dos jesuítas do Brasil, África, Índia e Extremo Oriente, intitula-se *De Exilio Provinciarum Transmarinarum Assistentiae Lusitanae Societatis Iesu* concluída em 1764 (Moraes, 1939: 3-17).

²¹¹ Moraes, 1939: 5.

²¹² Almeida, 1967: 6.

²¹³ Segundo Silvestre e Borges, “Rivara avança esta hipótese, mas decerto não tinha forma de verificar se a letra que efectua correcções ao longo de boa parte dos códices seria efectivamente a do jesuíta. Todavia, este não é o manuscrito corrigido pelo Pe. José Caeiro. A identificação de manuscritos autógrafos, vindos de Itália no século XX e actualmente depositados na Torre do Tombo, permite concluir que nenhuma das várias mãos do códice de Évora corresponde à sua letra. O códice representa por isso uma fase, até hoje não noticiada, de um longo processo de revisão, reescrita e reformulação da *Prosodia*” (Silvestre e Borges, no prelo).

Porém, a análise minuciosa desse manuscrito revela que nenhuma das várias mãos do códice de Évora corresponde à letra do Pe. José Caeiro. Para além disso, o manuscrito, redigido sob uma inequívoca linha de orientação tesaurística, afastava-se do propósito dos jesuítas de elaborar uma versão escolar para substituir a edição de 1750²¹⁴. Por outro lado, tudo indica que a *Prosodia* revista por Caeiro é a obra que se publicaria em 1780 com o título de *Magnum Lexicon*, que o Pe. Manuel de Pina Cabral ficara incumbido de terminar.

[...] recebi huma ordem do meu Provincial para me recolher a esta Corte, a onde no fim de Setembro me ordenou, que completasse hum Diccionario Latino, e Portuguez (dadia de S. Mag.de) que hum jesuita tinha trabalhado ate o principio da letra S [...] ²¹⁵

Na elaboração desta obra, Caeiro, concordando com a sugestão de Verney²¹⁶, tomou por modelo o dicionário de Giuseppe Pasini, recorrendo também a Facciolati para completar artigos ou seleccionar informações que Pasini não registou:

Vocabula Latini Italique (1758)

Lucubratio, onis, f. Cic. *Il vegghiare, vegghianza, veglia, fatica fatta vegghiando, o fatta di notte, lavore, travaglio*. Per lucubrationem ferramenta acuerere, Col. *Aguzzare la ferramenta di notte tempo*. Lucubrationum fuligo bibenda, Quint. *Bifogas continuamente faticare*. Lucubrationibus multis commentata oratio, Cic. *Orazione studiata*. Lucubratio vespertina, Col. *Il lavore della sera*. Lucubratio antelucana, Col. *il lavoro avanti giorno*. Perire meam lucubrationem nolui, Col. *Non voluto, che mio lavoro andasse male*.

Magnum Lexicon (1780)

Lucubratio, onis, f. Cic. *O serão, a obra feita de serão e á candeia*. Cic. *O livro, ou outra composição, e obra de engenho*. Per locubrationem ferramenta acuerere: Col. *Aguçar as ferramentas á noite ou de serão*. Lucubratio vespertina: Col. *O trabalhar á noite*. Antelucana: Col. *O trabalhar de madrugada*.

Como observámos no capítulo I, em Maio de 1760, o Director Geral escreveu ao Marquês de Pombal sobre os constrangimentos devidos aos atrasos na composição do

²¹⁴ Cf. Silvestre e Borges (no prelo).

²¹⁵ Carta de Pina Cabral a Fr. Manuel do Cenáculo, de 28 de Dezembro de 1779, B.P.E., Cod. CXXVII – 2-9, carta nº 3750.

²¹⁶ Verney, 1949 (1746): 187.

dicionário de latim-português, que havia sido encomendado a Pedro José da Fonseca. Numa tentativa de suprir essa carência, Pombal sugeriu-lhe que avaliasse “a ultima Prozodia que estavam imprimindo os Jezuitas”. Os revisores nomeados acharam-na “muito melhor que as antigas”, mas “lhes parecia que ainda tinha muitos defeitos, e que se não devia usar della, assim pelos ditos, como porque se não jactassem os Jezuitas de que nos valiamos da sua composição”²¹⁷.

Apesar da obstinada perseguição política aos jesuítas, o trabalho de Caeiro não foi ignorado por Pedro José da Fonseca, que compôs o seu dicionário a partir da mesma fonte, o *Vocabula Latini italique* de Pasini, e, como averiguámos, pediu a Tomás de Almeida que lhe facilitasse a *Prosodia* em que trabalhava Caeiro. Temos conhecimento de a ter recebido, pois numa lista de livros remetidos da casa de Fonseca para a directoria, junto com os dicionários de Danet, Facciolati, Estienne e Crusca, encontra-se uma *Prosodia* de Caeiro²¹⁸.

No ponto 4 do presente capítulo faremos o cotejo entre a obra de Caeiro e o *Parvum Lexicon* de Fonseca, uma versão de Pasini bem mais abreviada do que a elaborada por Caeiro.

3. Técnica Lexicográfica

3.1. Macroestrutura

3.1.1. Selecção da nomenclatura

O intuito de compor um dicionário de pequena dimensão física, por um lado, e de valorizar exclusivamente o latim clássico, por outro, norteou Fonseca na sua tarefa de recolher, seleccionar e quantificar a nomenclatura. Estas questões demandaram um largo espaço no prólogo da obra, onde o autor anuncia, logo no primeiro parágrafo, que o dicionário “é dirigido sómente á utilidade daquelles, que entrão no estudo da lingua Latina pela lição dos

²¹⁷ Cf. anexo 2 - *Conta do Director Geral ao Conde de Oeiras, sobre o dicionário de latim (29-5-1760)*.

²¹⁸ *Relação dos livros que vieram da casa de Pedro José da Fonseca*, B.G.U.C. Ms. 2536, nº 7.

IV. O lexicógrafo – *Parvum Lexicon*

antigos Autores Romanos, segundo os costumes das Escolas novamente restauradas”²¹⁹. Centrando os seus objectivos na composição de um dicionário breve que respondesse às necessidades dos principiantes, prossegue:

A enorme grandeza [dos livros] basta para da primeira vista fazer cahir o animo aos que a falta de experiência faz pusillanimes, e parecer asperas, e escuras ainda as cousas mais planas, e perceptíveis: e sendo isto transcendente a todo o genero de estudos, parece se deve com particular cuidado observar nos Dictionarios [...]²²⁰.

Os grandes Dictionarios são feitos para pessoas avançadas em estudos, e propõe-se outros mui differentes fins, segundo o testemunho de seus mesmos Autores [...]²²¹.

Na sequência das ideias expostas, o autor aliviou o dicionário de tudo aquilo que supôs “superfluo, ou menos necessario”, excluindo da nomenclatura do *Parvum Lexicon* os seguintes elementos: os vocábulos destituídos de autoridade clássica; os dos escritores eclesiásticos; os facultativos da baixa latinidade; os antropónimos, os topónimos e os teónimos; os nomes dos rios, lagos, montes e ilhas e, por fim, os vocábulos de significação obscena. O autor não silenciou os nomes de pedras preciosas, de animais, de plantas, dos instrumentos e os termos particulares das artes e das ciências, tendo-se cingido, todavia, a breves descrições destes para evitar alargamentos supérfluos.

O paralelo com o dicionário de Pasini, *Vocabula Latini, Italique Sermonis ex aureis, et optimis scriptoribus collecta*, indica que Fonseca terá fixado a nomenclatura do *Parvum Lexicon* a partir deste dicionário latino-italiano. Confrontámos as entradas de ambas as obras que integram a sequência Ab- – Ad- e registámos as seguintes diferenças:

Vocábulos do <i>Parvum Lexicon</i> sem entrada no <i>Vocabula Latini</i>	Vocábulos do <i>Vocabula Latini</i> sem entrada no <i>Parvum Lexicon</i>
Abdidi Abdixi Abduxi Abeat Abesse Abeuntis	Abditamontum Apul. Abemo verbo antico, e disusato Aberceo V. abarceo Abietarius Fest. Absegmen Fest. Abyssus, i

²¹⁹ Fonseca, *Parvum Lexicon*, 1762, Ao Leitor: I.

²²⁰ *Ibidem*.

²²¹ *Ibidem*: II.

Abfui	Accendium Solin.
Abii	Accepso, is
Abitur	Accesorius
Ablusi	Acerosus, a, um Fest.
Ablutio	Acheron
Abolui	Aciaetis Fest.
Abrosi	Acicula
Abscondidi	Acopis, is
Absconse	Acopus, i
Abstinendus, a, um	Acredo, inis
Accepi	Acrobaticus
Accomodissime	Acylos
Accreduas	
Accurritur	
Acerrime	
Acontizo	
Acorum, i	
Acrior	
Acris (gen.)	
Acui	

Esta amostra, com um total de 434 lemas na obra portuguesa e de 440 na italiana, é suficientemente esclarecedora da metodologia praticada por Fonseca para estabelecer a nomenclatura da sua obra. O lexicógrafo português reescreveu todos os vocábulos do dicionário de Pasini, eliminando as entradas relativas a vocábulos antigos e desusados, e inserindo na ordem alfabética pretéritos que se afastam da raiz dos verbos, participípios, infinitivos e imperativos, bem como certos comparativos e superlativos, com o propósito de facilitar a aprendizagem daqueles que se iniciavam no estudo da língua latina. Não deixa de ser interessante notar que a maioria das palavras que Fonseca excluiu foram classificadas como obsoletas na obra *De veterum verborum significatione* por Sexto Pompeio Festo, um autor do século II d.C. que o lexicógrafo nem sequer registou no índice cronológico dos autores latinos incluído nas páginas proemiais do *Parvum Lexicon*²²².

Numa atitude de filólogo purista, no sentido em que depura o latim hipertrofiado de todas as fontes lexicais espúrias, Pasini trata e autoriza a massa lexical recorrendo estritamente aos autores clássicos latinos. No seu enalço, Fonseca cita com mais frequência aqueles que correspondem à tradicional hierarquia dos autores que integram o cânone da “latinidade pura” - Cícero, Plínio, Plauto, Virgílio e Lívio.

²²² No *Vocabula Latini* este autor, Sexto Pompeio Festo, é nomeado no “*Scriptorum Veterum Latinorum Index Ex Latina Bibliotheca V. C. Johannis Alberti Fabricii*”.

IV. O lexicógrafo – *Parvum Lexicon*

Autores	Frequência de Citações
Cic.	12484
Plin.	5612
Plaut.	2861
Virg.	2189
Liv.	1634
Varr.	1417
Ovid	1360
Col.	1347
Hor.	1219
Ter.	885
Gell.	835
Sen.	830
Vitr.	750
Lucr.	713
Quinct.	648
Suet.	564
Apul.	539
Caes.	497
Tac.	461
Cels.	442
Cat.	432
Ulp.	432
Mart.	424
Petr.	286
Plin. Jun.	272
Stat.	263
Catul.	254
Juv.	216
Sall	172
A. ad. Her	162
Nep	150
Ser.	148
Prop	126
Pers.	124
Sil. Ital.	110
Val. Max.	105
Lucil.	103
Macr.	100
Paul. Ict.	100
Luc.	92
Scrib. Larg.	85
Vel. Pat	77
Curt.	68
Hirt.	67
Val. Flac.	63
Enn.	65

Flor.	59
Naev.	49
Pacuv.	47
Phaedr.	46
Justin.	44
Asc. Ped.	42
Veg.	42
Manil.	39
Philom.	37
Sen. Tr.	36
Pomp. Ict.	32
Tibul.	29
Scaev.	14
Sulp. Sev.	26
Nigid.	12
Aur. Vict.	11
Macrobo.	12
Claud.	7
Censor.	6
Solin.	6
Auson.	3
Sidon.	3
Sima.	3
Turpil.	4
Latr.	2
Nova.	2
Ire.	2
Procul.	2
Astro.	2
Lucan.	1
Pega.	1
Prisc.	1
Pol.	1

O cotejo com o dicionário substituído pelo *Parvum Lexicon*, a *Prosodia*, elucida claramente acerca de todo esse processo de selecção da nomenclatura pautado pela retoma rigorosa do latim clássico. A propósito, é interessante verificar que as entradas da *Prosodia* que estão acompanhadas pela nota *Não usão delle os AA. Clássicos* (por exemplo Ablacto, as, aui, atum – *Desmamar, apartar do leite, vide Thes.*) não figuram na nomenclatura do *Parvum Lexicon*. O mesmo sucede com todos os vocábulos gregos assinalados na *Prosodia* por *Graec.* Transcrevem-se alguns artigos encabeçados por entradas com o prefixo de origem grega micro- que não constam no *Parvum Lexicon*: Microbius, a, um. *Cousa de curta vida. I. 2. b. Graec*; Microcarpus, a, um. *Cousa que dá pequenos fructos. I. 2. b. Graec*. Microcarpia, ae, f.g *A miudeza, pequenez da fructa. I. 2. b. p. ac. Graec*. Microcephalus, i m.g. *O de pequena cabeça. Omn. B. Graec*.

A nomenclatura da *Prosodia* é copiosamente ampliada, de forma particular, com palavras de origem grega. A contagem das entradas iniciadas pelo elemento homo- ou homoe-, do grego ὁμός ou ὁμοιος, de igual significação, perfaz um total de 89 na *Prosodia* e de 2 no *Parvum Lexicon*.

À semelhança de Pasini e de Fonseca, Pereira também recorre aos escritores clássicos das mais célebres idades da língua latina, mas, para além destes, abona amiúde como fonte de referência escritores de qualquer época da Latinidade. Porém, omite com frequência os vocábulos de alguns escritores de renome: Cornélio Celso (Cels., Idade do Ouro), Escribônio Largo (Scrib. Larg., Idade da Prata), Fedro Trácio (Phaedr., Idade do Ouro), Júlio César (Caes., Idade do Ouro), Múcio Cévola (Scaev., Idade do Ouro), Nígido Figulo (Nigid., Idade do Ouro), Suetónio (Suet., Idade da Prata), Veleio Patérculo (Vel. Pat., Idade da Prata), Vitróvio Polião (Vitr., Idade do Ouro). Todos estes são largamente citados no *Parvum Lexicon*, com especial destaque para Celso, César, Suetónio e Vitróvio.

O catálogo dos autores e dos livros que serviram como fonte de referência à obra dos jesuítas é bem elucidativo do comprazimento do seu autor, à maneira da estética barroca, em obter uma obra de vulto, volumosa, marcada por uma acumulação de entradas dos mais variados domínios semânticos (botânica, medicina, religião, direito): *Amalthea Onomastica, Calepinus XI. linguarum, Catholicon Frat. Joannis de Janua, Codex legum antiquarum, Ecclesiasticum, Glossarium Graecobarbarum, Historia animalium, Historia plantarum,*

IV. O lexicógrafo – *Parvum Lexicon*

Lexicon Juridicum Canonicum, *Lexicon Medicorum*, para citar apenas alguns de uma longa lista composta por cerca de 300 fontes. Sobressaem desta lista, pela quantidade de vezes que são mencionados ao longo do dicionário, os livros *Amalthea Onomastica* e *Calepinus XI. linguarum*.

No que concerne aos nomes próprios de regiões, províncias, reinos, rios, lagos, montes, ilhas, povos e deuses, sabemos desde logo pela nota “Ao leitor” que estes vocábulos não integram a nomenclatura do *Parvum Lexicon*. No *Vocabula Latini* este domínio lexical forma um compêndio com um total de 100 páginas incorporado no final da obra. Atendendo ao facto de que o lexicógrafo português ideava apresentar uma recolha do vocabulário essencial, não se estranha a exclusão das entradas desta relação. No entanto, após a análise de sequências retiradas das três obras em confronto, verificámos que Fonseca incluiu alguns lemas, ainda que poucos, deste âmbito. Curiosamente trata-se exactamente dos mesmos lemas que Pasini admitiu no corpo da sua obra. Escolheu-se, ao acaso, a sequência formada pela nomenclatura começada por Aba-:

<i>Prosodia</i> (1741)	<i>Vocabula Latini</i> (1758)	<i>Parvum Lexicon</i> (1798)
Abala, ae, f. g. <i>Lugar dos Troglódytas, Plin.</i>	_____	_____
Abali, orum, m. g. pl. <i>Povos da Índia.</i>	_____	_____
Abana, ae, m. g. <i>Rio de Damasco, Calep.</i>	_____	_____
Abdera, ae ou Abdera, orum, n. g. pl. <i>Cidade de Thracia.</i>	_____	_____
Abderita, ae ou Abderites, ae, m. g. <i>O natural de Abdera, Cic.</i>	<i>Abderita, & Abderites, ae, m. Cic. di Asperosa, Asperosano, Abderitanus, a, um, Mart.) Abderiticus, a, um, Cic.) di Asperosa, Asperosano, e figur. Stupido, bacellone, quali erano gli Asperosani.</i>	<i>Abderita, & Abderites, ae, m. Cic. vel Abderitanus, a, um, Mart. & Abderiticus, a, um, Cic. De Asperosa, Cidade da Thracia.</i>

Relativamente às entradas de significação obscena, verificámos que Bento Pereira, ao contrário de Pedro da Fonseca e de Pasini, não as destituiu da sua obra. Observem-se alguns exemplos de vocábulos com significação obscena incluídos na *Prosodia* que não integram a

nomenclatura do *Parvum Lexicon* (1) ou que, fazendo parte dela, foram desprovidos de conotação obscena (2).

(1) *Prosodia* (1741)

Cunnus, i, m.g. *Pudendum foeminae*.

Fornex, icis, f.g. *A puta*.

Fornia, ae, f.g. *A fornicaçam, ou o fazer abobeda, o arco*.

Fornicor, aris, atus sum. *Encurvar-se, arquear-se; fornicar, putear*.

Fornicaria, ae, f.g. *A puta*.

Fornicarius, ii, m.g. *O putanheiro; o que aluga casa de abobeda, ou arco pera nelle trabalhar ou vender*.

Fornicatrix, cis f.g. *A puta*.

Mentula, ae, f.g. *Membrum virile, virga genitalis*.

Sodomia, ae, f.g. *A sedomia, pecado nefando, somitegaria*.

Pudenda, orum, n.g. *As vergonhas, as partes vergonhozas do corpo, cunnus, mentula*.

Putana, ae f.g. *A puta, molher publica*.

(2) *Prosodia* (1741)

Fornicatio, onis, f.g.

A fornicaçam, ou o fazer abobedas.

***Parvum Lexicon* (1798)**

Fornicatio, onis, f. Vit.

Estructura de abobada.

No prólogo do dicionário, Fonseca justifica a omissão das palavras de significação obscena: “Como escrevo só para a mocidade, he escusado dizer que também não fiz menção das de significação obscena”²²³. A obra dos jesuítas, destinada a professores de humanidades e das ciências sagradas, a médicos, juristas e a todos os estudantes das várias faculdades, não foi composta com os mesmos propósitos pedagógicos e didáticos do *Parvum Lexicon*. A elaboração de todos os compêndios escolares durante a reforma pombalina foi bastante marcada pelo cunho das teorias dos pedagogos europeus (Lamy, Fleury, Heinecke, Walch), que preceituavam para o uso dos jovens estudantes as edições ou selectas com fragmentos escolhidos de forma a respeitar o grau de dificuldade correspondente a cada uma das etapas de

²²³ Fonseca, *Parvum Lexicon*, Ao leitor: III.

aprendizagem²²⁴. Todas elas deveriam, ainda, ser expurgadas de toda a obscenidade. Walch deixa bem clara esta ideia na sua obra intitulada *Historia Critica Linguae Latinae*: “Prout auctores, qui obscoena, turpia ac rectis moribus inimica tradunt, in scholis christianorum removendos esse ipsi arbitramur [...]”²²⁵.

O resultado de todo este labor selectivo pautado por uma escrupulosa restauração do latim clássico seria um dicionário de pequeno formato (203 X 145 mm) com um total aproximado de 35.400 entradas, um contingente vocabular muito reduzido, em confronto com a *Prosodia*, que a partir de 1697 fixou a sua nomenclatura em cerca de 80.000 entradas. Todavia, o *Parvum Lexicon* continha o vocabulário comum essencial e o seu tamanho tornava-o mais funcional e mais atraente para os estudantes, de fácil manuseio e com um preço que o autor considerava acessível. O lexicógrafo assim se pronuncia acerca do preço da obra:

M. R. Snr. Luiz Francisco de Sousa. O Ex.^{mo} Snr. Conde de Oeyras me fez saber que S. Mag.^e, por sua clemencia e grandeza, me havia feito a mercê da primeira impressão do meu Diccionario. E, attendendo o mesmo Ex.^{mo} Snr. Que, emquanto se não lavrava o decreto, esta demora seria de prejuizo ao publico, me ordenou o fosse já espalhando. Eu busquei logo pessoas intelligentes e de saã consciência, e especialmente Miguel Manescal, para que estas arbitrassem o preço mais racional e conforme às leis da justiça, por que esta obra se devia vender, não só sem detrimento, mas ainda com algum favor da utilidade commua. Depois de peizadas bem as cousas e feita huma exacta conta, se resolveo que o preço mais accomodado era o de outocentos reis cada volume em papel” [...] Caza 3 de Agosto de 1762. Creado e muito venerador. Pedro Jozé da Fonseca²²⁶.

Com estes fundamentos, e juntamente porque havendo de ser para todos este livro, de necessidade se devia ter atenção a que fosse de preço moderado”²²⁷.

O *Parvum Lexicon*, com 203 X 145 mm, tem cerca de 35.400 entradas distribuídas por 826 páginas, a duas colunas, com média de 43 entradas por página. Por sua vez, a *Prosodia*, com 301 X 204 mm, tem cerca de 80.000 entradas distribuídas por 736 páginas, a duas

²²⁴ Costa, 1979: 289 e ss.

²²⁵ “Conforme nós próprios julgamos, os autores que traduzem palavras obscenas, indecentes e inimigas dos bons costumes, devem ser proibidos nas escolas dos cristãos [...]” in Moura, 1823: 194. Tradução nossa.

²²⁶ *Carta de Pedro José da Fonseca sobre o preço do seu Dicionário (3-8-1762)* in Andrade, 1981: 452.

²²⁷ Fonseca, *Parvum Lexicon*, Ao leitor: II.

colunas, com média de 107 entradas por página. Estes dados quantitativos, na sua secura numérica, são, porém, esclarecedores dos contrastes dimensionais entre as duas obras.

Embora com formato maior (260 X 190 mm), o *Vocabula Latini* contém menos 172 páginas, um pormenor relevante que explica a diferença numérica de entradas pouco significativa entre as duas obras, sendo que, em termos percentuais, a obra de Pasini apresenta apenas cerca de mais 1,5% de entradas.

3.1.2. Organização da nomenclatura

A inovação mais significativa evidenciou-se na organização da nomenclatura do *Parvum Lexicon*. Enquanto na *Prosodia* a ordenação alfabética das entradas foi frequentemente perturbada com as interdependências resultantes dos vínculos etimológicos²²⁸, no *Parvum Lexicon* observamos uma técnica de alfabetação alicerçada unicamente na ordenação letra-a-letra, sem vestígios de desordens suscitadas por correlações semânticas, morfológicas ou etimológicas. Transcrevem-se algumas amostras recolhidas ao acaso da nomenclatura formada pelas sequências começadas por Cad- e Mic-:

Prosodia

Cado, is, cecidi, casum
Cadit, ebat
Casus, us
Casura, ae
Casualis, e
Caso,as
Caducus, a, um.
Caduciter,ris, atus sum
Caducitor
Cadivus,a,um
Caduceum, ei

Parvum Lexicon

Cado, is, cecidi, casum, dere
Caduceator, oris
Caduceum, i
Caduceus, i
Caducifer, era, erum.
Caduciter.
Caducus, a, um

²²⁸ Verdelho, 1993: 783.

IV. O lexicógrafo – *Parvum Lexicon*

Caducifer, eri

Caduceator, is

Caducus, caduciter. *Vide post Cado, supra*

Mictito, Micturio *Vide post Mingo infra.*

[...]

Mingo, is inxi, ictum

Mictito, as, aui, atum

Micturio, is

Mingo, is , inxi, ictum, ere

Miniaceus, a, um

Note-se, na *Prosodia*, que a relação semântica do vocábulo verbal *cado* (eu caio) com o vocábulo nominal *casus* (queda) origina uma sequência de unidades lexicais fora da ordem alfabética directa. Quanto ao lema *Mictito, Micturio* (ourino muitas vezes), ao remeter o consulente para *Mingo* (ourino), para além de não facultar o acesso ao significado numa primeira pesquisa, provoca desordens na alfabetação. Estes são apenas alguns exemplos das infindáveis remissões em que tropeçamos ao ler a *Prosodia*, que decerto tornavam a consulta dos estudiosos bastante morosa e difícil. Certamente Fonseca não terá tido o trabalho de reorganizar a nomenclatura anulando interdependências linguísticas, uma vez que a sua fonte directa, o *Vocabula Latini*, já apresentava os lemas rigorosamente alfabetados sem qualquer tipo de perturbação.

No que diz respeito à sequência alfabética, notamos que o número de séries alfabéticas é de 21 no *Vocabula Latini* e no *Parvum Lexicon* e de 23 na *Prosodia* pois Fonseca excluiu as séries delimitadas <K> e <Y>: A, B, C, D, E, F, G, H, I, L, M, N, O, P, R, S, T, U, X, Z. Bento Pereira não excluiu estas séries <K> e <Y>, tal como acontece na *Amalthea* e no *Calepinus*, livros de teor enciclopédico que primavam por um agenciamento da nomenclatura próximo da exaustividade. Tratando-se de duas letras gregas “*Latini uix utuntur*”²²⁹ (*Calepinus*, 1779) dificilmente Fonseca as integraria na sua obra.

²²⁹ “os Latinos mal usam” (tradução nossa).

3.1.3. Registo das formas lema

O processo de registo das formas lema foi acompanhado pela preocupação sempre presente em facultar ao consulente informações gramaticais essenciais para quem se iniciava no estudo da língua latina, tais como a marcação da quantidade silábica, a indicação do género para as várias classes de adjectivos e a indicação dos graus de alguns advérbios e adjectivos:

	<i>Prosodia</i> (1741)	<i>Vocabula Latini</i> (1758)	<i>Parvum Lexicon</i> (1798)
Verbos	Abripio, is, ipui, eptum. Abstisto, is, stiti, stitum. Abstineo, es, tinui, tentum. Absto, as, stiti, stitum, statum Accumulo, as, avi, atum	Abrípio, ripis, ripui, reptum, ripere, Cic. Absisto, is, abstiti, absistere, Liv. Abstineo, nes, nui, abstentum, tinere, Cic. Absto, as, stiti, stitum, stare, Hor. Accumulo, as, avi, atum, are, Cic.	Abrípio, is, ui, ēptum, ēre, Cic. Absisto, is, abstīti, ēre, Liv. Abstineo, es, ui, ēntum, ēre, Cic. Absto, as, stīti, stītum, āre, Hor. Accūmulo, as, āvi, ātum, āre, Cic.
Adjectivos	Acclivis, e. Acer, cris, & cre. Aculeatus, a, um. Adoptatissimus, a, um.	Acclīvis, ve Cic. Acer, cris, cre, Cic. Aculeātus, a, um, Plin. Adjiciālis, e, Varr.	Acclīvis, m. f. ve, n. is, Cic. Acer, m. acris, f. acre, n. crīor, cērīmus, Cic. Acūlēātus, a, um, Plin. Adjīciālis, m. f. le, n. is, Varr. Adōptātīssīmus, a, um, superl. Cic.
Substantivos	Accola, ae, m.g. Accursus, us, m.g. Acerbitas, as f.g. Admissio, onis, f.g.	Abruptum, i, n. Stat. Accōla, ae, m. Tac. Accursus, us, m. Tac. Acerbītas, atis, f. Plin. Admissio, onis, f. Varr.	Abrūptum, i, n. Stat. Accōla, ae, m. Tac. Accūrsus, us, m. Tac. Acērbītas, ātis, f. Plin. Admīssio, ōnis, f. Varr.
Advérbios	Abundanter, adverb. Accomodate, adverb. Acute, adverb. Adaeque, adverb. Admodum, adverb.	Abundanter, Cic. Accomodāte, Cic. Acūte, Cic. Adaeque, Liv. Admōdum, Cic.	Abūndānter, tius, Cic. tissime, adv. Plin. Accōmōdāte, tius, tissime, adv. Cic. Acūte, tius, tīssīme, adv. Cic. Adaeque, adv. Liv. Admōdum, adv. Cic.

Pela primeira vez em dicionários portugueses se vê, no dicionário de Fonseca, o uso dos sinais diacríticos braquia (˘) e macron (¯) para designar sílabas breves e longas. Ignoramos

se por influência ou não do *Vocabula Latini*, onde também são assinaladas algumas sílabas, todavia não de um modo tão sistematizado e completo como no *Parvum Lexicon*. Esta prática é visível na marcação da quantidade de mais do que uma sílaba na mesma palavra e na apresentação da quantidade das sílabas nas formas verbais do perfeito e do infinitivo, informações não despendidas no processo de aprendizagem do latim.

A anotação do género para as várias classes de adjectivos e o registo de alguns advérbios e adjectivos nas suas formas de comparativo e superlativo constituem uma novidade em relação à *Prosodia* e ao *Vocabula Latini*. Porém, uma leitura atenta sustenta a percepção de que o registo das formas de comparativo e de superlativo dos adjectivos e advérbios se processou aleatoriamente, sem qualquer atenção taxinómica.

3.2. Microestrutura

3.2.1. Estrutura e Organização das glosas

A análise microestrutural dos dicionários aqui confrontados revela o distanciamento do *Parvum Lexicon* em relação à *Prosodia* e a sua aproximação à obra italiana. Comparativamente à obra jesuíta, observa-se uma evolução fundamental da técnica de estruturação dos artigos, que se traduz quer na sua disposição gráfica, quer, no interior dos mesmos, na organização das diferentes acepções de um mesmo lema.

Tanto no *Parvum Lexicon* como no *Vocabula Latini*, a definição e a fraseologia (sintagmas ou lexias, frases feitas e locuções) formam um só bloco e a separação entre estes elementos não se processa pela mudança de parágrafo, como acontece na *Prosodia*, mas sim por um ponto final. A unidade lexical é substituída na subentrada por travessão. Para além disso, notamos que os artigos das obras de Fonseca e de Pasini são mais abrangentes e textualizados, uma vez que integram e reagrupam numa mesma entrada informações que a *Prosodia* ordena em diversas entradas.

Todo este processo de reestruturação do artigo de dicionário resultou da nova metodologia da disposição das entradas letra a letra, que implicaria o inconveniente de separar as palavras que se aproximam morfológica ou semanticamente. Assim, urgia uma nova configuração da estrutura do artigo que possibilitasse a junção de vocábulos que formam famílias lexicais. No decurso evolutivo da técnica lexicográfica portuguesa, à semelhança dos dicionários naquele tempo produzidos pela restante lexicografia europeia, o aperfeiçoamento da técnica de alfabetação acompanhou o processo de reformulação do conceito de artigo²³⁰.

No prólogo da sua obra Fonseca informa acerca da metodologia adoptada para ordenar as diferentes acepções nos artigos múltiplos ou polissémicos:

A respeito das diferentes significações, que correspondem a cada termo Latino, usei sempre em primeiro lugar, daquella, que he ou mais ordinaria, ou mais natural; e se acaso a esta, como a genero, se podião reduzir as demais especies particulares, as deixei em silencio, o que não fiz naquellas vozes, em que se encontrão muitas significações notavelmente diferentes, ou translatas. E se algumas vezes se acharem palavras sómente em sentido metaphorico, he porque não achei dellas exemplo classico no proprio, e natural²³¹.

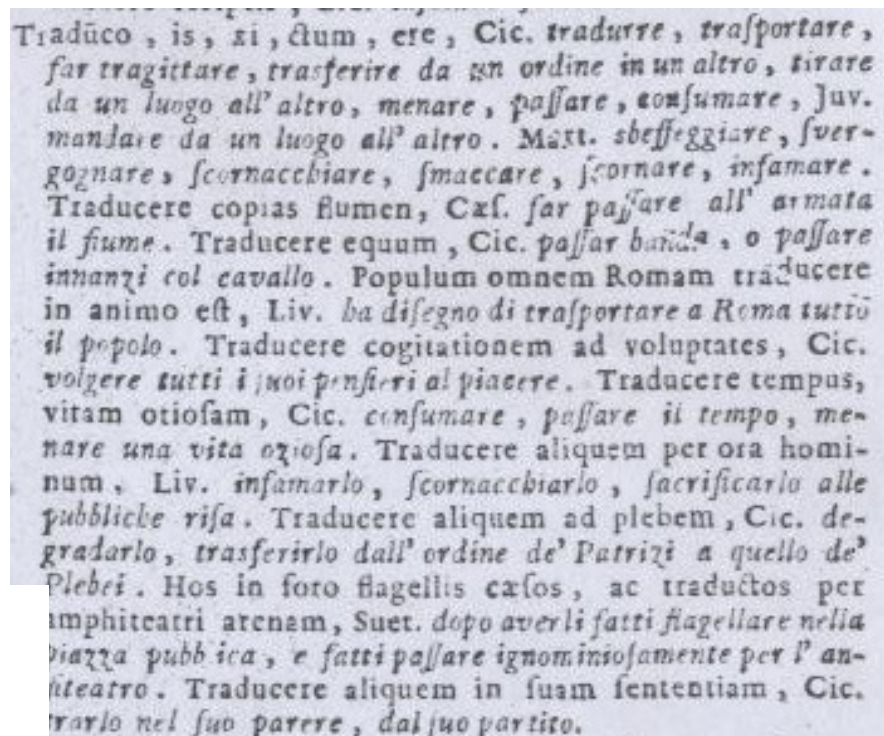
²³⁰ “L’extension considérable du nombre de mots, d’emplois et d’expressions retenus comme entrées d’un même lemme (colonnes d’items monosémiques ou d’alinéas traductifs) jointe au développement de paragraphes explicatifs de plus en plus touffus avaient rendu la consultation très incommode. Pour y remédier, les lexicographes ont accordé plus d’attention à l’organisation et à la présentation des données qui composent un article” (Quemada, 1968: 67).

²³¹ Fonseca, *Parvum Lexicon*, Ao leitor: VI.

IV. O lexicógrafo – *Parvum Lexicon*

<p>Traduco, is, xi, ctum. <i>Traspassar, levar para algum lugar, passar além, ávante, estender, interpretar, trazer de huma lingua em outra, passar, espalhar, roimar, levar com infamia, consumir, gastar, transplan- tar, &c.</i> 1. 2. l. Mart. 3. 74.</p> <p><i>Define, si poder est, miseram traducere calum.</i></p> <p>Traductus, a, um. <i>Couza traspastada, traduzida; item levada com infamia, &c.</i> 1. l. Liv.</p> <p>Transductio, nis, f. g. <i>A traducção, passagem, a leva, a levção, infamia, o amanho do osso desincaxado, &c.</i> 1. incr. l. Cic.</p> <p>Traductor, is, m. g. <i>O interprete, que traduz de huma lingua em outra, traspastador, &c.</i> 1. incr. l. Cic.</p> <p>Tradux, cis, m. f. g. <i>O garfo, enxerto, mergulhão, bacello, planta, prumagem, &c.</i> 1. em couza companhei- ra, & participante do bem, ou do mal. 1. l. incr. b. Virg. in <i>Aetna</i>. (<i>Calcp. prod. incr.</i>)</p> <p><i>Tradace materia, & terris per proxima satis.</i></p> <p>Tragacantha, æ, f. g. <i>Alquitira, planta de espinho; item goma da raiz da alquitira.</i> 1. 2. b. Diosc.</p>	<p>Traduco, is, xi, ctum, ãre, Cic. <i>Transferir, traspassar, levar de hum lugar para outro.</i> Mart. <i>Infamar, desacreditar.</i> Traducere vitam otio- sam. Cic. <i>Viver ociosamente.</i> — ali- quem in suam sententiam. Cic. <i>Fa- zer que alguém siga o seu parecer.</i> — aliquem per ora hominum. Liv. <i>In- famar alguém, fazer que se falle mal delle.</i></p> <p>Traductio, ãnis, f. Cic. <i>Trasladação, passagem de hum lugar para outro.</i> Sen. <i>Irrisão, escarneo, zombaria.</i> Ad Her. <i>Certa figura da Rhetorica.</i> Tra- ductio temporis. Cic. <i>Curso do tem- po.</i> — ad plebem. Cic. <i>Degradação da n breza.</i></p> <p>Traductor, ãris, m. Cic. <i>O que faz passar.</i></p> <p>Traductus, a, um, Cic. <i>part. de Tra- duco.</i></p> <p>Tradux, ãgis, m. Varr. f. Col. <i>Gar- fo, enxerto, mergulhão, bacello.</i> Tra- dux materia. Val. Flac. <i>Materia for- te, que passa aos vindeiros.</i></p> <p>Traduxi, pret. de Traduco.</p> <p>Tragacantha, æ, f. Plin. &</p> <p>Tragacanthæ, es, f. Plin. <i>Alquitira, planta de espinho.</i></p>
<p><i>Prosodia, 1741</i></p>	<p><i>Parvum Lexicon, 1798</i></p>

O cotejo com a obra de Pasini permite concluir que o trabalho de Fonseca na estruturação dos artigos ter-se-á restringido a abreviar o corpo textual dos artigos da obra italiana, eliminando frases feitas e locuções, ou menos conhecidas ou com uma sintaxe mais intrincada. A disposição das várias acepções no corpo dos artigos do *Parvum Lexicon* não apresenta diferenças em relação ao dicionário italiano:



Vocabula Latini, 1758

No dicionário de Pereira observamos a mesma orientação na disposição dos vários significados, porém, cada um deles carece da junção do respectivo autor abonatório.

3.2.2. Técnica de definição

A colação das partes definitórias das três obras demonstra três diferenças fundamentais entre a obra jesuíta e as obras de Fonseca e Pasini:

1) enquanto na *Prosodia* predominam glosas estruturadas em séries de sinónimos sem uma delimitação clara dos sentidos, no *Parvum Lexicon* e no *Vocabula Latini* observa-se uma disposição mais ordenada das várias acepções bem como uma maior descrição e explicação do vernáculo.

IV. O lexicógrafo – *Parvum Lexicon*

2) a identificação dos adjectivos; na *Prosodia* é sempre feita com o marcador *Cousa*, o que nunca se verifica no *Parvum Lexicon* e no *Vocabula Latini*.

3) o modo como se processa a definição hiperonímica no *Parvum Lexicon* e no *Vocabula Latini* indicia uma maior organização do vocabulário em campos semânticos.

A técnica de definição na obra de Fonseca, distintiva em relação à *Prosodia* e comum ao *Vocabula Latini*, representa uma prova explícita da tradução e adaptação da obra italiana para o português.

A definição por acumulação sinonímica era essencialmente aplicada nos dicionários bilingues medievais, que, não descrevendo as palavras, se assemelhavam a uma simples nomenclatura alfabética. As glosas da *Prosodia* eram mais complexas e informativas que as dos léxicos anteriores, embora, aparentemente, se confinassem a uma sequência de equivalentes sinonímicos. Apesar dessa profusão de sinónimos e de a técnica de redacção dos artigos nem sempre delimitar claramente os sentidos, o aglomerado lexical traduzia acepções diferentes: *Emo* - *comprar, allugar, resgatar*; *Indecentia* - *indecencia, fealdade, torpeza*; *Stultitia* - *louquice, loucura, parvoice, imprudencia*. Comparativamente à *Prosodia*, o *Parvum Lexicon* apresenta a multiplicidade dos sentidos organizada por campos semânticos e uma maior descrição e explicação do vernáculo, que resulta, evidentemente, da tradução do italiano para o português:

<i>Prosodia</i> (1741)	<i>Vocabula Latini</i> (1758)	<i>Parvum Lexicon</i> (1798)
Fraus, dis. O engano, a malícia, falta, crime, perigo, dano. Liv.	Fraus, dis. Cic. inganno, frode, frodo, froda, frodamento, tranello, truffa, baratteria, gherminella, involamento, dano, pregiudizio, delitto [...].	Fraus, audis. Cic. <i>Fraude, engano occulto. Damno, prejuizo, detrimento. Crime, delicto.</i>
Mancipium, ii.(Mancupium.) O cativo, ou cativa, escravo (cativo em guerra) cosa apanhada às mãos: o dominio, o senhorio. 2. b. Ovid. 4. Pont. 4. Se fore mancipii tempus in omne tui.	Mancipium, ii, Cic. dominio, diritto di proprietà, vendizione, contratto di vendita. Res mancipii, o mancupi, o mancupii, Cic. cose, che sono in nostro dominio, e potere, cose proprie, ch'è legittimamente possegoni. Sui mancipi esse, Cic. esser di sua libertà. Mancipio dare, mancipio accipere, Plaut. Vendere, comprare con promessa di mantenere, con evizione.	Mancipium, ii, n. Cic. <i>Escravo, prisioneiro de guerra. Direito de propriedade, dominio, senhorio. Venda, contrato de venda. Res nec mancipi, l. mancupi. Cic. Cousas de que não somos legitimamente senhores, nem podemos alienar. Mancipio accipere. Cic. Comprar com obrigação do vendedor se sujeitar ao perigo da evicção. Sui mancipii esse. Cic. Ser senhor de si, não estar sujeito a ninguém.</i>

Pravitas, tis, f. g. A tortura, maldade, malícia, desordem, & c.	Pravitas, atis, f. Cic. difetto, deformità; <i>metaf.</i> vizio, pravità, perversità, malizia, nequizia, malvagità. Persistere in pravitate sua, Cic. persistere nelle sua malizia. Pravitas membrorum, Cic. difetto delle membra.	Pravitas, atis, f. Cic. <i>Deformidade, defeito, vicio de proporção de partes. Maldade, perversidade, malícia.</i>
	Spondyle, is. Plin. Spondile, spezie di serpe, che rode le radici degli alberi.	Spondyle, es, f. Plin. <i>Especie de serpente, que roe as raizes das arvores.</i>
Virtus, tis. A virtude, inteireza de vida, bons costumes, &c. o valor, o esforço, a força, virtude, & efficacia propria, excellencia, ventagem, merecimento, socorro, ajuda.	Virtus, utis. Virtù , e comunemente si prende per franchezza, nobilita, valenza , costanza, fortezza , e qualunque perfezione tanto del corpo, che dell' animo [...].	Virtus, utis. <i>Virtude. Fortaleza, valentia. Propriedade, perfeição do homem tanto no corpo, como no animo.</i>

A passagem das acepções italianas para a língua portuguesa potenciou o alargamento da disponibilidade lexical. Por exemplo, às acepções *engano, a malícia, falta, crime, perigo, dano* facultadas pela *Prosodia* na entrada *Fraus*, dis, Fonseca acrescenta *fraude, prejuízo e delicto*, traduzidas certamente da glosa italiana *frode, pregiudizio, delitto*.

A evidência da tradução das glosas do *Vocabula Latini* para o *Parvum Lexicon* sobressai na descrição do vernáculo, em versões elaboradas *ipsis verbis*, como é o caso da definição do lema *Virtus, tis*. Os sentidos *fortaleza, valentia, perfeição do homem tanto no corpo como no animo* terão sido transferidos de *fortezza, valenza e perfezione tanto del corpo, che dell' animo*.

A tradução e adaptação das glosas italianas para o português nem sempre foram bem sucedidas, como ilustra o exemplo que se segue, em que o lexicógrafo, provavelmente induzido em equívoco pelo heterossemântico “*addossare*”, definiu erroneamente o verbo latino “*Trajicio*”:

<i>Prosodia</i> (1741)	<i>Vocabula Latini</i> (1758)	<i>Parvum Lexicon</i> (1798)
Trajicio, is, jeci, jectum. Levar, passar alem, ir, passar ávante, á outra parte, traspasar, atravessar, salvar por alto, trasfegar, baldear, & c. 1. 1. 2. b. Virg. AEneid. 11.	Trajicio, is, jeci, jectum, icere, Lucr. trasportare da un luogo all' altro, traghettare, trasferire, passar da banda a banda, rivolgere, voltare, Ovid. rimettere, Var. versare. Trajicere Alpes, Brut ad Cic. passare, traversare le alpi. Pugnant latus dextorum lancea	Trajicio, is, jeci, jectum, ere, Cic. <i>Transportar, passar de huma parte para outra. Passar além do mar, atravessar. Varr. Trasfegar, baldear. Cic. Traspasar, furar de parte a parte. Adoçar, diminuir, fallando dos crimes.</i>

IV. O lexicógrafo – *Parvum Lexicon*

	<p>trajicetur, Liv. mentre combatteva, gli fu trapassato da parte a parte il fianco destro da una lancia.</p> <p>Trajicere culpam in alium, Cic.</p> <p>addossare la colpa ad un altro.</p> <p>Arbitrium litis trajicere in aliquem, Ovid. rimettere la lite all' altrui giudizio. Trajicere in vasa, Var. versare ne' vasi. Quocunque oculos trajecimus, Lucr. Dovunque voltammo gli occhi. Si se alpes Antonius trajiciet, Brut. Cic. Se Antonio passerà le alpi. Trajicere Cyprum, Plin. passar in Cipro. Amnem vado trajecit, Liv. passò a guado il fiume. Exercitum ad calendas majus Rhodanum trajeci, Cic. traghettai l' esercito di là dal Rodano ai primi di maggio. Neque ex Italia tam celeriter exercitum trajici posse credebant, Cic. nè credevano, che l'esercito potesse sì presso passare dall' Italia.</p>	
--	---	--

Efectivamente, percorrendo toda a lexicografia latino-portuguesa, desde as suas origens com Jerónimo Cardoso até aos dias de hoje, nunca ao verbo latino “*Trajicio*” lhe é atribuída a acepção de “*Adoçar*”. Na frase “*Trajicere culpam in alium*”, o verbo “*trajicere*” significa “*imputar*”, “*atribuir a*”²³², como correctamente traduz a palavra italiana “*addossare*”²³³.

²³² No dicionário latim-português (1988) da Porto Editora são apresentadas as seguintes acepções para a entrada *Trajicio*, is, ere, jeci, jectum: 1. Lançar para além, arremessar para o lado de lá. 2. Fazer passar de um para outro lado, transportar, atravessar, efectuar uma travessia (intr.) // *legiones in Siciliam trajicere*, Liv., transportar as legiões para a Sicília // *membra per arduos acervos trajicere*, Ov. saltar para cima das medas de palha incendiadas // *Germanos flumen trajecit*, C. (note o duplo acusativo), faz passar o rio aos Germanos // *sese ad aliquem transjicere*, C., ir a casa de alguém. 3. Traspasar, vapor // *pilis trajecti*, C., varados pelos dardos // *ei femur tragula trajecit*, C., o dardo atravessou-lhe a perna // *pectus ferro transjicere*, Liv., vasar o peito com a espada. 4. Atravessar (o rio, o mar), abrir caminho (por uma multidão) // *Padum trajicere*, Liv., atravessar o Pó. 5. Imputar, atribuir a, fazer passar (uma responsabilidade) para, fazer recair em // *arbitrium in omnes trajecit*, Ov., tomar todos como árbitros (atribuir a decisão a todos) 6. Passar, decantar, trasvasar.

²³³ O *Vocabolario degli Accademici della Crusca* (1612) (<http://vocabolario.signum.sns.it/>) define “*addossare*” como a seguir se transcreve: ADOSSARE. In signific. neut. pass. Porsi addosso. Lat. *humeris imponere*. Dan. Purg. 3. Addossandosi a lei s' ella s' arresta.¶ Per metaf. in att. signific. addossare un negozio a uno, vale lasciargliene la cura, e la briga. O dicionário da língua italiana “*De Mauro*” (<http://www.demauroparavia.it/>) define “*addossare*” como a seguir se transcreve: 1 avvicinare mettendo a contatto: *a. qcn., qcs. al muro* 2 fig., attribuire, imputare: *mi hanno addossato troppe responsabilità*.

Quanto à definição dos adjectivos, as três obras recorrem aos mesmos processos de definição. Enunciamos aqui aqueles que são mais frequentes: (1) outro adjectivo, isolado ou seguido de especificadores, (2) um particípio, isolado ou seguido de especificadores, (3) uma proposição relativa com função adjectiva e (4) as fórmulas “que diz respeito a”, “pertencente a”, “proprio de”. A principal diferença é a anteposição, na *Prosodia*, da palavra *Cousa*: *Utilis*, le. *Cousa util, proveitosa, frutuosa, accomodada*; (*Prosodia*, 1741) *Utilis*, le, is. *Util, proveitoso, vantajoso*. (*Parvum Lexicon*, 1762) *Utilis*, le. *utile, profittabile, fruttuoso, buono, sostanziale, valevole, giovativo, bisognevole, profittevole, buono [...]*. (*Vocabula Latini*, 1758)

No cotejo entre alguns enunciados onde é empregue a definição hiperonímica²³⁴, é bem nítida, na *Prosodia*, a falta de organização do vocabulário da língua portuguesa em campos semânticos, que se traduz na inexistência de uma sistematização rigorosa dos definidores genéricos²³⁵ e, mais concretamente, de estratégias discursivas que permitam dar a um definidor demasiado preciso ou imperfeitamente adaptado o grau de generalização necessária:

<i>Prosodia</i> (1741)	<i>Vocabula Latini</i> (1758)	<i>Parvum Lexicon</i> (1798)
Chrysocarpum, o, n. g. Hera, que dá cachos amarelos. 1. l. 2. b. Amalth.	Chrysocarpum, i, n. Plin. crisocarpo, sorta d'ellera, che ba l'acino di color d'oro.	Chrysocarpum, i, n. Plin. <i>Especie de hera, herva.</i>
Merula. Item peixe de rio; item m. g. rio de Albinga. Plin.	Merula, ae, f. Cicer. melro. Plin. sorta di pesce, che vive tra' sassi. Vitruv. macchina d'acqua, che contraffaceva le umane voci.	Merula, ae, f. Cic. <i>Melro, passaro.</i> Ovid. <i>Certo peixe.</i> Vitr. <i>Certa máquina hydraulica.</i>
Rhoea, ae, f. g. O espojadoro de bestas. Graec.	Rhoeas, ae, f. Plin. rheas, sorta di papavero erratico.	Rhoea, ae, l. Rhoeas, adis, f. Plin. <i>Genero de papoulas.</i>
Setanium. (Setannium. Am.), ii, n. g. A nespera, ou nespereiro; trigo tremez. Setanium; item cebolla albaraã, ou casca de cebolla.	Setanium, ii, n. Plin. setania, sorta di nespola, e di cipolla.	Setanium, ii, n. Plin. <i>Especie de nespera, fruta. Especie de cebolla albarrã.</i>

²³⁴ Este tipo de definição, também denominado por *definição aristotélica*, é entendido como delimitação de uma espécie mediante alusão ao género e às diferenças específicas. Estabelece-se uma ligação entre dois termos: o definido (*definiendum*) e o definidor (*definiens*) que pode ser genérico e/ou específico. O termo definido é formado pela unidade léxica que constitui a entrada; o definidor genérico, conceptualmente mais amplo que o definido, introduz a definição, e o definidor específico limita a extensão do genérico para que corresponda exactamente ao definido. Assim, o *definiendum* ALEGRETE define-se com o definidor genérico “vaso” e a frase “de flores, ou hervas, que se põem nos eirados, etc.” forma o especificador.

²³⁵ O termo genérico, também denominado pelos lexicógrafos *descriptor*, geralmente introduz a definição e tem de ser conceptualmente mais amplo que a unidade léxica definida (Sousa, 1995: 113).

Assim, no *Parvum Lexicon* e no *Vocabula Latini*, ao contrário da *Prosodia*, são frequentes na estrutura da definição expressões como *especie de*, *genero de*, *certa*, *certo*, que Fonseca, influenciado pela obra de Pasini, aplica repetidamente. A quase inexistência destas expressões na obra jesuíta, para além de originar estritas equivalências entre o termo definido e o definidor quando, na realidade, não as há, também origina artigos encabeçados por lemas distintos mas com enunciados definitórios idênticos: Carcinoma, atis. *O cancro doença*; Carcinodis, is. *Cancro doença (Prosodia)* / Carcinoma, atis. *Cancro, doença*. Carcinodes, eos. *Especie de cancro, doença (Parvum Lexicon)*.

3.2.3. Notações metalinguísticas

Na senda de um método de aprendizagem mais acessível, houve um alargamento considerável dos espaços de comentário morfossintático, cumprindo-se o tão propugnado critério didático de descrição da língua latina através de uma terminologia gramatical sistemática em língua materna. Na *Prosodia* todas as notações metalinguísticas – indicação de classe gramatical, género e número, tipo de verbo, marcas de uso, etimologia, fonte abonatória – eram apresentadas em latim, o que dificultava a aprendizagem daqueles que se iniciavam no estudo do Latim²³⁶. Por sua vez, no *Vocabula Latini*, os espaços dedicados às notações metalinguísticas são quase nulos. À excepção da tradicional apostila com informação da classe gramatical, do género e do número, que já se vinha praticando desde há muito na lexicografia portuguesa e europeia, o *Vocabula Latini* não explora gramaticalmente a língua latina, nem utiliza marcas metalinguísticas e de especificações de domínios, géneros e usos para contextualizar o uso das unidades léxicas.

²³⁶ Nas escolas da Companhia de Jesus a aprendizagem do Latim e, inclusivamente do Português, era apoiada por gramáticas escritas em latim. O paradigma linguístico era o dos quadros gramaticais latinos ou, por antonomásia, o da *Arte* do jesuíta Manuel Álvares. A partir da reforma do ensino iniciada por Pombal alteram-se os métodos da didáctica latina e prescreve-se a descrição gramatical do latim em vernáculo: “deve ser em vulgar o methodo para aprender os preceitos da Grammatica, pois não há maior absurdo que intentar aprender huma língua no mesmo idioma que se ignora” (in Costa, 1979: 314). O dicionário adoptado pela reforma pombalina, para além de fornecer todas as indicações gramaticais em língua materna, faculta a tradução portuguesa de todos os usos e expressões particulares do latim.

As principais novidades evidenciadas no *Parvum Lexicon* são:

- a inclusão, na ordem alfabética da nomenclatura, de pretéritos de verbos e casos oblíquos de nomes que se afastam da sua raiz – *Traduxi, pret. Taduco*;
- a declaração de usos e construções gramaticais – *Abhinc, adv. de tempo, que se junta a accus. e a ablat; --- [Traducere] aliquem in suam sententiam Cic. Fazer que alguém siga o seu parecer*;
- o estabelecimento de uma correspondência entre o género de cada lema e o autor abonatório, nos casos em que o lema tem mais de um género – *Tradux, ucis, m. Varr. f. Col.*;
- a indicação das variações dos adjectivos e dos advérbios nos seus graus – *Contumeliose, Cic. sius, Ter. sissime [...]; Contumeliosus, a, um, sior, sissimus [...]*.

IV. O lexicógrafo – *Parvum Lexicon*

Contumacia, æ, f. g. Desobediencia, contumácia, rebeldia, porfia, tenacidade. 2. b. 3. l. Cic.
 Contumaciter, adv. Com desobediencia, porfiadamente, rebelde, & contumazmente. 2. p. b. 3. l. Liv.
 Contumelia, æ, f. g. A injuria, afronta de palavras. 2. b. 3. l. Horat. Epod. 11.
Libera consilia, neq; contumelie graves.
 Contumeliosus, a, um. Causa injuriosa, ou afrontadora de palavras. 2. b. 3. p. l. Cic.
 Contumeliosè, adv. Afrentosamente. 2. b. 3. p. l. Cic.
 Contumia, æ, f. g. quod Contumelia. Gloss.
 * Contumulo, as, avi, atum. Enterrar. 2. 3. b. Ovid. Trist. 3. Eleg. 3.
Ut saltem patri contumularer humo.
 Contundo, is, tudi, tulum. Bater, matar, ferir. Horat.

Prosodia, 1741

Cōtūmācia, æ, f. Cic. Contumacia, desobediência, obstinação nascida de soberba. Constancia, fortaleza, firmeza em não obedecer a preceito injusto.
 Cōtūmāciter, Cic. cūs, adv. Nep. Contumazmente, orgulhosamente.
 Cōtūmāx, æ, is, omni. genitior, Cic. cilsimus, Sen. Contumax, obstinado, rebelde, arrogante, orgulhoso, teimoso. Sen. Forte, constante.
 Contumāx syllaba. Marti. Syllaba, que não cabe em versos.
 Cōtūmēlia, æ, f. Cic. Contumelia, afronta, desprezo, esboarneo, ultraje. Cæs. Choque, recontro.
 Cōtūmēliōse, Cic. sius, Ter. sissime, adv. Cici. Afrentosamente.
 Cōtūmēliōsus, a, um, sior, Cic. sissimus, Quint. Affrontoso, injurioso. Que afronta, que ultraja, que insulta.
 Cōtūmūlo, as, avi, atum, ate, Ovid. Enterrar, sepultar.
 Cōtūndo, is, ūdi, ūsum, etc. Cic. Esmigalhar, pizar, quebrar batendo. Hor. Opprimir, reprimir, affligir, domar. Contundere facia alicujus. Plaut. Vencer as acções de alguém.

Parvum Lexicon, 1798

Pinguis, & gue. Causa gorda, pingue, fertil, grosseira, rude, ignorante. Cic.
 Pingue, is, n. g. A gordura, &c Plin.
 Pingui Minerva. Grosseira, toscamente, &c. Colam.

Prosodia, 1741

Pinguis, m. f. gue, n. is, Cic. guior, Plaut. guissimus, Juv. Pingue, gordo. Rustico, grosseiro, tojco, rude. Virg. Pecundo, fertil. Que fertiliza. Pingui minerva. Col. Grosseiramente.

Parvum Lexicon, 1798

<i>Prosodia</i> (1741)	<i>Vocabula Latini</i> (1758)	<i>Parvum Lexicon</i> (1762)
Abactor, Abactus. <i>Vide</i> Abigo.		Abactus, a, um.
Abalieno, as, aui, atum.	Abalieno, nas, naui, natum, are.	Abalieno, as, aui, atum, are .
Abalienatus, a, um	Abalienatus, a, um	Abalienatus, a, um, Cic. part. de Abalieno, as, aui, atum, are .
	_____	Abdidi, pret. de Abdo.
Abdite, adverb.	Abdite	Abdite, adv.
_____	_____	Abdixi, pret. de Abdico.
_____	_____	Abdixi, pret. de Abduco.
_____	_____	Abeat, imperat. de Abeo.
_____	_____	Abesse, infin. de Absum.
_____	_____	Abeuntis, gen. de Abiens.
_____	_____	Abfui, pret. de Absum.
Abiens, untis. <i>Cousa, que se aparta.</i>	Abiens, euntis	Abiens, euntis, omn. gen. <i>Que se ausenta.</i>
_____	_____	Abii, pret. de Abeo.
Abhinc, adv. De tempo preterito, raramente de futuro.	_____	Abhinc, adv. de tempo, que se junta a accus. e a ablat.
_____	_____	Mi, Virg. dativ. de Ego.
Mihi, dat. pronom. Ego.	_____	Mihi, Cic. dat. de Ego.

É também no *Parvum Lexicon* que se aplica pela primeira vez na lexicografia latino-portuguesa a nomenclatura “termo”, que ocorre 50 vezes na obra como etiqueta para classificar a unidade léxica e que Bento Pereira nunca tinha utilizado para dar conta dos diferentes contextos e variantes de uso de um lema. De seguida ilustramos a presença de todos estes classificadores agrupados de acordo com as marcas prescritas por Martínez Sousa²³⁷:

²³⁷ Sousa, 1995.

IV. O lexicógrafo – *Parvum Lexicon*

Diaestilística	Diatópica	Diatécnica
Termo injurioso (9)	Termo de Hespanha (1)	Termo da Grammatica (20)
Termo de carícia (3)	Termo Persico (1)	Termo de Rhet. (8)
Termo carinhoso (1)	Termo dos Sabinos (1)	Termo judicial (2)
		Termo de musica (2)
		Termo de Lógica (2)
		Termo de Religião (1)
		Termo do campo (1)
		Termo da Architectura (1)

Excluímos deste quadro as marcas diacrónica e dianormativa, pois não existe na obra nenhum marcador deste grupo que classifique o lema em função da sua vigência cronológica e/ou o descreva em função da sua correcção ou incorrecção no uso sincrónico da língua. Como é notório, a classificação das unidades léxicas foi feita sem qualquer sistematização prévia das marcas de uso que possibilitasse ao lexicógrafo regularizar o seu trabalho, o que resultou numa categorização arbitrária dos lemas. A falta de método no uso destes classificadores acentua-se perante a coexistência de várias formas para um mesmo domínio:

Assumptivus, a, um, Cic. Assumptivo, que se toma de fóra. **Termo da Rhet.**

Incisim, adv. Cic. Miudamente, a pedaços. Por incisos, **termo da Rhetorica.**

Declinatio, onis, f. [...] Varr. Declinação, **termo grammatico.**

Foemininus, a, um, Varr. Feminino. **Termo de Grammatica.** [...]

Genus, eris, n. Cic. [...] Quinct. Genero, **termo Grammatico.**[...]

Participium, ii, n. Quinct. Participio. **termo dos Grammaticos.**

Persona, ae, f. [...] Varr. Pessoa dos verbos. **Termo da Grammat.** [...]

Melliculum, i, n. Plaut. Melzinho. **Termo carinhoso.**

Suavium, ii, n. [...] Ter. Meu amorzinho. **Termo de carícia.**

Differens, entis, m. Quinct. Diferença, **termo de Logica.**

Relatio, onis, f. [...] Quinct. Relação predicamental. **Termo dos Logicos.**

A par deste grupo de classificadores, Fonseca utilizou também uma expressão que tem uma função metalinguística, a expressão *fallando de*, para esclarecer cada situação de comunicação²³⁸:

Adminiculator, aris, atus sum, ari, Cic. Sustentar, espequar, apoiar, empar, **fallando** das vinhas.

Foeto, as, avi, atum, are, Col. Parir, ou pôr ovos, **fallando** das aves.

Trigemmis, m. f. me, n. is, Col. Que tem tres olhos, gomos, ou nós, **fallando** das plantas.

Para além de pretender inserir as palavras num contexto, o lexicógrafo valeu-se desta estratégia a fim de suprir palavras italianas sem correspondência no português (1), e de eliminar fraseologia (2), logrando glosas menos extensas que as da sua matriz.

(1)

Vocabula Latini

Tingo, is, inxi, inctum, ere, Mart. Tingere, bagnare, immergere, Tingit cutem, & tamen pallet, Hor. egli si dipinge il volto, s' imbelletta, con tutto ciò è sempre pallido. Pocullis aliquem tingere, Hor. dar gli a bere. Tingi, o tingere se oceano, Virg. tramontare.

Parvum Lexicon

Tingo, is, xi, ctum, ere, Virg. Tingir, molhar. Tingere aliquem poculis. Hor. Dar de beber alguém. Tingi Oceano. Virg. Sepultar-se no Oceano, **fallando dos astros**.

(2)

Vocabula Latini

Trajicio, is, jeci, jectum, icere, Lucr. trasportare da un luogo all' altro, traghettare, trasferire, passar da banda a banda, rivolgere, voltare, Ovid. rimettere, Var. versare. Trajicere Alpes, Brut ad Cic. passare, traversare le alpi. Pugnanti latus dextorum lancea trajicitur, Liv. mentre combatteva, gli fu trapassato da parte a parte il fianco destro da una lancia. Trajicere culpam in alium, Cic. addossare la colpa ad un altro. Arbitrium litis trajicere in aliquem, Ovid. rimettere la lite all' altrui giudizio. Trajicere in vasa, Var. versare ne' vasi. Quocunque oculos trajecimus, Lucr. Dovunque voltammo gli occhi. Si se alpes Antonius trajiciet, Brut. Cic. Se Antonio passerà le alpi. Trajicere Cyprum, Plin.

²³⁸ Cf. <http://clp.dlc.ua.pt/DICIweb/default.asp?url=Concordancias>. Apresentamos em anexo uma listagem, ordenada a partir do DICIweb, ilustrativa do registo deste género de classificadores na obra de Fonseca (cf. anexo 8).

IV. O lexicógrafo – *Parvum Lexicon*

passar in Cipro. Amnem vado trajecit, Liv. passou a guado il fiume. Exercitum ad calendas majus Rhodanum trajeci, Cic. traghettai l' esercito di là dal Rodano ai primi di maggio. Neque ex Italia tam celeriter exercitum trajici posse credebant, Cic. nè credevano, che l'esercito potesse sì presso passare dall' Italia.

Parvum Lexicon

Trajicio, is, jeci, jectum, ere, Cic. Transportar, passar de huma parte para outra. Passar além do mar, atravessar. Varr. Trasfegar, baldear. Cic. Traspassar, furar de parte a parte. Adoçar, diminuir, **fallando dos crimes**.

No primeiro fragmento observamos que o lexicógrafo se serviu desta etiqueta contextualizadora porque o verbo italiano “tramontare²³⁹”, que significa “o acto de o sol se pôr” não tem um verbo correspondente em português. Assim, escreveu uma perífrase equivalente “sepultar-se no oceano”, esclarecendo o contexto “fallando dos astros”. No segundo caso, abreviou o corpo do artigo ao traduzir e adaptar “Trajicere culpam in alium, Cic. addossare la colpa ad un altro” por “**Adoçar, diminuir, fallando dos crimes**”. Porém, ainda que tenha clarificado acertadamente o contexto, esta tradução originou, como já analisámos no ponto 3.2.2., uma definição falaciosa.

O registo de um acervo considerável de informações gramaticais, bem como de especificações de domínios e de usos, constitui o aspecto mais inovador da técnica lexicográfica do autor. A descrição linguística da língua latina representa, no conjunto das práticas que regeram a elaboração do *Parvum Lexicon*, uma metodologia exclusiva de Fonseca que marca o afastamento em relação à obra de Pasini.

²³⁹ Para o lema “tramontare” o dicionário da língua italiana “De Mauro”apresenta as seguintes acepções: 1 di un astro e spec. del sole e della luna: scomparire sotto la linea dell’orizzonte 2 fig., declinare, avere fine, terminare: *una moda che non tramonta, la sua fama sta tramontando* (<http://www.demauioparavia.it/>).

4. Cotejo com o *Magnum Lexicon* de Frei Manuel de Pina Cabral

Publicada a edição *princeps* em 1780, esta obra era, como já referimos²⁴⁰, a *Prosodia* de Bento Pereira revista por José Caeiro e já em fase de impressão vinte anos antes, mas que havia sido interrompida com a expulsão dos jesuítas em 1759. Entregue então no estado em que se encontrava (sem as seis letras finais – de SAP em diante) aos Franciscanos da Ordem Terceira para o completarem e imprimirem, ficou incumbido do encargo o Pe. Cabral, que deixa testemunho em carta a Fr. Manuel do Cenáculo dos aspectos que tornavam a obra merecedora de publicação:

[...] He este Diccionario bastantemente copioso; mas sem superfluidade: nelle se poem por extenso todas as abbreviaturas romanas; explicam-se em Lingua Portugueza os significados proprios, e translatos de todas as palavras da pura Latinidade, as Frases, e os Proverbios; notaõ-se os vocabulos, em que ha variedade de lição; poem-se os nomes proprios de Regioens, Ilhas, Provincias, Reinos, rios, lagos, montes, os dos homens, e Deoses, em huma palavra tudo o que pertence á Mythologia, á antiga Historia, e Geographia, que se encontra nos Poetas, Historiadores, e mais Authores Romanos²⁴¹.

Pina Cabral redige em poucos meses as letras em falta, e as licenças para impressão são pedidas em Janeiro do ano seguinte. Com o título de *Magnum Lexicon* sairá impresso sem que no prólogo se dê uma notícia que reconstitua rigorosamente o percurso e as autorias do dicionário. Caeiro, exilado em Roma, manteve-se demasiado contestatário para que o seu nome pudesse ser recuperado como principal figura autoral da primeira edição do *Magnum Lexicon*. Só neste contexto foi possível a inconfessa apropriação que os Franciscanos fizeram do seu trabalho. Enquanto se esgotam os exemplares compostos com as folhas armazenadas desde 1759, prossegue a revisão do material original, para uma reedição “muito ampliada e corrigida” do conjunto logo em 1802.

Dada a proibição da antiga *Prosodia* e a insuficiência do *Parvum Lexicon* no que respeita à onomástica, o *Magnum Lexicon* tornou-se o dicionário mais usado e mais vezes reproduzido, desde finais do século XVIII até finais do século XIX em Lisboa e em Paris,

²⁴⁰ Cf. 2. da parte I do presente capítulo (fontes: *Prosodia* revista por José Caeiro).

²⁴¹ Carta de Pina Cabral a Fr. Manuel do Cenáculo, de 28 de Dezembro de 1779, B.P.E., Cod. CXXVII – 2-9, carta n.º 3750.

como confirma Átila: Lisboa: 1780, 1802, 1819, 1833 e 1857; Paris: 1834, 1852, 1855, 1858, 1860 e 1867²⁴².

Na nota “Ao Leitor” no prefácio da 1ª edição e que vemos reproduzida nas demais edições de Lisboa, com excepção da de 1857, é sintomático o facto de a obra ser apresentada como obrigação e obediência monásticas:

Sahe á luz, benevolo Leitor, o copioso Diccionario Latino, e Portuguez, que achando-se imperfeito, e por acabar, Sua Magestade Fidelissima se dignou mandallo entregar á Congregação da Terceira Ordem da Penitencia de S. Francisco. E desejando esta cumprir com as obrigações impreteriveis á sociedade, cuidou commeter este trabalho a hum dos seus membros, que com a possivel exactidão completou o dito Diccionario em tudo, o que lhe faltava, para poder utilizar o Público²⁴³.

Imediatamente após a nota ao leitor segue-se o léxico que será analisado, tomando para confronto um exemplar do *Parvum Lexicon* de Pedro José da Fonseca. Os títulos são, por si mesmos, informativos quanto ao formato e ao número de entradas. Apesar de a edição de 1780 ter menos páginas (631 face a 727 páginas da 2ª, 3ª e 4ª edições), o *Magnum Lexicon* contém mais cerca de 7000 vocábulos e inclui também nomes próprios. A disposição gráfica é mais pormenorizada (A, AB, ABA, ABD, ABE, ABF) em vez de se subordinar tudo à mesma letra (A, B, C).

Tal como nos dicionários de Fonseca, também se observa no *Magnum Lexicon* a marcação das quantidades silábicas com os sinais hoje em voga e toda a massa lexical devidamente autorizada com os melhores autores da latinidade. Porém, as três primeiras edições desta obra (1780, 1802 e 1819) não incorporam na sua nomenclatura os pretéritos, imperativos, infinitivos e formas nominais dos verbos irregulares, bem como outras informações gramaticais relevantes para apoiar o início da aprendizagem do latim. A incorporação destes dados a partir da 4ª edição (1833) do *Magnum Lexicon* parece justificar o

²⁴² Almeida, 1988: 51-53. Na 2ª edição do *Magnum Lexicon* foram introduzidas novas palavras, ainda que poucas. A 3ª edição, revista e emendada pelo Fr. José António Carvalho, não contém grandes alterações em relação à edição antecedente, apresentando a mesma disposição gráfica e o mesmo número de páginas. A 4ª edição reproduz a terceira, corrigindo, porém, a grafia do verbo *abalieno*, que vem escrito *abaliano*. A 5ª edição foi ampliada com muitos vocábulos de “Forcelino, Noel, Fonseca, Ferreira, Freund et aliis depromptis, locupletata”. Nesta edição suprimiu-se o tradicional “Ao leitor” e incluíram-se a “explicação das abreviaturas” e a indicação dos “autores citados”, inexistentes nas outras (Almeida, 1965: 215).

²⁴³ *Magnum Lexicon*, 1780: Ao Leitor.

facto de esta obra se ter tornado o principal dicionário latino-português de uso escolar a partir da segunda metade do século XIX²⁴⁴, relegando o *Parvum Lexicon* para a classe de preciosidade bibliográfica.

A concisão do dicionário de Fonseca era simultaneamente a sua principal limitação. O dicionário incompleto dos jesuítas era superior no número entradas, na extensão das definições e das descrições em vernáculo, com um leque sinonímico amplo e traduções de excertos de autores latinos do período clássico.

Escolhemos, para confronto, o pequeno léxico bilingue com a terminologia da “theorica da virtude” (trinta e seis designações de virtudes e vícios) que compõe o *Dialogo de preceitos morais* (1540) de João de Barros. Para além de estabelecer um paralelismo entre o dicionário de Fonseca e o de Pina Cabral pretende-se, na esteira de Telmo Verdelho, retomar a avaliação do processo de desbloqueamento lexical pela via da relatinização²⁴⁵ e consequente aumento de sinónimos e da oferta de acesso à significação.

²⁴⁴ Como vimos no primeiro ponto do presente capítulo, em 1847, 28 anos após a sexta edição do *Parvum Lexicon*, foi publicada uma nova edição com outro título e maior número de vocábulos para responder à solicitação repentina de compêndios escolares aquando da entrada em funcionamento da grande maioria dos liceus por todo o país em 1844.

²⁴⁵ Verdelho, 1995: 422-425.

IV. O lexicógrafo – *Parvum Lexicon*

Latim	João de Barros	Cardoso	Bento Pereira	Pedro da Fonseca	Pina Cabral
Adulatio	Adulaçam	Lisongearia	Lisonja	adulação, lisonja	a festa, que fazem os cães; a lisonja.
Affabilitas	Affabilidade	boa fala; cortesia	Affabilidade	affabilidade	a affabilidade
Ambitio	Ambiçam	louuaminha; desejo de honra	Ambição	ambição, imoderado desejo de honras, cargos	o circuito; a ambição, o desejo demasiado de honras, e dignidade; o desejo de agradar; magnificência; o aparato.
Arrogantia	Arrogancia	soberba; presunçam; fantasia	soberba; presunção	arrogancia	a arrogância; fofice; soberba; insolencia.
Auaritia	Auareza	auareza;mezquindade	Avaresa	avareza	a avareza; o desejo demasiado de ter.
Audatia	Ousadia	atreuimento; afouteza; ousadia	atrevimento; temeridade	ousadia, atrevimento (Audacia)	a ousadia; o atrevimento; a temeridade; a fortaleza o animo, brio.
Comitas	Graziosidade	Cortesia	cortesia; affabilidade	Cortezia	a cortezia; urbanidade; benignidade; affabilidade, brandura de genio.
Contentio	Contençam	profia; requesta; briga	contenção, porfia, comparação	esforço, porfia para fazer alguma cousa, contenda, disputa, controvérsia. Comparação, confrontação	a tesidão; contenção; o trabalho; esforço; a contenda; disputa; porfia; controvérsia; comparação; confrontação; veemência.
Crudelitas	crudeldade	Crueldade		Crueldade	a crudeldade; a deshumanidade; barbaridade.
Dissimulatio	dissimulaçam	Dessimulação	dissimulação	dissimulação; ironia	a dissimulação; a ironia.
Fortitudo	fortaleza	Fortaleza	fortalesa; grandesa de animo; esforço	fortaleza, grandeza de animo, intrepidez, esforço	a fortaleza; o esforço; a grandeza de animo; o valor; a constancia nos trabalhos.
Honoris Vacuitas	sem honra				
Inflatio	presunçam	asopro;empandeiramento		inchação	a inchação
Insensibilitas	insensibilidade	ho não sentir			
Intemperantia	intemperança	Destemperança		intemperança, excesso, desordem, incontinência, dissolução	a intemperança; destemperança; o destempero; excesso; a falta de moderação; insolencia, incontinencia.
Ira	ira	ira, sanha		ira, cólera, indignação	a ira; cólera, raiva, indignação; ódio
Irae vacuitas	sem ira		crudeldade		
Iustitia	Iustiça	Justiça		justiça, equidade. Ter. Bondade, clemência. Flor. Direito, Leis do Estado.	Justiça; equidade; igualdade; rectidão; clemencia, bondade; o direito.
Liberalitas	Liberalidade	Liberalidade		liberalidade, generosidade, magnificencia. Ter. Bondade,	a nobreza; a condição de livre; a liberalidade; a bondade, beneficência; o

				benignidade. Suet. Beneficio, dadaiva liberal	beneficio.
Magnanimitas	Mananimidade	grandeza do animo; animosidade		magnanimidade	a magnanimidade; generosidade; grandeza de animo.
Magnificencia	Manificencia	grandeza		magnificencia, sumptuosidade. Ter. Vaidade	a magnificência; o apparato; a grandeza; ostentação, sumptuosidade.
Malícia	Malícia	Malícia		malicia, maldade. Sen. Vicio	a malícia; maldade; perversidade; malignidade; vicio.
Mansuetudo	Mansidam	Mansidão		mansidão, brandura, humanidade	a mansidão; humanidade; clemência; brandura.
Modéstia	modestia	Vmildade		modestia, moderação, comedimento. Tac. mediocridade.	a modéstia; moderação; temperança; a compostura nas acções; a sciencia de pôr no seu lugar as cousas, que se tractão, ou dizem; mediania, mediocridade.
Mollicies	Brandura	luxúria; brandura; molura		brandura, delicadeza. Mollities maris. Plin. Calmaria, tranquilidade do mar. _____ animi. Ter. cobardia, fraqueza. (Mollities)	mollicie; brandura; flexibilidade; delicadeza; frôxidão; inercia; fraqueza; debilidade.
Prodigalitas	Prodigalidade	ho muyto gastar			
Prudentia	Prudência	Prudência; sabedoria; discriçam		prudencia, sciencia, intelligencia, sabedoria.	prudencia; a sciencia, sabedoria.
Pusillanimitas	Pusillanimidade	pouquidade do coração			
Pusillitas	Pouquidade	_____			
Ruditias	Rudeza	Rudeza			
Rusticitas	bruteza	rusticidade; vilania		rusticidade, grosseria, pejo, encolhimento rustico.	rusticidade; rudeza; simplicidade; encolhimento rustico.
Scurrilitas	Chocarraria	chocarrice; chacorrice		bussonaria, chocarrice.	Chocarrice
Simplicitas	Simplicidade	Simpreza		singeleza, franqueza, sinceridade, candura, ingenuidade.	sinceridade; singeleza; candura; ingenuidade.
Temiditas	Fraqueza	couardia (timiditas)			temor natural; falta de animo; cobardia. (Timiditas)
Temperantia	Temperança	Temperança		temperança, modestia, moderação.	moderação; continência; temperança; modestia.
Veritas	Verdade	verdade; certeza		Verdade. Justiça, equidade.	a verdade; sinceridade; candura; justiça; equidade.

Como bem analisou Telmo Verdelho, Cardoso, no conjunto das 36 formas latinas, retoma, aportuguesadas, apenas 9²⁴⁶. Foi sobretudo a partir da obra de Bento Pereira que se verificou a grande transfusão lexical propiciada pelo processo de relatinização. Deste grupo terminológico de vícios e virtudes Pereira averba na *Prosodia* o dobro das formas de Cardoso: *affabilidade, ambição, contensão, intemperança, modestia, mollicie, prodigalidade, simplicidade*. Por sua vez, Fonseca procedeu à relatinização das restantes que haviam provocado a perplexidade de Cardoso e de Pereira: *adulação, arrogancia, magnanimidade, magnificencia*²⁴⁷. Note-se, no entanto, que não observamos nesta pequena amostra a transplantação de nenhuma nova forma latina no *Magnum Lexicon*, sustentando a percepção de que a grande maioria dos latinismos foi dicionarizada do lado português com um estimável contributo de Fonseca até finais do século XVIII. O corpus lexical dicionarístico encontrava-se então já bastante enriquecido, quer pelo trabalho de Cardoso de valorização das formas genuinamente vernáculas, quer pelo trabalho dos lexicógrafos subsequentes de dicionarização dos latinismos, para Pina Cabral centrar o seu labor no exercício de estudar as relações entre os significados e, deste modo, ampliar o leque de acepções correspondentes a cada lema e os espaços de descrição da língua portuguesa. Em termos numéricos, os exemplos acima transcritos indiciam um aumento da disponibilidade lexical de cerca de 25% comparativamente à obra de Fonseca.

²⁴⁶ Verdelho, 1995: 424.

²⁴⁷ Do conjunto destas 36 formas latinas, no *Parvum Lexicon* aparecem 21 relatinizadas, isto é, exactamente o mesmo número de formas que Barros havia reinvestido no vernáculo no século XVI. Efectivamente, como esclarece Telmo Verdelho, a maior parte dos latinismos entrou no português e está inscrita no seu património textual até ao fim da primeira metade do século XVII, e uma grande parte ainda no século XVI, mas essas formas foram silenciadas ao longo dos vários dicionários (Verdelho, 1987: 160).

II - *Diccionario Portuguez, e Latino* (1771)

*Si quem dira manet sententia judicis olim
Damnatum aerumnis, supliciisque caput;
Hunc neque fabrili lassent ergastula massa,
Nec rigidas vexent fossa metalla manus.
Lexica contexat, nam caetera quid moror? Omnes
Poenarum facies hic labor unus habet²⁴⁸.*

Scaliger (1540-1609)

1. Apresentação geral do dicionário

Nove anos após a publicação da edição *princeps* do *Parvum Lexicon* saíria à luz, em 1771, a 1ª edição do *Diccionario Portuguez, e Latino* de Fonseca. Esta obra parece representar um trabalho com cerca de dez anos e uma possibilidade para o autor de suprir algumas insuficiências do *Parvum Lexicon*:

[...] He bem verdade que sempre fui derramando estes usos²⁴⁹, ou frases com mão escassa; e ainda que o não ignorar a summa utilidade, que daqui proveria, me estimulava continuamente a servir-me delles com maior excesso, a consideração porém de mais poderosos motivos, e a esperança de o poder fazer com mais largueza no *Diccionario Portuguez e Latino*, em que trabalho, me fizeram conter dentro dos premeditados limites²⁵⁰.

A obra apresenta a capa de rosto em português com o título, a ordem de impressão por D. José I, a finalidade do dicionário (“para uso das escolas de todos os seus reinos, e senhorios”), o autor e a descrição da sua actividade, o lugar, o ano e, por fim, a licença da “Real Meza Censoria, e Privilegio de Sua Magestade”. Seguem-se-lhe a dedicatória em latim ao Marquês de Pombal e a nota “Ao Leitor” que ocupa 4 páginas.

²⁴⁸ In Fonseca, *Diccionario Portuguez, e Latino*, Ao leitor: I.

²⁴⁹ Fonseca refere-se às expressões próprias da língua latina.

²⁵⁰ Fonseca, *Parvum Lexicon*, Ao leitor: V.

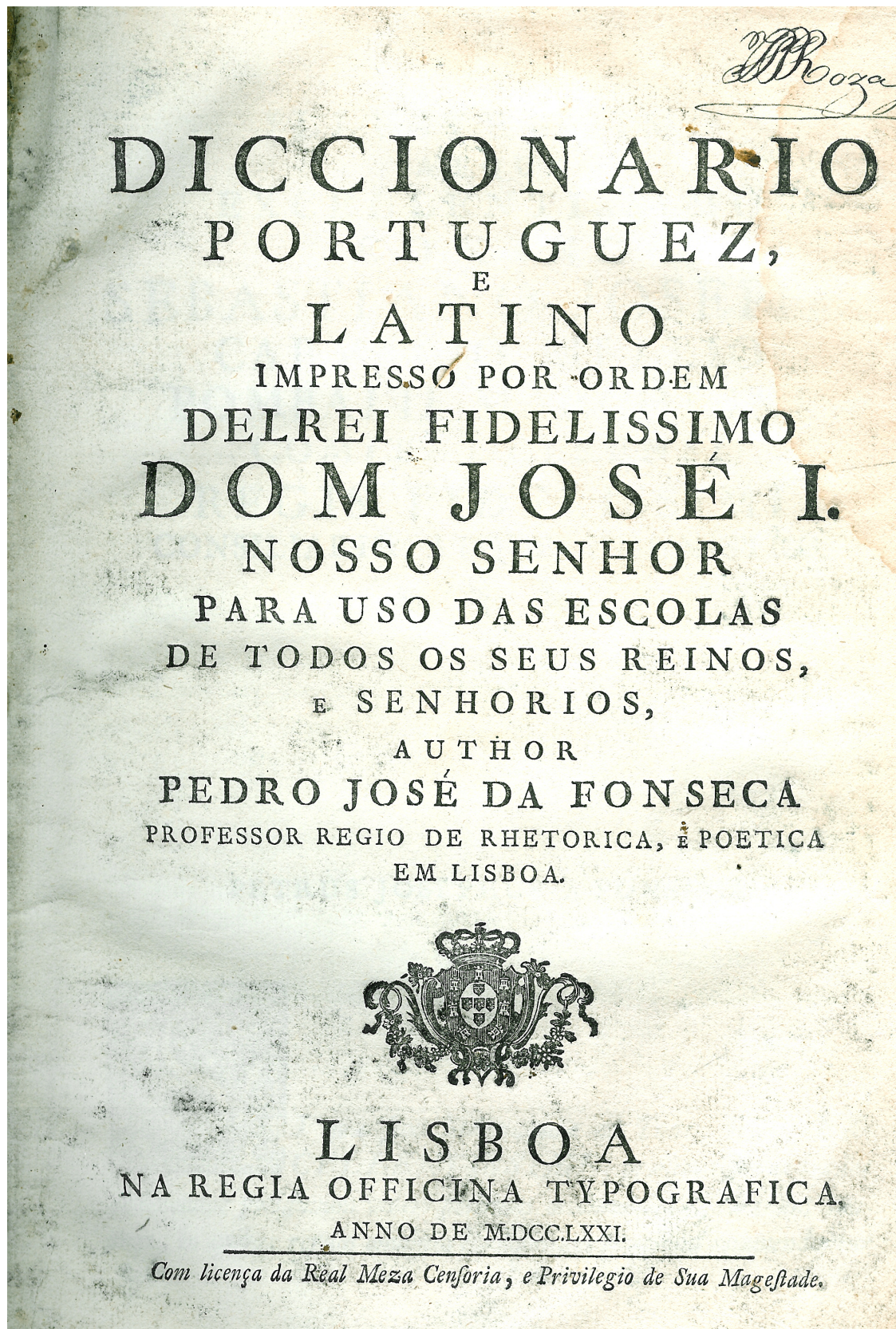


Figura 1

1.1. Reedições do *Diccionario Portuguez, e Latino*

A superioridade deste instrumento de ensino e de aprendizagem em relação aos dicionários escolares anteriores fez com que esta obra passasse a ser praticamente o único léxico de português-latim utilizado e justifica as suas reedições durante mais de um século²⁵¹:

1ª edição: 1771, Lisboa, Régia Oficina Tipográfica

2ª edição: 1791, Lisboa, Tipografia Régia

3ª edição: 1815, Lisboa, Simão Tadeu Ferreira

4ª edição: 1823, Lisboa, Simão Tadeu Ferreira

5ª edição: 1839, Lisboa, António Jorge da Rocha

6ª edição: 1852, Lisboa, J. Baptista Morando

7ª edição: 1861, Lisboa, J. Baptista Morando

8ª edição: 1872, Lisboa, Viúva Bertrand & C.^a

9ª edição: 1879, Lisboa, Viúva Bertrand & C.^a

A edição *princeps* (1771) foi objecto de uma primeira actualização apenas em 1839 (quinta edição), pois as nomenclaturas das edições de 1791, 1815 e 1823 permaneceram inalteradas²⁵². Estes elementos indicam ainda que Pedro José da Fonseca (1736-1816) certamente não participou na revisão e alargamento do léxico de nenhuma das edições posteriores à de 1771. Ao total de 21.000 entradas contabilizadas em 1771 foram acrescentadas, segundo a advertência dos editores da 5ª edição, mais 4000 novas entradas em 1839²⁵³. Os termos acrescentados estão assinalados com asterisco, mantendo esta configuração até à sétima edição, a de 1861. Nesta edição observa-se o acrescentamento de alguns vocábulos e a admissão de séries delimitadas autónomas para cada uma das letras ramistas.

²⁵¹ Deve acrescentar-se que Inocêncio só menciona as edições de 1771, 1791, 1815, 1839 e 1852, e que no *Catálogo de Alguns Livros Raros e Curiosos à Venda na Livraria Lusitana de José dos Santos (Anno de M.CM.XV)* há referência, sob o n.º 344, a uma impressão “no anno de M.DCC.LXX”, o que é lapso tipográfico por M.DCC.LXXI, ao que pensamos.

²⁵² Cf. 2.1. da parte III do presente capítulo.

²⁵³ No final do prólogo “AO LEITOR”, que se repete *ipsis verbis* ao longo das várias edições, os editores da 5ª edição (1839) acrescentaram a seguinte advertência: “Esta nova Edição do Diccionario Portuguez, e Latino posto que tenha o augmento de mais de quatro mil vocabulos indicados por asteriscos, com tudo no mais he conforme ás Edições anteriores dadas á Luz por seu Autor” (*Diccionario Portuguez, e Latino*, 1839).

A partir da oitava edição, a de 1872, o dicionário passa a contar com a revisão e aditamentos devidos ao professor Augusto Soromenho (1833-1878)²⁵⁴. Todavia, a permanente solicitação desta obra impediu o avanço da sua revisão, pois já não havia tempo para levar essa tarefa a cabo. Assim informa o único texto prefacial, no total das edições, agregado ao prólogo da 1ª edição com considerações sobre a reforma lexical. Nele se esclarece que a revisão e aumento dos vocábulos desta edição havia ficado na 17ª folha (isto é, até à página 136), pois “A epoca da abertura das escolas estava proxima [...] era indispensavel parar, e reimprimir o Diccionario na sua fórma e redacção anterior. O revisor recebeu, pois, ordem de suster o seu trabalho”²⁵⁵.

A edição de 1879 apresenta completo o trabalho de reforma iniciado na edição anterior. Para além do considerável aumento de entradas, Augusto Soromenho procedeu a uma reestruturação de aproximadamente 30% dos artigos. Trata-se da única edição com intervenções no texto das glosas. A análise dos artigos reorganizados indicia alterações em todos os aspectos implicados na formação dos artigos: definição da unidade lexical, tradução para a língua de chegada, alargamento das expressões próprias das línguas portuguesa e latina, hierarquização dos significados, desdobramento das entradas em pares sinonímicos ou parassinonímicos e condicionamentos do seu uso:

²⁵⁴ Na revista literária intitulada *O Ocidente* foi publicada, no ano da morte de Augusto Soromenho, uma breve resenha da sua biografia, a partir da qual escrevemos as próximas linhas. Nasceu em Aveiro em 1833 e viveu a sua juventude no Porto, dedicando-se à composição poética e à crítica literária. Em 1858, por recomendação de Alexandre Herculano, foi para Madrid estudar árabe, a fim de melhor poder escrever acerca da origem da nacionalidade portuguesa. Regressado à capital portuguesa, ficou incumbido da regência da cadeira de árabe, no Liceu de Lisboa. Foi sócio correspondente da Academia Real de Ciências e bibliotecário da mesma Academia. Como tal, sucedeu a Alexandre Herculano na elaboração da obra *Portugaliae Monumenta*. Em 1867, devido à doença de António Pedro Lopes de Mendonça, concorreu à cadeira de Literatura no Curso Superior de Letras com uma dissertação intitulada *Origem da Língua Portuguesa*, que lhe granjeou muitos elogios. A 6 de Junho de 1871 dissertou sobre a literatura portuguesa contemporânea nas Conferências do Casino. O ano de publicação da 8ª edição do *Diccionario Portuguez, e Latino* de Fonseca coincide com o ano em que ficou encarregado da regência da cadeira de História, em 1872, devido ao falecimento de Luís Augusto Rebelo da Silva. Viria a falecer apenas seis anos depois, em 1878. Deixou muitos artigos em prosa e verso, espalhados em diversos jornais e de diversas localidades, como deixou inéditos muitos manuscritos. Entre estes e que ele estava para dar à estampa, nota-se um intitulado *Caravana de Mortos*, que é uma série de biografias de diversos portugueses, especialmente notáveis pelas letras.

²⁵⁵ *Diccionario Portuguez, e Latino*, 1872.

<i>Diccionario Portuguez, e Latino</i> 1771	<i>Diccionario Portuguez, e Latino</i> 1879
<p>ABAIXAR-SE. Procumbere. Liv. Se demittere. Cic. ¶ <i>Fazer-se mais baixo, v.g. o rio vai-se abaixando, i.e. sendo mais baixo.</i> Incipiunt colles se demittere. Virg. ¶ <i>Em S. F. v. Humilhar-se.</i></p>	<p>ABAIXAR-SE, v.r. <i>curvar-se, tornar-se mais baixo.</i> Deprimi, Cic. Se demittere, Curt. Submitti, p. Curt. [Onde as colinas começam a abaixar-se, Qua colles jugum demittere incipiunt. Virg. <i>O rio vae-se abaixando,</i> Amnis decrescit, subsidit. Stat. ¶ <i>S. F. abater-se, humilhar-se, rebaixar-se, aviltar-se.</i> v. estas palavras.</p>
<p>ABALAR, <i>mover.</i> Aliquid movere, conquassare. Cic. quassare. Plaut. – <i>o arraial.</i> Movere castra. Cic. – <i>com violencia.</i> Concutere. Quatefacere. Cic. Remoliri. Ovid. <i>Que se póde abalar.</i> Quassabilis, e. Luc. ¶ <i>Estar para cahir.</i> Labare. Cic. <i>A porta abala com os repetidos golpes do vaivem.</i> Labat ariete crebro janua. Virg. <i>Os dentes abalão-lhe.</i> Dentes ei labant. Cels. ¶ <i>Em S. F. Mover, ou inclinar alguém para o que se quer.</i> Aliquem movere, commovere, tangere. Cic. – <i>com hum repentino temor.</i> Percellere alicujus pectus subito pavore. Liv. – <i>do proposito, ou tenção.</i> v. <i>Proposito.</i></p>	<p>ABALAR, v.a. § 1.º <i>abandar, agitar, sacudir, fazer vacillar ou tremer o que está firme.</i> Movere, Plaut. conquassare, Cic. quate. Liv. labefacere, labefactare, Cic. (- <i>as muralhas com a ariete</i>, Moenia ariete quate, Liv. – <i>os dentes, dentes concutere, citare, Cels. – os tectos, quati tecta, Av.</i>) § 2.º - <i>com violencia, concutere, Sem. Cic. Quassare, Sem. Tr. Petr. Vehementer movere, Sen. Cic. (- me a tosse, Me tussis quassat), Cat. – a terra, Concutere terram, Enn. – as portas, Impellere portas manu, Virg. § 3.º demover (alguem) de opinião ou proposito, fazer hesitar, tornar incerto, comprometter a segurança, a existencia de alg., & Labefactare, Cic. Quate, Sen. tr. Cic. Movere, commovere, tangere, Cic. (_ a, ou da opinião, Sententiam, v. opinionem movere, Cic. de sententia deducere, Cic. movere, Liv. – o credito, Auctoritatem imminuere, Cic. dignitatem labefactare, Cic. – a justiça, a fidelidade, Justitiam, fidem labefactare, Liv. Cic. Abalou-o a opinião delle, Consilio ejus motus est. Nep. – a autoridade publica, Jus imperii imminuere, Cic. Estas palavras não abalam ninguém, Dicta nihil moverunt quenquam, Liv. § 4.º - <i>Inquietar, desasosegar, causar alvoroço, temor, &.</i> Labefacere, Cic. Percellere, Concutere, Vall. Sall. (- <i>o Estado, Concutere Rempubicam, Nep. O medo tinha abalado os ânimos, Timor perculerat animos, V. Fl. Os gritos abalam a cidade, Vox percutit urbem, V. Fl. – com um repentino temor, Percellere alicujus pectus subito pavore, Liv.</i>) § 5.º <i>Enternecer, maguar, mover á dor, á compaixão, & (aliquem) Movere, Commovere, Mollire, Permovere, Flectere, Tangere, Cic. Afficere, Quint. (- o animo dos juízes, Movere animos judicum, Cic. Quint. As lágrimas d'este orfão abalam todos os corações, Cujus orbitas et flutus mire miserabilis fuit. Cic. – as pedras ao som da lyra. Movere saxa sono testudinis, Hor.</i></i></p>
<p>ABENÇOAR, <i>desejar bem a alguém.</i> A Deo precari ut aliquid bene atque feliciter eveniat. Alicui bem dicere, fausta precari. Cic. bene precari. Tibul. Aliquem faustis precationibus profequi. Tac. <i>Deos abençoa os homens virtuosos.</i> Viros bonos beneficiis Deus cumulat. Cic. <i>Deos te abençoe o patrimonio.</i> Tibi patrimonium Deus fortunet. Cic.</p>	<p>ABENÇOAR, § 1.º <i>dar a benção.</i> Benedicere. Hier. § 2.º <i>favorecer, prosperar.</i> Secundare, Virg. Fortunare, (Liv. <i>Os deuses te abençoem.</i> Dii tibi benefaciant. Insc. <i>Deus abençoe o teu patrimonio.</i> Tibi patrimonium Deus fortunet. Cic.)</p>
<p>ABREVIACÃO, <i>acção de abreviar.</i> Contractio, onis, f. Cic. Compendium, ii n. Quinct. – <i>do caminho, ou do trabalho.</i> Compendium viae.</p>	<p>ABREVIACÃO, s.f. § 1.º <i>acção de abreviar.</i> Contractio, onis, f. Cic. Abreviatio, onis, Hier. § 2.º <i>compendio, resumo, epitome.</i> Epitome, Epitoma, Cic. Summarium,</p>

<p>Quinct, aut operae. Plin. – <i>de huma obra</i>. v. <i>Compendio</i>.</p> <p>ACCESSIVEL, adj. <i>á que facilmente se póde chegar</i>. Ad quem aditus patet. Cic. – <i>lugar</i>. Locus aditu facilis, 1. ad quem patet aditus, 1. facilis est aditus. – <i>homem</i>. v. <i>Affavel</i>. <i>Era accessivel aos homens particulares</i>. Faciles aditus ad eum erant privatorum. Cic.</p> <p>ACCESORIO, RIA, adj. <i>que segue a outro mais principal</i>. Adjunctus. Cic. Accessorius, a, um. Apud Ictss.</p>	<p>Sen. Breviarium, Suet. Arctarum opus, Vell. § 3.º - v. gr. <i>por abreviação</i>, i.e. <i>summariamente</i>. loc. adv. v. Abreviar, Brevemente, Brevidade e o seguinte.</p> <p>ACCESSIVEL, adj. § 1.º <i>a que facilmente se pode chegar</i>, Pervius, Cic. Non invius, Virg. ad quem aditus patet, Cic. [<i>Logar</i> – , Locus aditu facilis v. ad quem patet aditus, v. facilis est aditus.] § 2.º (<i>Com aplicação ás pessoas</i>) <i>Homem</i> – , Obvius et expositus, <i>Era – aos seus privados</i>, Faciles aditus ad eum erant privatorum, Cic. <i>Antonio passa por ser menos</i> -, Aditus ad Antonium difficilior esse dicitur, Cic.] v. <i>Affavel</i>, <i>Tractavel</i>. § 3.º <i>Em S.F.</i> [- <i>á ambição</i>, Ambitioni pervius, Tac. <i>Este encargo foi – a todos</i>, Promiscum fuit (munus) Liv. (<i>A virtude</i>) <i>é – a todos</i>, In medio posita est (virtus), Sen.]</p> <p>ACCESORIO, RIA, adj. <i>que segue a outro mais principal</i>. Adjunctus. Cic. Accessorius, a, um. Apud Ictss. Assumptivus, Cic. [<i>Termos accessorios</i>, Assumpta verba, Cic.]</p>
--	--

É visível a preocupação do revisor em delimitar claramente as várias acepções dos termos, alargando os espaços de descrição do vernáculo e explorando novos mosaicos semânticos, facultando, deste modo, o acesso a um leque mais variado de sinónimos. Assim, por exemplo, para a entrada *Abalar* Augusto Soromenho acrescenta as acepções *abanar, agitar, sacudir, fazer vacillar ou tremer o que está firme, demover (alguem) de opinião ou proposito, fazer hesitar, tornar incerto, inquietar, desassocegar, causar alvoroço, enternecer, maguar, mover á dor, á compaixão*. Também revela algum cuidado em contextualizar adequadamente o uso de cada termo, como é o caso da entrada *Accessivel*, em que refere explicitamente outro contexto para empregar o mesmo vocábulo “*Com aplicação ás pessoas*”. Mencione-se, ainda, no domínio da fraseologia, o acréscimo de expressões próprias de cada uma das línguas, de que serve exemplo o artigo encabeçado pelo vocábulo *Accessorio*, que o revisor reformulou acrescentando “[*Termos accessorios*, Assumpta verba, Cic.]”. De resto, em consequência do que acaba de ser exposto, a edição de 1879 apresenta um maior número de entradas com artigos consideravelmente mais extensos do que a edição *princeps*.

Todavia, o resultado foi um livro menos volumoso com apenas metade das páginas da primeira edição graças às novas dimensões do formato e à distribuição das entradas em três colunas. Como se pode verificar, o tamanho da obra também foi objecto de aperfeiçoamento ao longo das várias reedições:

Edições	Nº de páginas	Dimensões (em cm)
1771	743	27X19
1791	655	28X19.5
1815	655	28X19.5
1823	655	28X19.5
1839	579	29X20
1852	579	29X20
1861	579	29X20
1872	447	29X22
1879	464	29X22

2. Técnica Lexicográfica

2.1. Macroestrutura

2.1.1. Número de entradas

A primeira alfabetação do corpus lexical vernáculo composta por cerca de 12 000 entradas – *Dictionarium ex lusitanico in latinum sermonem* (1562) de Jerónimo Cardoso – assinalou no século XVI o início da dicionarização da língua portuguesa. Ao longo do século XVII, o labor lexicográfico centrado especialmente em catalogar o maior número de entradas traduz a consciência colectiva de uma deficiente representação da língua portuguesa. A quantidade de entradas registadas afirma-se como a virtude primeira da lexicografia, facto observável desde a origem da lexicografia portuguesa bilingue (português-latim), com um aumento do número de entradas em Barbosa, relativamente a Cardoso, que prossegue no *Thesouro* de Bento Pereira e culmina em Bluteau.

O *Tesouro da língua portuguesa* (Bento Pereira, 1647, publicado juntamente com a *Prosodia* desde 1661), que regista a partir da edição de 1697 mais de 20 000 entradas, apresenta uma multiplicidade de formas totalmente desconhecidas na nomenclatura de

Cardoso e ocupa igualmente um lugar de destaque como fonte de referência para o estabelecimento da nomenclatura portuguesa. Porém, o grande agenciamento lexical que de certa forma lastrou e reconfigurou a língua portuguesa operou-se no *Vocabulario* (1712/28) de Bluteau que actualizou e aumentou cinco vezes mais aproximadamente o corpus lexical português até então dicionarizado. Segundo João Paulo Silvestre, “contabilizando apenas os macro-artigos, no total registam-se cerca de 32 000 entradas nos oito volumes e perto de 6000 nos suplementos”²⁵⁶.

Por ser muito extensa e volumosa, esta obra não podia corresponder ao consumo escolar e às solicitações da prática pedagógica almejada pela reforma pombalina, pois pretendia-se um dicionário mais breve e mais funcional, destinado especificamente a ser utilizado nas aulas daqueles que se iniciavam no estudo das línguas portuguesa e latina:

Cardoso, e Barbosa, se bem que de distincto merecimento, olhando-se especialmente o tempo, em que escrevêrão, são diminutos nas palavras Portuguezas, cheios de muitas antiquadas, e pouco exactos na citação das Latinas, e assim mesmo ao presente de não pouca raridade: e Bluteau, já também pouco vulgar, he de mais prolixamente diffuso, volumoso, e por este motivo incapaz de servir nas Aulas, e aos principiantes²⁵⁷.

O objectivo era elaborar um dicionário “puro em ambas as Linguas, copioso sem superfluidades”²⁵⁸. Efectivamente, a primeira edição da obra apresenta cerca de 21 000 entradas, um número bastante significativo quando comparado com a obra do Pe. Folqman²⁵⁹, que regista cerca de 10 700 entradas, e com a de Bluteau, “a concretização de um projecto de exaustividade e acumulação”²⁶⁰.

²⁵⁶ Silvestre, 2008: 158.

²⁵⁷ Fonseca, *Diccionario Portuguez, e Latino*, 1771: Ao Leitor, I.

²⁵⁸ *Ibidem*.

²⁵⁹ *Diccionario Portuguez, e Latino*, 1755.

²⁶⁰ Silvestre, 2008: 157.

2.1.2. Selecção da nomenclatura

A análise comparativa das nomenclaturas de ambas as obras ilustra todo o processo de estabelecimento da nomenclatura do dicionário de Fonseca, que consistiu na reescrita da lista nomenclatural do *Vocabulario*, eliminando todos os vocábulos antiquados e desusados, um grande número de mitónimos, antropónimos e topónimos e de termos do domínio da ciência e da técnica (1), e inserindo outros, resultantes, na sua grande maioria, do processo de criatividade lexical através da relatinização verificado ao longo do século XVIII (2). Apresentamos, de seguida, uma recolha (desde *Aba-* até *Abr-*) exemplificativa de todo esse processo:

(1) Entradas excluídas por Fonseca

Abacellar huma planta; *Abaco*, termo da Architectura; *Abacoa* huma das ilhas na America Septentrional; *Abadejo*; *Abadernas* (Termo da Marinagem); *Abadir* (Termo Mythologico); *Abambo* Rio da Ethiopia; *Abantes* Povos; *Abarim* ou *Abar* [...] He monte da Arábia; *Abarregado*, *Abarregamento* & *abarregarse* Termos antigos Vid. Amancebado, amancebamento e amancebar-se; *Abarrisco* Termo do vulgo; *Abarroado* [...] He pouco uzado; *Abassia* [...] He o proprio, & verdadeiro nome da Etiópia; *Abaton* [...] Deu-se este nome a hum edifício publico, erigido na cidade de Rhodes; *Abavilla* Cidade da França [...]; *Abaxar*, ou *Abaixar*; *Abdera* [...] cidade da Thracia; *Abderita* [...] natural da cidade de Abdera; *Abegoens*; *Abelhinha*; *Abemolado*; *Aberdona*. Cidade da Escocia [...]; *Abesentado* (termo do blazão); *Abesso* Palavra antiquada; *Abevilla* Cidade da França; *Abexim* Natural da Abassia *Abicado*; *Abida* Cidade; *Abietino*; *Abilhar* Achase em escrituras antigas por Ataviar; *Abita* (Termo de navio); *Abluçam* (Termo do sacrificio da Missa); *Abo*, ou *Aboa* Cidade da Finlandia; *Abobadilha*; *Abobado* He usado do vulgo; *Aboborado* *Aboborar*; *Aboborinha*; *Abocetado*; *Abois*; *Aboleimado* (Termo do vulgo); *Aboletar* (Termo militar) *Aborigenes* Antigos povos da Itália *Aborso* Vid. Aborto *Aboyado* *Aboyar* *Aboys* Vid. *Abois*; *Abra*; *Abramtes* Villa de Portugal, no Bispado de Guarda [...] *Abreiro* Villa de Portugal.

(2) Entradas acrescentadas por Fonseca

Abarbado; *Abarcado*; *Abarcador*; *Abarcamento*; *Abarrotar*; *Abastadamente*; *Abastar*; *Abelhar-se*; *Abelhudamente*; *Abençoador*; *Abjecção*; *Abjectamente*; *Abjecto*; *Abismado*; *A*

boa fe; Abolir; Abolimento; Abominavelmente; A bom recado; A bordo; Aborrecivelmente; Aborridamente; Abrandado; Abrangido; Abrasadamente.

A selecção das entradas pautou-se pela norma purista ideada e vigente no século XVIII e alvares do século XIX, cuja ideia dominante era preservar o bom uso da língua portuguesa tendo por referência um quadro de autoridades constituído pelos escritores clássicos. Não se trata, portanto, de um dicionário geral com uma nomenclatura abrangente. É uma obra que inclui palavras comuns, mas apenas as autorizadas.

Com o intuito de preservar a “abundancia, gala, elevação, e nobreza” da língua portuguesa, por um lado, e de iniciar os jovens estudantes no seu “bem regulado uso”, por outro, o lexicógrafo também excluiu da lista de entradas da sua obra todas aquelas que foram assinaladas por Bluteau como sendo “termo do vulgo”, “palavra antiquada”, “termo antigo”, “he pouco uzado”, “he uzado do vulgo”: *Abarregado, Abarregamento & abarregar* Termos antigos; *Abarrisco* Termo do vulgo; *Abarroado* [...] He pouco uzado; *Abobado* He usado do vulgo; *Aboleimado* (Termo do vulgo); *Abesso* Palavra antiquada. As palavras do autor que apresentam a obra são esclarecedoras do seu propósito:

Á exceção dos termos Ecclesiasticos, Curiaes e Facultativos, supuz alheio da minha obrigação, e objecto dar carácter a nenhum outro genero de palavras; e só cuidei em que as antigas, e vulgares com baixeza, podendo-se explicar por alguma outra correspondente, que prevaleça no presente uso, remetendo para ella o Leitor se vá antes procurar alli. [...] he de importancia summa evitar os idiotismos Portuguezes, em que correria perigo de ir lançar-se o Principiante²⁶¹.

Quanto às entradas acrescentadas, verificámos que grande parte delas (*Abarcador, Abarcamento, Abastadamente, Abelhudamente, Abençoador, Abominavelmente, Aborrecivelmente, Aborridamente, Abrasadamente*) já constava no *Thesouro* de Bento Pereira, inclusivamente as entradas sintagmáticas (*A boa fe, A bom recado*). Outras correspondem a termos decalcados das formas latinas e dicionarizados pela primeira vez na lexicografia portuguesa: *Abjecção, Abjectamente, Abjecto, Abismado, Abolir*.

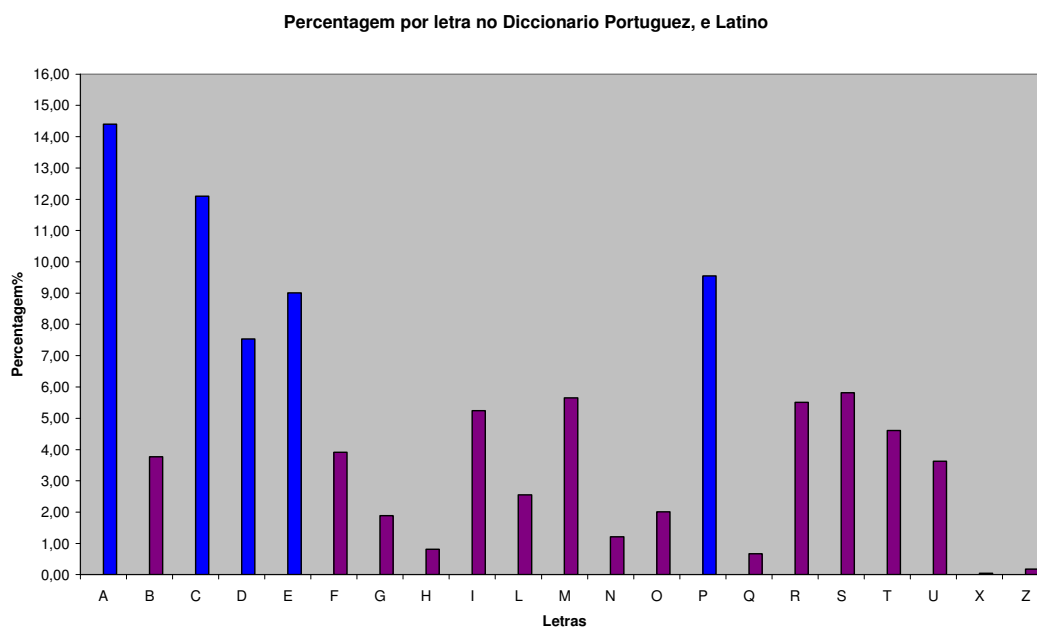
Uma leitura colacionada entre a lista do *Português Fundamental*²⁶² e as nomenclaturas do dicionário de Fonseca (1771) e do dicionário de Moraes (1789) permite

²⁶¹ Fonseca, *Diccionario Portuguez, e Latino*, 1771: Ao Leitor, III.

²⁶² O *Português Fundamental* consiste numa selecção, alicerçada em métodos científicos, do vocabulário essencial para afiançar a comunicação quotidiana. Para além dos seus objectivos

concluir que o *Português Fundamental* compreende 2217 vocábulos, dos quais apenas 397 não figuram no *Diccionario Portuguese, e Latino*, isto é, a obra de Fonseca contém 82% dos vocábulos do *Português Fundamental*. O dicionário de Moraes compreende apenas mais 5% dos vocábulos do *Português Fundamental* relativamente ao de Fonseca. Apresentamos, em anexo²⁶³, a lista das formas do *Português Fundamental* sem entrada no *Diccionario Portuguese, e Latino*. Estes números credenciam as palavras de Fonseca lavradas no prólogo da obra, quando a equipara “em extensão, e abundancia com os mais volumosos, e constituillo ainda mais que elles na apparencia descarnado, talvez não menos nervoso”²⁶⁴. Nos gráficos que se seguem apresenta-se a percentagem de entradas por letra nos dicionários português-latim de Fonseca e da Porto Editora²⁶⁵. Os vocábulos iniciados por I/J e U/V encontram-se incluídos na mesma série, tal como no *Diccionario*.

Gráfico 1



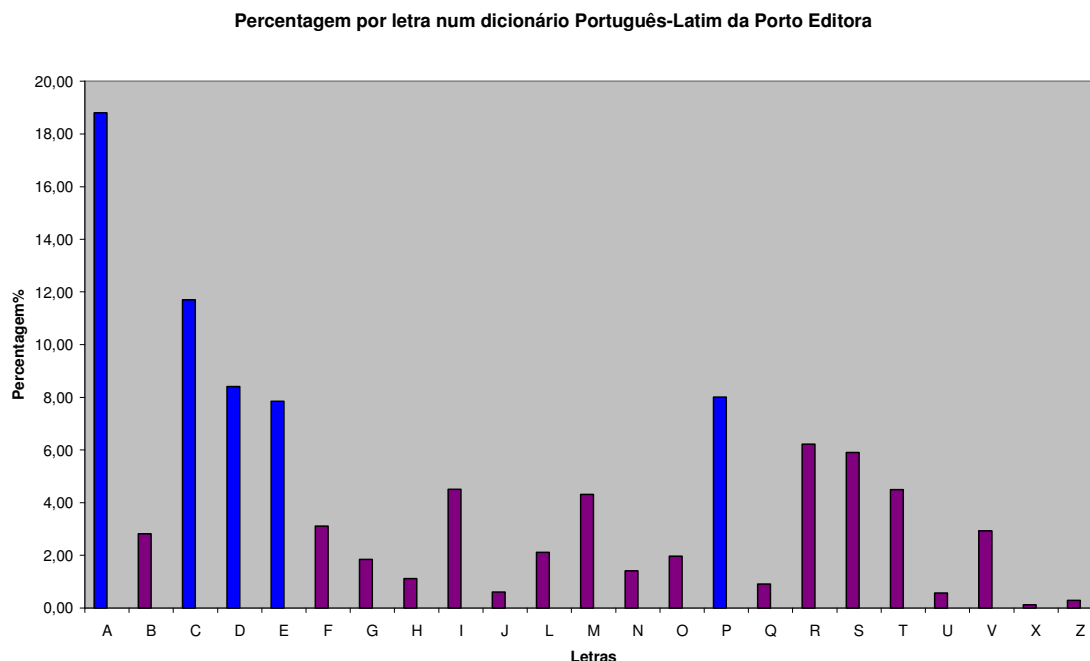
pedagógico-didáticos, é inegável a sua utilidade como paradigma de análise para a descrição sincrónica e diacrónica da língua portuguesa.

²⁶³ Cf. anexo 9.

²⁶⁴ *Diccionario Portuguese, e Latino*, 1771: Ao Leitor, IV.

²⁶⁵ *Dicionário Editora de Português-Latim*, 2007, Porto, Porto Editora.

Gráfico 2

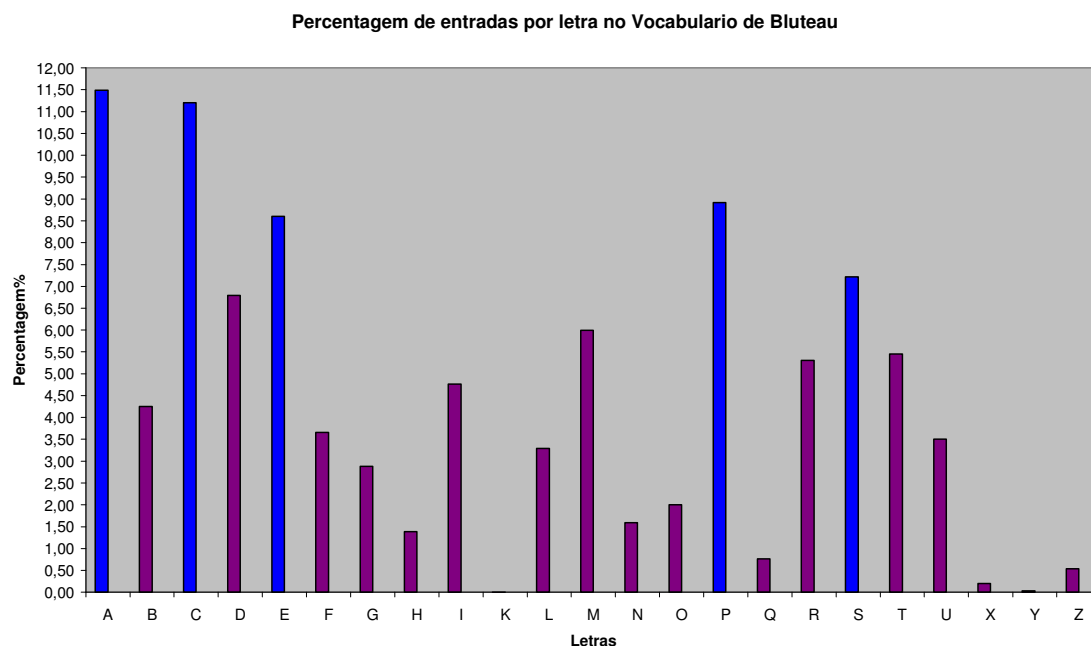


Observando os elementos, verifica-se uma simetria entre os dicionários de Fonseca e os modernos da Porto Editora nas cinco letras com mais lemas (**A**, **C**, **P**, **E** e **D**), o que nos permite concluir que a distribuição das entradas no *Diccionario* indica uma proximidade em relação aos dicionários modernos de português-latim. O **A** afigura-se a letra mais avolumada, tal como nos dicionários precedentes, tanto portugueses como estrangeiros.

O cotejo da composição percentual por letras entre o dicionário de Fonseca e o da Porto Editora indica que a sequência **R** é mais preenchida do que a **S** no dicionário moderno, facto que advém do peso do prefixo produtivo *re-*. De igual modo, os prefixos produtivos *de-*, *des-*, *di-*, *dis-* integraram a letra **D** no conjunto das cinco letras com mais lemas.

Ao analisarmos, na lexicografia portuguesa e europeia, a nomenclatura dos dicionários anteriores ao de Fonseca, nomeadamente os dicionários de Cardoso, Pereira, Bluteau, Danet e Pomey, o grupo **A**, **C**, **P**, **E**, **S** representa as cinco letras com mais entradas.

Gráfico 3



2.1.3. Organização da nomenclatura

Podemos assinalar como marco o ano de 1562 enquanto berço da inovação na disposição da nomenclatura portuguesa sob uma ordem alfabética. Ainda que até aqui os catálogos glossarísticos medievais bilingues, organizados por áreas temáticas ou por categorias gramaticais, já se aproximassem da ordenação alfabética, a primeira alfabetação do *corpus* lexical vernáculo foi promovida no *Dictionarium ex Lusitanico in Latinum Sermonem* do humanista Jerónimo Cardoso.

Todavia, nem no dicionário de Cardoso, nem nos dicionários seiscentistas subsequentes, o de Barbosa e o de B. Pereira, se verifica uma ordenação alfabética rigorosa, sendo esta prejudicada quase sempre pela textualização das entradas, juntando vocábulos que se combinam morfológica, semântica ou etimologicamente.

Só no início do século XVIII é que a lexicografia portuguesa beneficiaria, com a publicação do *Vocabulario*, elaborado de acordo com o modelo dos grandes dicionários franceses do fim do século XVII, de um aperfeiçoamento da técnica de organização da nomenclatura²⁶⁶.

Centrando a nossa análise na ordenação alfabética dos lemas do *Diccionario*, e considerando que Fonseca apoiou em Bluteau o seu trabalho de agenciamento do léxico, em nada nos surpreende que as entradas apresentem uma seriação de acordo com os mesmos critérios alfabéticos do *Vocabulario*, não obstante a diversidade de regras ortográficas e de soluções para a ordenação das séries alfabéticas apresentadas pelos inúmeros tratados de ortografia do século XVIII²⁶⁷.

Contrariamente a Bluteau, Fonseca não incluiu na sequência alfabética da sua obra séries delimitadas para <K> e para <Y>. Tendo em conta os princípios que pautaram a selecção da nomenclatura, com declarada resistência à dicionarização de neologismos cuja origem se afastasse do latim e do grego, é natural que o lexicógrafo, preocupado em compor um dicionário “copioso sem superfluidades”, não demarcasse estas letras no alfabeto do *Diccionario*. Para além disso, estas eram ainda pouco familiares na ortografia portuguesa, tanto que Cardoso, Barbosa e Pereira não as consideraram na suas obras. Assim, o número de séries alfabéticas do *Diccionario* é de 21: A, B, C, D, E, F, G, H, I, L, M, N, O, P, Q, R, S, T, V, X, Z.

Como podemos constatar, Fonseca, à semelhança de Bluteau, não contempla séries autónomas para cada uma das letras ramistas <i, j, u, v>. O seu emprego foi, desde Cardoso, Barbosa e Bento Pereira, bastante irregular²⁶⁸, carecendo de unanimidade quanto aos valores vocálicos ou consonânticos, para efeitos de ordenação.

O testemunho da 3ª edição do dicionário de Moraes, que a seguir transcrevemos, poderia levar a crer que as primeiras edições do dicionário de Fonseca contemplassem já séries independentes para <i, j, u, v>:

J (*jota*), s.m. Décima letra do alfabeto português [...]. Era completamente desconhecido este fonema tanto no latim clássico como no popular, onde era o *i* que representava tanto o *i* consoante

²⁶⁶ Silvestre, 2008: 161-163.

²⁶⁷ No século XVIII, os tratados de ortografia careciam de uniformidade nas regras apresentadas para correctamente escrever e na apresentação de soluções para a ordenação, não se verificando, inclusive, concordância quanto ao número de grafemas simples.

²⁶⁸ Sobre o tratamento destes grafemas por Cardoso, Barbosa e Bento Pereira e os motivos da admissão tardia do <J-> e <U-> nos dicionários, cf. Silvestre, 2008: 168.

como o *i* vogal. [...] só no século XVIII é que se estabeleceu a rigorosa separação entre o *i* e o *j* nas alfabetações de palavras que começam por uma e por outra letra²⁶⁹.

No entanto, apenas na sétima edição do *Diccionario*, a de 1861, é que se verifica a inclusão de séries delimitadas para as letras ramistas.

Para além das letras ramistas, a sequência alfabética do *Diccionario* não integra o grafema <Ç>. Na disposição alfabética de palavras iniciadas por este grafema ou por dígrafos, como, por exemplo, o dígrafo <ch>, Fonseca seguiu o mesmo método de Bluteau. Ao contrário de Cardoso, Barbosa e Pereira, que catalogam primeiramente todas as palavras em que o grafema representa a oclusiva e, de seguida, a fricativa <ça, ce, ci, ço, çu>, sendo o dígrafo <ch> indexado no fim da série em Cardoso e em Pereira, Fonseca integra <ça-, ço-, çu-> no fim das sequências <ca-, co-, cu->, respectivamente, e o dígrafo <ch> é incluído na série, considerando cada um dos grafemas que o compõem e a sua ordem no alfabeto. Apenas um aspecto diferencia Fonseca de Bluteau: em Bluteau, as palavras iniciadas por *ça, ço-, çu-* são remetidas para *sa-, so-, su*; Folqman integra alfabeticamente *çu-* na sequência *cu-*, remetendo os vocábulos que dela fazem parte para *su-*; vocábulos com iniciais *ça-* e *ço-* nem sequer figuram na sua obra²⁷⁰.

Tal como acontecia no *Vocabulario* verifica-se uma discrepância entre o número de unidades grafemáticas em uso e o número de séries, uma vez que a sequência alfabética não integra grafemas como <Ç>, <J>, <U>.

A disposição das entradas é conclusiva do recurso de Fonseca a Bluteau como principal fonte para estabelecer a nomenclatura, sobretudo nos casos em que Fonseca mantém a ordem de lemas cuja grafia difere da das entradas do *Vocabulario* (1) ou quando apresenta os mesmos erros de alfabetação de Bluteau (2):

- (1) *Voc.*: ABBADIA, **ABCESSO**, ABDICAÇÃO, ABDICAR.
Dicc.: ABBADIA, **ABSCESSO**, ABDICAÇÃO, ABDICAR.

²⁶⁹ *Diccionario da lingua portugueza recopilado até o presente*, 1823 (3ª edição). Lisboa, Typografia de M. P. de Lacerda.

²⁷⁰ Os vocábulos que Folqman grafa *safira, safra, sanfonina, sapateiro, sapo, saramago, sarça* acham-se em Fonseca *çafira, çafra, çanfonina, çapateiro, çapo, çaramago, çarça*; introduz, ainda, *çocco* e *çotea*. Sobre esta grafia prescreve o autor: “Este ç com cedilha escreve-se antes das vogais *a, o, u*; como: *çafra, moço, çujo*. Para se saber quando se hade usar de ç, e não de dous *ss*, ou de hum só *s*, em que se dá muitas vezes a mesma força, estabelece hum bom Ortografo portuguez as seguintes regras. [...] Tem ç inicial varias dicções nossas; como: *çapato, çotea, çumagre, &c.*” (Fonseca, 1842: 32-33).

- (2) *Voc.:* INFRACÇAM, INFRACITOR, INFRIGIDANTE, INFRINGIR, **INFRASCrito**, INFRUCTIFERO.

Dicc.: INFRACÇÃO, INFRACITOR, INFRINGERANTE, **INFRASCrito**, INFRUCTIFERO.

A analogia é evidente quando confrontados alguns casos seleccionados, nomeadamente no que diz respeito à distinção das semivogais no interior de palavra (1), à indexação dos digramas (2) e à ordenação das palavras compostas (3). Partindo dos exemplos já estudados por João Paulo Silvestre²⁷¹, constatámos que:

- (1) Em interior de palavra, continua a não haver distinção <i/j> e <u/v>:

Voc.: IVA, JUBA, JUBAM, JUBETEIRO, JUBETERIA, JUBILAÇAM, JUBILADO, JUGO, JUGULAR, IVIÇA, JUIZ, JUIZO
UVA, UVALCEUSSEN, UVEA, UVEIRA, VULCANO

Dicc.: IVA, JUBA, JUBÃO, JUBITEIRO, JUBILAÇÃO
UVA, UVEIRA, VULVÃO, VULGAR

(2) Os digramas são ordenados letra a letra conforme a ordem do alfabeto, sendo apenas considerados cada um dos símbolos gráficos que os compõem. Assim, de acordo com a metodologia aplicada por Bluteau, o <-h-> em posição intermédia é sempre tratado como unidade independente. Deste modo, não há distinção entre o valor gutural e o valor palatal do dígrafo <ch>, nem um tratamento autónomo do dígrafo <nh>, o que traduz a prevalência da forma gráfica sobre os critérios fonológicos.

Voc.: CHARCO, CHAREL, CHARIDADE, CHARISMA, CHARLAR, CHARLATAM, [...], CHRISTANDADE, CHRISTAM
CACETA, CACHA, CACHACA, [...], CACHEIRA, CACHETICO, CACHEXIA, CACHIMBAR

Dicc.: CHARCO, CHARLAR, CHARLATÃO, [...], CHRISTANDADE, CRISTÃO
CACHEIRA, CACHETICO, CACHIMBAR

Voc.: INGUIA, INHABIL, INHABILIDADE, INHABILITAR, INHABITADO, INHABITAVEL, INHAME, INHAPURE, INHAZARA, INHENHO, INHERENCIA
INCOGNITO, INCOHERENCIA, INCOLA

Dicc.: INHABIL, INHABILIDADE, INHABILITAR, INHABITADO, INHABITAVEL, INHAME, INHERENCIA
INCOGNITO, INCOHERENCIA, INCOMBUSTIVEL

(3) No que diz respeito às palavras compostas, são alfabetadas todas as letras dos componentes como se tratasse de uma só e como se os espaços entre as palavras não existissem:

²⁷¹ Cf. Silvestre, 2008: 168-172.

Dicc.:BEMAVENTURADO, BEMAVENTURANÇA, BEM CREADO, BEM DISPOSTO, BEM DITO, BEM ENSINADO, BEM ESTREADO, BEM FAZENTE, BEM FAZER, BEM FEITO, BEM FEITOR, BEM FEITORIA, BEM PARECIDO, BEM POSTO, BEM QUERENÇA, BEM QUERER, BEM QUISTAR, BEM QUISTO, BEM VISTO, BENÇÃO

Voc.:BEMAVENTURADO, BEMAVENTURANÇA, BEMGUARDA, BEMMEQUERES, BEMOL, BEMOLADO, BEMPOSTA, BEMQUE, BEMQUERENÇA, BEMQUERIA, BEMQUISTAR, BENA, BENACO, BENAVENTE, BENAVENTO, BENAVIDA, BENÇAM

Sempre que o lema engloba sintagmas, verifica-se, porém, que estes não são objecto de alfabetação no seu interior²⁷²:

AGUILHÃO *de carreiro*.
AGUILHÃO *da abelha, e outros insectos*.

CORTE *dos Reis, e Principes*.
CORTE *dos porcos*.

Como observou João Paulo Silvestre, a comparação da nomenclatura do *Vocabulario* com a da tradição lexicográfica “deixa perceber a importância de um trabalho básico de reagrupamento das entradas registadas em Bento Pereira, tal como o jesuíta fizera em relação a Cardoso e Barbosa”²⁷³.

Para além desse trabalho no sentido de conseguir uma ordenação das entradas mais rigorosa, o *Vocabulario* “introduz um sistema de hierarquização distinto, que por regra não engloba no macro-artigo as palavras derivadas”²⁷⁴.

Beneficiária de uma metodologia de organização das entradas já experimentada no *Vocabulario*, a obra de Fonseca apresenta uma técnica de alfabetação mais rigorosa, com a integração de subentradas no corpo do artigo e com a prática de remissões para as palavras relacionadas etimológica, semântica ou morfologicamente.

2.1.4. Registo das formas lema

O *Diccionario* deixa perceber um esforço do lexicógrafo no sentido de sistematizar o registo das entradas de acordo com as normas gramaticais que regem as línguas

²⁷² “Chama-se alfabetação simples ou lexicológica quando se trata de ordenar apenas palavras, e complexa ou sintagmática quando consiste em ordenar sintagmas, frases ou grupos de nomes que constem de dois ou mais elementos; esta última pode ser contínua ou descontínua” (Sousa, 1995: 31).

²⁷³ Silvestre, 2008: 172.

²⁷⁴ *Ibidem*: 174.

portuguesa e latina. Considerando que estamos perante uma obra bilingue, em que há divergências visíveis nas realizações morfológicas dos itens (morfemas) lexicais, quer na língua de partida, quer na língua de chegada, a ordenação das entradas em função do género e do número acarreta algumas dificuldades. Todavia a tentativa de sistematização é visível, especialmente nos casos em que a língua de partida apresenta lemas que seguem os processos regulares de flexão em género.

2.1.4.1. Masculino/feminino

A forma lema padrão consiste ordinariamente no substantivo masculino, sempre que os processos regulares de flexão em género permitem ao consulente deduzir a formação do feminino.

No *Diccionario* são vários os casos em que as formas masculinas e femininas dos substantivos se dissociam em duas entradas: *a)* por razões óbvias de ordenação alfabética, nos vocábulos pertencentes a pares heterónimos; *b)* quando a mudança operada na forma feminina em relação com a masculina afecta mais de uma sílaba; *c)* se uma forma substantiva feminina tem uso independente na língua; *d)* como resolução das peculiaridades morfológicas de cada uma das línguas, pois, ainda que a entrada seja regular, o correspondente latino poderá constituir anormalidade.

a)
BODE/CABRA; BOI/VACA; CÃO/CADELLA; CARNEIRO/OVELHA; CAVALLO/EGOA; GENRO/NORA;
HOMEM/MOLHER; MACHO/FÊMEA; ZÂNGÃO/ABELHA

b)
EMPERADOR; EMPERATRIZ; RAPAZ; RAPARIGA; REI; RAINHA.

c)
ÓPTICA, *sciencia, que ensina os effeitos da vista*. Optice, es, f. Vittr.
ÓPTICO, *perito na optica* [...] opticus.

d)
FEITICEIRO. Magus. Veneficus, i, m. [...]
FEITICEIRA. Saga. Cic. Venefica, ae f. [...]
ORADOR. [...] Orator, oris, m. [...]
ORADORA. [...] Oratrix, icis, f.

Quando o lema é regular, a duplicação das entradas torna-se um processo raro no *Diccionario*, sendo as anormalidades clássicas desdobradas numa mesma entrada. Este

processo, que a seguir exemplificamos, traduz o empenho do lexicógrafo não só em organizar os casos que representam regularidades, mas também em encurtar o volume:

<i>Vocabulario (1712)</i>	<i>Diccionario (1771)</i>
ACCUSADOR. [...] <i>Accusator, oris.</i> ACCUSADORA. [...] <i>Accusatrix, icis.</i>	ACCUSADOR, m. ORA, f. <i>Accusator</i> [...] <i>No fem.</i> <i>Accusatrix, icis.</i>
COMPANHEIRA [...] <i>Socia, ae. Fem. Comes, itis. Fem.</i> COMPANHEIRO [...] <i>Socius, ii. Masc.</i>	COMPANHEIRO, m. RA, f. [...] <i>Socius, ii</i> [...] <i>No fem. Socia</i> [...]
COZINHEIRA [...] <i>Coqua, ae. Fem.</i> COZINHEIRO [...] <i>Coquus, i. Masc.</i>	COZINHEIRO, m. RA, f. <i>Coquus, i</i> [...] <i>No fem. Coqua, ae.</i>
MORADÔR [...] <i>Habitator, is. Masc.</i> MORADORA [...] <i>Habitatrix.</i>	MORADOR, m. ORA, f. <i>Habitator, oris</i> [...] <i>No fem. Incola, ae.</i>
PADEIRA [...] <i>Pistrix</i> [...] PADEIRO [...] <i>Pistor, oris. Masc.</i>	PADEIRO, m. RA, f. [...] <i>Pistor, oris</i> [...] <i>No fem. Pistrix, icis.</i>
PROTECTÔR [...] <i>Defensor, oris. Masc.</i> PROTECTORA. <i>Patrona, ae. Fem.</i>	PROTECTOR, m. ORA, f. <i>Defensor</i> [...] <i>No fem. Patrona, ae.</i>
REFORMADOR [...] <i>Emendator, oris. Masc.</i> REFORMADORA [...] <i>Emendatrix, icis. Fem</i>	REFORMADOR, m. RA, f. <i>Emendator</i> [...] <i>No fem. Emendatrix, icis.</i>
TANGEDOR [...] <i>Citharista, ae. Masc.</i> TANGEDORA [...] <i>Citharistria, ae. Fem.</i>	TANGEDOR, m. ORA, f. [...] <i>Citharista, ae</i> [...] <i>No fem. Citharistria, ae.</i>

2.1.4.2. Plural/singular

No que diz respeito ao número, Fonseca segue nitidamente a tradição lexicográfica. A regra consistia em registrar o lema no singular, contudo, são vários os casos em que o lema é registado no plural. Naturalmente, as únicas entradas que não podiam seguir a regra eram os chamados *pluralia tantum*, nomes com uma flexão defectiva que afecta a forma do singular, pois apresentam o morfema de plural (-s), mas na língua não existem as respectivas formas do singular²⁷⁵:

CALÇAS, *gen. de cobertura das nadegas, e partes pudendas* [...]
ENGOS, *herva* [...]

²⁷⁵ Os exemplos transcritos exibem plurais formais, mas estes não se referem a mais de uma unidade daquela espécie. O vocábulo *Calças* não indica necessariamente mais de uma unidade. Ao dizer *Calças*, referindo somente uma unidade, configura-se um plural vazio, meramente gramatical, variante de singular.

Porém, para além desta natural excepção, anotámos inúmeros casos que se desviam da regra:

a) Quando o morfema designativo de plural exerce a função de verdadeiro morfema derivativo, originando, no plural, novo vocábulo semântico, o autor duplica as entradas:

ALVARÁ, *instr. publico*. [...].
ALVARÁS, *mancha branca, que nasce no corpo*. [...].
CADEIRA, *em que nos assentamos*. [...].
CADEIRAS, *parte do corpo, em que nos firmamos, quando estamos assentados*. [...].
CONCLUSÃO, *fim de hum discurso*. [...].
CONCLUSÕES, *theses, proposições, sobre que se disputa*. [...].
FERIA. *T. eccles. Rezar de feria, i.e. rezar o Offício de hum dos dias da semana* [...].
FERIAS da Relação, *i.e. tempo em que cessão os negocios do foro*. [...].

b) Vocábulos semanticamente marcados pelo latim, cuja defectividade quanto à forma do singular originou plurais formais ao manter a regra gramatical da origem que, no português, se traduz pela presença do sufixo -s.

CHAPAS, *com que se guarnecem as portas grandes*. Antepagmenta, orum, n. pl. Vitr.
COBERTAS do cavallo. Dorsualia, ium, n. pl. Apul.
DELICIAS. Deliciae, arum, f. pl. [...]

c) Quando o lexicógrafo pretende traduzir o uso imperante, uma vez que na língua existem as respectivas formas do singular, atestadas nos dicionários actuais:

CÃS, *cabellos brancos da cabeça* [...].
CADILHOS, *fios, que pendem da extremidade de qualquer panno tecido*. [...].
CHOCOS, *peixe*. [...].
ESCOLIOS, *breves anotações sobre algum texto, ou palavras de hum autor*. [...].

Resta apenas relembrar que no processo de selecção das entradas do *Vocabulario*, Fonseca excluiu todas as formas correspondentes a nomes de povos, o que contribuiu para uma diminuição do número de casos a contrariar o princípio básico do registo das entradas no singular, uma vez que os gentílicos do *Vocabulario*, seguindo a prática corrente dos dicionários latinos, foram registados no plural.

2.1.4.3. Normal/diminutivo

O grau constitui série aberta e assistemática, uma vez que, por um lado, os sufixos de grau são até certo ponto aleatórios, existindo vários, para certos nomes, e inexistindo

para outros e, por outro lado, as listagens tanto dos sufixos de grau como das suas combinações com os semantemas não são exaustivas²⁷⁶. Este facto posiciona o grau na marca da derivação, caracterizada como sendo de uso livre, sem obrigação de concordância, constituindo uma relação aberta e desindexada do sistema gramatical. Todavia, na gramática latina, ao contrário da portuguesa, o grau inclui-se entre as possibilidades flexivas da língua, dificultando, na prática lexicográfica de correspondência do português ao latim, a normalização no registo das entradas.

Os dicionários de Português-Latim anteriores a Fonseca reflectem estas assimetrias morfológicas numa nomenclatura repleta de diminutivos. As nomenclaturas de B. Pereira, Bluteau e Folqman são copiosas em diminutivos que integram lemas. BESTINHA, BURRINHO, CALDEIRINHA, CASINHA, CAVALLINHO constituem alguns exemplos de entre muitos que recolhemos.

No prólogo do *Diccionario*, o lexicógrafo aborda a questão dos diminutivos, explicando a sua omissão da ordem alfabética e junção aos respectivos substantivos e adjetivos:

Os diminutivos, tanto dos substantivos, como dos adjectivos, ainda que na lingua Portugueza á semelhança da Latina tem terminação privativa, omitto-os com tudo na ordem alfabética, e os annexeï aos mesmos substantivos e adjectivos, de que trazem a derivação, dizendo por exemplo em lugar de Pequenino, algum tanto; ou hum pouco pequeno; e em vez de Filhinho, pequeno filho, e assim nos de mais²⁷⁷.

Os diminutivos que integram a nomenclatura do *Vocabulario* não têm entrada no *Diccionario*, já que Fonseca estabeleceu no corpo dos artigos uma subentrada constituída por um sintagma definatório correspondente. Deste modo, diminuiria o número de entradas sem que isso implicasse um empobrecimento da obra:

CAVALLO, *animal quadrupede*. Equus, i, m. Cic. – *pequeno, ou potro*. Equulus. Equuleus, i, m. Cic. [...].

Contudo, a leitura da obra acusa a introdução de alguns diminutivos na ordem alfabética. Em alguns casos isso verifica-se quando há diferença de significado em relação

²⁷⁶ Zanotto, 1996: 58.

²⁷⁷ Fonseca, *Diccionario Portuguez, e Latino*, Ao leitor: III.

ao grau normal (1). Outros, porém, denunciavam alguma falta de rigor no estabelecimento da nomenclatura, uma vez que a informação facultada por esses diminutivos repete-se (2):

(1)

CADEIRINHA [...] *Genero de carruagem, por que tiram homens*. Leticula. Cic. [...].
PANNINHO [...] *Panno de linho*. Linteolum, i, n. Plin.
POETINHA, *mão Poeta*. Poetilla, ae m. Plaut.
PONTINHO [...] *Vã subtileza*. Argutiola. Gell. [...].
RATINHO [...] *Jornaleiro*. Operarius [...].

(2)

PARTE. *porção de hum todo separado*. Pars, artis, f. [...] – *pequena*. Particula, ae f. [...]
PARTEZINHA, *pequena parte*. Particula, ae, f. Cic.
PÉ, *parte do corpo*. Pés, edis, m. Cic. – *pequeno*. Pediculus, i, m. [...]
PÉSINHO, *pequeno pé*. Pediculus, i, m. [...]
PÓ. Pulvis, eris, m. Virg. – *miudo*. Pulvisculus, i, m. [...]
PÓSINHO, *pó miudo*. Pulvisculus, i, m.

2.2. Microestrutura

2.2.1. Técnica de definição

Até ao final do século XVIII, mais concretamente até 1789, data que assinala o início da dicionarização moderna monolíngue do português, com a publicação da obra de António de Morais Silva, os dicionários bilingues, entre eles o de Pedro José da Fonseca, foram os únicos dicionários da língua materna. Sendo um instrumento importante também na aprendizagem do português, o *Diccionario Portuguez, e Latino*, para além de fornecer a equivalência português-latim, facultava ao consulente o acesso à significação dos lexemas, condicionamentos do seu uso e outras informações complementares.

Assim, o processo de definir os lemas ocupou uma boa parte do trabalho do lexicógrafo que, apoiando-se no *Vocabulario*, apresenta a definição de 73% das entradas na amostra²⁷⁸:

²⁷⁸ Cada página do *Diccionario Portuguez, e Latino* (1771) contém, em média, 28 entradas. A contagem das entradas com a respectiva definição foi feita até à página 447 do dicionário. O resultado dessa análise indica que apenas 8 das entradas se limita a fornecer uma estrita equivalência português-latim. As restantes 20 alargam a informação de modo a que a obra funcione como um dicionário monolíngue.

Na ordem, e regularidade das palavras Portuguezas, e na diversidade de seus significados, e definições, ainda que a principio fosse este Diccionario formado com total independencia do Vocabulario de Bluteau, e só fruto da lição dos nossos melhores Escritores, havidos de commum consenso por immortaes Textos da lingua; comtudo, he devida, e justa gratidão confessar, que das vigílias deste douto, e infatigavel Religioso recebeu depois esta Obra muitos, e consideraveis additamentos²⁷⁹.

Procedemos a uma recolha das definições dos lemas que integram a letra I do *Diccionario* e confrontámos essa informação com as definições facultadas por Bluteau. No total, foram analisadas as definições de 665 entradas.

Este estudo comparativo é suficientemente esclarecedor da metodologia de que Fonseca se serviu para apresentar as definições. A análise indica que 91% desses lemas foram definidos a partir do *Vocabulario* de Bluteau e, inclusive, transcritos *ipsis verbis*. Apresentamos uma breve lista, apenas para nomear algumas: *illegitimo, impassivel, impenitencia, impertinente, implicancia, implorar, impericia, imposição, impotência, imprecação, imprensa, improperear, improvisto, imprudente, impugnar, impunidade, innapetencia, incendiario, incendio, inclinação, incluir, incombustivel, incompativel, incompetencia, inconcesso, inconcusso, inconfidencia, incontaminado, incontrastavel, incorporeidade, incorregibilidade, incredulidade, indignação, indignidade, indirectamente, indisciplinavel, indiscreto, indiscrição, indocilidade, inquietamente, insistir, insociavel, inspecção, inspiração, instillar, insulto, intemperado, intemperie, intempestivamente, intenção, intensão, intento, intrepidamente, intrepidez, intricado, intrinsecamente, introduzir, intrusão, intuitivamente, invalidade, invariavel, invasão, inventario, inverosimel, inundação, inundar, invulneravel, irmandade, irregularidade, irresolução, irreverencia, irrupção, itinerario.*

Noutros casos, o lexicógrafo reformula o texto de Bluteau com o objectivo de abreviar, o mais possível, os espaços dedicados aos enunciados definitórios. É frequente a substituição de construções perifrásticas por sinónimos correspondentes ou a selecção de apenas um sinónimo nos casos em que Bluteau apresenta vários:

Vocabulario

INDÓMITO. Ainda não domado, não sojugado [...]

INEXCUSÁVEL. Cousa, que se não excusa, a que se não pode faltar [...]

²⁷⁹ Fonseca, *Diccionario Portuguez, e Latino*, Ao Leitor: III.

INVIOLADO. Puro. Limpo. Inteiro. Que não tem sido violado [...]

Diccionario

INDOMITO, TA, adj. *feroz, bravo*.

INEXCUSAVEL, adj. *inevitavel, necessario*.

INVIOLADO, DA, adj. *não violado*.

O *Vocabulario* de Bluteau era o único dicionário português, onde Fonseca podia apoiar o seu trabalho de elaboração de estratégias de definição para descrever e explicar o vernáculo.

As glosas da *Prosodia* de Pereira confinavam-se a uma acumulação sinonímica e o *Thesouro*, mais do que descrever e explicar o vernáculo, tinha como principal finalidade um fácil acesso ao latim: Ventilo, as, aui, atum. *Ventilar, abanar, ventar, fazer vento, alimpar ao vento o pam na eira*, etc. (*Prosodia*, 1741); Abelha. Apis, is. Melissa, ae. (*Thesouro*, 1741). Ainda que compilado a partir do *Vocabulario* de Bluteau e com uma página de rosto onde prometia “as dicções, e frases da lingua portugueza, e a suas variantes significações, genuinas e metafóricas”, o dicionário de Folqman apresentava menos de metade da nomenclatura da obra de Fonseca e a maior parte dos seus artigos limitava-se a facultar o correspondente latino: Inferno, m. *Infernus, i. Inferi, orum*, m. pl. (*Orcus, Erebus* são termos para Poetas).

Para construir a definição dos termos Bluteau encontrara os seus modelos na lexicografia francesa, que experimentava a combinação de procedimentos tradicionais como a sinonímia e a tradução do latim com as definições lógicas, descritivas e enciclopédicas dos novos dicionários monolíngues²⁸⁰.

Entre os modelos de definição mais seguidos pelos lexicógrafos em finais do século XVII, destaca-se o modelo de definição aristotélica, ou lógica, entendido como delimitação de uma espécie mediante alusão ao género e às diferenças específicas²⁸¹.

Dada a impossibilidade de a definição resumir integralmente o real em taxinomias lógicas, as estratégias da definição aristotélica não se podiam aplicar a todos os casos de uma língua²⁸². Conscientes das imperfeições deste modelo²⁸³ e da importância de uma

²⁸⁰ Cf. Silvestre, 2008: 237.

²⁸¹ Para os lógicos do período escolástico, a espécie é uma subdivisão do género, abrangendo vários indivíduos, que se caracterizam pela *differentia specifica*. O *genus*, em Aristóteles, é uma classe de objectos semelhantes, constituída por duas ou mais subclasses, que são as espécies (Hegenberg, 1974: 25).

²⁸² Cf. Bosque, 1982: 107: “Resultaría de todo punto imposible que esa concepción ideal que el semantista posee de las jerarquías de inclusión se aplicara sistemáticamente al trabajo lexicográfico, ya que tales jerarquías, fuera de los ejemplos más claros, presuponen una perfecta organización del vocabulario de la lengua en unos campos semánticos que distan de estar bien definidos”.

definição para a inteligência dos conceitos, Bluteau e Fonseca optam por não seguir escrupulosamente um corpo teórico:

[...] as definiçoens, que trago, não são todas lógicas, & muitas vezes mais são descripçoens, que definiçoens, porque de ordinário seria mais difficultosa de entender a definição, que o definido; e assim se eu definiria Lógica, & Dialecticamente plantas, animaes, instrumentos, & artefactos, mais facilmente os havias de conhecer pello nome, que pella definiçam, & como não es versado na phrase Escolástica, outro Vocabulario te seria necessario, para entenderes o meu²⁸⁴.

De passagem advertirei, que nas definições, que forem minhas em algumas palavras, ninguém as tome no rigor da Escola, conformes absolutamente aos preceitos da Lógica, mas sim como simples descripções, que com clareza explicão a intelligencia dos vocábulos, que de outro modo ficarião menos perceptíveis: tanto assim, que em grande numero daquelles, que não correm risco de escuridade, nenhum cuidado tive em pôr semelhantes declarações²⁸⁵.

Combinando os três níveis de explicação do sentido mais comuns na lexicografia francesa do século XVII - definição nominal, definição lógica e definição enciclopédica - Bluteau, e no seu encalço, Fonseca, vão determinar as suas estratégias de clarificação do sentido mais pelo empirismo do que por um conjunto de princípios teoricamente estabelecidos.

Adiante, recorrendo à terminologia de Martínez Sousa²⁸⁶, apresentamos uma tentativa de sistematização das estratégias mais comuns de esclarecimento do significado resultantes das reformulações ao texto de Bluteau.

2.2.1.1. Definição Hiperonímica

Este tipo de definição, assim designado pelo recurso aos hiperónimos para definir os lemas, corresponde à definição aristotélica ou lógica que procura esclarecer o sentido

²⁸³ Pascal e Port-Royal já tinham demonstrado claramente que o paradigma de definição fundado em Aristóteles era, não raras vezes, deficiente. Os primeiros escritos metalexicográficos, *Factums*, de Furetière e *Préface* académico de 1694, transmitem a importância desta questão no debate filosófico e lexicográfico no século XVII. (Quemada, 1968: 66).

²⁸⁴ *Vocabulario*, I: “Ao leitor indouto”.

²⁸⁵ Fonseca, *Diccionario Portuguez, e Latino*, Ao leitor: III.

²⁸⁶ Cf. Sousa, 1995: 73-98.

estabelecendo uma ligação entre dois termos: o definido (*definiendum*) e o definidor (*definiens*) que pode ser genérico e/ou específico²⁸⁷.

Assim observamos na definição da entrada *abrunheiro* através do definidor genérico *árvore*. Em relação com este hiperónimo, a unidade léxica constitui o seu hipónimo e todos os vocábulos definíveis com o hiperónimo *árvore*, como *aveleira*, *laranjeira*, *pinheiro*, *sobreiro*, são cohipónimos entre si em relação a *árvore*.

Trata-se de uma estratégia bastante utilizada por Fonseca que encontrou em Bluteau um sistema de definidores já regularizado para introduzir as explicações das entradas. Os hiperónimos chegam a constituir por si só o único corpo na definição de termos do mundo natural, nomeadamente nomes de animais e de plantas, com um uso de definidores específicos significativamente inferior.

O emprego de definidores específicos era mais recorrente nas obras de teor enciclopédico que pretendiam descrever com pormenor os termos. Mais do que explicar e descrever o vernáculo, o dicionário de Fonseca fora concebido para facultar a correspondente tradução latina dos vocábulos portugueses, sobretudo quando se tratava de terminologia do domínio das ciências:

BROCADO, *gen. de seda preciosa tecida em couro* [...]
CABAZ, *especie de cesto de verga* . [...]
CARBUNCULO, *pedra preciosa* [...].
CAMURÇA, *especie de cabra montez* [...].
CAVALLO, *animal quadrúpede* [...].
CHOUPA, *peixe* [...].
CHOUPO, *arvore* [...].

MIRRA, *planta* [...].
MORCELA, *gen. de chouriço* [...].
PANTUFO, *gen. de calçado* [...].

O emprego das fórmulas *especie de* e *genero de*, já experimentado por Fonseca no *Parvum Lexicon*, revela-se muito útil perante a falta de definidores específicos que particularizem as características do *definiendum*. O seu uso aparece repetido com especial incidência nos dicionários abreviados cujas definições sumárias poderiam originar ambiguidades sinonímicas nos casos em que não se verifica uma correspondência perfeita entre as características do termo definido e do hiperónimo definidor²⁸⁸

²⁸⁷ Cf. ponto 3.2.2. na parte I do presente capítulo.

²⁸⁸ Segundo Bernard Quemada este tipo de estratégias “permet de donner à un définisseur trop précis ou imparfaitement adapté le degré de généralisation nécessaire” (Quemada, 1968: 425).

Fora do âmbito do mundo natural, observamos um uso mais frequente deste tipo de segmentos definidores que exercem as mesmas funções e que se enquadram na mesma tipologia das marcas utilizadas por Bluteau. Seguindo a nomenclatura de B. Quemada, João Paulo Silvestre organizou tipologicamente os definidores específicos do *Vocabulario* considerando as marcas de descrição, causa, origem, finalidade e funcionalidade²⁸⁹.

Retomando a análise de Silvestre, segue-se o estudo da frequência e do emprego dos diversos tipos de definidores específicos das obras em confronto, exemplificando com amostras recolhidas do *Diccionario*.

As marcas de descrição constituem a base dos longos enunciados descritivos utilizados essencialmente na definição de termos das ciências naturais, de nomes de substâncias, materiais, entre outros. Tratam-se de indicações específicas que se juntam ao hiperónimo e são representadas por elementos caracterizadores concretos que podem ser um ou mais adjetivos (CALHÃO, *seixo grande*, CEITIL, *pequena moeda antiga*) ou uma expressão descritiva (AZOUGUE, *gen. de metal fluido, e volatil*; TIJOLO, *pedaço de terra cozida*).

As marcas de causa ou génese abarcam uma grande variedade de definidores explicativos que podem exprimir um efeito directo de uma série de causas ou elementos de composição associados a processos de elaboração. Às marcas de génese também se podem associar as marcas de origem que são sobretudo notações de tipo geográfico que assinalam a procedência do referente (CANELLA, *casca de certo arbusto cheiroso da India*).

As marcas de finalidade são muito frequentes nas definições de processos para expressar o objectivo dos mesmos (NIGROMANCIA, *evocação dos mortos para saber o futuro*.) e nas definições de objectos com o intuito de explicitar o propósito do seu emprego (FOLE, *instrum. para assoprar o lume*.).

Os elementos que caracterizam as marcas de funcionalidade esclarecem as modalidades de funcionamento ou de emprego do *definiendum* (CANDIEIRO, *vaso, ou instrumento em que se põe a luz*.). Diferenciam-se das marcas de finalidade quando enfatizam as características de utilização de um determinado objecto (CATAPULTA, *maquina de guerra, com que os antigos atiravam pedras, etc*).

O cotejo sustenta a percepção de que a predominância do emprego de uma certa categoria de definidores varia conforme a natureza e a extensão das obras. As marcas

²⁸⁹ Cf. Silvestre, 2008: 246-248.

descritivas e as marcas de origem – típicas das obras de teor enciclopédico – são quase inexistentes no *Diccionario*, onde predominam, de preferência, as marcas de finalidade e de funcionalidade:

Vocabulario

IMPrensa, Engenho de imprimir livros, no qual trabalha o tirador. Consta de duas pernas, & dous pés, de dous someiros grandes, & de dous pequenos, huns de riba, & outros debaixo, de huma grade com suas correntes de ferro, de hum quadro, & de hum carro, em que se embute huma pedra, sobre a qual se lança a forma. O quadro move-se por meyo da arvore de ferro, carrega sobre a forma com o timpano onde a folha, que se há de imprimir, está em sogeição, & se registra.

Diccionario

IMPrensa, *engenho de livros*.

Vocabulario

INCULCAR Repetir mais vezes huma cousa, & como repisalla, para a imprimir no animo [...]

Diccionario

INCULCAR, *repizar muitas vezes a mesma cousa para se gravar bem no animo de alguem*.

Vocabulario

INHAME Raiz da feição de Cabaça, & composta de duas, como tubaras da terra, que nascem huma sobre outra de maneira, que a mayor he como base de maneira, que a mayor he como base da mais pequena. Cortase em fatias, & comese em lugar de pão. Lança folhas muyto grandes, sem fruto. Os Antigos lhe chamaraõ Faba Aegyptia. Faba do Egypto. Insuavidade Gosto, ou cheiro amargoso, azedo, insuave.

Diccionario

INHAME, *herva*.

Vocabulario

INVESTIGAÇAM Pesquisa, que se faz em alguma materia para se saber a verdade, o segredo, ou artificio della.

Diccionario

INVESTIGAÇÃO, *pesquisa para descobrir alguma couza*.

Vocabulario

IRIS He o nome, que os Poëtas daõ ao arco celeste. Vem do Grego Eirin, que quer dizer Annunciar, & a Iris appareceo a Noë depois do diluvio, como annuncio da paz, que entaõ Deos deo aos homens. Vid. na palavra Arco celeste, a descripção da Iris. Iris, iridis. Fem. Virgil. { Na Iris, ou Arco celeste todos os nossos olhos juráraõ, que estaõ vendo variedade de côres. Vieira, Tom. I. pag. 200. } § Iris.

Erva, & flôr de varias especies, assi chamada, porque as suas côres imitaõ às do arco celeste; a sua raiz pisada, & pulverizada he muyto doce. Iris, idis. Fem. Plin. A Iris, a que os Estrangeiros chamaõ Iris de Portugal, tem a flôr amarella. Iris Lusitana. § { Lyrio, que de Deos foy escolhido § Por flôr, que chama sua, etc. § Iris, de muytos he tambem chamado. Insul. de Man. Thomas, Liv. 10. oit. 105. } § Iris (Termo Anatomico) He aquelle circulo de varias côres, immediato à menina do olho. He formado da Tunica cornea, está em cima da Tunica Uvea, & chamase Iris pella semelhança, que tem com o Arco celeste; porem em huns olhos he mais negra, em outros, mais azul; em outros tira a verde; & em outros declina a amarello.

Diccionario

IRIS, *especie de erva, e flor.*

Vocabulario

ITINERARIO. Roteiro, ou livro, que serve como de guia, aos que andão por mar, ou por terra.

Diccionario

ITINERARIO, *roteiro, ou livro que póde servir de guia aos viandantes.*

Fonseca reformulou as definições da obra de Bluteau eliminando grande parte das marcas descritivas, causais e de origem que descrevem e caracterizam os referentes, optando por limitar a definição ao termo genérico. Esse processo de abreviação dos espaços dedicados ao esclarecimento do significado torna-se mais visível quando as entradas se referem a domínios terminológicos específicos, como é o caso dos termos próprios das ciências naturais. A título de exemplo, para a definição do vocábulo INHAME, Fonseca faculta o hiperónimo *herva*. Bluteau acrescenta ao definidor genérico *raiz* uma série de definidores específicos que se conjugam e se completam de modo a fornecer ao consulente informações típicas de uma obra enciclopédica. Nos exemplos anteriormente apresentados, o mesmo sucede relativamente aos lemas IMPRENSA e IRIS.

Bernard Quemada refere ainda, para além das marcas atrás discriminadas, as marcas modais²⁹⁰, que merecem aqui um apontamento pelo seu elevado índice de frequência no *Diccionario*. Trata-se de indicações específicas da maneira como decorrem os processos (INCREPAR, *reprehender com força, e severidade*; INFUSÃO, *acção de deitar algum licor em hum vaso*) e podem compreender, em muitos casos, as marcas de instrumento ou de agente (JOEIRAR, *alimpar o trigo com joeira*; COSER, *ajuntar huma cousa á outra com linha*).

²⁹⁰ Cf. Quemada, 1968: 435.

2.2.1.2. Definição Metonímica

No *Diccionario* constatamos a aplicação deste género de definição a lemas que nomeiam partes de um todo decomponível, sendo comumente o enunciado da definição entabulado por termos intermédios como “parte de”, “cada um (ou uma) dos (das)” que determinam a relação entre o conceito definido e um outro conceito definidor:

BASTIÃO, *parte de huma fortaleza*. [...].
BEXIGA, *parte dos intestinos dos animaes*. [...].
CAPITULO, *huma das partes da escritura, ou livro*. [...].

2.2.1.3. Definição Sinonímica

Este tipo de definição desenvolveu-se sobretudo nos primeiros repertórios bilingues medievais, em que exprimir o significado de uma entrada através do seu equivalente sinonímico constituía uma prática corrente, originando glosas essencialmente constituídas por uma sucessão de sinónimos.

Os lexicógrafos admitiam tratar-se de uma estratégia de definição deficiente, uma vez que nem sempre havia uma perfeita equivalência semântica entre o termo definido e o definidor, inviabilizando a comutabilidade directa entre os lexemas²⁹¹.

No *Diccionario*, definir a unidade léxica pela sinonímia constitui uma das metodologias mais adoptadas pelo lexicógrafo como forma de abreviar na medida do possível as definições parafrásticas facultadas por Bluteau:

Vocabulario

INDETERMINADO. Que ainda não tem determinado o que há de fazer. Animi pendens, tis, ou haesitans, ou haerens, tis. omn. gen. Cic.§ Estar indeterminado. Animi pendere, ou haesitare, ou haerere, ou dubitatione aestuare, ou fluctuare. Cic. Animo fluctuari. Quint. Curt.§ Indeterminado. Duvidoso, incerto [...]
INDOUTO. Que tem pouca sciencia. Indoctus, a, um [...]

²⁹¹ En 1694 déjà, l'Académie française mettait ses lecteurs en garde contre la synonymie, bien qu'elle n'y fasse appel qu'à titre complémentaire: "[...] on croit devoir advertir que le Synonyme ne respond pas toujours exactement à la signification du mot dont il est Synonyme, et qu'ainsi ils ne doivent pas être employez indifferemment l'un pour l'autre" (Quemada, 1968: 447).

Diccionario

INDETERMINADO, DA, adj. *Irresoluto, duvidoso.*

INDOUTO, TA, adj. *ignorante*

Na maior parte dos casos, a glosa contém somente um sinónimo, podendo, por vezes, ocorrer a acumulação de dois sinónimos, seleccionados de entre uma série deles registados no *Vocabulario*:

ABAFAR, *cubrir.*

ABAIXAR, *descer.*

ABERTA, *ocasião, conjuntura.*

ACABADAMENTE, *perfeitamente*

ACOMPANHAMENTO, *comitiva, trem.*

ADIANTAMENTO, *progresso.*

ALIZAR, *aplainar.*

ARCADA, *abobeda.*

DIVERTIMENTO, *recreação.*

Noutros, o lexicógrafo limita-se a traduzir para o vernáculo o termo latino facultado por Bluteau:

Vocabulario

INDESATÁVEL. Que não se pode desatar, ou soltar. Indissolubilis, is.

Diccionario

INDESATAVEL, adj. *Indissoluvel.*

Existe uma elevada frequência de definições com remissões para outras entradas que resultam do facto de Fonseca ter reescrito na sua obra os casos do *Vocabulario* em que o grau de equivalência semântica não permite a comutação entre a palavra léxica e os sinónimos para que se remete:

Vocabulario

INSCIENCIA. Falta de saber. Ignorancia. Incapacidade.

Diccionario

INSCIENCIA. v. *Ignorancia.*

A definição por sinónimos pode gerar, no interior de um sistema de definições, tautologias que resultam numa definição em círculo vicioso, a qual se revela infrutífera para o consulente, particularmente quando a língua portuguesa é alvo de uma mera tradução para a latina:

DENSO, *espesso.*

ESPESSE, SSA, Spissus.

2.2.1.4. Definição Antonímica

Para além da definição através de sinónimos são também frequentes as unidades léxicas que se explicam pelo seu contrário.

ABERTO, TA, *não fechado*.
DIREITO, TA, *que não he torcido*.
DESACERTAR, *não acertar*.
DISPARATADAMENTE, *sem propósito*.
INSEPARAVELMENTE, *sem poder ser separado*.
INSIPIDO, DA, *sem sabor*.

Na definição de termos que se reportam a princípios e valores morais de conduta do homem, verificámos que o lexicógrafo utilizou com frequência o hiperónimo “vicio”, juntamente com a expressão “opposto a”, uma estratégia incorporada da obra de Bluteau.

INCONTINENCIA, *vicio opposto á castidade*.
IMPACIENCIA, *vicio opposto á paciencia*.
IMPRUDENCIA, *vicio opposto á prudencia*.

2.2.1.5. A equivalência morfológica e sintáctica da definição

No *Diccionario*, o termo sinonímico da microestrutura não só corresponde a uma equivalência sémica, mas também gramatical, do lema, adoptando a mesma categoria que o termo da entrada; se a entrada é substantivo ou adjectivo, tem correspondência, geralmente, em género e em número, ao passo que nem sempre um verbo é definido por outro da mesma conjugação, ainda que a definição esteja no modo infinitivo. Entre os adjectivos do *Diccionario* citamos, por exemplo, INDOMITO, TA, definido por *feroz, bravo*; NECESSITADO, DA, por *constrangido*, etc. Entre os substantivos, ASTÚCIA define-se, na sua primeira acepção por *sagacidade*, HABITO por *vestido*. Entre os verbos, CONTAMINAR, por exemplo, é definido por *manchar* e AMANSAR por *domesticar*, etc. Todavia, os desajustes são numerosos: ABALAR é definido por *mover*, ENSINAR por *instruir*; PRODUZIR por *gerar*; o masculino DELUVIO define-se pelo feminino *inundação*, o feminino MEIGUICE por *affago, carinho*.

Muito mais frequentes que as definições por sinónimos são, no *Diccionario*, as perifrásticas²⁹², dada a dificuldade em encontrar sinónimos simples para todas as entradas. A forma gramatical da entrada influi nas definições perifrásticas da mesma forma que nas simples:

ANNIQUILAR, *reduzir a nada*.
INVALIDO, DA, *incapaz do trabalho* [...].
DOAÇÃO, *acção de dar*.

Assim, a definição do verbo ANNIQUILAR é constituída por uma palavra da mesma classe – *reduzir* – e por um complemento; a definição do adjectivo INVALIDO, DA é formada, de igual modo, por um adjectivo e um complemento; o substantivo DOAÇÃO, por sua vez, é definido por um termo definidor (*acção*) que indica uma nominalização verbal.

A análise do corpo dos artigos do *Diccionario* alicerça a ideia de que as ocasiões em que se verifica uma equivalência sintáctica entre a entrada e a definição representam a maioria, tal como sucedia nos dicionários franceses do século XVIII²⁹³.

A identidade da categoria entre o definiente e o definido vem ao encontro da prova da comutabilidade, segundo a qual, para que uma definição seja lexicograficamente aceitável, numa situação normal da língua o significado deve poder substituir o termo definido sem que o sentido se altere.

2.2.1.6. Definição de substantivos

No *Diccionario*, os substantivos são definidos por:

a) outros substantivos

ADIANTAMENTO, *progresso*.
AGRADO, *prazer, gosto*.
SATISFAÇÃO, *desculpa*.

²⁹² “La définition par synonymie peut prendre également la forme d’un énoncé développé dont le plus caractéristique est sans doute la formulation dénominative” (Quemada, 1968: 446).

²⁹³ Cf. Quemada, 1968, 454. Sobre a identidade de categoria entre o definiente e o definido Zgusta constata: “the definition usually has the form of an endocentric phrase. Since lexical units of a language are defined in the same language, it follows that the grammatical status of the defined lexical unit: a substantive will be defined by a substantival construction [...], a transitive verb basically by another transitive verb or syntactically equivalent construction [...], etc., according to the respective system of the language in question” (1971: 258).

b) um nome seguido de alguma especificação (sintagma nominal)

AMBIÇÃO, *paixão immoderada para a glória, ou para os cargos.*
ÇAMARRA, *vestido de pelles, de que usam alguns pastores.*
JOELHEIRA, *cobertura do joelho.*

c) um pronome (construção substantivada)

DOCTRINADOR, *o que ensina alguma doutrina.*
DROGA, *tudo que entra na composição de qualquer medicamento.*
MINISTRA, *a que serve.*

2.2.1.7. Definição de adjectivos

Para definir os adjectivos *no Dicionario*, figuram usualmente:

a) outro adjectivo, isolado ou seguido de especificadores

INCLITO, TA, *preclaro, ilustre.*
MORNO, NA, *temperado, entre quente, e frio.*
MOVEDIÇO, ÇA, *facil de mover.*

b) um particípio, isolado ou seguido de especificadores

DESBARATADO, *perdido.*
TAPADO, DA, *cuberto.*
TRABALHADO, DA, *feito com cuidado.*

c) uma preposição

AERIO, RIA, *do ar.*
OCCUPADO, DA, *em negocios.*
OCTAGENARIO, RIA *de oitenta annos de idade.*

d) uma proposição relativa com função adjectiva

ESPECIOSO, SA, *que tem boas apparencias.*
INFLEXIVEL, *que se não deixa dobrar.*
XACOCO, CA, *que quer fallar huma lingua, e a confunde com outra.*

e) as fórmulas “que diz respeito a”, “pertencente a”, “proprio de”

MARITIMO, MA, *que diz respeito ao mar.*
NOCTURNO, NA, *proprio da noite.*
PECUNIARIO, RIA, *pertencente ao dinheiro.*

Em relação a Bluteau, observamos que Fonseca abandona a tradicional fórmula *cousa*, que introduzia as definições da maior parte dos adjectivos e também de alguns

nomes, desde os primeiros textos lexicográficos de Cardoso, persistindo em Bento Pereira e mantendo um uso bastante repetido em Bluteau:

Vocabulario

IMPREVISTO. Não previsto. Cousa, que succedeu inopinadamente

INCERTO. Causa, que não consta, cousa de que se pode duvidar.

INCESSANTE. Causa, que não cessa, que continuamente anda, ou obra

INCLINADO. Causa, que pende para alguma parte.

INFERNÁL. Causa do Inferno ou concernente ao Inferno.

Diccionario

IMPREVISTO, TA, adj. *que succede inopinadamente.*

INCERTO, TA, adj. *duvidoso.*

INCESSANTE, adj. *v. continuo.*

INCLINADO, DA, adj. *para alguma parte.*

INFERNAL, adj. *do inferno.*

2.2.1.8. Definição de verbos

No *Diccionario*, os verbos são definidos:

a) por outro verbo

ALBERGAR, *hospedar.*

BAFEJAR, *respirar.*

DENUNCIAR, *declarar.*

b) por uma perífrase verbal

AGOAR, *borrifar com agoa.*

BARGANTEAR, *viver dissolutamente.*

EQUILIBRAR, *pôr em equilibrio.*

A análise das definições mediante perífrases verbais e locuções parafrásticas permite determinar uma série de definidores verbais que são de uma frequência de uso ou de uma familiaridade elevadas. Entre muitos outros, salientam-se, pela sua aplicação repetida no processo de definição de verbos, os definidores *fazer*, *metter*, *pôr*, *tirar* e *dar*, dos quais *fazer* é aquele que regista uma frequência mais alta. Seguem-se algumas amostras recolhidas ao acaso do *Diccionario*:

AFFAMAR, <i>fazer</i> illustre.	EMBARCAR, <i>metter</i> em embarcação.
AFFUGENTAR, <i>pôr</i> em fuga.	EMBARAÇAR, <i>causar</i> embaraço.
AFFLIGIR, <i>causar</i> aflição.	EMPAREDAR, <i>metter</i> entre paredes.
AJOELHAR, <i>pôr-se</i> de joelhos.	EMPREGAR, <i>fazer</i> uso.
BANHAR, <i>metter</i> no banho.	ENCOURAR, <i>cubrir</i> de couro.
BARBEAR, <i>fazer</i> a barba.	ENFIAR, <i>passar</i> o fio pelo buraco de uma agulha.
BEATIFICAR, <i>fazer</i> feliz.	ENCURTAR, <i>tornar</i> curto, ou breve.
CALAR, <i>passar</i> em silêncio, não falar.	ENDIREITAR, <i>pôr</i> direito o que estava voltado, ou torto.
CARREGAR, <i>pôr</i> algum peso em alguém.	FORTALECER, <i>dar</i> força.
CHOCALHAR, <i>fazer</i> som como de chocalho.	MAGOAR-SE, <i>ter</i> grande dor na alma.
CIVILISAR, <i>fazer</i> alguém civil, e polido.	MARCAR, <i>pôr</i> sinal, ou marca para distinguir as cousas.
DEFENIR, <i>dar</i> a definição.	REPUGNAR , <i>ser</i> contrario, ou opposto.
DELEGAR, <i>dar</i> poder de julgar, ou de se instruir de um negocio.	RESIDIR, <i>ter</i> morada fixa em algum lugar.
DEPOSITAR, <i>pôr</i> em deposito.	RETOCAR, <i>tornar</i> a tocar.
DESABUSAR, <i>tirar</i> alguém do erro, em que está.	REVENDER, <i>tornar</i> a vender.
DESANINHAR, <i>tirar</i> os passarinhos do ninho.	RONDAR, <i>ir</i> visitar as sentinelas.
DESCINGIR, <i>tirar</i> o cinto.	RUMIAR, <i>tornar</i> a mastigar.
	SABER, <i>ter</i> sabor.
	SARAR, <i>dar</i> saúde a outrem.
	SENTENCIAR, <i>dar</i> sentença
	TESTAR, <i>fazer</i> testamento.
	VENTAR, <i>fazer</i> vento.

No processo de definição da palavra léxica também se inscreve no *Diccionario* a fórmula definidora *Diz-se de*.

MAMAR, *Diz-se das crianças, e dos animais.*

RABICURTO, TA, *Diz-se dos pássaros, ou bestas, que tem pouco rabo.*

As definições iniciadas pelas fórmulas *Diz-se de*, *He de*, *Aplica-se a*, entre muitas outras²⁹⁴, são julgadas pela lexicografia moderna incorrectas, uma vez que se referem ao signo definido e não ao que significam as unidades léxicas, impedindo, concomitantemente, a prova da comutabilidade. Estes paradigmas de definições eram habituais nos dicionários estrangeiros do século XVII e também, ainda que em menor medida, do século XVIII. O *Diccionario* inovou neste aspecto da técnica de definição, se

²⁹⁴ *Aplica-se a...*, *Chama-se...*, *Denominação que se aplica a...*, *Designa-se assim...*, *Diz-se de...*, *Entendemos por...*, *Equivale a...*, *É...*, *Quer dizer...*, *São...*, *Significa...*, *Significa o mesmo que...*, *Sinónimo de...*, *Vale também...*, *Vale o mesmo que...*, *Vale tanto como...* constituem fórmulas definidoras defeituosas nos dicionários de língua. (Sousa, 1995: 84).

atentarmos na redução considerável do emprego destas fórmulas comparativamente ao *Vocabulario* de Bluteau, onde se assinalam numerosas as explicações de significado encabeçadas por estas expressões. No confronto com o *Diccionario*, transcrevemos apenas alguns breves exemplos:

<i>Vocabulario</i> (1712)	<i>Diccionario</i> (1771)
DIAFANO. [...] val o mesmo, que Transparente. Diz-se de transparente.	DIAFANO, NA, <i>transparente</i> .
EIVADO. Diz-se da maçã, pera, e qualquer fruta que começa a apodrecer.	EIVADO, DA, <i>Rachado – fall. das frutas</i> [...].
MARITIMO. Diz-se das Cidades, Provincias, terras, etc. pouco distantes do mar [...].	MARÍTIMO, MA, <i>que diz respeito ao mar</i> .
MASCARA. He no rosto qualquer mancha negra de carvão, tição, tinta, ferrugem de chaminé, etc.	MASCARA, <i>cara postiça, com que se encobre a natural</i> .
OPIO. He o licor, que por incisão destilla das cabeças das dormideyras, quando chegam a amadurecer.	OPIO, <i>licor distillado das dormideiras</i> .

Nos dicionários modernos observa-se a supressão das estruturas do tipo *Diz-se de*, *He de*, *Aplica-se a*, etc., de modo a que a definição seja um equivalente gramatical do definido, *id est*, que se refira ao significado da palavra e não ao signo linguístico:

MAMAR, sugar (o leite da mãe ou da ama);

RABICURTO, de rabo curto;

REDENTOR, que ou aquele que redime ou resgata;

2.2.1.9. Traduções do *Grand Dictionnaire François-Latin* de Danet

Se é certo que a análise das definições na amostra que recolhemos (665 entradas da letra I) indica que 91% desses enunciados definitórios teve por base todo o trabalho de Bluteau, também é verdade que em alguns casos Fonseca recorreu à obra de Danet, traduzindo à letra as suas definições. Assim, nos restantes 9% inserem-se, por um lado, as definições construídas pela própria competência linguística do lexicógrafo, e por outro,

aquelas que correspondem a traduções do *Grand Dictionnaire François-Latin* de Pierre Danet, de que são exemplos os seguintes casos²⁹⁵:

<i>Grand Dictionnaire François Latin</i> (1738)	<i>Diccionario Portuguez, e Latino</i> (1771)
IDOLATRIE, <i>culte, adoration des faux Dieux.</i>	IDOLATRIA, <i>culto dos falsos Deoses.</i>
On dit, <i>Un illuminé, un phanatique, visionaire.</i>	ILLUMINADO, DA, <i>fanatico que tem visões extraordinarias.</i>
IMPUNEMENT, <i>sans punition.</i>	IMPUNEMENTE, <i>sem castigo.</i>
INFINITE, <i>nombre infini, multitude infinie.</i>	INFINIDADE, <i>multidão infinita.</i>
INFINI, <i>qui n'a ni commencement ni fin.</i>	INFINITO, <i>que não tem fim.</i>
INSOLEMMENT, <i>avec insolence</i>	INSOLENTAMENTE, <i>com arrogancia.</i>
INSTINCT, <i>sagacité naturelle qu'ont les animaux pour se conduire et rechercher ce qui leur est propre.</i>	INSTINCTO, <i>sagacidade natural, que faz que os animais busquem o que lhes convem.</i>
INSTITUT, <i>regle qui prescrit un certain genre de vie.</i>	INSTITUTO, <i>regra, que prescreve algum certo modo de vida.</i>
INTELLIGENCE, <i>faculté intellectuelle.</i>	INTELLIGENCIA, <i>potencia intellectiva.</i>
INTRIGANT, <i>qui se fourre par tout.</i>	INTRIGANTE, <i>que se intromette em tudo.</i>
IRREVEREMENT, <i>sans révérence, sans aucun respect.</i>	IRREVERENTEMENTE, <i>sem respeito.</i>

Para além da tradução de alguns segmentos das glosas de Danet, o lexicógrafo parece ainda ter incorporado na sua obra um conjunto de vocábulos do *Grand Dictionnaire* que não têm entrada em nenhum dos dicionários portugueses anteriores ao *Diccionario*: *Ideal*, *Immisericordioso*, *Impacientar-se*, *Impunemente*, *Incidentemente*, *Incontestavel*, *Indemnidade*, *Indemnizar*, *Indigente*, *Indolencia*, *Indolente*, *Insinuante*, *Insolentemente*, *Insupportavel*, *Insupportavelmente*, *Intendente*, *Intriga*, *Intrigante*, *Irreverentemente*.

²⁹⁵ Transcrevemos também todas as definições de Fonseca que, embora não sejam traduções literais da obra de Danet, aproximam-se bastante dos enunciados definitórios do *Grand Dictionnaire*. Indemniser, *promettre à quelqu'un de le garantir des pertes qu'il pourroit souffrir*. Indemnizar, *resarcir a alguém as perdas, que se lhe poderão fazer*. Indemnité, *acte par lequel on promet garantir quelqu'un d'une perte qu'il peut faire*. Indemnidade, *o satisfazer o damno ocasionado*. Indolence, *insensibilité, qui fait qu'on n'est touché de rien*. Indolencia, *indifferença nascida da preguiça*. Indolent, *Qui n'est touché de rien en la vie, que rien n'afflige*. Indolente, *que de nada se lhe dá*. Innovation, *Changement de quelque coûtume, et introduction d'une nouvelle*. Insinuant, *Qui insinue dans les esprits*. Insinuation, *Maniere artificieuse de gagner la bienveillance des auditeurs*. Inscription, *Titre qu'on écrit ou qu'on grave*. Intrigue, *Irrésolu, Qui ne sçait ce qu'il doit faire, incertain*.

2.2.2. Informação bilingue

A obra de Bluteau contribuíra decisivamente para o estabelecimento da nomenclatura e para a construção das definições do *Diccionario*, mas não constituía fonte suficiente para satisfazer as ambições de Fonseca relativamente ao latim:

Na ordem, e regularidade das palavras Portuguezas, e na diversidade de seus significados, e definições, ainda que a principio fosse este Diccionario formado com total independencia do Vocabulario de Bluteau, e só fruto da lição dos nossos melhores Escritores, havidos de commum consenso por immortaes Textos da lingua; comtudo, he devida, e justa gratidão confessar, que das vigalias deste douto, e infatigavel Religioso recebeu depois esta Obra muitos, e consideraveis additamentos. A conformidade porém, que pelo tocante ao Latim algumas occasiões se observará entre nós, he mais effeito de nos havermos casualmente encontrado, recorrendo ás mesmas fontes, do que por eu querer exactamente seguillo²⁹⁶.

Apesar de formalmente bilingue, há muitas palavras no *Vocabulario* sem latim correspondente²⁹⁷, pois Bluteau recusava as circunloquções latinas e a acumulação de equivalentes que se verificava na *Prosodia* de Bento Pereira, onde geralmente se procurava

²⁹⁶ Fonseca, *Diccionario Portuguez, e Latino*, Ao leitor: III.

²⁹⁷ Entre muitos exemplos dos artigos monolíngues destacam-se os nomes de objectos que representavam progressos continuados da técnica, como os instrumentos da imprensa e da náutica: BARCÔLAS.(Termo de navio.) São humas bordas, mais altas, em que encaxão os quarteis, com que se cobrem as escotilhas, & depois se passa hum varaõ; ou cadea de ferro, em que ficaõ fechadas. **Naõ temos palavra propria Latina;** BOLINÊTE.(Termo de navio.) He hum pao roliço, que está fixo na cuberta, de maneira que se mova redondamente de Bombordo para Estibordo. Tem hum buraco, por onde passa, & joga o Pinçote. **Naõ temos palavra Latina;** que se mova redondamente de Bombordo para Estibordo. Tem hum buraco, por onde passa, & joga o Pinçote. **Naõ temos palavra Latina;** brandaes.(Termo de navio.) Brandaes grandes são huns cabos, que passaõ da enxarcia dos mastarcos pellas gaveas, & vem a fazer fixos ao redor dos souves da enxarcia grande. Brandaes da Gavea, são huns cabos, que vem das pontas dos mastarcos a fazer fixo ao costado da nao. **Naõ temos palavra propria Latina;**

BUÇARDAS.(Termo de navio.) São huns paos tortos, que atravessaõ a roda de proa pella banda de dentro, para fortificar; & em navios pequenos, nellas assenta o masto do traquete. **Naõ tem palavra propria Latina;** CADASTE.(Termo de Navio) He o que assenta sobre a quilha de alto a baxo, & divide o carro da popa em duas partes iguaes, & nelle se pregaõ as femeas para o leme, que são huns ferros com duas chapas para as ilhargas, & no meyo varios buracos, em que se seguraõ os machos do leme. **Naõ tem palavra propria Latina;**

CADERNÂL.(Termo de Navio) He hum pao, que se accomoda, como se ha mister; a este se lhe fazem varios furos, em que se lhe mettem rodas, ou roldanas, por onde passaõ huns cabos, que servem de aparelho, ou para virar a nao, quando querem dar carena. **Naõ temos palavra propria Latina.** § Cadernal. Engenho, que serve na fortificação para pontes levadiças. { No ponto H arma hum Cadernal de duas rodas separadas. Methodo Lusit. pag. 164. CADÎMES.(Termo de Navio) são humas taboas encurvadas, que correndo o costado, dobraõ os pesmances para Cadaste. **Naõ temos palavra propria Latina.** CARAPAM.(Termo de Impressor.) He nome de huns seis ferros, que estão pregados debaixo da mesa da prensa, & a fazem andar sobre as correntes. **Naõ temos palavra propria Latina.** Derivase da palavra Franceza Crampon, que he hum Gancho de ferro.

declarar em latim todos os objectos do quotidiano, ainda que não houvesse conformidade entre os referentes. Por este motivo, uma grande parte dos artigos do *Vocabulario* é monolíngue e estruturalmente inspirada no trabalho de Furetière²⁹⁸.

Ao contrário do *Vocabulario*, o *Diccionario* não contém nenhum artigo monolíngue, apresentando sempre um equivalente latino para a entrada em português. Fonseca reflecte acerca destas questões enunciando as soluções encontradas para nomear em latim todos os vocábulos portugueses:

Não ha dúvida que o progresso de muitas Artes, o descobrimento de outras, ou incognitas aos Romanos, ou de que não temos monumentos deixados por seus Escritores, a differença da Religião, dos costumes, dos usos civis, faz que haja entre nós innumeraveis cousas, de que para dellas dar em Latim huma clara noção, convem por falta de correspondente palavra ou servirmo-nos de algum vocabulo barbaro alatinado, ou de algum termo Grego, ou de circumlocução. E igual embaraço se encontra na explicação de muitos nomes verbaes, ou substantivos derivados de verbos, em que as duas linguas se achão muito discordes. Em todas estas cousas de uso mais frequente cuidei muito em observar o modo, por que os mais elegantes Escritores modernos os explicarão, ou os Criticos de maior nome ensinão a declarallos, e a seu exemplo os exprimi; já com os rodeios mais geralmente abraçados, já conservando, como huns praticão, e outros approvão, os termos, que, a pezar de seu baixo valor, o costume consagrou a sua intelligencia, e que sem nota de barbarismo fez excogitar, e produzir, como costuma, a urgente necessidade. E algumas vezes ajuntei ambas as cousas²⁹⁹.

A leitura do *Diccionario* mostra que o lexicógrafo recorreu com frequência à obra de Bento Pereira para facultar um correspondente latino, particularmente quando Bluteau não facultava o termo em latim (1). Porém, nem sempre se limitou a segui-lo, rejeitando algumas soluções propostas e adoptando outras (2).

(1)

Vocabulario

AÇUDE. Derivase do Arabico Zud, ou Çud, que quer dizer, Regadôr, ou do Hebraico Zub, ou segundo Thomasino, no seo Diccionario, Zoub, que val o mesmo, que Regar, & de Zoub, ou Zub se formou Azubda, que he Engenho de fazer correr agoa. Segundo esta etymologia chamão os Castelhanos Açuda a huma grande roda, com que dos Rios caudalosos se tira agoa para regar hortas, & c. Entre nós Açude he obra de pedra, & cal, muy escarpada para ter mão na parede, que represa as agoas de huma levada, ou de hum rio, & divertilas para huma azenha, ou outra utilidade. Moles aquis opposita, ad eas in alium cursum detorquendas, ou deflectendas. Usa Cicero de Moles, is. Fem. fallando em cousa, que tem mão nas agoas, como Dique, & c. **Por falta de palavra propria latina, será necessario usar desta, ou outra semelhante circumlocução.**{ Quando se solta huma grande preza de agoa, a qual não cabe no Açude. Barros. Dec. 3. fol. 244. col. 4. }

²⁹⁸ Silvestre, 2008: 318.

²⁹⁹ Fonseca, *Diccionario Portuquez, e Latino*, Ao leitor: II.

ALÇAPAM. He huma especie de porta, ou postigo lançado sobre hum vão, ao olivel do assoalhado, a qual se alça, & se abaixa, quando se quer. Até gora **não lhe pude achar palavra propria latina**.

Prosodia

Açude, ou levada do moinho. Incile, is. Septa, orum.
Alçapam. Ostium rabulati cotaracta, ae.

Diccionario

AÇUDE, *levada do moinho*. Incile, is, n. Col. Septa, orum, n. pl. Ulp.
ALÇAPÃO, *porta levadiça do castello*. Cataracta, ae, f. Liv.

(2)

Vocabulario

CAÇAÕ, ou CASSAÕ. Peixe do mar. Jorge Maregrau na descripção dos peixes do Brasil, & Francisco Vellughbea, lib. 3. cap. 5. dizem, que o Caçaõ he casta de Tuberão. Não faz mal, quando morde, porque não tem mais, que hũa fileira de dentes, & esses pequeninos. **Não temos palavra propria Latina**, Mustella, que alguns lhe querem appropriar, he o nome de outro peixe.

Prosodia

Cação peixe. Mustella stellata.

Diccionario

CAÇÃO, *peixe*. Ichthyocolla, ae f. Plin.

Fonseca apoia-se nos escritores e nos críticos mais reputados, nomeadamente Vóssio, a fim de seleccionar os termos mais apropriados para denominar os objectos do quotidiano. A título de exemplo, para o termo *abreviador* o lexicógrafo rejeita a tradução *Abbreviator*, *oris* facultada por Bluteau e que o próprio regista declarando não ser “latina”.

Vocabulario

ABREVIADÔR. Aquelle, que faz, ou fez o compendio de hum livro, de huma historia, & c. Spondano v. g. he o Abreviador de Baronio. Qui epitomen confecit alicujus libri, historiae, & c. Qui librum, vel historiam in epitomen cogit. { D. João de Mariana, Abreviador da Historia de Castella. Monarc. Lusit. Tom. 5. 250. col. 3. } § Abreviador da Chancelaria de Roma. Official, que faz minutas das Bullas, & diplomas Pontificios, assim chamado, porque escreve por breves. Tambem nas Nunciaturas hã Abreviadores, & são, os que fazem os Breves. *Abbreviator*, *oris*. Masc. Esta palavra **não he latina**, mas a necessidade, & o uso a introduzirão.

Prosodia

Abreviador. Compediarius, ii.

Diccionario

ABREVIADOR, *o que faz o compendio de huma obra*. Qui opus aliquod in brevem summam coligit, aut contrahit. Scriptor epitomae. 1. Epitomes. – *das cousas que diz*. Breviloquens, tis Cic.

Percorrendo os títulos essenciais que Bluteau cita frequentemente³⁰⁰ e pondo de lado os extensos dicionários monolingues de Richelet, Furetière e da Académie e as

³⁰⁰ 1671 – Pomey, *Dictionnaire royal augmenté*, Lyon
1673 – Danet, *Dictionarium novum latinum et gallicum*, Paris
1674 – L. Moreri, *Le grand dictionnaire historique*

nomenclaturas especializadas de Moreri, Corneille, Bayle e Rochefort, aqueles que melhor poderiam servir para apoiar o trabalho do lexicógrafo na parte do latim seriam os dicionários de Pomey e de Danet.

Analisámos um conjunto de artigos recolhidos aleatoriamente do *Diccionario* tendo por base a lexicografia precedente portuguesa e estrangeira, nomeadamente os dicionários de Bento Pereira, o *Vocabulario* de Bluteau, os dicionários franceses de Trévoux, Estienne, Pomey, Danet e as obras italianas de Giuseppe Pasini e Facciolati³⁰¹.

Os dicionários de Trévoux enquadram-se na série de obras que Bernard Quemada classifica como sendo “falsos bilingues”, pois as definições e os comentários etimológicos ou enciclopédicos em vernáculo ultrapassam em muito a parte consagrada ao latim, uma tendência geral dos vocabulários de francês-latim dos finais do século XVII e primeira metade do século XVIII³⁰². Os dicionários de Trévoux limitam-se a facultar uma breve tradução latina, no final de longas glosas descritivas do vernáculo, sem autores abonatórios e sem fraseologia³⁰³.

Tanto o *Thesaurus* de Estienne como o *Calepino* de Facciolati estavam muito para além dos objectivos de edições com horizonte escolar, pois estas obras, sendo de

1680 – P. Richelet, *Dictionnaire françois contenant les mots et les chose*, Gêneve

1681 – *Ambrosii calepini dictionarium*, Lyon

1683 – P. Danet, *Nouveau dictionnaire françois et latin*, Paris

1684 – C. de Rochefort, *Dictionnaire général et curieux de la langue françoise*, Lyon

1689 – P. Tachard, *Dictionnaire nouveau, François-Latin*, Paris

1690 – A. Furetière, *Dictionnaire universel*, La Haye

1691 – A. Pomey, *Le Dictionnaire royal, augmenté de nouveau*, Lyon

1694 – T. Corneille, *Dictionnaire des arts et des sciences*, Paris

1694 – *Dictionnaire de l'Académie françoise*, Paris

1697 – P. Bayle, *Dictionnaire historique et critique*, Rotterdam

1699 – L. Moreri, *Le grand dictionnaire historique*, Paris (9ª ed.)

1704 – *Dictionnaire universel françois et latin de Trévoux*, Trévoux

1721 – *Dictionnaire universel de Trévoux*, Trévoux (2ª ed.) (Silvestre, 2008: 95-96).

³⁰¹ Preferimos sempre, por uma questão de conformidade, as edições que Fonseca nomeia no prólogo do *Parvum Lexicon*: “E posto que eu entre estes tomasse sempre por guia os mais bem avaliados, quaes são o Thesouro da lingua Latina de Roberto Estevão da edição de António Birrio (Basileia, 1740), o Thesouro da Erudição Escolastica de Basilio Fabro, emendado por João Mathias Gesnero (Francofurt. & Lips. 1749), o sobre todos excellente do mesmo Gesnero (Lips. 1749), e o Calepino de Facciolati (Patav. 1746), não deixei com tudo de consultar frequentemente os indices dos Autores Romanos, feitos *ad usum Delphini*, como também as edições, e notas dos Criticos mais bem reputados [...]” (*Parvum Lexicon*, 1762, Ao Leitor: V).

³⁰² Cf. Quemada, 1968: 52-55.

³⁰³ Segundo informa Quemada, as primeiras edições de Trévoux contêm um maior número de artigos a facultar a tradução do lema em latim do que as edições posteriores: “A titre d’indication, nous avons dénombré dans l’édition de 1734 pour les mots GA à GAL, 129 articles avec notation latine contre 26 tout en français. Par contre, pour la même partie, le complément de 1752 ne donne que 3 articles avec latin contre 24 sans” (Quemada, 1968: 59).

referência, apresentavam artigos consideravelmente extensos, abundantes de exemplos e de citações.

2.2.2.1. *Grand Dictionnaire François-Latin* de Danet

O confronto do *Diccionario Portuguez, e Latino* com os diversos dicionários latinos que Fonseca consultou demonstra que prefere Danet e Pasini, dicionários latinos mais recentes que proporcionavam sínteses muito úteis, na medida em que seleccionavam a fraseologia francesa essencial e as estruturas latinas correspondentes³⁰⁴.

Pierre Danet (1650-1709) iniciou o seu percurso lexicográfico com a composição da obra *Radices seu Dictionarium linguae latinae*³⁰⁵, publicada em 1677. Posteriormente, tendo sido chamado pelo Duque de Montausier para colaborar na célebre edição de textos *ad usum Delphini*³⁰⁶, elaborou os dicionários bilingues de francês-latim (1683) e latim-francês (1691), que foram revistos e melhorados durante mais de meio século pela sua utilidade em contexto escolar³⁰⁷.

As últimas edições do *Grand Dictionnaire français et latin* expressam um resultado da atenção dedicada aos dicionários bilingues em meados do século XVIII. Relativamente aos antecedentes, este inova essencialmente pelas seguintes características: supressão dos extensos enunciados definitórios; selecção escrupulosa dos autores clássicos latinos;

³⁰⁴ Sabe-se que Fonseca possuía os dicionários de Danet, pois numa lista de livros remetidos da casa de Fonseca para a directoria, junto com a Prosódia de Caeiro, encontram-se os dicionários de Danet, Facciolati, Estienne e Crusca (Cf. *Relação dos livros que vieram da casa de Pedro José da Fonseca*, B.G.U.C. Ms. 2536, nº 7).

³⁰⁵ *Radices seu Dictionarium linguae Latine in quo singulae voces suis radicibus subjiciuntur. Collegit ac digessit Petrus Danetius Academicus, Abbas sancti Nicolai Viridunensis. Jussu Christianissimi Regis in usum Serenissimi Delphini*, 1677: Paris.

³⁰⁶ A colecção *Ad usum Delphini* tinha duas finalidades: orientar a educação de um príncipe, facultando-lhe todo o material necessário à sua formação e oferecer ao público todos os instrumentos para consolidar uma cultura de prestígio. Danet contribuiu determinantemente na elaboração dessa colecção com a sua avultada obra lexicográfica publicada entre 1673 e 1698.

³⁰⁷ *Grand Dictionnaire français et latin, enrichi des meilleures façons de parler en l'une et en l'autre langue, composé par l'ordre du Roy pour Monseigneur le Dauphin, par Mr. l'Abbé Danet*. Paris: 1683; Amsterdam: 1710; Lyon: 1713, 1721, 1728, 1735, 1737, 1738, 1761; Toulouse: 1718, 1731. *Magnum dictionarium latinum et gallicum, ad pleniorum planiorumque scriptorum latinorum intelligentiam Collegit, digessit, ac nostro vernaculo reddidit M. Petrus Danetius Academicus, Abbas Sancti Nicolai Viridunensis, Jussu Christianissimi Regis, ad usum serenissimi Delphini, et serenissimorum principum Burgundiae, Andium et Biturigum*. Paris: 1691, 1694; Amsterdam: 1711; Lyon: 1726.

estabelecimento das citações como o próprio alicerce dos artigos e uma maior precisão na escolha dos sinónimos. Tudo isto originou uma especificação mais rigorosa das partes reservadas para cada uma das línguas registadas na obra de Danet, que prefigurou, ao lado das obras de Pomey, Delbrun e Tachard os dicionários bilingues modernos.

Como informa o título, “enrichi des meilleures façons de parler en une et autre langue”, trata-se de um abundante repertório que reúne excertos de ambas as línguas para compor em latim de acordo com os autores que integram o cânon da latinidade pura. Fonseca soube aproveitar todo o trabalho de selecção da fraseologia em língua materna e estruturas latinas correspondentes, traduzindo para português algumas das subentradadas que integravam sintagmas, frases feitas e locuções. O lexicógrafo segue muito de perto Danet, registando fielmente as mesmas citações, os mesmos exemplos e a própria ordenação dentro do corpo do artigo.

<i>Diccionario de Fonseca</i> (1771)	<i>Grand Dictionnaire de Danet</i> (1728)	<i>Vocabulario de Bluteau</i> (1712)	<i>Vocabolario italiano-latino de Giuseppe Pasini</i> (1758)
Graça, <i>formosura</i> . [...] ¶ Favor, <i>beneficio</i> . [...] ¶ Perdão. ¶ Amizade ¶ Agradecimento, <i>acção de graças</i> . ¶ Graças, <i>Divindades fabulosas</i> .	Grace [Le don de la grace que Dieu nous donne gratuitement, pour faire le bien et fuir le mal. [...] Grace, [Faveur, bienfait, plaisir] Bonnes-Graces, [La faveur, l'amitié, la protection] Grace [Pardon que l'on fait à quelqu'un] Grace, [Adresse, dextérité à faire et à dire les choses] Grace, [Reconnaissance d'un bienfait, remerciement, actions de grace, que l'on rend pour en bienfait reçu. Les graces, [Trois divinitez fabuleuses]	Nome, como quando se diz, como he a vossa graça. Parece, que este modo de fallar se funda, em que no Bautismo, que para o Christão he principio de graça, se poem o nome.	Grazia, bellezza di chechessia e avvennentezza d'operare [...] per amore e benvelonza del superiore inverso lo superiore [...] per concessionem di cosa richiesta superiore [...].

As glosas da obra de Fonseca integram uma série de exemplos e de citações que complementam as definições muito sucintas e, por vezes, lacónicas do *Diccionario*. Destinam-se a clarificar o significado ou o emprego de uma palavra ou de um elemento

fraseológico através de um enunciando que se pode limitar a mencionar as relações sintagmáticas, unindo o termo definido a outros elementos da língua.

Como ilustra o quadro, a construção de todo o corpo fraseológico (agrupamentos sintagmáticos, locuções, frases feitas) e a sua transposição para o latim beneficiaram do trabalho lexicográfico de Danet, que recolheu e seleccionou os exemplos e as citações dos mais prestigiados escritores da língua latina.

A lista dos autores latinos que são citados no *Grand Dictionnaire François et Latin*³⁰⁸ coincide na íntegra com o registo de todos os autores latinos de referência no *Diccionario*. Os mais citados correspondem à tradicional hierarquia da boa latinidade:

C'est à la lecture des bons Auteurs qu'on doit occuper continuellement les jeunes hommes, comme sont Ciceron, Plaute, Terence, Phédre, Cesar, Virgile & Horace, &c. en retranchant quelques phrases purement poétiques de ces deux derniers. On leur pourra faire lire ensuite, Quinte-Curce, Justin, Salluste, Quintilien & Tite-Live, si l'on veut qu'ils puissent bien écrire en Latin dans tous les differens stiles³⁰⁹.

Autores	Frequência de citações
Cic.	26985
Plin.	3710
Virg.	2282
Liv.	2275
Plau.	1925
Ovid.	1694
Ter.	1575
Hor.	1211
Col.	1043
Caes.	784
Quinct.	728
Varr.	679
Tac.	574
Vitru.	469
Sen.	462
Suet.	462
Luc.	455
Gell.	371
Cels.	357
Plin. Jun.	301
Mart.	288

³⁰⁸ “Liste des auteurs latins qui sont citez dans ce dictionnaire. On pourra apprendre par cette Liste ce que veulent dire les abbréviations dont je me suis servi dans la plûpart des Citations Latines qui sont dans ce Dictionnaire: on verra le temps auquel les Auteurs ont vécu, les Ouvrages qu'ils nous ont laissez et l'estime qu'en font les Sçavans pour la Latinité” (Danet, 1728).

³⁰⁹ Danet, *Grand Dictionnaire François et Latin*, 1728: *Preface*.

A. ad. Her.	287
Sall.	266
Cat.	245
Curt.	210
Ulpian.	208
Cornel. Nep.	182
Petron.	177
Stat.	177
Phaedr.	175
Juv.	140
Prop.	133
Catul.	126
Tib.	112
Sil. Ita.	91
Val. Max.	84
Scrib.	56
Hirt.	55
Apul.	49
Val. Fla.	43
Macrob.	42
Sen Tr.	42
Vel. Pat.	36
Pers.	32
Paul. Ict.	29
Apud Ictss.	18
Asc. Ped.	19
Higin.	17
Flor.	16
Eutrop.	15
Pomp. Ict.	15
Sidon.	14
Veg.	12
Claud.	9
Alph. Ict.	9
Nev.	8
Palad.	7
Enn.	7
Lucil.	7
Nigid.	6
Dec. Lab.	5
Lucan.	5
Solin.	5
Justin.	5
Aur. Vict.	4
Sulp. Sev.	4

Se a fraseologia francesa nem sempre era transponível para o português, a solução podia encontrar-se na tradução de uma expressão latina. Observa-se repetidamente que as citações dadas em português partem do latim³¹⁰, ao contrário do que acontecia nos dicionários de português-latim antecedentes. Tanto no *Thesouro* como no *Vocabulario*, o procedimento mais comum consistia primeiramente na selecção das frases nos autores portugueses para de seguida fazer a sua tradução para latim.

Recusando-se a uma mera inversão das línguas de entrada e de saída, das citações e dos exemplos, Fonseca distancia lexicográfica e filologicamente esta obra do *Parvum Lexicon*. Tanto o seu trabalho anterior, como a obra de Pasini, apenas poderiam proporcionar a Fonseca um leque mais alargado de termos latinos correspondentes ao lema. Quando comparados com o *Diccionario*, o *Parvum Lexicon* e o *Vocabolario Italiano-Latino* apresentam artigos consideravelmente menos abrangentes e menos textualizados, com um menor número de combinações do lema e de citações.

2.2.3. Notações metalinguísticas

2.2.3.1. Informação gramatical

O espaço dedicado à informação gramatical nos dicionários bilingues do século XVII e XVIII era bastante reduzido nos dicionários de latim-português e inexistente nos dicionários de português-latim. Ainda que em latim, a *Prosodia* apresenta alguns espaços de comentário morfossintáctico e algumas notações gramaticais, ao passo que no *Thesouro* os lemas não recebem qualquer tipo de classificação gramatical. O *Vocabulario* apresenta algumas marcas codificadoras, porém, para além de não serem registadas com regularidade, são algo empíricas, assemelhando-se a marcas auxiliadoras de redacção³¹¹.

³¹⁰ Trata-se de um aspecto filológico e lexicográfico que resulta claramente do facto de Fonseca ter adoptado Danet como fonte directa. A propósito dos exemplos no *Grand Dictionnaire de François et Latin* de Danet, escreve Martine Furno: “[...] des exemples sont quelquefois, mais pas toujours, proposés. Assez souvent, ce sont de réelles citations, données en français, mais à partir du latin: à la différence de plusieurs des dictionnaires français-latin antérieures, il ne s’agit jamais de phrases françaises, notamment tirées d’auteurs français, traduites en latin, mais toujours de la traduction en français de phrases latines préalablement tournées en fonction de l’équivalent français qui leur sera donné” (Furno, 1997: 20).

³¹¹ Silvestre, 2008: 228.

O *Diccionario* representa um avanço significativo neste domínio, ao alargar e generalizar o emprego de etiquetas gramaticais que nos dicionários anteriores ou eram praticamente inexistentes ou careciam de sistematicidade. Não sabemos se por influência do *Grand Dictionnaire François et Latin* de Danet, que a partir da edição de 1735 incorpora um conjunto regularizado de abreviaturas gramaticais, Fonseca adopta um sistema de codificação que visa regularizar o processo de classificação da nomenclatura em vernáculo.

Assim, no *Diccionario* todos os lemas, salvo as formas verbais e os substantivos, recebem classificação morfológica, com a indicação da classe gramatical e do género dos substantivos que apresentam uma forma para o masculino e outra para o feminino.

O confronto entre o *Diccionario* e o *Vocabulario* é elucidativo dos progressos conseguidos neste domínio:

<i>Vocabulario</i> (1712)	<i>Diccionario</i> (1771)
ABAFADIÇO	ABAFADIÇO, ça adj.
ABAFADO	ABAFADO, DA ABAFADO, DA, adj.
ABAXO OU ABAIXO	ABAXO, ou ABAIXO, adv. e prep.
ABARROTADO	ABARROTADO, DA, adj.
ABERTAMENTE	ABERTAMENTE, adv.
ABORRECIVEL	ABORRECIVEL, adj.
ABSURDO	ABSURDO, DA, adj.
ACADEMICO	ABSURDO, subst.
ACCUSADOR	ACCUSADOR, m. ORA, f.
ACCUSADORA	AHI, adv.
AHI	AI, interj.
AHI	AINDA, adv. de tempo
AINDA	ALGURES, adv.
ALGURES	ANDAR, subst.
ANDAR	ANDAR, <i>caminhar</i> [...].

Para os substantivos, a regra consistia em não indicar a classe gramatical, excepto quando um mesmo lema era desdobrado em duas entradas por apresentar categorias gramaticais distintas, pois a anotação morfológica ajudava na compreensão da unidade lexical:

Diccionario

ABSURDO, DA, **adj.** Absurdus, Absonus. Ineptus, a, um [...].

ABSURDO, **subst.** *impertinencia, cousa absurda*. Insulstas, atis, f. Ineptiae, arum, f. pl.

ACADEMICO, CA, **adj.** *pertencente á Academia*. Academicus, a, um. Cic.

ACADEMICO, **subst.** Academicus, i, m. In Academia numeratus. Cic.

ANDAR, **subst.** v. *Andadura, passo*. [...]
ANDAR, *caminhar* [...]

Ao contrário de Bluteau, Fonseca cataloga metódica e sistematicamente a forma lema não apresentando irregularidades no registo das indicações morfológicas. Nestes casos concretos, observámos que o padre teatino, contando com a competência linguística do falante, nem sempre distingue a categoria gramatical dos termos, dificultando o seu esclarecimento:

Vocabulario

ACADEMICO. O que pertence a Academia. *Academicus, a, um* [...]
Academico. A pessoa, que he de huma Academia, em que se trata de sciencias & artes liberais. *Academicus, a, um* Cic. *In Academia nominatus* Cic.

A sintaxe foi outro dos aspectos gramaticais bastante explorado. Os artigos foram redigidos com o intuito de analisar os vários empregos da palavra lema em latim, a partir de exemplos em português que são muitas vezes traduções prévias dos autores clássicos latinos.

ONDE, **adv.** *de lugar. Sem interrogação. Ubi. Cic. Com interrogação [...]* ¶ *Onde, ou para onde. Quo. Cic. Onde vás tu? Quo abis? Quo te agis? Ter. [...]* ¶ *Donde. Unde [...]* ¶ *As vezes val o mesmo que o pron. relat. Que, ou Qual, v.gr. os Paizes, onde o ar he puro, e subtil. Terrae, in quibus aer est purus & tenuis. Cic.*

Reunindo os empregos do *onde* advérbio de lugar, traduzido por *ubi*, do *onde* interrogativo, traduzido por *quo*, e do *onde* relativo, traduzido por *in* + ablativo, Fonseca empreende uma análise minuciosa à língua portuguesa. Todavia, o lexicógrafo organiza a informação preferindo sempre as codificações abreviadas aos comentários extensos e pormenorizados recorrentes no *Vocabulario* de Bluteau:

Vocabulario

SOBRE. Proposição local, que serve de mostrar a situação superior da cousa, que tem outra debayxo de si. Super. Esta proposição Latina, quer com movimento, quer sem elle, de ordinario se põem com accusativo, & tão raras vezes com ablativo, que difficultosamente acharão exemplos, senão nos Poetas [...].

Diccionario

SOBRE, prep. Supra. Super, prep. De accus. Cic. *Nos Poet. tambem se acha com ablat.* [...].

Ainda que menos alargado do que o da obra de Danet, Fonseca estabeleceu pela primeira vez na lexicografia latino-portuguesa um sistema de abreviaturas (*adj.*, *subst.*, *m.*, *f.*, *adv.*, *interj.*, *conj.*, *prep.*) usado com regularidade ao longo de todo o *Diccionario*. Este esforço do lexicógrafo em classificar todas as palavras e normalizar todo um conjunto de marcas metalinguísticas compreende-se se tivermos em conta que esta obra fora concebida para a prática frequente da retroversão como exercício escolar.

2.2.3.2. Marcadores de uso

A etiquetagem das unidades léxicas com a utilização de marcas metalinguísticas e de especificações de domínios, géneros, usos, etc. adquiriu grande importância no decurso de finais do século XVII com os dicionários extensivos de cariz enciclopédico. Com efeito, é no *Vocabulario*, uma obra de extensão considerável e aberta à diversidade, que se exercita pela primeira vez na lexicografia portuguesa a marcação de usos, reproduzindo um sistema de classificadores que os lexicógrafos franceses vinham praticando nos dicionários universais³¹². Ainda que este procedimento resultasse muitas vezes de um labor lexicográfico intuitivo e arbitrário e, por isso, com inúmeras incongruências, Fonseca baseou-se no trabalho de Bluteau para seleccionar e empregar as marcas. Desde o início da letra I até Irr- são apenas três as entradas com marcação em Fonseca e sem marcação em Bluteau:

Diccionario

Imposta T. da Arquit.
Individuo T. Logico
Incisão T. da Cirurgia
Incordio T. da Medic.
Incursão T. Milit.
Indeclinavel T. Grammat.
Inducção T. da Rhet.
Infinitivo T. Grammat.
Infirmar T. Forense
Inherencia T. Filosof.
Inofficioso T. Forense
Intemperamento T. da Medic.
Interjeição T. Grammat.
Intuitivamente T. Theolog.
Invitatorio T. Eccles.
Irra T. Vulgar e rustico

Vocabulario

Termo da Architectura
Termo Logico
Termo da Cirurgia
Termo de Medico
Termo Militar
Termo Grammatical
Termo da Rhetorica
Termo Grammatical
Termo Forense
Termo Filosofico
Termo Forense
Termo de Medico
Termo Grammatical
Termo Theologico
Termo do Breviario
Interjeição vulgar e rústica

³¹² Silvestre, 2008: 199-200.

Copiando de Bluteau o sistema de classificação de palavras, Fonseca incorporou-o na sua técnica lexicográfica, aplicando-o inclusive na descrição de entradas que não se encontravam classificadas no *Vocabulário*³¹³. Porém, no *Diccionario*, o tipo e variedade de marcas apresenta-se mais normalizado que na obra de Bluteau. O uso de abreviaturas e a supressão de uma boa parte dos marcadores quase-sinónimos, tão frequentes no *Vocabulário*, denotam o esforço do lexicógrafo por regularizar o processo de classificação das palavras:

	<i>Diccionario</i>	<i>Vocabulario</i>
Abocar	T. Marit.	Termo de Navegantes
Invitatorio	T. Eccles.	Termo do Breviario

Modernamente observam-se esforços no sentido de organizar metodologicamente as diferentes etiquetas lexicográficas correspondentes aos contextos e variantes de uso, como por exemplo, a de Hartmann e James, que estabelecem variantes correspondentes a onze contextos³¹⁴ de uso diferentes. Contudo, Hartmann reconhece a dificuldade em distinguir etiquetas que podem servir como marcas de estilo, registo, uso sociolectal ou dialectal³¹⁵.

Perante a dificuldade em demarcar balizas entre marcas de registo, estilo, estádios de língua ou de uso sociolectal, preferimos optar pela nomenclatura instituída por Martínez de Sousa³¹⁶ para apresentar os vários tipos de marcas registadas no *Diccionario*.

Com uma selecção lexical que admite sobretudo o “bom uso” e as palavras da língua coeva e exclui grande parte dos arcaísmos, terminologias específicas, variedades

³¹³Cf. IMPETRAÇÃO. *T. de Direito*; IMPLICAR. *T. Filosof.*; INSTAR. [...] *T. Escolast.* (*Diccionario Portuguez, e Latino*, 1771).

³¹⁴Na obra *Dictionary of Lexicography* os autores apresentam uma lista intitulada *Usage labels (usage label – the marking of a Word or phrase as typical or appropriate in a particular context or language variety)* onde diferenciam onze tipos de marcas: *Diachronic*; *diaevaluative*; *diafrequential*; *diaintegrative*; *diamedial*; *dianormative*; *diaphasic*; *diastatic*; *diatechnical*; *diatextual*; *diatopic* (Hartmann and James, 1998: 151).

³¹⁵“Where does a group sociolect end and a special-purpose register begin? Is the (constantly changing) language of the drug addict, for example, a social, functional, or situational variety, and how does it vary by region?” (Hartmann, 1983: 115).

³¹⁶Ao contrário de Hartmann, Sousa não estabelece fronteiras entre marcas de estilo, registo, uso sociolectal ou dialectal, agregando as marcas prescritas por Hartmann – diaevaluativa; diafásica; dialectal; diamedial; diastrática; diatextual – sob a denominação de **marca diaestilística** ou **nível de uso**. Define nível de uso ou marca diaestilística como sendo a marca que indica a forma em que uma palavra ou sintagma se utiliza segundo os diferentes estratos sociais ou segundo a modalidade expressiva derivada do nível sociocultural do falante (familiar, humorístico, pejorativo, dialectal, poético, popular, rústico, vulgar, hipocorístico, hiperbólico, etc.).

regionais, empréstimos, estrangeirismos e termos pouco usados, o espaço dedicado à explicitação das diversas dimensões do uso é bastante reduzido no *Diccionario*, sobretudo em comparação com o *Vocabulario*, que tem uma nomenclatura consideravelmente mais abrangente e abundante em comentários de reflexão metalinguística. Ainda assim, é possível identificar na obra de Fonseca um uso variado de marcadores, com especial prevalência daqueles que associam a entrada a uma determinada especialidade técnica, ciência, actividade ou disciplina.

i) marcadores diacrónicos

A marca diacrónica classifica a unidade léxica de entrada em função da sua vigência cronológica, associando-a a um período particular da história da linguagem. No *Diccionario* podem encontrar-se os seguintes classificadores:

MENTAR. *T. antigo.*

ii) marcadores diaestilísticos

Esta marca afecta a unidade léxica de entrada em função do nível de uso, indicando a forma em que uma palavra ou sintagma se utiliza segundo os diferentes estratos sociais ou de acordo com a modalidade expressiva derivada do nível sociocultural do falante:

AMIGUINHO. *T. de carícia.*
AMORES. *Não se diz senão em máo sentido.*
CACHORRO [...]. *T. de carícia aos meninos.*
CAGAR. *T. indecente, e grosseiro.*
CAMBULHADA. *T. vulgar.*
CARAMBOLA. *T. vulgar.*
CENREIRA. *T. baixo.*
CHACOTA. *T. vulgar.*
ESTELLANTE. *T. Poet.*
PACIENTE. [...] *T. obsceno.*
PANÇA. *T. Burlesco.*
TRAMPA. *T. sordido.*
TUBA. *T. Poet.*
VELIVOLO, LA. *T. Poet.*

iii) marcadores diatópicos

A informação diatópica refere-se à unidade léxica em função do alcance geográfico (lugar onde se expressa):

ALMADIA. *T. da Índia.*

iv) marcadores diatécnicos

A marca diatécnica ou de matéria associa a unidade léxica de entrada a uma ciência, técnica, profissão ou especialidade a que pertence. A seguinte exposição reporta-se à letra C:

CADETE. *T. Milit.*
 CALIGEM. *T. da Medic.*
 CANON da Missa. *T. Eccles.*
 CANONICATO. *T. Eccles.*
 CAPITULAR. *T. Militar.*
 CAPITULAR, adj. *T. dos Religiosos.*
 CARIDADE. *T. Theol.*
 CASTRAMETAÇÃO. *T. Milit.*
 CASTRENSE. *T. Jurídico.*
 CATAPLASMA. *T. de Cirurgia.*
 CAVALLEIRO [...] *T. de Fortificação.*
 CAVIDADE. *T. da Medic.*
 CAUSTICO. *T. da Medic.*
 CAXILHO *T. de Carpinteiro.*
 ÇAFRA. *T. da agricultura.*
 CELEUMA. *T. Nautico.*
 CENSURAR. *T. Eccles.*
 CEROFERARIO. *T. Eccles.*
 CERRAÇÃO. *T. da Medic.*
 CERRAR. *T. da Medic.*
 CEVADEIRA. *T. da Marinha.*
 CHIRAGA. *T. da Medic.*
 CHOQUE. *T. Milit.*
 CHUSMA. *T. Marit.*
 CITATORRIO, RIA. *T. Forense.*
 CIVEL. *T. Legal.*
 CLARO. *T. da Pintura* [...] *T. Milit.*
 CLIMA. *T. de Geografia.*
 COARTADA. *T. Forense.*
 COLLECTA. [...] *T. Eccles.*
 COLLECTIVAMENTE. *T. Filosofo.*
 COLLECTIVO, VA. *T. da Grammat.*
 COLUMNA. [...] *T. de guerra.*
 COMBOY. [...] *T. Marit.*
 COMMINAÇÃO. *T. Judicial.*
 COMMINATORIO, RIA. *T. Forense.*
 COMISSARIO. [...] *T. Mercantil.*
 COMMODATO. *T. Forense.*
 COMPARATIVO. *T. de Grammat.*
 COMPARECER. *T. Forense.*
 COMPASSO. [...] *T. da Musica.*
 COMPOSITOR [...] *T. da Impressão*
 CONCORDÂNCIA [...] *T. de Grammat.*
 CONCORDATA. *T. politico.*
 CONFIRMAÇÃO [...] *T. Eccles.*

CONFORTAR. *T. de Medic.*
 CONICO, CA. *T. Geometr.*
 CONJUGAÇÃO. *T. da Grammat.*
 CONJUNCTIVO, VA. *T. da Grammat.*
 CONJURAÇÃO. *T. Eccles.*
 CONSEQUENTE. *T. da Logica.*
 CONSISTORIO. *T. da Cúria Romana.*
 CONSTIPAÇÃO. *T. da Medic.*
 CONSTITUENTE. *T. Forense.*
 CONSTRINGIR. *T. da Medic.*
 CONSTRUCÇÃO. [...] *T. da Grammat.*
 CONSTRUIR. [...] *T. da Grammat.*
 CONSUBSTANCIAL. *T. Eccles.*
 CONTEMPLATIVO, VA. *T. dos Mysticos.*
 CONTINGÊNCIA. *T. da Mathematica.*
 CONTRA ALTO. *T. da Musica.*
 CONTRADITAS. *T. do foro.*
 CONTRAMINA. *T. de guerra.*
 CONTRACARRA. *T. de fortificação.*
 CONVULSIVO, VA. *T. da Medicina.*
 CORPO. [...] *T. de guerra.*
 CORPORAES. *T. da Igreja.*
 CREDIBILIDADE. *T. Dogmatico.*
 CRISE. *T. da Medicina.*
 CUBICO, CA. *T. Geometr.*
 CYLINDRO. *T. Geomet.*

A pesquisa exaustiva que nos permite o *Diciweb* mostra que em comparação com o *Parvum Lexicon*, o *Diccionario* apresenta um número consideravelmente maior de unidades léxicas com marcas a especificar domínios, géneros e usos³¹⁷. Tratando-se de uma prática ensaiada pela primeira vez na lexicografia latino-portuguesa durante a composição do *Parvum Lexicon*, o lexicógrafo não dispunha ainda de um trabalho prévio que lhe permitisse incorporar um conjunto de classificadores no seu dicionário de latim-português. No *Diccionario Portuguez, e Latino* já demonstra uma maior familiaridade na classificação das entradas, patente na incorporação de um maior número de marcas, mas também na tentativa de regularizar a sua aplicação.

Não obstante os esforços levados a cabo até ao presente no sentido de classificar cientificamente os vários tipos de marcas lexicográficas relativas aos diferentes contextos e variantes de uso, a inexistência de uma sistematização rigorosa ainda permanece nos dicionários modernos³¹⁸.

2.2.4. Estrutura e organização das glosas

A concepção moderna de artigo de um dicionário escolar apenas se impôs na prática lexicográfica latino-portuguesa no século XVIII com o *Diccionario Portuguez, e Latino* de Fonseca. No seu trabalho de redigir as glosas, o lexicógrafo concedeu especial atenção não só à organização hierárquica das diversas indicações de sentido, entradas complementares (linguísticas ou enciclopédicas) e fraseologia, mas sobretudo à apresentação tipográfica de todos estes elementos com o intuito de facultar o essencial em glosas concisas, por um lado, e de facilitar a sua leitura, por outro.

³¹⁷ Cf. 3.2.3. da parte I do presente capítulo.

³¹⁸ Cf. Álvaro Sanromán: “Nos dicionários actuais, este tipo de informação parte muitas vezes da intuição do próprio lexicógrafo mais do que de uma classificação produto de uma sistematização rigorosa. [...] a informação que se fornece com estas etiquetas [etiquetas enciclopédico-cognitivas e etiquetas pragmático-contextuais e retóricas] não se encontra em compartimentos estanques e perfeitamente delimitados. Assim, este tipo de informação nem sempre se distingue da própria definição (linguística ou enciclopédica?) ou do que aqui chamamos etiquetagem pragmático-contextual. Por exemplo, a informação que fornecem as etiquetas sobre usos tecnolectais ou dialectais, ou até sobre o uso familiar, popular ou figurado pode ser de tipo pragmático-contextual ou enciclopédico-cognitivo.” (2001: 303).

2.2.4.1. Ordenação das acepções e modernização tipográfica do artigo

O acto de identificar e fixar diferentes acepções, sintagmas, frases feitas e locuções como subentradas de um mesmo lema já tinha sido exercitado no *Vocabulario* de Bluteau. Porém, alguma simetria entre o *Diccionario* e o *Vocabulario* resultará do facto de ambos os lexicógrafos terem recorrido às mesmas fontes, pois, como já verificámos neste trabalho, tudo indica que foi essencialmente da obra de Danet que Fonseca transpôs os vários significados de um lema e respectiva fraseologia, respeitando, inclusive, a sua ordem no texto do artigo³¹⁹.

Obviamente Fonseca não se limitou a copiar do *Dictionnaire François et Latin* as extensas colunas e os longos parágrafos explicativos. A obra francesa, ainda que elaborada sob uma orientação escolar, não correspondia totalmente aos propósitos do lexicógrafo português, que pretendia redigir artigos com extensão suficiente para facilitar a composição em latim utilizando as expressões próprias dos melhores escritores, mas, em simultâneo, concisos e de fácil consulta.

Beneficiária da análise léxico-semântica empreendida ao longo dos séculos XVII e XVIII pelos linguistas e lexicógrafos franceses, a obra de Fonseca apresenta pela primeira vez na lexicografia latino-portuguesa a organização das subentradas num mesmo artigo. Às acepções vulgares e correntes seguem-se as acepções familiares e figuradas, sendo colocadas no final do artigo os empregos proverbiais. Assim expõe o método de organização interna dos vários sentidos:

Sempre se começa pela significação propria, ou diferentes proprias, havendo-as, e se faz de humas a outras distinção com o sinal ¶, e depois se passa ás figuradas mais conhecidas, e importantes. Mas por evitar diferenças de significações metaforicas, metonymicas, allegoricas, e hyperbolicas, etc. não fiz outra separação (por comprehender tudo de huma vez) mais que de S.F., isto he, significação figurada, e S. Moral, isto he, significação moral, a qual muitas vezes se incluye tambem na figurada. As palavras primitivas, ajuntando-se-lhe as definições, como de ordinario fiz, facil fica perceber as das derivadas; porém quando nestas mesmas ha multiplicidade de significados, ou proprios, ou translatos, em attenção á clareza, não deixei de os explicar separadamente³²⁰.

³¹⁹ Cf. 2.2.1.9. do presente capítulo – Traduções do *Grand Dictionnaire François-Latin* de Danet.

³²⁰ Fonseca, *Diccionario Portuguez, e Latino*, Ao Leitor: III.

Estas considerações preambulares à obra apresentam sumariamente o método de hierarquização e classificação dos sentidos mais praticado e em debate pelos gramáticos e lexicógrafos do século XVIII. Ao informar que “sempre se começa pela significação própria”, Fonseca quer dizer que a primeira acepção que nos é apresentada num artigo é a primitiva que encabeça todos os outros sentidos derivados³²¹. Para além desta fórmula de ordenação uma outra já se afirmara: a escolha do sentido geral ou o mais entendido como principal, uma opção da Académie, praticada após esta pelas obras sincrónicas. Todavia, a concepção que Fonseca tinha de dicionário escolar latino implicaria que este concedesse declaradamente mais importância à etimologia e à história das palavras em prejuízo das acepções vulgares e correntes.

Para destacar a ordenação hierárquica dos significados e facilitar a sua leitura, o lexicógrafo teve um grande cuidado na apresentação gráfica dos artigos. Até meados do século XVIII, a apresentação das glosas fora um aspecto descurado tanto na lexicografia francesa como na portuguesa. Com o avanço do século verificar-se-á uma maior preocupação pela organização tipográfica textual. Os lexicógrafos começam a incorporar nas suas técnicas lexicográficas procedimentos que tendem a destacar a análise semântica e os métodos de classificação das palavras³²². A modernidade na estruturação dos artigos do *Diccionario* sobressai também pela sua disposição gráfica, como a seguir se ilustra:

³²¹ Quemada apresenta a distinção entre “significação própria” e “significação figurada” feita pelos gramáticos e lexicógrafos do século XVIII: Les grammairiens du XVIII^e siècle accorderont aux relations entre les *sens propre* et les *sens figurés* une attention toute nouvelle [...] Beauzée declare que “un *Mot* est pris dans le sens propre, lorsque’il est employé pour exciter dans l’esprit l’idée totale que l’usage primitif a eu l’intention de lui faire signifier: et il est pris dans un sens figuré, lorsqu’il presente à l’esprit une autre idée totale à laquelle il n’a rapport que par analogie de celle qui est l’objet du sens propre. Ainsi, le sens propre est antérieur au sens figuré, il en est le fondement [...]”. La hiérarchisation des sens que cet auteur définissait par ailleurs en vain, trouve ici l’application lexicographique la plus directe: “On dit que le mot est employé dans le *sens propre*, comme quand on dit, *le feu brûle, la lumière nous éclaire*; car tous ces mots conservent dans ces phrases leur *signification* primitive sans aucune altération, c’est pourquoi il est dans le *sens propre*. Mais quand un mot est pris dans un autre *sens*, il paroît alors, pour ainsi dire, sous une forme empruntée, sous une figure qui n’est pas sa figure naturelle, c’est à dire celle qu’il a eu d’abord; alors on dit que ce mot est dans un *sens figure* quel que puisse être le nom que l’on donne ensuite à cette figure particulière” (Quemada, 1968: 483).

³²² “Il est toutefois indéniable que des erreurs grossières, fréquentes dans les dictionnaires de la fin du XVII^e et du début du XVIII^e siècle, son imputables aux éditeurs et souvent aux contrefacteurs qui n’accordaient à la présentation des articles aucune importance de principe. [...] l’organisation typographique des articles tendra à souligner les principes d’analyse et de classement adoptés. Lorsque la présentation en séries des adresses et sous-adresses sera abandonnée vers 1780 (ainsi que le format in-folio qui lui était associé depuis plus d’un siècle), les ouvrages chercheront d’autres procédés pour faciliter la lecture des articles. Ce sont, par exemple, les numéros de ordre, introduits par Féraud (1787) [...]; les marques délimitatives, comme les barres introduits par Noël et Chapsal (1826) pour marquer les sens principaux et les dérivés correspondants, souligneront davantage l’organisation en arbre pratiquée plus volontiers par les répertoires nourris des méthodes traditionnelles plus exclusivement logiques” (Quemada, 1968: 492).

CASAL, herdade. Prædium, ii, n. Fundus, i, m. Rus, uris, n. Cic. – pequeno. Prædiolum. Cic. Ruscum, i, n. Gell. Rus breve. Ovid. ¶ Casa do campo. Villa, æ, f. Virg. ¶ Duas cousas de huma mesma especie. Par, aris, n. Cic. Casal de pombo. Par columbarum. Ovid.

CASAMENTO. Matrimonium. Conjugium. Connubium. Cic. Maritale conjugium, ii, n. Col. – feito sem as devidas formalidades. Innuptæ nuptiæ. Cic. Annular, ou dirimir o casamento. Nuptias rumpere. Ovid. Conjugium dirimere. Liv. Matrimonium discutere. Paul. Ict. – promettello. Conjugium promittere. Ovid. Celebrar as escrituras do casamento. Nuptialem pactionem facere. Liv. Pedir alguma moça em casamento. Alicujus connubia petere. Virg. l. conjugium. Ovid. Matrimonio uxorem exigere. Plaut. Puellam aliquam in matrimonium ducere cupere. Cic. – sendo a seu pai. Filiam alicujus uxorem sibi poscere. Plaut. Pertencente ao casamento. Jugalis. Virg. Nuptialis. Cic. Connubialis. Conjugialis. Ovid. Conjugalis, e. Col.

Dicionario Portuguez, e Latino, 1771

Casamento. Conjugium, ij. Connubium, ij. Matrimonium, ij.
Casamento segundo. Bigamia, æ.

Prosodia, 1741

Casal. Fundus, i. Prædium, ij.
Casal de macho, e fema. Copula, æ.

Prosodia, 1741

CASAL, Casál. Huma casa, ou duas numa fazenda: ou casa no campo, e terras

176 CAS

terras de paõ. *Predium, ij. Neut. Cic.*
Casal também se chama huma povoação campestre de poucas casas.

Casal. Cidade capital do Marquesado de Monterrado, em Italia. Chama-se esta Cidade Casal de S. Vaz, para se differenciar de algumas outras Cidades do mesmo nome, como são Casal o grande, no ducado de Modena, & outra, Casal no Principado de Landi. *Casale, i. Neut.* Para mayor distincção se lhe pode acrescentar, *Sancti Evangelii.*

Vocabulario, 1712

CASAMENTO. O Sagrado jugo, & sem causa dirimente indissolúvel vínculo do matrimonio. *Conjugium, ij. Neut. Commutatum, ij. Neut. Cic.*

Casamento desigual. *Vid. Desigual.*

Nos casamentos não se há de attender tanto á igualdade dos bens de hũ

& de outro, como a união dos animos, & a conformidade dos costumes. O mayor dote de huma moça, que casa, he a virtude, & a honestidade. *Non id videndum, conjugium ut bonis bona, at ut ingenium congruat, mores moribus. Probitas, pudorque virginis des optima est. Terent.*

Pedir huma noça em casamento. *Petere alicujus conjugium, ou conjugium petere. Virg. Ovid.*

Fazer casamentos. *Connubia conjugere. Cic.*

Annular hum casamento. *Discutere matrimonium. Paul. Jurisc.*

Empenhar a alguem em hum casamento. *Aliquem in nuptias conjicere. Terent. Vid. Matrimonio.*

Casamento, (quando se falla nas prendas, nobreza, riquezas, ou falta, que dellas tem a pessoa, que há de casar.) Bom casamento he fullano. *Ditissimus est, & dignus, cujus petatur conjugium.*

Casamento. Adagios Portuguezes.

Casamento feito, noivo arrependido.

De Castella, nem vento, nem Casamento.

Casamento da par do lar, compadre la lem do mar.

Não ha Casamento pobre, nem moralha rica.

Vocabulario, 1712

A introdução da marca de parágrafo ¶ a separar as várias significações do lema e o uso do travessão para evitar repetir as mesmas palavras constituem soluções inovadoras que contribuíram bastante para encurtar o livro. As seguintes palavras do autor demonstram naturalmente a sua preocupação com o conteúdo, mas também com a forma:

Como o meu primeiro cuidado foi, que esta Obra sahisse substancialmente abundante, mas não prolixa, procurei muito reduzilla a huma brevidade livre de pobreza, e fugir igualmente da redundancia; e isto tanto na fórma, com que a construi, como no intrinseco da sua mesma essencia. Ajuntar successivamente todas as palavras, e frases pertencentes a um Author, e citallo no fim, pôr immediatos huns a outros os nomes da mesma declinação, e genero, suprir com huma risca (–) os termos que devêrão repetir-se, e assim com facilidade se subentendem, encurtou muito o volume, e o fez mais commodo na figura³²³.

A organização das glosas do *Diccionario* revela as preocupações de cariz didáctico e pedagógico do lexicógrafo, cujo labor se pautou continuamente pelo seu empenho em abreviar os lugares de extensão e em regularizar as colocações dos diferentes sentidos. Tais aperfeiçoamentos facilitariam a consulta, aproximando a obra, nas suas técnicas de redacção, aos dicionários modernos.

³²³ Fonseca, *Diccionario Portuguez, e Latino*, Ao Leitor: IV.

III - Dinâmica lexical no século XVIII e alvares do século XIX: o testemunho dos dicionários de Fonseca

“Uma língua nunca se fixa. O espírito humano está sempre em marcha, ou melhor, em movimento, e a língua com ele. As coisas são assim. Quando o corpo muda, porque não mudaria o traje? (...) Todas as épocas têm as suas ideias próprias, é preciso que elas tenham também palavras próprias para essas ideias. As línguas são como o mar, oscilam continuamente (...). Que fazer? Isso é fatal. É, pois, inútil querer petrificar a instável fisionomia do nosso idioma sob uma forma dada. É em vão que os nossos Josués literários ordenam a língua deter-se; as línguas e o sol jamais se detêm”³²⁴.

A lexicografia bilingue oferece desde a sua origem um precioso manancial de informação, fonte de referência para fixar e actualizar constantemente a nomenclatura do corpus lexical português. Os dicionários bilingues publicados desde o século XVI até ao século XVIII³²⁵ dão testemunho de um processo de alargamento progressivo dos recursos lexicais, em que se observa, por um lado, uma abundante e optada relatinização do vocabulário, especialmente na exercitação da escrita, certamente por influência do convívio com o latim e, por outro lado, um oportuno aportuguesamento da inovação terminológica, em sintonia com as outras línguas europeias que emparceiravam com o português nos dicionários interlinguísticos³²⁶.

A primeira alfabetação do corpus lexical vernáculo composta por cerca de 12 000 entradas – *Dictionarium ex lusitanico in latinum sermonem* (1562) de Jerónimo Cardoso revela a preocupação do autor naturalmente com o enriquecimento do léxico, mas também com a oferta de à significação do vocabulário latino³²⁷, procurando encontrar equivalências vernáculas e evitando o aportuguesamento de centenas de vocábulos sugeridos pela matriz

³²⁴ Hugo, 1827: Prefácio de Cromwell.

³²⁵ Dicionários de português-latim de Jerónimo Cardoso (1562), de Agostinho Barbosa (1611), de Bento Pereira (1647), de Rafael Bluteau (1712/28), de Pedro José da Fonseca (1771), e ainda, entre outros, os dicionários de José Marques de português-francês (1764), de António Vieira Transtagano de português-inglês (1773) e de Joaquim José da Costa e Sá de italiano-português (1773).

³²⁶ Verdelho, 1991.

³²⁷ Verdelho, 1987: 159.

latina. O *Tesouro da língua portuguesa* (Bento Pereira, 1647, publicado juntamente com a *Prosodia* desde 1661), que regista a partir da edição de 1697 mais de 20 000 entradas, ocupa igualmente um lugar de destaque como fonte de referência para o estabelecimento da nomenclatura portuguesa. O autor adita uma multiplicidade de formas totalmente desconhecidas na nomenclatura de Cardoso, geradas quer pelo recurso a processos de derivação não utilizados anteriormente, quer reinvestindo no vernáculo formas originárias latinas³²⁸.

No seguimento da obra de Bento Pereira, os dicionários que a substituíram (*Parvum Lexicon* (1762) e o *Diccionario Portuguez, e Latino* (1771)), aquando da sua proibição por Marquês de Pombal, constituem de igual modo um bom testemunho do “desbloqueamento lexical pela via da relatinização”³²⁹. O trânsito escolar destas obras e a sua permanente solicitação, comprovada pelas várias edições póstumas, bem como a aproximação entre a prosa escrita e o discurso quotidiano, num período a que se assiste a uma certa democratização da escrita e da leitura, são factos que nos levam a crer que a obra de Fonseca oferece um testemunho esclarecedor da disponibilidade, variação e inovação lexicais em finais do século XVIII e ao longo do século XIX.

1. *Parvum Lexicon*

1.1. A tradução do *Vocabula Latini italique*

No estudo referente aos aspectos lexicográficos do *Parvum Lexicon*, mais concretamente à tradução e adaptação das glosas da obra italiana para a língua portuguesa, observámos vários casos em que a passagem das acepções italianas para o português potenciou o alargamento da disponibilidade lexical. Por exemplo, às acepções *engano*, *malícia*, *falta*, *crime*, *perigo*, *dano* facultadas pela *Prosodia* na entrada *Fraus*, dis, Fonseca acrescenta *fraude*, *prejuízo* e *delicto*, traduzidas certamente da glosa italiana *frode*, *pregiudizio*, *delitto*³³⁰.

³²⁸ Verdelho, 1987: 182.

³²⁹ Verdelho, 1987.

³³⁰ Cf. 3.2.2. da parte I do presente capítulo.

A colação entre as glosas dos três dicionários (*Prosodia*, *Parvum Lexicon* e *Vocabula Latini Italique*) comprova a crescente inovação e variação lexical ao longo do século XVIII testemunhada pelo *Parvum Lexicon* e resultante tanto da tradução dos vocábulos italianos para o português como do decalque da entrada latina. Recolhemos alguns exemplos desde Ab- até Ae-:

<i>Parvum Lexicon</i> (1798)	<i>Vocabula Latini</i> (1758)	<i>Prosodia</i> (1741)
Abhorreo, es, <i>abhorrecer, ter horror, aversão, repugnancia. Discordar, ser dissemelhante.</i>	aborrire, odiare, aver in orrore, ed aversione, discordare, esser dissimile, [...]	despresar, fugir, desconcordar, abominar.
<i>Abjectio, onis</i> abjecção, vileza	viltà, basseza, toglimento	o despreso de si
<i>Abjectus, us, deixado, posto de parte. Abjecto, vil, desprezível.</i>	gettato, abassato, negletto, disfatto, vile, basso, dispregevole, abbattuto, rigettato [...]	o que nam guarda as promessas
<i>Abolitus, abolido, extinto, annullado. Occulto, de segredo.</i>	distrutto, consumato, cancellato, abolito	cousa riscada, ou desculpada
<i>Abominandus, a, um, abominavel</i>	abbominevole, abbominabile, detestabile	que se deve amaldiçoar
<i>Abominatus, a, um, que abomina. Abominado.</i>	che abomina, o detesta, o abborrice. Abbominato, detestato, malveduto	cousa amaldiçoada e excomungada
<i>Abominor, aris, abominar, detestar, aborrecer como cousa execranda e de máo agouro.</i>	abbominare, abborrire, detestare, aver in abbominazione	detestar, aborrecer, fugir, amaldiçoar
<i>Abortivus, a, um, abortivo, nascido antes do tempo. Que faz abortar.</i>	abortivo, che fa abortire	cousa movida, ou que causa movito
<i>Aborto, as, abortar.</i>	sconsiarsi, sciparsi, abortare, abortirsi	parir antes do tempo
<i>Abortus, us aborto, movito.</i>	aborto	o movito
<i>Absolutus, a, um, solto, absoluto, acabado, perfeito.</i>	assolto, assoluto, liberato, spedito, compiuto, perfezionato, finito, intero, perfetto, finato.	cousa desatada ou livre do crime ou cousa aperfeiçoada
<i>Absurdus, a, um, absurdo, despropositado, improprio.</i>	sconcio, fuor di proposito, fuor di regola, ridicolo, cattivo, improprio	cousa indigna de se ouvir, malsoante, ou imprópria
<i>Accendo, is, accender, inflammar. Excitar, animar, provocar, estimular.</i>	accendere, infiammare, invogliare, invaghire, istigare, animare, eccitare.	Accender
<i>Acclamatio, onis, pateada, sorriada. Acclamação, aplauso. Brado, grito. Epifonema.</i>	acclamazione, applauso, grido.	o applauso dos que acclamão
<i>Acer, cris, cre, azedo, ardente, feroso. Diligente, forte, violento.</i>	agro, amarim, aspro, duro, crudele, violento, penetrante, vivo, forte, diligente	cousa azeda ou forte
<i>Acidus, a, um, agro, azedo, desagradavel, molesto, mordaz.</i>	acido, inagrito, acetoso, forte, molesto, mordace	cousa azeda

Actus, us, <i>acção, feito. Acto, obra. Acto de comedia, movimento [...]</i>	atto, azione, moto, maneggio, amministrazione, atto di comedia, e tragédia, movimeto.	a obra, ou feito de alguem
Acumen, is, <i>ponta de qualquer cousa. Astucia, viveza, sagacidade, subtiliza.</i>	neutrezza, sottiglieza, acume, astuzia	a ponta de ferro aguda ou agudeza do engenho
Acutus, a, um, <i>agudo, engenhoso, subtil, penetrante, vehemente</i>	acuto, aguzzo, penetrante, chiaro, sottile, affilato, pungente, aguzzato	cousa de ferro aguda: tem outras significações metaphoricas
Adjudico, as, <i>attribuir, adjudicar, dar por sentença. Determinar, resolver.</i>	attribuire, aggiudicare, assegnar per sentença, determinare,	dar alguma cousa por sentença
Adjutorium, ii, <i>socorro, ajuda, auxilio, adjutorio</i>	aiutorio, ajuto, soccorso, assistenza	a ajuda, socorro
Administratio, onis <i>administração.</i>	amministrazione, governo, condotta, maneggio	o governo, manejo
Administrator, oris, <i>administrador, o que dispõe.</i>	amministratore, governatore, rettore	o que governa, dispõem
Administro, as, <i>fazer alguma cousa por servir a outro. Administrar, governar.</i>	ministrare, amministrare, reggere, governare, somministrare, procurare, fare	governar, ou servir a outro
Admirabilis, le, <i>Admiravel, maravilhoso.</i>	ammirabile, mirabile, degno di maraviglia, ed ammirazione, miracoloso	cousa digna de espâto
Admirabilitas, atis, <i>admirabilidade, excellencia de alguma cousa, com que admira.</i>	lo stesso, che admiratio	a admiração
Admirator, oris, <i>admirador.</i>	Ammiratore	o que se admira
Admitto, is, <i>admittir, introduzir commeter.</i>	acettare, ricevere, ammettere, mandare, introdurre, dar l'entrata, commetere	receber, deixar entrar ou commeter crime
Adolescentia, ae, <i>adolescencia, mocidade .</i>	adolescenza, giovinezza	a mocidade, que vai crescendo dos 14 até aos 25 anos ou 30 anos
Adoptio, onis, <i>adopção, perfilhamento.</i>	adottazione, innestamento	o perfilhamento
Adoptivus, a, um, <i>adoptivo, perfilhado, adoptado.</i>	Adottivo	cousa adoptada ou perfilhada
Adopto, as, are, <i>adoptar, perfilhar, escolher.</i>	adottare, eleggere, scegliere	Perfilhar
Adventitius, a, um, <i>adventicio, que vem de fora.</i>	venuto d'altronde, avventicio	cousa que vem de fora: fortuita e inesperada
Aemulatio, onis, <i>emulação, competencia, inveja, ciume.</i>	Emulazione	a competencia, ou inveja
Aenigma, atis, <i>enigma, adivinhação.</i>	enigma, allegoria, sentenza oscura, e difficile da spiegarsi, indovinello	alegoria escura , ou sentença ou questão difficil de entender
Aequinoctium, ii, <i>equinoccio. Igualdade dos dias e das noites.</i>	Equinozio	igualdade da noite com o dia
Aequitas, atis, <i>igualdade, equidade, justiça.</i>	equità, candidezza d'animo, rettitudine	a igualdade

A análise deste quadro demonstra que uma boa parte dos vocábulos sugeridos pela matriz latina que tinham causado a perplexidade de Bento Pereira foram reinvestidos no vernáculo por Fonseca: *abjecção, abjecto, abolido, abominar, aborto, absoluto, absurdo, aclamação, acto, agudo, adjudicar, adjutorio, administração, administrar, admiravel, admirabilidade, admirador, admittir, adolescencia, adopção, adoptivo, adoptar, adventicio, emulação, enigma, equinócio, equidade*. Deste conjunto, apenas não estavam na nomenclatura de Bluteau: *abjecção, abjecto, abolido, aborto, administrar, admirabilidade*.

Para além deste impulso de criatividade lexical pela via da relatinização, revelou-se particularmente marcante no acréscimo da disponibilidade de novos mosaicos semânticos a tradução dos vocábulos italianos para o português.

Os dicionários de latim-português anteriores ao de Fonseca, nomeadamente a *Prosodia*, apresentavam glosas mais pobres, precipuamente no que diz respeito à exploração dos valores metafóricos dos vocábulos. A tradução do dicionário italiano potenciou a redacção de artigos mais desenvolvidos que apresentam os valores extensivos e intensivos dos termos. A *Prosodia* limitava-se a apresentar na maioria dos seus artigos aquela significação que os lexicógrafos setecentistas denominavam de “significação própria”, calando, amiúde os significados figurados dos termos. A título de exemplo, para a unidade lexical *Acutus, a, um* apenas é dada a significação *Cousa de ferro aguda* seguida da nota *tem outras significações metafóricas*, não descrevendo, contudo, as diversas figuras e tropos representáveis pela unidade lexical.

Trata-se de uma prática comum do lexicógrafo que acentuará descomunalmente o desfasamento entre a *Prosodia* e o *Parvum Lexicon* no que diz respeito ao estudo e oferta do conjunto dos significados e limites da sua extensão.

A análise da amostra sustenta a percepção de que a maior parte das glosas do *Parvum Lexicon* triplicou o acesso à significação dos lexemas resultando uma verdadeira explosão de variedade lexical. Trata-se indubitavelmente de um aproveitamento do estudo das relações semânticas que Pasini já havia empreendido no seu dicionário. Salvo apenas alguns casos, Fonseca também segue muito de perto a organização hierárquica dos diversos significados registados no *Vocabula Latini*. Transcrevemos do quadro apenas alguns exemplos do que acabamos de referir:

Abhorreo, es *aborrecer, ter horror, aversão, repugnancia. Discordar, ser dissemelhante* trasladado da obra italiana *aborrere, odiare, aver in orrore, ed aversione, discordare, esser dissimile, [...]*.

Acidus, a, um *agro, azedo, desagradavel, molesto, mordaz* trasladado da obra italiana *acido, inagrito, acetoso, forte, molesto, mordace*.

Adjudico, as *atribuir, adjudicar, dar por sentença, determinar* trasladado da obra italiana *attribuire, aggiudicare, assegnar per sentenza, determinare*.

2. *Diccionario Portuguez, e Latino*

A nomenclatura da edição de 1771 dá conta de um corpus lexical português considerável³³¹ e reúne um número abundante de termos que Bluteau não dicionarizara. Já observáramos, a propósito da incorporação de novos termos, que alguns deles correspondiam a formas decalcadas das latinas e dicionarizadas pela primeira vez na lexicografia portuguesa: *Abjecção, Abjectamente, Abjecto, Abismado, Abolir*³³². Outras foram formadas a partir dos processos de derivação, como nos elucida o levantamento da letra I, que regista muitos advérbios formados a partir do sufixo *–mente*: *illimitado, immerso, immisericordioso, immudavelmente, impedernido, impetuosidade, ímpio, implacável, improvisador, improvisar, imputação, incivil, incivilidade, incivilmente, incognitamente, incompreensivelmente, incontestavel, incontestavelmente, incontinentemente, incumbência, indemnidade, indemnizar, indiscriminadamente, individualmente, indizivelmente, indolencia, indolente, insaturavelmente, insignemente, insofrivelmente, insolentemente, insulso, insupportavelmente, intendente, intensamente, irreverentemente*.

³³¹ Já demos conta do número de entradas que reúne esta obra (Cf. 2.1.1. da parte II do presente capítulo).

³³² Cf. 2.1.2. da parte II do presente capítulo.

2.1. Actualização da nomenclatura ao longo das várias edições

O conjunto de entradas da edição *princeps* foi alvo de actualização em algumas edições subsequentes, tal como podemos observar na tabela seguinte, que põe em confronto as nove edições, desde 1771 até 1879. Seleccionados ao acaso os segmentos Fla- e Flog- , procedeu-se a uma recolha das entradas compreendidas entre os mesmos e ao cotejo entre elas nas várias edições. Assinalam-se, entre parênteses, o número de entradas nessas sequências por cada edição.

1879 (89 formas)	1872 (73 formas)	1861 (73 formas)	1852 (67 formas)	1839 (67 formas)	1823/1815/1791 (37 formas)	1771 (37 formas)
FLACCIDEZ FLACCIDO FLAGELLAÇÃO FLAGELLAR FLAGELLO FLAGICIO FLAGICIOSO FLAGRANCIA FLAGRANTE FLAMINE FLAMMA FLAMANCIA FLAMMANTE FLAMMANTE FLAMMEJAR FLAMMULA FLANCO FLANELA FLANQUEAR FLATO FLATULENCIA FLATULENTO FLAUTA FLAUTADO FLAUTEIRO FLAVO FLEGMA FLEIMÃO FLEUMA FLEUMATICO FLEXIBILIDADE FLEXIL FLEXIVEL FLEXUOSO FLEXURA	FLACCIDEZ FLACCIDO FLAGELLAÇÃO FLAGELLAR FLAGELLO FLAGICIO FLAGICIOSO FLAGRANTE FLAMMA FLAMMANTE FLAMMULA FLANCO FLANELA FLANQUEAR FLATO FLATULENTO FLAUTA FLAUTADO FLAUTEIRO FLEGMA FLEIMÃO FLEUMA FLEUMATICO FLEXIBILIDADE FLEXIVEL FLEXUOSO FLEXURA	FLACCIDEZ FLACCIDO FLAGELLAÇÃO FLAGELLAR FLAGELLO FLAGICIO FLAGICIOSO FLAGRANTE FLAMMA FLAMMANTE FLAMMULA FLANCO FLANELA FLANQUEAR FLATO FLATULENTO FLAUTA FLAUTADO FLAUTEIRO FLEGMA FLEIMÃO FLEUMA FLEUMATICO FLEXIBILIDADE FLEXIVEL FLEXUOSO FLEXURA	FLACCIDEZ FLACCIDO FLAGELLAÇÃO FLAGELLAR FLAGELLO FLAGICIO FLAGICIOSO FLAMMA FLAMMANTE FLAMMULA FLANCO FLANELA FLANQUEAR FLATO FLATULENTO FLEGMA FLEIMÃO FLEXIBILIDADE FLEXIVEL FLEXUOSO FLEXURA	FLACCIDEZ FLACCIDO FLAGELLAÇÃO FLAGELLAR FLAGELLO FLAGICIO FLAGICIOSO FLAMMA FLAMMANTE FLAMMULA FLANCO FLANELA FLANQUEAR FLATO FLATULENTO FLEGMA FLEIMÃO FLEXIBILIDADE FLEXIVEL FLEXUOSO FLEXURA	FLAGELLAR FLAGELLO FLAMA FLAMANTE FLATO FLATULENTO FLEGMA FLEXIVEL FLEXUOSO FLEXURA	FLAGELLAR FLAGELLO FLAMA FLAMANTE FLATO FLATULENTO FLEGMA FLEXIVEL FLEXUOSO FLEXUR

IV. O lexicógrafo – dinâmica lexical nos seus dicionários

FLOCADO FLOCCO FLOR FLORÃO FLOREAR FLORECER FLORENTE FLORÊO FLÓREO FLORESCENCIA FLORESCENTE FLORESTA FLORESTAL FLORETE FLÓRIDO FLORIDO FLORISTA FLOTILHA FLOXO FLUCTUAÇÃO FLUCTUANTE FLUCTUAR FLUCTUOSO FLUENTE FLUIDEZ FLUIDO FLUVIAL FLUXÃO FLUXIBILIDADE FLUXIVEL FLUXO FOÃO FOCA FOÇADO FOÇAR FOCINHADA	FLOCCO FLOR FLORÃO FLOREAR FLORECER FLORENTE FLÓREO FLORESTA FLÓRIDO FLORIDO FLORISTA FLOXO FLUCTUAÇÃO FLUCTUANTE FLUCTUAR FLUCTUOSO FLUENTE FLUIDEZ FLUIDO FLUVIAL FLUXÃO FLUXIBILIDADE FLUXO FOÃO FOCA FOÇADO FOÇAR FOCINHADA	FLOCCO FLOR FLORÃO FLOREAR FLORECER FLORENTE FLÓREO FLORESTA FLÓRIDO FLORIDO FLORISTA FLOXO FLUCTUAÇÃO FLUCTUANTE FLUCTUAR FLUCTUOSO FLUENTE FLUIDEZ FLUIDO FLUVIAL FLUXÃO FLUXIBILIDADE FLUXO FOÃO FOCA FOÇADO FOÇAR FOCINHADA	FLOCCO FLOR FLORÃO FLOREAR FLORECER FLORENTE FLÓREO FLORESTA FLÓRIDO FLORIDO FLORISTA FLOXO FLUCTUAÇÃO FLUCTUANTE FLUCTUAR FLUCTUOSO FLUENTE FLUIDEZ FLUIDO FLUVIAL FLUXÃO FLUXIBILIDADE FLUXO FOÃO FOCA FOÇADO FOÇAR FOCINHADA	FLOCCO FLOR FLORÃO FLOREAR FLORECER FLORENTE FLÓREO FLORESTA FLÓRIDO FLORIDO FLORISTA FLOXO FLUCTUAÇÃO FLUCTUANTE FLUCTUAR FLUCTUOSO FLUENTE FLUIDEZ FLUIDO FLUVIAL FLUXÃO FLUXIBILIDADE FLUXO FOÃO FOCA FOÇADO FOÇAR FOCINHADA	FLOR FLOREAR FLORECER FLORENTE FLORESTA FLORIDO FLOXO FLUCTUANTE FLUCTUAR FLUIDO FLUXÃO FLUXO FOÃO FOÇADO FOÇAR	FLOR FLOREAR FLORECER FLORENTE FLORESTA FLORIDO FLOXO FLUCTUANTE FLUCTUAR FLUIDO FLUXÃO FLUXO FOÃO FOÇADO FOÇAR
--	--	--	--	--	---	---

<p> FOCINHAR FOCINHEIRA FOCINHO FOCINHUDO FOCO FOFICE FOFO FOGAÇA FOGAGEM FOGÃO FOGAREIRO FOGIR FOGO FOGOSAMENTE FOGOSO FOGUEIRA FOGUETE FOGUETEIRO </p>	<p> FOCINHEIRA FOCINHO FOCINHUDO FOCO FOFICE FOFO FOGAÇA FOGAGEM FOGÃO FOGAREIRO FOGIR FOGO FOGOSAMENTE FOGOSO FOGUEIRA FOGUETE FOGUETEIRO </p>	<p> FOCINHEIRA FOCINHO FOCINHUDO FOCO FOFICE FOFO FOGAÇA FOGAGEM FOGÃO FOGAREIRO FOGIR FOGO FOGOSAMENTE FOGOSO FOGUEIRA FOGUETE FOGUETE FOGUETEIRO </p>	<p> FOCINHEIRA FOCINHO FOCINHUDO FOCO FOFICE FOFO FOGAÇA FOGAGEM FOGÃO FOGAREIRO FOGIR FOGO FOGOSAMENTE FOGOSO FOGUEIRA FOGUETE FOGUETE FOGUETEIRO </p>	<p> FOCINHEIRA FOCINHO FOCINHUDO FOCO FOFICE FOFO FOGAÇA FOGAGEM FOGÃO FOGAREIRO FOGIR FOGO FOGOSAMENTE FOGOSO FOGUEIRA FOGUETE FOGUETE FOGUETEIRO </p>	<p> FOCINHO FOCINHUDO FOFICE FOFO FOGAÇA FOGAGEM FOGÃO FOGAREIRO FOGIR FOGO FOGUEIRA FOGUETE </p>	<p> FOCINHO FOCINHUDO FOFICE FOFO FOGAÇA FOGAGEM FOGÃO FOGAREIRO FOGIR FOGO FOGUEIRA FOGUETE </p>
---	---	--	--	--	--	--

A análise dos dados demonstra que a edição *princeps* (1771) foi objecto de uma primeira actualização ampliadora apenas em 1839 (quinta edição), pois as nomenclaturas das edições de 1791, 1815 e 1823 permaneceram inalteradas. Assinalam-se revistas e actualizadas as edições de 1839, 1861 e 1879, uma vez que as edições de 1852 e de 1872³³³ não inovaram relativamente às antecedentes. A edição de 1839 foi aquela em que se observou um aumento de entradas mais significativo. Ao total de 21.000 entradas contabilizadas em 1771 foram acrescentadas, segundo a advertência dos editores da 5ª edição, mais 4000 novas entradas em 1839.

Considerando estes factos, coligimos todas as entradas que enriqueceram a edição de 1839 nas letras A-, D- e I-³³⁴ com o propósito de avaliar, entre outros aspectos, a representação da produtividade de cada processo de formação de palavras e o resultado da interacção do português com as outras línguas praticado nos dicionários bilingues.

Após uma análise do processo de formação das entradas acrescentadas à edição de 1839, concretamente no concernente às letras A-, D- e I-, apresentamos, no gráfico 1, os mecanismos de que a língua se serviu para criar novas unidades lexicais.

³³³ No conjunto dos textos prefaciais da oitava edição, a de 1872, é digno de menção o prólogo, por ser o único, no total das edições, agregado ao prólogo da 1ª edição e com considerações sobre a reforma lexical. Nele se esclarece que a revisão e aumento dos vocábulos desta edição havia ficado na 17ª folha (isto é, até à página 136), pois “A epoca da abertura das escolas estava proxima [...] era indispensavel parar, e reimprimir o Diccionario na sua fôrma e redacção anterior. O revisor recebeu, pois, ordem de suster o seu trabalho” (*Diccionario*, 1872), daí que no grupo de entradas confrontadas não haja nenhuma diferença relativamente à edição anterior, a de 1861.

³³⁴ Aqui neste espaço apenas faremos referência, a título de exemplo, a alguns vocábulos, visto que apresentaremos essa lista em apêndice (cf. anexo 10).

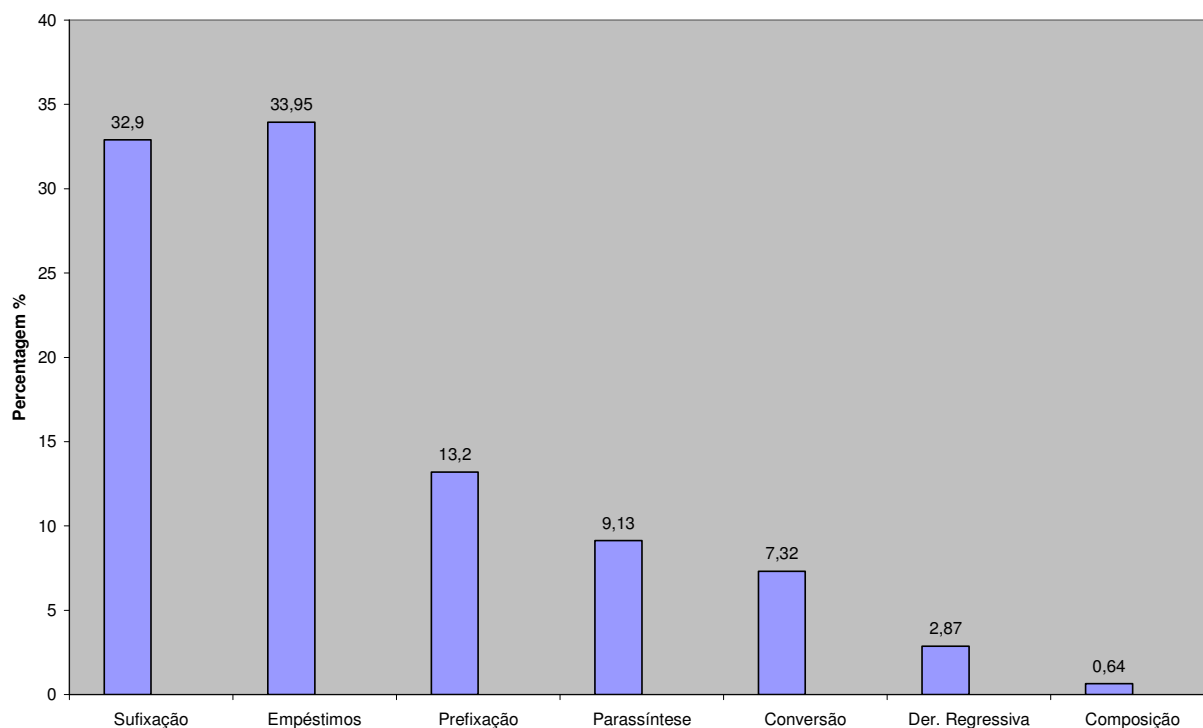


Gráfico 1- Representação da produtividade de cada processo de formação de palavras acrescentadas ao *Dicionário* (1839) nas letras A-, D-, e I-.

Uma primeira leitura dos dados analisados permite constatar que a derivação (sufixação, prefixação, parassíntese, conversão e derivação regressiva) constituiu o processo mais produtivo na construção de novos itens, representando, no total, 65%. Este mecanismo ganhou especial preponderância na criação de novos vocábulos a partir da segunda década do século XIX, constituindo actualmente o processo de formação de palavras mais fecundo, não só na língua portuguesa, como em todas as línguas românicas³³⁵.

Especial destaque ocupam, de igual modo, os empréstimos, que representam cerca de 34% das entradas, das quais 26% são preenchidas por formas directamente importadas do latim³³⁶ e 8% do grego, árabe, francês, castelhano e italiano. Podemos interpretar esta abstracção numérica como uma continuidade, no século XIX, das reflexões sobre o purismo da língua portuguesa, que tiveram o seu berço em finais do século XVII e o seu

³³⁵ Correia, 2005: 24.

³³⁶ Como é, aliás, sabido, a fecundidade da derivação não mais é do que um resultado da transferência dos modelos de formação de palavras latinas para o português.

ponto culminante no último quartel do século XVIII, preconizando que “na adopção de vocabulos modernos e estrangeiros se guarde sempre aquella judiciosa economia, que a Critica recommenda, por quanto como bem nos assegura o eloquentissimo Padre Antonio Vieira, só os mendigão de outras lingoas, os que são pobres de cabedaes da nossa, tão rica e bem dotada, como filha primogenita da Latina”³³⁷.

O cotejo entre as nomenclaturas do *Diccionario Portuguez, e Latino* (1839) e do *Vocabulario* (1712/28), nomeadamente nas letras A-, D- e I, revela que num conjunto de 934 lemas agregados à 5ª edição da obra de Fonseca, 460 já constavam na obra do padre teatino, ou seja 49% das unidades lexicais³³⁸. A observação dos mecanismos de construção dessas unidades lexicais evidencia a predominância do recurso aos empréstimos latinos, em detrimento das soluções derivacionais. Numerosas formas, tais como *abstemio*, *agglutinar*, *agnaticio*, *agrario*, *agricola*, *alacridade*, *aspersorio*, *aureola*, *aurora*, *auspicar*, *debito*, *decimal*, *decremento*, *decretorio*, *defecar*, *deificar*, *delubro*, *demover*, *denario*, *denominador*, *derelecto*, *dilecção*, *directivo*, *disjunctivo*, *disparar*, *dissentir*, *dissidente*, *dissonar*, *divisor*, *diurno*, *doloso*, *igneo*, *ignifero*, *iliaco*, *illação*, *illudir*, *immanente*, *immanidade*, *immarcescivel*, *immersão*, *imminencia*, *immobilidade*, *immolação*, *immolador*, *immune*, *impacto*, *impalpavel*, *impar*, *impassibilidade*, *imperante*, *imperturbavel*, *incolume*, *incolumidade*, *inconsulto*, *indisciplina*, *internuncio*, *intonso*, *invio*, *invito*, *itinerario* foram directamente transferidas do latim para o português, dicionarizadas, pela primeira vez, no *Vocabulario* de Bluteau (como nos prova o cotejo com as obras lexicográficas antecedentes – Cardoso 1569, Barbosa 1611, Bento Pereira 1697) e recuperadas pelos lexicógrafos posteriores – José Marques, António Transtagano, Morais, Constâncio, entre outros, nomeadamente a 5ª edição do *Diccionario Portuguez, e Latino* de Pedro José da Fonseca (1839).

Para além dos latinismos, que constituem, sem dúvida, o principal factor de enriquecimento lexical português, particularmente nos séculos XVII e XVIII, importa, ainda, referir os legados grego, árabe, castelhano, italiano e francês.

Dos vocábulos gregos recolhidos da edição de 1839, *agápes*, *aloe*, *amaurosis*, *antilogia*, *antraz*, *apocalypse*, *apoteose*, *didactica*, *dragontea*, *dulia*, todos eles, à excepção de *agápes*, *amaurosis*, *antilogia*, e *didactica* já figuravam no *Vocabulario*. Na lista dos que

³³⁷ *Diccionario da Lingoa Portuguesa*, 1993 (1793).

³³⁸ Apresentamos, em apêndice, a lista das formas lematizadas na edição do *Diccionario Portuguez, e Latino* (1839) que não integram a nomenclatura do *Vocabulario* (cf. anexo 11).

foram emprestados do grego por intermédio do latim, como é o caso de, *agonistarcha*, *aneurisma*, *amygdalas*, *anomalía*, *antiphrase*, *anthitese*, *antonomasia*, *asbesto*, *automato*, *diabetes*, *diafragma*, *diapásão*, *disco*, *discolo*, *dogmatista* e *ischuria*, apenas *agonistarcha* e *antiphrase* constituem novidade no dicionário de Fonseca.

De igual modo, a maior percentagem de registo de arabismos confirma-se no *Vocabulario*. Assim, das formas assinaladas no *Diccionario Portuguez, e Latino* (1839) como termo novo – *alarmar*, *alambel*, *alambra*, *alfarrabio*, *alforreca*, *alidadade*, *almacega*, *almanjarra*, *almice*, *almiscar*, *almondega*, *anta* e *atauxia* – apenas duas (*alfarrabio* e *alidadade*) não faziam parte da obra de Bluteau. São, igualmente, novidade na obra de Fonseca os lemas formados a partir da matriz árabe: *alfandegar* <*alfandega*, *alambicar* <*alambique* e *amesquinhar* <*mesquinho*.

Dos empréstimos castelhanos, franceses e italianos anotam-se: *alazão*, *alperce*, *ampolheta*, *anchova*, *aprendiza*, *arriar*, *astilha*, *deslizar*, *donzel*, *impar* (castelhano); *anspeçada*, *assafetida*, *atrabile*, *avenida*, *deão*, *droguete*, *dunas* (francês); e *pérola* > *aperolado*, *dataria* (italiano). Excluindo as unidades lexicais *astilha* e *aprendiza*, Bluteau já havia incorporado todas as outras na sua obra.

Ponderando que 87% da nomenclatura do *Vocabulario* recuperada na actualização do *Diccionario Portuguez, e Latino* (1839) procede de empréstimos, na sua maior parte latinos, e que 74% dos termos novos assinalados, não atestados em Bluteau, provêm do desenvolvimento da criatividade lexical ‘autóctone’, quer dizer, da capacidade que a língua tem para se renovar e gerar novas palavras, recorrendo às suas próprias regras, podemos concluir que a partir do segundo quartel do século XIX se verifica um decréscimo da inovação latinizante e uma crescente exploração dos paradigmas derivacionais.

Outro aspecto digno de menção, por ter sido particularmente significativo, foi o registo de termos científicos motivado pelo confronto com as línguas modernas, nomeadamente a francesa e a inglesa. Pode citar-se, a este propósito, como bons exemplos, o *Dictionary of the Portuguese and English Languages, in two parts* e o *Nouveau Dictionnaire François-Portugais*. As páginas prefaciais destas obras, “*To the Reader*” e “*Aviso dos Editores*”, dão uma esclarecedora indicação sobre o contacto com a linguagem terminológica e a sua possível transferência para o português:

[...] in the execution of which I endeavoured:[...] to insert a considerable number of technical words. [...] the reader will find inserted in their proper places all that words that have crept into the

Portuguese language from the conquests of that nation and its commerce upon the coasts of Africa, Asia, and America [...] ³³⁹.

Houve hum vigilantissimo cuidado de se lhe accrescentarem todos os termos technicos, e facultativos das Sciencias, e das Artes; &c. Os Anatomicos, Botanicos, Physicos, Jurisconsultos, Theologos; &c. acharão nelle se não tudo, ao menos quasi tudo, o que respeita as suas Faculdades ³⁴⁰.

A título de exemplo, o confronto deste *Nouveau Dictionnaire François-Portugais* (1784) com o *Diccionario Portuguez, e Latino* (1839) nas letras A-, D-, e I-, indicia a eventual transferência para o português dos seguintes termos científicos: *Aberração* (T. de Astr.), *Amaurosis* (T. de Med.), *Amputação* (T. de Cir.), *Amputar* (T. de Cir.), *Atomismo* (T. Phil.), *Atomista*, *Decretista*, *Deprecativo* (T. Theol.), *Detersivo* (T. de Med.), *Devolutivo* (T. de Dir.), *Dilatorio* (T. For.), *Diphthongo* (T. de Gram.), *Divergencia* (T. Geom.), *Divisibilidade* (T. Didact.). Desta lista, apenas os termos *Detersivo* e *Diphthongo* figuram na nomenclatura de Bluteau.

Posto em confronto o grupo dos lemas inventariados nas letras A-, D- e I- com as nomenclaturas dos dicionários anteriores ³⁴¹, concluímos que a actualização da nomenclatura do *Diccionario* (1839) se processou através da recuperação da nomenclatura dos dicionários bilingues e monolingues entretanto publicados ³⁴².

O estudo de todo o processo de revisão e alargamento do léxico nos dicionários de Fonseca ao longo das várias edições e a colação com a lexicografia anterior, leva a rematar, com Telmo Verdelho, que no decurso evolutivo da inovação e criatividade do léxico português, “uma parte importante das formas originárias latinas foram reinvestidas no vernáculo e dicionarizadas do lado português, na sua maior parte, até ao final do século XVIII” ³⁴³, verificando-se, a partir de inícios do século XIX um decréscimo da inovação

³³⁹ *Dictionary of the Portuguese and English Languages*, 1773.

³⁴⁰ *Nouveau Dictionnaire François-Portugais*, 1784.

³⁴¹ *Vocabulário portuguez e latino* de Bluteau (1712/27), *Thesouro da lingua portuguesa* de Bento Pereira (1741); *Novo dicionario das linguas portugueza e franceza* de José Marques (1764); *A dictionary of the portuguese and english languages, in two parts, portuguese and english and portuguese* de António Transtano (1773); *Nouveau dictionnaire françois-portugais* de Joaquim José da Costa e Sá (1784); *Diccionario da lingua portugueza* de António de Morais Silva (1831); e *Novo Diccionario Critico e Etymologico da Lingua Portugueza* de Solano Constancio (1836).

³⁴² Em termos percentuais, somente 2,5% das entradas dicionarizadas em Fonseca não estão registadas nas obras cotejadas: *allucinadamente*, *aloetico*, *ancolia*, *apainelamento*, *archipirata*, *aviltção*, *illegal*, *impavidamente*, *impetravel*, *inadmissivel*, *inalteravelmente*, *inapplicação*, *incomplexo*, *incuriosidade*, *infatuação*, *inflexivelmente*, *inflicção*, *inoculação*, *inoculador*, *inocular*, *insensitivo*, *insomnia*, *interlunar*, *intuição*.

³⁴³ Verdelho, 1987: 183.

latinizante e um aumento da exploração dos paradigmas derivacionais – sufixação, prefixação, parassíntese, conversão e derivação regressiva.

IV - *Diccionario Abbreviado da Fabula* (1779)

1. Percurso da lexicografia onomástica

1.1. Dicionários onomásticos quinhentistas

A redescoberta e revalorização das referências culturais da antiguidade clássica, desde os alvares do século XIV, originaram uma série de dicionários quinhentistas de nomes próprios que oferecem toda a erudição respeitante à cultura antiga e coeva através de um alargado âmbito da nomenclatura que incorpora nomes de pessoas, lugares, factos históricos e culturais, com particular destaque para o vocabulário da mitologia.

Num estudo a propósito da lexicografia histórico-literária³⁴⁴, Telmo Verdelho dá notícia desse conjunto lexicográfico onomástico do século XVI produzido na Europa e da sua divulgação e repercussão linguística em Portugal. Destacam-se, entre outros, os nomes de Torrentinus (1450-1520), Facciolati, Nebrija (1444-1522), Estienne (1503-1559), Gesner (1516-1555) e Bellere.

O *Elucidarius* de Hermannus Torrentinus, que teve na Europa mais de cinquenta edições, constituiu o texto base dos dicionários humanistas de nomes próprios, nomeadamente do *Dictionarium historicum ac poeticum* de Robert Estienne e das obras de Nebrija, Bellere e Stockammer.

Estes dicionários de referência, fundamentais para apoiar a escrita humanista, terão servido de fonte para textos importantes da literatura portuguesa e, deste modo, transportado para o nosso universo cultural e linguístico um acervo considerável de antropónimos, topónimos, etnónimos e mitónimos da cultura greco-latina. Efectivamente, abundam os testemunhos da sua utilização em textos portugueses do século XVI e, em especial, nos dicionários de Cardoso e de Bento Pereira. Para além da menção desses textos nas listas bibliográficas destas obras portuguesas, a abundante terminologia poética

³⁴⁴ Verdelho, 1995: 279-311.

do dicionário latim-português de Cardoso e o avultado aparato paremiológico da *Prosodia* de Pereira revelam que tal universo lexicográfico foi amplamente recebido em Portugal.

O reflexo mais evidente da influência da lexicografia onomástica europeia em Portugal é a elaboração do primeiro e principal dicionário de nomes próprios, integrado no mesmo volume do conjunto lexicográfico de Jerónimo Cardoso e publicado sob a autoria de Sebastião Stockammer em 1569/70³⁴⁵. Segundo Telmo Verdelho, “Stockammer transcreve, ao pé da letra, a maior parte dos artigos de uma das muitas edições do *Elucidário Poético* de Torrentino, e ainda alguns artigos da obra de Gesner compilada sobre o *Calepino*, e dos dicionários onomásticos coligidos por Robert Estienne”³⁴⁶.

Depois desta obra publicar-se-iam no século XVII os dicionários de nomes próprios de Agostinho Barbosa³⁴⁷ e de Frei Pedro Poiares³⁴⁸. Todavia, o facto de a informação contida nestas obras ser exclusivamente toponímica fez com que o *Dictionarium de propriis nominibus*³⁴⁹ de Stockammer fosse a principal fonte de informação geográfica, histórica, mitológica e literária no nosso meio escolar e cultural e, consequentemente, o dicionário referencial mais reproduzido em Portugal ao longo dos séculos XVI e XVII.

³⁴⁵ *Dictionarium latinolusitanicum & vice versa lusitanicolatinum cum adagiorum fere omnium iuxta seriem alphabeticam perutili expositione ecclesiasticorum etiam vocabulorum interpretatione... / noue omnia per Hieronymum Cardosum Lusitanum congesta; recognita vero omnia per Sebast. Stockhamerum Germanum. Qui libellum etiam de propriis nominibus regionum populorum, illustrium virorum fluiorum, montium, ac aliorum complurium nominum & rerum scitu dignarum, historiis & fabulis poeticis refertum, in vsum & gratiam Lusitanicae pubis concinnauit & ex integro adiecit.*

³⁴⁶ Verdelho, 1995: 433.

³⁴⁷ *Dictionarium aliquarum regionum, civitatum, oppidorum, fluiorum, montium, & locorum, quibus veteres uti solebant, ex probatis Auctoribus collectum*, aparece apenso ao *Dictionarium Lusitanicolatinum*, Braga, 1611.

³⁴⁸ *Diccionario Lusitanico-Latino de Nomes Proprios de Regioens; Reinos; Prouincias; Cidades; Villas; Castellos; Lugares; Rios; Mares; Montes; Fontes; Ilhas; Penínsulas; Isthmos; &c. Com o nome Latino, dando a esse nome Latino o vulgar que hoje tem, per a boa intelligencia de Liuros Sagrados, & Prophanos.* Lisboa, Officina de Ioam da Costa, 1667. Na nota “Ao Leitor” desta obra, Poiares refere-se ao défice lexical de topónimos das obras antecedentes, inclusive a de Agostinho Barbosa: “...Bom he o vocabulario do Doutor Augostinho Barbosa que fez de nomes proprios, mas he muito deminuto, porque somente tem novecentos e cincoenta nomes, pouco mais, ou menos...” (In Almeida, 1967: 14). A lista toponímica de Barbosa apresenta um total aproximado de 800 entradas distribuídas por 15 páginas em contraposição com o conjunto de topónimos elaborado por Poiares com um total de 447 páginas. Porém, segundo Justino Mendes de Almeida, esta obra não vinha suprir nenhuma deficiência dos lexicógrafos anteriores, tendo tido apenas uma edição em Lisboa, em 1667 (Almeida, 1967: 17).

³⁴⁹ *Dictionarium aliud: de propriis nominibus celebrorum virorum, populorum, Regionum, locorum, Insularum, Urbium, oppidorum, montium, fluiorum & fontium: nec non aliorum complurium scitu dignorum nominum ac rerum: collegit & adiecit in studiosae iuuentutis commodum Sebastianus Stochamerus Germanus: vt locupletius omnino, & ex hac parte absolutum prodiret totum hoc Lexicon.* Conimbricæ. Apud Ioannem Barrerium. Calend. Iul. M.D.LXIX.

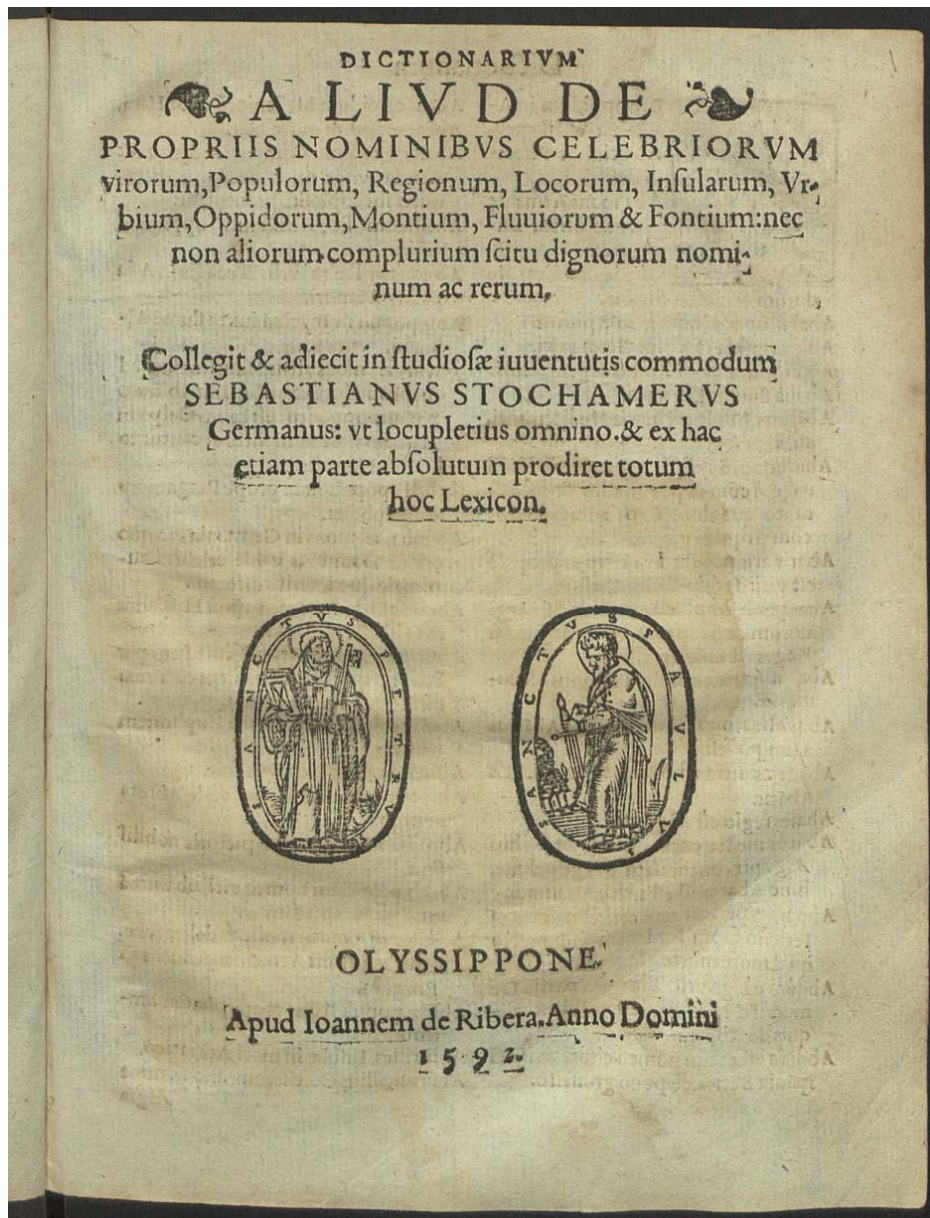


Figura 1

1.2. Índices de nomes próprios

Ainda no domínio da onomástica, não poderíamos deixar de mencionar oportunamente os índices de nomes próprios que se anexavam às obras literárias para facilitar a compreensão dos seus conteúdos fabulosos. Os fundos bibliográficos portugueses indiciam a circulação de principalmente três índices, todos eles com um bom número de reproduções, tantas quantas as reedições das obras ao longo dos séculos XVII e XVIII.

1.2.1. Índice da onomástica horaciana

Entendimento Literal e Construção Portuguesa de Todas As Obras de Horacio Príncipe dos Poetas Latinos Lyricos. Com Index Copioso das historias, & fabulas conteudas nellas. A Jorge Gomez do Alemo Cavalleiro do habito de Christo. Por Industria de Francisco da Costa mercador de livros, & impresso á sua custa. Anno 1639.

À edição de 1639 desta obra horaciana³⁵⁰ seguiram-se-lhes mais cinco, três das quais trazem anexo o índice onomástico: 1657, Lisboa, na officina de Henrique Valente de Oliveira por Matheus Rodriguez mercador de livros, & impresso à sua custa; 1681, Lisboa: na Officina de Miguel Manescal, & à sua custa; 1729, Lisboa Occidental, na Officina Ferreiriana.

O *Índice copioso de todas as fabulas, e cousas notaveis, que se contem nas Odes, Epodos, Sátiras, Epistolas, & Arte Poetica de Horacio* apresenta uma lista vocabular suficiente para documentar o essencial do universo cultural mitológico grego e romano. Apenas 10% dos 400 nomes distribuídos a duas colunas pelas 21 páginas diz respeito a antropónimos e topónimos da história e da literatura romana e grega, sendo o índice constituído, na sua grande parte, por mitónimos. A informação que nos é dada nos artigos é

³⁵⁰ O responsável pela 1ª edição desta obra foi, como indicam o frontispício da obra e Inocêncio, Francisco da Costa, mercador de livros: “Francisco da Costa, livreiro, ou mercador de livros, segundo Barbosa, que não teve d’elle maior conhecimento que o dado pela obra que imprimiu com o seguinte titulo: *Entendimento litteral e construcção portugueza de todas as obras de Horacio... com index copioso das historias e fabulas conteudas n’ellas*. Lisboa, por Manuel da Silva, 1638. 4.º (Barbosa diz 1639) [...]” (Silva, 1858, tomo II: 368).

sucinta, todavia, comparativamente com os artigos do dicionário de Stockammer, uma grande percentagem de entradas apresenta artigos mais extensos, como exemplifica o mitónimo *Achilles*:

Stockammer (1592)	Francisco da Costa (1639)
Achilles, siue Achilleus heros Graecorū fortissimus filius Pælei Regis Thessaliæ, occisus tandem fraudulenter a Paride apud Troiam in templo Apollinis sepultus fuit in Sygeo promontorio Troiæ.	Achilles filho de Peleo, & de Thetis, fatal destroço de Troia, mas por se pronosticar que morreria naquella guerra, a mãe o lavou na lagoa Estigia, com que ficou impenetrável, tirado a planta do pé aonde não chegou a agoa, por onde veyo a ser morto, & o teve encuberto em trage de molher entre as damas del Rey Lycomedes, donde manhosamente o tirou Ulisses lib. I. Od. 15. fol. 11. lin. 31 & lib. 2 Od. 16. fol. 30 lin. 6 & lib. 4. Od. 6. fol. 62 vers lin. 2 & Saty. Lib. 2. Sat. 3. fol. 138. n. 11.

1.2.2. Índice da onomástica virgiliana

Eneida portugueza, com os argumentos de Cosme Ferreira de Brum; dedicada a Garcia de Mello, monteiro-mór do reino, etc., Lisboa, 1664; tem no fim: *Diccionario de todos os nomes proprios e fabulas, que n'estes seis livros de Virgilio se contém, etc.*; *Parte II, que contém os ultimos seis livros de Virgilio*, Lisboa, 1670; no fim também tem: *Diccionario dos nomes proprios e fabulas, conteudas nestes seis livros*.

A *Eneida Portuguesa*, da autoria de João Franco Barreto³⁵¹, divide-se em dois volumes (o 1º em 1664 e o 2º em 1670), ambos publicados em Lisboa na oficina de

³⁵¹ João Franco Barreto nasceu em Lisboa em 1600 e cursou Humanidades com os jesuítas no Colégio de Santo Antão. Em 1624 embarcou na armada que se dirigiu à Baía para libertar esta cidade da ocupação dos Holandeses. Voltando a Portugal, abandonou a vida militar, e continuou os seus estudos para seguir também a vocação que o chamava para as letras, escrevendo e publicando em 1631 a sua primeira obra, intitulada *Cyparisso*, fábula mitológica, obra muito elogiada pelo abalizado escritor D. Francisco Manuel de Melo. É certo que se matriculou em Coimbra na Faculdade de Cânones e ele próprio se intitula ou deixa intitular Licenciado no frontispício de várias edições que promoveu da obra camoniana. Todavia, não se sabe se chegou a completar o curso por o ter interrompido, em Dezembro de 1640, para acompanhar a Lisboa os seus dois discípulos, os filhos do monteiro-mor Francisco de Melo. Nas suas relações com Francisco de Melo mostrou tanta inteligência e erudição que, sendo o fidalgo nomeado em 1641 para ir a França como embaixador, escolheu João Barreto para seu secretário. No dizer de Barbosa Machado, João Franco Barreto tinha contraído matrimónio com uma senhora da vila de Redondo de quem tivera um filho, que professou nos Eremitas de S. Paulo, e uma filha que morreu solteira. Uma vez viúvo, ordenou-se sacerdote e obteve um

Antonio Craesbeeck de Mello. No final de cada volume está incluído sem numeração o “Diccionario de todos os nomes proprios, e fabulas, que nestes livros [da Eneida] de Virgilio se contem com a explicação delles, para melhor intelligencia do poeta”. Foram publicadas mais duas edições desta obra, também elas acompanhadas dos mesmos índices onomásticos: 1763 (2 tomos), Lisboa, na oficina de António Vicente da Silva; 1808 (2 tomos), Lisboa, na tipografia Rollandiana.

Estes índices ocupam um total de 130 páginas (o dicionário do 1º volume contém 75 e o do 2º volume contém 55 páginas) com cerca de 1000 entradas³⁵² que correspondem essencialmente a mitónimos. A configuração lexicográfica destes apêndices, com os seus artigos reduzidos à síntese máxima, assemelha-se a um amontoado de nomes listados alfabeticamente:

benefício na matriz de Nossa Senhora da Encarnação, passando, em 1648, a exercer o cargo de vigário da vara no Barreiro. Desconhece-se o ano em que faleceu, mas ainda vivia quando, em 1674, saiu a público a sua versão portuguesa do *Flos Sanctorum* do Padre Pedro Ribadeneira. Para além das obras em estudo no presente capítulo, e segundo documenta Inocêncio, Barreto é ainda autor dos seguintes escritos: *Cyparisso, fabula mythologica*, Lisboa, 1631; *Relação da viagem que a França fizeram Francisco de Mello, monteiromór do reino, e doutor Antonio Coelho de Carvalho, por embaixadores extraordinarios do rei e senhor nosso D. João o IV a el-rei de França Luiz XIII, cognominado o Justo*, Lisboa, 1642; *Catalogo dos christianissimos reis de França, e das rainhas suas esposas, prosapia sua, com os annos de sua vida e reinado, e onde estão enterrados*, Lisboa, 1642; *Orthographia da língua portuguesa, offerecida ao senhor Francisco de Mello*, etc. Lisboa, 1671; tem no fim: *Regras geraes de orthographia portuguesa por o licenciado Duarte Nunes, com a resposta do autor*. João Franco Barreto ainda deixou outras obras, que vêm indicadas na *Bibliotheca Lusitana*, de Barbosa Machado, vol. II, pág. 664. Entre estas obras encontra-se a *Bibliotheca portugueza*, uma obra de largo alcance que se antecipou à de Barbosa Machado (Silva, 1858, tomo III: 379-380).

³⁵² Justino Mendes de Almeida reuniu as duas partes da *Eneida Portuguesa* num volume e substituiu o *Dicionário de Nomes Próprios* que acompanhava distintamente cada uma das partes por um “Vocabulário Onomástico” comum, classificado segundo as normas legalmente em vigor. Foi a partir desse “Vocabulário Onomástico” que procedemos à contagem do número de entradas (Cf. *Eneida Portuguesa*. Com introdução, notas, actualização e estabelecimento do texto por Justino Mendes de Almeida. Lisboa: Imprensa Nacional; Casa da Moeda, 1981).

364 *Diccionario*
Alcanor, Varaõ Troyano, cujos filhos fo-
raõ Bricias, e Pandaro.
Alcathoo, Em estes lugares do Poeta não
deixa de haver alguma confusão; porque
não declara qual era Grego, nem qual Tro-
yano: mas eu tenho para mim que este Al-
cathoo, era Troyano, por quanto acho
menção de outros Troyanos do mesmo no-
me; mas este morreo a mãos de Cédico.
Alcides, He Hercules, de seu avô Al-
ceõ, ou do nome Grego Alci, que significa
fortaleza, ou valor.
Alecto, Huma das três Fúrias infernaes,
os nomes das outras são Tisiphone, e Me-
gera, e fingem ser filhas de Acheronte, e
da Noite.
Alethes, Hum varaõ Troyano.
Allia, Nome de hum rio, que se mette
em o Tybre.
Almon, Nome de hum Pastor, e mayor
dos filhos de Tyrrheo.
Alpes, Vê no primeiro *Diccionario Alpi-
nas* ferras.
Alpinas, De Alpes.
Alfo, Nome de hum pastor.
Amaseno, He hum rio vizinho da Cida-
de de Pervernate em a Campanha, ou Cam-
pania.
Amasena, Vê o primeiro indice, ou Dic-
cionario.
Amastro, Hum Troyano, filho de Hec-
tor.

*Diccionario de todos os nomes proprios, e fabulas que nestes seis livros de Virgilio se contem, e a
explicação delles, para melhor intelligencia do Poeta (1763)*

1.2.3. Índice da onomástica camoniana

Os Lusíadas / do Grande / Luis de Camoens, / Principe dos Poetas / de Hespanha. / Com os Argumentos / do Licenciado Ioão Franco Barreto, & Index / de todos os nomes proprios. / Offerecidos/ Ao Illustrissimo Senhor / André Furtado / de Mendonça / Lisboa. / Com as licenças necessarias. / Anno 1670.

A obra de Camões foi incansavelmente divulgada por João Franco Barreto que, em 1663, publica em Lisboa, à custa de António Craesbeeck de Melo, uma edição d' *Os Lusíadas*, dedicada a André Furtado de Mendonça, Doutor em Teologia e deão do cabido de Lisboa. Reeditada pelo mesmo livreiro impressor, seria em 1670 acrescida do índice de todos os nomes próprios, elaborado também por Franco Barreto. Seguiram-se-lhe as seguintes edições: 1702, Oficina de Manuel Lopes Ferreira; 1721, Oficina Ferreiriana; 1749 por Manuel Coelho Amado; e, com novas notas e um *Aparato* preliminar de Inácio Garcês Ferreira, em Nápoles (oficina Parriniana) e Roma (Oficina de António Rossi), em 2 vols. aparecidos em 1731 e 1732.

O índice onomástico camoniano compreende um contingente vocabular significativo com um total aproximado de 800 entradas distribuídas por 96 páginas. Cerca de 40% da nomenclatura corresponde a nomes próprios da herança greco-latina (Acheronte, Achilles, Acidalia etc.). Dos restantes pertencem, um pequeno número, ao legado bíblico (Abrahão, Thome, Tobias etc.), e os outros referem-se a antropónimos e topónimos da história e da expansão portuguesa (Abrantes, Affonso, Africa, Viriato).

Ao confrontarmos os nomes próprios da herança greco-latina presentes na listagem de Barreto com a nomenclatura do *Dictionarium de propriis nominibus*, verificamos que todos eles vêm registados no dicionário de Stockammer. Do cotejo das entradas começadas por A-, apresenta-se o seguinte conjunto das formas registadas em ambos os textos:

Barreto (1670)	Stockammer (1592)	Barreto (1670)	Stockammer (1592)
Abyla	Abyla	Aonia	Aonia
Acheronte	Acheron, ontis	Apelles	Apelles
Achilles	Achilles	Apenino	Appeninus
Acidalia	Acidalius	Apollo	Apollo

Acroceraunos	Acrocerauria	Apúlia	Apulia
Acrisio	Acrisius	Arcadia	Arcadia
Acteon	Actaeon	Arethusa	Arethusa
Admastor	Adamastor	Argos	Argo
Adonis	Adonis	Armenia	Armenia
Aganipe	Aganippe	Assiria	Assyria
Agripina	Agrippina	Astianas	Astianax
Ayace	Ajax	Astrea	Astrea
Alcino	Alcinous	Athamante	Athamantis
Alcides	Alcides	Athenas	Athenae
Almena	Alcmena	Atlante	Atlas
Alecto	Alecto	Atropos	Atropos
Alpheo	Alpheus	Aurora	—
Amalthea	Amalthea	Ausonia	—
Amon	Ammon	Axio	Axius
Amphioneas	Amphion		
Anchyses	Anchises		
Andromeda	Andromeda		
Antenor	Antenor		
Anubis	Anubis		

A coincidência entre a listagem de Barreto e a nomenclatura de Stockammer, que, por sua vez, foi estabelecida a partir dos dicionários onomásticos europeus, constitui mais um bom indício da recepção em Portugal desse conjunto de publicações europeias. Não deixa de ser interessante notar a referência directa de João Franco Barreto a Carlos Estephano³⁵³ num dos artigos da sua lista onomástica:

Adamastor, hum dos Gygantes filhos da Terra; os quais tendo guerra com Júpiter, forão vencidos, e sepultados debaixo de diversos montes, como Adamastor transformado no cabo, & commummente chamados da Esperança. Do nome deste Gigante se lembrou Sidónio, & Carlos Estephano em seu Diccionario, e ainda que Claudiano, & outros o chamão Damastor.

Todavia, a extensão e a elementaridade características dos dicionários de nomes próprios distanciam a lista de Barreto do dicionário de Stockammer e das obras congéneres europeias. Não obstante o número aproximado de páginas (108 em Stockammer e 96 em

³⁵³ “O dicionário histórico e poético (*Dictionarium historicum ac poeticum*) aparece ligado desde a primeira edição ao nome de Charles Estienne (“Cura ac diligentia Caroli Stephani”, e na 2ª ed. “A Carolo Stepanho, ilius auctore, postremo hoc labore multum adauctum, vt ex notis singulis accessionum adscriptis adscriptis facile conspicias.”), mas o seu verdadeiro autor ou compilador foi Robert Estienne, que entretanto, receando pela sua segurança pessoal, teve que abandonar Paris e a casa editora, deixando os seus trabalhos a cargo do irmão” (Verdelho, 1995: 282).

Barreto), a diferença numérica de entradas entre os dois textos (cerca de 3000 entradas em Stockammer e de 900 em Barreto) é elucidativa do espaço dedicado a cada artigo, tal como ilustram os exemplos que se seguem:

Barreto (1670)	Stockammer (1592)
Antenor, hum dos principaes Troyanos, que entregarão por traição Troya aos Gregos, a qual queimada, se acolheo a Italia, & edificou no territorio de Veneza hũa cidade, que de seu nome se chama Antenoria, & hoje Padua.	Antenor, vnus e principibus Troianorū Patauium in Venetia condidit.
Atlante, filho de Japeto, & Climene, ou Asia Ninfa, & irmão de Prometheo, foy Rey de Mauritània, Província de Africa, do qual se diz que tem o mundo em os hombros. Este avisado do Oraculo que se precatasse de hum filho de Jupiter, não dava hospicio a pessoa algũa, o que sofrendo mal Perseo filho de Jupiter, lhe mostrou a cabeça de Medusa, & logo foy convertido em hum monte de seu nome, o qual he na Mauritània, onde reynou, & hoje se chama Carena, tam alto, que seu cume se mostra descuberto de nuves.	Atlas fuit rex Mauritaniae, qui Astronomiam inuenisse dicitur. Estetia mons altus Mauritaniae, qui columna coeli nominatur ab accolis. Et poetae fingunt esse maximu gygante qui coelū sustineat. Est etiam fluuius Thraciae.

Não há dúvida de que tanto os dicionários onomásticos europeus como o dicionário de Stockammer foram compulsados por Barreto. Porém, a leitura dos artigos que compõem o índice dos nomes próprios apenso a *Os Lusíadas* demonstram que João Barreto não seguiu de perto nem os conteúdos informativos nem a redacção dessas obras referenciais então disponíveis. Para a elaboração deste índice Barreto apoiou-se na *Espositione de tutti i vocaboli et luochi difficili* que acompanhava a edição do *Orlando Fusioso* de Ariosto³⁵⁴.

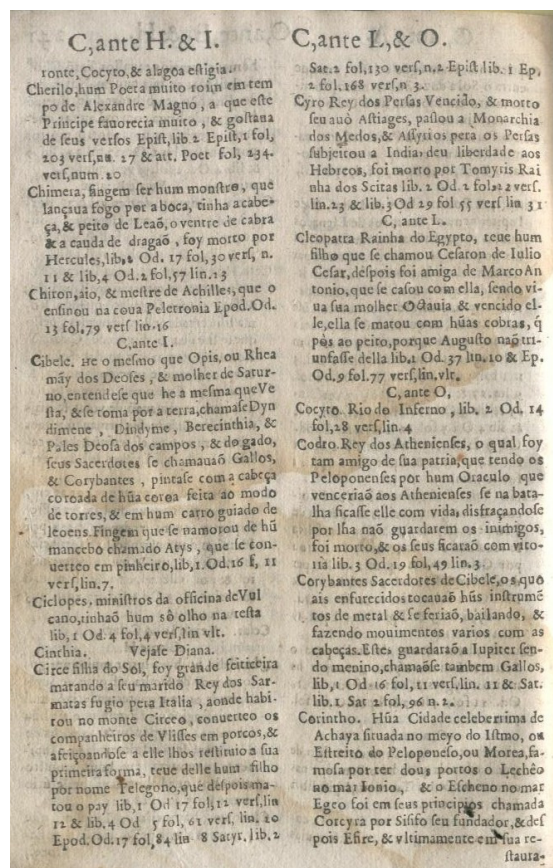
A leitura dos seus escritos comprova uma vasta bagagem humanística que lhe permitiu alargar e, muitas vezes, alterar, as informações oferecidas ao longo de quase dois séculos de lexicografia poético-literária. Para além dos poetas e prosadores antigos (principalmente latinos), os estudos de Barreto centravam-se com manifesta preferência nos autores modernos italianos e castelhanos, como teremos o ensejo de comprovar mais à frente por ocasião do estudo da *Micrologia Camoniana*.

Concluindo as observações, estes índices onomásticos organizados por ordem alfabética foram os primeiros dicionários de terminologias mitológicas escritos em vernáculo. Apensos a obras literárias lidas e estudadas em ambiente escolar ao longo de

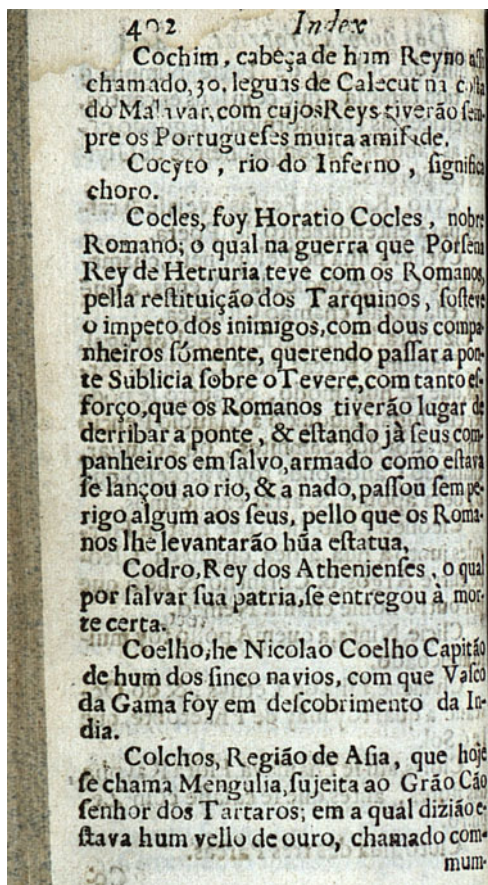
³⁵⁴ Cf. José da Costa Miranda, *Ludovico Ariosto, "Orlando Furioso": apontamentos sobre a sua presença em Portugal (séculos XVI e XVIII)* in Separata da Revista da Faculdade de Letras de Lisboa, 3, 1981.

vários séculos terão contribuído, seguramente, para transportar e cimentar no espaço cultural e linguístico português um conjunto importante de referências da cultura greco-latina. Para tal, foi decisivo todo o trabalho de João Franco Barreto que revela uma grande preocupação em decodificar uma linguagem que, pelo seu uso poético ou pelo distanciamento cronológico, dificultava a compreensão de grandes obras ao leitor menos versado.

Não queremos deixar de aduzir aqui a impressão que nos ficou do cotejo dos três índices aqui em estudo:



Index Copioso das historias, & fabulas conteudas nellas [nas obras de Horácio] (1639) [...] por industria de Francisco da Costa



Index de todos os nomes proprios que se contém em este Poema [n' Os Lusíadas]. Recolhidos e ordenados por João Franco Barreto (1670)

dos nomes proprios. 377
Cydonio, Os de Cydon, insigne lugar de Creta, vulgarmente dito Cania.
Cygnas, Pertencentes a Cygno, ou Cifne.
Cygnus, Hum certo Genovez, chamado de Faetonte, cuja morte chorando, foy convertido em huma ave de seu nome.
Cylena, Monte de Arcadia, em o qual Maia pario de Jupiter a Mercurio.
Cymyno, Lago de Hetruria, vulgarmente dito, Lago de Vicco; e hum monte do mesmo nome, chamado Monte de Viterbo.
Cymodocea, Vê Cymodoce no primeiro Dictionario.
Cyrce, Vê no primeiro Dictionario, o Poeta a chama Dedala, que he o mesmo que engenhosa, porque Dedalo foy de muito grande engenho.
Circenses, Os jogos Circenses eraõ huma sorte de combate, que se fazia em honra de Conso Deos dos conselhos: assim chamados porque se faziaõ no circulo Maximo, e não das espadas como diz Servio.
Circeo, Hum monte assim chamado.
Cisseo, Rey de Thracia, pay de Hecuba, mulher de Priamo.
Citherea, Vê no primeiro Dictionario.
Claro, Varaõ Troyano.
Claudia, Familia illustre de Roma.
Clelia, Huma das donzellas, que o povo Romano deo em refens a Porfena Roma

Dictionario de todos os nomes proprios, e fabulas que nestes seis livros de Virgilio se contem, e a explicação delles, para melhor intelligencia do Poeta (1763)

O cotejo destes excertos manifesta dois aspectos surpreendentes. Um deles é a modernidade da técnica lexicográfica do índice horaciano elaborado por Francisco da Costa, com as entradas organizadas a duas colunas e com toda a informação equilibradamente repartida pelos artigos. O outro tem a ver com a significativa diferença entre a extensão das glosas dos índices que acompanham a *Eneida* e dos índices que acompanham *Os Lusíadas*, onde Barreto, provavelmente dominado pelo seu fervor camoniano, alarga-se em descrições pormenorizadas.

1.3. *Micrologia Camoniana*

Ao elaborar uma lista de nomes próprios para anexar à epopeia camoniana, Barreto dava corpo a uma primeira forma da futura *Micrologia Camoniana*, obra que sairia à luz em 1672 e que pretendia explicar “todos os nomes proprios, historias, fabulas, nomes peregrinos, e lugares escuros, conteúdos em *Os Lusíadas* de Luís de Camões e em suas Rimas, primeyra, segunda e terceyra parte”, conforme o autor explicitava em subtítulo.

Alargando o seu dicionário camoniano às Rimas, Barreto incorporava um grande número de vocábulos, como podemos confirmar com a recolha das entradas acrescentadas à letra A:

Abydo, Abijla, Acheloüs, Achem, Acis, Adamantino, Admeto, Adriano, Aereos Estendartes, Agrario, Aguia, Alafé, Alandroal, Alemães, Alexandrina, Alma, Almadias, Almeno, Alpinas neves, Alva, Altíssonno, Alumno, Amara, Amauto, Amaranto, Amasonas, America, Amor, Amio, Anafins, Anaxarete, Anfiã ou Amphion, Anfitream, Anfitrite, Anfriso, Angelical coro, Angelica paz, Ana, Antioco, Antipodas, Antiquera, Aonio, Apollineas ervas, Apollineo oraculo, Aponio, Aquaticas donzelas, Aquoso, Aracne, Aram, Architector, Arduas cousas, Argenteas conchinhas, Argento, Argutos, Ancina, Arido, Ariete, Arion, Aristeo, Aristides, Armenios, Armigeros, Armonia, Armonica, Arronches, Arsinario cabo, Artemisa, Aurspices, Arzilla, Ascanio, Asiaticos, Aspide, Assela, Assirios, Astrolabio, Atalanta, Atalicos torçaes, Atila, Atomos, Atonito, Atreu, Atroce, Aveiro, Averno noyte, Averno, aureo, Auríferas Areas, Aurifero, Ausonios, Austraes, Austral, Austrino, Axe, Azelim.

O alargamento da nomenclatura não explica, por si só, o volumoso³⁵⁵ dicionário onomástico camoniano. Ultrapassando a simples explicação “dos nomes proprios, fabulas, nomes peregrinos e lugares escuros”, João Barreto alonga-se em prolixas e minuciosas considerações, alegando autoridades, citações ou testemunhos e contestando juízos a fim de clarificar tudo quanto, nos escritos camonianos, se lhe afigurava suscitar questões ao leitor. Veja-se, a título exemplificativo, todas as informações que registou acerca da deusa *Fortuna*.

Esta figura mitológica é minuciosamente descrita com variadas citações e testemunhos tirados de Plínio, Lactâncio, Galeno, Boécio, Plutarco, Ésquilo, Virgílio, Petrónio, Plauto, Horácio, Tibulo, Ovídio, Juvenal, Catão e Séneca.

³⁵⁵ O manuscrito da obra, intitulado “*Micrologia de Camões*”, código 9162 do Fundo Geral de reservados da Biblioteca Nacional apresenta as dimensões de 200 X 278 mm com um total de 4+ 418 fls.

Efectivamente, Franco Barreto compulsou um leque infindável de escritos dos mais abalizados autores o que lhe permitiu um domínio apreciável de toda a erudição antiga e moderna respeitante à teologia, filosofia, história, hagiografia, mitologia, geografia e literatura. Foram sobretudo estes três últimos domínios que lhe ofereceram um maior caudal de informação.

Para o estudo da mitologia dispunha das grandes colectâneas clássicas como as *Metamorfoses* de Ovídio, completadas pela *Teogonia* de Hesíodo ou modernizadas pela consulta das célebres traduções do *De genealogiis deorum gentilium* e *Theogonia seu de Diis gentilium* de Boccacio e de Aubéry, respectivamente. No âmbito da geografia, era necessário actualizar todas as matérias geográficas tratadas acuradamente na Antiguidade por Estrabão e Ptolomeu. A época dos Descobrimentos havia alterado todo o *mapa mundi* e exigia, agora, a consulta de fontes mais modernas como a *Cosmographia Universalis* de Sebastião Münster, o *Theatrum Orbis Terrarum* de Abraão Ortelius, a *Cosmographia* do jesuíta João Baptista Ricciolo e, entre os portugueses, o mais importante dicionário toponímico seiscentista já abordado neste capítulo, o *Diccionario Lusitanico Latino de nomes proprios* de Fr. Pedro de Poiares. Relativamente à literatura, o erudito Barreto centrou-se, como já comprovámos por ocasião do estudo do *Index dos nomes proprios* anexos a *Os Lusíadas*, nos poetas castelhanos e italianos. Anotemos apenas alguns dos autores e das obras mais vezes referenciados ao longo das páginas da *Micrologia*: Dante e o comentário de Cristoforo Landino à *Commedia*, publicado em 1481; Petrarca e Sannazaro; *Orlando Furioso* de Ariosto e os respectivos comentários de Ludovico Dolce e Simão Ferrari; Juan de Mena, Garcilaso de la Vega e as anotações de Fernando Herrera e, por fim, D. Luís de Góngora³⁵⁶.

Com esta obra Franco Barreto figurava na lista de autores³⁵⁷ cujos trabalhos se integravam na abundante corrente hermenêutica suscitada pela obra camoniana. Porém, mais do que esclarecer o texto, os admiradores de Camões pretendiam desfazer as críticas desfavoráveis à sua obra emanadas de uma concepção diferente de poesia³⁵⁸.

³⁵⁶ Cf. Castro, 1983: XXII-XXVI.

³⁵⁷ Após a primeira edição comentada d' *Os Lusíadas*, em 1613, da responsabilidade de Manuel Correia, apareceriam, em 1639, o exaustivo comentário de Manuel de Faria e Sousa e, por essa altura, os escritos apologéticos de João Soares de Brito e os comentários à epopeia e rimas camonianas de Manuel Pires de Almeida.

³⁵⁸ Na apresentação da sua edição comentada de *Os Lusíadas*, Manuel Correia declarava: "Hoje o faço [referia-se à impressão], só por sayr pela honra de Luís de Camões, que por esta obra não ser entendida de todos he calumniada de muytos, & declarada de algũs. Os quaes sem lume das letras humanas, lhe põem

1.4. *Noticia da Mythologia*

O estabelecimento na segunda metade do século XVIII português de uma nova disciplina estética, centrada no combate ao barroquismo seiscentista e na imitação dos autores clássicos greco-latinos, exigiu a elaboração de obras referenciais que ancorassem a retoma do estudo da antiguidade clássica. A necessidade desses instrumentos não só para facilitar a compreensão dos autores antigos, mas também para apoiar a produção poética, que recupera, então, a mitologia como elemento estético³⁵⁹, deu origem à importação de uma série de textos franceses que versavam este tema. Registámos entre nós a circulação das seguintes obras francesas:

La mythologie et les fables expliquées par l'histoire. Paris: chez Briasson, 1738, 1740.

Les voyages de Cyrus avec un discours sur la mythologie. Paris: Chez Pierre Mortier 1727; Luxembourg: A. Chevalier, 1747; Paris: Imp. Veuve Quillau, 1753; Paris: Bossange, Masson et Besson, 1802.

Dictionnaire portatif de mythologie pour l'intelligence de poètes, de l'histoire fabuleuse, des monumens historiques... Paris: Chez Briasson, 1765.

Lettres a Émilie sur la mythologie. Paris: Chez Cailleau, 1788; Paris: Chez Alexandre Briand Fils, 1812; Avignon: Guichard, 1814.

Éléments de Mythologie, avec la analyse des poèmes d'Ovide, d'Homere et de Virgile, suivie de l'explication allégorique, etc. Génève, 1797.

Traité de la mythologie. Mannheim: chez Mat. Fontaine, 1798.

anotações, que servem mais de o escurecer, & deshonnar, pois são contra o sentido do Poeta, & verdade das historias, & poesias” (Manuel Correia *apud* Castro, 1983: III).

³⁵⁹ O tema mitológico, que constituía o eixo central de muitos poemas, poderia funcionar como forma de elevar o tom poético ou simplesmente de descrever os próprios acontecimentos clássicos. Porém, e apenas por mera curiosidade, transcrevemos aqui o contraponto do parecer de Verney que via no embelezamento da mitologia uma verdadeira ofensa: “[...] introduzi-los (os deuses pagãos) em todo o corpo do poema, como fez Camões na Lusíada, que introduz Vénus e Baco por toda a parte, sem discrição nenhuma ou também o Chagas o comum deste reino, isto é mostrar que não têm juízo ou discernimento na aplicação de ornamentos poéticos [...]” (Verney, 1949 (1746): 241).

Deste conjunto foram traduzidas para português³⁶⁰ *Les voyages de Cyrus e Lettres a Émilie sur la mythologie* :

Viagens de Cyro: historia moral e politica acompanhada de hum discurso sobre mythologia, e theologia dos antigos. Lisboa: Offic. de José de Aquino Bulhões, 1774; Lisboa: Offi. Francisco Borges de Sousa, 1791; Lisboa: Typografia Rollandiana, 1817.

*Cartas a Emilia sobre a mythologia; Trad. Em linguagem por J.F.B*³⁶¹. Paris: Impresso por A. Bobée, 1819.

É neste contexto que são publicadas entre nós em finais do século XVIII as primeiras traduções portuguesas de obras sistematizadas neste domínio vocabular, a *Noticia da Mythologia* e o *Diccionario Abbreviado da fabula*, o primeiro dicionário sistemático de mitologia aportuguesada. Desta última ocupar-nos-emos com mais pormenor no próximo ponto deste capítulo.

A *Noticia da Mythologia*³⁶² teve duas edições, a primeira em 1780 e a segunda em 1803, uma versão corrigida da edição anterior. Trata-se da tradução³⁶³ da obra francesa elaborada por François-Xavier Rigord com o título de *Connoissance de la mythologie par*

³⁶⁰ Cf. Gonçalves Rodrigues, *A tradução em Portugal – Tentativa de resenha cronológica das traduções impressas em língua portuguesa excluindo o Brasil de 1495 a 1950, Vol.I – 1495-1834*, Lisboa: Imprensa Nacional-Casa da Moeda, 1992.

³⁶¹ Tradução de José Ferreira Borges.

³⁶² *Noticia da Mythologia, onde se contém em fôrma de Dialogo a Historia do Paganismo, para a intelligencia dos antigos Poetas, Pinturas, e Esculturas. Traduzida do francez por A.J.T.* Lisboa, na Typografia Rollandiana, 1780.

³⁶³ Publicada apenas com as iniciais A.J.T., segundo Inocêncio, esta tradução deverá atribuir-se ao professor de grego António José Teixeira: “No tomo I do *Dicc.*, pag. 280, tractando do professor Antonio Teixeira de Magalhães, alludi por incidente a este Antonio Jose Teixeira, que parece haver sido professor da lingua grega, e a um opusculo publicado sob o seu nome. Foram baldadas as diligencias que empreguei para haver noticias certas da pessoa e circumstancias do sujeito, que vivendo nos ultimos annos do seculo passado, não pode ser todavia de modo algum confundido com o seu homonymo, actual e illustre ornamento da Faculdade de Mathematica da nossa Universidade e de quem tracto no artigo que a este segue. É pois aquelle Antonio José Teixeira auctor dos *Rudimentos da lingua grega*, impressos em Lisboa em 1788, e descriptos no *Dicc.*, tomo I, nº A, 1568; e tenho tambem para mim que a elle, quem quer que fosse, deverá attribuir-se o livro seguinte, que foi publicado apenas com as iniciais A.J.T. 2774) *Noticia da Mythologia, onde se contém em fôrma de dialogo a historia do paganismo, para a intelligencia dos antigos poetas, pinturas e esculpturas, etc. Traduzida do francez por A.J.T.* Lisboa, Typ. Rollandiana... (não me foi possível ter presente esta edição). – *Segunda edição, correctæ e emendada*. Ibi, na mesma Typ. 1803. 8º gr. De 350 pag. – A obra finda a pag 316, sendo as que restam occupadas pelos indices finaes [...]” (Silva, 1857, tomo VIII: 215 e 216). António José Teixeira aparece nomeado para professor de Grego na comarca de Leiria na Lista dos professores régios de Filosofia Racional, Retórica, Língua Grega e Gramática Latina e dos mestres de ler, escrever e contar, despachados por resolução de S. Majestade de 10 de Novembro [...] de 1773, em consulta da Real Mesa Censória do mesmo mês e ano. Cf. Joaquim Ferreira Gomes, *O Marquês de Pombal e as Reformas de Ensino*, pp. 26-30. Sabemos que poucos anos mais tarde se reformou, porquanto o seu nome figura numa outra lista, transcrita também por Joaquim Ferreira Gomes, pp. 66-67, onde são mencionados todos os professores de Filosofia Racional, Retórica e Língua Grega, “aposentados por graça especial com metade dos ordenados que percebiam”, por resolução Real de S. Majestade de 16 de Agosto de 1779.

demandes et par réponses que conheceu um longo percurso editorial com, pelo menos, doze edições³⁶⁴.

A obra está organizada de acordo com a divisão que os autores antigos estabeleciam entre os deuses: divindades da primeira ordem ou *Maiorum gentium*, conhecidas por todos; divindades da segunda ordem ou *Minorum gentium*, consideradas divindades urbanas por não terem lugar no céu; ocupavam a terceira ordem os semi-deuses e os heróis e, por fim, as divindades da quarta ordem eram as virtudes que tinham formado os grandes homens.

Após o prólogo “Avertissement” e o índice “Tables des titres contenus dans ce volume” começa a obra propriamente dita com a definição de fábula, a sua origem e o seu progresso. As seguintes páginas ocupam-se com os *Dii Maiorum Gentium*, nomeadamente Saturno, Cybeles, Ceres, Jupiter, Juno, Apollo, Diana, Baccho, Mercurio, Vénus, Esculapio, Neptuno, Plutão, Marte, Minerva e Vulcano. Prossegue-se com os deuses da segunda ordem, Pan, Fauno, Pales, deuses Penates, Génios, Termino, Priapo, Ninfas, Momo e Eolo. De seguida, oferece-se notícia dos semi-deuses e heróis, Perseo, Hercules, Theseo, Castor, Pollux, Jason, Medea, Cadmo, Edipo, Eteocles, Polynices, Pelope, Troia, Eneas e as Sibyllas. Por último, abordam-se as Virtudes e os Vícios. Os últimos dois capítulos são reservados para os jogos e para os diversos passos da fábula.

No final da obra está incluído o índice onomástico “Table des noms propres e des principaux traits de la Fable” organizado por ordem alfabética e com junção a cada nome das respectivas páginas em que é citado.

A grande aceitação da obra em França, bem como a sua utilidade³⁶⁵ no ensino da juventude, justificariam a versão para português. Assim se discorre nos textos prefaciais da *Noticia da Mythologia* e do *Connoissance de la mythologie*:

[...] para se conseguir huma razoável intelligencia, e explicação das *Fabulas* dos antigos Authores Gregos, e Romanos; para se suscitar o pensamento allegorico das Estatuas, dos Baixo-relevos, e outros muitos Monumentos, que se encontram nos Gabinetes dos Antiquários, offereço ao Público a presente Traducção assaz admiravel, e interessante; porque o Author no Original intentou formar um

³⁶⁴ A edição utilizada pelo tradutor português terá sido a 4ª edição, a de 1753, único exemplar existente na Biblioteca Nacional.

³⁶⁵ O discurso em torno da utilidade das obras que promovem o conhecimento da mitologia ocupa sempre grande parte das reflexões nos paratextos das obras mitológicas setecentistas. Os autores, apesar de abordarem a ideia da mentira e da falácia na antiga religião grega em contraposição com a verdade absoluta do Cristianismo, sublinham com frequência a indispensabilidade do estudo desta “Arte” para compreender os pintores, os escultores e, muito particularmente, os poetas.

resumo do conhecimento da *Mythologia* por perguntas, e respostas, e muito abbreviado sem faltar ao necessario, nem amontoar o superfluo. Foi tão grande a acceitação, que conseguiu em França, que só em Paris se fizeram oito Impressões; pelo que julguei que hum livro tão útil para o adiantamento, e perfeição de muitas Artes úteis, e necessarias, merecia andar nas mãos de todos [...] ³⁶⁶.

[...] On ne s'arrêtera pas ici à faire sentir la nécessité où sont les jeunes gens d'avoir une connoissance raisonnable de la mythologie, les livres qui ont traité à fonds cette matière, ont suffisamment démontré combien elle étoit utile [...] ³⁶⁷.

O confronto entre o original e a tradução demonstra que o tradutor seguiu de perto o original, respeitando a sua estrutura e traduzindo à letra o seu conteúdo.

Assim, toda a obra está escrita, como bem explicita o título “par demandes et par réponses”, ou, como expõe a tradução portuguesa, “em fórmula de diálogo”. A organização das matérias permanece a mesma, com a única diferença do “Índice dos Titulos” aparecer no final da obra e não no início, como no texto francês.

A *Noticia da Mythologia* terá sido amplamente recebida no plano nacional de leitura das escolas para introduzir o tema mitológico nos primeiros anos do ensino. Deixamos o testemunho de Inocêncio: “Conhecendo esta obra ha perto de cincoenta annos, por ser ella um dos livros que me serviram nos meus estudos da infancia, não descobri até hoje o original francez que serviu para a traducção” ³⁶⁸.

2. *Dictionnaire Abrégé de la Fable*

Entre o avultado número de obras elaboradas no século XVIII com o intuito de facultar toda a erudição referente ao universo da cultura clássica greco-latina, merece particular destaque o *Dictionnaire Abrégé de la Fable* (1727) do francês Pierre Chompré ³⁶⁹, um dos dicionários onomásticos mais reeditados ao longo dos séculos XVIII e XIX.

³⁶⁶ *Noticia da Mythologia*, 1780: 5.

³⁶⁷ *Connoissance de la mythologie*, 1768: VI.

³⁶⁸ Silva, 1858, tomo VIII: 215.

³⁶⁹ Pierre Chompré nasceu em Nancy (Haute-Marne) em 1698 e faleceu em Paris em 1760. Reitor de um colégio particular, compôs, a par da obra em estudo neste trabalho, uma série de obras didáticas de grande divulgação dentro e fora de França: *Selecta latini sermonis exemplaria e scriptoribus probatissimis ad christianae juventutis usum collecta* (3 volumes, 1749-1753); *Vocabulaire Latin-François contenant les mots*

O ano de 1727 assinala o início de um longo percurso editorial do *Dictionnaire Abrégé de la Fable*. Temos notícia de aproximadamente oitenta edições³⁷⁰:

Paris: 1727, 1733, 1740, 1745, 1749, 1752, 1753, 1756, 1757, 1759, 1760, 1762, 1763, 1765, 1766, 1770, 1774, 1775, 1766, 1770, 1774, 1775, 1777, 1777, 1778, 1779, 1782, 1784, 1786, 1787, 1793, 1799, 1800, 1801, 1807, 1808, 1809, 1810, 1811, 1813, 1817, 1818, 1821, 1822, 1883, 1824, 1825, 1826, 1833, 1848, 1850, 1851, 1854, 1855. Lyon: 1782, 1789, 1792, 1811, 1813, 1831, 1838. Avignon: 1807, 1814, 1817, 1827. Rouen: 1782, 1786, 1800. Toul: 1787, 1807. Toulouse: 1805, 1811. Tours : 1833, 1837. Evreux: 1800. Limoges: 1824. Nancy : 1847. Nimes: 1808. Dresde: 1800. Bruxelles: 1801. Lausanne: 1794.

Informa Rolf Kemmler que a versão final da obra só foi estabelecida a partir da décima edição parisiense, a que se seguiram as edições posteriores³⁷¹. A nossa pesquisa indicia a existência de uma série de décimas edições de Paris – 1765, 1766, 1770 – pelo que decidimos optar pela mais recente, a de 1770. O cotejo entre esta edição e a de 1727 permite concluir que o número de entradas da décima edição triplicou relativamente à primeira edição³⁷².

de la latinité des différens siècles ... avec un vocabulaire François-Latin (1754); *Introduction à la langue latine par la voie de la traduction* (1751); *Dictionnaire abrégé de la Bible pour la connaissance des tableaux historiques tirés de la Bible même et de Flavius Josèphe* (1755); *Moyens sûrs d'apprendre facilement les langues et principalement la latine* (1757); *Introduction à l'étude de la langue grecque, ou Feuilles élémentaires* (1758); *Traduction des extraits des comédies de Plante et de Térence, contenu dans Cours d'études à l'usage des élèves de l'École royale militaire par Charles Batteux* (1778). Transcrevemos um breve testemunho de Friedrich Melchior Grimm a respeito do grande préstimo da obra de Chompré para a instrução da mocidade: “Nous avons ici un homme appelé Chompré qui a pour l'instruction de la jeunesse un talent rare et très reconnu. S'étant aperçu que les livres les plus parfaits que nous ait laissés l'antiquité rebutaient les jeunes gens par les inutilités, les obscurités ou les choses au-dessus de leur portée qui s'y trouvent, il s'est chargé du soin d'en extraire tout ce qui peut intéresser, amuser ou instruire les jeunes gens” (1877: 82). Alberto Banha de Andrade informa que a sua obra *Selecta latini sermonis exemplaria* foi declarada livro de leitura oficial no âmbito da reforma pombalina do ensino em 1759: “Todos os Doutos recômmendaõ a escolha de livros accommodados para o uso dos Principiantes; e com este fim trabalharão muitos, e se tem composto varios com muita propriedade, e acerto. Entre estes são muito estimadas as Historias selectas de Heuzet, Professor do Collegio de Beauvais. Mas como não se póde confiar em tais obras tanto, como nas dos Escritores antigos, que escreverão na sua propria Lingua; déve preferir a excelente Collecção feita em Pariz no anno de 1752 por Chompre para uso da Mocidade Christãã”. A primeira edição portuguesa desta selecta em seis volumes saiu da tipografia de Anónio Rodrigues Galhardo em 1761, tendo-se-lhe seguido numerosas reimpressões em Portugal e no Brasil até finais do século XIX (Andrade, 1981: 471).

³⁷⁰ Cf. Kemmler, 2005: 99.

³⁷¹ Kemmler, 2005: 100.

³⁷² Cf. Kemmler, 2005: 101.

3. *Diccionario Abbreviado da Fabula*

3.1. “Advertencia do Tradutor”

As primeiras palavras escritas na “Advertencia do Tradutor” expõem as razões que moveram Fonseca a traduzir a obra de Chompré. Assim, sendo da opinião de que os bons livros destinados à instrução da mocidade devem ser vulgarizados, como é o caso do *Dictionnaire Abrégé de la Fable*, o tradutor sublinha a utilidade desta obra para apoiar o ensino das línguas grega e latina. Se, por um lado, é absolutamente necessário o conhecimento da mitologia para ler os poetas antigos, por outro, esta matéria é “por sua natureza notavelmente complicada e escura, como tendo por fonte o erro”³⁷³. Porém, como informa o tradutor, Chompré reuniu neste dicionário “o menos contestado” e o essencial sobre a fábula, o que nos parece justificar o seu êxito editorial não só em França mas também em toda a Europa³⁷⁴.

Para testemunhar os propósitos de Chompré, Fonseca traduz na “Advertencia do Tradutor” os quatro parágrafos iniciais do “Avertissement” do original francês, onde, entre alguns apontamentos sobre a metodologia da elaboração da obra e sobre o seu conteúdo, sobressai, logo no 1º parágrafo, a rejeição de qualquer valor religioso subjacente à mitologia:

“He sabido (diz elle) que a Mythologia he hum tecido de imaginações extravagantes, hum montão confuso de factos, ás vezes verdadeiros na sua substancia, porém sem chronologia, sem ordem, e até mesmo de commum repetidos debaixo de miseráveis contos, pela maior parte destituídos de verisemhança, e dignos de desprezo. Mas igualmente se sabe que o conhecimento destas quimeras poeticas, e pagans he absolutamente necessario para entender os Autores. Nesta consideração se ajuntou aqui por ordem alfabetica o que ha de essencial para saber-se sobre esta materia, a fim de poupar aos mancebos o trabalho de ir beber nas fontes muitas vezes

³⁷³ Fonseca, *Diccionario Abbreviado da Fabula*, 1798, “Advertencia do Tradutor”: II.

³⁷⁴ A primeira tradução italiana (anónima) do texto francês no seu estado primitivo (anterior às alterações efectuadas na décima edição) foi publicada pela primeira vez em 1742. Esta foi reeditada inúmeras vezes, também de forma anónima, com o título *Dizionario delle Favole per uso delle scuole*. Em Espanha, este dicionário, com o título de *Diccionario Abreviado de la Fábula*, contava já em 1783 com onze edições. Rolf Kemmler dá notícia de uma tradução polaca impressa em Varsóvia em 1769 por Dominik Gabriel Szybinski tendo por título *Historya bogow baieczna przez alfabet zebrana, czyli Dykcyonarzyk mytologiczny [...] przelozony z francuskiego napisanego od P. Chompré na oyczysty jezyk przez Gabriela Szybinskiego* (2005: 100).

envenenadas, onde depois de hum perigoso, e desagradavel estudo, nada há de ganhar quanto á razão, e tudo que perder quanto ao coração”³⁷⁵.

A conformidade da opinião de Fonseca com a de Chompré a propósito da mitologia, bem declarada na expressão “materia por sua natureza notavelmente complicada [...] e sem a luz da verdadeira religião”³⁷⁶, vem sustentar a ideia de que a obra adquire todo o seu valor não no âmbito religioso, mas sim no âmbito sociocultural ao contribuir para o destaque pessoal e profissional de quem se instruía nas línguas e culturas gregas e latinas³⁷⁷.

No quarto parágrafo do “Avertissement” é abordado um aspecto inovador entre os dicionários mitológicos: a iconologia. O dicionário tem, entre as suas particularidades, a de acrescentar a cada um dos artigos característicos de qualquer dicionário mitológico outros que, geralmente, não costumam ser incluídos e através dos quais Chompré nos leva de uns aos outros naquilo que ele denomina de *mitologia iconológica*. Assim, por exemplo, a propósito de *Cibeles*, e para além do artigo em que nos é explicada a identidade da deusa, encontraremos outras referências aos seus atributos (o disco, a chave, a torre ou os leões), cada um dos quais tornam a remeter para *Cibeles*. Isto significa que cada símbolo ou atributo que aparece no dicionário remete para o seu possuidor. Não nos olvidemos da primeira finalidade do autor: a de ser um instrumento auxiliar para os alunos de

³⁷⁵ Traduzido por Pedro José da Fonseca do primeiro parágrafo do “Avertissement” da obra francesa: On sait que la Mythologie est un tissu d’imaginationes bizarres, un amas confus de faits, quelquefois vrais dans le fonds, mais sans chronologie, sans ordre, souvent même répétés sous différens noms; qu’enfin c’est un assemblage de contes misérables, la plupart destitués de vraisemblance, & dignes de mépris. Mais on sait aussi que la conoissance de ces chimères poétiques & payennes est absolument nécessaire pour entendre les Auteurs. Dans cette vue l’on a ici rassemblé par ordre alphabétique, ce qu’il y a d’essentiel à savoir sure cette matiere, a fin d’épargner aux jeunes gens la peine d’aller puiser dans les sources souvent empoisonnées, où après une étude dangereuse & dégoûtante, il n’y a rien à gagner pour la raison, & il y a tout à perdre pour le coeur (Chompré, 1770: III).

³⁷⁶ Fonseca, 1798: IV.

³⁷⁷ “All of these encyclopedic works [*Pantheum Mythicum; seu fabulosa Deorum historia* de François Pomey (e as suas traduções), *History of the Heathen Gods and Heroes* de William King e o *Dictionnaire abrégé de la fable* de Chompré] sold widely. But, it is important to note, they never intended to educate one to the nature and variety of religious experience. Their object was to furnish the upwardly mobile the cultural tidbits they would need to negotiate conversation in classy company. Readers coul appear polished by sprinkling their discussions with classical allusions. These enciclopedic dictionaries of mythology served as well to decode the classical references that laced the popular poetry of the day and thata served as a kind of metaphoric snare set to embarrass those not clued to their meaning. These encyclopedias of mythology did not explore the significance of religious symbolism or the function or nature of religion itself” (Sullivan *apud* Kemmler, 2005: 102).

Humanidades e, mais concretamente, a de servir de complemento ao vocabulário latino, tão escasso de referências mitológicas.

Chompré insiste no valor da iconologia “para saber, por exemplo, o que he huma figura de homem montado em huma *Aguia*, ou armado com huma *Fouce*; o que he huma figura de mulher com huma *Meia-Lua*, ou huma *Torre* á cabeça [...]”³⁷⁸. Sobrenomes de deuses (*Acidalia* é o nome com que Virgílio se refere em algumas ocasiões a *Venus*) ou patronímicos de heróis (*Aeolides* é o de *Ulisses*, por exemplo) são traços alheios a outros dicionários abreviados de mitologia que tornam a obra peculiar.

3.2. Reedições do *Diccionario Abbreviado da Fabula*

Contrariamente ao que documenta Inocêncio³⁷⁹, a edição *princeps* da tradução portuguesa *Diccionario Abbreviado da Fabula* foi publicada em 1779 e não em 1785, devendo o exemplar de 1785 ser considerado não a primeira, mas sim a terceira edição³⁸⁰. Efectivamente, o livro sobre a história da imprensa nacional faz referência na “Bibliografia sinóptica das obras impressas” a uma edição deste dicionário em 1779 atribuída a Pedro José da Fonseca como tradutor³⁸¹.

Rolf Kemmler³⁸² apresenta uma lista de edições da tradução portuguesa, que a seguir reproduzimos, pois a nossa pesquisa, apesar de exaustiva, não nos permitiu acrescentar outras edições:

1ª edição: 1779, Lisboa, Tipografia Régia

2ª edição: 1783, Lisboa, Tipografia Régia

3ª edição: 1785, Lisboa, Tipografia Régia

4ª edição: 1789, Lisboa, Tipografia Régia

5ª edição: 1793, Lisboa, Tipografia Régia

³⁷⁸ Fonseca, 1798: IV.

³⁷⁹ Silva, 1862: VI, 422.

³⁸⁰ Kemmler, 2005: 102.

³⁸¹ *Imprensa Nacional*, 1975: 116.

³⁸² Cf. Kemmler, 2005: 103.

- 6ª edição: 1798, Lisboa, Simão Tadeu Ferreira
 7ª edição: 1807, Lisboa, Simão Tadeu Ferreira
 8ª edição: 1818, Lisboa, Tipografia da Real Academia das Ciências
 9ª edição: 1836, Lisboa, Tipografia de António José da Rocha
 10ª edição: 1837, Pernambuco, Tipografia de Santos e Cia
 11ª edição: 1839, Paris, Tipografia de Pillet Ainé
 12ª edição: 1858, Lisboa, Tipografia de Maria da Madre de Deus
 13ª edição: 1860, Paris, Tipografia de Pillet Ainé
 14ª edição: 1868, Paris: Garnier irmãos
 15ª edição: 1876, Paris: Garnier irmãos
 16ª edição: 1882, Paris: Garnier irmãos
 17ª edição: 1923, Rio de Janeiro, Livraria Garnier
 18ª edição: 1936, Paris, Livraria Garnier
 19ª edição: 1938, Rio de Janeiro, Briguiet
 20ª edição: 1945, Rio de Janeiro, Livraria Figueirinhas
 21ª edição: 2004, Lisboa, Editores associados

Tal como referimos a propósito do estudo do *Parvum Lexicon*³⁸³, a 6ª, 8ª e 9ª edições da tradução em estudo foram anexadas à 4ª, 5ª, 6ª e 7ª edições deste dicionário latino-português:

<i>Parvum Lexicon</i>	<i>Diccionario da fabula</i>
1798 (4ª ed.) , Tipografia Régia 1807 (5ª ed.) , Simão Tadeu Ferreira	1798 (6ª ed.) Simão Tadeu Ferreira
1819 (6ª ed.) , Tipografia Rolandiana	1818 (8ª ed.) Tipografia da Real Academia das Ciências
1847 (7ª ed.) Tipografia António José da Rocha	1836 (9ª ed.) Tipografia de António José da Rocha

Não há qualquer dúvida de que esta obra teve uma divulgação independente do *Parvum Lexicon*, tal como nos comprovam a inexistência de reclamo e de sequência de paginação, uma nova página de rosto para o dicionário mitológico e a realização autónoma do trabalho tipográfico.

³⁸³ Cf. 1.1. da parte I do presente capítulo.

No presente estudo utilizámos a 6ª edição do *Diccionario Abbreviado da Fabula*, agregada à 4ª edição do *Parvum Lexicon* que, à semelhança da décima edição da obra francesa, contém aproximadamente 4600 entradas, número que se iria manter ao longo das edições subsequentes, apenas com variações no formato e no número de páginas a partir da edição de 1836. Efectivamente, nas páginas prefaciais da versão portuguesa, Fonseca informa ter utilizado a décima edição da obra, todavia ignoramos qual delas, pois, como já registámos, existem três exemplares: 1765, 1766 e 1770:

Quanto á traducção só fica para advertir, que o exemplar, de que me servi, foi a décima edição, reconhecida pelo autor como propriamente sua, e por elle mesmo aperfeiçoada, e cheia das addições, que lhe parecêrão precisas, principalmente na parte desta Obra, que diz respeito aos sobrenomes das divindades pagans, e aos nomes patronymicos dos heroes fabulosos, parte essencial para a intelligencia de innumeraveis passos dos poetas Gregos, e Latinos onde as ditas divindades não são designadas mais que por alguns dos seus attributos, e os heroes pelos nomes de seus pais, ou de seus antepassados³⁸⁴.

³⁸⁴ Fonseca, *Diccionario Abbreviado da Fabula*, 1798: VI-VII.

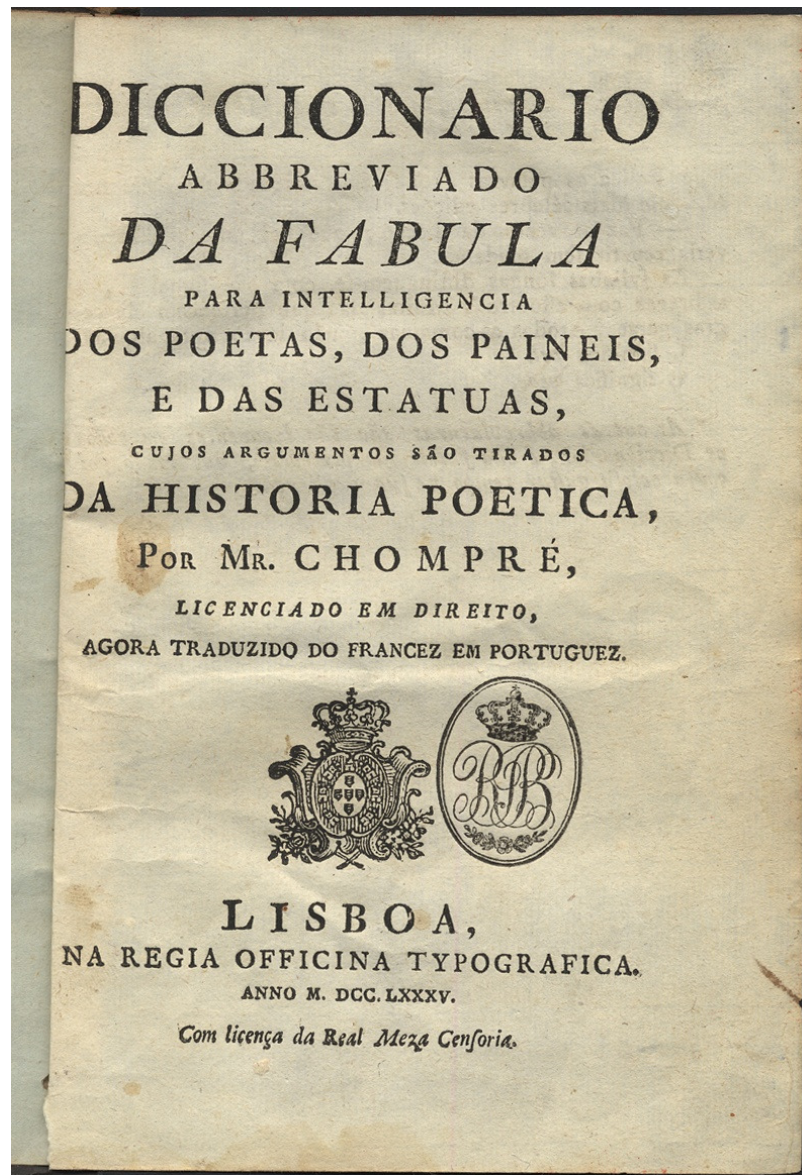


Figura 2

3.3. Colação entre o original francês e a tradução

3.3.1. Fidelidade ao original

Por deliberar que “nada ha de esencial para saber-se tocante á Fabula, que não se dê assim neste pequeno livro”³⁸⁵, o tradutor cuidou “que a dita tradução, sem nenhuma mudança, ou additamento, fosse unicamente exacta”³⁸⁶.

Como teremos oportunidade de verificar no estudo que se segue, Fonseca cumpre a fidelidade prometida em relação ao texto francês. Começemos pelo confronto das nomenclaturas³⁸⁷:

<i>Dictionnaire Abrégé de la Fable</i> (1770)	<i>Diccionario Abbreviado da Fabula</i> (1798)	<i>Dictionnaire Abrégé de la Fable</i> (1770)	<i>Diccionario Abbreviado da Fabula</i> (1798)
Aba ou Abae	Aba ou Abae	Libitine	Libitina
Abadir ou Betylo	Abadir ou Betylo	Lybie	Lybia
Abæus	Abæo	Libystinus	Libystino
Abantiades	Abantiades	Lichas, mieux Lychas	Lichas, e melhor Lychas
Abantias	Abantias	Licymnius	Licymnio
Abarbarée	Abarbarea	Lierre	———
Abaris	Abaris	Ligée	Ligea
Abas	Abas	Ligyron	Ligyron
Abaster	Abaster	Ligystus	Ligysto
Abatos	Abatos	Limenitis, Limniatis, Limnatis ou Limnea	Limenitis, Limniatis, Limnatis ou Limnea
Abdere	Abdera	Limentinus	Limentino
Abderus	Abdero	Limes	Limes
Abeilles	Abelhas	Limnaces ou Limnades	Limnaces ou Limnades
Abellion	Abellion	Limnæus ou Limneus	Limnæus ou Limneo
Abéone & Adéone	Abeona, e Adeona	Limnatides	Limnatidas

³⁸⁵ Fonseca, 1798: VII.

³⁸⁶ *Ibidem*.

³⁸⁷ A ordem de apresentação das entradas portuguesas neste quadro não corresponde à ordem pela qual aparece no *Diccionario Abbreviado da Fabula*, pois, para ilustrar a correspondência directa entre as entradas das duas obras em análise, foi necessário inverter a ordem das seguintes entradas: *abundancia*, *leão*, *lobo* e *loba*. Naturalmente, na passagem do francês ao português, o tradutor alterou a ordem destas (e outras) entradas de modo a evitar perturbações na ordenação alfabética letra a letra na versão portuguesa.

Abérides	Aberides	Limniades, Limnées & Limniaques	Limniades, Limneas, e Limniacas
Aberrigenes	Aberrigenes	Limoniades	Limoniades
Abia	Abia	Linigera	_____
Abiens	Abianos	Lenus	Lino
Abondance	Abundancia	Lion	Leão
Aborígenes	Aborigenes	Liparus	_____
Abacadabra	Abacadabra	Liriope	Liriope
Abracax & Abraxas	Abracax, e Abraxas	Lites	Lites
Abretie	Abretia	Lithobolie	Lithobolia
Absée	Abseo	Littorales	Littoraes
Absyrte	Absyrto	Livre	Livro
Abydos	Abydos	Locutius	Locucio
Abyla	Abyla	Læmius	Læmios
Acacalis	Acacalis	Lotis ou Lótus	Lotis ou Lotos
Acacesius	Acacesio	Lotophages	Lotophagos
Acadine	Acadino	Loup	Lobo
Acale ou Perdix	Acalo ou Perdix	Louve	Loba
Acalis ou Acasis	Acalis ou Acasis	Loxias	_____
Acamarchis	Acamarchis	Lua ou Lyé	Lua ou Lye
Acamas	Acamas	Lubentie, Lubentine ou Libentine	Lubentia, Lubentina ou Libentina

À semelhança do que já concluíra Rolf Kemmler³⁸⁸, uma breve análise desta comparação das entradas permite concluir que o tradutor seguiu escrupulosamente o texto francês para a selecção das entradas. A fidelidade em relação à estrutura da obra francesa está ainda patente nas numerosas remissões para outras entradas: Abeilles. *Voyez* Aristée; Bain. *Voyez* Diane, Actéon, Calisto; Peau de lion. *Voyez* Hercule, Adraste (Chompré). Abelhas. *Veja-se* Aristeo ; Banho. *Veja-se* Diana, Acteon, Calisto; Pelle de leão. *Veja-se* Hercules, Adrasto (Fonseca). Analisemos também algumas traduções recolhidas ao acaso:

³⁸⁸ Cf. Kemmler, 2005: 106-108.

<i>Dictionnaire Abregé de la Fable</i> (1770)	<i>Diccionario Abbreviado da Fabula</i> (1798)
ABIA, fille d’Hercule, soeur & nourrice d’ Hylus. Elle avoit un temple fameux en Messénie. Elle se retira dans la ville d’Ira, à laquelle elle donna son nom, & qui fut une des septs villes qu’ Agamemnon promit à Achille. <i>Homer.</i>	ABIA, filha de Hercules, irmã, e ama de Hylo. Tinha um famoso templo em Messénia. Retirou-se para a cidade de Ira, a qual tomou della o nome, e foi uma das sete cidades, que Agamemnon prometteo a Achilles. <i>Homer.</i>
<p>ABRACADABRA, nom qui servoit a former une figure superstitieuse à laquelle on attribuoit la vertu de prévenir les maladies & de les guérir. Les lettres de ce nom devoient être disposées ainsi:</p> <p style="text-align: center;">ABRACADABRA ABRACADABR ABRACADAB ABRACADA ABRACAD ABRACA ABRAC ABRA ABR AB A</p> <p>Cette figure étant principalement composée des lettres du nom <i>Abraca</i>, le même qu’<i>Abracax</i> ou <i>Abraxas</i>, qu’on croyoit être le plus ancien des dieux, étoit elle même révéree comme une espece de divinité. <i>Voyez ABRACAX.</i></p>	<p>ABRACADABRA, nome, que servia para formar huma figura supersticiosa, á qual se attribua a virtude de preservar das enfermidades, e de as curar. As letras deste nome devião ser dispostas pelo seguinte modo:</p> <p style="text-align: center;">ABRACADABRA ABRACADABR ABRACADAB ABRACADA ABRACAD ABRACA ABRAC ABRA ABR AB A</p> <p>Esta figura sendo principalmente composta das letras do nome <i>Abraca</i> o mesmo que <i>Abracax</i> ou <i>Abraxas</i>, que se tinha pelo mais antigo dos deoses, era por si mesma reverenciada, como huma especie de divindade. <i>Veja-se ABRACAX.</i></p>
BAGOÉ, nymphe qui enseigne aux Toscans l’art de deviner par les soudres. On prétend que c’étoit la Sibylle Erythrée ou Erophyle. <i>Voyez SIBYLLE.</i>	BAGOE, nynfa, que ensinou aos Toscanos a arte de adivinhar pelos raios. Pretende-se que era a Sibylla Erythrea, ou Herophila. <i>Veja-se SIBYLLA.</i>
CUPIDON ou L’AMOUR, étoit fils de Mars & de Vénus. Il présidoit à la volupté. On le représente sous la figure d’un enfant toujours nud, quelquefois avec un bandeau sur les yeux, un arc & un carquois rempli de flèches ardentes. Il fut fort aimé de Psyché, & eut Antéros pour compagnon dans son enfance. Les Grecs le nommoient <i>Eros</i> . Les Ris, les Jeux, les Plaisirs, & les Attraitis étoient représentés de même que lui, sous la figure de petits-enfants ailés.	CUPIDO OU O AMOR, era filho de Marte e de Venus. Presidia aos prazeres. Representa-se na figura de hum menino sempre nú, algumas vezes com huma venda sobre os olhos, arco e alvaja cheia de setas ardentes. Foi muito amado de Psyche, e teve na infancia Antéros por companheiro. Os Gregos lhe chamavão <i>Eros</i> . Os Risos, os Jogos, os Prazeres e os Atractivos erão semelhantemente representados como elle, debaixo da figura de meninos com azas.

Os exemplos apresentados, recolhidos fortuitamente, permitem concluir que Fonseca, empregando o método literal em detrimento do método livre de tradução, concentrou o seu trabalho nas palavras e na estrutura do original, respeitando, na maioria das vezes, a estrutura frásica do texto francês. A excessiva fidelidade ao texto francês manifesta-se em casos como “Pretende-se que era”, tradução de “On prétend que c’étoit”, como ilustra a entrada BAGOE incluída no quadro acima.

Menos frequentes são os casos em que o léxico e a sintaxe são claramente substituídos. Uma leitura mais demorada permite identificar algumas ocorrências, que assinalamos a negrito no quadro que se segue. A glosa portuguesa correspondente à entrada AMARACO exemplifica um caso de substituição da sintaxe do texto francês mal conseguida, pois origina uma alteração de sentido na tradução portuguesa.

<i>Dictionnaire Abregé de la Fable</i> (1770)	<i>Diccionario Abbreviado da Fabula</i> (1798)
ACASTE, fameux chasseur, fils de Pélias, roi de Thessalie. Crétheïs sa femme, que quelques-uns nomment Hippolyte, ayant aimé Pelée [...]	ACASTO, famoso caçador, filho de Pelias, rei da Thessalia. Cretéis, sua mulher, que alguns nomeão Hippollyta, concebendo amor a Peléo [...]
ACHÉLOUS, fils de l’Océan & de Téthys ; selon autres, du Soleil & de la Terre. Ayant aimé Déjanire [...]	ACHELOO, filho de Oceano, e de Tethys, segundo outros, do Sol e da Terra. Namorado de Dejanira [...]
CUPIDON ou L’AMOUR, [...] Les Ris, les Jeux, les Plaisirs, & les Attraites étoient représentés de même que lui, sous la figure de petits-enfants ailés .	CUPIDO OU O AMOR [...] Os Risos, os Jogos, os Prazeres e os Atractivos erão semelhantemente representados como elle, debaixo da figura de meninos com azas .
AMARACUS. C’étoit un officier de la maison de Cynire ou Cynare, roi de Chypre. Comme il étoit cahrgé du soin des parfums il eut tant de chagrin d’avoir cassé des vases qui en contenoient des plus excellens, qu’il en sécha de douleur [...].	AMARACO. Era hum oficial da casa de Cyniras ou Cynaras, rei de Chypre. Como tocava á sua obrigação guardar os perfumes, tal foi o pezar, que teve de quebrar os vasos , em que estavam mettidos os de maior preço, que de pura dor veio a finar-se [...].

3.3.2. Soluções de aportuguesamento

A leitura atenta da tradução de Fonseca permite concluir da sua escrita sem vestígios de francesismos, pautada pela norma purista ideada e vigente no século XVIII e na primeira metade do século XIX.

A ideia dominante era a de preservar o “antigo e bom uso”, a de atender ao “génio da língua” e a de libertar a língua do “refugado francesismo” originado pela frequente lição de livros franceses. São eloquentes, a propósito do uso e abuso dos francesismos, as palavras lavradas na “Planta para se formar o Diccionario da Lingoa Portuguesa”, onde Fonseca projecta um quadro de autoridades com termo no século XVII de modo a preservar a língua da influência dos livros estrangeiros, particularmente, os de língua francesa³⁸⁹.

³⁸⁹ Cf. 1.1.1. do Capítulo II.

Abundam os escritos da época com este discurso metalinguístico em torno da adopção de expressões e vocábulos franceses e da demanda pela “boa origem” latina. São bastante elucidativos, e isto apenas para citar alguns, o *Glossario das palavras e frases da lingua franceza, que por descuido, ignorancia, ou necessidade se tem introduzido na locução portuguesa moderna, com juízo critico das que são adoptaveis nella*³⁹⁰ do Cardeal Saraiva, e o *Ensayo Critico sobre qual seja o uso prudente das palavras de que se servirão os nossos bons escritores do seculo XV e XVI e deixárão esquecer os que depois se seguirão até ao presente* de António das Neves Pereira. Neste último podemos ler o que escreve António das Neves Pereira sobre este assunto:

[...] O mesmo excesso vicioso, que muitos homens de máo gosto tem tido em latinizar a Lingua Portuguesa, o mesmo he agora afrancezando-a [...]. He indizível o que se tem accumulado de Francezias, não só em traducções Portuguezas, mas até em obras de varios géneros [...]³⁹¹.

Estes escritos constituem igualmente um bom testemunho dos critérios norteadores da aceitação ou recusa do empréstimo no século iluminista. O princípio básico enunciado no *Glossario* relativamente à admissibilidade ou não da expressão estrangeira é o seguinte: “Em geral tivemos sempre diante dos olhos esta regra; que sendo o vocábulo de boa origem, derivado conforme a analogia, e ao mesmo tempo expressivo e harmonioso, se podia adoptar e trazer á nossa lingua”³⁹².

Não nos cabe neste estudo analisar com pormenor estes critérios. Apenas convém salientar que no contexto cultural da época, de revitalização e emulação dos modelos greco-latinos, o princípio etimológico de “boa origem”, latina ou grega, revestia-se de extrema importância para os puristas, quer na decisão de integrar ou não vocábulos estrangeiros na língua, quer nas soluções adoptadas de tradução desses termos para o português.

Referimo-nos, particularmente, à tradução das entradas do *Diccionario Abbreviado da Fabula* por Pedro José da Fonseca. O confronto entre as entradas francesas e as

³⁹⁰ O *Glossario* resulta de uma proposta feita em 1810 na classe de literatura portuguesa da Academia Real das Ciências. Apontando como principais causas do francesismo “a frequente lição dos livros francezes” e a “falta de hum bom diccionario de ambas as línguas” (*Glossario*: IX), o catálogo ultrapassa o domínio lexical e frásico ao visar “hum certo pensar francez, o qual ainda mais que os vocábulos ou frases individualmente considerados altera a fórmula original do idioma, e lhe dá um colorido estrangeiro e alheio da sua natureza” (*Glossario*: 8).

³⁹¹ Pereira, *Ensayo Critico*: 446- 447.

³⁹² *Glossario*: VI.

portuguesas, e em especial, da tradução de Fonseca com os índices de nomes próprios seiscentistas e com traduções coevas, nomeadamente a da *Noticia da Mythologia*, comprova que todos os vocábulos estranhos à nossa língua foram “aportuguesados” com base na matriz latina, sem intermediação do francês.

<i>Dictionnaire Abrégé de la Fable</i> (1770)	<i>Diccionario Abbreviado da fabula</i> (1798)	Matriz latina
Abéone	Abeona	Abeona, ae
Absryrthe	Absryto	Absyrtus, i
Abyla	Abyla	Abyla, ae
Amyclaeus	Amycleo	Amyclaeus, -a, -um
Androgée	Androgeo	Androgeos, o
Angeronales	Angeronaes	Angeronalia, ium
Melanippe	Melanippe	Melanippe, es
Méléagre	Meleagro	Meleagrus, i
Melibée	Melibea	Melibœa, ae
Palamède	Palamedes	Palamedes, is
Pandare	Pandaro	Pandarus, i
Pandore	Pandora	Pandora, ae
Polydecte	Polydectes	Polydectes, ae
Polynice	Polynices	Polynices, is
Soracte	Soracte	Soracte, is
Sylvain	Sylvano	Silvanus, i
Tartare	Tartaro	Tartarus, i
Taureau	Tauro	Taurus, i

Pode observar-se neste grupo de entradas nunca antes dicionarizadas em português que Fonseca fez o decalque de todas elas sobre a forma de nominativo do termo latino. O tradutor tentou aproximar a língua portuguesa o mais possível da língua latina, estabelecendo um elo entre as formas gráficas portuguesas e as correspondentes latinas.

Porém, mais do que decalcar todas as formas atestadas na obra francesa, nunca antes sistematizadas em vernáculo, o tradutor procedeu a uma espécie de “expurgação” linguística deste domínio onomástico ao reescrever os mitónimos, já antes listados nos

índices seiscentistas, de acordo com os seus moldes gráficos greco-latinos. Adoptou grafemas e dígrafos que, embora carecessem de valor fónico, eram o distintivo das origens, como é o caso dos grupos consonânticos oriundos do latim e do grego e das consoantes duplas: <CT>, <GM>, <GN>, <MN>, <MPT>, <CH>, <PH>, <TH>, <RH>, <BB>, <CC>, <DD>, <FF>, <GG>, <LL>, <MM>, <NN>, <PP> e <TT>³⁹³.

A título exemplificativo, as formas *Aganipe*, *Alcino*, *Amon*, *Anteo*, *Calypsos* e *Cypria* do *Index* de Franco Barreto apenso a *Os Lusíadas* são grafadas no *Diccionario da Fabula* em relação com o étimo latino ou grego: *Aganippe*, *Alcinoo*, *Ammon*, *Antheo*, *Calypso* e *Cypris*.

Não se estranha a forma gráfica das palavras registadas por Barreto se tivermos presente que nele encontramos um arauto da ortografia fonética, substancialmente mais comprometido com a pronúncia. O próprio ortografista³⁹⁴ não nos deixa qualquer dúvida quanto ao critério defendido: “[...] devemos escrever como pronunciamos, & pronunciar como escrevemos”³⁹⁵.

O cotejo da tradução de Fonseca com uma das traduções coetâneas no âmbito da mitologia, a *Notycia da Mythologia*, vem reforçar a ideia de que Fonseca respeitou bastante a etimologia dos vocábulos ao traduzir os mitónimos da obra francesa para o português, pois a análise da nomenclatura do *Diccionario da Fabula* não indicia qualquer vestígio da língua de partida. O *Summario dos nomes proprios* que acompanha a *Notycia da Mythologia* regista algumas formas, tais como *Cerastes*, *Dactyles*, *Dioscures*, *Epigones*, *Eteocle*, *Hippomene*, *Nyctimenes*, *Palices*, *Philoctete*, *Polydecte*, *Thyeste* que são nitidamente tomadas do francês:

³⁹³ Tal como relembra Filomena Gonçalves, a maioria dos títulos dos tratados ortográficos do século XVIII corresponde a obras que seguem a tendência etimológica, elevada por Madureira Feijó na sua obra *Orthografia, ou Arte de Escrever e Pronunciar com Acerto a Lingua Portuguesa* (1734) ao mais alto expoente. O motivo mais recorrente nas obras ortográficas daquela época é a introdução de grafemas latinos ou gregos, o que significa que, à relatinização verificada neste período clássico da língua deveria ser acrescentada a re-helenização da ortografia, ainda que ela tenha ocorrido por intermédio do latim (1992: 41).

³⁹⁴ João Franco Barreto escreveu a *Ortografia da lingua portugueza* que foi publicada em 1671, em Lisboa, na Officina de Ioam da Costa. O princípio veiculado ao longo da obra é o da tradição clássica (“scribitur quomodo sonat” – Quintiliano).

³⁹⁵ In Gonçalves, 1992: 39.

Francês	<i>Notycia da Mythologia</i>	<i>Diccionario da fabula</i>	Matriz latina
Cérastes	Cerastes	Cerastas	Cerastae, arum
Dactyles	Dactyles	Dactylos	Dactyli, orum
Dioscures	Dioscures	Dioscuros	Dioscuri, orum
Epigones	Epigones	Epígonos	Epigoni, orum
Étéocle	Eteocle	Eteocles	Eteocles, is
Hippomène	Hippomene	Hippomenes	Hippomenes, ae
Nyctimenes	Nyctimenes	Nyctimene	Nyctimene, es
Palices	Palices	Palicos	Palici, orum
Philoctète	Philoctete	Philoctetes	Philoctetes, ae
Polydècte	Polydecte	Polydectes	Polydectes, ae
Thyeste	Thyeste	Thyestes	Thyestes, ae

Se constatamos na tradução de Fonseca o aportuguesamento lexical com recurso à língua latina, também observamos a tradução de todas as entradas francesas com deriva vernaculizante para a forma vernácula portuguesa correspondente. Nesta senda, o filólogo traduziu *Abondance* por *Abundancia*, *Loup* por *Lobo*, *Jeunesse* por *Mocidade*, *Mensonge* por *Mentira*, *Poissons* por *Peixes*, *Printemps* por *Primavera*, *Vertu* por *Virtude*, entre outras. Há ocasiões em que são apresentadas as duas formas, a forma latinizada com o cariz originário latino e a forma vernácula com a importação dos vocábulos latinos submetidos às leis de adaptação do idioma: *Leo* ou *Leao*, *Mavors* ou *Mavorte*.

3.4. Modernização da obra

Em 1945 foi publicada uma nova edição do *Diccionario abbreviado da Fabula*, o *Novo Dicionário da Fábula*. Apesar de esta edição não conter o prefácio do tradutor nem qualquer outra referência que a relacione à versão portuguesa do dicionário de Chompré, o cotejo entre o original setecentista e a obra de 1945, levado a cabo por Rolf Kemmler³⁹⁶, prova que se trata da tradução de Pedro José da Fonseca redigida com actualização ortográfica.

³⁹⁶ Kemmler, 2005: 110-111.

Publicado na norma ortográfica então vigente em Portugal (Acordo Ortográfico Luso-Brasileiro de 1931³⁹⁷), este dicionário apresenta as entradas com os acentos gráficos da ortografia oficial. Porém, o editor desta nova versão não considerou uma reordenação alfabética da nomenclatura face à mudança do regime ortográfico. Ao estudo de Rolf Kemmler acrescentamos apenas mais algumas sequências exemplificativas do que acaba de ser exposto:

<i>Diccionario Abbreviado da Fabula</i> (1798)	<i>Novo Dicionário da Fábula</i> (1945)
Absyrto Abundancia Abutre Abydos	Absirto Abundância Abutre Ábidos
Demonios Demophile Demophoon Den Dendritis Dendrolybano Dendrophoro	Demónios Demófile Demófon Den Dendritis Dendrolíbano Dendróforo
Proteo Protelia Protesilao Protheo Prothenor Proto	Proteu Protélia Protesilao Protenor Proteu Proto

A leitura destes fragmentos permite afirmar que a ordem alfabética das entradas no *Novo Dicionário da Fábula* corresponde à ordem no original setecentista, não obstante a actualização ortográfica, resultando numa organização caótica das entradas com frequentes perturbações na ordem alfabética³⁹⁸. Tanto *Demophile* como *Demophoon* e *Dendrophoro* estão escritos com <-f->, sendo mantida a ordem primitiva. De igual modo, considerando a evolução da grafia <y> para <i>, nada justifica a manutenção das entradas *Absirto*, *Ábidos* e *Dendrolíbano* na ordem apresentada.

Outro dos aspectos distintivos entre as duas edições é a exclusão de um grande número de entradas da edição moderna, das quais transcrevemos algumas delas: *Achæa*,

³⁹⁷ Ainda que o dicionário tenha sido publicado em 1945, não foi redigido dentro das normas ortográficas do Acordo de 1945, que só viriam a ser oficializadas a 8 de Dezembro desse mesmo ano (Cf. Kemmler, 2005: 110).

³⁹⁸ Sobre as perturbações na ordem alfabética do *Novo Dicionário da Fábula* (1945), Cf. Kemmler, 2005: 111-113.

*Acheloo, Acraephio, Alcyon, Ariadneas, Arrichion, Cecropidas, Choes, Chon, Clymeneia*³⁹⁹.

A última edição da obra, o *Dicionário abreviado da Fábula* (2004) vem prefaciada por uma “Advertência ao Leitor” que faz referência ao aperfeiçoamento desta edição pelo editor Rodrigues Vaz, que Rolf Kemmler verificou ter corrigido todos os erros de ordenação alfabética da edição anterior⁴⁰⁰.

³⁹⁹ Kemmler, 2005: 114.

⁴⁰⁰ Cf. Kemmler, 2005: 114.

V - Planta do *Diccionario* da Academia Real das Ciências (1780)

Com o intuito de elaborar uma obra de referência na fixação e autorização do léxico português de acordo com a norma purista de Setecentos, é apresentado, a 4 de Julho de 1780, na sessão pública inaugural da Academia Real das Ciências de Lisboa, o programa metodológico que iria reger a composição do *Diccionario da Lingoa Portuguesa*.

Pretendia-se substituir o *Vocabulario* de Bluteau investindo numa selecção mais escrupulosa da nomenclatura e das autoridades, assim como na correcção das definições ou explicações “defeituosas” e das etimologias “erradas ou pouco seguras”. Tal como informa João Paulo Silvestre, “o *Vocabulario* é apresentado como o produto de um estágio na evolução da técnica lexicográfica e no esforço de valorização das línguas nacionais, equiparável ao *Tesoro de La Lengua Castellana* (1611)”⁴⁰¹:

O muito, que o infatigável e erudito P.D. Rapahel Bluteau tentou fazer em beneficio da nossa lingoa, de justiça deve merecer á Nação Portuguesa não menor reconhecimento, do que a Hespanhola dedica por igual motivo a D. Sebastião Covarrubias. O seu Thesouro da lingoa Castellana da mesma sorte que o Vocabulario Portuguez, e Latino do sobredito Bluteau, forão os que anticiparão a ambas as nações o conhecimento da necessidade e fructo, que se dá em obras desta natureza. **Mas assim como a Real Academia Hespanhola não teve por bastante o anterior trabalho do seu Covarrubias para deixar de compôr hum Diccionario inteiramente novo, com igual razão se deve formar o nosso**, pois não he mais do que os Hespanhoes tinham, aquillo, que entre nós, nesta parte se acha feito⁴⁰².

Composto e publicado o primeiro e único volume em 1793 por três sócios da Academia, nomeadamente Pedro José da Fonseca, Bartolomeu Inácio Jorge e Agostinho José da Costa Macedo, o dicionário, e, em especial, o seu fundo paratextual, constitui uma fonte inesgotável de informações linguísticas. De entre estes académicos distinguiu-se

⁴⁰¹ Silvestre, 2008: 457.

⁴⁰² Fonseca, *Diccionario da Lingoa Portuguesa*, 1993 (1793), “Planta”: III.

Pedro José da Fonseca que dirigiu a comissão aplicada na sua elaboração e delineou “o desenho, a ordem, a contextura e matéria do Diccionario”, segundo os termos usados no prólogo da obra. A ele se devem: a Planta do *Diccionario*, a Dedicatória, o Prólogo, o Catálogo de Autores e uma larga parte dos artigos da letra A.

Trata-se de um imponente volume *in-folio* com 390 X 240 mm contendo um total de 756 páginas. Os paratextos iniciais, além das páginas de rosto e anterosto, apresentam a “Dedicatória à Rainha D. Maria I”, um prólogo breve de duas páginas, a “Planta para se formar o Diccionario da Lingoa Portuguesa”, que se alonga por vinte páginas, e uma antologia com as “Memorias e Louvores da Lingoa Portuguesa” (21 páginas a duas colunas), seguida da tabela com a “Explicação das Abreviaturas”, e de um “Aviso ao Leitor”. A parte mais importante do conjunto de textos introdutórios é preenchida pelo “Catalogo dos Autores” (148 páginas) com a referência bibliográfica das obras que deveriam servir de base para autorizar o dicionário. Acrescentam-se ainda a “Errata” (2 páginas) e a “Explicação das Abreviaturas que denotam a censura das palavras, ou designam quaesquer outras cousas” (2 páginas). Segue-se o texto dicionarístico propriamente dito num total de 544 páginas a duas colunas.

De entre todos os textos prefaciais aqui enunciados, interessa, sobretudo, o da “Planta” por ser nela que Fonseca faz uma fundamentação teórica quanto à tipologia, objectivos e técnica dicionarística. Apresentado, como já dissemos, na sessão pública inaugural da Academia, o programa delineado neste texto seria aprovado na primeira junta sobre a composição do dicionário, a 24 de Novembro de 1780. Contém uma introdução e está dividida em vinte e cinco partes ou bases, como diríamos hoje.

A leitura da planta do *Diccionario da Lingoa Portuguesa* deixa a convicção de que o seu autor, Pedro José da Fonseca, possuía, como veremos mais adiante, um profundo conhecimento de todas as questões em torno da actividade da Real Academia Espanhola e da composição do *Diccionario de Autoridades*.

A introdução evidencia, desde logo, uma semelhança entre os objectivos das duas instituições, coincidentes no louvor da elegância e perfeição da língua e no propósito de fixar o bem regulado uso de cada um dos idiomas⁴⁰³:

⁴⁰³ Para além de almejar fixar a língua na sua perfeição, a Academia Portuguesa visava contribuir para o progresso científico do país, estendendo a sua actividade às ciências naturais, Física, Química, Matemática, História e Linguística, e às ciências aplicadas, Economia, desenvolvimento da Agricultura e da Indústria, Saúde Pública, Ensino, etc. Os próprios lemas espelham o alcance dos objectivos de cada uma das Academias. Se compararmos a divisa da instituição espanhola “Limpia, fija y da esplendor” com a da

Tem de todas as lingoas o melhor; a pronunçiação da Latina; a origem da Grega; a familiaridade da Castelhana; a *brandura* da Franceza; a *elegancia* da Italiana [...] E já que por industria sua a mesma lingoa chegou a obter tanta **abundancia, gala, elevação, e nobreza; da nossa diligencia seja procurar-lhe a conservação e perpetuidade de huns tão bellos dotes** [...] ⁴⁰⁴.

El principal fin, que tuvo la Real Académia Española para su formación, fué **hacer un Diccionario copioso y exacto**, en que se viesse la **grandéza y poder** de la Léngua, la **hermosura y fecundidad** de sus voces, y que ninguna otra la excede en **elegância, phrases, y pureza** [...] pues entre las lenguas vivas es la Española, sin la menor duda, **una de las mas compendiosas y expressivas**, à cuya viveza no ha podido llegar Nación alguna: y en lo **elegante y pura** es una de las mas primorosas de Europa [...] ⁴⁰⁵.

Na sua argumentação introdutória acerca da indispensabilidade de um dicionário, Pedro José da Fonseca reporta-se, com frequência, à actividade exemplar da Real Academia Espanhola como um paradigma a seguir:

Muitos Soberanos erigirão Academias sómente da Lingoa da Nação, e as condecorarão e protegêrão sempre com singulares demonstrações de benevolencia e favor. Póde-se ver, por não ir longe, nem allegar outras muitas provas em razão de vulgares, a Historia da Academia Hespanhola no primeiro tomo do seu Diccionario ⁴⁰⁶.

Efectivamente, não obstante a suposição favorável dos Académicos Espanhóis ⁴⁰⁷, a língua portuguesa ainda não se encontrava enriquecida com um “perfeitíssimo Diccionario”, tal como sublinha Pedro da Fonseca no último parágrafo da introdução da planta, após uma síntese crítica ao *Vocabulario* de Bluteau:

E desta sorte ficaria a toda a luz manifesto, que a referida lingoa não se acha até agora enriquecida, como por inadvertencia supposerão os Academicos Hespanhoes com hum perfeitoissimo Diccionario ⁴⁰⁸.

portuguesa “Nisi utile est quod facimus, stulta gloria est” (Se não for útil o que fizermos, a glória será vã), constatamos que os propósitos da Academia Espanhola se concentram especialmente na língua.

⁴⁰⁴ Fonseca, *Diccionario da Lingoa Portuguesa*, 1993 (1793), “Planta”: II.

⁴⁰⁵ Real Academia Española, *Diccionario de Autoridades*, 1969 (1726-1737): I.

⁴⁰⁶ Fonseca, *Diccionario da Lingoa Portuguesa*, 1993 (1793), “Planta”: II.

⁴⁰⁷ “[...] los Franceses, Italianos, Ingleses y Portugueses han enriquecido sus Pátrias, è Idiomas com perfectissimos Diccionarios, y nosotros hemos vivido con la glória de ser los primeros, y com el sonjoro de no ser los mejores” (Real Academia Española, 1969 (1726-1737): XI.

⁴⁰⁸ Fonseca, *Diccionario da Lingoa Portuguesa*, 1993 (1793), “Planta”: IV.

Imediatamente após esta consideração, com louvável diligência Fonseca apresenta a planta propriamente dita, expondo os princípios metodológicos que iriam reger a elaboração da obra. A leitura colacionada entre as peças introdutórias (prólogo⁴⁰⁹ e planta) do *Diccionario de Autoridades* e a planta do *Diccionario da Lingoa Portuguesa* revela as analogias entre os dois projectos oriundos, por sua vez, da mesma matriz⁴¹⁰. O quadro comparativo que se segue põe em evidência as principais semelhanças no preceituado das directrizes relativas à nomenclatura, abonações, estrutura dos artigos e informação gramatical, ordenação das acepções, ortografia e estilo dos dicionários.

⁴⁰⁹ O prólogo da obra espanhola adianta muitas informações relativas a algumas normas enunciadas na planta.

⁴¹⁰ O prólogo do *Diccionario de Autoridades* enumera os dicionários que a Academia Espanhola teve presente para fixar a planta: o da Crusca florentina (1612; edição de 1691); o da Academia Francesa (edições de 1694 e 1718); o francês-latino de Danet (edição de 1713), e os monolingues famosíssimos de Richelet (1680) e Furetière (1694); por fim, o dos jesuítas de Trévoux (edição de 1704 e 1721). Também sabemos, pelas palavras de Fonseca, que o dicionário da Academia Portuguesa recebeu muitas “autorizações de vozes, definições, etymologias e observações do incansável estudo de Bluteau”, que se apoiou, não raras vezes, nas obras acima citadas para compor o *Vocabulario* (Silvestre, 2008).

IV. O lexicógrafo – Planta do *Diccionario* da Academia Real das Ciências

<i>Diccionario de Autoridades</i>	<i>Diccionario da Lingoa Portuguesa</i>
Nomenclatura ⁴¹¹	
Lo primero se han de poner todas, y solas las voces apelativas Españolas, observando rigurosamente el orden Alfabético.	Todas as palavras apelativas da Lingoa Portuguesa, qualquer que seja dellas a especie, [...] terão lugar no Diccionario. Nelas se observará a inalteravel ordem de alphabeto.
[...] quedarán excluídas del Diccionario todas las voces y nombres propios de Persónas y Lugáres que pertenecen à la História, y à la Geographía.	Os nomes proprios das pessoas e lugares, que pertencem á Historia, á Fabula e á Geographia devemse excluir dos Dictionarios das linguas.
Y tambien se excusarán todas las palabras que significan desnudamente objéto indecente.	Por conclusão da classe dos appellativos em geral só deixarão de se receber as palavras, que nuamente exprimem objecto deshonesto ou sórdido, e as locuções de <i>gira</i> apenas conhecidas e usadas por pessoas da infima condição.
Los términos adverbiales que constan de mas de una voz, se colocarán en el lugar que les toca de riguroso Alfabéto; remitiéndolos para su explicación a la voz Dominante: De propósito. <i>Vease</i> Propósito.	Os modos ou fórmulas adverbiaes, que se compõe de duas dicções [...] irão sempre no seu lugar alphabetico, remettendo para ella o leitor, com a declaração: Vej. <i>Vejase</i> .

⁴¹¹ No âmbito lexical, é delineado o intento de pôr todos os vocábulos apelativos espanhóis/portugueses, com excepção dos que exprimem objecto indecente, desonesto ou sórdido. Não se excluíam os provincianismos e arcaísmos, em aberto desacordo com quase todos os outros dicionários examinados; o da Academia Francesa evita-os sistematicamente; no da Crusca exige-se rigoroso purismo; apenas o de Furetière se propunha incluir “tous les mots français tant vieux que modernes”, segundo reza o título. Quanto aos antropónimos e topónimos, estes são excluídos das nomenclaturas das obras espanhola e portuguesa, critério que se revela surpreendente pelo seu modernismo, pois muitos deles figuravam nos dicionários precedentes (Ezquerria, 1993: 225).

O <i>Corpus</i> de dados linguísticos: as abonações	
<p>Como basa y fundamento de este Diccionario, se han puesto los Autores que ha parecido à la Academia han tratado la Lengua Española con la mayor propiedad y elegância.</p> <p>[...] se encargaron los Académicos de examinar vários Autores clássicos, sacando de ellos las autoridades mas dignas de repáro [...] y ha havido Académicos que han entregado à milláres las autoridades de Autores clásicos, y todas útiles para este adorno.</p> <p>[...] se ordeno, para evitar esta prolixidad, que solo se autorizasse cada voz, ò phrase com dos, ù tres autoridades [...] ⁴¹².</p>	<p>Começarseha a leitura dos Autores Portuguezes, que conservamos, pelos primeiros Escritores, que principiárão a formar a nossa lingoa. [...] Continuarseha a mesma leitura desde Francisco de Sá de Miranda, o primeiro dos nossos polidos e elegantes Classicos [...].</p> <p>Darseha sempre a preferencia para autorizar os vocabulos áquelles dos nossos Autores, que indisputavelmente se reputão Classicos.</p> <p>Julgou-se sufficiente, que em cada hum dos significados não passassem de tres autoridades ⁴¹².</p>
Estrutura dos artigos e informação gramatical	

⁴¹² No que diz respeito às abonações, é merecedora de atenção a conformidade entre a obra espanhola e a obra portuguesa quanto ao limite numérico para autorizar cada unidade lexical (três), sobretudo se atentarmos no facto de que Academia da Crusca autoriza cada lema com trinta ou quarenta autores e a Academia Francesa não os autoriza.

IV. O lexicógrafo – Planta do *Diccionario* da Academia Real das Ciências

<p>En cada voz se debe poner inmediatamente, y en abreviatura qué parte es de la oración. Si Verbo, Nombre, ò Participio, etc. En el nombre, si es sustantivo, ò adjetivo, masculino, ò femenino. En el Verbo, si es activo, néutro, impersonál, ò recíproco. En el Participio, si es activo, ò pasivo</p> <p>En los vierbos que tuvieren irreguláres algunos tiempos, ò Persónas, etc. se debe advertir: como en Traer, Traxe [...].</p> <p>En cada Voz expresar su qualidád: conviene à saber, si es antiquada, ò usada; si es baxa, ò rústica; Cortesana, Curiál, ò Provinciál: equívoca, proverbíal, metaphórica, ò bárbara.</p> <p>Los verbos se han de buscar por los infinitivos: como <i>arrojar, atender, herir</i>.</p>	<p>[...] cada huma dellas (das palavras) será inmediatamente acompanhada da declaração, que lhe pertence. Convém a saber, que parte he da oração [...].</p> <p>Os nomes levarão a differença de serem substantivos ou adjetivos. Nos substantivos se declararão os seus generos, masculinos ou femininos. Os verbos terão signal de serem activos, neutros, impessoaes, etc. Se forem irregulares (os verbos), apontarsehão os tempos e pessoas; como: [...] trouxe ou trouve ant. em trazer, etc.</p> <p>Convém a saber, que parte he da oração, e se for facultativa, forense, mechanica, de provincia, vulgar, comica, proverbial, antiga ou antiquada [...].</p> <p>Pôrsehão (os verbos) no infinitivo; como: <i>Folgar, comer, pedir</i>, etc.</p>
<p>Ordenação das acepções</p>	
<p>Quando esta misma Voz tuviere diferentes significaciones, ò phrases, se ha de repetir otras tantas veces, empezando por ella en Artículos aparte, y ponerle una Cruz, que sirva de señal de averse de imprimir con Versalillas.</p> <p>Poner las voces primitivas con su Definición, ù Descripción, y su Etimología; y despues las derivadas, compuestas, y synónimas; los Epithétos mas usados, y los Refrânes⁴¹³.</p>	<p>Nas vozes, em que houver muitas e diferentes significações [...] as distinções farsehão em linhas ou regras separadas, pondoselhes no principio o signal privativo dos seus significados.</p> <p>Seguirseha a definição, explicação ou descrição da mesma palavra, depois a sua etymologia.</p> <p>No fim de cada vocabulo irão os Adagios ou Proverbios, que lhe tocarem [...].</p>

⁴¹³ As palavras de Don Balthasar de Acevedo, porta-voz do “Consejo de Su Magestad”, nas páginas preambulares do *Diccionario de Autoridades* clarificam relativamente ao uso do vocábulo “refrânes”: “Demás de que extendiendose esta obra à penetrar los primóres de las locuciones, y las verdádes de nuestros peculiares adágios, llamados comunmente refrânes [...]” (Real Academia Española, 1969 (1726-1737)).

Ortografia	
<p>Observar exactamente la Ortographía de las Voces, de suerte que no se obscurezca su primitivo origen [...].</p> <p>Annotar las variedades que se hallaren en el escribir algunas Voces aprobando la mejor, y desechando las demás [...] Mas juntamente se anotarán segun el uso común, ò vulgar de escribirlas, en el lugar que les tócare del Alphabéto; pero remitiéndolas para su explicación al que deben tener según su origen y Etimología.</p>	<p>Admitirseha por agora aquella orthographia, que mais se conformar com a etymologia [...].</p> <p>[...] não só a cada huma das dicções se ajuntarão immediatas á definição as suas varias orthographias mas ainda as principaes se porão no lugar de alphabeto [...], remettendo estas taes para a voz aprovada.</p>
Estilo	
<p>El estílo del Diccionario debe ser conciso, y sin divertirse à erudiciones, que no sirvan de adorno à la Lengua ni à citas supérfluas de Lénua estraña.</p>	<p>O estilo do Diccionario será claro, conciso, e descarregado de toda aquella redundante e apparatusa erudição, que deixe de servir para representar a formosura da lingoa, descobrir a sua natural elegancia, e fixar pelo modo possivel o valor de suas palavras e frases.</p>

Não obstante a paridade entre as normas estabelecidas em ambos os planos, é inegável a excelência do projecto lusitano que aperfeiçoou e sistematizou os princípios que se encontravam expostos na planta espanhola. Por exemplo, à norma “Con cada verbo poner sus Particípios, los Compuestos, y los Verbales” corresponde a base XIII da planta portuguesa que explicita minuciosamente o método engendrado para efectivar a norma, aplicando-a ao contexto linguístico português:

Como porém ha muitos verbos, e termos verbaes compostos da particula *a*, os quaes tem o significado de outros simples, daquelles se formarão artigos distinctos, e huns e outros se confirmarão com exemplos da orthografia, que tiverem. E isto se fará não só naquelles verbos e verbaes, cuja preferencia mal póde determinarse; como por exemplo: *Agalardear* e *Galardoar*, *Apresentar* e *Presentar*, *Apregoar* e *Pregoar*, *Assinalado* ou *Sinalado*, *Assegurador* e *Segurador*, etc. mas até mesmo naquelloutros, que estão em desuso, taes, como: *Alembrar*, *Apremiar*, *Avoar*, *Assocegado*, *Arreceoso*, etc. A diferença porém consistirá em que os primeiros formarão cada hum artigo sobre si, como se entre hum e outro, não houvesse relação ou dependencia alguma; e nos segundos se fará remissão para o que está em uso, pondose por exemplo: *Alembrar*. v. *a. ant.* O mesmo que *Lembrar*; ou ao contrario: *Doecer*. v. *n. ant.* O mesmo que *Adoecer*. Mas as autoridades de ambas as orthographias se collocarão nos lugares, a que pertencem⁴¹⁴.

A minudência e sabedoria com que foram formulados os princípios lexicográficos expostos na planta do *Diccionario da Lingoa Portuguesa* revelam o sentimento implícito de emulação que motivou o espírito de Pedro da Fonseca. A sua redacção não constitui uma cópia servil do projecto espanhol, traduzindo o esforço do autor em superar o modelo de imitação.

A planta portuguesa, ao contrário da espanhola, fornece indicações muito precisas respeitantes às várias metodologias a seguir na elaboração do dicionário. É disso exemplo a enumeração descritiva dos autores abonatórios, bem como das respectivas obras; a delimitação cronológica do *corpus* de dados linguísticos e a salvaguarda de excepções; instruções relativas a: enunciação das informações a anotar durante a leitura dos autores, escolha das edições, inclusão de termos novos na nomenclatura, transcrição das autoridades, escolha das autoridades, redacção de ‘lugares’ de longa extensão, entre muitos outros aspectos. Note-se, no entanto, que o valor da planta portuguesa, que alguns

⁴¹⁴ Fonseca, *Diccionario da Lingoa Portuguesa*, 1993 (1793), “Planta”: XV.

estudiosos lusitanos consideram única a nível nacional e internacional⁴¹⁵, deve-se indubitavelmente, em grande parte, à labuta dos animosos Académicos Espanhóis iniciada cerca de seis décadas antes.

Do cotejo entre os planos das duas academias assinalam-se duas diferenças fundamentais. Uma manifesta-se no facto de a Academia Espanhola ter decidido elaborar um dicionário separado com o vocabulário técnico e científico, registando apenas os termos mais comuns, enquanto a Academia Portuguesa delineou que “Admitirseão também as vozes peculiares ás Sciencias, ás Artes liberaes e mechanicas”. Outra das diferenças relaciona-se com a anotação das correspondências latinas. No vigésimo quarto parágrafo da planta do *Diccionario de Autoridades* prescreve-se o registo das equivalências latinas relativas a todas as palavras, frases e provérbios “por atención a los Extranjeros”. Contrariamente a esta ideia, a base XV da planta portuguesa determina que a intenção é fazer “hum Diccionario da Lingoa Portuguesa, e não Portuquez e Latino”, não devendo entrar nele mais do que aquelas palavras latinas para mostrar o valor das portuguesas em virtude da etimologia. Conhecedor da regra definida na planta espanhola, numa atitude claramente de réplica aos executantes vizinhos, Pedro da Fonseca prossegue:

E se a principal razão, *como alguns declaram*, he o commodo dos Estrangeiros, que desta sorte mais facilmente perceberão o sentido das palavras e frases, e melhor entrarão na intelligencia da lingoa propria dos ditos Dictionarios, *esta razão quadra mal aos Dictionarios*, que procurão, como o nosso, formar e fixar, quanto possível he, a perfeição de huma só lingoa, pois não são elles, os que devem servir-se os Estrangeiros para entendela, mas sim outros dirigidos a este só fim. Além de que nem todos os Estrangeiros, ainda mesmo estudiosos, sabem latim⁴¹⁶.

A planta do *Diccionario de Autoridades*, delineada num momento em que ainda faltava aos redactores a destreza lexicográfica que só o trabalho proporciona, teve utilidade, mas não apresentava a resolução para todas as questões que surgiam. Com efeito, como diz o prólogo, “esta planta no havia de ser estatuto inviolable, siendo la práctica la

⁴¹⁵ A planta do *Diccionario da Lingoa Portuguesa* é “uma peça introdutória de inestimável valor”, pois os princípios lexicográficos nunca se formularam “de forma tão explícita e com tanto saber em nenhum dos dicionários precedentes, coevos ou imediatamente posteriores, tanto nacionais, como estrangeiros” (Casteleiro, 1981).

⁴¹⁶ Fonseca, *Diccionario da Lingoa Portuguesa*, 1993 (1793), “Planta”: XVI.

que ensinasse más”⁴¹⁷, pois “la experiencia es antorcha que luce siempre, pero alumbra tarde”. O guia de trabalho foi, precipuamente, o mútuo contacto nas sessões, bem como a exposição e solução dos problemas em comum. O projecto inicial foi abandonado claramente em vários pontos, como por exemplo a junção dos epítetos característicos a cada substantivo. Havia ainda algo essencial que a planta em nada resolvia – a grafia dos vocábulos⁴¹⁸.

Beneficiária da experiência espanhola, a planta do *Diccionario da Lingoa Portuguesa* propõe um programa lexicograficamente avançado que foi rigorosamente cumprido tanto no que concerne à abonação das autoridades ou das fontes literárias, como à organização do texto das glosas. Seguem-se alguns exemplos com excertos que confrontam a teoria com a prática:

As palavras se disporão com a seguinte ordem. Cada huma dellas será immediatamente acompanhada da declaração, que lhe pertence. Convém a saber, que parte he da oração, e se for facultativa, forense, mechanica, de provincia, vulgar, (b) comica, proverbial, antiga (c) ou antiquada, (d) &c. a que faculdade toca, ou o character, que tem. Estas declarações farsehão em abbreviaturas formadas do menor numero de letras, que couber no possivel. Seguirseha a definição, explicação ou descripção da mesma palavra, depois a sua etymologia. Proximo a isto irá a dita voz escrita com as suas varias orthographias, principalmente antigas e que lhe alterão a pronunciação, e subsequentemente se collocarão as autoridades, que lhe comprovão os significados. O nome ou appellido do Autor precederá ás autoridades, e para que seja mais preceptivel á vista, se imprimirá em versaletes. Junto a elle irá o titulo da obra: mas se a obra for anonyma, o seu titulo fará então ás vezes dos nomes e appellidos dos Autores, e se imprimirá, como estes, em distincto carácter⁴¹⁹.

Este excerto deixa claro o método de organização textual do artigo dicionarístico (partes XVI a XX) que garante um trabalho sistemático de organização da informação com vantagens na procura da informação. A estrutura das glosas corresponde a este esquema: lema → abbrev. → definição → etimologia → várias ortografias → autoridades:

ALEAR. V. n. pouc. us. *Bater as azas, dár ás azas para voar.* Do Lat. *Ala*. D. F. MAN. Cart. 2, 17 Não posso senão alear como passaro em visco.

ALMOFADA. S. f. *Travesseiro, em que se reclina a cabeça na cama, ou coxim, para estar sentado.* He sacco de seda, panno ou couro, ou de qualquer outra matéria, o qual cozido ou apertado pelas extremidades, está por dentro cheio de lã, pennas ou cabelo, e ordinariamente se costuma cobrir com alguma capa, a que tambem se dá o mesmo nome. Do Arab. *almohada*. Derivase de *chaddon*, a face; pela razão de que quando nos deitamos, pomos a face sobre o travesseiro ou almofada. BARR

⁴¹⁷ Na última base da planta portuguesa (XXV), Pedro da Fonseca reflecte a mesma ideia: “Como a experiencia e prática do trabalho ha de ser a regra sobre todas mais segura, tanto para se applicarem os meios conducentes á melhor execução de huma tal obra, como para felizmente se levar ao seu desejado complemento: esta mesma experiencia seja pois a que suppra tudo aquillo, que na presente Planta deixa de se advertir” (*Diccionario da Lingoa Portuguesa*, 1993 (1793), “Planta”: XX).

⁴¹⁸ Carreter, 1972.

⁴¹⁹ Fonseca, *Diccionario da Lingoa Portuguesa*, 1993 (1793), “Planta”: XVI.

Dec. I, 4, 8 Com a cabeça posta sobre huma *almofada* em cima. SA DE MEN. MAL. I, 55 Dãolhe almofadas de brocado, assento, Cadeira o Capitão rica ocupava.

AMENO, A. adj. Deleitoso, *aprazível, delicioso ou agradável á vista pela frescura e multidão de arvores, plantas hervas e flores*. Dos campos, bosques, prados, jardins, &c. Do Lat. *Amoenus*. CAM Lus. 3, 55 Scabelicastro, cujo campo ameno, Tu, claro Tejo regas tão sereno. CARDOS. Agiol. I, I Partio do seu Convento, ao romper d'alva, para hum ameno e deleitoso prado vizinho. VIEIR: Serm. I, II, 6. col. 827 Pôs Deos a Adão no Paraíso terreal: e cuidamos o pôs naquele lugar tão *ameno* e deleitoso, só para que gozasse suas delicias, &c.

No que respeita à hierarquização dos significados (base XVII), é praticado o mesmo método que Bluteau e Fonseca já haviam ensaiado nos seus textos dicionarísticos. Os critérios apresentados⁴²⁰ não constituem novidade em relação à fundamentação teórica desenvolvida no prólogo do *Diccionario Portuguez, e Latino*. Assim, primeiramente atesta-se aquela “que se julgar primitiva e original, e della se deduzirão progressivamente as metaphoricas e os demais sentidos”. No fim de cada artigo são apresentados os adágios ou provérbios que se reportam ao lema.

ACHAQUE. s. m. Molestia habitual, má disposição do corpo humano, procedida de enfermidade. Do Arab. Axxaka. BRIT. Chr. I, 26 Além de muitos outros *achques*, tinha pela bocca hum perpetuo estilicidio de fleima. SOUS. Vid. I, II Por lho defenderem os Medicos, respeito de certo achaque, que tinha em huma perna. SEVER. Disc. 3, 146 Fica sendo [a caça] muito prejudicial pera os velhos, e pera os magros, e fracos de compreensão, ou tocados de qualquer *achaque*.

Epith. Contagioso. REG. Instrucç. 78. *Contumaz*. VIEIR. Cart. I, 91. *Enfadonho*. CALV. Homil. 2, 115. *Habitual*. GHAG. Ramilh. 8, 82. *Importuno*. VIEIR. Cart. 2, 42. *Incuravel*. ALV. DA CUNH. Escol. 17, 6. *Leve*. VIEIR. Serm. II, 6, 5. n. 241 *Molesto*. M. FERNAND. Alm. I, 7, 3. n. 357. p. 919. *Mordaz*. CARDOS. Agiol. 3, 437. *Mortal*. VIEIR. Cart. 2, 121. *Notavel*. M. FERNAND. Alm. 3, 2, 3. n. 42 p.745. *Ordinario*. VIEIR. Cart. 3, 4. *Penoso*. S. ANN. Chr. 3, 26, 745. *Perigoso*. S. ANN. Chr. I, 3, 23. *Prezado*. VIEIR. Cart. 2, 37. *Trabalhoso*. ESPER. Hist. 2, 8, 24. n. 8 *Triste*. M. FERNAND. Alm. 3, 3, 2. n. 357 p. 919. *Truculento*. M. FERNAND. Alm. 3, 3, 2. n. 357 p. 919.

Verb. *Adoecer de ...* VIEIR. Serm. 7, 3, 3. n. 100. *Aggravarse o ...* VIEIR. Cart. I, 55. *Augmentar o ...* REG. Summul. 7. *Carregado de ...* VIEIR. Cart. 2, 95. *Cheio de ...* VIEIR. Cart. 2, 93. *Diminuir o ...* REG. Summul. 7. *Doente de ...* M. FERNAND. Alm. 3, 2, 3. n. 317. *Molestado de ...* ESPER. Hist. 2, 8, 24. n. 8. *Opprimido de ...* RIB. DE MAC. Rel. 2, I. *Padecer...* VIEIR. Serm. 6, 12, I. n. 341. *Perseguido de ...* SOUS: Hist. I, 6, 27.

⁴²⁰ Nas vozes, em que houver muitas e diferentes significações, caberá sempre o primeiro lugar áquella, que se julgar primitiva e original, e della se deduzirão progressivamente as metaphoricas e os demais sentidos, segundo a ordem, que parecer mais conforme á natureza, com que huns procedem de outros, ou se ligão entre si; reservandose para ultimos os facultativos. Estas distinções farsehão em linhas ou regras separadas, ponde selhes no principio o signal privativo dos seus significados. No fim de cada vocabulo irão os Adagios ou Proverbios, que lhe tocarem, e por fecho de tudo as observações criticas, que lhe convierem. Os Adagios ou entrarão em quaesquer dicções, a que melhor se accommodão, ou sómente naquella, que pela ordem alphabetica for primeira no Diccionario. Não se lhes explicará o sentido, porque sendo este na maior parte delles allegorico, póde por isso admittir diversissimas intelligencias á proporção do engenho, com que se applicão. As obras, que em particular tratão este assumpto, pertence a largueza, que, sobre elle se requer, e não he compativel com hum Diccionario sem a nota ou de prolixo ou de diminuto (Fonseca, *Diccionario da Lingoa Portugueza*, 1993 (1793), “Planta”: XVII).

Quebrantado de ... ESPER. Hist. I, I, 30. N. I. *Remediar os...* Fr. ISID. DE BARREIR. Signif. I, 122. *Tocado de...* SEVER. Disc. 3, 146.

MET. *Defeito, vicio, imperfeição*. PALAC. Summ. 74 Neste caso ou se há de differir a confissão até achar confessor sem estes achaques &c. VIEIR. Serm. 2, 7, I. n. 206. Mas aquelle desengano, que descrevemos, era filho da necessidade, e não da virtude: e hum achaque como este não cabia na nobreza de seu coração. M. FERNAND. Alm. 3, 2, 3. n. 42 p. 415 E he notavel achaque este da natureza, que &c.

Escusa, pretexto, motivo ou razão aparente. MOR. Palm. 2, 137 Com este achaque largados os amores, se desviavão do damno, que delles podião recrecer. FR. TH. DE JES. Trab. I, I, 50 V E inventa cada dia a malícia desta natureza tanta escapula da obediencia de Deos com *achques* de serviço desse mesmo Deos, que &c. MEND. PINT. Peregr. 200 E as principaes dellas [mulheres] feitas em quartos com *achaque* de serem sabedoras daquela fugida.

Verb. *Buscar... de alg. c.* FERR. DE VASC: Ulyssip. I, 8. ---- *para alg. c.* CASTANH. Hist. I, 51. *Dar por ... alg. c.* L. ALV: Serm. I, 13, 2. n. 7. *Ter ... de alg. c.* CASTANH. Hist. 7, 41. *Tomar ... de alg. c.* PINT. PER. Hist. I, 9, 43. ---- *para alg. c.* GOES; Chr. de D. Man. 3, 80. ---- *por ... alg. c.* FERNAND: Palm. 3, 38. *Trazer ... contra alg.* ANDRAD. Chr. 2, 52.

Razão ou causa de desgosto e dissabor. RESEND. Chr. 37 Os *achques* não se escusão entre os senhores e servidores; pois os há entre os pais e filhos. FERR. DE VASC. Ulyssip. I, 2 Por amor de vós outras hei de tẽr sempre *achques* com vosso pai. FREIR. Vid. 3, 29 (Cart. De D. J. de Castr.) E com este trabalho tenho outro igual, ou superior a elle, aldemenos, pera mim muito mais incomportavel de todos, que são as grandes opressões, e continuos *achques* que me dão os lasquerins por paga.

Adag. *Achaque* ao odre, que sabe a pêz. DELIC. Adag. 168.

Achques á sexta feira, pela não jejuar. DELIC. Adag. 153.

Ao que faz mal, nunca lhe faltão *achques*. DELIC. Adag. 316.

Em o Verão, por calma, e o Inverno, por frio, não lhe falta *achaque* de vinho. BLUT. Vocab. Suppl.

Não ha morte sem *achaque*. FERR. DE VASC. Ulyssip. 2, 7. DELIC. Adag. 142.

A apresentação, nos artigos relativos aos substantivos, de um considerável número de epítetos, que com aqueles aparecem combinados nos autores que foram objecto de levantamento lexical, constitui uma novidade na lexicografia portuguesa. Para a entrada *achaque* documentam-se os seguintes epítetos convenientemente referenciados bibliograficamente: *Contagioso, Contumaz, Enfadonho, Habitual, Importuno, Incuravel, Leve, Molesto, Mordaz, Mortal, Notavel, Ordinario, Penoso, Perigoso, Prezado, Trabalhoso, Triste, Truculento*. Para além dos epítetos, são também indicados a miúdo os verbos com que o substantivo aparece combinado: *Adoecer de ..., Aggravarse o ..., Augmentar o ..., Diminuir o ..., Padecer..., Remediar os....*

No que respeita à informação gramatical, são fornecidas indicações muito precisas relativamente a todas as classes de palavras (bases XVIII, XIX e XX). Para além de contemplar os casos regulares e irregulares da língua, os critérios lexicográficos implicam a descrição da língua a nível diacrónico que, na prática, assemelha o artigo dicionarístico a uma gramática histórica:

i) substantivos (base XVIII)

Os nomes levarão a diferença de serem substantivos ou adjectivos. Nos substantivos se declararão os seus generos, masculino ou feminino. Sobre os que admittirão ambos os generos como: *arvore*, *catastrophe*, *cisma*, *enfase*, *fim*, *moral*, *personagem*, *etc.* se fará particular advertencia, sem que deixe de se notar qual dos dous generos subsiste agora, ou se ambos correm bem aceitos no presente uso. Huma e outra cousa se confirmará com exemplos, O que tambem se praticará quando a sua terminação tiver variedade, como em *pagem*, *frenesi*, *Infante*, no fem. &c. e com o plural dos nomes em *ão*, que humas vezes se mudão em *ões*, e outras em *ães* e *ons*; e da mesma sorte a respeito de alguns com a terminação em *es*, que sendo pelo commum a mesma em ambos os numeros, foi todavia diversa entre os Antigos, como: *Alferезes*, *Ourivezes*, *etc.* Aos substantivos se chamarão especialmente as frases, que delles dependem. Porsehão tambem com elles os mais dos substantivos, que de ordinario se lhes antepõe, e os epíthetos mais notaveis e rigorosamente taes, isto he, convenientes á substancia, a que se ajuntão.

ARVORE. s. f. *O maior e mais elevado de todos os vegetais.* He huma planta lignosa, duravel, que tem hum só e principal tronco: elevase, divide-se, e extendese por quantidade de esgalhos e ramos, cujo volume e figura varião á medida da idade, clima, terreno, cultura e espécies diferentes [...].

Antigamente se usava no gen. masc. Falc. Crisf. 138 V Em huma flauta tangendo Ao pé de hum arvore estava [...] MOR. Palm. I, 13. [...].

ALFERES. s.m. Milic. Official, que n'outro tempo levava a bandeira na infantaria, e o estandarte na cavallaria, e preferentemente acompanha e vai junto do Official inferior, que se nomea Portabandeira ou Portaestandarte [...].

Pl. Antiq. Alferezes. CASTANHOS. Hist. 15 E os seus Alferezes que o guardavão, quando o virão cahir, abaixarão as tres bandeiras tres vezes. CAM. Lus. 4, 27.

Ainda respeitantes ao número dos substantivos, os autores indicam todas as variações do plural dos nomes em *ão*:

ANÃO

Subst. *Homem de marca muito pequena, commummente disforme na proporção dos membros, e em especial na grandeza da cabeça, e tortura das pernas.* **Pl. Anãos ou Anões.**

ASPIRAÇÃO. s.f. [...] e commummente se usa no **pl.** D. FR. DE BARR. Espelh. 3, 5 Assi como per incendidas *aspirações* [...].

ii) adjectivos (base XIX)

Os adjectivos, que tem ambas as terminações, irão na masculina, levando só a ultima letra da feminina; como: *Douto*, *a*. E se antigamente tinham huma só; como: *commum*, e os que acabão, em *ez*, *ol*, e *or*; como: *Portuguez*, *Hespanhol*, *perseguidor*, e agora se lhes dão duas, estes taes necessitão de particular advertencia, e levarão exemplos em ambas as terminações com a declaração do mais seguido uso. Em geral nos nomes aumentativos, diminutivos, superlativos, e participios passivos, só se expressará, quando se disser a sua qualidade, a raiz, positivo, ou verbo, de que sahem ou se derivão, por não ser necessario mais para se lhes entender a significação. Os verbaes em *ção* e *ento* pela mesma causa bastará explicalos, dizendo: *acção e effeito de ...* e da mesma sorte os em *or*, dizendo por exemplo: *Acarretador. s. m. O que acarreta.* Porém se estes verbaes tiverem significados, que nos verbos se não comprehendão, delles se formarão sobre si individuaes artigos, que serão autorizados. Outro tanto se fará nos participios passivos, quando simplesmente se usão como adjectivos. Ás outras partes da oração, como Pronomes, Adverbios, Preposições, Articulos, Conjuncções e Interjeições se assignará igualmente a sua peculiar denominação, uso, e regularidade.

ADMINISTRADOR. s.m. ORA. F. *O que ou a que administra, rege ou governa.*

No fem. CART. DE JAP. 2, 136, 2 Das quaes [terras] he *administradora* huma Senhora gentia viuva.

iii) verbos (base XX)

Os verbos são registados na forma de infinitivo com notações sobre a sua classificação gramatical (activos, neutro, impessoais, etc.) e eventuais irregularidades quanto à sua conjugação: indicação dos tempos e pessoas dos verbos irregulares e dos verbos defectivos, dos verbos recíprocos ou reflexivos, entre outras.

AGACHAR. **v.a. que sempre se usa com pron. pess.** *Abaixarse ou inclinar-se para o chão, encolhendo o corpo.* Do Castelh. Gacho, encurvado ou inclinado para o chão. MEND. PINT. Peregr. 40 Todos se agachem porque não enxerguem elles de longe cousa nenhuma.

APARECER. **v. n. impess. ant.** O mesmo que Parecer, e he como hoje de diz. BERNARD. RIB. Ecl. 2 De longe me aparecia, Não sei se me enganava eu, Que elle [mocho] a mim me respondia Com hum ai grande, como o meu. GOES, Chr de D. Man. 3, 4 Sua tenção era ficar alli aquelle Inverno, pera assegurar a terra, que a quem isto apparecesse mal, se podia ir pera onde lhe aprouvesse. FERR. Poem. Son I, 20 Sahe minha alma ás vezes a buscarvos Tão apressadamente, que *aparece*, Que alguma estrella a força.

APRAZER. **v. n. Agradar, parecer bem. ant.** Aplazer. **He defectivo, e irregular, e o seu preterito perfeito Aprouve. antiq. Aprouguer. [...].**

Alguns tempos irregulares do verbo Aprazer.

Aprazes, **segunda pess. do presente.** FERR. Poem. Ecl. 4 Outra acharás, se a Lilia não *aprazes*.

Aprouve, **preterit. perf., e seus deriv.** Aprouvêra, Aprouvesse. SA DE MIR. Cart. 6 O que ontem muito *aprouve*, hoje aborrece. GOES, Chr de D. Man. 3, 3 Porque dos bens, e pessoas destes, que achasse na Cidade, faria o que lhe *aprouvesse*. LEÃO, Chr. de D. Aff. Henr. 43 E querendo ainda nosso Senhor mostrar mais quanto lhe *aprouvera* o serviço deste Cavalleiro, appareceo á sua cabeceira huma palma.

Aprouver. **Conjunct. irreg.** de Aprazer. AZUR, Chr. 3, 33 E porque esta he a conclusão de meu proposito, vos podeis ir muito embora, quando vos *aprouver*. FR. MARC. Chr. I., I, II O Ministro com os seus Frades se poderão ajuntar no lugar, que mais lhes *aprouver*.

Quanto à sintaxe das formas verbais, dá-se continuidade ao trabalho que Bluteau já realizara no Vocabulário:

Todas as vezes, que houver nos verbos varias regencias, ou diversidade de preposições e particulas, que os acompanhem, se notarão; pois que daqui procede a parte mais essencial da nossa sintaxe; assim em Fugir: Fugir alguém ou alguma cousa, fugir de, fugir para, fugir com; em Rir: Rir de alguém ou de alguma cousa, rir a alguém ou para alguém, etc.

ATIRAR. **v.a.** Despedir, arremessar, lançar longe de si com impeto e violencia de braço, ou força de maquina, de ordinário com o fim de ferir alguém. **Reg. alg. c. ou alg. c. a alg. ou contra alg. [...].**

É também nos artigos relativos aos verbos que se apontam, frequentemente, os advérbios em *–mente* com que aqueles se combinam. O verbo amar, por exemplo, é acompanhado de 86 advérbios com as respectivas referências bibliográficas:

affectuosamente, ardentemente, benignamente, brandamente, carnalmente, caramente, castamente, cegamente, constantemente, cordealmente, delicadamente, demasiadamente, desatinadamente, desonestamente, desinteressadamente, desordenadamente, dissimuladamente, eficazmente, encarecidamente, enganosamente, enternecidamente, estranhavelmente, erradamente, especialmente, espiritualmente, estranhamente, estreitamente, estultamente, excellentemente, extraordinariamente, extremadamente, extremosamente, falsamente, familiarmente, ferventemente, fervorosamente, fidelissimamente, fielmente, finamente, fingidamente, fortemente, friamente, graciosamente, grandemente, gratuitamente, heroicamente, honestamente, humildosamente, illicitamente, imperfeitamente, incançavelmente, infinitamente, injustamente, intensamente, intimamente, lealmente, liberalmente, limpamente, loucamente, naturalmente, ordenadamente, particularmente, paternalmente, perdidamente, perfeitamente, primorosamente, prudentemente, puramente, remissamente, sabiamente, saborosamente, sensualmente, singularmente, sobejamente, suavemente, summamente, temerariamente, tenramente, ternissimamente, tibiamente, torpemente, totalmente, valentemente, vãamente, verdadeiramente, unicamente.

Relativamente à ortografia, verificamos que os académicos apresentam o registo de um conjunto de variantes gráficas para “evitar embaraço” a quem procura os vocábulos no dicionário “segundo o modo vulgar ou antigo de os escrever”. Porém, fazem a remissão para a forma “que mais se conformar com a etymologia”.

A minuciosidade com que Fonseca explicitou todos os critérios de redacção do *Diccionario da Lingoa Portuguesa* denota a maturidade científica de quem já havia ensaiado práticas de composição dicionarística em livros anteriores e garantiria a elaboração de um trabalho corporativo com sistematicidade.

Todavia, não obstante o ímpeto inicial e a excelência do projecto, este não foi além do primeiro volume. Apesar da retoma na década de 1960, sob a orientação de outros estudiosos – Jacinto do Prado Coelho, Luís Filipe Lindley Cintra e Joseph Piel, apoiados por José Inês Louro – o trabalho limitar-se-ia, mais uma vez, ao primeiro tomo (A – Aзуverte), que foi editado em 1976. O grupo de trabalho começou, depois, a dispersar-se, devido ao precoce falecimento de José Inês Louro. Jacinto do Prado Coelho veio a falecer em 1984, Lindley Cintra em 1991 e Joseph Piel em 1992. Como já foi referido⁴²¹, a obra completa só seria finalmente editada em 2001, mas então com planta bem diferente e com objectivos lexicográficos bem mais modestos.

⁴²¹ Cf. 2.2.2. da parte II do capítulo I.

CONCLUSÃO

O conjunto de documentação indagada em torno do percurso biográfico e da escrita de Pedro José da Fonseca deu-nos o reconhecimento do espaço de destaque da sua obra, com particular relevo para os dicionários, e deixou bem evidente a sua importância não só no âmbito da política educativa e cultural de Pombal, mas também na história da língua e da educação em Portugal.

Os ideais do iluminismo e do neoclassicismo literário, assumidos na documentação oficial relativa às questões do ensino, reclamaram compêndios, gramáticas e dicionários escolares elaborados sob as novas directrizes inspiradas nos pedagogos franceses e na valorização da língua nacional. O trabalho de Fonseca corresponde a uma boa parte desse material redigido em contexto de reforma do ensino e proscrição de todos os instrumentos de ensino jesuítas.

No que respeita à obra lexicográfica, o *Parvum Lexicon* (1762) e o *Diccionario Portuguez, e Latino* (1771) tornaram-se os principais dicionários de uso escolar para a aprendizagem das línguas latina e portuguesa, desde a segunda metade do século XVIII até finais do século XIX. Redigidas à luz da técnica lexicográfica das mais célebres edições escolares europeias, estas obras vieram colmatar a ausência, no panorama dicionarístico português, de dicionários bilingues de latim-português e português-latim meticulosamente elaborados para estudantes que se iniciavam no estudo da língua latina.

Os parâmetros de pesquisa delineados conduziram ao estudo dos dados biográficos e bibliográficos do autor, da história das instituições, das circunstâncias de produção e recepção de toda a obra literária, dos dicionários e dos textos metalinguísticos, mostrando, assim, a estreita articulação entre a história e a historiografia da língua portuguesa.

Dentro do âmbito mais especificamente linguístico e lexicográfico, o plano de análise que definimos oferece uma visão aprofundada do pensamento linguístico do autor, das fontes, da técnica de composição e do percurso editorial de cada dicionário, bem como do contributo dos seus dicionários para o acréscimo da disponibilidade lexical desde finais do século XVIII até meados do século XIX. Com o conhecimento de todos estes aspectos, até agora não estudados, esperamos ter contribuído para tornar menos ignorada a actividade lexicográfica e menos obscura a intensa e polifacetada actividade linguística do período iluminista em Portugal.

1. A recolha e tratamento dos dados biográficos e histórico-culturais permitiu concluir que grande parte da produção literária de Pedro José da Fonseca, enquadrada no contexto da reforma pombalina que oficializa um ensino cimentado na doutrina estética do neoclassicismo, foi elaborada para responder a necessidades específicas decorrentes da sua actividade de professor. As suas adaptações e/ou traduções correspondem à compilação das reflexões dos clássicos Quintiliano, Horácio e Aristóteles, a que acomodou a crítica francesa de Rollin, Gibert e Dacier com os exemplos dos nossos autores quinhentistas e seiscentistas. Estes livros, elaborados em estrita obediência à pedagogia pombalina e veiculadores das ideias estéticas francesas, terão certamente contribuído para acentuar o carácter normativo da estética neoclássica em Portugal.

2. Nas últimas décadas do século XVIII e no início do século seguinte, Fonseca publica uma série de obras metalinguísticas, onde reflecte sobre a língua, descreve-a e procura preceituar o seu uso num quadro normativo.

Inicialmente pautada pela sua formação de árcade, a sua actividade linguística centrou-se essencialmente na recuperação das obras dos clássicos greco-latinos e no combate aos excessos característicos da linguagem e estilo barrocos. Pouco mais tarde, as suas funções

como docente e lexicógrafo conduzi-lo-iam a reflexões e acções linguísticas mais profundas, como deixa perceber implicitamente a sua técnica lexicográfica e, de modo explícito, os *Rudimentos da Grammatica Portugueza*, os *Rudimentos da Ortografia* e os paratextos dos seus dicionários. Neles discute sobre a legitimidade do português manifestada na luta contra os francesismos, na demanda pela vernaculidade e pureza da língua, no elogio dos autores quinhentistas e seiscentistas e no estabelecimento de regras ortográficas para chegar a uma solução uniformizadora.

3. A tradução e adaptação do dicionário italiano que recomendara Verney no *Verdadeiro Método de Estudar* contribuíram de modo preponderante para a elaboração de uma obra inovadora, bem mais personalizada e acomodada às necessidades daqueles que se iniciavam no estudo da língua latina.

As diferenças entre a estrutura global da *Prosodia* e do *Parvum Lexicon* correspondem sobretudo a uma evolução entre o antigo e o moderno, mas podem também ser tomadas como um símil dos dois períodos educativos, o primeiro determinado pelos valores da nobreza, do compromisso religioso e da estética barroca e o segundo determinado pelo pragmatismo da reforma de Pombal. Os principais defeitos apontados à *Prosodia* pelos pedagogos iluministas – amontoado de palavras bárbaras, falta de segurança no estabelecimento da nomenclatura, confusão na idade dos vocábulos, formato volumoso – foram completamente corrigidos no dicionário que a substituiu. Para além do seu rigor na indicação da idade dos vocábulos, Fonseca, apoiado no manual *Vocabula Latini*, saneou todos os vocábulos da *Prosodia* assinalados com asterisco integrando, inclusive, alguns deles no seu dicionário, mas autorizando-os com autores clássicos. Toda a nomenclatura, estabelecida com base no dicionário de Pasini, foi seleccionada a partir dos escritores das idades mais prósperas da Latinidade e organizada alfabeticamente sem qualquer perturbação de natureza etimológica, morfosintáctica ou semântica. Este tipo de organização da nomenclatura, alfabetação letra a letra, iria demandar uma nova estrutura de artigo (alicerçada na identificação e fixação de diferentes acepções, sintagmas, frases feitas e locuções como subentradas de um mesmo lema) que, naturalmente, Fonseca transportou da fonte *Vocabula Latini* para a sua obra. Este exercício de identificar subentradas de um mesmo lema, praticado na obra italiana, potenciou

o estabelecimento dos sentidos próprios e figurados das palavras que se reflectiu num aperfeiçoamento da técnica de definição e numa maior descrição e explicação do vernáculo resultantes da tradução do italiano para o português.

A principal inovação lexicográfica do *Parvum Lexicon* revelar-se-ia, fundamentalmente, no registo das notações metalinguísticas em língua materna e no considerável alargamento desses espaços morfossintácticos, cumprindo, muitas vezes, a função de uma gramática.

4. Editado nove vezes entre 1771 e 1879, o *Diccionario Portuguez e Latino* foi a edição escolar mais utilizada pelos estudantes para a aprendizagem da língua latina e, inclusive, da língua materna, uma vez que esta obra, à semelhança de todos os outros dicionários bilingues coevos, facultava informação que os usuários esperavam de uma consulta monolingue. Este dicionário funcionou ao longo de mais de um século como um complemento da lexicografia monolingue, não só no agenciamento e fixação do léxico português e no desenvolvimento de espaços com descrição do vernáculo mas também como instrumento de formação de todos os jovens que estudavam latim e que eram obrigados a recorrer a estes dicionários, geralmente antes de se familiarizarem com o uso dos dicionários monolingues.

A obra reúne um número apreciável de entradas – na edição *princeps* contabiliza-se um total aproximado de 21 000 entradas – seleccionadas da extensa nomenclatura de Bluteau de acordo com os critérios setecentistas de “bom uso”. Elaborado pelas mãos de um purista, que filtrou toda a mácula de termos estranhos ao vernáculo, e reeditado ao longo de mais de um século, o dicionário de Fonseca tem o mérito de ter contribuído para regular e estabelecer através da selecção da nomenclatura a delimitação e a descrição de um uso fixo e estabilizado.

Aproveitando de Bluteau grande parte das definições dos vocábulos e de Danet toda uma selecção prévia da fraseologia latina, Fonseca estruturou as glosas da sua obra de acordo com os métodos tipográficos mais modernos já então experimentados na lexicografia europeia.

A organização hierárquica das diversas acepções, o alargamento e generalização do emprego de etiquetas gramaticais, bem como a especial atenção concedida à organização

tipográfica dos artigos fazem do dicionário de Fonseca uma obra inovadora, de mais fácil consulta e mais propícia à aprendizagem quer do português, quer do latim.

O cuidado do lexicógrafo em equilibrar devidamente os espaços dedicados a ambas as línguas contrasta marcadamente com o trabalho de Bluteau que apresentava muitos artigos exclusivamente monolíngues, com longas passagens em língua portuguesa sem correspondente latino. Ao especificar rigorosamente cada uma das partes reservadas ao latim e ao português, Fonseca acabou por estabelecer uma distinção radical entre monolinguismo e bilinguismo lexicográfico e marcou a evolução dos dicionários bilingues setecentistas.

5. Até à publicação do *Diccionario Abbreviado da Fabula* traduzido por Fonseca, o único dicionário exclusivamente onomástico disponível era, como vimos, o de Stockammer com a nomenclatura em latim, uma vez que a informação facultada pelas obras onomásticas posteriores de Agostinho Barbosa e de Pedro Poiares era apenas geográfica. Por este motivo, a junção de índices onomásticos mitológicos a obras cuja compreensão dependeria do conhecimento deste universo cultural greco-latino tornou-se necessária e indispensável. Assim surgiram as primeiras listagens seiscentistas de mitónimos em língua portuguesa que apoiavam a leitura de obras de escritores de grande vulto quer latinos, quer portugueses, como Horácio, Virgílio e Camões.

Porém, não obstante a extensão destes índices que reuniam, como pudemos verificar ao longo deste estudo, um número considerável de entradas, estas listas não apresentavam o essencial do universo mitológico, circunscrevendo-se, obviamente, aos nomes citados na *Eneida* de Virgílio e nas obras de Horácio e de Camões.

A *Prosodia*, dicionário que apoiava toda a escolarização do latim e da língua portuguesa ao longo de todo o século XVII (desde 1634 até 1759, data da sua proibição por Marquês de Pombal), mantém uma boa informação referente ao universo da mitologia dispersa por toda a obra⁴²².

⁴²² Tentámos apurar, com recurso ao DICIWEB, a ocorrência de uma série de entradas do *Diccionario da Fabula* em toda a lexicografia latino-portuguesa com limite no século XVIII. Da nossa investigação resultaram os seguintes dados: 39% dos lemas registados na tradução de Fonseca já haviam sido dicionarizados na *Prosodia* com idêntica forma gráfica (a latina); 10% aparecem registados em português na obra de Bluteau e,

Posteriormente, já no século XVIII, a *Noticia da Mythologia* foi um importante instrumento para auxiliar os estudos nos primeiros anos de ensino. Todavia, para além de se tratar de uma obra de consulta morosa, sem as matérias organizadas alfabética e sucintamente, esta obra incluía apenas uma parte da onomástica mitológica (“*Maiorum Gentium*” e “*Minorum Gentium*”).

O *Diccionario Abbreviado da Fabula* veio suprir a ausência de obras referenciais existentes entre nós para apoiar a aprendizagem das línguas e literaturas clássicas em todos os níveis de ensino. O sucesso editorial da versão portuguesa do *Dictionnaire Abrégé de la Fable*, evidente nas numerosas reedições da obra ao longo de 225 anos, constitui por si só um testemunho irrefutável da ampla recepção do *Diccionario Abbreviado da Fabula*. Trata-se da 1ª publicação sistemática de toda a prosonímia mitológica, com um avultado número de entradas, grande parte delas nunca antes dicionarizadas em língua portuguesa.

A reflexão em torno das diversas conclusões parcelares que agora se apresentam permite afirmar que Fonseca, tendo elaborado os seus dicionários à luz das obras modelares europeias, estabeleceu os princípios lexicográficos que viriam a ser aplicados pela lexicografia latino-portuguesa dos séculos seguintes. A partir da sua obra, verifica-se o aperfeiçoamento e a sistematização de alguns aspectos, mas as obras seguintes apenas se distinguem da obra de Fonseca pela selecção ou encadeamento original de características lexicográficas já conhecidas.

A modernidade da obra lexicográfica de Fonseca deve-se essencialmente à conjugação equilibrada que o lexicógrafo faz entre o conteúdo e a forma, concedendo naturalmente a devida e justa atenção ao conteúdo, mas investindo na organização de toda a informação, que resultou numa consulta mais cómoda e mais eficaz para o leitor.

Para além da inovadora técnica lexicográfica, o formato destes dicionários, facilmente manuseáveis e adquiríveis a baixo preço, foi um factor condicionante para converter a obra de

ocasionalmente, na obra de Poiares; os restantes 51% nunca haviam sido incluídos em nenhuma obra lexicográfica anterior ao *Diccionario Abbreviado da Fabula*.

Conclusão

Pedro José da Fonseca na mais importante realização lexicográfica ao serviço da democratização do ensino e da prática da escrita vernácula até finais do século XIX.

FONTES MANUSCRITAS

COLÉGIO DE SANTO ANTÃO, MCO/312, Arquivo Nacional da Torre do Tombo.

COLÉGIO DOS NOBRES, Liv. 2 - Livro de Provimentos do Real Colégio dos Nobres. De 1772 a 1791.

—, Liv. 54 – Livro do registo das entradas e saídas. De 1779 a 30 de Dez. de 1780, Arquivo Nacional da Torre do Tombo.

—, Liv. 65 – Livro Primeiro Borrador do diário e registo das entradas e saídas. Nov. 1787 a Out. 1789, Arquivo Nacional da Torre do Tombo.

—, Liv. 86, fls. 13,14 – Livro da Folha dos Ordenados do Reitor Vice Reitor e mais Professores do Real Collegio dos Nobres, Arquivo Nacional da Torre do Tombo.

FONSECA, Pedro José da, carta de 3 de Agosto de 1762, sobre o preço do seu Dicionário, B. G. U. C., Mss. 2536, nº 4, III.

—, Cartas a Visconde de Barbacena [s.d.] in *Processo Académico de Pedro José da Fonseca*, A. C. L., Mss. nº VI, VIII, IX, X.

—, Carta a Alexandre Antonio das Neves [s.d.] in *Processo Académico de Pedro José da Fonseca*, A. C. L., Mss. VII.

—, *Diccionario abbreviado das Antiguidades*. Tomo I [S.l., s.d.], A. C. L., Cod. 183.

—, *O Luxo. Dissertação formada de opiniões de vários Autores, a favor e contra este Assumpto Moral e Politico* [S.l., s.d.], A. C. L., Cod. 204.

—, *Passatempo Proveitoso*. Tomo I e II [S.l., s.d.], A. C. L., Cods. 205 e 206.

—, *Primeira Parte das Chronicas dos Reis de Portugal / [por] Duarte Nunes do Leão, desembargador da Casa da Suplicação*, [S.l., s.d.], A. C. L., Cod. 210.

- , *As duas ultimas comedias de Publio Terencio Africano, traduzidas do latim em verso solto portuguez com o texto latino em frente* / [por] Publio Terencio; (tradução de Pedro José da Fonseca), [S.l., s.d.], A. C. L., Cod. 233.
- , *Conversações de Phocion sobre a relação da Moral com a Politica. Traduzidas do Grego de Nicocles em Francez com notas por Monsieur o Abbade Mabbly* / [por] Nicocles; (tradução portuguesa de Pedro José da Fonseca), [S.l., s.d.], A. C. L., Cod. 234.
- , *Principios da Literatura*. Tomo primeiro, segundo, terceiro, quarto e quinto / [por] Abade Carlos Batteux; (tradução de Pedro José da Fonseca), [S.l., s.d.], A. C. L., Cods. 235, 236, 237, 238, 239.
- , *Diccionario das Antiguidades de Portugal. Para servir á intelligencia da Historia Antiga deste Reino*. Tomo I e II / [por] Pedro José da Fonseca, [S.l., s.d.], A. C. L., Cod. 240.
- , *Obras do Diabinho da Mão Furada para Espelho de seus enganos e desengano de seus arbitrios. Palestra moral e profana, donde o curioso apprenda para a Doutrina dictames, e para o Passatempo recreios* / (copiado por Pedro José da Fonseca), [S.l., s.d.], A. C. L., Cod. 249.
- , *Catalogo Ecclesiastico e Chronológico*, [S.l., s.d.], A. C. L., Cod. 329.
- , *Os Hitoriadores Portuguezes, Notados de vários erros, enganos, descuidos, e omissões, em que incorrêrão, segundo as observações feitas por Críticos judiciosos, a fim de que a sua leitura seja proveitosa e livre de dúvidas*. Tomo 1º e 2º, [S.l., s.d.], A. C. L., Cods. 330 e 331.
- , *Considerações sobre os costumes do seculo passado ou decimo oitaivo* / [por] M. Duclos; (tradução de Pedro José da Fonseca), [S.l., s.l.], A. C. L., Cod. 354.
- , *Entretimento de Varia Lição sobre Assumptos Moraes, Historicos e Literarios, com escolha extrahidos e compilados de bons Autores Portuguezes e Estrangeiros*. Tomo I, II, III e IV, A. C. L., Cods. 357 a 360.
- , *Promptuario de Apothegmas e Ditos Sentenciosos*. Primeira e Segunda Parte, [S.l., s.l.], A. C. L., Cods. 368 e 369.
- , *O Commercio e o Governo considerados relativamente hum a outro* / [por] Abbade de Condillac; (traduzido por Pedro José da Fonseca), [S.l., s.d.], A. C. L. Cod. 370.

——, *Parecer acerca do plano dos estatutos da Academia Real das Ciências de Lisboa*] / [por] Pedro Jozé da Fonseca . – [S.l.], 5 de Fevereiro de 1784, A. C. L. Cod. 978.

Fragmento do dicionário latim-português de António Félix Mendes, em borrão, com a letra A, B. P. M. P., Ms. 769, fls. 227.

PINA, Cabral, carta de 28 de Dezembro de 1779, B.P.E., Cod. CXXVII – 2-9, carta nº 3750.

Processo Académico de Pedro José da Fonseca, A.C.L.

Prozodia ou vocabulario das línguas latina e portugueza. Composta pelo padre Dr. Bento Pereira da Companhia de Jesus. Novamente reformada, reduzida ao melhor methodo e augmentada com innumeraveis modos de fallar dos auctores clássicos, traduzidos na nossa lingua, e necessarios para a intelligencia da latina. B.P.E., Cod. CXIII – 2 – 26.

REGISTO DE BAPTISMO DE PEDRO JOSÉ DA FONSECA, Fundo da Paróquia de Santa Justa, Lisboa, LV B4-Cx. 2, microfilme 1114, fl. 97 verso. Arquivo Nacional da Torre do Tombo.

REGISTO DE ÓBITO DE PEDRO JOSÉ DA FONSECA, Fundo da Paróquia de Santa Justa, Lisboa, LV O6-Cx 27, microfilme 1122, fl. 256 frente. Arquivo Nacional da Torre do Tombo.

REGISTO GERAL DE MERCÊS, D.JOSÉ I, *Carta de Professor Régio*, Liv. 14, fl. 8. Arquivo Nacional da Torre do Tombo.

Relação dos livros que vieram da casa de Pedro José da Fonseca para a Directoria, por ordem que para isso houve de S. Ex^a. B. G. U. C., Ms. 2536, nº 7.

FONTES IMPRESSAS

- ACADEMIA DAS CIÊNCIAS DE LISBOA, 1789, *Programma da Academia Real das Sciencias de Lisboa*. Lisboa, Na Typografia da mesma Academia.
- , 1792-1812, *Memorias de litteratura portugueza publicadas pela Academia Real das Sciencias de Lisboa / pref. Duque de Lafões*. Lisboa, Academia Real das Sciencias.
- , 1993 (1793), *Dicionário da Língua Portuguesa*, Reprodução fac-similada da edição de 1793, Lisboa, Academia das Ciências.
- , 1819, *Catalogo das obras já impressas e mandadas publicar pela Academia Réal das Sciencias de Lisboa, com os preços, por que cada huma dellas se Vende brochada*. Lisboa, [s.n.].
- , 1870, *Relatório da comissão encarregada de propor à Academia Real das Sciencias de Lisboa o modo de levar a effeito a publicação do dicionário da lingua portuguesa*. Lisboa, Typografia da Academia.
- , 1929, *Instruções Inéditas de D. Luis da Cunha a Marco António de Azevedo Couitinho/ Rev. Pedro de Azevedo; pref. António Baião*, Lisboa, Academia das Ciências.
- , 1978, *Catálogo de Manuscritos da Academia das Ciências de Lisboa*. Lisboa, Academia das Ciências.
- , 2001, *Dicionário da Língua Portuguesa Contemporânea da Academia das Ciências de Lisboa*. Lisboa, Verbo.
- ACADÉMIE FRANÇAISE, 1694, *Dictionnaire de l'Académie Française, dédié au Roy*. Paris, Chez la Veuve de Jean Baptiste et Jean Baptiste Coignard.

- ACCADEMIA DELLA CRUSCA, 1623, *Vocabolario degli accademici della Crusca, in questa seconda impressione da' medesimi riueduto, e ampliato, con aggiunta di molte voci degli autor del buon secolo, e buona quantità di quelle dell'vso [...]*. Venezia, Iacopo Sarzina.
- ALMEIDA, Átila de, 1988, *Dicionários, parentes e aderentes*. Paraíba – São Paulo, João Pessoa – Nova Stela.
- ALMEIDA, Pe. Teodoro de, 1751-1759, *Recreação Filosófica ou Dialogo sobre a Filozofia Natural, para instrucção de pessoas curiozas, que não frequentáraõ as aulas*. Lisboa, na Officina de Miguel Rodrigues.
- ARGOTE, Jerónimo Contador de, 1725, *Regras da lingua portugueza, espelho da lingua latina*, Lisboa Occidental, Officina da Musica.
(<http://purl.pt/10>)
- BARBOSA, Agostinho de, 1611, *Dictionarium Lusitanico Latinum: juxta seriem alphabeticam optimis, probatisq. doctissimorum auctorum testimonijs perutili quadam expositione locupletatum : cum... Latini sermonis indice, necnon libello uno aliquarum regionum, civitatum, oppidorum, fluviorum, montium, & locorum, quibus veteres uti solebant / omnia in studiosae inventutis gratiam, & usum collecta per Augustinum Barbosam Lusitanum...* – Bracharae, typis, & expensis Fructuosi Laurenti de Basto.
- BARBOSA, Jerónimo Soares, 1788, *Instituiçoens oratorias de M. Fabio Quintiliano : escolhidas dos seos XII livros / traduzidas em linguagem, e illustradas com notas criticas, historicas, e rhetoricas para uso dos que aprendem. Ajuntaõ-se ao fim as peças originaes de Eloquencia, citadas por Quintiliano no corpo destas Instituiçoens ; por Jeronymo Soares Barboza*. Coimbra, Imprensa Real da Universidade.
- , 1807, *As duas linguas ou Grammatica philosophica da lingua portugueza comparada com a latina para ambas se aprenderem ao mesmo tempo / por Jeronymo Soares Barboza*. Coimbra, na Real Imprensa da Universidade.
- , 1862, *Grammatica philosophica da lingua portugueza, ou principios da grammatica geral applicados a nossa linguagem*. Lisboa, Typografia da Academia Real das Sciencias.

- BARROS, João de, 1971 (1540), *Gramática da língua portuguesa cartinha, gramática, diálogo em louvor da nossa linguagem e diálogo da viciosa vergonha*. Reprodução fac-similada, leitura, introdução e anotações por Maria Leonor BUESCU. Lisboa, Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa (edição original: *Grammatica da lingua portuguesa*. Olyssipone, Lodouicum Rotorigiu, 1540).
- BARRETO, João Franco, 1664, *Eneida portugueza: parte I que contem os primeiros seis livros de Virgílio, com os argumentos de Cosme Ferreira de Brum*. Lisboa, na officina de Antonio Craesbeeck de Mello.
- , 1670, *Index de todos os nomes proprios que se contêm em este Poema, Recolhidos e ordenados por Ioão Franco Barreto in Os Lusíadas do grande Luis de CAMOENS, princepe dos poetas de Hespanha; com os argumentos do licenciado Joaõ Franco BARRETTO, & index de todos os nomes proprios; offerecidas ao Illustrissimo Senhor Andre Furtado de Mendoça por Antonio Craesbeeck de Mello, impressor da Caza Real*, 1670. Lisboa, por Antonio Craesbeeck de Mello.
- (<http://purl.pt/14106>)
- , 1671, *Ortografia da Lingua Portugueza*. Lisboa, Joam da Costa.
- , 1763, *Eneida portugueza: parte II, que contém os ultimos seis livros de Virgilio*, Lisboa, Officina de Antonio Vicente da Silva.
- (http://www.google.pt/search?q=Eneida+Portugueza&hl=ptPT&tbo=1&tbs=bks:1,bkv:f&source=Int&sa=X&ei=gtFzTO7_IcjCswb52qycCQ&ved=0CAwQpwU)
- , 1981, *Eneida Portuguesa*. Com introdução, notas, actualização e estabelecimento do texto por Justino Mendes de ALMEIDA. Lisboa, Imprensa Nacional.
- , 1983, *Micrologia Camoniana*. Prefácio de Aníbal Pinto de CASTRO; Leitura e integração do texto de Luís Fernando Carvalho DIAS, Fernando F. PORTUGAL. Lisboa, Imprensa Nacional.
- BLUTEAU, Rafael, 1712-1728, *Vocabulario portuguez e latino* [...]. Tomos I e II: Coimbra, No Collegio das Artes da Companhia de Jesu, 1712; tomos III e IV: Coimbra, No Collegio das Artes da Companhia de Jesu, 1713; tomo V: Lisboa, Officina de Pascoal da Sylva, 1716; tomos VI e VII: Lisboa, Officina de Pascoal da Sylva, 1720; tomo VIII: Lisboa, Officina de Pascoal da Sylva, 1721; suplemento I: Lisboa, Officina de Joseph Antonio da Sylva, 1727; suplemento II: Lisboa, Na Patriarcal Officina da Musica, 1728.

- , 2000 (1712-1728), *Vocabulario Portuguez e Latino*. Fac-símile em CD-ROM. Rio de Janeiro, Universidade do Estado do Rio de Janeiro.
- BOILEAU-DESPRÉAUX, Nicolas, 1800, *Satyra do homem composta em francez... : por elle dirigida a Monsieur M. Doutor de Sorbona*. Lisboa, Off. Patr. de João Procopio Correia da Silva.
- Breve Noticia da Typographia da Academia Real das Sciencias de Lisboa*, 1888, Lisboa, [s.n.].
- CABRAL, Manuel de Pina, *Magnum lexicon latinum et lusitanum* [1ª, 2ª, 3ª e 4ª edições de Lisboa]. Lisboa, Tipografia Régia, 1780. Lisboa: Simão Tadeu Ferreira, 1802. Lisboa: Tipografia Régia, 1819. Lisboa: Tipografia Régia, 1833.
- Calepinus Septem Linguarum*. Patavii: Joannem Manfre, 1779.
- CARDOSO, Jerónimo, 1562, *Hieronymi Cardosi Lamacensis Dictionarium ex Lusitanico in latinum sermonem*. Ulissypone, Ex offic. Joannis Alvari.
- , 1569-1570, *Dictionarium latinolusitanicum & vice versa lusitanico latinu[m] cum adagiorum feré omnium iuxta seriem alphabeticam perutili expositione, ecclesiasticorum etiam vocabulorum interpretatione [...]*. Conimbricæ, Joan. Barrerius.
- (<http://purl.pt/14041>)
- CARMELO, Fr. Luis do Monte, 1767 *Compendio de orthografia, com sufficientes Catalogos, e novas Regras, para que em todas as Provincias, e Dominios de Portugal, possam os curiosos comprehender facilmente a Orthologia, e Prosódia, isto he, a Recta Pronunciaçam, e Accentos próprios, da Lingua Portuguesa: Accrescentado com outros novos catalogos, e explicaçam de muitos Vocabulos antigos, e antiquados, para intelligencia dos antigos Escritores Portuguezes; de todos os Termos Vulgares menos cultos, e mais ordinarios, que sem algũa necessidade nam se devem usar em Discursos eruditos; das Frases e Dicções Cómicas de mais frequente uso, as quaes sem hum bom discernimento nam se devem introduzir em Discursos graves, ou sérios, e finalmente dos Vocabulos, e diversos Abusos da Plebe, mais conhecidos, e contrarios ao nosso Idioma, os quaes sempre se devem corrigir, ou evitar*. Lisboa, Na Officina de Antonio Rodrigues Galhardo.
- (<http://purl.pt/9>)

Connoissance de la mythologie, par demandes et par réponses ; augmentée des traits d'histoire qui ont servi de fondement à tout le système de la fable: avec une table très commode pour les lecteurs, 1768. Paris, Savoye Étienne-François.

(http://books.google.pt/books?id=itYTAAAQAAJ&printsec=frontcover&dq=Connoissance+de+la+mythologie&hl=ptPT&ei=GtNzTMO2MIzBswbDfX_CA&sa=X&oi=book_result&ct=result&resnum=2&ved=0CDAQ6AEwAQ#v=onepage&q&f=false)

CONSTÂNCIO, Francisco Solano, 1836 (1ª ed.), *Novo dicionario critico e etymologico da lingua portugueza*. Paris, Officina Tipographica de Casimir.

CHOMPRE, Pierre, 1733, 1759 (1ª e 10ª edições), *Dictionnaire Abrégé de la Fable pour l'intelligence des poètes, des tableaux & des statues, dont les sujets sont tirés de l'Histoire Poétique*. Paris, Chez Desaint & Saillant.

COVARRUBIAS, Sebastian de, 1994 (1611) *Tesoro de la Lengua española o castellana*. Ed. de Felipe Maldonado e rev. de Manuel Camarero. Madrid, Castalia (edição original: *Tesoro de la lengua castellana o española* [...]. Madrid, L. Sanchez, 1611).

CUNHA, João Pinheiro Freire da, 1770, *Breve tratado da orthographia para os que não frequentaraõ os estudos ou diálogos* [...]. Lisboa, Off. Jozeph da Silva Nazareth.

—, 1789, *Academia orthografica portugueza, em que sao interlocutores Sabino presidente, Severo arguente, Deziderio discípulo*. Lisboa, Officina de Antonio Gomes.

DANET, Pierre, 1726, *Magnum dictionarium Latinum et Gallicum: ad pleniorum planiorumque scriptorum Latinorum intelligentiam, collegit, digessit, ac nostro vernaculo reddidit cum notis*. Lugduni, Apud Nicolaum de Ville.

(http://books.google.pt/books?id=VaY9AAAQAAJ&printsec=frontcover&dq=Pierre+Danet&hl=ptPT&ei=49RzTMeAA8Sswah47ywCQ&sa=X&oi=book_result&ct=result&resnum=3&ved=0CDkQ6AEwAg#v=onepage&q&f=false)

—, 1728, *Grand dictionnaire François et Latin : enrichi des meilleures façons de parler en l'une et l'autre langue; avec des notes de critique et de grammaire*. Lyon, Chez les Freres Deville.

(<http://www.archive.org/details/granddictionnair17281dane>)

Diccionario Abreviado de la Fábula: Para la Inteligencia de los Poetas, Pinturas y Estatuas, cuyos argumentos están tomados de la Historia Poetica, 1995. Separata de Seve Calleja, Madrid, Miraguano.

Dicionário Abreviado da Fábula para Inteligência dos Poetas, dos Painéis e das Estátuas, Lisboa: Editores associados, 2004.

Dictionnaire universel françois et latin [de Trévoux], contenant la signification et la definition tant des mots de l'une & de l'autre langue, avec leurs différens usages; que des termes propres de chaque etat et de chaque profession: la description de toutes les choses naturelles & artificielles; leurs figures, leurs especes, leurs usages, & leurs propriétés: l'explication de tout ce que renferment les sciences & les arts, soit libéraux, ou mécaniques [...], 1721. Trévoux, Chez Florentin Delaulne, Hilaire Foucault, Michel Clousier, Jean-Geoffroy Nyon, Estienne Ganeau, Nicholas Gosselin.

(<http://gallica.bnf.fr/ark:/12148/bpt6k50964q.r=Dictionnaire+universel+de+Trévoux+1721.langPT>)

Emmanuelis Alvari e Societate Jesu De Institutione Grammatica Libri tres, Antonii Velesii Amiensis ex eiusdem Societate Jesu Eborensis Academiae Praefecti Studiorum opera aucti, & illustrati, Évora, 1755.

Entendimento Literal e Construção Portuguesa de Todas As Obras de Horacio Príncipe dos Poetas Latinos Lyricos. Com Index Copioso das historias, & fabulas conteudas nellas. A Jorge Gomez do Alemo Cavalleiro do habito de Christo. Por Industria de Francisco da Costa mercador de livros, & impresso á sua custa, 1639, Lisboa, Manuel da Silva.

Estatutos do Collegio Real de Nobres da Corte e da Cidade de Lisboa. Lisboa, Na Officina de Miguel Rodrigues, 1761.

FEIJÓ, João Madureira de, 1739 (1734), *Orthographia, ou arte de escrever, e pronunciar com acerto a lingua portugueza [...]*. Coimbra, Luis Seco Ferreira.

(<http://purl.pt/13>)

FIGUEIREDO, António Pereira de, 1755, *Apparato critico para a correcção do diccionario intitulado Prosodia in vocabularium bilingue digesta*. Lisboa, Officina Patriarcal de Francisco Luiz Ameno.

- FIGUEIREDO, Francisco, 1816, *Agradecimento de hum homem á memoria de outro homem virtuoso, sabio e filosofo*. Lisboa, Impressão Régia.
- FOLQMAN, Carlos, 1742, *Grammatica hollandeza ou arte compendiosa para hum portuguez aprender a lingua hollandeza [...]*. Lisboa, Antonio Pedrozo Galram.
- , 1755, *Diccionario portuguez, e latino, No qual as dicções, e frases da lingua portugueza, e as suas variantes significações, genuinas, e metaforicas, se achão clara, e distinctamente vertidas na Latina, e authorizadas com exemplos dos Authores classicos, compilado do Vocabulario do Reverendo Padre D. Rafael Bluteau, e dos melhores Diccionarios de varias linguas, A todos, que estudão a lingua Latina, não só utilissimo, mas summamente necessario [...]*. Lisboa, Miguel Manescal da Costa.
(<http://purl.pt/12012>)
- , 1793, *Nomenclatura portugueza, e latina das cousas mais commuas, e visiveis [...]*. Lisboa, Antonio Rodrigues Galhardo.
- FONSECA, Pedro José, 1760, *Oratio de praestantia ac necessitate Rhetorices habita a Pedro Josepho da Fonseca, professore Regio Rhetorices cum ad munus docendi accederat, VII Idus Novembris MDCCLVIII*. Olisipone, apud Frasciscum Ludovicum.
- , 1762, *Parvum Lexicon Latinum Lusitana Interpretatione Adiecta ad Vsum Lusitanorum Adolescentium in Lucem Editum Iussu Josephi I*. Lisboa, Miguel Manescal da Costa. 2ª edição: 1785, Lisboa, Tipografia Régia; 3ª edição: 1788, Lisboa, Tipografia da Real Academia das Ciências; 4ª edição: 1798, Lisboa, Tipografia Régia; 5ª edição: 1807, Lisboa, Simão Tadeu Ferreira; 6ª edição: 1819, Lisboa, Tipografia Rolandiana; 7ª edição: 1847, Lisboa, Tipografia António José da Rocha.
- , 1765, *Elementos da Poetica, tirados de Aristoteles, de Horacio, e dos mais celebres modernos*. 2ª edição: 1781, Lisboa: Typografia Rollandiana; 3ª edição: 1804, Lisboa: Typografia Rollandiana.
- , 1771a, *Diccionario Portuguez, e Latino impresso por ordem del rei fidelissimo Dom José I nosso Senhor para uso das Escolas de todos os seus reinos, e senhorios*. Lisboa, Régia Oficina Tipográfica; 2ª edição: 1791, Lisboa, Tipografia Régia; 3ª edição: 1815, Lisboa, Simão Tadeu Ferreira; 4ª edição: 1823, Lisboa, Simão Tadeu

- Ferreira; 5ª edição: 1839, Lisboa, António Jorge da Rocha; 6ª edição: 1852, Lisboa, J. Baptista Morando; 7ª edição: 1861, Lisboa, J. Baptista Morando; 8ª edição: 1872, Lisboa, Viúva Bertrand & C.^a; 9ª edição: 1879, Lisboa, Viúva Bertrand & C.^a.
- , 1771b, *Poemas lusitanos do doutor Antonio Ferreira. Segunda impressão emendada, e accrescentada com a vida, e comedias do mesmo poeta*. Lisboa, Na Regia officina typografica; à custa dos irmãos Du-Beux.
- , 1774, *Institutionum rhetoricarum libri tres ex M. Fab. Quintiliano deprompti, et primis eorum studiis, qui humanoribus literis dant operam*, accommodati a Petro Josepho a Fonseca. Olisipone, Ex Typographia Regia. 2ª edição: 1781, Olisipone, Typographia Regia; 3ª edição: 1785, Olisipone, Typographia Regia; 4ª edição: 1793, Olisipone, Ex Typographia Regia; 5ª edição: 1802, Olisipone, Apud Antonium Rodericium Galiardum.
- , 1776, *Tratado dos affectos e costumes oratorios, considerados a respeito da eloquencia, dividido em duas partes*. Lisboa, Na Regia Officina Typografica; 2ª edição: 1786, Lisboa, Na Regia Officina Typografica; 3ª edição: 1793, Lisboa, Na Regia Officina Typografica.
- , 1777, *Tratado da versificação portugueza, dividido em duas partes*. Lisboa, Na Regia Officina Typografica; 2ª edição: 1817, Lisboa: Na Typografia Lacerdina.
- , 1779, *Diccionario Abbreviado da Fabula*. Lisboa, Tipografia Régia; 2ª edição: 1783, Lisboa, Tipografia Régia; 3ª edição: 1785, Lisboa, Tipografia Régia; 4ª edição: 1789, Lisboa, Tipografia Régia; 5ª edição: 1793, Lisboa, Tipografia Régia; 6ª edição: 1798, Lisboa, Simão Tadeu Ferreira; 7ª edição: 1807, Lisboa, Simão Tadeu Ferreira; 8ª edição: 1818, Lisboa, Tipografia da Real Academia das Ciências; 9ª edição: 1836, Lisboa, Tipografia de António José da Rocha; 10ª edição: 1837, Pernambuco, Tipografia de Santos e Cia; 11ª edição: 1839, Paris, Tipografia de Pillet Ainé; 12ª edição: 1858, Lisboa, Tipografia de Maria da Madre de Deus; 13ª edição: 1860, Paris, Tipografia de Pillet Ainé; 14ª edição: 1868, Paris: Garnier irmãos; 15ª edição: 1876, Paris: Garnier irmãos; 16ª edição: 1882, Paris: Garnier irmãos; 17ª edição: 1923, Rio de Janeiro, Livraria Garnier; 18ª edição: 1936, Paris, Livraria Garnier; 19ª edição: 1938, Rio de Janeiro, Briguiet; 20ª edição: 1945, Rio de Janeiro, Livraria Figueirinhas; 21ª edição: 2004, Lisboa, Editores associados.

- , 1782, *Os Tres Livros das Instituicoens Rhetoricas de M. Fab. Quintiliano accommodadas aos que se applicão ao Estudo da Eloquencia por Pedro Jozé da Fonseca*. Coimbra, Na Real Officina da Universidade; 2ª edição: 1794, Coimbra, Na Real Officina da Universidade.
- , 1790, *Arte poetica de Q. Horacio Flacco. Epistola aos Pisões, traduzida em portuguez, e illustrada com escolhidas notas dos antigos e modernos interpretes, e com hum commentario critico sobre os preceitos poeticos, lições varias e intelligencia dos lugares difficultosos por Pedro José da Fonseca*. Lisboa, na Officina de Simão Thaddeo Ferreira.
- , 1793, *M. Tullii Ciceronis Orationes Selectae ad usum scholarum lusitanarum jussu Josephi I. Regis fidelissimi editae et secundum Josephi Oliveti editonem emendatae*. Olisipone, Ex Typographia Regia.
- , 1799, *Rudimentos da Grammatica portugueza, cómmodos á instrucção da mocidade, e confirmados com selectos exemplos de bons auctores*. Lisboa, na Officina de Simão Thaddeo Ferreira.
- , 1809, *Rudimentos da Orthographia Portugueza*. Lisboa, Na Offic. de Antonio Rodrigues Galhardo; 2ª edição: 1842, Lisboa: Na Typographia Rollandiana.
- FRANCO, António, 1716, *Indiculo Universal. Contem distinctos em suas classes os nomes de quazi todas as cousas que ha no mundo, & os nomes de todas as Artes e Sciencias [...]*. Évora, Universidade.
- FREIRE, Francisco José (Cândido Lusitano), 1794, *Diccionario poetico, para uso dos que principião a exercitar-se na poesia portugueza: obra igualmente util ao orador principiante*, Lisboa, Officina de Simão Thaddeo Ferreira.
(<http://purl.pt/13947>)
- , 1842, (1773), *Reflexões sobre a lingua portuguesa, escritas por... com algumas anotações pela Sociedade Propagadora dos Conhecimentos Úteis. Parte I: trata do valor das palavras e correcções da Grammatica; Parte II: Tratado que pertence á pronunciação*. Lisboa, Officina de Simão Thaddeo Ferreira.
(<http://purl.pt/135>)
- FURETIÈRE, Antoine, 1690, *Dictionaire Universel, Contenant generalement tous les Mots François tant vieux que modernes, & les Termes de toutes les Sciences & des Arts [...]*. La Haye & Rotterdam, Arnout & Reinier Leers.

(<http://gallica.bnf.fr/ark:/12148/bpt6k50614b.r=Dictionnaire+Universel+Contenant+generalement.langPT>)

Gazeta de Lisboa, 1741-1759. Nº 36 - nº 52, Lisboa, na Off. de Antonio Correa Lemos.

HOUAISS, Antônio, Mauro VILLAR, Francisco FRANCO, 2001, *Dicionário Houaiss da língua portuguesa*. Rio de Janeiro, Objetiva.

IMPRESA NACIONAL, 1760-1800, *Actividade de uma Casa Impressora*, vol. I, Lisboa, Imprensa Nacional-Casa da Moeda.

LEÃO, Duarte Nunes de, 1576, *Orthographia da Lingoa Portuguesa*. Lisboa, João de Barreira.

(<http://purl.pt/15>)

LIMA, Luís Caetano de, 1710, *Grammatica Franceza, ou arte para aprender o Francez por meyo da lingua Portuguesa*. Lisboa, Officina Real Deslandiana.

—, 1734, *Grammatica Italiana, e arte para aprender a lingua Italiana por meyo da lingua Portuguesa*. Lisboa, Officina da Congregação do Oratorio.

—, 1736, *Orthographia da lingua portuguesa*. Lisboa, Antonio Isidoro da Fonseca.

(<http://purl.pt/8>)

LOBATO, António José dos Reis, 1770, *Arte da Grammatica da lingua Portuguesa, composta e offerecida ao Illmo e Exmo Senhor Sebastião José Carvalho e Mello*. Lisboa, Na Regia Officina Typografica.

(<http://purl.pt/196>)

LUZ, Tomás da, e João da COSTA, 1673, *Amalthea, sive hortus onomasticus in gemina divisus florilegia, quorum quodlibet multigenas sub dividitur in areolas, in quibus communiora nomina ad quotidianum Linguae Latialis usum, & exercitationem spectantia continentur, cum indice titulorum ad limen appposito: coronat opus topographicum Lusitaniae lexicon, ac periphrastica quorundam Sanctorum descriptio: Reverendissimo P. Fr. Gabrieli de Amaral thomariensis... / auctore P. Fr. Thoma de Luce Ulyssipponensi [...]*. Ulyssipone, excudebat Joannes a Costa.

(<http://purl.pt/13933>)

MACEDO, José de, [1710], *Antidoto da Lingua Portuguesa [...] por Antonio de Mello da Fonseca*. Amesterdam, Miguel Diaz.

MACHADO, Diogo Barbosa, 1965-1667 (1741-1759), *Bibliotheca Lusitana [...]*. Coimbra, Atlântida (edição original: Lisboa Occidental, Officina de Antonio Isidoro da Fonseca, 1741-1759).

- MACHADO, José Pedro, 1995, *Dicionário etimológico da língua portuguesa*, 5. vols. Lisboa, Livros Horizonte.
- MARQUES, José, 1756, *Nouveau dictionnaire des langues françoise, et portugaise. Tiré des meilleurs Auteurs, & des Dictionnaires de l'Academie, de Trevoux, de Furetiere, de Tachard, de Richelet, de Danet, de Boyer, &c. Avec les noms des Nations, des Royaumes, des Provinces, des Villes, des Contrées, des Rivières du Monde, & les noms propres d'Hommes, & des Femmes, &c. [...] Lisbonne, De l'Impression de Joseph da Costa Coimbra.*
- , 1764, *Novo diccionario das linguas portugueza, e franceza, com os termos latinos, tirado dos melhores Authores, e do Vocabulario Portuguez, e Latino do P. D. Raphael Bluteau, dos Dictionarios da Academia Franceza, Universal de Trevoux, de Furetiere, de Tachard, de Richelet, de Danet, de Boyer, &c. Com os nomes proprios das Naçoens, dos Reinos, das Provincias, das Cidades, das Comarcas, dos Rios do Mundo, &c.* Lisboa, Officina Patriarcal de Francisco Luiz Ameno.
- MENDES, António Félix, 1741, *Grammatica Portugueza da Língua Latina, para uso dos Cavalheiros e Nobres, que tem Mestre em suas casas, com hum Methodo para o governo do Mestre que ensinar por ella, e hum Prologo Apologético, Critico e noticioso aos Leitores.* Lisboa, Nova Officina Almeydiana.
- MESSNER, Dieter, 1994-1999, *Dicionário dos dicionários portugueses.* Salzburg, Institut für Romanistik der Universität.
- MORERI, Louis, 1699, *Le grand dictionnaire historique ou le mélange de l'histoire sacrée et profane [...].* Paris, Jean-Baptiste Coignard. (1ª edição: Lyon, Iean Girin & Barthelemy Riviere, 1674.)
- , 1712, *Le grand dictionnaire historique ou le mélange curieux de l'histoire sacrée et profane [...].* Paris, Jean-Baptiste Coignard.
- MOURA, José Vicente Gomes de, 1823, *Noticia Succinta dos Monumentos da Lingua Latina, e dos Subsidios Necessarios para o Estudo da Mesma.* Coimbra, Real Imprensa da Universidade.
- NEBRIJA, Antonio de, 1492, *Dictionarium latino-hispanicum [...].* Salamanticae.
- NICOT, Jean, 1606, *Thresor de la langue françoise tant ancienne que moderne auquel entre autres choses sont les noms propres de marine, vénerie & faulconnerie [...].* Paris, D. Douceur.

Novo Dicionário da Fábula, 1945, Porto, Livraria Figueirinhas.

OLIVEIRA, Fernão de, 1536, *Grammatica da lingoagem portuguesa*. Lisboa, Germão Galharde.

(<http://purl.pt/120>)

PACHECO, João, 1734-1744, *Divertimento erudito para os curiosos de noticias historicas, escolasticas, politicas e naturaes, sagradas, e profanas. Descobertas em todas as Idades, e Estados do Mundo, até o presente. E extrahida de varios authores [...]*. Tomo I: Lisboa Oriental, Na officina Augustiniana, 1734; Tomo II, Lisboa Occidental, Na officina de Antonio de Sousa da Sylva, 1736; Tomo III, Lisboa Occidental, Na Officina de Pedro Ferreira, 1741; Tomo IV, Lisboa Occidental, Na Officina de Domingos Gonçalves, 1744.

PASINI, Giuseppe, 1731, *Vocabula Latini, Italique sermonis ex aureis, et optimis scriptoribus collecta, ac in duos libros distributa, ... ad usum studiosae humaniorum literarum juventutis in Regio Taurinensi Archigymnasio*. Augustae Taurinorum, typis Petri Joseph Zappatae & filii impressor.

——, 1758, 1764, 1781 [5ª, 6ª e 10ª edições], *Vocabula Latini, Italique Sermonis ex aureis, et optimis scriptoribus collecta, ac in duos libros distributa, quibus quibus insertae sunt elegantiores & difficiliores utriusque Linguae phrases, locutiones, proverbia &c. ad usum studiosae humaniorum literarum juventutis in taurinensi gymnasio ceterisque subalpinae Italiae Scholis*. Augustae Taurinorum, Ex Typografia Regia.

——, 1759, 1763 [7ª, 8ª edições] *Vocabula Latini, Italique Sermonis in duos tomos distributa, quibus insertae sub elegantiores & difficiliores utriusque Linguae phrases, locutiones, proverbia &c. ad usum studiosae humaniorum literarum juventutis in regio taurinensi archigymnasio ceterisque subalpinae Italiae Scholis*. Venetiis, Thomam Bettinelli. 9ª edição: 1764, Venetiis, Ex Typografia Remondiniana.

——, 1758, *Vocabolario italiano, e latino per uso delle regie scuole*. Torino, Stamperia Real.

PEREIRA, Antonio das Neves, 1793, “Ensayo Critico sobre qual seja o uso prudente das palavras de que se servirão os nossos bons escritores do século XV e XVI e deixarão esquecer os que depois se seguirão até ao presente” in *Memorias da Literatura Portuguesa*, tomo 5, Lisboa, Academia Real das Sciencias, pp. 152-252.

(<http://purl.pt/193>)

PEREIRA, Bento, 1666, *Regras gerays, breves e comprehensivas da melhor Orthografia, com que se podem evitar erros no escrever da lingua Latina, & Portuguesa. Para se ajuntar â Prosodia. Ordenadas pelo author della o P. D. Bento Pereyra da Cõpanhia de Jesus, Qualificador do S. Officio. Aprovadas per Varoës peritissimos em huma, & outra lingua. Dividemse em tres partes. A primeira he a das regras commuas á lingua Latina, & Portuguesa. A segunda he a das tocantes só á Latina. A terceyra he a das tocantes sô á Portuguesa [...]*. Lisboa, Domingos Carneyro.

——, 1697, *Prosodia in vocabularium bilingue, Latinum, et Lusitanum digesta [...]* Septima editio auctior, et locupletior [...]. [Inclui: *Thesouro da lingua portugueza; Primeira parte das frases portuguezas, a que correspondem as mais puras, & elegantes Latinas como tiradas de Marco Tullio, & outros Authores de primeira classe; Segunda parte dos principaes adagios portuguezes, com seu latim proverbial corespondente; Tertia pars selectissimarum descriptionum, quas idem auctor vel olim á se compositas, vel à probatissimis Scriptoribus emendicatas alphabetico ordine digessit.*] Eborae, ex Typographia Academiae.

POMEY, François Antoine, 1691, *Le Dictionaire Royal, augmentè de nouveau, & enrichi d'un grand nombre d'expressions elegantes, de quantité de mots François nouvellement introduits; & de cinquante descriptions; comme aussi d'un petit Traité de la Venerie & de la Fauconnerie [...]*. Lyon, Antoine, & Horace Molin.

Português Fundamental, Vocabulário e Gramática, tomo 1, Vocabulário. Lisboa, INIC, 1984.

POYARES, Pedro de, 1667, *Diccionario Lusitanico-Latino de Nomes Proprios de Regioens; Reinos; Provincias; cidades; Villas; Castellos; Lugares; Rios; Mares; Montes; Fontes; Ilhas; Peninsulas; Isthmos; &c. Com o nome Latino, dando a esse nome Latino o vulgar que hoje tem, pera boa intelligencia de Livros Sagrados, & Prophanos. Offerecido e dedicado a Santíssima Virgem, Senhora nossa*. Lisboa, Officina de Ioam da Costa.

REAL ACADEMIA ESPAÑOLA (1969 [1726-1737]), *Reprod. Facsímil de la edición de Madrid, Imp. de Francisco de Hierro, 1726-1737, Madrid, Editorial Gredos, S. A.*

- RICHELET, Pierre, 1680, *Dictionnaire françois, contenant les mots et les choses, plusieurs nouvelles remarques sur la langue françoise [...] le tout tire de l'usage et des bonsauteurs de la langue françoise [...]*. Geneve, Chez Jean Harman Widerhold.
- RODRIGUES, António Augusto Gonçalves, 1992, *A tradução em Portugal – Tentativa de resenha cronológica das traduções impressas em língua portuguesa excluindo o Brasil de 1495 a 1950, Vol.I – 1495-1834*. Lisboa, Imprensa Nacional-Casa da Moeda.
- SA, Joaquim José da Costa e, 1784, *Nouveau dictionnaire françois-portugais*. Lisbonne, De l'imprimerie de Simon Thaddée Ferreira.
- SÃO LUÍS, Frei Francisco de (Cardeal Saraiva), 1827 (1812), *Glossário das Palavras e Frases da Lingua Franceza que por descuido, ignorancia ou necessidade se tem introduzido na Locução Portuguesa moderna; com o juizo critico das que são adoptaveis nella*. Lisboa: Real Academia das Sciencias.
(http://books.google.pt/books?id=9MEGAAAAQAAJ&pg=PA1&dq=Gloss%C3%A1rio&hl=ptPT&ei=5t9zTPXwBozAswbO2N39CA&sa=X&oi=book_result&ct=result&resnum=2&ved=0CC4Q6AEwAQ#v=onepage&q=Gloss%C3%A1rio&f=false)
- SILVA, António de Moraes, 1789, *Diccionario da lingua portugueza composto pelo padre D. Rafael Bluteau, reformado, e accrescentado por Antonio de Moraes Silva natural do Rio de Janeiro*. Lisboa, Simão Thaddeo Ferreira.
- SILVA, Inocêncio Francisco da, 1858-1923, *Diccionario Bibliographico Portuguez*. Lisboa, Imprensa Nacional.
- STOCKAMMER, Sebastião, 1592, *Dictionarium aliud: de propriis nominibus celebrorum virorum, populorum, Regionum, locorum, Insularum, Urbium, oppidorum, montium, fluuiorum & fontium: nec non aliorum complurium scitu dignorum nominum ac rerum: collegit & adiecit in studiosae iuuentutis commodum Sebastianus Stochamerus Germanus: vt locupletius omnino, & ex hac parte absolutum prodiret totum hoc Lexicon*. Olyssipone, Apud Ioannem de Ribera.
(<http://purl.pt/14309>)
- TACHARD, Guy, 1692, *Dictionnaire nouveau, François-Latin, plus ample, & plus exact, que ceux qui ont paru jusques à present [...] Sur les memoires des principaux Autheurs, tant anciens que modernes, & principalement de Pomey, Danet, Richelet, & Furetiere, & autres excellens Autheurs [...]*. Paris, André Pralard. (1ª edição, ibidem, 1689).

TEIXEIRA, António José (trad.), 1780, *Noticia da Mythologia, onde se contém em fórma de Dialogo a Historia do Paganismo, para a intelligencia dos antigos Poetas, Pinturas, e Esculturas. Traduzida do francez por A.J.T. Lisboa, na Typografia Rollandiana.*

(http://books.google.pt/books?id=1qrXTYQywC&printsec=frontcover&dq=Noticia+da+mythologia&hl=ptPT&ei=HOJzTPHkM4TEswbaM2xCQ&sa=X&oi=book_result&ct=bookthumbnail&resnum=1&ved=0CCkQ6wEwAA#v=onepage&q&f=false)

TRANSTAGANO, António Vieira, 1773, *A dictionary of the portuguese and english languages, in two parts, portuguese and english and english and portuguese.* London, J. Nourse.

VASCONCELOS, João Rosado de Vilalobos e, 1782, *Os tres livros das instituições rhetoricas de M. Fab. Quintiliano accommodadas aos que se applicam ao estudo da eloquencia / Pedro José da Fonseca ; trad. João Rozado de Villa Lobos e Vasconcelos.* Coimbra, Na Real Officina da Universidade

VERNEY, Luís António, 1746, *Verdadeiro metodo de estudar, para ser util à Republica, e à Igreja, proporcionado ao estilo, e necessidade de Portugal [...].* Valensa [Nápoles], Antonio Balle.

VITERBO, Fr. Joaquim de Santa Rosa de, 1798, *Elucidario das palavras, termos, e frases, que em Portugal antiguamente se usárão e que hoje praticamente se ignoram.* Lisboa, na Officina de Simão Thaddeo Ferreira.

BIBLIOGRAFIA

- ABREU, Luís Machado de, 1997, “Os afectos na argumentação: comentários ao Tratado dos Afectos de Pedro José da Fonseca”, Separata das *Actas do II Colóquio Clássico*, Universidade de Aveiro, pp. 285-296.
- AGUILAR, Manuel Busquets de, 1935, *O Real Colégio de Nobres (1761-1837)*, Lisboa, M. B. de Aguilar.
- ALMEIDA, Justino Mendes de, 1959, “Lexicógrafos portugueses de língua latina. O primeiro lexicógrafo português da língua latina: Jerónimo Cardoso”, *Evphrosyne*, 2, pp. 139-152.
- , 1965, “Agostinho Barbosa: o segundo lexicógrafo português da língua latina”, *Revista de Guimarães*, 75, 1/4, pp. 31-40.
- , 1967a, “A Prosódia de Bento Pereira”, *Revista de Guimarães*, 77, 1/2, pp. 5-12.
- , 1967b, “O Diccionario Lusitanico-Latino de Frei Pedro de Poyares”, *Revista de Guimarães*, 77, 1/2, pp. 12-17.
- , 1969a, “A Porta de línguas (Ianva lingvarum), de Amaro de Reboredo”, *Revista de Guimarães*, 79, 1/2, pp. 5-7.
- , 1969b, “A Amalthea siue hortus onomasticus do P. Fr. Tomas da Luz”, *Revista de Guimarães*, 79, 1/2, pp. 7-13.
- , 1969c, “O Vocabulario portuguez e latino de D. Rafael Bluteau”, *Revista de Guimarães*, 79, 1/2, pp. 13-27.

- , 1969d, “O Apparato critico para a correcção do dictionario intitulado Prosodia in vocabularium bilingue digesta, de Antonio Pereira de Figueiredo”, *Revista de Guimarães*, 79, 1/2, pp. 27-36.
- , 1969e, “O Dictionario portuguez, e latino, do Padre Carlos Folqman”, *Revista de Guimarães*, 79, 1/2, pp. 36-40.
- , 1969f, “O Breve dictionario da latinidade pura e impura de António Pereira de Figueiredo”, *Revista de Guimarães*, 79, 3/4, pp. 193-198.
- , 1969g, “Os Dicionários de Pedro José da Fonseca”, *Revista de Guimarães*, 79, 3/4, pp. 198-210.
- , 1969h, “O Magnum lexicon, de Frei Manuel de Pina Cabral”, *Revista de Guimarães*, 79, 3/4, pp. 210-216.
- , 1972, “Nomenclatura port., e latina”, *Revista de Guimarães*, 82, 3/4, pp. 163-168.
- AIRES, Cristóvão, 1927, *Para a História da Academia das Ciências de Lisboa*. Coimbra, Imprensa da Universidade.
- ANDRADE, António Alberto Banha de, 1966, *Vernei e a cultura do seu tempo*. Coimbra, Universidade.
- , 1980, *Verney e a projecção da sua obra*. Lisboa, Instituto de Cultura Portuguesa.
- , 1981, *A reforma Pombalina dos estudos secundários (1759-1771): contribuição para a história da pedagogia em Portugal*. Coimbra, Universidade.
- , 1982, *Contributos para a história da mentalidade pedagógica portuguesa*. Lisboa, Imprensa Nacional – Casa da Moeda.
- Archives littéraires de l' Europe ou Mélanges de littérature, d' histoire et de philosophie. Par une société de gens de lettres suivis d'une Gazette littéraire universelle*, t. I, 1804. Paris, Chez Henrichs.
- ASSUNÇÃO, Carlos Costa, 1997, *Uma leitura da introdução da arte da gramática da língua portuguesa de Reis Lobato: 1770*. Porto, Faculdade de Letras.
- BARROSO, João, 1995, *Liceus – Organização Pedagógica e Administração (1836-1960)*. Lisboa, Fundação Calouste Gulbenkian - Junta Nacional de Investigação Científica e Tecnológica.
- BELTRAMI, Pietro, 2001, *La lessicografia storica i grandi dizionari delle lingue europee, Atti della giornata di studi Firenze, Villa reale di Castello 10 Luglio 2000*. Alessandria, Dell'Orso.

- BORGES, Ana Margarida, (no prelo), “A criatividade lexical ao longo do século XIX: o testemunho do dicionário Português-Latim de Pedro José da Fonseca”. Comunicação apresentada no *I Congr s Internacional de Neologia en les lleng es rom niques*, Barcelona, 07-10 maig 2008.
- , (no prelo), “La reforma de la enseñanza: de la Prosodia de Bento Pereira al Parvum Lexicon de Pedro da Fonseca”. Comunicação apresentada no *XIII Congreso Internacional Euralex 25 a os estudiando diccionarios*. Barcelona, 15 a 19 de julio de 2008.
- , 2009, “Academia Real de las Ciencias de Lisboa y Real Academia Española: similitudes de un proyecto de concepción de los diccionarios de lengua nacional” in Teresa CAND N e Manuel ZANCARR N (ed.), *Estudios de Historiografía Lingüística*, Cádiz, Universidad de Cádiz, pp. 79-90.
- BOSQUE, José Ignacio, 1982, “Sobre la teoría de la definición lexicográfica”, *Verba*, Anuario galego de filoloxia, 9, pp. 105-124.
- BRAGA, Theophilo, 1875, *Manual da história da literatura portuguesa : desde as suas origens até ao presente*. Porto, Livraria de Magalhães & Moniz.
- , 1899, *Historia da Litteratura Portuguesa: A Arcadia Lusitana*. Porto, Edição Lello & Irmão.
- , 1901, *Filinto Elysio e os Dissidentes da Arcadia*. Porto, Edição Lello & Irmão.
- BUESCU, Maria Leonor, 1979, “Um documento da reforma pombalina do ensino”, *Separata Euphrosyne* nova série, 9, Lisboa, Centro de Estudos Clássicos, pp 227-248.
- , 1984, *Babel ou a ruptura do signo: a gramática e os gramáticos portugueses do século XVI*. Lisboa, Imprensa Nacional – Casa da Moeda.
- CARRETER, Fernando Lazaro, 1949, *Las ideas lingüísticas en España durante el siglo XVIII*. Madrid, Consejo superior de investigaciones científicas.
- , 1972, *Crónica del Diccionario de Autoridades (1713-1714)*. Madrid, Eosgraf, S. A.
- CARVALHO, Laerte Ramos de, 1978, *As reformas pombalinas da instrução pública*. São Paulo, Universidade de São Paulo.
- CARVALHO, R mulo de, 1959, *História da fundação do Colégio Real nos nobres de Lisboa*, Coimbra, Atlântida.

- CARVALHO, Rómulo Vasco da Gama de, 1963, “Sobre os compêndios universitários exigidos pela Reforma Pombalina”, *Separata Miscelânea de Estudos a Joaquim de Carvalho*, 9, Figueira da Foz, [s.n.], pp 26-35.
- CASTELEIRO, João Malaca, 1980, “A doutrina gramatical de Jerónimo Soares Barbosa”, *Memórias da Academia de Ciências*, XXI, pp. 197-214.
- , 1981, “Estudo linguístico do 1º Dicionário da Academia (1793)”, *Separata das Memórias da Academia das Ciências de Lisboa*, Classe de Letras, 22, pp. 48-63.
- , 1998, “La lexicographie lusitanienne et le Dictionnaire de l’Académie”, in Bernard QUEMADA, *Le Dictionnaire de l’Académie Française et la lexicographie institutionnelle européenne. Actes du colloque international 17, 19 et 19 novembre 1994*. Paris, Honoré Champion, pp. 431-438.
- CASTRO, Aníbal Pinto de, 1973, *Retórica e Teorização Literária em Portugal: do Humanismo ao Neoclassicismo*. Coimbra, Centro de Estudos Românicos.
- , 1974, “Alguns aspectos da teorização poética no neoclassicismo português”, *Separata Bracara Augusta*, 28.
- CASTRO, Ivo de, 1991, *Curso de História da Língua Portuguesa*. Lisboa, Universidade Aberta.
- CASTRO, Zília Osório de, 2001, “Antecedentes do regalismo pombalino: o Padre José Clemente”, *Separata de Estudos em Homenagem a João Francisco Marques*, 32, 2, pp. 323-331.
- CHOMSKY, Noam, 1966, *Cartesian Linguistics. A Chapter in the History of Rationalist Thought*. New York/London, University Press of America.
- COLLINOT, André e Francine MAZIÈRE, 1990, “L’usage des mots, l’institution du sens dans le Dictionnaire de l’Académie”, in Michel GLATIGNY (coord.), *Les marques d’usage dans les dictionnaires (XVIIe-XVIIIe siècles)*. Lille, Presses Universitaires de Lille, pp. 81-88.
- CORREIA, Margarita e Lúcia LEMOS, 2005, *Inovação lexical em português*. Lisboa, Edições Colibri e Associação de Professores de Português.
- COSTA, Maria Helena de Teves, 1979, “Livros escolares de latim e de grego adoptados pela reforma pombalina dos estudos menores”, *Arquivos do Centro Cultural Português*, XIV, Paris, pp. 287-329.

- CRUZ, António Augusto Ferreira, 1956-57, “A reforma pombalina do ensino das Humanidades”, *Studium Generale*, vol. 3, Porto, Centro de Estudos Humanísticos.
- , 1972, *Nota sobre a reforma pombalina da instrução pública*. Porto, Faculdade de Letras.
- EZQUERRA, Manuel Alvar, 1993, *Lexicografía Descriptiva*, Barcelona, Bibliograf, S. A.
- FÁVERO, Leonor Lopes, 1996, *As concepções linguísticas no século XVIII (A gramática portuguesa)*. Campinas, Editora da Unicamp.
- FERNANDES, Rosado, 1992, *Arte Poética/Horácio*, Introdução, Tradução e Comentário. Lisboa: Inquérito.
- FERREIRA, António Gomes e A. VECIA, 2004, “Um olhar sobre instituições de ensino secundário no século XIX: O Liceu de Coimbra e o Imperial Collegio de Pedro II”, *Cadernos de História da Educação* 3, pp. 6-15.
- FERREIRA, João Palma, 1982, *Academias literárias dos séculos XVII e XVIII*, Lisboa, Biblioteca Nacional.
- FILIPPE, Raquel Teixeira, 2003, “A herança dos satíricos: Horácio e Pedro José da Fonseca. Tópicos horacianos na Inectiva contra os máos poetas”, *Separata das Actas do Colóquio Clássico*, Universidade de Aveiro, pp. 237-252.
- FONSECA, Maria do Céu, 2002, “Epistemologia da Linguística” in *Diana*, Revista do Departamento de Linguística e Literaturas, vols. 3-4, Évora, Universidade de Évora, pp. 17-34.
- FREIXA, Judit; SOLÉ, Elisabet; CABRÉ, Teresa (coords), 1998, “Descripció quantitativa dels neologismes documentats durant l’any 1995 a la premsa en català”, *Sèrie Informes*, 23. Barcelona, Universitat Pompeu Fabra, Institut Universitari de Lingüística Aplicada, pp. 1-30.
- FURNO, Martine, 1997, “Les dictionnaires de Pierre Danet pour la collection Ad usum Delphini”, *Histoire de l’éducation*, 74, pp. 115-130.
- GAUDIN, François; GUESPIN, Louis, 2000, *Initiation à la lexicologie française. De la néologie aux dictionnaires*. Bruxelles, Éditions Duculot.
- GOMES, Joaquim Ferreira, 1982, *O marquês de Pombal e as reformas do ensino*. Coimbra, Almedina.

- GONÇALVES, Maria Filomena, 1992, *Madureira Feijó, ortografista do século XVIII: para uma história da ortografia portuguesa*. Lisboa, Ministério da Educação, Instituto de Cultura e Língua Portuguesa.
- , 1998, *As ideias ortográficas em Portugal: da etimologia à reforma (1734-1911)*. 2 vols. Évora, Universidade de Évora (edição policopiada).
- , 2001a, “Aspectos da história e da historiografia da língua portuguesa na época de Pombal”, in Werner THIELEMANN (ed.) *Século XVIII: Século das Luzes – Século de Pombal*, Biblioteca Luso-Brasileira, nº 21, Frankfurt am Main, TFM, pp. 11-31.
- , 2001b, “Presenças castelhanas na gramaticografia portuguesa seiscentista e setecentista”, *Actas del Congreso Internacional de Historia y Cultura en la Frontera (Cáceres, 10 a 12 de Novembro de 1999)*, vol. II, Cáceres, Junta de Extremadura, pp. 917-937.
- , 2002a, “La doctrina lingüística de António das Neves Pereira: purismo, vernaculidad y perfección en el siglo XVIII”, in *SEHL 2001 - Estudios de Historiografía Lingüística (Actas del III Congreso de la Sociedad Española de Historiografía Lingüística, Vigo, 7-10 de febrero de 2001)*, t.1, M. A. Esparza Torres, B., Fernández Salgado, H.-J. Niederehe eds., Hamburg, Helmut Buske Verlag, pp. 549-558.
- , 2002b, “As Reflexões sobre a Língua Portuguesa (1773/1842) no contexto das ideias lingüísticas do século XVIII”, in *Actas del XXIII Congreso Internacional de Lingüística y Filología Románicas* ed. Sánchez Miret (Salamanca, 24 a 30 de Setembro de 2001), vol. 5, Tübingen, Max Niemeyer Verlag, 10p.
- , 2005a, “Da «francezia» ou o problema das palavras afrancesadas no século XVIII: as ideias de António das Neves Pereira”, *Estudios Portugueses. Revista de Filología Portuguesa*, 5, Salamanca, pp. 45-62.
- , 2005b, “Revisitando o texto preambular setecentista: a produção metalingüística em português”, in *Ciências da Linguagem: 30 anos de Investigação e Ensino* (eds. M. A. Marques, E. Köller, J. Teixeira, A. S. Lemos), Braga, Universidade do Minho – Instituto de Letras e Ciências Humanas, pp. 99-116.
- , 2005c, “Oratório Requerimento de Palavras Portuguezas, Aggravadas, Desconfiadas, e Pertendentes: uma perspectiva da dinâmica lexical nos alvares do Iluminismo”. in *Estudos em Homenagem ao Professor Doutor Mário Vilela* (org. Secção de

- Linguística do Dep. de Estudos Portugueses e Românicos), vol. 2. Porto, Faculdade de Letras, pp. 619-631.
- , 2005d, “Singularidades verneianas: a normalização da língua portuguesa e o Verdadeiro Método de Estudar”, *Anais da Universidade de Évora*, nº 13-14, pp.41-77.
- , 2006a, “As ideias pedagógicas e linguísticas de António Pereira de Figueiredo: os manuscritos autógrafos da Biblioteca Pública de Évora”, in Werner THIELEMANN (ed.), *Século XVIII – Portugal e Espanha, o Brasil e a Região da Prata*, Biblioteca Luso-Brasileira, 24, Ibero-Amerikanisches Institut Preussischer Kulturbesitz. Frankfurt am Main, TFM, pp. 132-152.
- , 2006b, “Treinta Años de Historiografía Lingüística del Portugués”, *Actas del XXXV Simposio Internacional de la SEL (Sociedad Española de Lingüística)*, León, 12-15 de Diciembre de 2005, Madrid, Arco/Libros, pp. 732-753.
- GRIMM, Melchior, 1877, *Correspondance littéraire, philosophique et critique*, vol. II. Paris: Garnier.
- HAENSCH, Gunther, Lothar WOLF, Stefan ETTINGER, Reinhold WERNER, 1982, *La lexicografía. De la lingüística teórica a la lexicografía práctica*. Madrid, Gredos.
- HARTMANN, Reinhard, 1983, “On Theory and Practice. Theory and Practice in Dictionary-Making” in HARTMANN (ed.), pp. 3-11.
- , 1983a, “On Specifying Context. How to Label Contexts and Varieties of Usage”, in HARTMANN (ed.), pp. 109-119.
- , Gregory JAMES, 1998, *Dictionary of Lexicography*. London – New York, Routledge.
- HEGENBERG, Leonidas, 1974, *Definições: termos teóricos e significado*. São Paulo, Cultrix.
- KEMMLER, Rolf, 1996, *Esboço para uma História da Ortografia Portuguesa. O texto metaortográfico e a periodização da ortografia do século XVI até aos prelúdios da primeira reforma ortográfica de 1911*. Tübinga, Neuphilologische Fakultät der Eberhard-Karls-Universität Tübingen.
- , 2005, “Aspectos da projecção do *Dictionnaire Abrégé de la Fable* de Pierre Chompré”. *Lusorama* 61-62, pp. 96-117.

- , 2007, *A Academia Orthográfica Portuguesa na Lisboa do Século das Luzes: Vida, obras e actividades de João Pinheiro Freire da Cunha (1738-1811)*. Frankfurt am Main Schönberger, Domus Editoria Europaea.
- LANZA, Pietro, 1836, *Considerazioni sulla storia di Sicilia dal 1532 al 1789*. Palermo, Stamperia di Antonio Muratori.
- LEITE, José (trad.), 1995, *História da expulsão da Companhia de Jesus da Província de Portugal (séc. XVIII)*. Lisboa, Verbo.
- LEMONS, Fernando José, 1998, *A Reforma Pombalina da Escola Secundária e o Ensino do Latim. Política Educativa, Enquadramento Curricular, Métodos, Agentes e Instrumentos de Ensino*. Lisboa, Universidade de Lisboa.
- LYONS, John, 1969, *Introduction to Theoretical Linguistics*. Cambridge, University Press.
- LOMBARDI, Antonio, 1830, *Storia della letteratura italiana nel secolo XVIII*. Modena, la Tipografia Camerale.
- MARQUILHAS, Rita, 1991, *Norma gráfica setecentista. Do autógrafo ao impresso*. Lisboa, INIC.
- , 2000, *A Faculdade das Letras. Leitura e escrita em Portugal no séc. XVII*. Lisboa IN-CM.
- MARTINS, José de Pina, 1993, “As fontes literárias do Dicionário da língua Portuguesa da Academia Real das Ciências de Lisboa (1793)”, in ACADEMIA DAS CIÊNCIAS DE LISBOA, Dicionário da Língua Portuguesa. Reprodução fac-similada da edição de 1793. Lisboa, Academia das Ciências, pp. xxv-cxvii.
- MESSNER, Dieter, 1994, “Contributions à la lexicographie portugaise”, *Revue de Linguistique Romane*, 58, pp. 387-401.
- MIRANDA, José da Costa, 1981, “Ludovico Ariosto, Orlando Furioso: apontamentos sobre a sua presença em Portugal (séculos XVI e XVIII)”. Separata da Revista da Faculdade de Letras de Lisboa, 3.
- MIRANDA, Margarida, 2009, *Código Pedagógico dos jesuítas. Ratio Studiorum da Companhia de Jesus (1599)*. Regime escolar e curriculum de estudos Edição bilingue latim-português. Porto, Esfera do Caos.
- MIRANDA, Pedro Alvarez de, 1998, “La Real Academia Española et l’Académie Française”, in Bernard QUEMADA, *Le Dictionnaire de l’Académie Française et la*

- lexicographie institutionelle européenne. Actes du colloque international 17, 19 et 19 novembre 1994*. Paris, Honoré Champion, pp. 403-415.
- MOCHO, Maria do Céu Caetano, 1994, *A derivação sufixal no português contemporâneo*. Lisboa, Universidade Nova de Lisboa.
- MORAIS, Júlio de, 1939, *Historiador desconhecido José Caeiro: grande escritor da época pombalina*. Braga, Livr. Cruz.
- NÓVOA, António Manuel Sampaio da, 1986, *Do mestre-escola ao professor do ensino primário: subsídios para a história da profissão docente em Portugal (séculos XVI-XX)*. Lisboa, Universidade Técnica.
- , 1987, *Le temps des professeurs: analyse socio-historique de la profession enseignante au Portugal (XVIII-XX siècle)*. Lisboa, Instituto Nacional de Investigação Científica.
- PÉCHEUX, Michel e Michel FICHANT, trad. Francisco BAIRRÃO, 1977, *Sobre a história das ciências*. Lisboa, Estampa.
- PEREIRA, Maria Helena da Rocha, 1974, “Ecos da reforma pombalina na poesia setecentista”, *Separata Bracara Augusta*, 28, pp 5-24.
- POMBAL, Marquês de, Junta de Providência Literária, 2008 (1771), *Compêndio Histórico da Universidade de Coimbra*. Porto, Campo das Letras.
- QUEMADA, Bernard, 1968, *Les dictionnaires du français moderne, 1539-1863: étude sur leur histoire, leurs types et leur méthodes*. Paris, Didier.
- , 1998, “La lexicographie du français au XVIIIe siècle”, in Bernard QUEMADA, *Le Dictionnaire de l’Académie Française et la lexicographie institutionelle européenne. Actes du colloque international 17, 19 et 19 novembre 1994*. Paris, Honoré Champion, pp. 41-68.
- RAMOS, Gustavo Cordeiro, 1959, “A actividade da Academia das Ciências de Lisboa no domínio da lexicografia”, *Separata Boletim da Academia das Ciências de Lisboa*, 31, Lisboa [s.n.].
- RIBEIRO, José Silvestre, 1871, *Historia dos estabelecimentos scientificos, literarios e artisticos de Portugal*, tomo I, Lisboa, Academia Real das Ciências.
- , 1872, *Historia dos estabelecimentos scientificos, literarios e artisticos de Portugal*, tomo II, Lisboa, Academia Real das Ciências.
- (<http://purl.pt/173>)

- RÎPEANU, Sanda Reinheimer, 1974, *Les dérivés parasyntétiques dans les langues romanes: roumain, italien, français, espagnol*. Paris, Mouton.
- , Liliane TASMOWSKI, 1997, *Pratique des langues romanes: espagnol, français, italien, portugais, roumain*. Paris, L'Harmattan.
- RIVARA, Joaquim Heliodoro da Cunha, MATOS, Joaquim António de Sousa Teles, 1869, *Catalogo dos manuscriptos da bibliotheca publica eborensis*. Tomo II. Lisboa, Imprensa Nacional.
- (<http://purl.pt/819>)
- RODRIGUES, Francisco, 1917, *A formação intelectual do jesuita: leis e factos*. Porto, Livraria Magalhães e Moniz.
- , 1938-1950, *História da Companhia de Jesus na Assistência de Portugal*. 7 vols., Porto, Livraria Apostolado da Imprensa.
- SANROMÁN, Álvaro Iriarte, 2001, *A unidade lexicográfica. Palavras, colocações, frases, pragmatemas*. Braga, Universidade do Minho - Centro de Estudos Humanísticos.
- SARAIVA, António José e Óscar LOPES, 1995, *História da literatura portuguesa*. Porto, Porto Editora.
- SCHÄFER-PRIESS, Barbara, 2005, “Gramaticografia em contacto: as gramáticas portuguesas de Pedro José da Fonseca e Jerónimo Soares Barbosa e a *Gramática de la lengua castellana* da Real Academia Española de 1771”, *Estudios Portugueses* (Salamanca) 5, pp. 129-136.
- SEMERIA, Giovanni Battista, 1831, *Storia del re di Sardegna Carlo Emmanuele il grande*. Torino, Dalla Reale Tipografia.
- SEQUEIRA, Gustavo de Matos, 1967-1993, *Depois do terremoto: subsídios para a história dos bairros ocidentais de Lisboa*. Lisboa, Academia das Ciências de Lisboa.
- SERRÃO, Joaquim Veríssimo, 1944, “Alguns aspectos da nossa cultura antes de Vernei”, *Brotéria*, 39, pp. 226-242.
- , 1980, *História de Portugal*. Vol. V. S. I., Verbo.
- SERRÃO, Joel, 1986, *Cronologia geral da história de Portugal*. Lisboa, Livros Horizonte.
- SESSA, Mirella, 1991, *La Crusca e le chrusce: il vocabolario e la lessicografia italiana del Sette-Ottocento*. Firenze, Presso l'Accademia della Crusca.
- SILVA, Lúcio Craveiro da, 1973, “Inácio Monteiro. Significado da sua vida e obra”, *Revista Portuguesa de Filosofia* (Braga), 29, pp. 229-266.

- SILVESTRE, João Paulo, “The Portuguese Literary Corpus and the Establishment of the Literary Orthographical Norm in the Eighteenth Century”. *Authority and text. Post-graduate Conference in Hispanic and Lusophone Studies*. The University of Cambridge Department of Spanish and Portuguese and Centre of Latin American Studies (CLAS), 12 e 13 de Janeiro de 2007.
- , 2008, *Bluteau e as Origens da Lexicografia Moderna*. Lisboa, Imprensa Nacional – Casa da Moeda.
- , Ana Margarida BORGES, (no prelo), “A escola lexicográfica de Évora: um contributo jesuíta para a reforma pombalina”. Comunicação apresentada no *Colóquio Internacional 450 Anos da Universidade de Évora*, 29 a 31 de Outubro de 2009.
- SOUSA, D., José de Saldanha Oliveira e, 1942, “O Real Colégio dos Nobres”, *Separata Revista Municipal*, 8 e 9, Lisboa, Publicações Culturais da Câmara Municipal.
- SOUSA, José Martínez, 1995, *Diccionario de lexicografía práctica*. Barcelona, Bibliograf.
- TELLES, João Bernardo Galvão, 2006, *Relação dos alunos do Colégio Real dos Nobres de Lisboa (1766-1837)*. Porto, [s.n.].
- TEYSSIER, Paul, 1980, “Jerónimo Cardoso et les origines de la lexicographie portugaise”, *Bulletin des Études Portugaises et Brésiliennes*, 41, pp. 7-32.
- , 1985, “Une source pour l’histoire du vocabulaire portugais: Les dictionnaires de Jerónimo Cardoso (1562, 1562-1563, 1569-1570)”, in *XVI Congrès Internacional de Lingüística i Filologia Romàniques. Actes. II*. Palma de Mallorca, Editorial Moll, pp. 245-256.
- , 1989, “La méthode statistique dans l’étude des premiers dictionnaires de la langue portugaise”, in Dieter KREMER (ed.), *Actes du XVIIIe Congrès International de Linguistique et de Philologie Romanes. Université de Trèves (Trier) 1986. Tome IV. Section VI. Lexicologie et lexicographie. Section VII. Onomastique*. Tübingen, Max Niemeyer, pp. 360-370.
- , 1997 (1980), *História da Língua Portuguesa*. Lisboa, Sá da Costa Editora (edição original: *Histoire de la Langue Portugaise*, Paris, Presses Universitaires de France, 1980).
- VALLAURI, Tommaso, 1846, *Storia delle Università degli studi del Piemonte*. Torino, Dalla Stamperia Real.

- VEDOVA, Giuseppe, 1836, *Biografia degli scrittori padovani*. Padova: Coi Tipi Della Minerva.
- VERDELHO, Telmo, 1982, “Historiografia linguística e reforma do ensino. A propósito de três centenários: Manual Álvares, Bento Pereira e Marquês de Pombal”, *Separata de Brigantia, Revista de Cultura*, vol. II, 4, pp. 347-560.
- , 1987, “Latinização na história da língua portuguesa - o testemunho dos dicionários”, *Arquivos do Centro Cultural Português*, tom. XXIII. Lisboa-Paris, Fundação Calouste Gulbenkian, pp. 157-187.
- , 1991, “Os dicionários bilingues até ao fim do século XVIII, fonte privilegiada da lexicografia portuguesa”, in *Colóquio de Lexicologia e Lexicografia. Actas*. Lisboa, INIC, Universidade Nova de Lisboa, pp. 248-256.
- , 1992, “Aspectos da diacronia lexical do português. A inovação entre o Dicionário de Morais Silva e o Vocabulário do Português Fundamental”, in Ramón LORENZO (ed.), *Actas do XIX Congreso Internacional de Lingüística e Filoloxía Románicas. Universidade de Santiago de Compostela. II. Lexicoloxía e Metalexicografía*. Coruña, Fundación Pedro Barrié de la Maza, pp. 133-148.
- , 1993, “Aspectos da obra lexicográfica de Bento Pereira”, in Gerold HILTY (ed.), *Actes du XXe Congrès international de linguistique et philologie romanes. Université de Zurich (6-11 avril 1992)*, IV. Tübingen – Basel, A. Francke Verlag, pp. 777-785.
- , 1994a, “Portuguesisch: Lexicographie. Lexicografia”, in Günter HOLTUS, Michael METZELTIN, Christian SCHMITT (eds.), *Lexikon der romanistischen Linguistik (LRL)*. 6, 2. Max Niemeyer, Tübingen, pp. 673-692.
- , 1994b “Camilo e a tradição vernacular”. *Congresso Internacional de Estudos Camilianos, Actas, (1990 - 24 a 29 de Julho)*, Coimbra, pp.301-325.
- , 1995, *As origens da gramaticografia e da lexicografia latino-portuguesas*. Aveiro, Instituto Nacional de Investigação Científica.
- , 1997, *As linguagens científicas e técnicas em português: perspectiva diacrónica*. Aveiro, Universidade de Aveiro (edição policopiada).
- , 1998, “Terminologias na língua portuguesa. Perspectiva diacrónica”, in *Actes del colloqui La història dels llenguatges iberoromànics d’especialitat (segles XVII-XIX)*. Barcelona, Institut universitari de lingüística aplicada, pp. 89-131.

- , 1999, “Jerónimo Cardoso e o Colégio de Santo Antão dos Jesuítas. Um episódio da pedagogia humanista” in Braga, Universidade Católica, pp. 427-441.
- , 2000a, “O calepino em Portugal e a obra lexicográfica de Amaro Reboredo”, *Revista Portuguesa de Filologia*, 23, pp. 125-149.
- , 2000b, “Uma polémica sobre “la lengua lusitana, ò gallega”, no século XVIII”, in J. L. RODRÍGUEZ (ed.), *Estudos dedicados a Ricardo Carvalho Calero*. Santiago de Compostela, Parlamento de Galicia – Universidade de Santiago de Compostela. Vol. 2, pp. 759-806.
- , 2001, “Um remoto convívio interlinguístico: tradição teórica e herança metalinguística latino-portuguesas”, in Maria Helena M. MATEUS (coord.), *Caminhos do Português*. Lisboa, Biblioteca Nacional, pp. 75-94.
- , 2002, “O Dicionário de Morais Silva e o início da Lexicografia Moderna”, in *Actas do encontro História da Língua e História da Gramática*. Braga, Universidade do Minho - Centro de Estudos Humanísticos, pp. 473-490.
- , João Paulo SILVESTRE, 2007, *Dicionarística Portuguesa. Inventariação e estudo do património lexicográfico*. Aveiro, Universidade de Aveiro.
- , João Paulo SILVESTRE e Isabel PRATES, 2008, *Madureira Feijó. Ortografia ou Arte de escrever com acerto a Língua Portuguesa*. Aveiro, Universidade de Aveiro.
- VERNEY, Luís António, 1949 (1746), *Verdadeiro método de estudar*. Prefácio e notas de António Salgado Júnior. Lisboa, Sá da Costa.
- VILELA, Mário, 1982a, “A norma purista no século XVIII, com base num exemplo”, *Separata Revista de História*, 4, Porto, pp. 49-61.
- , 1982b, “A ilustração na teoria da linguagem do Cardeal Saraiva” *Boletim de Filologia*, t. XXVII, Lisboa, pp. 49-61.
- , 1983, “A antonímia como relação semântica lexical”, *Separata Biblos*, 58, Coimbra, [s.n.], pp. 48-74.
- , 1990, “Reflexões sobre critérios a aplicar no “aportuguesamento” das terminologias científicas e técnicas” in *Boletim da Comissão Nacional da Língua Portuguesa*. Braga, Comissão Nacional da Língua Portuguesa.
- , 1994, *Estudos de Lexicologia do Português*, Coimbra, Almedina.
- WERNER, Thielemann (ed.), 2001, *Século XVIII: Século das Luzes – Século de Pombal*. Biblioteca Luso Brasileira, vol. 21, Frankfurt am Main, Teo Ferrer de Mesquita.

ZANOTTO, Normelio, 1996, *Estrutura mórfica da língua portuguesa*, Caxias do Sul, Educs.
ZGUSTA, Ladislav, 1971, *Manual of lexicography*. The Hague, Mouton.

ANEXOS

1. Anexo 1 – Enquadramento cronológico da vida e obra de Fonseca

Ano	Biobibliografia de Pedro José da Fonseca	Contexto histórico-cultural ⁴²³	Produção dicionarística
1736	Nasce Pedro José da Fonseca a 29 de Junho.	D. João V reorganiza as três secretarias de Estado dos Negócios Interiores do Reino; Secretaria de Estado dos Negócios Estrangeiros e da Guerra; Secretaria de Estado da Marinha e dos Domínios Ultramarinos. José da Silva Pais lança os fundamentos do Presídio Jesus, Maria, José, início do actual estado do rio Grande do Sul, no Brasil.	
1736-51		São publicadas em Lisboa as <i>Memórias para a História de Portugal, Que Compreendem o Governo d'El-Rey D. Sebastião, Único em Nome, e Decimo Sexto entre os Monarchas Portugueses: do Anno de 1554, até o ano de 1579</i> (4 vols.), de Diogo Barbosa Machado.	
1737		Paz entre Portugal e Espanha. É representada a peça <i>Guerra do Alecrim e da Mangerona</i> , de António José da Silva. É publicada a <i>Teórica Verdadeira das Marés</i> , de Jacob de Castro Sarmiento.	
1738		A Misericórdia de Lisboa cria a lotaria.	
1739		Lei de D. João V sobre o tratamento de <i>excelência</i> . Realiza-se, por arrematação, o primeiro contrato de exploração de diamantes no Brasil. Os Maratas apossam-se de Baçaim (Índia). António José da Silva, o <i>Judeu</i> , é queimado num auto de fé.	
1740		Os Maratas apoderam-se de Chaul, na costa ocidental da Índia, e depois conquistam ainda as aldeias ou parganás da jurisdição de Damão.	
1741		Contrato do tabaco. São publicados os <i>Enganos do Bosque</i> , de Maria do Céu. Inicia-se a publicação da <i>Bibliotheca Lusitana Historica</i> , de Diogo Barbosa Machado.	
1742		É publicado o <i>Mapa de Portugal Antigo e Moderno</i> , de João Bautista de Castro.	

⁴²³ In Serrão, 1986.

Anexos

1743		Alexandre de Gusmão é conselheiro do Conselho Ultramarino.	
1744		Pauta alfandegária. Auto-de-fé, ante a corte de D. João V, em que foram sentenciados pela Inquisição os primeiros maçons radicados no País. É publicada a <i>Lógica Racional, Aritmética e Geométrica</i> , de Manuel de Azevedo Fortes.	
1745		Nicolau Nasoni faz duas plantas para a nova Igreja de Santa Marinha, de Vila Nova de Gaia, e executa o retábulo do altar-mor da Igreja de Santo Ildefonso, no Porto. Altar-mor da Igreja de S. Domingos (Lisboa), da autoria de João Frederico Ludovice.	
1746		Querela dita do sigilismo. O Conselho Ultramarino resolve colonizar Santa Catarina (Brasil). É publicado o <i>Verdadeiro Método de Estudar</i> , de Luís António Verney. É publicado em Lisboa o <i>Novo Método de Gramática Latina</i> , de Manuel Monteiro.	
1747		Criação da Academia de Liturgia em Coimbra, por Fr. Manuel do Cenáculo. Início da construção do Palácio de Queluz.	
1748		O papa Bento XIV concede a D. João V o título de <i>fidelíssimo</i> . É criada a capitania de Goiás, com sede na Vila Boa (Brasil). É publicada a <i>Arte Poética</i> , de Cândido Lusitano.	
1749		Publica-se o primeiro periódico portuense, o <i>Zodiaco Lusitano</i> .	
1750		Tratado de Madrid, ou dos Limites (entre as possessões portuguesas e espanholas na América do Sul). Morte de D. João V. Início do reinado de D. José I. D. José I nomeia Sebastião José de carvalho e Melo secretário dos Negócios Estrangeiros. Prenúncios de crise na mineração brasileira. Os Oratorianos instalam-se no Real Hospício de Nossa Senhora das Necessidades (Lisboa).	

1751	Estudante no Colégio de Santo Antão.	Alvará que reduz os direitos sobre o tabaco. Pragmática proibindo a importação de tecidos, carruagens ou móveis do estrangeiro, salvo se transportados em navios portugueses. Emancipação dos Índios do Brasil.	
1751-99		É publicada em Lisboa a <i>Recreação Filosófica</i> , do Pe. Teodoro de Almeida.	
1752		Leis que concedem certos privilégios aos plantadores de amoreiras. Cria-se a Capitania-Geral de Moçambique. É instaurado no Rio de Janeiro o primeiro Tribunal da Relação. São publicadas as <i>Reflexões sobre a Vaidade</i> , de Matias Aires. São publicadas as <i>Aventuras de Diófanés</i> , de Maria Teresa da Silva Horta. É publicado o <i>Novo Método de Gramática Latina</i> , do Pe. António Pereira de Figueiredo.	
1753		Feliciano Velho Oldemberg funda a Companhia da Ásia Portuguesa. Alvará que diminui alguns encargos e taxas sobre o tabaco. Restabelecimento da capitania de Bissau. Polémica sobre a definibilidade do mistério da conceição de Maria. Começa a tomar vulto a escola de escultura de Mafra.	
1754		Início da construção da Torre dos Clérigos, de Nicolau Nasoni.	
1755		Terramoto de Lisboa Criação da Junta do Comércio. Alvará que determina a reconstrução da Ribeira das Naus. Fundação da Companhia do Grão-Pará e Maranhão. Criação da Casa do Risco de Lisboa, que substitui a Aula do Paço da Ribeira. D. José cria a capitania de São José do Rio Negro (Brasil).	É publicado o <i>Diccionario Portuguez e Latino</i> , do Pe. Carlos Folqman.

Anexos

1756		<p>Criação da Junta do Comércio.</p> <p>Estabelecimento de uma Companhia Geral da Agricultura das Vinhas do Alto Douro.</p> <p>Criação da Companhia de Pesca da Baleia.</p> <p>Luta com os índios brasileiros que se opunham à demarcação de fronteiras entre Portugal e Espanha.</p> <p>Fundação da Arcádia Lusitana ou Ulissiponense.</p> <p>É publicado em Paris o <i>Tratado da Conservação da Saúde dos Povos</i>, de Ribeiro Sanches.</p>	
1757		<p>Motim do Porto contra a criação da Companhia das Vinhas do Alto Douro.</p> <p>Publicação de um alvará relativo à enfiteuse.</p>	
1758		Atentado contra D. José I.	
1759	É nomeado Professor Régio.	<p>Expulsão da Companhia de Jesus.</p> <p>Execução do Duque de Aveiro e dos marqueses de Távora, implicados num atentado contra o rei.</p> <p>Confisco dos bens do duque de Aveiro, dos Távoras e da Companhia de Jesus.</p> <p>Extinção da Universidade de Évora.</p> <p>Início das reformas pombalinas de ensino.</p> <p>Criação da Aula do Comércio.</p> <p>Criação da Companhia de Pernambuco e Paraíba.</p> <p>Presídio de São José de Encoge (Angola).</p> <p>São publicadas as <i>Cartas sobre a Educação da Mocidade</i>, de Ribeiro Sanches.</p>	
1760	É publicada a <i>Oratio de praestantia ac necessitate Rhetorices</i> .	<p>Criação do Erário Régio.</p> <p>É expulso o núncio apostólico e são suspensas as relações com a Santa Sé.</p> <p>Casamento da princesa herdeira D. Maria com seu tio D. Pedro.</p> <p>Reaparece a <i>Gazeta de Lisboa</i>, redigida por Correia Garção.</p>	
1761	É publicada a <i>Ecloga no felicissimo nascimento do Principe da Beira</i> .	<p>Assinatura do Pacto de Família entre os membros da Família Bourbon.</p> <p>Limitação dos privilégios corporativos.</p> <p>Abolição do tráfico da escravatura na metrópole: são «libertos e forros» os escravos que entrarem em Portugal.</p> <p>Execução do padre Malagrida num auto de fé.</p> <p>Incidente diplomático com a Inglaterra.</p> <p>Fundação do Real Colégio dos Nobres.</p> <p>É publicada a <i>Primeira Carta Apologética em favor e defesa das Mulheres</i>, de Gertrudes Margarida de Jesus.</p>	

1762	É publicado o <i>Parvum Lexicon</i> .	Crise económica. Guerra Fantástica. Criação da Real Escola Náutica no Porto. São publicadas no Porto as <i>Memórias Cronológicas e Críticas para a História da Cirurgia Moderna</i> , de Lima Bezerra.	
1763		Tratado de paz luso-espanhol. A sede do Governo-Geral do Brasil passa para o rio de Janeiro. É publicado em Paris o <i>Método para Aprender a Estudar Medicina</i> , de Ribeiro Sanches. Surge o <i>Hebdomadário Lisbonense</i> .	
1764		Criação do Terreiro Público para o abastecimento da população. Intensifica-se o fomento da indústria. Extinção da Arcádia Lusitana.	É publicado o <i>Novo Diccionario das línguas portugueza, e franceza</i> , do Pe. José Marques.
1765	São publicados os <i>Elementos da Poetica</i> , tirados de Aristoteles, de Horacio, e dos mais celebres modernos.	Arranque de vinhas nos campos do Tejo, do Mondego e do Vouga.	É publicado o <i>Diccionario Portuguez das plantas, arbustos, matas, arvores, animaes quadrupedes, e reptis, aves, peixes, mariscos, insectos, gomas, metaes, pedras, terras, mineraes &...</i> , de Monteiro de Carvalho.
1766		Criação de fábricas de cordoaria. Abertura do Colégio Real dos Nobres de Lisboa. Instalação de Alfândega e de uma Ribeira das Naus em Luanda. É publicada a <i>Tentativa Teológica</i> , do Pe. António Pereira de Figueiredo.	
1767	É publicada a <i>Invectiva ou satyra contra os maus poetas</i> .	Início da exportação do algodão brasileiro para Inglaterra. Nascimento de D. João VI. Início da publicação da <i>Dedução Cronológica e Analítica</i> .	É publicado o <i>Compendio de Orthographia</i> , de Monte Carmelo.
1768		Fundação da Imprensa Régia. Criação duma Aula Oficial de Gravura Artística, que funcionará até 1787. É instituída a Real Mesa Censória. Publicação duma carta de lei relativa à enfiteuse. Presídio de Novo Redondo (Angola). A população portuguesa é de cerca de 2400 000 habitantes.	

1769		<p>Lei sobre o morgadio.</p> <p>Alvará relativo à enfiteuse.</p> <p>É fundada uma fábrica de chapéus em Elvas.</p> <p>Início da construção da Igreja dos Mártires, em Lisboa, por Reinaldo Manuel dos Santos.</p> <p>Abandono da praça de Azamor (Marrocos).</p> <p>Abandono da praça de Mazagão (Marrocos), cuja população portuguesa é transferida para o Pará, onde dá origem à cidade do mesmo nome.</p> <p>Publicam-se as <i>Instituições sobre a Cultura das Amoreiras e Criação dos Bichos-da-Seda</i>, de Rafael Bluteau.</p> <p>É publicada a <i>Demonstração Teológica</i>, do Pe. António Pereira de Figueiredo.</p>	
1770		<p>O comércio é declarado «profissão nobre, necessária e proveitosa».</p> <p>Lei sobre o morgadio.</p> <p>A Real Fábrica da Seda é encarregada de dar incremento às culturas de amoreira e de as fiscalizar.</p> <p>São reatadas as relações com a Santa Sé.</p> <p>Criação da Junta da Providência Literária.</p> <p>Início da construção do Hospital de Santo António, no Porto, por John Carr de York.</p> <p>Machado de Castro executa a estátua equestre de D. José I.</p>	
1771	<p>É publicado o <i>Diccionario Portuguez, e Latino</i>.</p> <p>É publicada a <i>Vida do doutor Antonio Ferreira</i>.</p>	<p>O ensino passa a depender da Real Mesa Censória.</p> <p>Começa a montar-se a Real Fábrica de Lanífcios de Portalegre.</p> <p>Nascimento de Manuel Fernandes Tomás.</p>	
1772		<p>Reforma da Universidade.</p> <p>Promulgação de uma lei relativa à organização do ensino primário oficial.</p> <p>Reforma da Inquisição.</p> <p>Fundação da Imprensa Régia.</p> <p>Cria-se a Junta do Subsídio Literário.</p> <p>Pascoal José de Melo Freire é encarregado da regência da cadeira de História do Direito Pátrio.</p>	

1773		<p>Marquês de Pombal cria a Companhia Geral das Reais Pescarias do Reino do Algarve.</p> <p>Termo da distinção entre cristãos-novos e cristãos-velhos.</p> <p>José Anastácio da Cunha é nomeado lente da cadeira de Geometria da Universidade de Coimbra.</p> <p>Fr. Manuel do Cenáculo promove a publicação em Lisboa (mas em francês) da parte 8.^a do <i>Nouveau Traité de Diplomatie</i>, dos beneditinos D. Tassin e D. Toustain.</p>	É publicado o dicionário de <i>Português-Inglês e Inglês-Português</i> , de António Vieira Transtagano.
1774	É publicada a obra <i>Institutionum rhetoricarum libri tres ex M. Fab. Quintiliano deprompti [...]</i> .	<p>Fundação da Vila Real de Santo António.</p> <p>Concessão aos naturais da Índia Portuguesa de direitos iguais aos dos metropolitanos.</p>	
1775		<p>Instala-se em Azeitão uma fábrica de estampagem de tecidos.</p> <p>Inauguração da estátua equestre de D. José I.</p>	
1776		A totalidade (conjectural) da população brasileira é avaliada em 1 900 000 habitantes.	
1777	<p>É publicada a <i>Ode ao Ill.^{mo} e Ex.^{mo} sr. Thomás Xavier de Lima</i>.</p> <p>É publicado o <i>Tratado de versificação portugueza</i>.</p>	<p>Morte de D. José I.</p> <p>Início do reinado de D. Maria I, «Viradeira».</p> <p>Demissão e desterro do Marquês de Pombal.</p> <p>É criada a Junta de Administração de Todas as Fábricas deste Reino e Águas Livres.</p> <p>Alvará pelo qual se põem restrições ao monopólio da Companhia do Vinho do Porto.</p> <p>Assinatura do Tratado de Limites (acordo de Santo Ildefonso).</p>	
1778		<p>Tratado do Pardo.</p> <p>Supressão da Companhia do Grão-Pará e Maranhão.</p> <p>João Jacinto de Magalhães é encarregado de comprar em Londres uma máquina de vapor.</p> <p>O Santo Ofício encarcera e condena José Anastácio da Cunha.</p> <p>Exílio de Filinto Elísio e Brotero.</p> <p>É publicada a <i>Historia Iuris Civilis Lusitani</i>, de Pascoal José de Melo Freire.</p>	
1779	<p>É sócio fundador da Academia Real das Ciências de Lisboa.</p> <p>Intitula-se Lente de Retórica, Poética e História do Colégio dos Nobres.</p> <p>É publicado o <i>Diccionario Abbreviado da Fabula</i>.</p>	<p>Fundação da Academia Real das Ciências de Lisboa.</p> <p>Criação da Academia Real da Marinha.</p> <p>Termina a construção do Observatório Astronómico, em Coimbra.</p> <p>Início da construção da Basílica da Estrela.</p>	

1780	<p>É eleito director da tipografia da Academia Real das Ciências de Lisboa.</p> <p>É incumbido da composição do <i>Diccionario da Lingua Portuguesa</i>.</p>	<p>Liquidação da Companhia Geral de Pernambuco como companhia monopolista.</p> <p>Fundação da Casa Pia de Lisboa.</p> <p>Pina Manique inicia a iluminação pública de Lisboa.</p> <p>Criação da Aula de Desenho e Debuxo no Porto.</p> <p>Inauguração da Academia do Nu.</p> <p>Reconhece-se a todos os portugueses liberdade de comerciar com as regiões que até então estavam submetidas aos privilégios das Companhias de Pernambuco e Paraíba.</p>	
1781		<p>Último auto de fé realizado em Coimbra: 17 pessoas queimadas.</p> <p>Último auto de fé em Évora: 8 pessoas queimadas.</p> <p>Julgamento e condenação de Marquês de Pombal: seu desterro para vinte léguas da Corte.</p> <p>Começa a funcionar a Casa Pia no Castelo de São Jorge.</p> <p>A Academia das Ciências principia a organizar um Museu de História Natural.</p>	É publicado o <i>Diccionario exegetico</i> .
1782		<p>Tratado de aliança entre D. Maria I e Catarina II da Rússia.</p> <p>Instituição da Academia dos Guardas-Marinhas.</p> <p>Morte do Marquês de Pombal.</p> <p>Fundação em Moçambique de uma feitoria que irá originar a cidade de Lourenço Marques.</p>	
1783			É publicado o <i>Diccionario da Lingua Portuguesa</i> , de Bernardo de Lima e Melo Bacelar.
1786		Morte de D. Pedro III, marido da rainha.	
1787		<p>Liquidação da Companhia de Pernambuco e Paraíba.</p> <p>Começa a funcionar o observatório astronómico da Academia das Ciências.</p>	
1788		<p>É criada, por decreto de D. Maria I, a Secretaria de Estado dos Negócios da Fazenda.</p> <p>A Junta de Administração das Fábricas do Reino e Águas Livres transforma-se na Real Junta de Comércio, Agricultura, Fábricas e Navegações destes Reinos e Seus Domínios.</p> <p>Morte do Príncipe herdeiro D. José.</p>	
1788-90		Vicente Coelho Seabra da Silva Teles escreve o primeiro compêndio de química: <i>Elementos de Química</i> .	

1789		Tratado de comércio com a Rússia. Inconfidência Mineira (Brasil). Prisão do Tiradentes. Prisão de Tomás António Gonzaga. Início da publicação das <i>Memórias Económicas</i> , da Academia das Ciências.	É publicado o <i>Diccionario da Lingua Portuguesa</i> , de Morais Silva. São publicados os <i>Vestigios da lingua arabica em Portugal</i> , de Fr. João de Sousa.
1790	Granjeia a categoria de sócio veterano da Academia Real das Ciências de Lisboa. É publicada a <i>Arte Poetica de Q. Horacio Flacco</i> .	Abolição das donatarias. Instituição da Academia Real de Fortificação, Artilharia e Desenho. Criação das primeiras escolas para meninas. Conclusão da Basílica da Estrela. Nova Arcádia. São publicados os <i>Princípios Mathematicos</i> , de José Anastácio da Cunha. Surge em Lisboa <i>O Correio Mercantil e Económico de Portugal</i> .	
1791		As organizações corporativas são abolidas.	
1792		Por loucura de D. Maria I, seu filho D. João assume o governo efectivo. Fundação da Casa Pia do Porto. Tomás António Gonzaga parte para Moçambique, a cumprir a pena de dez anos de degredo.	É publicado o <i>Espirito da Lingua Portuguesa, Extrahido das Décadas do insigne Escritor Joaõ de Barros</i> , de António Pereira de Figueiredo.
1792-94		Domingos António de Sequeira pinta <i>Fundação da Casa Pia</i> (Museu Nacional de Arte Antiga).	
1793	É publicado o <i>Tratado dos affectos e costumes oratorios, considerados a respeito da eloquencia</i> (3ª ed.).	Tratado de Madrid. Portugal envia as suas tropas para o Rossilhão. Inauguração do Teatro de São Carlos.	É publicado o <i>Ensaio critico sobre qual seja o uso prudente das palavras de que se servirão os nossos bons Escritores do século XV</i> , de António das Neves Pereira. É publicado o <i>Diccionario da Lingoa Portuguesa</i> pela Academia Real das Ciências de Lisboa, em cuja composição teve um papel preponderante Pedro José da Fonseca.
1794		Campanha do Rossilhão. Fundação da primeira fábrica de fiação em Tomar.	É publicado o <i>Diccionario Portuguez-Francez-e-Latino</i> , de Joaquim José da Costa e Sá.
1795-1805		Tratado de Basileia. Pinto de Miranda executa o risco da Igreja da Ordem Terceira de São Francisco, no Porto.	

Anexos

1796		D. Maria I lança um empréstimo de 10 000 cruzados ao juro de 5 %. Fundação da Real Academia dos Guardas-Marinhas. Fundação da Real Biblioteca Pública de Lisboa, antecessora da actual Biblioteca Nacional de Lisboa.	
1797		Alvará sobre papel-moeda. O poeta Bocage é transferido do Limoeiro para a Inquisição.	
1798		A Academia Real das Ciências de Lisboa patrocina uma tentativa de travessia da costa Ocidental da África à contracosta de Angola. Inconfidência Baiana (Brasil). Fundação do Observatório Real da Marinha. João Pedro Ribeiro publica <i>Observações Históricas e Críticas para Servirem de Memórias ao Systema da Diplomatica Portuguesa</i> . Vieira Portuense pinta <i>Descimento da Cruz</i> .	É publicado o <i>Elucidario das Palavras, Termos e Frases que em Portugal antigamente se usaram</i> , de Fr. Joaquim de Santa Rosa de Viterbo.
1799-1816		Regência oficial de D. João VI.	
1799	São publicados os <i>Rudimentos da Grammatica Portuguesa</i> .		
1800	É publicada a <i>Satyra do Homem, composta em francez por Boileau Despreaux, trasladada em verso solto portuguez</i> .		
1801		Guerra das Laranjas (com a Espanha). Tomada de Olivença e de Joromenha pelos Espanhóis. Anulação do Tratado de Badajoz. Iniciam-se em Lisboa as aulas de Diplomática. Inconfidência Pernambucana (Brasil). Fundação da Escola de Medicina e Cirurgia, de Goa. A população portuguesa ronda os 3 000 000 de habitantes.	
1801-1808		São publicados os <i>Princípios de Direito Mercantil e Leis de Marinha</i> , etc., de José da Silva Lisboa.	

1802		<p>Edital que amplia os privilégios e isenções concedidos em 1752 aos plantadores de amoreiras.</p> <p>Surge a Fábrica de papel de Vizela.</p> <p>D. Rodrigo de Sousa Coutinho chama o engenheiro e mineralogista alemão barão de Eschwege.</p> <p>João José de Aguiar executa a estátua de D. Maria I.</p> <p>Início da construção do Palácio da Ajuda, por Francisco Fabri.</p>	
1803		<p>A Aula de Desenho e Debuxo é incorporada na Academia Real da Marinha e Comércio.</p> <p>Fundação do Colégio da Luz, antecessor do Colégio Militar.</p> <p>São publicadas as <i>Memórias Políticas sobre as Verdadeiras Bases da Grandeza das Nações e principalmente de Portugal</i>, de Rodrigues de Brito.</p>	
1804		<p>Napoleão reconhece a neutralidade de Portugal.</p> <p>São publicados os <i>Princípios De Economia Política</i>, de José da Silva Lisboa.</p>	
1805		<p>Alvará ordenando a criação de cemitérios públicos.</p> <p>O príncipe D. João propõe a criação de seminários em todas as dioceses.</p>	
1806		<p>Bloqueio continental imposto por Napoleão, põe decreto assinado em Berlim, a 21 de Novembro.</p> <p>Os pombeiros Pedro João Baptista e Amaro José chegam a Mossumba do Muatianvua e ao Cazembe no interior da África Austral.</p>	É publicado o <i>Novo Diccionario da Lingua Portuguesa</i> .
1807		<p>Portugal é intimado pela França a fechar os seus portos à Inglaterra.</p> <p>Napoleão I decide a invasão de Portugal.</p> <p>Tratado de Fontainebleau.</p> <p>Primeira invasão francesa (Junot).</p> <p>A corte desloca-se para o Rio de Janeiro.</p> <p>A Academia Relá dos Guardas-Marinhas é transferida para o Rio de Janeiro.</p> <p>Governo de Junot.</p> <p>Segundo Balbi, a população portuguesa seria de cerca de 3 199 000 habitantes.</p>	

1808		<p>Carta Régia que abre os portos do Brasil ao comércio de todas as nações amigas.</p> <p>A família real chega ao Brasil.</p> <p>As tropas inglesas desembarcam em Portugal.</p> <p>É organizada a Legião Portuguesa, que parte para França.</p> <p>Insurreição no Porto e noutras terras contra os invasores franceses.</p> <p>Batalhas de Roliça e Vimeiro.</p> <p>Convenção de Sintra.</p> <p>Restauro da antiga regência.</p> <p>Criação do Banco do Brasil.</p> <p>Deixa de funcionar o observatório astronómico da Academia das Ciências.</p> <p>Aparece a <i>Gazeta do Rio de Janeiro</i>.</p> <p>É publicada em Lisboa a <i>Dissertação Histórico-Jurídica sobre os direitos e Jurisdição do Grão-Prior do Crato e do Seu Provisor</i>, de Pascoal José de Melo Freire.</p> <p>São publicadas <i>As Observações sobre o Comércio Franco no Brasil</i> (2 vols.), de José da Silva Lisboa.</p> <p>Hipólito José da Costa Pereira Furtado de Mendonça funda, em Inglaterra, o <i>Correio Brasiliense</i>.</p>	
1809	São publicados os <i>Rudimentos da Orthographia portugueza</i> .	<p>Segunda invasão francesa (Soult).</p> <p>Ocupação do Porto.</p> <p>Catástrofe da Ponte das Barcas (rio Douro).</p> <p>Retirada de Soult.</p> <p>Ocupação da Caiena (Guiana) pelas forças portuguesas no Brasil.</p> <p>Aparece o diário <i>Lisbonense</i>, primeiro quotidiano português.</p> <p>Surge em Lisboa a edição diária do <i>Correio da Tarde</i>.</p>	
1810		<p>Tratado Comercial entre Portugal e a Inglaterra.</p> <p>Terceira invasão francesa (Massena).</p> <p>Batalha do Buçaco.</p> <p>É Inaugurada a Biblioteca Nacional do Rio de Janeiro.</p> <p>São publicadas na Baía as <i>Observações sobre a Franqueza da Indústria e Estabelecimentos de Fábricas no Brasil</i>, de José da Silva Lisboa.</p> <p>Inicia-se a publicação das <i>Dissertações Chronologicas e Críticas sobre a História e Jurisprudência Eclesiástica e Civil de Portugal</i>, de João Pedro Ribeiro.</p>	
1810-12		Linhas de Torres Vedras.	

1811		Retirada dos Franceses. Pedro João Baptista e Anastácio Francisco chegam a Tete (África Austral). <i>Investigador Português</i> . Londres. É publicado no Rio de Janeiro <i>Ensaio sobre o estabelecimento de Bancos</i> , e na Baía as <i>Observações sobre a Prosperidade do Estado pelos Liberais Príncipes da Nova Legislação do Brasil</i> , de José da Silva Lisboa. É publicada em Lisboa a <i>História Geral da Invasão dos Franceses em Portugal, e da Restauração Deste Reino</i> , de José Acúrsio das Neves.	É publicado o <i>Novo Diccionario portuguez-alemão e alemão-portuguez</i> , de João Daniel Wagener.
1812		Início da experiência liberal espanhola, com a Constituição de Cádiz. Uma portaria dos governadores do Reino cria a Comissão para Exame dos Forais e melhoramentos da Agricultura.	
1813		José Bonifácio de Andrade e Silva manifesta-se favorável à aplicação do sistema métrico decimal. São publicadas no Rio de Janeiro as <i>Prelecções Filosóficas sobre a Teórica do Discurso e da Linguagem, a Estética, a Diceósima, e a Cosmologia</i> , de Silvestre Pinheiro Ferreira.	É publicada a segunda edição do <i>Diccionario da Lingua Portuguesa</i> , de Moraes Silva.
1814	Cobra a última prestação dos originais e traduções de várias das suas obras que vendeu à Academia por 330. 000 rs. por motivo de pobreza.	Tratado de Paris. O príncipe regente autoriza o regresso a Portugal dos exilados da Setembrizada. São publicadas as <i>Observações sobre o Discurso Que Escreveu Manuel de Almeida e Sousa em favor dos Direitos Dominicais da Coroa, Donatários e Particulares</i> , de Manuel Fernandes Tomás.	
1814 e 1817		São publicadas em Lisboa as <i>Variedades sobre Objectos Relativos às Artes, Comércio e Manufacturas</i> , de José Acúrsio das Neves.	
1815		O Brasil é elevado a reino. Fundação da Biblioteca Pública de Évora. Termo da publicação das <i>Memórias Económicas</i> , da Academia das Ciências. A população portuguesa é avaliada em 2 928 420 habitantes.	
1816	Morre Pedro José da Fonseca, a 8 de Julho.	Morte de D. Maria, no Brasil. Início do reinado de D. João VI, que permaneceu no Rio de Janeiro. Papel predominante de Beresford em Lisboa.	É publicado o <i>Glossario das Palavras e Frases da Lingua Franceza que por descuido, ignorância, ou necessidade se tem introduzido na locução portuguesa</i> , do Cardeal Saraiva.

2. Anexo 2 - Conta do Director-Geral ao Conde de Oeiras, sobre o Dicionario de Latim (29-5-1760)⁴²⁴

III.^{mo} e Ex.^{mo} Sr. Remeto a V. Ex.^a tudo o que se acha impresso do Dicionario para o uzo das escollas de Portugal, com o tittolo de *Lexicon Latino-Lusitanum*. Em a 2.^a Dominga de Julho proxime futuro fará hum anno que S. Mag.^e foy servido, a beneficio da honra que V. Ex.^a me dispensa, nomear-me Director Geral dos Estudos destes Reynos e seus dominios; nesse mesmo dia me disse V. Ex.^a que o mesmo Sr. tinha mandado ordenar hum Dicionario em lugar da *Prozodia*, que abolia e mandava prohibir, e que em Outubro que se havião abrir os novos estudos, se acharia já prompto o Dicionario, fiquei na esperança que assim succedesse, mas vendo que pessoa alguma me falava em tal, entrey com algum zelo a buscar noticias desta obra, e achei que estava encarregada a Antonio Felix e a alguns outros, mas que ainda se não tinha dado folha alguma para a imprensa. Estranhey haverem faltado à verdade a V. Ex.^a e procurei que se fosse remediando esta dezordem, increpando a demora, e foy-me acuzado [...] Antonio Felix, por ser que tinha tomado a [incum]⁴²⁵bencia das primeiras letras, a que nao tinha [satis]feito. Chamey-o, e declarando-lhe a imp[ortan]cia e necessidade desta obra, e brevidade della, o [fiz en]tregar as primeyras folhas para se reverem [e exa]minarem, o que consegui depois de muitos dias, [...] das; e me disserão que se fizera o exame em caza de Jozé de Sylva e na sua prezença e de Jozé Caetano e não sey de quem mais, o que não impugney, por ser isto assim encarregado antes da minha nomeação, e por não constar a V. Ex.^a o como se achava atrazado este negocio, que V. Ex.^a esperava já quasi concluído neste tempo. Passados alguns dias, torney a pegar naquelle fio para saber se tinha hido alguma folha para a imprenta e, mandando sabello de Jozé Caetano, veyo este dar-me parte que nao prestava para nada o que tinha feyto Antonio Felix e que se tinha encarregado ao Dr. Manoel Francisco da Silva. Mortifiquei-me quanto Deos sabe, vendo tão verde hum fructo que já devia estar maduro e sazonado naquelle tempo. Torney a reflectir na importancia que havia daquelle livro e que hum instante de dilação era de summo prejuizo, e mandey recomendar ao novo encarregado a applicassão e cuidado daquella composiçã e impressão e fuy continuando a perguntar, ate que me disserão que estava já prompta a primeira folha, mas que, estando embaraçadas as imprentas de Miguel Rodrigues e de Francisco Luis Ameno, mandasse eu que o imprimissem e lhe recomendei a exacção e promptidão, que tudo prometeu observar. De dias a dias fuy procurando noticias da composiçã e impressão e ao Dr. Manoel Francisco fuy apertando para que se adiantasse, até que, ultimamente, elle se afligio com a minha eficacia, ponderando-me a defficultade de semilhante ob[ra,] refferindo-me a historia das composições dos D[icio]narios de Danet Fabro e Fachiolati que, para [mim] já não foy nova, e por isso lhe repliquei que to[dos] esses cazos fazião já hoje mais facil aquella c[ompo]zição, aproveitando-se elle desse mesmo trabalho de tantos homens grandes que naquelles Dicionarios tinham trabalhado, corrigindo tudo o que os criticos tinham reparado nelles, com judicioza critica. Porem, como elle desconfiou tanto do meu zelo que julgaria impertinencia, nem me ficava nada mais de novo que dizer-lhe, porque quanto fazia a bem do meu dezejo, lhe tinha já dito repetidas vezes, fiquey esperando que elle empregasse todo o tempo, zelo e cuidado na obra, porque tudo pedia a obrigaçam em que elle estava a S.

⁴²⁴ In Andrade, 1981: 340-343.

⁴²⁵ No final da transcrição do documento Andrade esclarece o uso dos parênteses rectos: “N. B. As chavetas são devidas ao facto de o papel que se colou, para fortalecer a encadernação para não ser transparente”.

Mag.^e, que tanto o honrou, no despacho que lhe deo, e em permitir que se lhe desse o ordenado, como se estivesse regendo a sua Cadeyra em Coimbra. Mas enganou-me toda a minha esperança, porque antes de hontem veyo falar-me o Professor de Rethorica, Pedro Jozé de Afonseca e me trouxe as folhas que remeto a V. Ex.^a, dizendo-me que Manoel Francisco só tinha composto até o Ae; e que dahi por diante o tinha feito elle, porque lho tinha encarregado Jozé Caetano de Mesquita, como tambem alem do A, varias outras letras; e que elle julgava ser ordem minha que, de outra forma, o não tivera feito; porque seis horas de classe todos os dias, e o estudo que lhe era necessario para reger a cadeira, lhe deychavão muito pouco tempo para a composiçã do Dicionario, que percizava hum grandissimo trabalho, alem das Orações que tinha feito, tanto para a abertura da sua classe, como para os annos de El Rey, que eu the tinha encomendado, em que tinha consumido todos os instantes que lhe restavão da sua tarefa quotidiana. E que, tendo ouvido que eu me queychava de não ter visto nem huma folha do Dicionario, viera a perceber que nem era sabedor do que havia neste particular, nem do que actualmente soced[ia,] porque há dous mezes se não bolia na impressão, e que o impressor dizia que não sabia que[em] lhe havia de pagar. Deycho à grande comprehensão de V. Ex.^a a molestia e enfado que isto me terá cauzado e, como não sey a quem V. Ex.^a encarregou este negocio, porque nem V. Ex.^a mo disse, nem a mim me paresseo perguntar-lho quando V. Ex.^a me disse que o tinha encomendado e que estaria prompto na abertura dos Estudos, me hé preciso justificar com V. Ex.^a e com S. Mag.^e, para que, em tempo algum, se me faça culpa desta dezordem, e para que V. Ex.^a tome contas a quem o encomendou, da satisfação que tern dado à sua ordem. Bem vejo que V. Ex.^a reparará agora em que, tendo eu lidado tanto nisto, quanto tenho referido, por zelo, lhe não dissesse os passos que tem havido; a que respondo que dezejei ver se podia, sem comunicar a V. Ex.^a a mortificassão que eu tinha, remediar este damno. Mas agora, que tenho o ultimo dezengano que, sem recorrer a V. Ex.^a, ele se não remedeya, o fasso. O Dr. Manoel Francisco está aqui há muitos mezes, sem outro emprego mais que fazer este Dicionario e, pelo pouco que tem feito, se vê que não tem trabalhado quazi nada, e está Coimbra sem Professor de Rethorica, porque elle está cá, e o outro seu companheiro, logo que foy nomeado, cahio com hum defluxo de peito, que tem estado amiassado de huma tizica, de forma que ainda não foy à cadeira, e o Dicionario está na letra A, ainda não completa, como V. Ex.^a verá. Eu me estou persuadindo que se desculpará ao Dr. Manoel Francisco, dizendo quo elle tem estado occupado com a Orassão dos annos de S. Mag.^e Hé o cazo: Eu encomendey esta orassão a Pedro Jozé de Affonseca, por ser o segundo Professor de Rethorica da Corte, e ter José Caetano de Mesquita feito a da abertura dos Estudos, em o qual [co ? ...] eu encomendey logo a Pedro Jozé de Affonseca a [dos] annos de S. Mag.^e Passados alguns tempos me buscou Jozé de Syabra e me disse que fiava mais do Dr. Manoel Francisco a dita Orassão e que seria melhor encomendar-lha. Respondi que eu já a tinha encomendado a Pedro Jozé de Affonseca e que já disso era publico, que eu não queria descompô-lo e mostrar que eu não fiava esta acção, e que me tinha enganado em consultallo a S. Mag.^e para Professor. Rogou-rne José de Syabra que lhe permitisse que elle lá compozesse Pedro José, e a encomendasse a Manoel Francisco. Muito contra minha vontade lhe respondi que, se elle fizesse isso em forma que não desconfiasse Pedro Jozé, que eu consentiria nisso. Nunca mais me falou na materia, pelo que fiquey entendendo que elle se despersuadira daquella ida e me confirmey mais, porque haverá, hum mez, disse a Pedro Jozé que era tempo de cuidar na Orassão dos annos e elle me respondeo que brevemente entrava a compolla, sinal certo que Jozé da Sylva lhe não tinha fallado nesta materia, o que suposto, não devia encomendalla ao outro, tendo-a eu dado a este. E, ainda nesse cazo, se devia fazer de forma que não parasse a composiçã e impressão do Dicionario que, a parar, isso só bastaria para não embarassar com a Orassão a Manoel Francisco,

porque nada hé igualmente preciso que o Dicionario, e só isso pode, pela necessidade que temos delle, dessimular o não hir para Coimbra exercitar a sua cadeira, cuja falta se foy eternizando, com estas irregularidades. À vista de todo o refferido, V. Ex.^a dará a providencia que lhe paresser, estando na certeza de que eu nem tenho culpa destes desmanchos, nem fuy encarregado desta obra, e só os passos que tenho dado são como de hum fiscal que promove o bem e progresso dos Estudos. E, como Director, pesso socorro a V. Ex.^a e gemendo com o pezo do emprego, digo que todos os Mestres daqui e de fora, clamão por Dicionario, dizendo que os discipulos se queychão que não [podem] estudar a lição da construção, sem elle, que nao [podem] compor sem elle, e os Mestres tambem nao podem [dar] passo sem elle. A *Prozodia* extinguiu-se, e foy bem extinta, mas deve-se-lhe suprir. Mandey ver a ultima *Prozodia* que estavam imprimindo os Jezuitas, mais correcta que as antigas e que V. Ex.^a me recomendou, e passey hum despacho nomeando para seus revizores, a Joze Caetano de Mesquita e Manoel Francisco. O 1.º a passou sem a ver, para que a visse primeiro o segundo. Este me disse já há mezes que a tinha visto e que, sem embargo que a achava muito melhor que as antigas, lhe paressia que ainda tinham muitos defeitos, e que se não devia uzar della, assim pelos ditos, como porque se nao jactassem os Jezuitas de que nos valiamos da sua composição. Respondi-lhe que o que entendesse, o puzesse por escripto e passasse a Jozé Caetano, para a ver e dizer o seu sentimento. Até agora não tem apparecido, e eu os não tenho apertado tanto, pelos não embarassar nas suas occupaões, como pela pouca esperança que sempre tive de nos aproveitarmos della. Lembro a V. Ex.^a o despacho das minhas consultas que lá tem, que sem elle nao posso adiantar o estabelecimento dos Estudos, e tenho medo que se entenda que já afroxou o zelo dos seus progressos, e porque por algumas clamão os Commissarios e há prejuizo grave na mora. Fico para servir a V. Ex.^a, que Deos guarde muitos annos. Caza em 29 de Mayo de 1760. Ill.^{mo} e Ex.^a Sr. Conde de Oeyras. Muito Amigo e obrigado e fiel Capelam de V. Ex.^a mais obsequiozo, D. Thomás, Principal de Almeida. (Original, em B. N. L. - Pomb. 616, fl. 33-38).



[illegible]

Abre tua, vem vossa conveniencia por vogal, ou ditongo; e tambem antes
Non abre dixerim, naõ direy fo- das, cons'oan tes, S, e G, como abre, abs-
ra de proposito. E're tua, vel quovis Comine.
in rem meam erit. Será tua, Abscedo, is, cessi, cessum. a partir-se
ou minca utilidade. Abscessus, us, m. o apartam. partida. Na
Abreptus, a, um, participio. & Le vado por força. Abrebat Medicinã se toma a pelo. Apertemã.
Abreptus, is, ipui, eptum. levar Abscido, is, cidi, cissum, Cortar. He com
por força, Lubar. * posto do verbo Caedo, is, emuda ac-
Abrodo, is, si, sum. Conduzir, gajar Abscondo, is, cidi, cissum. Esconder. e
Loendo. Absconditus, a, um, participio. & Escondido. Absconditum, n. o
Abrogo, as, avi, atum. Tirar, annul Abscessus, a, um, participio. & Abscessa, a, um, n. o
Lar, privar. Legem arogare, Abscessio, nis, f. Abscessura. Cartago aguro:
annular eua Ley. Fidem eor. Absconditè, adverb. occultas, secretas.
mini abrogare, tirar o credito. Abscondo, is, didi, ditum. esconder.
alium Esconder. Absconditus, a, um, participio. & Escondido.
Abrogatio, nis, f. annulacao, ~~anulação~~ Absens, is, participio de Absum, & ausente.
da Ley. Absentia, ae, f. ausencia.
Abrotonum, i, n. vel abrotonum, Absentia, ae, ar, atum. Ausente.
ni, m. a erva abrotea. Absilio, is, ii, compos. de alio. Saltar. & Abs.
Abrotonites, ae, m. o vinto sexto Absimilis, es, absimile, & diferente.
de abrotea. Absintitum, ii, n. a bordo.
Abrumpo, is, rupi, ruptum. Comped. Absis, dis, f. ~~Abissus~~ Abissus, a, um, n. o
apartar. Haec Legio abre Abruptus, is, itis. Etirarse de alguã empreza. &
pit se de trocinis, esta Le Abruptus, is, itis. Etirarse de alguã empreza. &
gião Livrou-se do loubro. Ab- Abruptus, is, itis. Etirarse de alguã empreza. &
rempere otium, vitam, suu Abruptus, is, itis. Etirarse de alguã empreza. &
perder o deycanlo, acabar Abruptus, is, itis. Etirarse de alguã empreza. &
avida. Abruptus, a, um, participio. & Abruptus, a, um, participio. &
degerado. * Abruptio, nis, f. a torura, prelipe Abruptio, nis, f. a torura, prelipe
Cio. Abruptio, adverb. preligitada m. Absolutio, nis, f. Perdaõ, perfercaõ, abduvia
Abs, preposic. Item ablativo. Sem Absolutus, a, um, participio. & Absoluto, acabado.
ameyna significacao. Absolutus, a, um, participio. & Absoluto, acabado.
ou, ite, de, ou da, e se usa Absolutus, a, um, participio. & Absoluto, acabado.
antes de nome, f. comecao Absolutus, a, um, participio. & Absoluto, acabado.

rar, absorber.
 Abque, prepos. de ablativo, sem. *Abque*
 co lacte mili parvi diffor, *Abque*
 esse cu hem maturose gravi do
 Abstemius, a, um. *Ognas de vinho*
 Abstergeo, es, vel Abstergo, is, si, sum. *Alim*
 par, Zetirar. oculos, fletum, agri
 tudinem. os oloco, Lagrimas, afflic
 cas.
 Absterreo, es, terrui, territum. *Aparlar*
 medos, atemorizar, espantar.
 Abstineo, es, tinnui, tentum. *Absterse*. *Abmij*
 abstinere. Repirare da armas, ma
 num ab aliquo abstinere, deixar
 de ferir alguém.
 Abstinencia, ae, f. *Moderia*, abstinencia.
 Abstinenter, adverb. *Moderadam*.
 Abstinens, is, partic. f. temperado, moder
 Abstorqueo, es, torvi, torsum. *Tirar por força*
 Abstrahio, is, traxi, traxum. *Levar com via*
Lineia.
 Abstrudo, is, si, sum. *Esconder. oustar*
 Abstrusus, a, um, particip. f. *explorado*.
 Absum, es, fui. *Faltar, estar apartado, dis*
 tante.
 Absumo, is, sumpsi, sumptum. *gastar, con*
 sumir. *Divitias, aetatem.*
 Absumptus, a, um, particip. f. *consumido*
 morte. *Itaque in absum*
 fte. *Itaque in absum*
 doens cas.
 Absumptio, nis, f. *ogasto*.
 Absurdus, a, um. *malsoante, fora de pro*
 pposito.
 Absurde, adverb. *mal, fora da razão*.
 Abundo, as, avi, atum. *Verabundancia. Otio*
 studio, de decanço, de applica
 cas.
 Abundans, is, particip. f. *abundante. Otio*
 vel otii abundans.
 Abundanter, adverb. *Copiosam*.
 Abunde, adverb. *m. ou da parte m.*
 Abundo, as, avi, atum. *Var de agum*
 gar.
 Abusio, nis, f. *omão uso, abuso*.
 Abusque, adverb. *Até*.
 Abusus, us, m. *abus*
 Abutor, eris, *usar mal. Patientie*
 mansuetudine alterius, da re
 ciência, mansão de outra
 coisa.
 Acadēmia, ae, f. *Lugar vizinhado*
 tlenas, e agora quelques unives
 sids. *ou lugar, com se esuda*.
 Accantio, is, f. *opintar ilgo*.
 Accantio, is, m. *a erra gigante. Conventus*
 Accedo, is, cepsi, cepsim. *Clegar. Tibi*
 omnes accedunt, todos saõ do acúmulo
 seu parecer. *Ad fore accede* *pe*
 re, clegar a porta.
 Accellero, as, avi, atum. *offender* *pe*
 Acceleratio, nis, f. *a presteza*.
 Accendo, is, accendi, accendum. *Acendi*
 estimular, instigar. *Acendi*
 non accendens. *Acendi*
 veras foga animo verbi, *Mar*
 tem cantu, excitar o animo. *Acendi*
 Com a palavray, a guerra com
 o som de trombeta.
 Accensura, a, um, particip. f. *acaso*
 estimulada.
 Accensus, i, m. *official de justiza*.
 Accipio, nis, f. *receber. acena*
 cas.

[illegible]

[illegible]

[illegible]

350

[illegible]

352

[illegible]

[illegible]

Agathyni, orum, m. *Pro na vizinlar*
Castro, Lixta.

Agave, es, f. *Nome de lva. f. de lva*
e de lva tragedia de Estacio.

Agedum, quasi adverb. *Eya, adianu.* Agmen, is, n. *Eguadras em marclia.*

Agellus, i, m. *O lampo sequeno.*

Agger, gri, m. *O lampo, Exercere*

agrum, *Lavra O lampo.*

Agger, quasi adverb. *Eya, sequere.*

Agger, is, m. *O monte de terra, ou*

de outra lavoura p. fortif.

de o dea Gungagang.

Agger, as, ar, atum. *Amontar.*

Aggerare arbores, p. *forma em monte arbor*

da arvore.

Aggero, is, m. *gesti, gestum. amontar.*

ajuntar.

Aggerus, us, m. *a amontar lva.*

Agglomer, as, ar, atum. *Agglutar, unir.*

Agglutino, as, ar, atum. *Grudar.*

Aggravare, as, ar, atum. *aumentar o peso.*

affligir, odor aggravans

caus, clevra f. de mal

a cabeça. Morbum aggra

vare aumentar a doer

Ca

Aggravescio, is. *aumentar e.*

Aggradior, eris, *elapsus. Accomete.*

Aggrego, as, ar, atum. *ajuntar.*

Aggredi, is, m. *a. Enrada, exordis.*

Agili, es, se. *pronto, de lva, Liger.*

ro. Tem Comparat. Agili.

or, e lva, ma, naõ tem lva

perlat.

Agitabilis, es, se. *facil de movere*

Agitatio, nis, f. *omovion.*

Agitator, is, m. *O lva, ou govern*

na cavalo, e jumento.

Agito, as, ar, atum. *tratar. Agita*

re, Bem publicam, vitam,

fugam, Latitiam, feram,

governar, vivere, fugir, ale

grare, Ca, tan

Agitatus, us, m. *tratar, offendida*

multis agitatus injuriis, tra

tado lva, de, in, iusticia

Agna, ae, f. *a Corderya.*

Agnatius, a, um. *O parente, da parte do lva.*

Agnetis, nis, f. *Parentesco da parte do lva.*

Agnitus, a, um. *Concedido.*

Agnum, is, m. *O lva, nome.*

Agnum, is, m. *O lva, nome.*

Agnum, is, m. *O lva, nome.*

Agnum, is, m. *O lva, nome.*

Agnum, is, m. *O lva, nome.*

Agnum, is, m. *O lva, nome.*

Agnum, is, m. *O lva, nome.*

Agnum, is, m. *O lva, nome.*

Agnum, is, m. *O lva, nome.*

Agnum, is, m. *O lva, nome.*

Agnum, is, m. *O lva, nome.*

Agnum, is, m. *O lva, nome.*

Agnum, is, m. *O lva, nome.*

Agnum, is, m. *O lva, nome.*

Agnum, is, m. *O lva, nome.*

Agnum, is, m. *O lva, nome.*

Agnum, is, m. *O lva, nome.*

Agnum, is, m. *O lva, nome.*

Agnum, is, m. *O lva, nome.*

Agnum, is, m. *O lva, nome.*

Agnum, is, m. *O lva, nome.*

Agnum, is, m. *O lva, nome.*

Agnum, is, m. *O lva, nome.*

Agnum, is, m. *O lva, nome.*

Agnum, is, m. *O lva, nome.*

Agnum, is, m. *O lva, nome.*

Agnum, is, m. *O lva, nome.*

Agnum, is, m. *O lva, nome.*

Agnum, is, m. *O lva, nome.*

Agnum, is, m. *O lva, nome.*

Agnum, is, m. *O lva, nome.*

Agnum, is, m. *O lva, nome.*

Agnum, is, m. *O lva, nome.*

Agnum, is, m. *O lva, nome.*

Agnum, is, m. *O lva, nome.*

Agnum, is, m. *O lva, nome.*

Agnum, is, m. *O lva, nome.*

Alba, a, f. cit. noício fundada romanos.		
Albi, is, m. Rio de Alemanha.		
Albula, a, m. Rio de Toscana, f. de gois, recte montibre.		
Alaris, et re.	Al pertencente à axa, onde do exercito.	Alibilis, e. O. Quarenta, nome.
Alatus, a, um.	O f. tem azas.	Alia, re, f. Cesta de trigo, ou de bida.
Alauda, ac. f.	alotona: nome de uma de gias Romana.	Alibi, adv. Em algum lugar.
Albarius, entense de tecto, o f. labocag, paxen	te calpura.	Alunde, adv. De outro lugar.
Albarium, entense de opus. O lebro de cal	pura sem area.	Alienatio, is, f. a separação.
Albatus, a, um.	Al. vestido de branco	Alienatus, a, um. O. separado. Ali
Albedo, is, f. não de Latino: em seu lugar se poe	candor, is, m, ou color albus a	enatum mente, fora de seu juizo.
	brancura.	Alienigena, is, m. O estrangeiro.
Albo, es.	Branguejar.	Alieno, as, ari, atum. Aliar.
Alboco, is.	Branguejar.	Alienus, a, um. C. alieya.
Albico, as, ari, atum.	Branguejar algum	Alimentum, i, n. O sustento
Albidus, a, um.	Al. branco.	Alia, adv. Para outra parte.
Albigo, in, f.	a parte branca no olho, e	Aliaquin, adv. De outra sorte.
Albimen.	no olho.	Alivum, adv. Para outra parte.
Albus, a, u.	Alcinous, no, m. Filho de Nautilos	Alpe, dij. O. Ligeiro no ref.
Alcedo, m.	Rey do Paesey.	Alpiter, is, m. O f. da ursa.
Alces, a, u.	Alcmena, a, f. Mulher de An	Alquandiu, adv. Por algum tempo.
	plutias, q. de Jupiter	Alquando, adv. Alguas vezes, finalm.
	teue Hercules por	Alquantu, a, um. C. algum tanto gran
Alcme, ep. f.	om alarico, ou Eu	Alquantu per, adv. de.
	de Colo.	Alquandiu, adv. Por algum tempo.
Alcator		Alquandiu, adv. Por algum tempo, de
Alcyon.		Alquis, a, quid. Alguem.
		Alquis, a, quid. Para algum lugar.
		Alquosum, adv. Por alguma parte, e rias.
		Alquos, indeclin. Alguem.
		Alquosies, adv. Alguas vezes.
		Aliter, adv. De outro modo.
		Alibi, adv. Em outro lugar.
		Ally, a, ud. O. diverso, ou tro.
		Alabor, erig, p. p. m. O. vir in lase
		Alabor, as, ari, atum. Trabalhar.
		Alambo, is. Lamber.
		Alapsus, a, um. O f. correção, ou
		Alapsus, us, m. a correção, queda.

360

Altior le comparativo, e altissimus
superlativo.
 Alveare, is, n. o colúpio de abelhas.
 Alvearium, ii, n. o colúpio.
 Alveolus, i, m. o tabuleiro de jogar, o pequeno
canal, ou madre de leite.
 Alveus, ei, m. Canal, lugar cavado entre
duas margens, por onde corre
re algum rio.
 Alvinus, a, um. Edo ventre.
 Alumen, nij, n. a pedra lume.
 Aluminosus, a, um. Da pedra lume.
 Alumnus, a, um. O cria, ou de criado.
 Aluta, ae, f. Couro, ou pele de camurça.
 Alutarius, a, um, entende se fazer o
pego, ou meio de couro de
camurça.
 Alvus, i, f. O ventre.
 Al. Al.
 Am. preposições, de se usa Composita,
há sem caso, se as no autor organi
quissimos, vale ome em Circa
de de de.
 Amabilis, et le. III digno de se amado.
 Amabiliter, adv. Amigavelmente.
 Amalthea, a, f. Nome de uma de Jupiter.
 Amans, a, um, amans, amans, mandar
 Amandatus, nij, f. a separação, o de grado.
 Amans, nij. III amante, amans,
ei, amigo de paz.
 Amans, adv. amorosam.
 Amantissimus, entende se pues, de se re
Amans, i, m. verbo. Nome de cria.
 Amara, us, i, m. amargorosa.
 Amaranthus, i, m. a perpetua flor.
 Amarus, a, um. III amargo.
 Amare, a, dv. amargo am.
 Amareus, is. Fazer se amargo.
 Amaritudo, nij, f. a amargura.
 Amarus, nij, m. a amargura.
 Amarulentus, a, um. O de de amara
gula.
 Amata, a, f. Nome de uma de amara.
 Amator, i, m. o amante.
 Amatorius, a, um. amoro.
 Amatorie, adv. amoro.
 Amatrix, ei, f. a amante.
 Amazone, um, f. Molere, das civida
m. gile reyes.
 Ambactus, i, m. o servo.
 Ambage, um, f. o de de.
 Ambas, i, ed, ei, son. Com as de.
 Ambas, a, um. Comido o de.
 Ambigo, i, egiptum. Quidam, de de.
 Ambiguus, a, um. Quidam.
 Ambigui, adv. Quidam.
 Ambiguitas, nij, f. a Quidam.
 Ambio, i, iri, itum. Per de, de, de.
 gear, Cercar. Ambio.
 Conova, du, de, de.
 Ambitio, nij, f. a ambição.
 Ambitiosus, a, um. ambicioso.
 Ambitus, us, m. Crime de ambição.
 Ambitiosus, adv. Ambiciosam.
 Ambitus, a, um. Cercado.
 Ambos, a, o. Ambos.
 Ambrosia, a, f. Alantim. Comer de de.
 Ambrosia, a, um, f. Molere, viz.
 Ambulacrum, i, m. lugar de passo.
 Ambula, as, ari, atum. Andar, passar.
 Ambulatio, nij, f. o passo.
 Ambulatio, a, f. o passo pequeno.
 Ambulator, i, m. o passador.
 Ambulatorius, a, um. per de, de, de.
 pe se.

362

364

Anier, nigr, m. Cum Bis de labing. *ordinaria m. toma o gene*
Anid, et nile. Ogla de deka. *ro do Substantivo Liber?*
Aniditas, nigr, f. a de deka. *Anneo, vel adneo, i, xi, vel xui, ne*
et nile, adv. a modo de deka. *xum. Anax, prender,*
Anima, a, f. a vida, a de pira cas, a de neky, i, m. *ajuntar.*
o de ovento. Estare ani *Anneo, a, um. Anado, justo.*
nam, morrer. Compre *Anuifer, a, um. Og tam futo em todo*
mere animam, tomar *Anuversarij, a, um. Og vem, ou se*
o de logo, suspender a lev *far em cada anno.*
piracao. *Annuia, a, f. mantim. de trigo, ce*
Animula, a, f. a vida in la *vada, vindo, axite, cor vi*
Anima dverto, nigr, f. a Consideracao, a de *vere, ne lepario, p. a. sy*
presencias, o de pigo. *tenca cas ordinaria de*
Anima dverto, a, um. Advertido, previsto. *Cum anno. Ingrave, et*
Anima dverto, is, verti, verum. Attender, *annona, en carelem og*
notar, captigar. Anima d *mantim.*
vertere in aliquem *Annonarij, a, um. Og pertence aor*
Captigar aliquem. *Annotus, a, um. Og de m. de k. p.*
Animal, nigr, n. o Animal. *Annotinus, a, um. Og traz mantim.*
Animalis, et de. *Og vive, ou tem corpo* *Annotatio, nigr, f. a de pira cas, de pira cas*
Animalis, nigr, f. a de pira cas, de pira cas *Annotator, is, m. Og faz notas, con*
Og anima, e de valor, *juris.*
ou de vivente. *Annoto, a, avi, atum. Notas, Censu*
Animatio, nigr, f. a de pira cas, de pira cas *rat.*
Animatus, a, um. o animado. Infirmis *Annullarij, a, um. Og faz aneis*
animatus, comen de Annularij, et re. Og de do anel. So
facto animo. *na o genem do nome*
Animo, a, avi, atum. Parvitas, e valor. *digitus, sed e nigr*
Animosus, a, um. de pira cas, de pira cas *fazemos o anel, digi*
Animosè, adv. tem medo, forte. *Annullatus, a, um. Og traz aneis.*
Animus, i, m. o Extensim. a vona *Annullus, i, m. o de nigr.*
de, a de nigr. a forta *Annumero, a, avi, atum. Contar, ajun*
Sera. A quo animo fa *tar aou tro.*
care, fazer de boa von *Annuentia, a, avi, atum. Dizer, avizal,*
lade. Reciper ani *Annus, is, nui. Consentir, a pira cas.*
num, tomar alento. *Dei promissj annuit,*
Anni gratia, por dver. *Dei appromissj ami*
timè *nica, promissj.*
Annum, i, n. a de nigr. *Annuj, i, m. o Anno, espaço de dose*
Annali, et nile *da anno, e de adjectivo.* *mezes.*

4. Anexo 4 – 1ª Conta (1759-1760), que S. Mag.^e ordena se lhe dê, do progresso dos Estudos no fim de cada anno (6-8-1760)⁴²⁶

Senhor. Hé V. Mag.^e servido ordenar-me, em o Alvará da criação e reforma dos Estudos que, em o fim de cada anno, eu lhe dê huma relação fiel do estado delles, a fim de se evitar os abuzos, que se forem introduzindo, propondo ao mesmo tempo, os meynos que me parecerem mais convenientes para o adiantamento das Escolas. Estamos, Senhor, em o fim do primeiro anno, e devo cumprir com a refferida obrigação: porem, como em os principios dos estabelecimentos nunca podem estar promptos todos os meynos que são necessarios para a perfeita economia do que se estabelese, tão bem se não pode dar completa satisfação a tudo o que se dezeja para o desempenho do emprego. Para eu poder dar huma noticia a V. Mag.^e tão exacta como pede o escrupolozo amor que professo à verdade, havia ter eu praticado o que dezejei em todo o anno, vezitando repetidas vezes as aulas e, em dias e horas que não fosse esperado; para este effeyto passei repetidas ordens para se fazerem cadeiras para todos os Estudos, de forma que, quando eu fosse, achase lugar destinto e decente em que me sentase, e vendo como os Professores ensinavão aos seus discipulos e mandando, na minha prezença, fazer perguntas, huma vez a huns e outras a outros, premiando aos que o merecesem, podese juntamente excitar a santa emulação, assim em os Mestres como em os Discipulos, e fazer juizo certo do progresso de todos, para agora dar conta a V. Mag.^e Porem, ou por falta de meynos em a Directoria, ou por não ter ella Officiaes subalternos a quem se cometa esta e outras ordens semelhantes, e que sejam responsaveis da obediencia ou castigados pella falta della, o certo hé que não pude conseguir que se comprasem e, por falta dellas, nao fis as vezitas e me privei de hum meyo dezinteressado e sem perigo de enganos, por que pudese instruhir-me para dar conta a V. Mag.^e, com toda a certeza, do progresso dos Estudos. Recorri a outro meyo, que tão bem prometia bom effeyto, assim para excitar a emulação como para saber o adiantamento dos estudantes e quall hera o estudo em que mais vantagens tinha recebido a mocidade, e passei ordem que os Professores, em hum dia certo, mandassem separar os milhores discipulos que tivessem e lhes dessem materia para comporem, e que me remetessem as composições, para as mandar examinar e dar premios aos que o merecesem, e neste dia dezejava eu hir à aula, onde se repartisem os premios, para eu os entregar aos que os tivessem merecido e estranhando os erros dos que os tivessem cometido. Porem, de hum Estudo me vierão as composições em forma que julguei nenhuma merecia premio, e assim o mandei publicar em a classe, estranhando muito a negligencia; de outros vierão composições tão elegantes que conheci ser impossivel que as fizesem os discipulos; de outro soube que andarão os estudantes por fora rogando a quem lhas fizesse; e, finalmente, de outros vierão tão uniformes e pellas mesmas palavras que conheci a falta de observancia que ouve às minhas ordens, Estou, pella refferida experiencia, na resolução, para o anno, de dar hum dia a cada classe, que venha a minha caza, para na minha prezença comporem, porque so assim ficarei certo no merecimento de cada hum e depois regularei o methodo que há-de haver para o futuro. Porem, sem embargo de se me terem esterelizado os meynos que busquei, para instruhir-me com toda a certeza e informar a V. Mag.^e com a mesma, comtudo sei que há muyto bons estudantes em todas as clases, assim de Grego e

⁴²⁶ In Andrade, 1981: 362-365.

Rethorica como de Gramatica Latina, e que o novo methodo tem produzido maravilhosos effeytos; e da Aula do Campo do Curral, de que hé Professor do Gramatica Latina o P.^o Faustino de Abreu, sey que ouve estudante que, em sinco mezes se fêz senhor de todos os principios da Gramatica Latina, sabendo-os na ultima perfeição, e entrou na tradução dos livros com a melhor intelligencia, em que se vai adiantando com a mesma felicidade, e hé hum pobre rapás, sem meyo para depois buscar as habelitações que podião fazê-lo bem digno do serviço de V. Mag.^e e da Patria, e tem outro irmao mais pequeno e do mesmo talento. Serião muyto mayores os progressos dos Estudos deste anno, se os Professores e descipulos tivessem o Diccionario Latino e portuguez do que fálão as *Instrucções* de vinte e oito de Junho do anno passado, em o §12, porque sem Diccionario, nem Mestres nem estudantes podem dar paço. Os Professores que sabem Francês tem com que se remedeem, porque uzão de Faciolati e de Fabro e de Danet; porem, os que o não sabem, estão inteiramente dezarmados. Porem, assim os que sabem a dita lingoa como os que a não sabem, perdem muyto tempo que podião aproveitar em utilidade dos vassalos de V. Mag.^e, porque attendendo aos descipulos, que não tem por onde vejão os significados das vozes latinas, hé percizo passarem-lhes a lição, duas e três vezes e, por consequencia, vem a reduzir-se o tempo da lição a huma terça parte. Eu me vejo summamente aflito por este respeito, porque dezejando desempenhar a minha obrigação por honra e consciencia, e applicar toda a minha actividade, a fim de dar bons vassalos a V. Mag.^e, bem instruhidos e em muyto menos tempo que antigamente se costumavão pôr habeis, vejo que, por falta deste socorro, se mal logrão, ao menos em huma consideravel parte, as mesmas diligencias e o meu dezejo; e não posso remediá-lo, porque nem devo tirar a quem estava encarregado para o fazer, antes de eu ser nomeado Director, nem tenho pessoas a quem dê huma incumbencia tão importante como esta, porque os Professores que podião fazê-lo, tem justa impossibilidade para o executarem, corn seis horas de clase afectiva (sic) todos os dias, alem das que necessitão de estudar para a regencia da sua cadeira. E, como a necessidade pede remedio muyto prompto, me parecia que por hora se podia acudir a ella, impremindo hum dos Dictionarios antigos de Cardozo ou Barboza e depois se cuidará no modo possivel de se fazer hum novo mais completo e exacto, em lugar da *Prozodia* abolida e justamente reprovada. Pello que respeita aos Magisterios que estão estabelecidos, tem V. Mag.^e toda a noticia necessaria, pellas Consultas que a sua Real piedade tem despachado e pellas que estão em sua Real prezença, de que espero a resolução para lavar outras muvtas, com os documentos e autos de concurso que tenho em meu poder, das principaes cidades e villas do Reyno e do Ultramar. A falta de livros me tem dado igual cuidado que sentimento porque, sem bastar toda a applicação com que tenho promovido a brevidade das impressões e a remessa dos livros, por todo o Reyno e Conquistas, não tenho tirado todo o fruto que dezejava da minha diligencia, porque continuamente estou recobendo cartas dos meus Commissarios, que os estudantes perdem tempo e adiantamento, por falta de livros; e nao duvido que podese ser este anno muito mayor a vantagem dos estudos, se tiverão sido todas as terras bem providas dos rezumos das *Artes* e das *Sellectas* de Chompré. Os motivos desta falta são dous: o 1.^o hé a pouca expedicção das Imprensas, por serem occupadas com outra obras, e pella falta de letra que resultou da muyta que se perdeu com o Terramoto e fogo que a elle se seguio, e pobreza dos impressores; o segundo é a falta de subalternos que tenho para a execução das minhas ordens, porque passando em 2 de Mayo algumas ao chamado Thezoureiro da Directoria, Bernardo Agostinho de Mesquita, para hirem livros para diversas partes do Reyno, e mandando participar aos Commissarios que

lhes hião, e sabendo por cartas dos mesmos, hum dia destes, que lhes não tinham hido, vim a descobrir que o Thezoureiro se achava com os despachos em caza, sem os cumprir, porque diz que não tinha pessoas a quem os remetesse; e não o castiguei, assim por não ter faculdade para nomear pessoa que tomase conta do que elle se achava encarregado, como ver que a sua dezobediencia foy cometida por falta de capacidade e não por malicia. Do refferido e de muitos outros principios que respeitão, não só a ser socorrido o Reyno todo de livros com abundância para a instrucção da mocidade, mas tãobem da utilidade que pode tirar a Directoria para acudir às mesmas e percizas despesas que tem, me parece se deve estabelecer impressão propria dos Estudos, como a tem a Bula da Cruzada, dando-lhe V. Mag.^e faculdade para mandar vir o papel todo que lhe for necessario, fazendo-lhe a graça e mercê do não pagar direitos d'elle, e ordenando que, em o Hospicio de S. Francisco do Borja, se faça a obra das cazas e armazens que forem percizos, para toda a manipolação e guarda de tudo o que se necessita para semelhante estabelecimento, para o que já há muitas cazas, que podem servir, ou da forma em que estão ou com pouco conserto, e dando-me faculdade para nomear hum escrivão que faça carga ao Thezoureiro, de tudo que elle recebeu e passe conhecimento de toda a despeza que se lhe ordenar, que hé o unico meyo para se poderem tomar contas ao dito Thezoureiro e de se lhe tirar a liberdade em que está, de fazer as despesas que quer e lhe parece. Tambem em o mesmo Hospicio he muyto percizo se faça hum caza grande, capás para os Actos e para as Orações, porque não hé decente pedir-se emprestada; e, enquanto esta se não fizer, he melhor que as ditas acções se fação particularmente, porque a primeira não deve servir de exemplo, porque no principio dos estabelecimentos não hé reparavel o que falta; mas, depois de passado hum anno, já se não pode alegar a mesma razão. A Directoria necessita muito do selo para todos os papeis publicos, como cartas de provimentos dos Magisterios e para a Universidade de Coimbra, para os passes e certidões que se lavrão para as matriculas e para as certidões que requerem os estudantes, para o que lhes forem percizas, e desta forma hé que se pode imbarçar as falsidades que se costumão cometer em semelhantes instrumentos. Tambem necessita a Directoria de hum Meirinho, que esteja sempre prompto para as diligencias continuas e diarias que sempre se estão fazendo, e que este tenha ordenado competente, porque, ainda que as diligencias mayores as cometo aos Ministros de V. Mag.^e, como a V. Mag.^e he presente por hum consulta quo está na sua Real presença, há muitas outras diligencias de menos importancia mas percizas, que necessitão de hum Official prompto para as executar. O Commissario da Universidade de Coimbra tem perciza necessidade de hum secretario para escrever os passes e passar certidões, e deve ter ordenado competente; e não fás exemplo para os mais Commissarios, que não tem o mesmo expediente. Já por hum consulta fis presente a V. Mag.^e e que, em o Arcebispado de Braga, não me atrevia a nomear Commissario, pello prudente receyo que o Sr. Arcebispo imbarçasse o seu expediente, e V. Mag.^e foy servido despachar a consulta dizendo que tinha dado providência sobre o refferido assunto. Porem, como athé ao presente se me não tem participado o que devo fazer, e aquelle territorio so me não tem participado o que devo fazer, e aquelle territorio hé muito largo e fecundo de talentos grandes, me fás grande mortificação retardar-lhe o cuidado que V. Mag.^e me manda ter em todos os seus vassallos, na applicação aos estudos e criação da mocidade, alem do reffugio que tem naquelle coito os que furtão as impressões de que já tenho mandado expedir ordens por todo o Reyno, e tem sido achado rezumos do P.^e Antonio Pereyra, impressos a furto, que se tem sequestrado nas mãos em que forão achados, sem embargo que me não tem sido possível descobrir a minna donde sahirão. E temo que nos fação o mesmo em os livros que, por ordem da Direcção se imprimirem, se tiverem dstrictos em que eu não tenha Commissarios;

ainda que, pellas ordens quo estão passadas e diligencias, que se sabe se tem feyto, creyo que terão justo medo de cahirem em semelhante dezação. Hum dia destes fêz o Professor Regio de Rethorica, Jozé Caetano de Mesquita hum Acto ou Conclusões de Rethorica, de manhã e tarde, em que explicarão quatro estudantes, muitos pontos dos mais dificultozos e graves da Eloquencia, segundo o sistema do Heinecio, e muitas passagens dos lugares mais brilhantes de Cicero, mostrando hum grandecisimo adiantamento e progresso, neste utilissimo estudo. Amanhã fás tambem outra semelhante acção o Professor Pedro Jozé da Fonseca, e finalmente, quanto me tem sido possivel, tenho feyto executar o que V. Mag.e me ordena, em seu Alvará e *Instrucções*. E não me occorre outra alguma couza, por hora, que ponha na sua Real presença, Lisboa 6 de Agosto de 1760. D. Thomás, Principal de Almeida, Director Geral do Estudos.

(T. T. -Reg. Cons., fl. 35-40 v).

5. Anexo 5 - Carta de Fonseca remetida a Alexandre António das Neves, secretário da Academia, na fase derradeira da elaboração do *Diccionario da Lingoa Portuguesa*

Sur.^o D.^o Alexandre Antonio das Neves

Sinto como todas as vezes que V. M. me honra
 com vaucho, e tal como se appetece, pois a conti-
 nuas experiencias me fez bem conhecer quanto
 a fallas della se sobre todas as outras fallas
 dos bens humanos e mais penosas. Eu vou
 vivendo com graves incommodos, e depois que
 o tempo mudou, temo mais do que os outros
 simos. Dando ainda mesma me será sempre
 de grande alivio qualquer occupação, em que
 possa mostrar quanto meo de ultimavai me
 caido, com que V. M. honra de me honrar.
 No tempo que por porto e por necessidade
 depois fallas a V. M.; mas como tem sido pou-
 co o intervallo, que a minha molestia na-
 ra isto me tem dado, por isto e não tendo
 feito de alguns dias para a mesma, que
 sendo me aproveitares delle para o cummimen-
 to do que deus e necessita. Agora satisfaco
 somente ao que V. M. me participa.

Quanto a fallas de papel, se depe o
 principio, e de já bem de anno, e se sempre
 que a obra chegar a duranta follar, se a
 gora me enfarei no que a V. M. disse, foi por
 que em um manufrito, em que de de de de
 pos, nunca se conta, não há de exacto. Quem

aprimo mesmo muito admirado não me fazer en-
ganado, e seguisse dadi incommoção da da vida.

Quanto ao livro do Dicionario, como eu
não sei a desonra, que com elle se faz, não
qual se neste particular a matice da Aca-
demia, não posso de modo algum dizer o meu
parecer em semelhante matéria.

O livro, que eu recebi da Academia, fo-
rão somente as tomas do Dicionario de
Du. Canga, que já restituí por intermediação
que tive, e se não se achar nas livrarias da
Academia. O mais, de que se servi para
o Dicionario, foi os seus manuscritos, de
compilados de alguns amigos. O Sr. Car-
linda Soré da Corta creio que recebeu alguns
da Academia, e elle se quem dar a lista a
devida informação. Não muito monta a o.
bedacerte como quem se

De V. M.

O mais affectoso ven. e humilde C

Cajá 29 de Nov.
vambro

Pedro José da Fonseca

Snr. D.^{or} Alexandre António das Neves

Sinto com todas as veras que V. M. não logra de boa saude e tal como lhe agradeço, pois a continua experiencia me faz bem conhecer quanto a falta della he sobre todas as outras faltas dos bens humanos a mais penosa. Eu vou vivendo com graves incommodos, e depois que o tempo mudou, tem passado a ser gravissimos. Porém, assim mesmo me será sempre de grande allivio qualquer occasião em que possa mostrar quanto prezo os estimaveis preceitos, com que V. M. houver de me honrar.

Há tempo que por gosto e por necessidade desejo falar a V.M., mas como tem sido poucos os intervallos, que a minha molestia para isso me tem dado, por isso o não tenho feito. Se algum houver para a semana que vem, me aproveitarei delle para cumprimento do que devo e necessito. Agora satisfaço sómente ao que V.M. me participa.

Quanto ás faltas do papel, eu desde o principio, e sou já bem de annos, disse sempre que a obra chegaria a duzentas folhas; se agora me enganei no que a V.M. disse, foi porque em hum manuscrito, em que há tantos danos, nunca a conta pode sahir exacta. Porem assim mesmo muito estimara não me haver enganado, e seguirse dahi incommodo ou [despeitos]⁴²⁷.

Quanto ás taxas do Diccionario, como eu não sei as despezas, que com elle se faz, nem qual he neste particular a pratica da Academia, não posso de modo algum dizer o meu parecer em semelhante materia.

Os livros, que eu recebi da Academia, forão sómente oito tomos do Diccionario de Du-Cange, que já restitui por insinuação, que tive, e se hão de achar na Livraria da Academia. Os mais, de que me servi para o Diccionario forão ou meus, ou pedidos de emprestimos a alguns amigos. O Snr.^o Agostinho José da Costa creio que recebeo alguns da Academia e elle he quem dará disso a devida informação. Fico muito pronto a obedecerlhe como quem he.

De V.M.

O mais affectuoso ven.^{or} e humilde C.

Pedro Jozé da Fonseca

⁴²⁷ Excerto de leitura duvidosa. O manuscrito apresenta uma mancha no verso da folha que dificulta a decifração desta palavra.

6. Anexo 6 – Memória autobiográfica de Fonseca⁴²⁸

Pedro José da Fonseca, Professor de Rhetorica em Lisboa, serve há vinte annos completos a Sua Magestade no exercicio da sua Cadeira, tomando d'ella posse em Outubro de mil septecentos e cincoenta e nove. Foi promovido ao dito exercicio por especial graça de Sua Magestade sem preceder exame, e com esta circumstancia não existe em actual serviço outro algum professor da sua faculdade. Recitou na abertura da sua aula uma *Oração latina*, e a imprimiu, e nisto não tem da mesma sorte outro equal nos professores existentes debaixo da subordinação á Real Meza Censoria. O methodo de ensinar Rhetorica era entre nós extranho e desconhecido, de modo que foi elle inteiramente o creador da sua aula, por mais não dizer, visto que o da sua passou a ser quasi geral. E o crear logares de letras sempre mereceu remuneração de Sua Magestade, como se praticou com o doutor Manuel Francisco da Costa, sócio do sobredito professor. Qual haja sido o desempenho das suas obrigações, pode constar averiguando-se. Um anno inteiro por occasião de passar o professor José Caetano de Mesquita para o Collegio dos Nobres, e o professor Francisco de Sales para o Bairro-alto do de Alfama, foi elle quem teve o peso do ensino de rhetorica em toda Lisboa. O numero dos seus discípulos sempre excedeu o de cada uma das outras aulas da referida corte, e ás vezes o de todas ellas juntas. E quando Sua Magestade se serviu fazer nomeação de professores de Rhetorica para todo o reino, os seus discípulos approvados se avantajaram igualmente em numero aos de todos os mais professores. Rarissimo tem sido o exame desde a instituição das novas cadeiras, que elle não haja feito. E em todo o largo decurso dos ditos vinte annos nunca teve, nem requereu substituto á custa da real fazenda, senão por espaço dos dous últimos mezes da presidência do Bispo de Beja, que o destinára a outro trabalho do serviço do publico. Nesta particularidade se suppõe elle unico. Foi por conclusão o primeiro, que fez Actos de Rhetorica, em que se permittio a qualquer pessoa poder perguntar. Isto quanto á satisfação da sua Cadeira. Fora d'ella compoz de mandado de Sua Magestade em menos de um anno o pequeno *Lexicon latino e portuguez* de que foi remunerado. Seguiram-se uns *Elementos de poética* que não havia, e eram de indispensável necessidade. Formou a collecção das *Orações selectas de Cícero* por ordem do Principal Almeida, director geral dos estudos dos livros privilegiados

⁴²⁸ In Figueiredo, 1816: 30-34.

ao Collegio dos Nobres. Fez o *Diccionario portuguez e latino* que Sua Magestade approvou, ordenando se imprimisse com expressa declaração de ser para uso das suas reaes aulas, a cujo trabalho se não teve attenção, como é bem sabido. Resumiu o *Quintiliano* para melhor commodo das aulas. Obra que por si mesma teve n'ellas geral entrada, e o publico aceitou favoravelmente. Ajuntou-lhe depois um Tratado de affectos e costumes oratórios, o qual nada menos foi bem recebido. Ultimamente escreveu em benefício da nação portugueza outro *Tratado da sua versificação*, e traduziu do francez o *Diccionario da Fabula* de mr. Chompré; e tem mais outro *das Antiguidades* prompto para a impressão com licença da Real Meza Censória. Do mesmo modo se acha uma traducção sua em portuguez da *Poetica de Horacio*, illustrada com copiosas notas e commentarios para uso das aulas. Deixam de entrar aqui, como obras de menos porte, algumas edições de poetas portuguezes, que elle dirigiu e promoveu. Tudo isto foi feito sem detrimento algum, ou falta no exercicio nunca interrupto da sua cadeira, como acima fica declarado.

O serviço de Sua Magestade, o progresso das suas reaes aulas, e o adiantamento das letras na mocidade portugueza tem sido em tudo sobredito o unico incentivo do seu ténue préstimo. Tanto assim, que algumas das referidas obras deu elle gratuitamente aos livreiros para imprimirem por sua conta, e de outras nem apenas recolheu até agora o desembolço que teve na sua impressão. Da real grandeza e suprema liberalidade da rainha nossa senhora, que implora submisso e reverente, esperou sempre, e actualmente espera inteira recompensa do zelo de seu patriotismo e bons desejos, ainda mesmo reconhecendo elle o mal que os desempenhara em razão da pobreza do seu talento.

E. R. M.

7. Anexo 7 – Lista dos nomes citados no Índice Cronológico dos Autores Latinos no *Parvum Lexicon*

I. Escritores da Idade do Ouro

Lívio Andronico; Névio; Plauto; Estácio Cecílio; Ênio; Terêncio; Catão; Ácio; Lucílio; Turpílio; Cornélio Sisena; Nigido Figulo; Décimo Labério; Lucrécio; Catulo; Publílio Siro; César; Hirtio Pansa; Cornélio Nepos; Cícero; Propércio; Cornifício; Salústio; Múcio Cévola; Varrão; Cornélio Galo; Tibulo; Virgílio; Emílio Macro; Messala Corvino; Vitruvius Polião; Horácio Flaco; Vércio Flaco; Pedro Trácio; Júlio Higino; Ovídio Naso; Catulo; Manílio; Tito Lívio.

II. Escritores da Idade da Prata

Cornélio Celso; Escribônio Largo; Valério Máximo; Veleio Patérculo; Fenestela; Columela; Pompônio Mela; Cúrcio Rufo; Pórcio Latrão; Pérsio Flaco; Ascônio; Pedânio; Sêneca; Lúcio Sêneca; Lucano; Petrónio; Plínio-o-Velho; Sílio Itálico; Valério Flaco; Júlio Solino; Juvenal; Estácio; Marcial; Quintiliano; Frontino; Tácito; Plínio-o-Jovem; Aulo Gélíio; Floro; Suetônio; Célio.

III. Escritores da Idade do Bronze

Justino; Apuleio; Ireneio; Tertuliano; Próculo; Pégasio; Nerásio; Prisco; Celso, Jaboleno; Minúcio Félix; Caro; Rutílio Tauro; Júlio; Sereno Samonico; Domitio Ulpiano; Terentiano Mauro; Censorino; Novatiano; Cipriano; Calpurnio; Espartiano; Capitolino; Lampridio; Galicano; Polio; Vopisco; Astróbio Afer; Aureliano; Eutrópio; Fânio; Lactância; Sétimo Romaco; Ampélio; Donato; Comodiano; Juvenco; Firmico Materno; Zeus; Victorino; Avieno; Horaciano; Marcelino; Renato; Macróbio; Simaco; Ausônio; Aurélio Victor; Ambrósio; Prudêncio; Claudiano; Marcelo; S. Jerónimo; Sulpício Severo; Rutílio Namaciano; Augustino; Sérvio Honorato; Paulo Orósio.

IV. Escritores da Idade do Ferro

Sedúlio, Paulino, Dracontio, Salviano, Chrisologo, Aquitanico, Capela, Petrocônio, Mamerto, Apolinário, Avito, Orientio, Boécio, Prisciano, Fulgentio, Justiniano, Arator, Cassidoro, Coripo, Fortunato, Isidoro, Adelmo, Venerabilis, Diácono, Teodolfo, Constantino Aser, Bernardo, Sarisburiensis.

8. Anexo 8 – Ocorrências da expressão “fallando de” no *Parvum Lexicon*

Adminiculator, aris, atus sum, ari, Cic. Sustentar, espequar, apoiar, **fallando** das vinhas.
 Apicatus, a, um, Ovid. Que traz barrete, **fallando** dos Flamines de Jupiter.
 Bigemmis, m. f. me, n. is, Col. Que tem dous olhos, ou gomos, **fallando** das vides.
 Blandimentum, i, n. Cic. Lisonja, carícia, affago, meiguice, Plin. Adubo, tempero, condimento, **fallando** do comer.
 Calor, oris, m. Cic. Calor. Ter. Impeto, fervor, vivacidade, **fallando** do animo.
 Congermino, as, avi, atum, are, Gell. Brotar frequentemente, **fallando** das plantas.
 Consideratus, a, um, tior, tissimus, Cic. Considerado, advertido. Prudente, circumspecto, acautelado, **fallando** das pessoas.
 Decapulandus, a, um,* Plin. Que se deve trasfegar, **fallando** do azeite.
 Decemjugis, m. fe. ge, n. is, Suet. De dez jugos, **fallando** do coche. Decemmodius, a, um, Col. Onde cabem dez modios.
 Decumbo, is, ubui, ubitum, bere, Col. Jazer, estar deitado. Ter. Estar á meza. Cic. Morrer, propriamente **fallando** dos Gladiadores.
 Delabor, eris, lapsus sum, labi, Cic. Correr para baixo. Inclinar-se, propender. Consumir, dispende, dissipar, **fallando** da fazenda.
 Deludo, is, si, sum, ere, Cic. Escarnecer, enganar. Plin. Deixar de jogar, **fallando** dos Gladiadores.
 Demissicius, a, um, Plaut. Que se póde lançar abaixo, talar, **fallando** dos vestidos.
 Detergo, is, essi, essum, gere, Col. Alimpar. Caes. Quebrar. Cat. Cortar, esnocar, **fallando** das arvores.
 Detergere fastidia. Col. Desenfastiar.
 Durateus, a, um, Lucr. De madeira, **fallando** do cavallo de Troia.
 Egermino, as, avi, atum, are, Col. Abrolhar, brotar, rebentar, **fallando** das plantas.
 Eliquo, as, avi, atum, are,* Ovid. Derreter-se, fazer-se liquido. Sen. Coar, tirar as fêzes. Pers. Adelgaçar, afinar, **fallando** da voz.
 Eluxurior, aris, atus sum, ari, Col. Crescer com vicio, **fallando** das arvores.
 Equio, is, ire, Plin. Desejar o coito do cavallo, **fallando** da egoa.
 Ericiscendus, a, um, Cic. Que se ha, ou deve repartir, **fallando** da herança.
 Excludo, is, usi, usum, ere, Cic. Excluir, lançar fóra. Estorvar. Excludere ova. Col. Tirar os ovos, ou os pintos, **fallando** das galinhas.
 Excubo, as, ui, itum, are, Cic. Vigiar, estar de guarda, fazer sentinella. Col. Chocar, **fallando** das gallinhas.
 Exeo, is, ivi, l. ii, itum, ire, Cic. Sahir, partir, ir-se. Publicar-se, sahir á luz. Liv. Passar, correr, **fallando** do tempo. Virg. Escapar. Plin. Crescer.
 Exero, is, rui, ertum, ere, Liv. Tirar, ou lançar para fóra, fazer que appareça. Exerere digitum. Pers. Levantar o dedo, confessando-se vencido.- caput altius vitiis. Ovid. Não se deixar vencer dos vicios.- se domicilio. Plin. Sahir da concha, **fallando** dos caracoes.
 Exgruminans, antis, omn. gen.* Varr. Que sahe da terra, **fallando** do caracol.
 Expendo, is, di, sum, ere, Plaut. Pesar. Cic. Considerar, ponderar. Pagar, **fallando** do castigo.
 Expulso, as, avi, atum, are, Mart. Rechaçar, bater com violencia, **fallando** do jogo da péla.
 Exundo, as, avi, atum, are, Plin. Trasbordar, sahir da madre, **fallando** dos rios. Col. Diffundir-se, derramar-se, espalhar-se.
 Faris l. fare, fatur, fatus sum, fari, Cic. Fallar. Fando, gerund. Virg. **Fallando**. Cic. Fallando-se.
 Foeto, as, avi, atum, are, Col. Parir, ou pôr ovos, **fallando** das aves.
 Fritinnio, is, ivi, itum, ire, Varr. Chiar, ou começar a cantar, **fallando** das andorinhas pequenas. Auct.
 Philom. Cantar a cigarra.
 Gambosus, a, um, Veg. Doente das unhas ou pés, **fallando** dos jumentos.
 Germino, as, avi, atum, are, Plin. Lançar novédios, brotar, rebentar, **fallando** das arvores, & c.
 Graviusculus, a, um, Gell. Hum pouco mais baixo, **fallando** de hum tom.
 Hexameter, tra, trum, Cic. Que tem seis pés, ou medidas, **fallando** dos versos.
 Hirsutus, a, um, Cic. tior, Plin. Cabelludo. Ovid. Austero, aspero, sem cultura. Virg. Que está no ouriço, **fallando** das castanhas.
 Imbibio, is, bibi, bibitum, ere, Plin. Embeber, receber, chupar, tomar a si, **fallando** de liquor. Cic. Conceber,

formar designio, tomar resolução, julgar.

Imporcatus, a, um, Col. Feito em margens, **fallando** do campo lavrado.

Inevolutus, a, um, Mart. Não revolvido, não folheado, **fallando** do livro.

Interlocutio, onis, f. Quinct. Interlocução, interrupção do que está **fallando**.

Laevus, a, um, Cic. Esquerdo, da mão, ou da parte esquerda. Hor. Louco, inerte, pouco agudo. Virg. Nocivo, pernicioso. Prospero, feliz, **fallando** dos agouros. Tempus laevum. Hor. Tempo importuno, ocasião intempestiva.

Luxurior, aris, atus sum, ari, Col. Viver com luxo, e profusão. Col. Lançar ramos, e folhas com demazia, **fallando** das arvores, campos, & c.

Luxuriosus, a, um, Cic. sior, Plin. sissimus, Col. Luxurioso, deshonesto, lascivo. Que vive com luxo, e profusão. Liv. Demaziado, excessivo. Col. Demaziadamente viçoso, **fallando** dos campos, & c.

Migro, as, avi, atum, are, Cic. Mudar de habitação. Transgredir, violar, **fallando** das leis, e obrigações.

Muticus, a, um, Varr. Que não tem pragana, **fallando** de huma espiga.

Obturbator, oris, m. Asc. Ped. O que interrompe a quem está **fallando**.

Offensator, oris, m. Quinct. O que torpeça frequentemente lendo, ou **fallando**.

Pascor, eris, pastus sum, pasci, Virg. Pastar, apascentar-se. Atear-se, **fallando** do fogo.

Percrudus, a, um, Col. Muito verde, **fallando** dos frutos.

Plico, as ui, itum, l. atum, are, Lucr. Dobrar, fazer prégas, & c. Plicare se in sua membra. Virg. Enroscar se, **fallando** das cobras.

Praegermino, as, avi, atum, are, Plin. Brotar primeiro, **fallando** das arvores. & c.

Praeoccido, is, idi, asum, ere, Plin. Pôr-se antes, **fallando** dos astros.

Progemmans, antis, omn. gen. Col. Que abrolha, ou brota, **fallando** das vides.

Promitto, is, isi, issum, ere, Caes. Arrojar, atirar, arremessar. lançar para longe. Cic. Prometter, dar palavra.

Assegurar, afirmar. Plaut. Ameaçar. Promittere barbam. Liv. Deixar crescer a barba.- damni infecti. Cic.

Dar palavra de resarcir o damno que se póde fazer.- se. Plin. Mostrar o fruto, **fallando** das arvores.

Prostibilis, m. f. le, n. is, * Plaut. Que se prostitue, **fallando** das mulheres.

Pubens, entis, omn. gen. Virg. Que começa a crear buço. Virg. Que está no seu maior vigor, **fallando** das hervas. Pubentes genae. Virg. Faces, em que começa a apontar a barba.

Pubesco, is, bui, scere, Cic. Chegar aos annos da puberdade, começar a ter buço, & c. Virg. Crescer com vigor, amadurecer, **fallando** dos frutos.

Pulsus, a, um, Cic. Batido, espancado. Lucr. Agitado, movido. Nep. Lançado fóra. Ovid. Tocado, **fallando** dos instrumentos musicos.

Simulacrum, i, n. Cic. Simulacro, imagem, estatua. Signal, semelhante representação, **fallando** das cousas incorporeas.

Spadonius, a, um, Plin. Esteril, infructifero, **fallando** das arvores.

Strigo, as avi, atum, are, Plin. Parar para urinar, ou descansar, **fallando** das bestas, & c.

strio, as avi, atum, are, Vit. Fazer regos, ou roscas nas columnas. Plin. Descançar no fim do rego ao lavar, **fallando** dos bois.

Subsurdus, a, um, Quinct. Que não tem o som muito claro, **fallando** da voz.

Superior, m. f. rius, n. oris, comp. Cic. Mais alto, mais elevado, mais da parte de sima. Superior, que he de huma qualidade mais distincta, que sobrepassa, que leva ventajem. Passado, precedente, **fallando** do tempo.

Tingo, is, xi, ctum, ere, Virg. Tingir, molhar. Tingere aliquem poculis. Hor. Dar de beber a alguem. Tingi Oceano. Virg. Sepultar-se no Oceano, **fallando** dos astros.

Topiarius, a, um, Plin. Acomodado para fazer figuras, & c. **fallando** das plantas, e arvores.

Trajicio, is, jeci, jectum, ere, Cic. Transportar, passar de huma parte para outra. Passar além do mar, atravessar. Varr. Trásfegar, baldear. Cic. Traspassar, furar de parte a parte. Adoçar, diminuir, **fallando** dos crimes.

Trigemmis, m. f. me, n. is, Col. Que tem tres olhos, gomos, ou nós, **fallando** das plantas.

9. Anexo 9 - Formas do Português Fundamental sem entrada no *Diccionario Portuguez, e Latino* (1771)⁴²⁹

Aeroporto	Cais	Comprimido, sub.	Elevador	Futebol
Afinal	Calhar	Computador	Emigrante	Futuro, sub.
Ah	Calmo	Comunismo	Emigrar	Gabardine
Álcool	Camião	Comunista	Empregado, sub.	Gajo
Aliás	Caminonete /	Confortável	Enevoado	Galão (bebida)
Alimentação	Camioneta	Connosco	Enfermeiro	Garagem
Ambulância	Campismo	Consertar	Enfim	Garoto
Analisar	Caneta	Consigo	Engarrafamento	Gás
Ananás	Cansativo	Contactar	Enquanto	Gasolina
Andebol	Cantina	Contigo	Envelope	Ginásio
Anedota	Capitalismo	Contrato	Equipa/e	Ginástica
Apanha	Carapau	Conversa	Escola	Giro, adj.
Aquecimento	Caricatura	Convívio	Primária	Golo
Armazém	Carioca	Convosco	Escova de	Gorjeta
Arquitecto	Casaco	Cooperativa	Dentes	Gravata
Arquitectura	Carteira	Cor-de-laranja	Esqui	Grelhado
Arranjar	Catolicismo	Cor-de-rosa	Esquisito	Greve
Aspirador	Cave	Cozido, adj.	Estádio	Gripe
Atingir	Cerâmica	Creme, sub.	Estrangeiro, sub.	Grupo
Atitude	Cereal	Cuecas	Eucalipto	Guardanapo
Atletismo	Chá	Cultivo	Evolução	Guiché
Autocarro	Charcutaria	Dantes	Exigente	Hóquei
Automóvel	Chatear	De repente	Exploração	Horário
Avenida	Chatice	Desemprego	Exportação	Hotel
Avião	Chávena	Desenvolvido	Faneca	Importação
Banana	Cheque	Desenvolvimento	Farmácia	Inclusivamente
Banheira	Chocolate	Desportivo	Fascismo	Industrial
Barulho	Cigarro	Desporto	Fascista	Injecção
Barulhento	Ciumento	Desvalorização	Fazer a barba	Instrutivo
Basquetebol	Clube	Disco	Fazer as malas	Interessante
Batata	Código Postal	Discoteca	Fazer falta	Jeito
Bebé	Coiso	Ditadura	Figueira	Jornalista
Bicicleta	Colar, v.	Divorciado	Filmar	Judeu
Bidé	Colete	Divorciar-se	Filme	Judo
Bife	Colheita	Doce, sub.	Fim-de-semana	Lanchar
Blusa	Comboio	Doente, sub.	Fósforo	Lápis
Blusão	Comercial	Duche	Fotografia	Lareira
Brincadeira	Comício	Eh	Frigorífico	Largo, sub.
Budista	Complicado	Electricista	Funcionar	Lava-louça
Cabine	Compreensivo	Eléctrico	Funcionário	Lençol
Cafeteira			Fundamental	Liceu

⁴²⁹ Os vocábulos assinalados a negrito já figuram na nomenclatura do dicionário de Moraes Silva (1789).

Litro	Pessoal , sub.	Sala de aula	Treinador
Localidade	Petróleo	Sala de estar	Treinar
Locutor	Piada	Sala de jantar	Truta
Maçador	Pijama	Sandes	Tua
Macieira	Pimento	Secção	Turismo
Maioria	Pingue-pongue	Semanal	Turista
Malta	Piquenique	Sentimental	Ultrapassar
Mão-de-obra	Plantação	Sindicato	Vacina
Marco do correio	Plástico	Sob	Você
Média	Poluição	Socialismo	Voleibol
Médio	Poluído	Socialista	Zangar
Meia-noite	População	Sofá	
Melancia	Por conseguinte	Solidariedade	
Miar	Porreiro	Sossego	
Mobilar	Porta-moedas	Soutien	
Montra	Portanto	Sozinho	
Morango	Português	Stand	
Mota/Moto	Posta-restante	Sua	
Motorizada	Postal	Subtrair	
Movimentado	Praticamente	Supermercado	
Muçulmano	Preencher	Supositório	
Nacionalidade	Preguiçoso	Tabacaria	
Namoro	Procura	Taberna	
Natação	Produtivo	Tacho	
Naturalidade	Produto	Talher	
Nível de vida	Profissional	Talvez	
No entanto	Programa	Tangerina	
Normal	Pronto-a-vestir	Táxi	
Normalmente	Protestante	Técnica	
Noticiário	Pulmão	Técnico, adj.	
Oh	Pullover	Técnico, subs.	
Orçamento	Quilo	Telefonar	
Ordenado	Quilómetro	Telefone	
Padaria	Râguebi	Telegrama	
Paisagem	Realista	Televisão	
Palavras-cruzadas	Reforma agrária	Telex	
Papelaria	Rega	Temperatura	
Pasta de dentes	Relativamente	Tendência	
Pastelaria	Remetente	Ténis	
Patinagem	Reportagem	Termómetro	
Peixaria	Repressão	Típico	
Peixe-espada	Rés-do-chão	Tipo	
Pente	Responsabilidade	Tomar banho	
Pequeno-almoço	Restaurante	Tomate	
Perfumaria	Resultado	Torrada	
	Rural	Tostão	
	Sabonete	Tourada	
	Saia	Tractor	

10. Anexo 10 - Vocábulo acrescentados à edição de 1839 do *Diccionario Portuguez, e Latino* nas letras A-, D- e I-.

Letra A	Abotoador	Acoro	Affamar-se
Abacellar	Aboubar	Acoroçoar	Affanoso
Ábaco	Aboubar-se	Acorrilhar	Affão
Abadejo	Abra	Acoucear	Afferição
Abadernas	Abrasador	Acoutar	Affero
Abafadamente	Arrenunciar	Acróstico	Afficamento
Abafamento	Abrilhantar	Acroterios	Afficar
Abafas	Abroquelar	Actriz	Afficar-se
Abafó	Abroquelar-se	Actuação	Affim
Abalizadamente	Abrotea	Acuar	Affinação
Abalizador	Absolutorio	Acuminado	Affinamento
Abalroada	Absortos	Acutangulo	Affluente
Abandoar	Abstêmio	Açacalador	Affluir
Abarracamento	Absterger	Açafata	Affogadiço
Abarracar	Abstruso	Açafoal	Affogo
Abarreirar	Acabramar	Açoeiro	Afforamento
Abarrisco	Acabrunhar	Açorda	Aforquilhar
Abarroado	Acacia	Açotea	Aforrar
Abarrotoar-se	Acairelar	Adamanes	Affretamento
Abate	Acalcanhar	Adamascado	Agaloar
Abatedor	Acamuçar	Adarme	Agápes
Abaulado	Acanhadamente	Adegueiro	Agarico
Abacial	Acantilar	Adentar	Agarrar-se
Abelheira	Acantoar	Aderençar	Agarrotoar
Aberração	Acareação	Aderir	Agarruchar
Aberrar	Acastellar	Adiado	Agasalho
Abetarda	Acastellar-se	Adiar	Agatanhadura
Abiscoutar	Acatasolado	Adjectivamente	Agavelar
Abitas	Acaudelar	Adietar	Ageitar
Ablactação	Acceder	Adietar-se	Ageitar-se
Ablegar	Accelerador	Admissão	Agermanar
Ablução	Accidental	Admissivel	Agglutinar
Abnegar	Accionador	Adoçamento	Agglutinativo
Abobadar	Accionar	Adquiridor	Aggravista
Aboborar	Accionista	Adquirivel	Aggregativo
Abocadura	Accrescer	Adquisição	Agilizar-se
Abocetado	Accrescido	Adrede	Agnação
Aboletar	Accrescimo	Adstricção	Agnados
Abolição	Achicar	Aduchar	Agnaticio
Abolsado	Achumbado	Aducir	Agnição
Abordada	Aconito	Adulatorio	Agnome
Abordador	Acordadamente	Adulteração	Agoaçal
Abordagem	Acordão	Affadigoso	Agoaceiro
Aborrecidamente	Acorde	Affagoso	Agoagem
Abortivo	Acordoar	Affaimar	Agoamento

Agoardenteiro	Alimentario	Amputação	Apassamanado
Agonizado	Alimenticio	Amputar	Apassamanar
Agonistarcha	Alliciar	Amulhado	Apavezar
Agonistico	Allodial	Amuleto	Apaular-se
Agorentar	Allucinadamente	Amurar	Apavonar-se
Agraciar	Almacega	Amygdalas	Aperfeçoadamente
Agrario	Almanjarra	Anaçar	Aperitivo (T. de Medic.)
Agricola	Almice	Anagoa	Aperolado
Agrilhoar	Almiscar	Analysar	Aperreador
Agrimensão	Almiscarar	Anarchista	Aperreamento
Agrisalhar	Almondegas	Anchova	Apertada
Agrumelar-se	Aloe	Ancolia	Apisteiro
Aguarentar	Aloetico	Andadeiras	Apisto
Aguçosamente	Alperche	Andarim	Apitar
Agudeza	Alojar-se	Andrajos	Apocalypse
Aguisado	Alpondras	Andrajoso	Apodador
Agulhada	Alporcar	Anecdotas	Apodrecimento
Agullheteiro	Alta (T. militar)	Anete	Apogeo (T. de Astron.)
Aio	Altabaixo	Aneurisma	Apologetico
Ajoujado	Altanado	Anfractuosidade	Aportuguezado
Ajoujamento	Altivamente	Anfractuoso	Apossar
Ajoujar	Alveo	Angellica	Apostrophar
Ajoujar-se	Alveolo	Angina	Apotheose
Ajoujo	Amabilidade	Angulado	Apparatosamente
Alacrado	Amansar-se	Anguloso	Apparecimento
Alacridade	Amargado	Aninar	Applicavel
Alagador	Amavios	Aninhar-se	Apprendiza
Alamar	Amaurosis	Annexa	Aproar
Alambel	Ambidextro	Annotar	Aprumar
Alambicar	Ambulante	Annunciador	Aquecimento
Alambra	Amedrontar-se	Anomalia	Aquietação
Alameda	Amen	Anomalo	Aquietado
Alampadario	Amentar	Anovellar	Aquinhoar
Alazão	Ameos	Anspeçada	Aquosidade
Albergue	Amesquinhar	Anta	Arcebispa
Albugineo	Amido	Antecedentemente	Archipelago
Alcançadura	Amodorrar	Anteceder	Archipirata
Alcançar-se	Amodorrar-se	Antifebris	Ardego
Alcanços	Amofinação	Antilogia	Arejado
Alcanfor	Amomo	Antiphase	Arena
Alcatroar	Amoravel	Antiquar-se	Aréola
Alegrão	Amortisação	Antithese	Argentado
Alfandegar	Amortisar	Antonomasia	Argentear
Alfarrabio	Amoutar	Antraz	Argenteo
Alforrião	Amparar-se	Apainelado	Argentina
Alforreca	Amphisbena	Apainelamento	Argentino
Alidade	Amplitude	Apainelar	Deiforme
Alimentar-se	Ampolheta	Apanagio	
Argilla	Assedado	Avençar-se	

Argiloso	Assedar	Avenida	Deismo
Argumentante	Assem	Avessas	Deista
Aridez	Asserção	Avezinhar-se	Delação
Aristocrático	Asserto	Augmentação	De Levante
Arithmeticamente	Assertor	Augmentativo	Delirado
Armaria	Assertorio	Augural	Delivrar
Armipotente	Asseveração	Avidamente	Delubro
Arneiro	Asseverar	Aviltação	Demasiar-se
Aromatisação	Assiduamente	Aureola	Demente
Aromatisar	Assiduidade	Auriflamma	Demonstrativamente
Arpoar	Assignador	Aurora	Demover
Arquear	Assovelado	Auspicar	Demudar-se
Arrabicar	Assovelar	Austro	Denario
Arraiado	Astilha	Authenticidade	Denominador
Arraiar-se	Astilhaço	Autographo	Dentado
Arranchado	Astragalo	Automato	Deparado
Arranchar	Atamarado		Deparar
Arrastadura	Atanado	Letra D	Dependura
Arredar-se	Atascado	Dala	Deplorado
Arredores	Atavernado	Datar	Deplorar
Arrelhada	Atavernar	Dataria	Depoente
Arrevezado	Atavonado	Deado	Deprecativo
Arriar (T. Náutico)	Atauxia	Deão	Depredação
Arrieiro	Atauxiar	Debicar	Depredador
Arrinconado	Ateado	Debito	Deputação
Arrinconar-se	Atinado	Debrear	Derelecto
Arrobado	Atomismo	Decampamento	Derogador
Arrobar	Atomista	Decanado	Derogante
Arrocho	Atonia	Decemviral	Derogatorio
Arroubamento	Atrabile	Decifração	Derramador
Arrulho	Atrabiliario	Decifrador	Desacato
Arrumação	Atraçoar	Decimação	Desacertado
Arsão	Atravancado	Decimal	Desacommodado
Arteza	Atravessadiço	Decremento	Desajudado
Articulação	Atraz	Decrepidez	Desalinhar
Arveola	Atropelladamente	Decretista	Desangrado
Arvoar-se	Atticismo	Decretorio	Desaparentado
Arúspice	Avançada	Decurião	Desaprovação
Asbesto	Avançamento	Dedilhar	Desarmamento
Ascendente	Avantagem	Defecar	Desasnar
Ascenso	Avantajosamente	Defloração	Desbagoado
Aspersorio	Avariado	Deflorador	Desbagoar
Asqueroso	Avariar-se	Degeneração	Descambado
Assadura	Aveado	Deicida	Descarregador
Assafetida	Avelhentar	Deicido	Descartar
Assaltada	Avelorios	Deificação	Descarte
Assaltador	Avelutado	Deificar	Descendido
Descendimento	Deslizar-se	Dilecto	Douradura
Descompadrado	Deslize	Dimidiado	Dragontea

Descoroado	Desluzido	Diphthongo	Droguete
Desculpavel	Desluzimento	Diploma	Dubio
Descuriosidade	Desluzir	Diplomatica	Ducal
Descurioso	Desninhado	Diplomatico	Duellista
Desecante	Desnucar	Directivo	Dulia
Desempar	Desorientado	Disciplinantes	Dunas
Desemparelhado	Desorientar	Disciplinar-se	
Desemparelhar	Desparate	Disco	Letra I
Desempedrar	Despego	Discolo	Identificar-se
Desempenar	Despertador	Discrime	Identidade
Desempestar	Despimento	Discriminar	Ideologia
Desempulhar-se	Desponsaes	Disfarçadamente	Igneo
Desencaminhamento	Despregadura	Disjunctivo	Ignicola
Desencampar	Despropositar	Disparado	Ignifero
Desencarretar	Desqueixar	Disparar	Ilhaes
Desencoifar	Destampar	Dispersão	Iliaco
Desencolar	Destetar	Dispersar	Illação
Desencolher-se	Destituir	Dissecção	Illegal
Desencommendar	Destra	Dissentimento	Illegitimidade
Desencommendar-se	Desveladamente	Dissentir	Illiciado
Desencontro	Desviver	Dissertar	Illiciador
Desencostar-se	Deterioração	Dissidente	Illiciar
Desenfaixar	Determinativo	Dissipar-se	Illudir
Desenfardar	Detersivo	Dissonar	Illusoriamente
Desenganar-se	Devassamente	Dissylabo	Illustrissimo
Desengommar	Deventre	Distratar	Imbecil
Desengrenhar	Devesa	Divergencia	Immanente
Desenlear	Devidamente	Divergente	Immanidade
Desenterrador	Devolução	Divertidamente	Immarcessivel
Desentesar	Devolutivo	Divisibilidade	Immaterialidade
Desfiladeiro	Dezena	Diviso	Immature
Desfivelar	Diabelha	Divisor	Immensuravel
Desflorador	Diabetes	Diurno	Immersão
Desforra	Diademado	Divulgação	Imminencia
Desforrar	Diafragma	Dobrada	Immobilidade
Desforrar-se	Dialogismo	Dobrar-se	Immolação
Desfradado	Dialogista	Doçaina	Immolador
Desfradar-se	Diapasão	Dogmaticamente	Immoral
Desguarnecer	Diatrise	Dogmatista	Immoralidade
Designação	Dictado	Doloso	Immune
Desinencia	Didactica	Domiciliado	Impação
Desinquietar	Diffusão	Domiciliar-se	Impacto
Desinquieto	Diffusivo	Domingueiro	Impalpavel
Deslavar	Digerido	Donzel	Impar
Deslizadeiro	Dilatorio	Dorsel	Impar
Deslizar	Dilecção	Dorso	Impassibilidade
Impavidamente	Incomplexo	Inflammavel	Interpolador
Impenetrabilidade	Inconquistavel	Inflexivelmente	Interpretativo
Impenetravelmente	Inconsequencia	Inflicção	Interrogativo

Impensadamente	Inconsequente	Infrequencia	Intersecção
Impensado	Inconsolavelmente	Infrequente	Intervallar
Imperante	Inconsulto	Infringir	Intestinal
Imperativamente	Inconsumptivel	Infustamento	Intimador
Impermanente	Inconsutil	Infusura	Intimidade
Imperturbavel	Incorrecção	Inglorioso	Intitulação
Imperturbavelmente	Incorruptibilidade	Inhonestamente	Intonso
Impessoal	Incredibilidade	Iniciação	Intrecho
Impetravel	Increpador	Injectar	Intuição
Implexo	Incubação	Inoculação	Intuitivo
Implicado	Incultura	Inoculador	Intuito
Implicitamente	Incuriosidade	Inocular	Invariabilidade
Importação	Incurioso	Inquietador	Invectivar
Importar	Indefectibilidade	Insalubre	Invejavel
Imprensar	Indefectivel	Insalubridade	Invencioneiro
Impreterivel	Indemnisação	Insculptor	Inventariação
Imprevistamente	Indemnisavel	Insculptura	Inverosimilhança
Impuberdade	Independentemente	Insensitivo	Investida
Impudicamente	Indicador	Insepulto	Inveterar-se
Impugnador	Indisciplina	Insidiosamente	Invio
Impulsivo	Indisciplinar	Insofrido	Invito
Impulsor	Indiscriminadamente	Insomnia	Inulto
Imputavel	Indisponente	Insondavel	Inundante
Inabalavel	Indispôr	Insonte	Irradiação
Inadmissivel	Indisputavelmente	Instillação	Irradiar
Inalienavel	Indissolubilidade	Instructor	Irreligiosamente
Inalteravelmente	Indivisamente	Instrumental	Irreprehensivelmente
Inanição	Indivisibilidade	Insustistencia	Irresistente
Inaplicação	Indivisivelmente	Insustistente	Irrevocabilidade
Inauferivel	Indulgentemente	Insuetto	Irrigação
Inauguração	Indultar	Insultante	Irrisor
Inaugurar	Indultario	Integra	Irrisorio
Incendiar	Industriador	Intellectção	Irritabilidade
Incha	Industrial	Intellectual	Ischuria
Incidencia	Ineficacia	Intemperante	Iterar
Incidir	Ineficaz	Intempestividade	Itinerario
Incineração	Inexpiado	Intercalar	
Incinerado	Inextincto	Intercepção	
Incitativo	Infanticida	Intercolumnar	
Inclusivamente	Infanticidio	Interessante	
Incolume	Infatuação	Interino	
Incolumidade	Infecundidade	Interlineal	
Incommensuravel	Inferiormente	Interlunar	
Incommodador	Infiltração	Internuncio	
Incompleto	Infiltrar-se		

11. Anexo 11 - Vocábulos acrescentados à edição de 1839 do *Diccionario Portuguez, e Latino* de Fonseca que não constam no *Vocabulario*⁴³⁰.

Abafadamente	Acaudelar	Affinamento	Alforrião
Abafas	Accelerador	Affluente	Alidade
Abafó	Accionador	Affluir	Alimentar-se
Abalastrar	Accionista	Affogadiço	Alimentício
Abalizadamente	Accrescido	Afforamento	Alliciar
Abalroada	Accrescimo	Aforrar	Allodial
Abandoar	Achicar	Afretamento	Allucinadamente
Abarracamento	Achumbado	Afugar	Aloetico
Abarracar	Acordadamente	Agalar-se	Altanado
Abarreirar	Acordoar	Agaloar	Altivamente
Abarroter-se	Acorrilhar	Agápes	Alveolo
Abatedor	Acoucear	Agarrar-se	Amabilidade
Abaulado	Actriz	Agarratar	Amansar-se
Abacial	Açafata	Agarruchar	Amargado
Abelheira	Açafroal	Agatanhadura	Amavios
Aberração	Adamascado	Agermanar	Amaurosis
Aberrar	Adentar	Aggravista	Amedrontar-se
Abiscoutar	Aderençar	Agilizar-se	Amesquinhar
Ablactação	Aderir	Agnaticio	Amodorrar
Ablegar	Adiar	Agnição	Amodorrar-se
Abobadar	Adjectivamente	Agoaçal	Amofinação
Abocadura	Adietar	Agoagem	Amomo
Abolição	Adietar-se	Agonizado	Amorável
Abordada	Admissão	Agonistarcha	Amortisar
Abordagem	Admissível	Agraciar	Amoutar
Aborrecidamente	Adoçamento	Agrimensão	Amparar-se
Aboubar	Adquirível	Agrisalhar	Amputação
Aboubar-se	Adquisição	Agrumelar-se	Amputar
Abrenunciar	Aduchar	Aguçosamente	Amurar
Abrilhanter	Adulatório	Ajoujado	Analysar
Abroquelar	Adulteração	Ajoujamento	Anarchista
Abroquelar-se	Affadigoso	Ajoujar	Ancolia
Absortos	Affagoso	Ajoujar-se	Andadeiras
Abstruso	Affaimar	Ajoujo	Andarim
Acairelar	Affanoso	Alacrado	Anedocta
Acalcanhar	Affão	Alambicar	Anfractuosidade
Acamuçar	Afferição	Alampadario	Anfractuoso
Acantilar	Afferro	Albergue	Angulado
Acastellar	Afficamento	Alfandegar	Annunciador
Acastellar-se	Affinação	Alfarrabio	Anspeçada

⁴³⁰ Das entradas acrescentadas ao *Diccionario Portuguez, e Latino* nas letras A-, D- e I- , que perfazem a totalidade de 934, 460 não constam no *Vocabulario* de Bluteau, o que significa que 49% das unidades lexicais já constavam na obra do padre teatino.

Antecedentemente	Atinar	Descuriosidade	Disparado
Antilogia	Atomismo	Descurioso	Dispersar
Antiphrase	Atomista	Desecante	Dissecção
Antiquar-se	Atonia	Desemparelhado	Dissentimento
Apainelamento	Atticismo	Desencaminhamento	Dissertar
Apainelar	Avariado	Desencarretar	Dissipar-se
Apanagio	Avaiar-se	Desencoifar	Dissylabo
Apavezar	Aviltção	Desencommendar	Distratar
Apaular-se	Authenticidade	Desencommendar-se	Divergencia
Apavonar-se	Autographo	Desenlear	Divergente
Aperfeçoadamente		Desfiladeiro	Divisibilidade
Aperreador	Letra D-	Desflorador	Divulgação
Aperreamento	Datar	Desforra	Dobrada
Apodador	Decampamento	Desguarnecer	Dogmaticamente
Apodrecimento	Decenviral	Designação	Domiciliado
Apossar	Decifração	Desinência	Domiciliar-se
Apostrophar	Decifrador	Desinquietar	Domingueiro
Apparatosamente	Decimação	Desinquieta	
Applicavel	Decrepidez	Deslizadeiro	Letra I
Apprendiza	Decretista	Deslize	Identificar-se
Aprumar	Defloraçção	Desluzimento	Ideologia
Aquecimento	Deflorador	Desninhado	Ignicola
Aquietação	Degeneração	Desorientado	Illegal
Aquietado	Deicida	Desorientar	Illiciado
Archipirata	Deicidio	Despropositar	Illusoriamente
Argila	Deismo	Destampar	Illustrissimo
Argiloso	Deista	Destituir	Imbecil
Aridez	Delação	Desveladamente	Immaterialidade
Aromatização	Delirado	Desviver	Immoral
Arquear	Demente	Deterioração	Immoralidade
Arrabicar	Deparado	Determinativo	Impavidamente
Arraiar-se	Deplorar	Detersivo	Imperativamente
Arrastadura	Depoente	Devassamente	Imperturbavelmente
Arrevezado	Deprecativo	Devolutivo	Impetravel
Arrinconar-se	Depredação	Diabelha	Implexo
Arrobado	Depredador	Diademado	Importação
Arrumação	Deputação	Dialogismo	Impreterivel
Arvoar-se	Derogador	Dialogista	Imprevistamente
Ascenso	Derogante	Diatrobe	Impuberdade
Assedado	Desacertado	Didactica	Impudicamente
Assiduidade	Desajudado	Digerido	Impugnador
Assignador	Desaprovação	Dilatorio	Impulsor
Assovelado	Desarmamento	Dilecto	Imputavel
Astilha	Desbagoado	Diphthongo	Inabalavel
Astilhaço	Descambado	Diplomatica	Inadmissivel
Astragalo	Descarregador	Diplomatico	Inalteravelmente
Atavernado	Descendido	Discrime	Inapplicaçção
Ateado	Descoroadado	Discriminar	Inaufferivel
Atinado	Desculpavel	Disfarçadamente	Inaugurar

Incendiar	Inflicção	Irradiar	
Incidencia	Infrequência	Irreligiosamente	
Incineração	Infrequente	Irreprehensivelmente	
Incinerado	Infustamento	Irresistente	
Inclusivamente	Inglorioso	Irrevocabilidade	
Incommensuravel	Iniciação	Irrigação	
Incommodador	Injectar	Irrisor	
Incompleto	Inoculação	Irrisorio	
Incomplexo	Inoculador	Irritabilidade	
Inconsequente	Inocular	Iterar	
Inconsolavelmente	Inquietador		
Incorrecção	Insalubre		
Incorruptibilidade	Insalubridade		
Incredibilidade	Insculptor		
Increpador	Insculptura		
Incubação	Insensitivo		
Incultura	Insepulto		
Incuriosidade	Insidiosamente		
Incurioso	Insomnia		
Indefectibilidade	Insondavel		
Indefectivel	Insonte		
Indemnisação	Instillação		
Indemnisavel	Instructor		
Independentemente	Insubsistencia		
Indicador	Insubsistente		
Indisciplinar	Insueto		
Indispôr	Insultante		
Indisputavelmente	Intemperante		
Indissolubilidade	Intempestividade		
Indivisamente	Intercolumnar		
Indivisibilidade	Interessante		
Indivisivelmente	Interino		
Indulgentemente	Interlineal		
Indultario	Interlunar		
Industriador	Intervalar		
Industrial	Intimador		
Ineficacia	Intitulação		
Ineficaz	Intrecho		
Inexpiado	Intuição		
Inextincto	Intuitivo		
Infanticida	Intuito		
Infanticidio	Invariabilidade		
Infatuação	Invectivar		
Infecundidade	Invejavel		
Inferiormente	Inventariação		
Infiltração	Inverosimilhança		
Infiltrar-se	Inveterar-se		
Inflammavel	Inulto		
Inflexivelmente	Inundante		

12. Anexo 12 - Vocábulos acrescentados ao *Diccionario Portuguez, e Latino* (1839) que não figuram nas nomenclaturas dos dicionários precedentes⁴³¹

Letra A

Allucinadamente
Aloetico
Ancolia
Apainelamento
Archipirata
Aviltação

Letra D

Desaprovação⁴³²

Letra I

Illegal
Impavidamente
Impetravel
Inadmissivel
Inalteravelmente
Inaplicação
Incomplexo
Incuriosidade
Infatuação
Inflexivelmente
Inflicção
Inoculação
Inoculador
Inocular
Insensitivo
Insomnia
Interlunar
Intuição

⁴³¹ Dicionários de português-latim de Jerónimo Cardoso (1562), de Agostinho Barbosa (1611), de Bento Pereira (1647), de Rafael Bluteau (1712/28), de Pedro José da Fonseca (1771) e, ainda, os dicionários de José Marques de português-francês (1764), de António Vieira Transtagano de português-inglês (1773) e de Joaquim José da Costa e Sá de italiano-português (1773).

⁴³² Este vocábulo apenas figura no *Novo Diccionario Critico e Etymologico da Lingua Portugueza* de Francisco Solano Constâncio (1836).

ÍNDICE REMISSIVO ONOMÁSTICO

- Abreu, Faustino de, 36, 369
Abreu, Luís Machado de, 86, 87, 311
Abreu, Sebastião de, 19
Acevedo, Balthasar de, 273
Aguilar, Busquets de, 29, 46, 311
Aires, Cristóvão, 49, 50, 312
Aires, Matias, 328
Alcaçova, Gonçalo Xavier de, 49
Alcmariano, Pedro Nannio, 93
Alcobaça, Bernardo de, 67
Alemo, Jorge Gomes, 234, 300
Almeida, Átila, 12, 149, 296
Almeida, Justino Mendes de, 12, 149,
232, 236, 297, 311
Almeida, Manuel Joaquim de, 56, 57
Almeida, Manuel Pires de, 244
Almeida, Nicolau Tolentino de, 44
Almeida, Theodoro de, 50, 59, 68, 69,
296, 328
Almeida, Tomás de, 31, 32, 33, 34, 35,
38, 40, 41, 77, 108, 121, 122, 339, 341,
371, 375
Alorna, Marquesa de, 92
Álvares, Manuel, 27, 30, 31, 69, 141, 300
Amadeo, Vittorio, 116
Amado, Vicente, 91
Ameno, Francisco Luís, 76, 97, 339
Amerbachio, Vito, 93
Andrade, António Alberto Banha de, 18,
20, 21, 26, 34, 249, 312
Andrade, Jacinto Freire de, 87
Andrade, Rita Clara Freire de, 92
Aquino, Tomás José de, 92
Argote, Jerónimo Contador de, 296
Ariosto, 240, 244, 318
Aristóteles, 19, 23, 79, 80, 86, 103, 178,
179, 284
Arnaud, Antoine, 18
Arraiz, Amador, 60, 61
Ascensio, Badio, 93
Assumpção, Francisca Eusebia da, 55
Assunção, Carlos Costa, 312
Aubéry, 244
Bacelar, Melo, 333
Badia, Antonio, 115, 116
Baião, António, 25, 295
Baptista, Pedro João, 338
Barbosa, Agostinho, 33, 34, 71, 161,
162, 167, 168, 171, 215, 232, 287, 296,
369, 390
Barbosa, Jerónimo Soares, 91, 92, 96,
296, 314, 320
Barreto, João Franco, 235, 236, 238, 239,
240, 241, 242, 243, 244, 262, 297
Barros, João de, 65, 150, 151, 153, 297
Barros, José Joaquim Soares de, 50
Barroso, João, 312
Batteux, 93, 102
Bayle, Pierre, 196
Beauzée, Nicolas, 210
Bellere, 231
Beltrami, Pietro, 312
Bentlei, Ricardo, 93
Bento XIV, 327

- Bernardes, Diogo, 80, 82, 87, 89, 103
 Bezerra, Lima, 330
 Bluteau, Rafael, 8, 10, 12, 59, 64, 65, 67, 71, 161, 162, 164, 166, 168, 169, 170, 175, 177, 178, 179, 180, 181, 183, 184, 185, 186, 188, 189, 191, 193, 194, 195, 196, 198, 203, 204, 205, 209, 215, 220, 227, 228, 229, 267, 269, 270, 278, 281, 286, 287, 297, 301, 305, 308, 311, 321, 390
 Boccacio, 244
 Boécio, 243
 Boerhaave, 18, 19
 Borges, Ana Margarida, 121
 Borges, José Ferreira, 246
 Bosque, José Ignacio, 178, 313
 Braga, Teófilo, 19, 97, 98
 Bragança, João Carlos de, 49
 Brito, Bernardo de, 87
 Brito, João Soares de, 244
 Brito, Rodrigues de, 336
 Brito, Manuel Gomes de, 16
 Brotero, 332
 Brum, Cosme Ferreira de, 235, 297
 Buescu, Maria Leonor, 297, 313
 Burmann, Peter, 84
 Cabral, Costa, 113
 Cabral, Manuel de Pina, 114, 121, 148, 150, 151, 153, 298, 312
 Cabré, Teresa, 315
 Caeiro, José, 35, 108, 115, 120, 121, 122, 148, 197, 319
 Caldeira, José, 86
 Calepino, 31, 114, 196
 Calero, Ricardo Carvalho, 323
 Caminha, António Lourenço, 98
 Caminha, Pedro de Andrade, 82
 Camões, Luís de, 89, 94, 103, 238, 243, 244, 245, 287, 297
 Capperonier, Claude, 84
 Cardoso, Jerónimo, 12, 33, 34, 71, 139, 151, 153, 161, 162, 166, 167, 168, 171, 189, 215, 216, 231, 232, 298, 311, 321, 323, 369, 390
 Carlo Emmanuele III, 116
 Carmelo, Luís de Monte, 59, 61, 63, 66, 68, 69, 298
 Carmelo, Monte, 330
 Carreter, Fernando Lazaro, 277, 313
 Carvalho, José António, 149
 Carvalho, Laerte Ramos de, 313
 Carvalho, Monteiro de, 330
 Carvalho, Rómulo de, 45, 313
 Carvalho, Rómulo Vasco da Gama de, 314
 Cassini, Jacques, 20
 Casteleiro, João Malaca, 314
 Castro, Aníbal Pinto de, 24, 79, 103, 244, 297, 314
 Castro, Gabriel Pereira de, 24
 Castro, Ivo de, 314
 Castro, João Bautista de, 326
 Castro, Zília Osório de, 314
 Celso, Cornélio, 126
 Cenáculo, Manuel do, 42, 121, 148, 327, 332
 César, Júlio, 126
 Cévola, Múcio, 126
 Chapsal, Charles Pierre, 210
 Chompré, Pierre, 109, 248, 249, 250, 251, 252, 256, 257, 258, 259, 263, 299, 317, 369, 376
 Chomsky, Noam, 314
 Cícero, 22, 23, 39, 47, 76, 80, 84, 94, 102, 124, 194, 303, 371
 Cintra, Luís Filipe Lindley, 282
 Coelho, Jacinto do Prado, 282
 Collinot, André, 314
 Condillac, 95, 101, 292
 Constâncio, Francisco Solano, 227, 229, 299, 390
 Corneille, Thomas, 196
 Correia, Manuel, 89, 244
 Correia, Margarita, 226, 314
 Costa, Francisco da, 234, 235, 241, 242, 300
 Costa, João da, 304
 Costa, Maria Helena, 27, 28, 129, 141, 314
 Coutinho, Rodrigo de Sousa, 336
 Covarrubias, Sebastian, 267, 299
 Crevier, 84
 Cruquio, Jacob, 93
 Cruz, António Augusto Ferreira, 315
 Cunha, João Pinheiro Freire da, 59, 69, 299, 318

- Cunha, José Anastácio da, 332, 334
 Cunha, Luís da, 18, 25, 28
 Cuningham, Alexandre, 92
 Dacier, André, 93, 103, 284
 Danet, Pierre, 8, 33, 115, 122, 166, 191, 192, 195, 196, 197, 198, 199, 201, 202, 204, 209, 270, 286, 299, 305, 308, 315, 339, 369
 Dante, 244
 De Pure, 89
 Delbrun, 8, 198
 Descartes, 18, 19
 Despréaux, Boileau, 98, 298, 335
 Dias, Luís Fernando Carvalho, 297
 Dolce, Ludovico, 244
 Du Marsais, 95
 Du-Cange, 374
 Elísio, Filinto, 332
 Escalígero, 155
 Ésquilo, 84, 243
 Estephano, Carlos, 239
 Estienne, Charles, 239
 Estienne, Robert, 86, 107, 114, 122, 196, 197, 231, 232, 239, 300
 Estrabão, 244
 Ettinger, Stefan, 317
 Ezquerria, Manuel Alvar, 271, 315
 Fabrício, Jorge, 93
 Fabro, Basílio, 33, 114, 196, 339, 369
 Facciolati, 33, 107, 114, 121, 122, 196, 197, 231, 339, 369
 Faria, Manoel Severim de, 60
 Faro, Luís António Furtado de Castro do Rio de Mendonça e, 49
 Fávero, Leonor Lopes, 315
 Feijó, João de Morais Madureira, 59, 69, 70, 71, 72, 73, 262, 300, 316, 323
 Fénelon, 30, 80
 Féraud, 210
 Fernandes, Rosado, 94, 315
 Ferrari, Simão, 244
 Ferreira, António, 60, 80, 81, 87, 89, 92, 94, 103, 302
 Ferreira, António Gomes, 114, 315
 Ferreira, Inácio Garcês, 238
 Ferreira, João Palma, 315
 Ferreira, Miguel Leite, 81
 Ferreira, Silvestre Pinheiro, 338
 Festo, Sexto Pompeio, 124
 Figueiredo, António Pereira de, 7, 27, 49, 120, 312, 317, 328, 330, 331, 334
 Figueiredo, Francisco Coelho de, 15, 22, 23, 36, 39, 40, 54, 55, 56, 83, 301
 Figueiredo, Manuel, 22, 55
 Figulo, Nigido, 126
 Filipe I, 81
 Filipe, Raquel Teixeira, 315
 Filippini, Tommaso, 116
 Fleury, Claude, 30, 80, 128
 Fóios, Joaquim de, 49, 50
 Folqman, Carlos, 162, 169, 175, 178, 301, 312, 328
 Fonseca, Maria do Céu, 315
 Forcellini, Egidio, 114
 Fortes, Manuel Azevedo, 18, 23, 327
 Francisco, Anastácio, 338
 Franco, António, 303
 Freigio, João Thomás, 93
 Freire, Pascoal José de Melo, 331, 332, 337
 Freixa, Judit, 315
 Furetière, Antoine, 179, 194, 195, 196, 270, 271, 303
 Furno, Martine, 201, 315
 Galeno, 243
 Garção, Correia, 98, 329
 Gédoyne, 89
 Gesner, Johann Matthias, 84, 93, 107, 114, 196, 231, 232
 Gibert, Balthasar, 84, 86
 Glareano, Henrique, 93
 Glatigny, Michel, 314
 Gomes, João Pereira, 21
 Gomes, Joaquim, 113
 Gomes, Joaquim Ferreira, 246, 315
 Gonçalves, Filomena, 262
 Gonçalves, Maria Filomena, 316
 Góngora, Luís de, 244
 Gonzaga, Tomás António, 334
 Grammont, Perpetit, 93
 Grimm, Friedrich Melchior, 249, 317
 Guerreiro, Miguel Couto, 92
 Gusmão, Alexandre de, 327
 Haensch, Gunther, 317
 Hartmann, Reinhard, 205, 317
 Hegenberg, Leonidas, 178

- Heinecke, 30, 128, 371
Herculano, Alexandre, 158
Herrera, Fernando, 244
Hesíodo, 244
Hespanha, António Manuel, 24
Horácio, 22, 76, 78, 79, 80, 90, 92, 94, 98, 103, 107, 234, 241, 243, 284, 287, 300, 301, 303, 315
Horta, Maria Teresa da Silva, 328
Hugo, Victor, 215
James, Gregory, 317
Jesus, Gertrudes Margarida de, 329
João V, 24, 326, 327
João VI, 330, 335, 336, 338
Jorge, Bartolomeu Inácio, 53, 56, 267
José I, 25, 37, 44, 75, 107, 155, 293, 301, 327, 328, 329, 331, 332, 333
Júnior, António Salgado, 115, 323
Kemmler, Rolf, 68, 69, 249, 250, 251, 252, 257, 263, 264, 265, 317
Lactâncio, 243
Lama, 30
Lambino, Dionysio, 93
Lamy, Bernard, 18, 30, 128
Landino, Christovão, 93
Landino, Cristoforo, 244
Lanza, Pietro, 318
Largo, Escribónio, 126
Le Bossu, 80
Le Bourdiec, Miguel, 109
Leão, Duarte Nunes de, 101, 304
Leitão, João, 19
Leitão, Manuel Rodrigues, 24
Leite, José, 318
Lemos, Fernando José, 34, 318
Lemos, Lúcia, 314
Lima, Bernardo de, 333
Lima, Luís Caetano de, 304
Lisboa, José da Silva, 335, 336, 337, 338
Lívio, Tito, 48, 124
Lobato, António José dos Reis, 59, 60, 304, 312
Lobo, Francisco Rodrigues, 60, 61, 65, 89
Locke, 18, 19
Lopes, Fernão, 67
Lopes, Óscar, 320
Louro, José Inês, 282
Ludovice, João Frederico, 327
Lusitano, Cândido, 63, 65, 66, 80, 82, 92, 303, 327
Luz, Tomás da, 304
Luzán, 80
Lyons, John, 318
Macedo, Agostinho José da Costa, 53, 267, 374
Macedo, António de Sousa de, 82
Machado, Diogo Barbosa, 17, 82, 304, 326
Machado, José Pedro, 305
Magalhães, João Jacinto de, 332
Malebranche, 18, 19
Manescal, Miguel, 78, 129, 234, 301
Manuel, Passos, 48, 113
Maria I, 43, 44, 49, 268, 329, 332, 333, 334, 335, 336, 338
Marques, José, 59, 215, 227, 229, 305, 330, 390
Marquilhas, Rita, 318
Martins, José de Pina, 318
Mateus, Maria Helena Mira, 323
Matos, Joaquim António de Sousa Teles, 320
Mazière, Francine, 314
Melo, Sebastião José de Carvalho e, 7, 25, 26, 27, 29, 31, 32, 42, 45, 60, 69, 77, 78, 83, 95, 120, 121, 122, 129, 141, 155, 216, 246, 283, 285, 287, 315, 316, 319, 322, 327, 332, 333
Mena, Juna de, 244
Mendes, António Félix, 21, 22, 30, 33, 36, 293, 305, 339, 342
Mendonça, André Furtado de, 238, 297
Mendonça, António Pedro Lopes de, 158
Mendonça, Carvalho, 78
Mendonça, Hipólito José da Costa Pereira Furtado de, 337
Mendonça, Martinho, 45
Meneses, Francisco Xavier de, 17, 18
Menezes, Francisco Sá de, 89
Mesquita, Bernardo Agostinho de, 369
Mesquita, José Caetano de, 36, 39, 40, 339, 340, 341, 371, 375
Messner, Dieter, 12, 305, 318
Metastasio, Pedro, 93

- Miranda, Francisco de Sá de, 67, 89, 92, 94, 103, 272
 Miranda, José da Costa, 240, 318
 Miranda, Margarida, 19, 318
 Miranda, Pedro Alvarez de, 318
 Mocho, Maria do Céu Caetano, 319
 Monteiro, Inácio, 20
 Monteiro, Manuel, 27, 327
 Morais, Júlio de, 120, 319
 Moreri, Louis, 195, 196, 305
 Moura, Vicente Gomes de, 114, 129, 305
 Münster, Sebastião, 244
 Muratori, 80, 318
 Mureto, Marco Antonio, 93
 Nasoni, Nicolau, 327, 328
 Nebrija, Antonio de, 96, 231, 305
 Neves, Alexandre António das, 51, 54, 372, 374
 Neves, José Acúrsio das, 338
 Newton, 18, 19
 Nicot, Jean, 305
 Noël, François, 210
 Nores, Jasão de, 93
 Nóvoa, António, 113, 319
 Oldenberg, Feliciano Velho, 328
 Oliveira, Fernão de, 64, 306
 Oliviéri, Lourenço, 46
 Ortelius, Abraão, 244
 Ovídio, 22, 243, 244
 Pacheco, João, 306
 Pais, José da Silva, 326
 Parrhasio, Jano, 93
 Pasini, Giuseppe, 8, 115, 116, 121, 122, 123, 124, 126, 127, 130, 133, 135, 136, 141, 147, 196, 197, 198, 201, 219, 285, 306
 Patérculo, Veleio, 126
 Pécheux, Michel, 319
 Pereira, António das Neves, 260, 306, 316, 334
 Pereira, Bento, 7, 30, 31, 71, 105, 108, 114, 120, 127, 131, 144, 148, 151, 153, 161, 164, 166, 167, 168, 171, 175, 189, 193, 194, 196, 215, 216, 219, 227, 229, 231, 232, 293, 307, 311, 313, 322, 390
 Pereira, Maria Helena da Rocha, 319
 Pereira, Nuno Álvares, 67
 Petrarca, 81, 244
 Piel, Joseph, 282
 Pigna, João Baptista, 93
 Pinto, Heitor, 65
 Plauto, 84, 124, 243
 Plínio, 124, 243
 Plutarco, 243
 Poiares, Pedro, 232, 244, 287, 288, 307
 Polião, 126
 Pomey, François, 8, 23, 166, 195, 196, 198, 251, 307, 308
 Portuense, Vieira, 335
 Portugal, Bento de Moura, 18
 Portugal, Fernando, 297
 Portugal, Miguel de, 49
 Prates, Isabel, 323
 Ptolomeu, 244
 Pulmanno, Theodoro, 93
 Quarelli, Giambatista, 116
 Quemada, Bernard, 134, 179, 180, 181, 183, 184, 187, 196, 210, 314, 318, 319
 Quintiliano, 23, 39, 47, 76, 80, 82, 83, 84, 86, 89, 91, 94, 103, 262, 284, 296, 302, 303, 309, 332
 Ramos, Gustavo Cordeiro, 319
 Rapin, 80
 Reboredo, Amaro, 323
 Reis, António dos, 82
 Resende, Garcia de, 67
 Ribeiro, Bernardim, 67, 89
 Ribeiro, João Pedro, 335, 337
 Ribeiro, José Silvestre, 41, 42, 43, 44, 46, 51, 53, 91, 319
 Ricciolo, João Baptista, 244
 Richelet, 195, 196, 270, 305, 308
 Rigord, François-Xavier, 246
 Rîpeanu, Sanda Reinheimer, 320
 Rivara, Joaquim Heliodoro da Cunha, 63, 120, 320
 Robortello, Francisco, 93
 Rocha, António José da, 108, 109, 253, 301, 302
 Rochefort, César de, 196
 Rodrigues, António Augusto Gonçalves, 308
 Rodrigues, Francisco, 23, 320
 Rodrigues, Miguel, 28, 39, 47, 296, 300, 339
 Rollin, 30, 80, 83, 84, 103, 284

- Sá, Joaquim José da Costa e, 59, 92, 215, 229, 308, 334, 390
 Sales, Francisco de, 39, 44, 375
 Sanadon, 93
 Sanches, António Nunes Ribeiro, 18, 28, 29, 45, 329, 330
 Sannazaro, 244
 Sanromán, Álvaro Iriarte, 208, 320
 Santa Anna, Gertrudes Maria de, 55
 Santos, Gregorio Thaumaturgo dos, 56
 Santos, Maurício Gomes dos, 21
 Santos, Reinaldo Manuel dos, 331
 Saraiva, António José, 98, 320
 Saraiva, Cardeal, 63, 260, 308, 323, 338
 Sarmento, Jacob de Castro, 18, 326
 Schäfer-Priess, Barbara, 96, 320
 Scribot, Nicolau, 36
 Seabra, José de, 340
 Semeria, Giovanni Battista, 320
 Sequeira, Domingos António de, 334
 Sequeira, Gustavo de Matos, 320
 Serra, José Francisco Correia da, 49
 Serrão, Joaquim Veríssimo, 21, 320
 Serrão, Joel, 320, 326
 Sessa, Mirella, 320
 Silva, António de Moraes, 59, 164, 165, 168, 176, 227, 229, 308, 322, 323, 334, 338
 Silva, António José da, 101, 326
 Silva, Inocêncio Francisco da, 15, 53, 91, 94, 97, 98, 99, 101, 109, 157, 234, 236, 246, 248, 252, 308
 Silva, José Bonifácio de Andrade e, 338
 Silva, José da, 340
 Silva, Ligne de Sousa Tavares
 Mascarenhas da, 49
 Silva, Lúcio Craveiro da, 320
 Silva, Luís Augusto Rebelo da, 158
 Silva, Manoel Francisco da, 33, 39, 115, 339, 340, 341
 Silva, Pedro Pereira de, 34
 Silva, Vicente Coelho Seabra da, 333
 Silvestre, João Paulo, 10, 12, 120, 121, 162, 168, 170, 171, 181, 267, 321, 323
 Sivry, Luiz Poinset de, 93
 Soares, Cipriano, 23
 Sófocles, 84
 Solé, Elisabet, 315
 Soromenho, Augusto, 158, 160
 Sousa, Faria e, 89, 244
 Sousa, João de, 334
 Sousa, José de Saldanha Oliveira e, 321
 Sousa, José Martínez, 140, 144, 179, 321
 Sousa, Luís Francisco de, 34
 Stockammer, 231, 232, 235, 238, 239, 240, 287, 308
 Stubelio, Andrea, 107
 Suetónio, 22, 126
 Szybinski, Dominik Gabriel, 250
 Tachard, 8, 196, 198, 305, 308
 Tasmowski, Liliane, 320
 Teixeira, António José, 246, 309
 Teles, Manuel Esteves, 36
 Telles, João Bernardo Galvão, 29, 36, 48, 321
 Teyssier, Paul, 12, 321
 Thielemann, Werner, 317
 Tomás, Manuel Fernandes, 331, 338
 Torrentinus, Hermannus, 231, 232
 Trácio, Fedro, 126
 Transtagano, António Vieira, 59, 215, 309, 332, 390
 Trévoux, 196, 270, 300
 Turnèbe, Adrien, 84
 Vallauri, Tommaso, 116, 117, 321
 Vandelli, Domingos, 49
 Vasconcelos, João Rosado de Vilalobos e, 89, 91, 92, 309
 Vaz, Rodrigues, 265
 Vechia, Ariclê, 114
 Vedova, Giuseppe, 322
 Vega, Garcilaso de la, 244
 Veiga, Eusébio da, 20
 Verdelho, Telmo, 12, 31, 32, 95, 130, 150, 153, 215, 216, 229, 231, 232, 239, 322
 Verney, Luís António, 7, 18, 22, 25, 26, 27, 28, 30, 31, 45, 60, 68, 69, 95, 103, 115, 120, 121, 245, 285, 309, 312, 323, 327
 Vicente, Gil, 67
 Vieira, António, 59, 70, 227
 Vila, Ângelo, 18
 Vila, Manuel Ângelo, 18
 Vilas Boas, Manuel do Cenáculo, 40, 41, 42

- | | |
|--|-----------------------------|
| Vilela, Mário, 316, 323 | Walch, 30, 128 |
| Virgílio, 22, 47, 78, 94, 124, 235, 236,
237, 242, 243, 252, 287, 297 | Werner, Reinhold, 317 |
| Viterbo, Joaquim de Santa Rosa de, 309,
335 | Wolf, Lothar, 317 |
| Vitrúvio, 94, 126 | York, John Carr de, 331 |
| Voltaire, 27, 80 | Yriarte, Thomás de, 93 |
| Vóssio, 195 | Zanotto, Normelio, 175, 324 |
| Wagener, João Daniel, 338 | Zgusta, Ladislav, 187, 324 |
| | Zurara, Gomes Eannes de, 67 |